

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA

JÚLIO CÉSAR BITTENCOURT FRANCISCO

**DOS CEDROS AOS PAMPAS: IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA NO  
RIO GRANDE DO SUL, IDENTIDADE E ASSIMILAÇÃO (1890-1949)**

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**JÚLIO CÉSAR BITTENCOURT FRANCISCO**

**DOS CEDROS AOS PAMPAS: IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA NO  
RIO GRANDE DO SUL, IDENTIDADE E ASSIMILAÇÃO (1890-1949)**

Tese apresentada à banca examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul, como exigência parcial para obtenção  
do título de doutor em história.

Orientadora: Professora Dra. Luciana Murari

Porto Alegre  
2017

## Ficha Catalográfica

F819 FRANCISCO, Júlio César Bittencourt

Dos cedros aos pampas : Imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890-1949) / Júlio César Bittencourt FRANCISCO . – 2017.

300 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari.

1. Imigração. 2. Sírios e libaneses. 3. Rio Grande do Sul. 4. Porto Alegre. 5. Brasil República. I. Murari, Luciana. II. Título.

# **JÚLIO CÉSAR BITTENCOURT FRANCISCO**

## **DOS CEDROS AOS PAMPAS: IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA NO RIO GRANDE DO SUL, IDENTIDADE E ASSIMILAÇÃO (1890-1949)**

Tese apresentada à banca examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul, como exigência parcial para obtenção  
do título de doutor em história.

Aprovada em: ..... de ..... de .....

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Murari (Orientadora) – PUC/RS

---

Prof. Dr. Oswaldo Mario Truzzi – UFSCAR

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Weber – UFRGS

---

Prof. Dr. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão - MAST

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Musa Fay – PUC/RS

Porto Alegre

2017

A memória dos meus pais. Rafic Antônio Francisco, filho de imigrantes que me ensinou a ser um pouco árabe, e Maria Luiza Moojen Bittencourt, gaúcha de fibra, cuja vida, coragem e inteligência ilumina gerações.

## AGRADECIMENTOS

Uma vez concluído este trabalho, me vem à lembrança os anos de dedicação e a dura caminhada para fazer o que realmente me dá prazer: a pesquisa histórica. No momento em que finalizo esta etapa, quero agradecer, primeiramente, aos que estão no meu entorno. Ao meu irmão Rafic Bittencourt Francisco, que em boa hora me proporcionou suporte financeiro, sem o qual teria sido muito mais difícil minha jornada; à minha companheira Rô Polenz, por seu amor e tolerância; pelo carinho nas horas de espanto frente ao volume de trabalho e que, com seu exemplo, me fez forte para continuar; e, por último, a minhas filhas Laila e Vivian Melchior.

Deixo aqui minha gratidão também a todos que me auxiliaram com seus conhecimentos e apoio, como foram os casos de Luciana Murari, minha orientadora, e de Regina Weber, que sempre me incentivou e, muitas vezes, apontou-me o caminho. Também agradeço a Sérgio Lamarão, pelo incentivo e amizade e a Luís Octávio Souza pela exaustiva revisão de meus textos; a Cecília Kemel e Suzana Porcello Schilling, que, além do apoio e estímulo, cederam de suas bibliotecas títulos preciosos para minha pesquisa. À professora Núncia Constantino (*in memoriam*), vai o meu mais profundo reconhecimento pelos conselhos e pela oportunidade que me proporcionou aceitando orientar-me no início desta jornada.

Não poderia deixar também de me referir aos funcionários dos arquivos públicos e privados de Porto Alegre, os quais me franquearam o acesso a um “mundo” de informações preciosas para a concretização deste trabalho. Ao pessoal do Arquivo Histórico Moysés Velinho; do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; do Arquivo Delfos, da PUC/RS; do Memorial do Rio Grande do Sul; e do Jornal Correio do Povo; à Sra. Sidônia, secretária do Colégio Anchieta, onde pesquisei o livro dos egressos da escola; e à Sociedade Libanesa de Porto Alegre, na pessoa de seu diretor cultural, Salim Sessim Paulo (*in memoriam*), que gentilmente nos atendeu e se tornou um amigo, a todos o meu muito obrigado. Ainda na capital, gostaria de mencionar os nomes de Aloyzio Achutti, Cirne Chamoun, Gisberto Sada, Zilmar Moussale, Sérgio de Martins e José Eduardo Buchabiqui, que também muito me auxiliaram.

No interior do estado contei com as inestimáveis colaborações de Anderson Correa e Luiz Felipe S. Pereira, de Alegrete; de Alan Dutra de Melo, de Jaguarão; de Ademar Campos Bindé, de Ijuí; de Sandra Barquete e Alex Vanin, de Passo Fundo; de Antônio Karini e Michel Hellau, de Pelotas e de Daiane Andrade, de São Leopoldo. No Rio de Janeiro, meus agradecimentos vão para os servidores do Arquivo Nacional, onde pude pesquisar livremente a documentação relativa aos imigrantes que se fixaram em terras gaúchas.

Um reconhecimento especial dedico à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, particularmente à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e aos professores do Departamento de Ciências da Informação, por terem me liberado para estar exclusivamente a serviço das pesquisas e escrever esta tese, assim como ao pessoal da Escola de Desenvolvimento de Servidores da Universidade, pelo apoio financeiro e pelo carinho com que sempre fui tratado.

Finalmente, quero agradecer ao amigo Clayton de Araújo pela cooperação na confecção dos mapas e a todos os entrevistados que muito gentilmente abriram mão de parte de seu tempo e se dispuseram a narrar suas histórias. Sem os seus depoimentos, este trabalho teria ficado muito mais pobre.

## RESUMO

Esta tese refere-se à história e à memória da imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, no período que vai do último decênio do século XIX até a década de 1940, mais precisamente entre os anos de 1890 e 1949, lapso temporal que corresponde a duas gerações de imigrantes, entre sua chegada ao país, adaptação à nova terra e integração à cultura gaúcha. Tem como objetivo contribuir para o conhecimento das origens da imigração árabe no estado, os períodos em que aqui chegaram os imigrantes, seus locais de fixação, as atividades que exerceram, as sociabilidades que construíram, as instituições que fundaram, especialmente em Porto Alegre. A análise está baseada na utilização de fontes diversas, tais como livros e artigos de periódicos; documentação primária reunida em arquivos históricos e museus; entrevistas; literatura acadêmica, memorialista e de cunho biográfico; além de sites e documentação eletrônica encontrados na internet. Do ponto de vista metodológico, destaca-se a utilização da história oral como instrumento privilegiado de produção, análise e interpretação de dados e informações coletados por meio de depoimentos concedidos ao autor por descendentes de imigrantes árabes residentes no Rio Grande do Sul. A fim de situar o imigrante sírio-libanês de fins do século XIX e início do XX, num Oriente Médio mergulhado em questões transnacionais, o trabalho aborda inicialmente o período de desintegração do Império Otomano, a implementação do Mandato Francês na Síria e no Líbano no começo da década de 1920 e as suas consequências no Rio Grande do Sul, até as independências desses países no fim da década de 1940. Procurou-se demonstrar quem são e de que forma esses imigrantes oriundos do Oriente Médio se organizaram e se inseriram no Rio Grande do Sul, onde se estabeleceram quando chegaram e de que forma construíram suas sociabilidades. Tudo isso em meio a um ambiente dominado por outras levadas migratórias mais numerosas. O principal resultado da pesquisa foi a certeza de que o maior patrimônio dos descendentes de imigrantes sírios e libaneses é o pertencimento à cultura gaúcha, com a qual se identificaram, sem, no entanto, deixarem de se reconhecer como libaneses ou árabes, com todos os significados e representações que isso implica.

**Palavras-chave:** Sírios e Libaneses. Imigração. História. Brasil. Primeira República. Rio Grande do Sul. Porto Alegre.



## ABSTRACT

This thesis refers to the history and the memory of Syrian-Lebanese immigration in Rio Grande do Sul, in the period from the last decade of the nineteenth century to the 1940s, more precisely between the years of 1890 and 1949, a temporal lapse that corresponds to two generations of immigrants, between their arrival in the country, adaptation to the new land and integration with the 'gaucho' culture. It aims to contribute to the knowledge of the origins of the Arab immigration in the state, the periods in which immigrants arrived, their places of fixation, the activities they carried out, the sociability's they built, the institutions they founded, especially in Porto Alegre. The analysis is based on the use of diverse sources, such as books and periodicals; primary source documentation gathered in historical archives and museums; interviews; academic, memoirist and biographical literature; as well as websites and electronic documentation found on the internet. From a methodological point of view, the use of oral history as a privileged instrument for the production, analysis and interpretation of data and information made possible collected and highlight testimonies given by Arab descendants residing in Rio Grande do Sul. To situate the Levantine immigrant of the late nineteenth and early twentieth centuries, in a Middle East plunged in transnational issues, the work initially addresses the period of disintegration of the Ottoman Empire, the implementation of the French Mandate in Syria and Lebanon as well as the consequences of such fate in Porto Alegre. The independence of Lebanon and Syria in the 1940's closes the research chronological period. It was tried to demonstrate how these immigrants, coming from the Middle East, inserted and adapted in Rio Grande do Sul amid an environment dominated by other more numerous migratory waves, how they manage building their spaces of sociability's and its path. The main result of the research was the certainty that the greatest asset of the Syrian and Lebanese descendants is the belonging to the gaucho culture, which they are inserted, without, however, loose their Lebanese or Arab identity, with all the meanings and representations that this implies.

**Keywords:** Syrians and Lebanese. Immigration. History. Brazil. Brazilian First Republic. Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1-Províncias Otomanas no Oriente Próximo.....	51
Mapa 2- Extensão do Império Otomano.....	52
Mapa 3 – Regiões do Rio Grande do Sul .....	85
Mapa 4 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1899) .....	93
Mapa 5 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1944) .....	94
Mapa 6 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1924) .....	96
Mapa 7 – Malha ferroviária do Rio Grande do Sul em 1898 .....	118
Mapa 8 – Divisão territorial do estado do Rio Grande do Sul (1944) .....	119
Mapa 9 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses em Porto Alegre.....	138

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Entrada de sírios e libaneses no Brasil (1898-1940) .....	73
Gráfico 2 – População estrangeira no Rio Grande do Sul (1872-1940) .....	84
Gráfico 3 – Cidades gaúchas por quantidade de imigrantes árabes (1939-1949) .....	96
Gráfico 4 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses por bairros de Porto Alegre (1939-1949) .....	136
Gráfico 5 – Distribuição de imigrantes sírio-libaneses por ruas de Porto Alegre (1939-1949) .....	139
Gráfico 6 – Comércio árabe em Porto Alegre (1899-1905) .....	146
Gráfico 7 – Comércio árabe em Porto Alegre (1915-1916) .....	147
Gráfico 8 – Áreas de concentração de comércio árabe em Porto Alegre (1915-1916) .....	150
Gráfico 9 – Comércio árabe em Porto Alegre (1924) .....	151
Gráfico 10 – Estabelecimentos comerciais sírios e libaneses no Centro de Porto Alegre (1924) .....	154
Gráfico 11 – Comércio árabe em Porto Alegre (1930-1931) .....	155
Gráfico 12 – Áreas de concentração de comércio árabe em Porto Alegre (1930-1931) .....	156
Gráfico 13 – Arrecadação de imposto valor locatício pago por comerciantes árabes em Porto Alegre (1899-1931) .....	158
Gráfico 14 – Imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. Profissões declaradas (1939 e 1949) .....	171
Gráfico 15 – Imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. Nacionalidade declarada (1939-1949) .....	172
Gráfico 16 – Alunos (filhos de imigrantes) sírios e libaneses. Colégio Anchieta. Porto Alegre (1916-1931) .....	179

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Literatura memorialística da imigração árabe no Rio Grande do Sul - autores e obras.....	42
Quadro 2 – Lista de depoentes.....	48
Quadro 3 – Habilitação de casamentos em Cachoeira do Sul (1915-1949) .....	112
Quadro 4 - Habilitação de casamentos em Ijuí.....	114
Quadro 5 – Moradores da avenida Cascata e adjacências em Porto Alegre (década de 1940).....	140
Quadro 6 – Comerciantes árabes estabelecidos no Centro de Porto Alegre (1899) .....	143
Quadro 7 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1900-1902) .....	144
Quadro 8 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1903-1905) .....	145
Quadro 9 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1915-1916) .....	147
Quadro 10 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1924) .....	151
Quadro 11 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1930-1931) .....	155
Quadro 12 – Cadastro de mulheres árabes em Porto Alegre e ramos de ocupação .....	164
Quadro 13 – Habilitação de casamentos entre imigrantes árabes e membros de outras etnias .....	182
Quadro 14 – Imigração em Pelotas – Família Bainy .....	188
Quadro 15 – Imigrantes que chegaram ao RS entre as décadas de 1920 e 1940 .....	195

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Municípios gaúchos mais populosos (1872) .....	83
Tabela 2 – População de Porto Alegre (1900-1940) .....	126
Tabela 3 - Entrada e saída de imigrantes sírios e libaneses em Porto Alegre (1922-1923)....	165

## **LISTA DE SIGLAS**

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

AGERT – Associação Gaúcha das Emissoras de Rádio e Televisão

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

Famurs – Federação das Associações de Municípios do Estado do Rio Grande do Sul

Furg – Universidade Federal do Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCB – Partido Comunista do Brasil

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UESC – Universidade do Estado de Santa Cruz

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UnB – Universidade de Brasília

Unesa – Universidade Estácio de Sá

Unirio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Unisc – Universidade de Santa Cruz do Sul

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP - Universidade de São Paulo

Varig - Viação Aérea Rio-Grandense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1 NOTAS TOPONÍMICAS .....	16
1.2 A TESE E SUA ORGANIZAÇÃO .....	21
1.3 A QUESTÃO DAS FONTES .....	24
1.3.1 AS FONTES DOCUMENTAIS .....	27
1.3.2 AS FONTES SECUNDÁRIAS: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA E ALGUNS DE SEUS ASPECTOS .....	32
1.3.3 FONTES SECUNDÁRIAS LOCAIS: TRABALHOS ACADÊMICOS E OUTROS TÍTULOS SOBRE IMIGRAÇÃO ÁRABE NO RIO GRANDE DO SUL .....	37
1.3.4 LITERATURA MEMORIALISTA, BIOGRÁFICA, BLOGS, REPORTAGENS E OBITUÁRIOS.....	40
1.3.5 HISTÓRIA ORAL E AS ENTREVISTAS.....	44
<b>2 A FORMAÇÃO DA SÍRIA E DO LÍBANO MODERNOS: O LEVANTE NO SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX</b> .....	51
2.1 O DECLÍNIO DO IMPÉRIO OTOMANO E O RENASCIMENTO CULTURAL ÁRABE .....	51
2.2 INFLUÊNCIA OCIDENTAL E REAÇÃO OTOMANA .....	56
2.3 O MANDATO FRANCÊS NO LEVANTE.....	59
2.4 AS INDEPENDÊNCIAS DA SÍRIA E DO LÍBANO E A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL NA PALESTINA.....	63
2.5 SÍNTESE DOS FATORES QUE CONDUZIRAM SÍRIOS E LIBANESES À EMIGRAÇÃO.....	66
<b>3 O BRASIL E A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL</b> .....	69
3.1 A IMIGRAÇÃO EUROPEIA.....	69
3.2 SÍRIOS, LIBANESES E AS ESTATÍSTICAS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO.....	72
3.3 OS ÁRABES NO BRASIL: IDENTIDADE, INTEGRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO.....	75
<b>4 A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO RIO GRANDE DO SUL</b> .....	83
4.1 A COLONIZAÇÃO EUROPEIA.....	83
4.2 A IMIGRAÇÃO ÁRABE.....	91
4.3 SÍRIOS E LIBANESES NA FRONTEIRA E NO SUL DO ESTADO.....	97
4.4 SÍRIOS E LIBANESES NAS COLÔNIAS E NO NORTE DO ESTADO E.....	107
4.5 A LITERATURA FICCIONAL GAÚCHA E A IMIGRAÇÃO ÁRABE.....	119

<b>5 SÍRIOS E LIBANESES EM PORTO ALEGRE: ASPECTOS DE UMA IMIGRAÇÃO URBANA.....</b>	<b>123</b>
5.1 PORTO ALEGRE E A HERANÇA GERMÂNICA.....	123
5.2 PORTO ALEGRE ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX....	125
5.3 RUA ANDRADE NEVES, A PEQUENA SÍRIA DE PORTO ALEGRE.....	127
5.4 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍRIO-LIBANESES EM PORTO ALEGRE.....	135
5.5 PARTICIPAÇÃO ÁRABE NO COMERCIO DA CAPITAL.....	141
<b>6 ASPECTOS SÓCIO-ANTROPOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO ÁRABE NO RIO GRANDE DO SUL .....</b>	<b>162</b>
6.1 A MULHER IMIGRANTE ÁRABE.....	162
6.2 O HOMEM IMIGRANTE SÍRIO-LIBANÊS.....	170
6.3 DIFICULDADES DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE RECEPTORA.....	173
6.4 EDUCAÇÃO E CASAMENTOS INTERÉTNICOS.....	177
6.5 UM ANCIÃO E A IMIGRAÇÃO ÁRABE NA CAPITAL.....	183
<b>7 A IMIGRAÇÃO ÁRABE NO TEMPO, OS CLUBES ÉTNICOS E A SOCIABILIDADE DE SÍRIOS E LIBANESES.....</b>	<b>186</b>
7.1 A PRIMEIRA LEVA DE IMIGRANTES.....	186
7.2 OS QUE CHEGARAM ENTRE 1900 E 1910.....	187
7.3 OS QUE VIERAM ENTRE 1911 E 1920.....	191
7.4 AS ÚLTIMAS GRANDES LEVAS DE IMIGRANTES.....	193
7.5 AS SOCIABILIDADES E AS LIDERANÇAS ÉTNICAS E INTELLECTUAIS DE SÍRIOS E LIBANESES NO RIO GRANDE DO SUL.....	196
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>217</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>249</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em 1907, o imigrante Antônio Francisco (Tanus Francis) chegou ao Rio de Janeiro, vindo da Síria, mais precisamente de Yabroud, cidade nas montanhas a 80 quilômetros ao norte de Damasco.<sup>1</sup> Tinha apenas 14 anos de idade e veio trabalhar com o irmão mais velho, que já havia estabelecido uma loja de armários em São Paulo. Com 18 anos, e já com algum capital, Antônio voltou a sua pequena cidade para casar-se com Hadba (Adélia) Andraus Neme, no mesmo templo cristão ortodoxo em que ambos haviam sido batizados. Parte de uma mesma minoria étnica, as duas famílias, juntamente com mais cinco ou seis sobrenomes, todos eles aparentados entre si, viviam num mesmo bairro, bem perto da igreja local. O autor desta tese lembra-se do apego de seu avô à religião católica como um último elo de sua identidade cristã.

Depois de casados, Seu Antônio, como era chamado, e Adélia regressaram ao Brasil – ela ainda nos seus 14 anos. Ele passou a mascatear pelo interior de São Paulo e Minas Gerais, até que, na década de 1940, já então com sete filhos, se estabeleceu com uma lojinha de sapatos em Barra Mansa, no Sul Fluminense, reduto de muitos “patrícios”<sup>2</sup> de Yabroud. Antônio comprou um terreno barato, no 8º Distrito da cidade, a chamada “parte nova”, onde hoje fica o município de Volta Redonda. Lá, com a ajuda dos filhos mais velhos, começou a construir uma galeria comercial que ligava as principais avenidas do distrito que mais tarde virou um movimentado centro urbano. No início da década de 1960, depois de vender sua última loja, comprou um apartamento na Avenida Atlântica, no Leme, Zona Sul do Rio de Janeiro, e se aposentou.

Foi ali, ao ouvir as histórias de seu avô e as de outros imigrantes contadas por ele, cada uma especial à sua maneira, que o autor destas linhas iria absorver a fonte mais preciosa de inspiração que lhe permitiria, anos mais tarde, se debruçar sobre a trajetória dos sírios e libaneses em diferentes lugares e situações no Brasil. Assim como em outros trabalhos publicados ao longo de minha vida acadêmica<sup>3</sup>, esta tese é fruto desse esforço e dessa memória.

---

<sup>1</sup> O nome de família foi traduzido de Francis para Francisco já nos documentos de entrada, “para parecer mais brasileiro”. Sabemos que, desde o início do século XIX, havia em Yabroud um mosteiro franciscano dos irmãos franceses de Lyon. É provável que o nome Francis(co) tenha vindo daí, posto que Francisco não é um santo (mártir ou profeta) do Oriente Médio, como costumam ser os nomes próprios dos árabes (Elias, Miguel, Jorge, Simão, Abraão, Salomão etc.).

<sup>2</sup> Patrício é a forma comum de um conterrâneo chamar o outro. É possível que, no Brasil, o termo tenha sido utilizado inicialmente por portugueses expatriados. No entanto, ainda hoje é amplamente empregado por sírios e libaneses para se referir a uma pessoa de mesma origem.

<sup>3</sup> Minha primeira contribuição ao tema foi **Sírios e libaneses no Brasil: negociando uma identidade**, monografia de graduação em museologia apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), em 2002. Três anos depois, concluí, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Documento da Unirio, a dissertação de mestrado **Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: escolhas individuais, memórias coletivas**, investigação baseada em 34 depoimentos de imigrantes e seus descendentes residentes na cidade do Rio. Outro estudo acadêmico, este de 2008, foi **Análise dos casos de expulsão e pedidos de cidadania de sírios e libaneses**

## 1.1 NOTAS TOPONÍMICAS

Nos estudos da imigração sírio-libanesa no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, a toponímia e o quadro terminológico empregado merecem uma análise bastante cuidadosa por parte do investigador. Isso porque a terminologia aplicada para descrever os diferentes grupos étnicos, dependendo das fontes utilizadas, pode variar consideravelmente, ao mesmo tempo em que utilizar as designações que as diferentes localidades e termos possuíam no passado pode ser motivo de confusão para o leitor, tendo em vista que, não raro, hoje em dia eles são identificados por outras denominações.

Na terra de destino, esses imigrantes foram chamados, muitas vezes indistintamente, de “sírios”, “libaneses”, “árabes” ou “turcos”<sup>4</sup> ao passo que, entre si, denominavam-se simplesmente como “patricios”. Sabemos que a origem étnica e geográfica dessas pessoas sempre foi um fator significativo para a formação de suas identidades e diz muito sobre o que elas são e a forma como vivem. Vinculá-las, portanto, a um determinado nome ou local de

---

**no Brasil**, monografia apresentada ao final do Curso de Pós-Graduação em História do Direito no Brasil, na Universidade Estácio de Sá. Em parceria com o historiador Sérgio Lamarão, publiquei “Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na Primeira República” (**Acervo**, v.26, n.2, p.256-266, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/529/527>>. Acesso em: 11 maio 2016); e “Política migratória e expulsão de estrangeiros: sírios e libaneses no Brasil no início do século XX” (**História** 2.0, v.3, n.6, p.132-146, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://historiaabierta.org/historia2.0/index.php/revista/article/view/H2068/82>>. Acesso em: 11 maio 2016). Uma versão em inglês deste artigo, “Bye Bye Brazil! Syrian and Lebanese immigrants and the expulsion of foreigners in the beginning of 20th century”, foi publicada em **International Journal of Humanities and Cultural Studies**, v.1, n.4, p.207-219, Mar. 2015. Disponível em: <<http://www.ijhcs.com/index.php/ijhcs/article/view/263/273>>. Acesso em: 11 maio 2016). Entre 2013 e 2016, artigos de minha autoria sobre a imigração sírio-libanesa vieram a público em diferentes periódicos e anais de encontros da área, a exemplo de “Turco de cuia e bombacha: sírios e libaneses no Rio Grande do Sul”. In: VII Encontro Regional Sul de História Oral. Foz do Iguaçu (PR), 9 a 11 de outubro de 2013. **Anais...** Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de História Oral (ABHO)/Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila), 2013. Disponível em: <[http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1375763787\\_ARQUIVO\\_sirios&libanesesnoRGdosul.pdf](http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1375763787_ARQUIVO_sirios&libanesesnoRGdosul.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2015; “Festas, danças, família e memórias: sírios e libaneses em Porto Alegre”. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina & WITT, Marcos Antônio (Orgs.). **Festas, comemorações e memórias na imigração**. São Leopoldo (RS): Oikos, 2014, p.1227-1248. Disponível em: <[http://www.academia.edu/15869880/Festas\\_comemora%C3%A7%C3%B5es\\_e\\_mem%C3%A7%C3%B5es\\_na\\_imigra%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Ebook](http://www.academia.edu/15869880/Festas_comemora%C3%A7%C3%B5es_e_mem%C3%A7%C3%B5es_na_imigra%C3%A7%C3%A3o_-_Ebook)>. Acesso em: 22 nov. 2015; “Sírios e libaneses no Rio Grande do Sul: análise do cadastro de imigrantes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Arquivo Nacional (1939-1949) e outras fontes”. **Revista Semina**, v.14, n.2, p.130-157, 2015. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ph/article/view/5622/3592>>. Acesso em: 21 dez. 2015; “História, memória e fontes de pesquisa: sírios e libaneses no Rio Grande do Sul”. In: XIII Mostra de Pesquisa: produzindo história a partir de fontes primárias do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 12 a 14 de setembro de 2016. **Anais** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: APERS, 2016. Disponível em: <[http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1482924634.2016.12.28\\_Anais\\_XIII\\_Mostra\\_Final.pdf](http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1482924634.2016.12.28_Anais_XIII_Mostra_Final.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2017; e “Brasileirando: pedidos de cidadania e naturalização de sírios e libaneses no Brasil na primeira metade do século XX”. **Acervo**, v.29, n.1, p.189-206, jan./jul. 2016. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/628/699>>. Acesso em: 11 maio 2016.

<sup>4</sup> Nos documentos oficiais brasileiros do século XIX e início do século XX, a terminologia para identificar os imigrantes sírios e libaneses varia entre os gentílicos “asiático”, “turco”, “turco-asiático”, “turco da Síria” e “sírio”.

origem significa, na prática, relacionar cada uma delas a características específicas de grupos nos quais, muito frequentemente, elas não se reconhecem.

Neste trabalho, basicamente, levaremos em conta a nomenclatura e designações encontradas na bibliografia, na interpretação dos nomes e toponímias que constam dos dados coletados nos arquivos históricos, assim como na fala dos entrevistados. Nesse sentido, seu emprego deverá ser compreendido em relação ao contexto em que está sendo empregado em cada caso particular.

O termo “árabe” será utilizado aqui para designar os imigrantes naturais de países de língua e cultura árabe, independentemente de suas religiões e se tais pessoas se consideram árabes ou não. Certamente, uma forma mais neutra de nos referirmos aos árabes seria chamá-los de “povos de língua e cultura árabe”, como faz o antropólogo Paulo Hilu da Rocha Pinto (2010). Optamos, porém, por utilizar a forma direta e reduzida “árabe” para nomear os imigrantes sírios e libaneses. É sabido que muitos libaneses, especialmente os católicos maronitas, não se consideram árabes, e preferem alinhar suas identidades a povos da antiguidade, como os fenícios. Ainda que no início da imigração os maronitas constituíssem a maioria da população no Líbano, mesmo assim o vocábulo árabe será usado para nos referirmos também a eles.

Patrícia Al Noor Hadjab (2014) observa que a palavra árabe carrega consigo um conjunto de significados e representações sociais, podendo ser aplicada com conotações distintas dependendo do contexto em que é empregada, seja ele o linguístico, o geográfico ou o histórico. A autora lembra que o termo com frequência é associado a assuntos religiosos e políticos, sendo comum despertar posicionamentos carregados de preconceito e desinformação.

Outra denominação utilizada no Brasil quase sempre de forma depreciativa para identificar o imigrante árabe é o gentílico “turco”. Os imigrantes sírio-libaneses eram frequentemente assim chamados por brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades radicados no país. No Brasil, a imigração de naturais da Turquia é inexpressiva, mas o fenômeno pode ser explicado pelo fato de que, no início da imigração, sírios e libaneses ingressavam no país com o passaporte turco<sup>5</sup>, por serem considerados súditos do Império Otomano. Ademais, assim como ocorreu com o vocábulo árabe, o termo “turco” é carregado de simbologia histórica negativa, especialmente no Ocidente, tendo em vista a ameaça que as invasões turcas na Europa mediterrânea e no Leste Europeu representaram desde o medievo até o século XIX.

---

<sup>5</sup> Essa prática se institucionalizou, sendo estendida aos cristãos sírio-libaneses a partir de 1909 como resultado das reformas modernizadoras levadas a cabo no Império Otomano.

Já o vocábulo “libanês” é aqui referido para designar os naturais do Líbano que vieram para o Brasil, muitos deles de religião maronita, mas também de outras confissões religiosas, especialmente cristãos ortodoxos e muçulmanos. O termo nem sempre remete à ideia de cristandade, ao contrário do árabe, que quase sempre lembra ou invoca o Islã. O libanês é quase sempre muito orgulhoso de sua origem. No Rio Grande do Sul, especialmente nas cidades maiores como Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande, sua identidade foi reforçada pela figura do comerciante que compõe a praça e a sociedade com distinção. Em terras gaúchas, o libanês se esforçou por estar inserido nos estratos mais elevados da sociedade, ao lado dos judeus e dos imigrantes de origem europeia (portugueses, italianos, alemães e poloneses). O “libanês gaúcho”, em sua maioria, é cristão, muitos de confissão maronita. Em Porto Alegre, há um clube e uma igreja libaneses, cujas presenças, social e missionária, respectivamente, são marcadas pela integração com os brasileiros e descendentes de outros imigrantes.

O “sírio”, neste trabalho, é o imigrante sírio ou sírio-libanês a que nos referimos. É o imigrante que chegou da Província Otomana da Síria e não mais voltou para o seu país natal (como muitos fizeram). Esse grupo foi considerado como sírio até o ano de 1920, quando foi criado o Estado do Grande Líbano, sob a administração do Mandato Francês da Síria, e os imigrantes sírios e libaneses que entravam no Brasil passaram a ser identificados separadamente nos registros oficiais.

O binômio “sírio-libanês”, segundo Pinto (2010), foi criado no Brasil pelos imigrantes dessas duas origens e tem caráter unificador, embora também se manifestem separadamente. Sírio-libanês é o imigrante árabe nascido no Monte-Líbano, na Síria, incluindo a Palestina, ou no Líbano. Todos eles eram provenientes das possessões árabes do Império Otomano no Levante<sup>6</sup>, durante o século XIX e início do século XX. Ao chegarem ao Brasil, foram chamados de turcos pelas autoridades e depois pelo povo. Antes de se estabelecerem as fronteiras entre a Síria, a Palestina e o Líbano, o território desses países, especialmente nas montanhas centrais onde hoje é o Líbano, se confundiam. A língua e a cultura da Síria, da Palestina e do Líbano são bastante parecidas.

Sírio-libanês é uma forma hifenizada, negociada entre essas etnias para representar uma categoria, uma ideia ou uma simplificação. Foi uma resposta à indefinição de suas identidades e ao estigma de “turco” (PINTO, 2010). O sírio-libanês, em suma, é o imigrante levantino que

---

<sup>6</sup> Extensa região do Oriente Médio, próxima ao Mar Mediterrâneo, cujas terras se estendem do sul da Turquia até o litoral norte da Palestina. De definição um tanto imprecisa, inclui, atualmente, os seguintes países: Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre.

chegou ao Brasil a partir das últimas décadas do século XIX, e que, por volta de 1926, passou a ser contado (nos registros de entradas) separadamente como sírio ou como libanês.

O binômio também se refere a uma certa igualdade entre o que significa ser sírio, com aquilo que é libanês. Não obstante, existem muitos fatores de aproximação e distanciamento entre essas etnias. Os de aproximação estão na língua, cultura e alimentação, e entre os de distanciamento estão o conservadorismo de um em contraste com o cosmopolitismo do outro, além de fatores confessionais como o maronismo, exclusivo dos libaneses cristãos. O libanês na sua origem, a rigor, é mais cosmopolita e ocidentalizado por causa da influência francesa, especialmente no Monte Líbano. O sírio cristão, por fazer parte de uma minoria étnica na origem, sentia-se oprimido pela maioria muçulmana e chegou ao Brasil com este trauma, ao passo que o libanês, em geral, sem sofrer tanto pelo mesmo motivo, foi mais impactado pelo fator econômico na decisão de emigrar. O termo sírio-libanês é usado para substituir a expressão “imigrante árabe” no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

Historicamente, a Palestina, a Síria e o Líbano sempre guardaram laços sociais profundos, e suas fronteiras foram desenhadas pelos invasores que os dominaram politicamente. O idioma, a cultura, as religiões e muito da culinária, apesar de pequenas diferenças, aproximam ainda mais a Palestina da Síria e do Líbano. Por fim, cabe ressaltar que grande parte dos descendentes desses imigrantes são filhos de pessoas das duas origens: síria e libanesa. Eles são os filhos dos imigrantes que, naquela ocasião, faziam questão que seus filhos se casassem com outros sírios, ou libaneses, dentro da pequena colônia gaúcha de imigrantes árabes de então.

Também o gentílico “levantino” será usado indiscriminadamente nesta tese para representar o imigrante sírio, libanês ou palestino. Etimologicamente, a palavra "Levante" refere-se à “direção do sol nascente”, vista da perspectiva dos que originalmente cunharam a expressão, isto é, das terras da costa leste do Mediterrâneo.

O vocábulo “maronita” será aqui usado toda vez que quisermos nos referir a um imigrante ou seu descendente cristão, quase sempre libanês, que segue a doutrina de São Maron, um monge siríaco-arameu do século IV venerado como santo (EDDÉ, 1989). Os maronitas pertencem à Igreja Siríaca Maronita de Antióquia. Sua sede patriarcal se encontra no Mosteiro de São Maron (Síria) e em diferentes partes do Líbano (ASADE, 2011)<sup>7</sup>.

Segundo Edeé (1989, p.168), “bizantinos, árabes e turcos não conseguiram arrancar dos maronitas a sua autonomia, nem reduzir sua identidade”. A origem dos maronitas remonta à comunidade fundada por Maron. Em Antióquia e Alexandria, falava-se da natureza divina ou

---

<sup>7</sup> Em Porto Alegre, a Igreja Maronita marca a forte presença da denominação na cidade. Fundada na década de 1960, realiza semanalmente um culto tradicional, em seu rito próprio e em língua árabe.

humana de Cristo. Foi, porém, o patriarca Nestor, de Constantinopla, que em 428 estabeleceu a heresia de um Jesus que não era filho de Maria e do Espírito Santo, o que foi combatido por Roma, mas acompanhado pelos maronitas do Líbano. Em razão de sua confissão cristã, os maronitas foram, desde muito cedo, vinculados espiritualmente ao Ocidente.

Neste trabalho, o termo “muçulmano”, utilizado de forma análoga a “islamita”, terá conotação generalizante, abrangendo os ramos *xi'ia*, *suní*, *druso* e *aluauí*. Segundo Montenegro (2002), entre as diferentes ondas de imigração árabe para o Brasil até 1940, os grupos muçulmanos foram bastante minoritários, já que, em todas as etapas, houve amplo predomínio de árabes cristãos.

O Oriente Médio se estende do Egito ao Irã, incluindo a Turquia, mas, neste trabalho, vamos nos referir ao indivíduo médio-oriental para designar as pessoas de língua e cultura árabe. Médio oriental árabe é todo aquele nascido em alguns dos países do Oriente Médio de língua e cultura árabe, englobando a Síria, o Líbano, a Jordânia, a Palestina, o Iraque e a Arábia Saudita, além de Kuwait, Iêmen, Omã e dos pequenos principados localizados no leste da Península Arábica como o Bahrein e o Catar. O indivíduo médio-oriental tem a língua árabe como idioma materno independentemente de sua orientação religiosa. Suas identidades podem ser étnicas (do “árabe” genérico ao “sírio-libanês”, adotado no Brasil); locais (de Beirute, Zahle, Belém, Jerusalém, Homs, Alepo ou Damasco); ou nacionais (“sírio”, “libanês” ou “palestino”).

Neste trabalho, as categorias “primeira”, “segunda” e “terceira” geração serão utilizadas para definir os imigrantes, seus filhos e netos, respectivamente.

É importante pontuar, por fim, conforme destaca Bourdieu (1983, p.158), o discurso é um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o ‘mercado’ em que ele se encontra. Por exemplo, uma língua pode definir uma cultura que se desvaloriza em relação a outra e, assim, a linguística toma um caráter de poder que é apropriado pelas pessoas. “O futuro da língua é comandado pelo futuro dado aos instrumentos de reprodução do capital linguístico” (por exemplo, o francês ou o árabe<sup>8</sup>), isto é, entre outras coisas, “ao sistema escolar; o sistema de ensino só é um espaço de luta tão importante porque ele tem o monopólio da produção em massa de produtores e de consumidores” – o monopólio, portanto, da reprodução do mercado de que depende o valor da competência linguística e sua capacidade de funcionar enquanto capital linguístico, muitas vezes, sem que haja consciência que estão exercendo.

---

<sup>8</sup> Durante o mandato francês no Líbano, o sistema educacional promovido pelos colonizados priorizou a língua francesa em detrimento da árabe, o que também pode explicar, em parte, a multiplicidade da noção de identidade cultural naquele país que, não raro, nega suas raízes árabes.

(BOURDIEU, 1983) Os termos linguísticos acima estudados definem-se, portanto, como participantes de um espaço de luta em torno da identidade e da história.

## 1.2 A TESE E SUA ORGANIZAÇÃO

Em nossa investigação referente aos sírios e libaneses no Rio Grande do Sul, com destaque para a cidade de Porto Alegre, estabelecemos como eixo temporal de análise o período compreendido entre a chegada em números mais significativos dos primeiros grupos de imigrantes árabes ao estado (por volta de 1890) e o ingresso de seus filhos no mercado de trabalho brasileiro, durante a primeira metade do século XX (até 1949), observando suas estratégias de assimilação<sup>9</sup> e inserção na sociedade hospedeira e a definição de suas identidades.

O período é relevante para se estudar as trajetórias profissionais desses imigrantes a partir da abertura dos primeiros estabelecimentos comerciais e dos primeiros empreendimentos sociais árabes na colônia. Foi também neste período que os herdeiros da “geração diaspórica” desenvolveram suas relações sociais, pautas matrimoniais e identidades culturais, que, por sua vez, vinculam-se às experiências e atividades profissionais que exerciam (fossem eles profissionais liberais, comerciantes, trabalhadores rurais, operários ou funcionários). O recorte temporal adotado nos permitiu, ainda, perceber como se deu a integração dos imigrantes e de seus descendentes na sociedade gaúcha, como se organizaram etnicamente, preservaram ou ressignificaram suas identidades. Assim, iremos encontrar, convivendo numa mesma época, grupos de imigrantes situados em “etapas sociais” distintas. Essa perspectiva enriqueceu a pesquisa, bem como seus resultados.

Adicionalmente, o recorte temporal proposto nos permitiu investigar e registrar, ao longo do tempo, as diferentes formas de sociabilidade e dissensões envolvendo sírios e libaneses. Essas últimas foram registradas principalmente em momentos de crise, especialmente antes e depois dos dois grandes conflitos mundiais do século XX. Assim sendo, cabe registrar que, durante da Primeira Guerra, estava em jogo o Mandato Francês sobre a Síria e o Líbano. Nesse contexto, registramos opiniões conflitantes que, a rigor, separaram “árabes” de “libaneses”, os primeiros a favor da independência e da formação de uma grande nação árabe unificada; os demais, favoráveis ao Mandato Francês no Levante e à separação do Líbano da Síria.

Depois da Segunda Grande Guerra, diante da independência dos países do Oriente Médio e da fundação do Estado de Israel na Palestina a identidade árabe na diáspora foi mais

---

<sup>9</sup> Também é verdade que nem todos tinham essa preocupação, preferindo, em alguns casos, manterem-se culturalmente a margem da sociedade hospedeira.

uma vez colocada à prova. Analisando a reação dos imigrantes em relação à questão da Palestina, que, para eles, sempre foi considerada parte da Grande Síria, verificamos justificativas e posições neutra e contra a presença sionista na região, tal como se pode ver em alguns jornais de Porto Alegre (BARTEL, 2006). Tais manifestações escondiam, na realidade, investimentos identitários e posições definidas de grupos internos da colônia sírio-libanesa da capital, muitas vezes indiferentes ou defendidos com paixão. É por isso que a estrutura de nossa tese procurou levar em conta também os fatores históricos, sociais e políticos do Oriente Médio e do Brasil durante a maior parte do recorte temporal com que trabalhamos.

Considerando essa perspectiva, julgamos necessária a inclusão de algumas informações sobre a história recente dos povos árabes, notadamente na Síria e no Líbano, a partir do início do século XIX, para localizar o leitor no contexto histórico, mas também para explicitar o fenômeno migratório como resultado de processos histórico-sociais e antropológicos de dimensões globais, mas que repercutem em nível local e regional. Não é demais lembrar que o objeto central de nosso estudo são pessoas nascidas, em sua maior parte, entre a guerra franco-prussiana de 1870 e a Primeira Guerra Mundial, de 1914-1918, época em que o mundo experimentou intenso deslocamento populacional por razões econômicas e disputas hegemônicas por territórios estratégicos em contextos geopolíticos.

Moya (2005, p.15) chamou a atenção para o fato de que “a maioria dos acadêmicos tendeu a iniciar seus estudos depois que os imigrantes alcançaram seu destino”. Na avaliação deste autor, este enfoque é limitador, porque ignora “o *background* pré-migratório, os tempos e o ritmo das correntes e os mecanismos de migração”, elementos que “afetam fortemente a adaptação dos recém-chegados a seus novos entornos”. Para ele, lançar o foco “apenas em suas experiências em seu lugar de chegada significa perder a metade da história. É tratar os migrantes como tábula rasa”. Isso pode levar “a explicações que sobrevalorizam o peso do novo ambiente, perdendo-se assim possíveis continuidades e adaptações”. (MOYA, 2005, p.16). Em nosso trabalho, procuramos evitar, na medida do possível, tais limitações.

Assim, com o recorte cronológico que adotamos, tornou-se possível “periodizar” a imigração sírio-libanesa em todo o seu vigor: no início, uma aventura de médio-orientais em busca de melhores condições de vida em terras desconhecidas; depois, um deslocamento calculado e metódico, estabelecendo redes de pessoas, valores e interesses entre a terra de origem e seu novo lar na América.

E foi justamente no futuro da terra escolhida que aqueles imigrantes pioneiros apostaram. Na época, o Brasil reformava suas instituições e consolidava a opção de se tornar um país multicultural. O trabalho livre passava a ser valorizado e abria oportunidades de



crescimento a pessoas e empresas, possibilitando a acumulação de riquezas, ao mesmo tempo em que se aprofundavam as contradições do sistema capitalista mundial. A consolidação das instituições brasileiras foi um período também importante para a formação da identidade do país, que se constituía tendo como referência os valores de uma nação “civilizada” do mundo ocidental, tal como a França ou os Estados Unidos, mas que ainda preservava uma multiplicidade étnica vigorosa, característica de sua formação nacional.

O trabalho está dividido em oito capítulos, sendo que no primeiro e introdução as fontes são apresentadas e problematizadas, nele também descrevemos a metodologia da pesquisa. No oitavo e último capítulo da tese, que é a conclusão, é o momento que nos pusemos a interpretar os resultados da investigação.

O segundo capítulo trata de questões transnacionais relacionadas ao Oriente Médio, no qual traçamos uma visão histórica das províncias otomanas, de onde se originaram os imigrantes aqui tratados, bem como da situação econômica, política e social do Líbano e da Síria. Cronologicamente, estende-se do início do século XIX, quando a chamada Grande Síria englobava o que é hoje a Palestina, a Síria e o Líbano, até o período do Mandato Francês e as independências do Líbano e da Síria e a formação do Estado de Israel na Palestina, em pleno século XX.

No terceiro capítulo, o mesmo tratamento historiográfico é empregado em relação ao Brasil e às regiões receptoras desses imigrantes. Aqui, o foco da análise recai sobre o primeiro período republicano e a política migratória nacional, considerando as diversas etnias e suas estatísticas de entrada no país, notadamente no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre.

O quarto capítulo oferece um panorama detalhado da imigração de pessoas de fala e cultura árabe no Rio Grande do Sul, abordando os diversos grupos de imigrantes sírios<sup>10</sup> em perspectiva temporal, regional e demográfica. Ao final, um breve resumo de alguns títulos da literatura ficcional. O objetivo aqui é fornecer ao leitor um pouco do imaginário de alguns autores sobre a imigração árabe no estado gaúcho.

O capítulo quinto tem como objeto de pesquisa os sírios na cidade de Porto Alegre, destacando o seu desenvolvimento assimétrico em relação às outras regiões gaúchas e a contribuição dos imigrantes árabes para o comércio na capital. Aqui também recorremos a outras fontes históricas, o que inclui a análise de alguns processos criminais do início do século XX coletados no Arquivo Público do Estado.

---

<sup>10</sup> Cabe lembrar que quando chegaram, no fim do século XIX, até as primeiras décadas do século XX, todos eles eram sírios, pois vinham da antiga província Otomana da Síria.

Os capítulos sexto e sétimo apresentam de forma mais sistemática os resultados das pesquisas que fizemos nos arquivos históricos gaúchos incluindo os de Porto Alegre. Detalhando o sexto capítulo observa-se que ali estudamos fatores sócioantropológico desses imigrantes separados como jovens, homens e mulheres da colônia árabe gaúcha. A análise inclui um panorama dos membros da elite econômica da comunidade e suas escolas na capital, assim como mascates e comerciantes pobres que chegaram ainda jovens ao estado. Os homens e as práticas comerciais, as mulheres árabes e a ocupação no trabalho e no lar, e os mais velhos do grupo, representados aqui por um ancião libanês e o seu testamento que selecionamos no Arquivo Público do Estado.

No sétimo capítulo da tese, prosseguimos a investigação situando as levas de imigrantes árabes no tempo. A partir das informações disponíveis sobre as diferentes ondas migratórias que chegaram ao Rio Grande do Sul entre fins do século XIX e o término da década de 1930, discutimos alguns aspectos da presença de imigrantes de fala e cultura árabe no estado mostrando, como um exemplo de destaque, a trajetória de um imigrante que chegou em cada uma das primeiras levas migratórias. Completa a investigação um relato sobre as sociabilidades, as lideranças e as dissensões verificadas entre os imigrantes e seus descendentes nascidos no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Para este item, nossa fonte de consulta e análise primordial foram as atas das reuniões das diretorias de alguns clubes fundados na capital.

### 1.3 A QUESTÃO DAS FONTES

Para compreendermos os fatos, os caminhos e as escolhas dos imigrantes sírios e libaneses em sua trajetória de assimilação e integração à sociedade rio-grandense é relevante traçar considerações teóricas a respeito do ofício do historiador em face do material histórico depositado nos arquivos, como aqueles que utilizamos durante a confecção desta tese. O arquivo histórico não deve, pois, ser entendido como simples depósito de documentos antigos, mas sim como ferramenta estratégica de poder na construção de memórias e identidades sociais.

Primeiro, para explorarmos o limite e o potencial de determinado arquivo histórico, tendo acesso à parte do acervo de interesse para a nossa pesquisa, é necessário proceder a uma análise crítica das fontes. Podemos dizer que tais fontes são, antes de tudo, instâncias de poder<sup>11</sup> que controlam o que o futuro saberá do passado. Nessa perspectiva, os arquivos históricos são percebidos como construções sociais.

---

<sup>11</sup> O processo de salvar documentos e tê-los em custódia numa instituição pública insere uma ação política.

O filósofo Jacques Derrida (2010) crê que os arquivos possuem uma relação direta com as ideias de memória e verdade, influenciando a produção do conhecimento sobre o passado e os registros que moldam, no presente, as ideias de história, memória e identidade. Segundo o autor, os arquivos são lugares ativos onde o poder é negociado, contestado, confirmado, sobretudo pela atuação política dos pesquisadores, que agem de forma decisiva na interpretação do seu conteúdo, fazendo com que os documentos reflitam as suas diversas “vozes” ali adormecidas. Derrida compreende o documento histórico como “traços que deixam traços”, colocando em discussão a noção de original e autêntico, na qual o passado, enquanto tal, não poderia ser encontrado no arquivo, mas apenas uma interpretação dele.

Outro ponto discutido por Derrida é o que ele chama de “lugar de uma grande violência”, no sentido de que a prática arquivística comportaria um aspecto violento no simples ato de selecionar e conservar. Dessa forma, o pesquisador teria “o poder de privilegiar ou marginalizar, sendo que as informações dos arquivos podem ser ferramentas de hegemonia ou de resistência.” (COOK e SCHWARTZ, 2002, p.24).

Foucault (2007) defende que o ponto principal dessa nova abordagem de produção do conhecimento histórico é a crítica ao documento. Segundo o filósofo, a história em sua forma tradicional tinha como empreendimento memorizar os monumentos do passado e transformá-los em documentos. Foucault entende por “arquivo” um conjunto efetivo de discursos, o que, por sua vez, pressupõe um conjunto de acontecimentos ocorridos e que estão em suspenso nos “limbos ou no purgatório da história.”

Já Pierre Nora (1993, p.14) destaca que, embora “a memória seja vivida no interior dos indivíduos, quase sempre ela necessita de suportes exteriores e de referências tangíveis que só vivem através dela”. Para Paul Ricoeur (2007, p.177), o arquivo pode ser lido e consultado e apresenta-se “como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental.” Segundo este autor, um documento de arquivo está aberto a qualquer leitor do mesmo modo que ocorre com qualquer dado escrito e não tem, portanto, um destinatário específico – ao contrário, por exemplo, do testemunho oral, que pressupõe um interlocutor preciso. Já que testemunhos orais só se tornam documentos depois de registrados, pode-se entender que a passagem da esfera oral para a escrita acaba por provocar o distanciamento do que comumente chamamos de testemunho, uma vez que toda a tensão e a emoção do relato podem se perder durante a transcrição.

No caso das fontes jornalísticas, alguns cuidados metodológicos adicionais devem ser tomados pelo pesquisador. Elmir (2012) lembra que é necessária a devida mediação crítica deste

tipo de material, especialmente quando se trata de investigação acadêmica que tem como base a apropriação direta de fontes jornalísticas. O autor alerta que, para sermos capazes de extrair do texto jornalístico uma história a mais fidedigna possível da realidade dos fatos narrados, todo cuidado é pouco, principalmente para não se “comprar gato por lebre”. Em primeiro lugar, devemos levar em conta que o texto jornalístico busca a eficácia de seu discurso junto ao leitor e que, para isso, utiliza como estratégia a identificação entre quem elabora o texto e o seu destinatário, ou seja, aquele que lê. Depois, devemos ter em mente que pode existir nas matérias, intrinsecamente, um certo sensacionalismo. Segundo Elmir, há na grande mídia em geral uma evidente vinculação de sua atividade com interesses do capital, o que pode transformar o texto jornalístico, para além dos fatos que narra em suas reportagens, num tipo de literatura sensacionalista, que pouco tem a ver com a realidade que se busca retratar:

Na confluência de múltiplas subjetividades, os fios que as tecem também devem ser aqueles capazes de discriminar as partes que resultam na trama. Por mais que possa ser objeto de controvérsia, um dos mais recentes ensaios de Beatriz Sarlo (2007) publicado no Brasil (O tempo passado) nos faz pensar – contra o deslumbramento do testemunho e com a sua rápida elevação intelectual, ética e política à categoria de prova – que o “excesso de subjetividade” e a “retórica testemunhal”, definitivamente, não são dados negligenciáveis nos cuidados metodológicos para os quais todos devemos atentar em nossas pesquisas. Se não tratar de uma revelação inescrutável (religiosa, eu diria), todo discurso pode e deve ser submetido a um juízo crítico. Não é demais dizer que a imprensa, elencada entre nossas fontes, não está isenta desse esforço que nos cabe. (ELMIR, 2012, p.79).

Nossa pesquisa se baseou na análise de diversas fontes, importantes para construir o presente texto, e para compreendermos um pouco mais sobre a dinâmica social na qual estavam inseridos os imigrantes sírios e libaneses, desde quando aqui chegaram, no fim do século XIX, até sua integração à vida das comunidades em que se fixaram.

Basicamente, utilizamos três conjuntos distintos de fontes, objetivando recuperar uma parte da memória dessa imigração. A primeira corresponde às fontes bibliográficas, por exemplo, são livros de memórias de descendentes de imigrantes, mas também crônicas dos viajantes que visitaram as cidades gaúchas no início do século XX. A segunda foram as fontes primárias encontradas nos acervos de arquivos históricos, instituições detentoras de um maravilho manancial de informações que permitiu com que nos aproximássemos da realidade da época. O terceiro tipo de fonte de que fizemos uso constitui-se também num indispensável instrumento metodológico. Estamos falando da história oral, recurso que nos possibilitou preencher lacunas não cobertas pelas outras fontes que consultamos.

Além dos três modelos de fontes citados, recorreremos algumas vezes a um tipo de fonte alternativa que são os diversos arquivos *online* depositados na internet, entre eles o do Colégio Rosário, de Porto Alegre, e os das faculdades de Direito, Medicina e de Economia e Administração da UFRGS. Neles, tivemos acesso a listagens de ex-alunos, onde também procuramos por sobrenomes árabes. Assim, verificamos, primeiramente, que os filhos dos comerciantes cujos nomes encontramos em outras fontes estavam matriculados em escolas particulares por volta das primeiras duas décadas do século XX. A partir das décadas seguintes, foi possível encontrar os mesmos nomes começando a frequentar os bancos universitários das universidades públicas de Porto Alegre.

### 1.3.1 AS FONTES DOCUMENTAIS

Além da extensa bibliografia que consultamos, realizamos ao longo de nossa investigação volumosa pesquisa documental nos acervos de seis instituições, sobre as quais passamos a discorrer a seguir.

Instituição mais importante do país no que concerne à guarda e à preservação de nossa memória histórica, o Arquivo Nacional foi durante muito tempo nossa principal fonte de pesquisa de documentação primária. Sediada no Rio de Janeiro, a instituição guarda as informações dos imigrantes cadastrados no país, conforme as determinações contidas no Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, que dispunha sobre a entrada, permanência e cadastramento de estrangeiros no território nacional, sob pena de multa para aqueles que não realizassem este último procedimento. Assim, cada estrangeiro residente no Brasil foi compelido a cadastrar-se em uma delegacia da Polícia Federal a partir de maio de 1939. No Rio Grande do Sul, escritórios da Polícia Federal estavam localizados em Uruguaiana, Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande.

O arquivo correspondente ao Rio Grande do Sul é composto por aproximadamente 20 mil fichas em papel cartão (12x19cm), que ainda não foram digitalizadas e postas para consulta *online* via internet. Cada ficha/prontuário contém informações sobre um estrangeiro, de forma individualizada, residente em solo gaúcho na época de seu cadastramento. Inclui dados preenchidos pelo próprio imigrante, tais como nome completo, nacionalidade, filiação, data e local de nascimento, profissão, data de chegada ao país, endereços residenciais e comerciais. O verso da ficha é reservado para um histórico das mudanças de endereço. Os documentos comprobatórios eram juntados ao prontuário no momento do cadastramento (de 1939 até 1949) e retidos nos arquivos da Polícia Federal.

Examinamos manualmente cada um dos prontuários/fichas relativos ao arquivo gaúcho, em busca de nomes sírios e libaneses, árabes de uma forma geral. Num primeiro momento, as fichas selecionadas foram separadas pelo sobrenome da pessoa que cada uma continha. Com isso, logramos separar aproximadamente 1.200 fichas com sobrenomes árabes, (pela avaliação visual do último nome e outras informações do prontuário, como filiação e local de nascimento), o que nos levou alguns dias só neste processo, entre as letras A e Z. Depois disso, filtramos por ordem de nacionalidade e data de chegada ao Brasil, para que as informações das fichas estivessem coerentes com o nosso recorte temporal e étnico. Com isso, dos cerca de 1.200 nomes previamente selecionados, apenas 753 permaneceram dentro do recorte temporal de nossa pesquisa, que corresponde ao período de chegada dos imigrantes ao Brasil, entre 1890 e as primeiras décadas do século XX.

As limitações que esse tipo de fonte e o método de pesquisa empregado podem apresentar são muitas, isso sem levar em conta, em primeiro lugar, que faltam os nomes das pessoas que simplesmente não se cadastraram na época<sup>12</sup>. Quanto à pesquisa, temos consciência de que deixamos passar, ainda que inconscientemente, alguns nomes na fase de verificação manual, quando examinamos as fichas uma a uma, o que, para além de uma eventual desatenção, figuram os sobrenomes que foram abasileirados e deixaram de ser considerados; outros que eventualmente fizeram crer ao pesquisador, erroneamente, que não fossem de árabes, quando de fato eram; e ainda uma série de outros erros possíveis. Apesar disso, considerando que o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1940 identificou 1.903 imigrantes sírios ou libaneses no estado gaúcho naquele ano (KNOWLTON, 1960), observamos que nossa seleção representou cerca de 40% dessa realidade, o que, por si só, já fornece uma boa amostra do fenômeno pesquisado.

Ainda assim, o critério de escolha que adotamos obedeceu a uma lógica que vale a pena reportar aqui. Concentramos nossas buscas nos imigrantes da primeira geração, os sírios e libaneses propriamente ditos, que chegaram ao Rio Grande do Sul entre o fim do século XIX e a década de 1930. Nesse contexto, se levarmos em conta que entre os 753 nomes que selecionamos estão incluídos, em grande parte, os imigrantes árabes vivos na década de 1940, quando o cadastramento foi realizado, verificaremos que, na verdade, a seleção indica com precisão que os mais velhos – os mesmos que haviam chegado nas últimas décadas do século

---

<sup>12</sup> A distribuição dos escritórios da Polícia Federal por apenas quatro cidades (Porto Alegre, Santa Maria, Rio Grande e Uruguaiana) de certo não facilitava o acesso de imigrantes radicados em áreas distantes dessas regiões, notadamente os municípios situados a oeste e noroeste e as regiões de fronteira com a Argentina. Não acreditamos, entretanto, que este fato tenha tido grande peso no resultado de nossa pesquisa, que aponta para números muitos mais expressivos de árabes entre Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande.

XIX, com idades entre os 16 e os 22 anos –, estariam com idades entre os 66 e 72 anos quando o cadastramento foi realizado, sendo que, neste quadro, muitos deles já não estariam mais vivos, tendo em vista que a expectativa de vida média no Brasil, naquela época, não passava de 50 anos de idade.

Importante ressaltar que se encontra em anexo à esta tese as informações por nós compiladas e editadas do mencionado cadastro do Arquivo Nacional. Tais informações foram dispostas em uma tabela mostrando cada um dos 753 nomes, com seus respectivos dados. Acreditamos que a transparência e a acessibilidade desses dados possibilitam que outros pesquisadores possam conhecer as informações ali contidas, e analisar os números e nomes que mencionamos em diversos tópicos deste trabalho. A disponibilidade dos dados coletados no Arquivo Nacional ainda possibilita o prosseguimento das pesquisas neste campo, sob outros vieses não contemplados aqui.

Uma segunda instituição em que também nos fizemos presentes foi o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), instituição que desde 1906 guarda a documentação dos poderes Executivo e Judiciário das diversas comarcas do estado. Embora criada no início do século XX, a instituição guarda muita documentação anterior a esse período que foi sendo incorporada ao longo do tempo. Isso fez do APERS um rico manancial em termos de documentação pessoal; ou seja, qualquer pessoa que, no passado, tenha vivido alguns anos no Rio Grande do Sul provavelmente deixou algum vestígio documental que pode estar neste arquivo, uma vez que o APERS reúne coleções do início da República e mesmo da época do Império, organizadas por sobrenomes das partes e pelas comarcas dos registros. Na instituição há ainda importante acervo de documentos que engloba, por município, desde processos de habilitação de casamentos, processos criminais, falências, disputas civis, até apelações e inventários. Parte de seu acervo pode ser acessada remotamente através do *site* do Arquivo. Por esse procedimento, nos foi possível, por exemplo, elaborar as tabelas e os quadros que dizem respeito às chamadas “habilitações de casamentos” de patrícios do início do século XX, na capital e nas cidades de Santo Ângelo, Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, Cruz Alta, Lagoa Vermelha, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira do Sul e Ijuí, entre outras<sup>13</sup>.

Interessados nos pioneiros da imigração sírio-libanesa no estado, e na forma como se desenvolveram suas relações sociais, comerciais, a pauta matrimonial e as sociabilidades desses

---

<sup>13</sup> Este material está longe de ser conclusivo pois, para sê-lo, deveria comparar o universo da pauta matrimonial desses imigrantes no interior e na capital para se obter um parâmetro. Ele se configura, no entanto, em uma informação da memória da imigração sírio libanesa no Rio Grande do Sul.

imigrantes, selecionamos alguns processos da última década do século XIX e outros da primeira metade do século XX, como veremos no desenrolar de nosso trabalho.

Encontramos também no setor de biblioteca do arquivo uma coleção de literatura memorialista de diversos municípios gaúchos que foram de grande valia para a confecção desta tese, uma vez que ela apontava para sobrenomes árabes nesses municípios. Isso nos permitiu proceder à elaboração de mapas demográficos do estado para três períodos distintos, tornando possível visualizar a distribuição geográfica dos árabes radicados no Rio Grande do Sul ao longo do tempo.

No Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho, nós verificamos os livros de impostos, sob a rubrica “valor locatício”, cobrados pela prefeitura de Porto Alegre, de cada proprietário de estabelecimento comercial ou ambulante residente em local específico da capital. O valor cobrado de cada estabelecimento, ou de cada indivíduo, variava de uma loja para outra ou de pessoa para pessoa, de acordo com o tamanho físico do espaço ocupado pelo imóvel, quantidade de mercadorias adquiridas, ou com qualquer outro fator que porventura pudesse incidir na atribuição de valor dessas propriedades ou mercadorias.

Os livros de impostos depositados no Arquivo estão divididos pelos vários endereços correspondentes aos distritos de Porto Alegre. No livro relativo ao 1º distrito (Centro Histórico da cidade), os nomes dos logradouros aparecem dispostos por ordem alfabética no alto da folha, em posição horizontal. Por razões estratégicas, decidimos concentrar nossas investigações na área central da cidade, não só porque era lá que se concentrava a maior parte dos empreendimentos comerciais dos árabes, mas também porque seria muito difícil localizar nomes sírio-libaneses distribuídos por outros logradouros e bairros da cidade, tendo em vista que, nestes últimos, os nomes dos imigrantes certamente estariam mais diluídos em meio a centenas de outros nomes de diversas origens (o que estenderia muito a pesquisa em termos de horas/resultados).

Os primeiros livros que analisamos no Moysés Velhinho correspondem aos anos que vão de 1899 até 1905. Cada livro, em geral, abrange um período bianual. As informações em cada folha do livro, anotadas à mão, indicam os tipos de estabelecimentos comerciais (açougue, armário etc.), o nome de seus proprietários e os valores relativos a cada um dos impostos pagos – dispostos um em cada coluna, ao lado do nome do proprietário, do tipo de negócio e do número do estabelecimento naquela determinada rua. Na medida em que o imposto era arrecadado, a coluna correspondente era preenchida com o valor cobrado.

Já no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, (localizado no Memorial do Rio Grande do Sul) nosso trabalho consistiu, basicamente, em examinar, entre tantos documentos, aqueles



relacionados à evolução histórica da população do estado, incluindo a imigração. Durante um breve período, na década de 1920, havia um controle mais rígido das autoridades no porto da cidade<sup>14</sup>, o que incluía os registros de embarques e desembarques de estrangeiros. Os resultados desses controles estão nos anuários, livros publicados pelo poder público com os números de entradas e saídas, separados por cada etnia estrangeira que deixava a cidade, ou que ali chegava pelo lago Guaíba. De posse desses dados, pudemos elaborar um quadro que deu suporte a outras informações acerca da mobilidade dos sírio-libaneses que deixavam ou chegavam a Porto Alegre nos anos disponíveis: 1922 e 1923<sup>15</sup>.

O quinto arquivo que procuramos foi o do Colégio Anchieta de Porto Alegre. A secretaria da escola guarda exemplares dos anuários da instituição, editados desde a abertura da unidade, em 1890. As matrículas de alunos podem ser utilizadas como um parâmetro de ascensão social em Porto Alegre, ainda que alguns imigrantes possam ter chegado à cidade já com algum capital, uma vez que o Anchieta era um colégio caro para os padrões do início do século XX (custava um conto de réis por ano)<sup>16</sup>.

No período pesquisado, o colégio era frequentado pelos filhos das elites da cidade e rapazes vindos do interior, assim como por filhos de imigrantes alemães, italianos e poloneses de Porto Alegre e também do interior, já que era também oferecido o regime de internato. Os primeiros nomes sírios do Colégio Anchieta começam a aparecer timidamente durante os anos 1920, ganhando força nas décadas seguintes. O “Relatório do Ginásio Anchieta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul” tem encadernação em forma de livro e compila, em um único volume, diversas publicações anuais da escola. O anuário contém os relatórios de mérito e premiações de alunos, dando visibilidade aos melhores estudantes, que competiam por um lugar de prestígio na hierarquia acadêmica. Foi possível a pesquisa em busca de sobrenomes sírios e libaneses até o ano de 1931.

A última instituição que gostaríamos de mencionar é a Sociedade Libanesa de Porto Alegre, fundada em 1936 no bairro de São João. A Sociedade é um clube social e esportivo da capital gaúcha que sobreviveu a outros três clubes árabes que já encerraram suas atividades: o Clube Sírio-Libanês, fundado em 1925; a Sociedade Sírio-Libanesa, de 1934; e a Sociedade Síria, inaugurada em 1949.

---

<sup>14</sup> Marcando um período de forte intervenção estatal nas instituições gaúchas.

<sup>15</sup> Há ainda, no anuário referente ao ano de 1923, uma informação sobre impostos colhidos de associações recreativas, entre elas uma certa Associação Beneficente Sírio-Libanesa de Bagé.

<sup>16</sup> De acordo com Laurentino Gomes (2013), o valor corrigido corresponde hoje a quase R\$100.000,00. Ainda que haja certa relatividade dos preços praticados no início do século XX, comparando-os com os de agora, ainda assim tratava-se de valor considerável.

O material por nós pesquisado, embora limitado pelo exíguo tempo de acesso que tivemos a ele na Sociedade Libanesa<sup>17</sup>, é muito rico e pouco explorado e corresponde às atas das reuniões de diretoria de alguns dos clubes acima mencionados. As decisões consignadas nas atas, revelam os problemas e as soluções adotadas no dia a dia desses espaços de sociabilidades, incluindo os investimentos e patrimônios investidos pelo grupo, suas dissensões e alianças, assim como o papel exercido por lideranças étnicas no processo de formação da identidade árabe na capital e na administração da memória do grupo.

### 1.3.2 AS FONTES SECUNDÁRIAS: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA E ALGUNS DE SEUS ASPECTOS

Em meados dos anos 1940, a comunidade sírio-libanesa no Brasil já alcançara certa proeminência econômica, possuindo numerosos representantes estabelecidos como comerciantes e industriais, além de profissionais liberais bem posicionados socialmente que logo se fariam presentes também na política. A trajetória de ascensão social desses imigrantes ao cabo de apenas uma geração deu início a uma rica literatura que iria se debruçar sobre a experiência dessa corrente migratória sob diferentes perspectivas.

Uma das primeiras obras a abordar o tema foi o *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*, de Salomão Jorge, datado de 1946. Da mesma década, são os trabalhos de Jamil Safady, que fundou na cidade de São Paulo o Centro Cultural Árabe Brasileiro. Do autor, foram editadas as obras *Panorama da imigração Árabe* e *O café e o mascate*, depois compiladas em dois volumes e publicadas como *Obras completas de Jamil Safady* (1972). Em *O café e o mascate*, Safady sugere que as remessas de dinheiro do Brasil para a Síria e o Líbano, inicialmente tão importantes para a economia daqueles países, foram escasseando a partir da emergência da segunda geração de imigrantes.

Em 1959, o professor e geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber, descendente já de terceira geração, escreveu *O intercâmbio cultural entre o Brasil e os países árabes*. O trabalho de Ab'Sáber introduziu um caráter mais científico à visão tradicional de cunho memorialista, ao complementar a narrativa com o uso de estatísticas e análise comparada da imigração sírio-libanesa em relação à de outras etnias. Ab'Sáber, além disso, valeu-se em sua obra de relatos biográficos isentos e mais confiáveis.

---

<sup>17</sup> A Sociedade se tornou a guardiã da documentação histórica dos demais clubes extintos. Nosso anfitrião, indicado pelo Presidente a nos acompanhar nas pesquisas nos arquivos da Sociedade, Salim Cecim Paulo, diretor cultural do Clube, encontrava-se doente na época e, mesmo assim, quando podia, acompanhava nosso trabalho que encontrou apenas quatro ocasiões, e aconteceram em julho de 2015.

Sem prejuízo desses trabalhos pioneiros, títulos sobre a imigração árabe no Brasil só irão se tornar mais frequentes a partir da década de 1970, sobressaindo, principalmente, as memórias<sup>18</sup>, biografias e investigações sobre clubes e associações de cunho étnico. Em 1972, Jorge Salim Safady escreveu aquela que foi provavelmente a primeira monografia acadêmica sobre o tema, “A imigração árabe no Brasil: 1880-1971” sua dissertação de mestrado defendida na USP. A obra oferece um alentado panorama da cultura e da história árabe no Brasil.

Fazendo uma análise hierarquizada da bibliografia relativa a imigração sírio-libanesa no Brasil e no exterior, nivelamos como prioritários os títulos abaixo, por serem todos eles relevantes para nossa pesquisa. O historiador Jeffrey Lesser (1992), em *From peddlers to proprietor: lebanese, syrian, and jewish immigration in Brazil 1904-1945*, sugere terem os imigrantes sírios e libaneses (e também judeus) elaborado uma nova identidade ao romperem com suas origens e com as suas aldeias de procedência, estabelecendo uma moeda de troca que foi negociada a cada estágio da escalada de ascensão social desses imigrantes na terra estrangeira.

As contribuições de dois autores estrangeiros têm sido prestigiadas pela bibliografia brasileira recente como fontes imprescindíveis para se conhecer a diáspora sírio-libanesa e suas repercussões no país. São eles Akram Fouad Khater (2001) e Maria da Luz Logroño-Narbona (2010).

O primeiro, porque elabora um sólido trabalho de pesquisa histórica sobre o Levante, especialmente no Líbano da época áurea da imigração; e a segunda, por investigar a formação de uma rede migratória de caráter transnacional, patrocinada pela República Francesa através de seus consulados e embaixadas, que facilitou e promoveu a formação de uma identidade libanesa e síria entre os imigrantes na diáspora.

Ainda nessa linha investigativa, Eliane Fersan (2005) dirige um novo olhar para o tema em sua tese de doutorado defendida no Instituto Libanês de Pesquisas Imigratórias da Universidade de Notre Dame, em Beirute. “*Les immigrés syro-libanais au Brésil, 1920 a 1926: perception du corps consulaire français*” versa sobre o real interesse do cadastramento dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil promovido pela chancelaria francesa, a qual representava os sírios e os libaneses dentro e fora de seus países no Oriente Médio.

---

<sup>18</sup> Muito antes do aparecimento dos primeiros livros de memória abordando a imigração árabe no Brasil, alguns intelectuais da colônia, especialmente os egressos da Universidade Americana de Beirute, já haviam escrito suas memórias diaspóricas. Entre eles, destaca-se o livro de Taufik Duoun (1943), *Confissões e indiscrições: meio século de experiências em quatro continentes*. Com efeito, boa parte do que foi escrito sobre a história da comunidade sírio-libanesa no país reveste-se desse mesmo caráter memorialístico.

Durante a época do Mandato Francês na Síria e no Líbano o interesse dos franceses pelo Rio Grande do Sul, onde sabiam haver muitos libaneses maronitas, era também monitorar de perto o movimento dos alemães, seus tradicionais oponentes e adversários no início do século XX.

As características transnacionais dessa imigração ficam evidentes, por exemplo, ao se analisar as correspondências trocadas pelo cônsul francês em Porto Alegre com o seu congênere em Pelotas, as quais comprovam os esforços dessas autoridades em estimular sírios e libaneses a fundarem suas agremiações como a “Liga Patriótica Syrio-Libanesa”, estabelecida em Pelotas em 1917<sup>19</sup> (FERSAN, 2005; LAGROÑO-NARBONA, 2007); e o Clube Syrio-libanez de Porto Alegre, a exemplo do que ocorria em outros locais de imigração árabe no início do século XX.

Simon Jackson (2013), em *Diaspora, politics and developmental empire: syrian and lebanease in the League of Nations*, não foge de nosso interesse quando também investiga os arquivos diplomáticos franceses durante o período do Mandato da França no Líbano e na Síria (1923-1943/6). Jackson analisa as relações das autoridades do Alto Comissariado Francês no Levante com a Chancelaria em Paris e os cônsules de São Paulo, Belém, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. O autor examina as ações do corpo diplomático francês em relação ao cadastramento de imigrantes sírios no sul do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Estados Unidos, também confirmando o caráter transnacional da imigração sírio-libanesa.

Igualmente importantes para se conhecer os aspectos mais gerais da imigração árabe, são os diversos trabalhos do Centro Moise A. Khayralla para Estudos da Diáspora Libanesa<sup>20</sup>, da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, entre eles, o artigo de Stacy Fahrenthold, “*Transnational modes and media: the syrian press in the mahjar and emigrant activism during world war I*” (2013). Nele, a autora investiga as primeiras manifestações nacionalistas sírias e libanesas, através das pautas e expressões de cunho político dos órgãos de imprensa das comunidades árabes em São Paulo, Buenos Aires e Nova York, locais de grande concentração de imigrantes do Oriente Médio, fato que certamente repercutiu nos árabes radicados no Rio Grande do Sul, que tiveram de escolher, à luz da documentação fornecida pelos franceses, entre serem identificados como libaneses, turcos, árabes ou sírios.

Uma das maiores referências no tema da emigração sírio-libanesa, o historiador Ernesto Capello (2004) é autor de uma teoria original sobre a diáspora árabe. Segundo ele, o processo

---

<sup>19</sup> Fersan (2005); Simon Jackson (2013) Pinto (2010) e Narbona-Logroño (2007) detalham algumas organizações patrocinadas pela França, com suas sedes em Paris, que visavam a propaganda francesa junto aos imigrantes pela causa do país no Oriente Médio.

<sup>20</sup> O centro mantém uma revista, *Mashriq & Mahja* (interior e exterior, em tradução livre), que publica os diversos trabalhos acadêmicos produzidos na instituição sobre a diáspora árabe.

migratório libanês<sup>21</sup> foi global e simétrico, tendo acontecido ao mesmo tempo em diversos lugares, inclusive dentro do próprio Líbano, quando cristãos das montanhas migraram para Beirute logo após os massacres contra eles ocorridos no início da década de 1860. Em Beirute e Damasco, segundo Capello, teria se iniciado o processo de ascensão social dos antigos lavradores e pastores do Monte Líbano e do interior da Síria. O autor chama a atenção para a espontaneidade da imigração dos libaneses em todos os continentes, na segunda metade do século XIX, como uma continuação do primeiro movimento que lhes retirou “de casa”, nas montanhas do Líbano. Nessa perspectiva, a imigração libanesa ganhou impulso no Brasil após o fechamento das fronteiras da América do Norte e surpreendeu as autoridades brasileiras, que não esperavam a chegada de tão numeroso contingente de árabes, desviados da América do Norte para os portos brasileiros, mas também para o México, Cuba, Uruguai e Argentina, nos primeiros anos da República. Aliás, esses dois últimos países vão impactar a imigração dos sírios e libaneses, especificamente no Rio Grande do Sul, conforme veremos.

Alguns trabalhos sobre imigração síria e libanesa em diferentes estados e cidades brasileiros se revelaram de especial interesse para nós por apresentarem um panorama local que, a rigor, revelam elementos comuns com alguns dos problemas abordados nesta tese.

É oportuno pontuar que a maior parte dessa produção, com raras exceções, foi escrita por descendentes de imigrantes, os quais se valem de sua proximidade com o tema e de seus conhecimentos empíricos sobre a matéria. Se por um lado o descendente-pesquisador dispõe de uma carga considerável de informações por conta da posição que ocupa em relação a seu objeto de estudo, por outro, muitas vezes falta-lhe o distanciamento necessário para uma análise mais objetiva, a qual, um investigador não descendente, ao menos teoricamente, possui.

Sobre a Região Sudeste, vale destacar, em primeiro lugar, a contribuição pioneira da tese de doutorado do brasilianista Clark Knowlton, “Sírios e libaneses em São Paulo: mobilidade social e espacial”. A obra foi apresentada na Universidade Vanderbilt, no Tennessee, Estados Unidos, em 1954, e publicada no Brasil em 1960. Em seu trabalho, Knowlton usou técnicas e metodologias pouco utilizadas pelas ciências sociais brasileiras à época, como métodos quantitativos e qualitativos combinados. Fez também entrevistas com os mais velhos da colônia de imigrantes sírios e libaneses de São Paulo. O resultado final foi um trabalho de fôlego que ainda hoje é utilizado como referência não só no estudo da imigração sírio-libanesa, mas também no de outras etnias que vieram para o Brasil.

---

<sup>21</sup> Nesse caso, Capello se refere aos libaneses e ao Líbano especificamente, sem citar os sírios e a Síria.

Igualmente significativo é o trabalho de Oswaldo Truzzi, *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo* (1997), estudo abrangente do processo migratório sírio-libanês naquele estado. Entre os vários capítulos da obra, destacamos “De mascate a doutor”, que analisa a trajetória percorrida por duas gerações de imigrantes; e “Patrícios na política”, que aborda a representação política dos descendentes desses imigrantes em São Paulo. Outra importante contribuição de Truzzi, incluída no livro *Fazer a América* (1999), organizado por Boris Fausto, é “Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista”. Nesse texto, o autor desenvolve uma análise bastante arguta sobre diversos aspectos da inserção desses imigrantes na malha social paulista, servindo como inspiração para a realização de estudos similares dedicados a outras regiões do país.

Outro autor estrangeiro, Montie Bryan Pitts Jr., lançou em 2006, “*Forging ethnic identity through faith: religion and the syrian-lebanese community in São Paulo*” trabalho apresentado à Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos. Nele, o autor defende que as igrejas da comunidade sírio-libanesa, assim como os clubes e os jornais impressos em idioma árabe, atuaram e ainda atuam de modo decisivo para a formação e manutenção da identidade árabe no Brasil.

Um estudo que também aborda aspectos da imigração árabe em São Paulo é *Um outro arabesco: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal* (2009), de John Toufic Karam. Na obra, Karam analisa as diferentes instâncias em que uma parte da identidade árabe se faz notar no Brasil, da literatura à televisão; da cozinha à política. Ao entrevistar e conviver com descendentes de sírios e libaneses de São Paulo, o autor, curiosamente, considera que grande parte dos descendentes de árabes paulistanos são adeptos do neoliberalismo, ou, em outras palavras, herdeiros de pequenas fortunas deixadas pelos pais e, portanto, pouco sensíveis, de uma maneira geral, aos graves problemas sociais do Brasil.

Outro trabalho instigante relacionado à Região Sudeste é o livro de Paulo Hilú Rocha Pinto, *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*, publicado em 2010. Na obra, o autor utiliza-se de fontes encontradas nos arquivos históricos brasileiros e nos arquivos diplomáticos franceses. Além disso, traz entrevistas com personagens da colônia sírio-libanesa carioca e faz uso de extensa literatura memorialística e de trabalhos acadêmicos nacionais e estrangeiros. Tudo isso empresta ao livro um caráter inovador e abrangente, num panorama analítico que vai do global ao municipal.

*A imigração árabe em Goiás*, de Heliane Prudente Nunes<sup>22</sup> (1986), analisa a história dos árabes no estado, acompanhando as principais transformações econômicas, sociais e culturais vividas por três gerações de imigrantes, entre 1880 e 1970. O texto procura explicitar como eles conseguiram, relativamente em pouco tempo, grande progresso econômico, a ponto de monopolizar determinados setores da economia goiana.

Ainda de cunho regional, encontramos um outro conjunto de textos, desta vez sobre a Região Nordeste. O artigo de Sérgio Lamarão, “A dimensão nacional do processo imigratório dos sírios e libaneses no Brasil: os patrícios no Nordeste”, que integra o livro *Os árabes e suas Américas* (2008), organizado por Denise Jardim e Marco Aurélio Machado de Oliveira, oferece uma visão de conjunto da presença da etnia em terras nordestinas.

As referências que citamos foram ainda importantes não só para a montagem de nosso arcabouço de conceitos, mas também para a costura metodológica que adotamos em nosso estudo. Entre outras coisas, sua leitura fez aflorar ideias sobre como encaminhar os problemas e questões que foram surgindo ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho.

### 1.3.3 FONTES SECUNÁRIAS LOCAIS: TRABALHOS ACADÊMICOS E OUTROS TÍTULOS SOBRE IMIGRAÇÃO ÁRABE NO RIO GRANDE DO SUL

Em relação aos títulos de trabalhos acadêmicos sobre imigração árabe no Rio Grande do Sul ao longo das últimas décadas, o primeiro que gostaríamos de mencionar é a monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), apresentada em 1987, por Rosi Maria Reis Selaimen<sup>23</sup>, e intitulado “A presença árabe no Rio Grande do Sul”. A monografia aborda, em primeiro lugar, os fatores de expulsão desses imigrantes do Líbano e os de atração pelo Brasil. Rosi Maria, que é descendente de uma tradicional família sírio-libanesa de Porto Alegre, menciona, entre outros fatos, a “Semana Árabe”, evento que aconteceu na capital em 1974, dentro das comemorações maiores do Mês dos Imigrantes no Rio Grande do Sul. Cita também um programa de rádio feito para a comunidade que foi ao ar até o início da década de 1970, assim como a doação de um monumento em granito produzido pelos sírios e libaneses de Porto Alegre. Datado de 1935, o pequeno obelisco arredondado, no estilo *art déco*, foi uma homenagem da colônia árabe ao

---

<sup>22</sup> Nunes (1997) é também autora de um instigante artigo (“A imigração síria e libanesa nos Estados Unidos e no Brasil: uma perspectiva comparativa) comparando a imigração árabe no Brasil e nos Estados Unidos, no qual discute questões relevantes para a nossa pesquisa.

<sup>23</sup> Os sobrenomes Chemale e Selaimen correspondem a duas famílias libanesas pioneiras que já vieram do Líbano unidas e continuaram assim em Porto Alegre. Foram, segundo Schilling (2007), os primeiros a se mudar para o 4º distrito de Porto Alegre, que veio a tornar-se, mais tarde, uma área da cidade com alta concentração de sírios e libaneses e onde foi criada, em 1936, a Sociedade Libanesa, fundada por libaneses maronitas do bairro São João.

centenário da Revolução Farroupilha e ainda pode ser visto no Parque da Redenção. Em sua monografia, a autora destaca como a comunidade de imigrantes assimilou a cultura gaúcha, referindo-se sempre aos “libaneses” e de como eles formularam uma identidade rio-grandense.

Em 2000, Cecília Kemel, uma pesquisadora gaúcha filha de sírios de Cachoeira do Sul, lançou *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*, um estudo antropológico sobre a imigração árabe no estado.

A dissertação de mestrado “A discreta presença muçulmana em Porto Alegre”, de Leonora Silveira Pereira, apresentada em 2001 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, apesar de mapear a chamada imigração moderna (depois de 1948), caracterizada especialmente pela presença de imigrantes islamitas, principalmente vindos da Palestina, traz informações úteis sobre o período coberto por nosso trabalho. Pereira identifica algumas famílias sírias e libanesas de origem muçulmana radicadas em Porto Alegre que vieram na mesma leva de imigrantes que estudamos<sup>24</sup>.

Em “Imigração e memória: sírios e libaneses no Rio Grande do Sul”, dissertação de mestrado defendida em 2004 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a professora Neida Ceccin Morales, ela também neta de imigrantes libaneses, entrevista um elenco de descendentes de árabes radicados em Santa Maria e municípios vizinhos. A autora aborda a importância do clube fundado por imigrantes para a vida comunitária local.

Carla Rosane Silveira da Rosa apresentou, em 2005, como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a monografia “Primeiros imigrantes sírios e libaneses na cidade de Pelotas: final do século XIX e início do século XX”. Sua fonte básica de pesquisa foi um livro de registros encontrados na Sociedade Libanesa de Pelotas<sup>25</sup> contendo os nomes dos sírios que residiam no município no ano de 1917. A análise deste material permitiu à autora verificar a presença de muitos imigrantes palestinos entre os sírios e os libaneses, que se identificavam declarando sua procedência ao lado de uma foto. A autora ainda usou como fonte algumas entrevistas feitas por Emerson Marques, que escreveu a monografia “Do Oriente Médio a Pelotas: análise da imigração sírio-libanesa em Pelotas”, trabalho apresentado na UFPEL, em 2000. Em ambos os textos, há menção à mobilização dos imigrantes sírios na

---

<sup>24</sup> Corroborando a pesquisa realizada por Pereira, também encontramos algumas famílias muçulmanas que chegaram ao Rio Grande do Sul no início do século XX e que, para serem aceitas com mais facilidade, mudaram seus nomes para denominações menos óbvias como, por exemplo, Mohamed e Mahmud, que se tornaram Simão, Abrahão ou ainda Antônio ou José.

<sup>25</sup> O autor visitou a Sociedade Libanesa de Pelotas em 2015. A agremiação encontra-se praticamente abandonada e sobrevive graças ao empenho e auxílio de alguns comerciantes de origem libanesa e imigrantes árabes da cidade que recuperaram a sede, a qual já se encontrava abandonada nas décadas anteriores.



fronteira sul durante as primeiras décadas do século XX, e notícias da fundação da Liga Patriótica Sírio-Libanesa em 1917.

Também uma dissertação de mestrado, “Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento”, de Roberta Peters, reproduz o conteúdo das entrevistas que a autora fez com membros da colônia árabe gaúcha. Defendida em 2006, a dissertação foi apresentada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS. Durante a execução da pesquisa, Roberta recebeu orientação da professora Denise Jardim, também autora de alguns trabalhos sobre árabes e palestinos no Rio Grande do Sul, destacando-se *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais da produção da etnicidade*, tese de doutorado defendida em 2001, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Essas duas obras, em geral, se referem a processos migratórios posteriores aos de nosso estudo. Ainda assim, as autoras produziram trabalho de valor inestimável para o conhecimento da imigração árabe no Rio Grande do Sul e por isso merecem ser citadas.

Outra autora também oriunda da academia, é Liane Chipollino Assef. Historiadora, natural de Santana do Livramento, Liane escreveu alguns artigos sobre os aspectos da imigração palestina e sírio-libanesa na fronteira. Em *Um olhar sobre a presença árabe na fronteira* (2014), a autora disserta sobre diversas características da identidade árabe no ambiente fronteiriço gaúcho, o que nos serviu para conhecer melhor a realidade da região além dos nomes de algumas famílias pioneiras.

Ainda mais recente é a dissertação de Cinara Neumann Alves, defendida em 2014 na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), “Cultura árabe e desenvolvimento econômico em regiões fronteiriças do sul do Brasil: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)”. Na obra, encontramos dados que confirmam que, desde o fim do século XIX, Rivera já contava com uma pequena comunidade de imigrantes sírios atuando no comércio local, ao passo que do lado gaúcho esses imigrantes, em menor quantidade, só chegaram nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, duas contribuições não acadêmicas, mas de consulta obrigatória a todos os interessados no estudo da presença árabe em território gaúcho, são *Uma história a ser lembrada: Sociedade Libanesa de Porto Alegre* (2007), e a seção do volume V da *Enciclopédia Rio-Grandense* (1958) dedicada à imigração levantina no estado. A primeira constitui-se na única obra que trata da imigração árabe em Porto Alegre de uma forma mais detalhada e abrangente, especialmente para o período que trabalhamos. Assinado pela pesquisadora Suzana

Schilling. o livro foi lançado como parte das comemorações dos 70 anos da Sociedade Libanesa de Porto Alegre. Na obra, Schilling oferece ao leitor um apanhado histórico sobre a comunidade maronita de Porto Alegre. Por meio de entrevistas realizadas com os ex-presidentes da entidade, o livro recupera uma importante parte da história da comunidade libanesa no Rio Grande do Sul e particularmente na capital.

Já a seção sobre a imigração árabe incluída na *Enciclopédia Rio-Grandense* (1958) divide-se em duas partes: imigração libanesa e imigração sírio-árabe. O organizador da obra, Klaus Becker, escreveu “Os sírios e outros imigrantes árabes”, e o cônsul honorário do Líbano em Porto Alegre, Abdalla Adalberto Creidy, “Os libaneses e sua história”. O autor do segundo texto vincula os libaneses diretamente aos fenícios e aos cruzados, situando o Líbano em uma espécie de isolamento regional e renegando as raízes árabes presentes em seu território. Becker, ao contrário de Creidy, quando escreve sobre os sírios e os árabes, não deixa de mencionar os libaneses enquanto um povo árabe também.

Analisadas em seu conjunto, pode-se dizer que a quantidade de fontes, acadêmicas e literárias, de cunho ficcional ou memorialístico, sobre a imigração árabe no Rio Grande do Sul não é de todo escassa, porém, a maioria delas, antiga. No entanto, procuramos aproveitar todas nesta tese, uma vez que elas trazem informações sobre os estabelecimentos comerciais dos imigrantes, assim como sobre a presença das primeiras famílias sírio-libanesas a povoar os municípios gaúchos onde algumas dessas obras são ambientadas.

#### 1.3.4 LITERATURA MEMORIALISTA, BIOGRÁFICA, BLOGS, REPORTAGENS E OBITUÁRIOS

A literatura memorialista e biográfica, pela importância e complexidade que apresenta, merece um tratamento particular. Um estudo dentro de nosso objeto de estudo. Isso se justifica porque essa literatura permite o acesso a representações desses imigrantes, mas também a construção da memória dos diferentes grupos até o momento atual. Nesse sentido, torna-se importante identificar aspectos comuns a todas elas, tais como: posição social dos autores; origens; obstáculos e dificuldades enfrentadas na imigração; memória familiar; herança cultural; ascensão social; aquisição de prestígio; lições de vida; defesa de valores morais; concepções de enriquecimento e trabalho; estratégias de negócios; ética comercial etc.

O caráter memorialístico das produções literárias, de acordo com Lejeune (2008), assume um conteúdo de reinvenção, que se estabelece no limite entre a ficção e a realidade. Neste gênero literário, quase sempre, os autores se identificam como personagens, na medida em que a maior parte das histórias são contadas na terceira pessoa, descaracterizando assim o

texto autobiográfico. Nessa perspectiva, o autor pode ser definido como uma pessoa real e socialmente responsável e, ainda, como o produtor de um discurso. Além dos aspectos das representações e de construção da memória, a literatura memorialista, (auto)biográfica ou genealógica, que apresentamos a seguir, produzida em diversos municípios do interior do estado, nos serviu também para fechar lacunas deixadas por outras fontes, e se tornaram imprescindíveis na medida em que nosso objetivo foi reunir o maior número possível de manifestações e referências sobre a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul. Sendo assim, as pesquisas nos levaram a examinar uma série de publicações memorialistas, na maioria das vezes biografias, romances de imigrantes ou livros escritos por descendentes em homenagens a seus pais. Apresentamos abaixo um quadro descritivo desses autores e suas obras.

**Quadro 1 - Literatura memorialística da imigração árabe no Rio Grande do Sul autores e obras**

Autor	Obra/Data de Publicação	Gênero	Assunto(s)	Observações
Tanus Bastani (?)	<i>Os libaneses no Brasil</i> (1948); <i>Semana árabe em Porto Alegre</i> (1973).	Memórias.	História do Rio Grande do Sul; mascates e imigração árabe no Sul; memórias do pai imigrante em Uruguiana.	Orador da comunidade libanesa.
Abdalla Creidy (?-1966)	Verbetes na Enciclopédia Rio-Grandense (1958).	Obra de referência.	Imigração libanesa no Rio de Grande do Sul; definição de Líbano e separação entre libanês e sírio.	Consul honorário do Líbano em Porto Alegre e filho de imigrantes. Era empresário e industrial.
Fuad Abdalla Nader (1925-2013)	<i>Abdalla Nader (1894-1953): De mascate a general do ar e amigo da cultura</i> (2005).	Memórias de Abdalla Nader que foi um importante líder comunitário e comerciante	Memórias do seu pai, Abdalla Nader, imigrante libanês. no sul do estado.	São memórias biográficas de um personagem do tipo <i>self made man</i> . História da cidade de Rio Grande
Mario Salomão Sada (1914-2008)	<i>Do Líbano ao Brasil: Construindo Sonhos.</i> (2009)	Autobiografia e memórias. Mário conta a história de seu pai, João Elias Sada, imigrante libanês estabelecido em Brodoski, no interior de São Paulo. (2009).	Conta a trajetória do pai, imigrante libanês que tornou-se grande empreendedor da cidade.	São memórias de uma trajetória ligada à história de Porto Alegre. Sada foi Grão-Mestre da maior loja maçônica da capital, forte comerciante de tecidos em Porto Alegre e proprietário de uma casa de show “Mil e uma Noites”.
Edison Nequete (1926-2010)	<i>Herança da luta de Abílio Nequete</i> (2008).	Memórias e autobiografia. Edison tem uma	Memórias da família Nequete,	O autor, nascido em Porto Alegre, foi jornalista da Rádio Nacional no Rio de

		redação irônica e poética e seu 'depoimento' autobiográfico completa o que se sabe de seu irmão e pai.	incluindo, entre outros, o pai, Abílio e o irmão Lenine.	Janeiro. Sua narrativa humaniza personagens de quem pouco se sabe.
Pedro Vergara (1895-1979)	<i>Olhares sobre Jaguarão</i> (2010).	Memórias de juventude quando conheceu uma família árabe com quem trabalhou.	Alimentação, ambiente familiar, costumes e hábitos de uma família de imigrantes árabes de Jaguarão, referência da juventude do autor.	Escritor gaúcho nascido em Porto Alegre, Vergara foi também advogado, jurista e poeta.

Fonte: Dados compilados pelo autor [s.d.]

Examinando o quadro acima, conclui-se que, entre os escritores descendentes, a maioria faz parte da segunda geração. São geralmente pessoas com um grau de instrução mais elevado do que o de seus pais imigrantes. As narrativas se referem a memórias familiares e em geral vêm associadas a reconhecimento e gratidão pela luta dessas pessoas. O único autor não-dscendente, Pedro Vergara, trata de suas memórias e a lembrança de uma família árabe que conheceu na infância.

Também vamos trabalhar com uma literatura vinculada à formação de municípios ou microrregiões do estado, servindo como uma espécie de documentação da origem de algumas comunidades do Rio Grande do Sul e de seus fundadores, muitos deles de origem sírio-libanesa. Caracteriza-se por ter sido escrita por autores locais que se dedicam a esse tipo de produção.

Os *blogs* são outra boa fonte de consulta de relatos de caráter memorialístico de descendentes de árabes disponíveis na internet. Um deles é a página *Histórias que meu pai contava*<sup>26</sup>, mantida por Aloyzio Achutti. Outra fonte de material memorialístico encontrado na internet são reportagens como a do *Jornal Pioneiro*, que nos traz informações sobre a trajetória do imigrante libanês Kalil Sehbe, de Caxias do Sul. Outro tipo de fonte que fizemos uso foram as seções de obituário dos principais jornais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além dos informativos de entidades de classe. Cobrimos os anos entre 2003 e 2016<sup>27</sup>, sendo que a maioria dessas fontes estão disponíveis na internet. A literatura ficcional foi outra fonte de informações sobre a imigração sírio-libanesa no estado que fizemos uso.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://amicorextension.blogspot.com.br/2012/10/bortolo-achutti-1898-1977.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

<sup>27</sup> Os nomes aqui expostos não esgotam todos os casos ocorridos no recorte temporal supracitado, tampouco todas as fontes jornalísticas possíveis, mas foram aqueles que a pesquisa encontrou.

A respeito da literatura biográfica ou autobiográfica, mas também no caso da literatura memorialista, é importante pontuar que, de uma maneira geral, observa-se nelas uma tendência a alimentar-se de um modelo narrativo em que sucessos e derrotas são idealizados de acordo com o ponto final das trajetórias que narram. Esse processo foi previsto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006), que traçou alguns caminhos críticos para entender como se apresentam as representações nesses casos específicos de literatura. Segundo o autor, a única maneira de apreendê-las como tal consiste em tentar recuperá-las na unidade de um relato totalizante com o fito de responder à seguinte questão: a imagem que esses indivíduos/autores construíram de si mesmos ou de seu objeto de estudo em suas obras correspondem à realidade? Eles exprimem com veracidade os fatos e indivíduos que descrevem? Ou suas narrativas significam apenas uma seleção de suas reminiscências?

Para Bourdieu (2005), as leis que regem a produção dos discursos em sua relação entre *habitus* e o mercado também se aplicam a essas formas particulares de expressão; ou seja, o relato de vida varia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido. Nessa perspectiva, a vida de uma pessoa não pode ser narrada linearmente sem se considerar as relações que elas estabelecem com distintos agentes, em diferentes campos de atuação, ao longo de sua existência. Uma vida é algo complexo, praticamente impossível de ser explicitado em um discurso cronologicamente ordenado e linearmente construído. Ela surge, porém, nas biografias e relatos memorialísticos como “um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” objetiva e subjetiva de um projeto”. (BOURDIEU, 2006, p.184).

No caso específico da biografia, segundo Richard Holmes, (1985, p.83), ela "pode propiciar uma espécie de espelho ético, no qual podemos ver, com uma força súbita, nossas vidas sob diferentes ângulos". Talvez o maior desafio do trabalho bibliográfico seja a maneira como nossas subjetividades nos faz ver, sentir e perceber o outro. Assim, de acordo com Borges (2009, p.232), "a narrativa biográfica impõe uma modalidade de escrita da história profundamente imbricada com as subjetividades do biógrafo", o qual, ao falar de seu personagem no texto que produz, está, na verdade, falando “de si mesmo, projetando algo de suas emoções e de seus próprios valores e necessidades”.

### 1.3.5 HISTÓRIA ORAL E AS ENTREVISTAS

A imigração sírio-libanesa difere dos modelos de migração comumente encontrados no estado sulino, que é aquela feita por meio do assentamento de colonos em zonas rurais. A imigração que estudamos veio de modo espontâneo, em quantidade muito menor e se concentrou em áreas urbanas. Para dar conta dessa realidade, lançamos mão de uma metodologia de pesquisa que permite apreender dados relevantes sobre nosso objeto de estudo, sem perder de vista a relação entre o tempo biográfico e o tempo histórico-social. Referimo-nos aqui à história oral, que começou a ganhar espaço no Brasil a partir dos anos 1980, sobretudo entre profissionais das ciências sociais. Primo (2013, p.22) fornece uma boa descrição do significado desse relevante instrumento de análise, muitas vezes imprescindível ao trabalho do historiador:

Ao lançar-se mão dessa metodologia, os dados obtidos – lembranças, reflexões e análises sobre o passado – levam, muitas vezes, ao resgate de acontecimentos e contextos ausentes dos registros escritos. Em outras palavras, a história oral, enquanto metodologia de “tratamento” dos acontecimentos passados, ou descrição de objetos, vai na via contrária da “grande história”.

Já Jan Vansina (1985, p.8) observa que,

nem todo acúmulo de mensagens originais traz novidades, muitas vezes nenhuma, porém elas são expressões de experiências. Isso inclui reminiscências pessoais, comentários interpretativos de objetos existentes, como uma fotografia ou desenho, expressões linguísticas e contos populares, tradições e cosmogonias semelhantes às que acontecem na arte oral. Todos esses recursos são flexíveis, são produtos de reflexões sobre situações que existiram.

Em nosso trabalho, a metodologia da história oral foi aplicada nas diversas entrevistas que realizamos com descendentes de imigrantes sírios e libaneses residentes em Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Rio de Janeiro. Essas pessoas, todas com mais de 75 anos de idade, a maioria delas nascida na década de 1930, ou até mesmo antes, são naturais de Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, Caxias do Sul e outras cidades do estado. Estivemos com comerciantes, aposentados, políticos e profissionais liberais que, em comum, possuem o fato de terem pais e mães imigrantes fixados no Rio Grande do Sul. Este fato serviu para que o entrevistado nos falasse de sua visão sobre seus pais e de como eles viveram no Brasil. A partir da síntese das informações colhidas em fontes documentais, da análise das narrativas dos entrevistados, e também da marca pessoal do autor, que cria a corrente e promove a ligação de seus elos, procuramos construir um saber próprio sobre o fenômeno migratório de árabes no Rio Grande do Sul.

Weller e Zardo (2013, p.132) destacam o emprego cada vez mais recorrente das narrativas nas pesquisas sociológicas, fenômeno justificado pela “(...) necessidade de

compreender a relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual construído de maneira significativa pelos sujeitos ao relatarem suas experiências e trajetórias”. Os autores estabelecem uma aguda distinção entre essa perspectiva e “as interpretações arbitrárias que isolam as trajetórias biográficas singulares dos eventos sociais em sua complexidade”. O recurso do estudo de narrativas permite, assim, que se esclareça “como determinadas ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, e ainda compreender os motivos que os levaram a estas ações”. A história oral lança vida para dentro da própria história, e isso alarga nosso campo de ação e também de conhecimento. No âmbito das histórias de família, por exemplo, os padrões internos de comportamento e de relações são geralmente inacessíveis sem a evidência oral (CARVALHO, 2002).

Deve-se levar em conta, neste universo, conforme salientam Amado e Ferreira (1996), que a história oral, na verdade, é um diálogo entre entrevistado e entrevistador, sendo inevitável o registro de informações pertinentes a dois sujeitos distintos. Por isso mesmo, sua natureza, além de investigativa, é intersubjetiva, ou seja, um diálogo de sujeitos.

Em nossa pesquisa, tomamos todo o cuidado que a situação exigia. Alguns membros da comunidade sírio-libanesa de Porto Alegre, se conhecem há décadas, muitos são parentes próximos, e alguns mantêm uma relação conflituosa entre si. Para evitar o papel de “leva e traz”, ou tomar partido em defesa deste ou daquele, diante de alguma história confidenciada, o bom senso e a discrição foram utilizados em seu grau máximo. Ainda assim, as potencialidades da história oral são inúmeras, a começar pelo fato de que ela pode revelar diversas versões para uma mesma situação, e isso certamente enriquece o fazer histórico, concedendo a ele interlocuções e instrumentos para que se estabeleçam novos olhares e pontos de vistas sobre um mesmo evento.

Bauer e Gaskell (2010, p.65) enfatizam a importância da “compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados”. É condição *sine qua non* da entrevista dita qualitativa. Para eles, “o fornecimento de uma ‘descrição detalhada’ de um meio social específico” tanto pode ser um fim em si mesmo, quanto “pode também ser empregado como uma base para construir um referencial de pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas”.

Quem se dispõe a trabalhar com história oral ou costuma lançar mão do gênero biográfico, irá se deparar necessariamente, em algum momento de sua atividade, e de forma determinante, com a discussão sobre memória. Sobre esse tema, Moraes (2000, p.92) lembra que “a memória é necessariamente seletiva” e está “circunscrita a um conjunto que mantém relações sociais sistemáticas, própria aos seus pares que pretendem que ela produza uma

inscrição no social e domine um conteúdo simbólico e linguístico específico”. Paul Thompson (1992, p.44), ao analisar o valor do passado lembrado, afirma que “este pode proporcionar informação significativa, e muitas vezes, única sobre o passado”. Além disso, pode transmitir a consciência individual e coletiva, que são parte integrante desse mesmo passado.

Assim, quando colocamos como objetivo recuperar o passado por meio de entrevistas ou de literatura biográfica/memorialística, não podemos deixar de reconhecer a função psíquica da memória, que é sempre mais do que somente armazenamento de informações passadas, envolvendo sentimentos e paixões, posto que é inerente à condição humana. A memória, ao ser acionada, traz a marca da experiência, e ao se atualizar pela fala ou por escrito<sup>28</sup>, mesmo nas experiências singulares e individuais, só pode ser expressa através de relações interpessoais, pois se desenvolve dentro de um grupo social. A passagem abaixo deixa claro as fronteiras existentes entre a construção da memória oral e sua codificação em um texto escrito, revelando suas diferenças:

A memória oral tem características próprias; não consiste numa repetição de conteúdo fixo e depende do contexto e de quem produz a lembrança. É uma “reconstrução generativa” do memorizado no âmbito de um esquema determinado. A escrita, pelo contrário, permite a transmissão de um *corpus* – religioso, jurídico, literário, científico, historiográfico – formalmente inalterável. É passível, por certo, de leituras distintas, mas as suas características intrínsecas de texto colocam limites à interpretação. (SOBRAL, 1995, p.5).

Bergson (1989) diz que toda consciência é memória e que somente a memória é capaz de organizar o tempo e as experiências humanas de forma não linear. Jan Assmann (1988), por sua vez, aborda uma questão fundamental da discussão quando confronta a noção de memória coletiva com a de identidade. Para ela, um novo discurso, tanto para memória, quanto para identidade, baseado na chamada “volta construtivista”, passou a admitir duas premissas: a primeira, a visão da “cultura simbólica como texto, imagem, rituais e suas mudanças históricas” – e que tem importante papel na formação das identidades; a segunda, a perspectiva de que “o passado é sempre reconstruído de acordo com as necessidades do presente”. (ASSMANN, 1988, p.15). A esse respeito, escreve Michael Pollak (1992, p.5):

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

---

<sup>28</sup> Para além das suas formas orais ou escritas, as práticas memoriais também operam por outros modos, tais como os rituais e as comemorações cívicas.



O que Pollak quer enfatizar com o texto acima é a importância do discurso no sentido da formação de uma imagem de si próprio e dos outros, e foi justamente em busca deste discurso que nos lançamos nessa pesquisa. A polifonia, que se revela inevitável quando se está diante de uma variedade de discursos, é importante para o pesquisador estabelecer pontos em comum entre eles, mas também para verificar suas contradições como fonte de conhecimento. Desta forma, é importante que o leitor perceba sempre as razões do pesquisador na escolha do personagem biografado, ao mesmo tempo em que a descrição que se faz deste deve vir devidamente contextualizada e de acordo com a metodologia do biógrafo, procedimentos que esperamos não ter desrespeitado na feitura desta obra.

Historiadores e cientistas sociais compreendem que o tal fazer histórico requer conhecimento, fidelidade e ética. As entrevistas, nesse sentido, devem passar por um tratamento rigoroso em todas as suas fases (tomada e transcrição dos depoimentos, análise e edição do texto final). A oportunidade do pesquisador, em contato com seu entrevistado, é única. Muitas vezes, além do próprio depoimento, é possível ter acesso a documentos e fontes iconográficas e literárias inéditas. Depoimentos tomados com base na metodologia da história oral complementam o que outras fontes não conseguem revelar.

As características específicas de nosso objeto de estudo, bem como o tipo de investigação que propusemos realizar, fizeram com que nos deparássemos, ao longo do trabalho, com questões essenciais relacionadas a fenômenos sociais como identificação, negação e pertencimento étnico. Como observa Fredrik Barth (1998, p.153), “o caráter inovador da noção de *ethnic boundary* (...) liga-se à ideia de que são as fronteiras étnicas, e não o conteúdo interno de cada grupo, que definem o próprio grupo étnico, permitindo que outros grupos se deem conta de sua existência.” Nesse contexto, ainda de acordo com Barth, a identificação das fronteiras é mais importante do que o próprio discurso, pois elas fazem os grupos visíveis, tanto na negação do outro, como na afirmação de si próprios. Os limites dessas fronteiras se estabelecem nas interações, negociações e trocas entre esses coletivos. Procuramos, portanto, em nossa tese, reconhecer as “proscrições e prescrições que regem as interações” dos grupos étnicos na manutenção e transformação de suas fronteiras (BARTH, 1998, p.152).

Tendo essa finalidade em vista, buscamos priorizar em nossas entrevistas os depoimentos dos mais velhos, filhos de imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul no início do século XX. É oportuno mencionar que embora quase todos os entrevistados façam parte de uma ‘elite econômica’ a grande maioria dos entrevistados são filhos de comerciantes que chegaram ao Brasil até a década de 1920 em condições de pobreza e se fizeram mascates e

comerciantes quando puderam educar seus filhos que entrevistamos. No quadro abaixo, apresentamos uma breve introdução a esses personagens, com a data da entrevista (as duas primeiras feitas para nossa dissertação de mestrado, mas não aproveitadas na ocasião), informações sobre o depoente, como nome completo e local de nascimento, além de algumas anotações que revelam um pouco das características de cada um deles e de seus familiares.

**Quadro 2 – Lista de depoentes**

<b>Nome</b>	<b>Idade (na data da entrevista)</b>	<b>Data da entrevista</b>	<b>Local de nascimento</b>	<b>Observações</b>
<b>Mohamed Baccar</b>	71	23/02/2003	Santa Cruz do Sul/RS em 02/07/1932. Filho de um imigrante libanês muçulmano e de uma filha de libaneses cristã, nascida em Rio Pardo/RS.	Muçulmano, engenheiro da Petrobrás, residente no Rio de Janeiro. Casado com descendente de alemães. Foi importante elo entre brasileiros e iraquianos na fase de expansão internacional da Petrobras. Falecido em 2011.
<b>Habib Abduch</b>	84	19/05/2004	Santa Maria/RS em 10/10/1927. Filho de imigrantes sírios da Antióquia.	Comerciante aposentado. Residente no Rio de Janeiro. Comenta sua infância no Rio Grande do Sul e a trajetória do pai, que foi um pequeno comerciante em Santa Maria nas décadas de 1920 e 1930.
<b>Antônio Karam</b>	100	22/06/2015	Nasceu em 27/05/1915 em Bagé/RS. Filho de imigrantes libaneses que entraram no Brasil pela fronteira uruguaia em 1908 e se estabeleceram em Bagé, e depois em Pelotas.	Bancário aposentado. Aos 100 anos, Antônio está ativo e bem de saúde. O entrevistado, que foi testemunha da revolução de 1923, é poeta, autor de diversos livros de memórias. Seu irmão, Luiz Karam, foi um dos primeiros descendentes de libaneses a ingressar na Escola de Medicina de Porto Alegre no início da década de 1930.
<b>Antônio Karini</b>	82	23/06/2015	Nasceu no Líbano em 08/02/1933. Karini, é filho de pais brasileiros e avós libaneses. Seus avós vieram para Pelotas ainda no século XIX, onde nasceram seus pais, que depois retornaram ao Líbano com a família. Karini só veio para o Brasil aos 15 anos de idade.	Comerciante aposentado. Karini é chamado de “enciclopédia viva”. Fala dos principais fatos históricos do Líbano, principalmente sobre aqueles que ligam o país aos fenícios e aos cruzados. Nas décadas de 1960 e 1970, foi um ativista da memória da imigração libanesa no Brasil, concedendo conferências e entrevistas em rádios e jornais gaúchos. Foi um dos fundadores do Clube Libanês de Pelotas.
<b>Salim Sessim Paulo</b>	78	30/06/2015	Nasceu em São José do Norte/RS em 27/10/1936. Filho de um imigrante libanês e de uma gaúcha descendente de sírios. Dentista aposentado, foi vereador em Osório e Palmares do Sul.	Liderança política na região costeira lagunar, onde nasceu. É um entusiasta do Líbano, membro da atual diretoria da Sociedade Libanesa. O entrevistado nos abriu as portas mais inacessíveis da agremiação. Com antiga presença no comércio de diversas cidades, sua família é muito conhecida na região do Litoral Lagunar, sendo muito

			(Falecido em 13 de janeiro de 2017).	integrada à comunidade local. Salim acompanhou todo o crescimento e dissensões dos clubes da capital. Grande observador da vida social de sua comunidade.
<b>Ivo Nesralla</b>	76	20/07/2015	Nasceu em Porto Alegre, 18/08/1938. Filho de imigrantes sírio-libaneses (Seus pais nasceram em região da Síria incorporada ao Líbano em 1946.)	Cirurgião cardíaco e presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Responsável pelo primeiro transplante cardíaco do estado gaúcho. Seu pai obteve grande êxito com a loja de tecidos finos 'A Internacional', localizada na Rua Marechal Floriano, no Centro da Capital. Seu Abdalla, o pai, conseguiu pagar as melhores escolas para os filhos, porém foi apenas Ivo que se notabilizou em sua profissão. Na entrevista, ele conta a trajetória do pai e associa os libaneses às origens fenícias.
<b>Elias Dabdab</b>	78	01/06/2015	Nasceu em Porto Alegre em 1937. O pai, Raphael Dabdab, emigrou já formado alfaiate, aos 25 anos de idade, em 1925, da cidade de Antioquia. No Brasil, a família já era proprietária de lojas de tecidos em São Paulo e Rio de Janeiro. Raphael decidiu vir para Porto Alegre para abrir a sua loja. Falecido em 19 de fevereiro de 2016.	Comerciante. Inauguradas em 1930, as Lojas Dabdab são, ainda hoje, importante comércio de tecidos em Porto Alegre. Elias Dabdab é um influente nome da comunidade síria porto-alegrense. Seu pai foi fundador da Sociedade Síria em 1949. Ele e sua empresa são um dos principais patrocinadores dos eventos da Sociedade Libanesa. Na entrevista, Elias manifesta desprezo pelos que se dizem libaneses e não se reconhecem como árabes. Sua casa é continuação informal do extinto Clube Sírio.
<b>Pedro Simon</b>	82	04/08/2015	Nasceu em Caxias do Sul/RS em 1930. Pai e mãe vieram diretamente do Líbano, em 1922, para Caxias, onde já havia primos e irmãos os aguardando.	Político aposentado. A trajetória política de Simon vai de Caxias do Sul, passando por Porto Alegre, e chega até Brasília. Na entrevista, ele conta a trajetória do pai, imigrante libanês, das demais famílias libanesas de Caxias do Sul, e suas estratégias de integração e interação com a comunidade local.
<b>Gisberto Antônio Sada</b>	78	05/08/2015	Nasceu em Porto Alegre, em 1937. Gisberto pertence à terceira geração da família. Seus avós eram Libaneses. O padrasto, assim como o pai, era filho de imigrantes por ambos os lados.	Comerciante na Casa X, tradicional loja de tecidos do Centro da capital gaúcha, ainda em funcionamento. Com a morte do pai ainda jovem, a mãe casou-se com Mario Sada, tio do entrevistado.
<b>Rafique Germano João</b>	87	17/09/2015	Nasceu em Porto Alegre em 1926. Filho de um casal de imigrantes sírios. Seu pai chegou ao Brasil em 1903, juntou muito dinheiro e voltou à Síria onde construiu casas. Com a proximidade da Primeira Guerra, retornou para o	Aposentado. Vive em um asilo onde foi feita a entrevista. Rafique descreveu a trajetória do pai, comerciante sírio que chegou a Porto Alegre fugindo da gripe espanhola no Rio de Janeiro, onde morou inicialmente. Rafique nos contou sobre sua vida até a idade de 21 anos. Depois disso, não falou mais.

			Brasil para não ser alistado no Exército turco. Falecido em 2016.	Posteriormente, ficamos sabendo, por uma sobrinha, que o tio não teve êxito financeiro por ter sido adicto ao jogo.
--	--	--	---	---

**Fonte: Dados compilado pelo autor. [s.d.]**

Ao priorizar o depoimento de pessoas mais velhas, a maioria filho dos primeiros imigrantes, optamos por um tipo de história oral conhecido como história de vida, que ocorre quando os entrevistados falam de suas trajetórias, histórias familiares e vivências na escola, no trabalho, no casamento, no clube, mas também no bairro, na cidade e no estado onde vivem ou viveram. O critério foi, na verdade, este; filhos de imigrantes pobres que se fizeram pela via do comércio, e que chegaram ao Brasil até a década de 1920. Assim, ao longo do trabalho, vamos conhecer um pouco mais das características de pais e filhos dessas duas gerações. Todos os entrevistados são filhos de imigrantes – portanto descendentes de segunda geração – que foram comerciantes. As únicas exceções são Gisberto Sada, que é neto de libaneses, e Antônio Karini, que nasceu no Líbano, embora seus pais tenham nascido em Pelotas. Rafique João é o único que destoa desta tão falada e contada trajetória de sucesso entre os árabes de primeira e segunda gerações. Na verdade, ele e seu pai terminam as respectivas trajetórias, senão pobres e desgostosos, como veremos ao longo do trabalho, fracassados em seus projetos de vida.

O roteiro das entrevistas obedeceu a um critério cronológico, partindo da infância de cada um deles até chegar à vida adulta. Cada entrevista tem uma média de 80 minutos de gravação. Entre o período da entrevista e a escrita da tese, alguns de nossos entrevistados faleceram, como pode ser constatado no quadro acima.

## 2 A FORMAÇÃO DA SÍRIA E DO LÍBANO MODERNOS: O LEVANTE NO SÉCULO XIX E NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

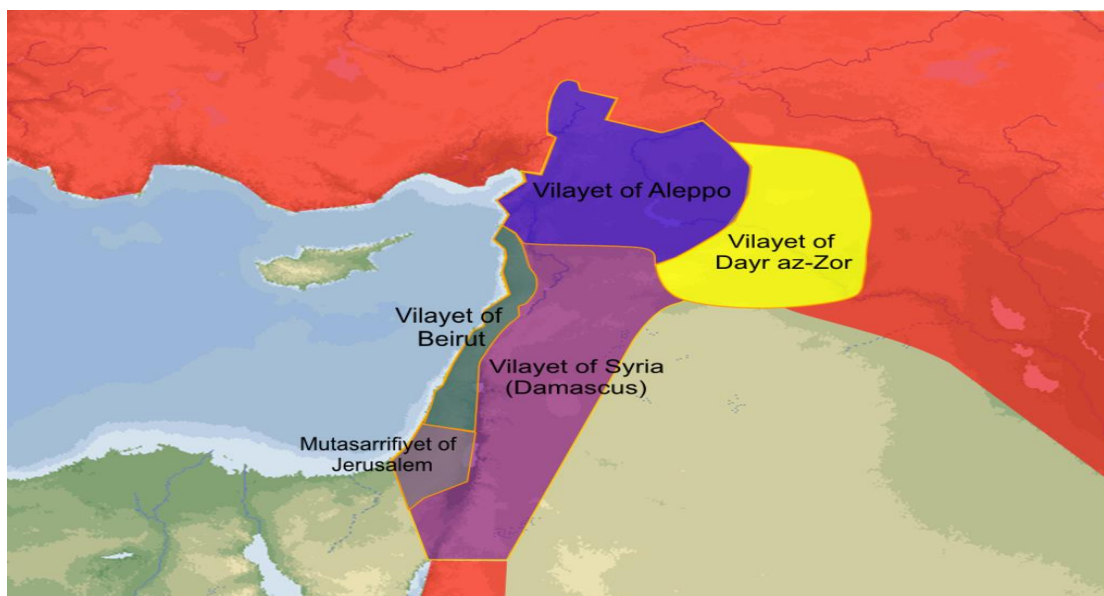
### 2.1 O DECLÍNIO DO IMPÉRIO OTOMANO E O RENASCIMENTO CULTURAL ÁRABE

Saídos da Península Arábica, os árabes haviam invadido o Levante ainda no século VII, quando expulsaram os cristãos bizantinos da Síria e do Líbano e passaram a coabitar a região ao lado dos cristãos ortodoxos e maronitas e de outros grupos étnicos.

A área geográfica de onde partiram os primeiros imigrantes sírio-libaneses que chegaram ao Brasil ainda no século XIX ocupa boa parte da região do Levante, tendo sido integrada ao Império Otomano no início do século XVI. Fundado em fins do século XIII, o Império iria se consolidar ao longo de um ambicioso e bem-sucedido processo de expansão, marcha iniciada com a ocupação da região ocidental da Ásia Menor, onde se encontravam alguns principados dos turcos nômades da Anatólia. Depois da tomada de Constantinopla e a consequente destruição do Império Bizantino, os turcos incorporaram os reinos da Bulgária e da Sérvia, expandindo-se depois para o Ocidente e outras regiões do Oriente. No século XVII, os otomanos estendiam seus domínios pela Ásia Ocidental, norte da África e sudoeste da Europa (QUATAERT, 2014).

Durante a maior parte do tempo em que perdurou a dominação otomana (1516-1918), eram cinco as províncias árabes no Levante: Jerusalém, Beirute, Síria, Aleppo e Dayr az-Zor. Essas cinco províncias, pela proximidade cultural e geográfica que mantinham entre si, eram chamadas de “A Grande Síria”.

Mapa 1: Províncias Otomanas no Oriente Próximo



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Vilayet>



Inglaterra, a França e a Pérsia, (...) começaram a pressionar as frágeis fronteiras das terras do sultão, à medida que se desenvolviam tecnicamente no campo militar”. (MEIHY, 2016, p.50).

Outros elementos, talvez ainda mais significativos, foram os episódios que se seguiram à invasão do Egito por Napoleão Bonaparte em 1798. As reações às investidas da França logo se fizeram sentir. Selim III, sultão otomano entre 1789 e 1807, enviou ao Egito o general Mohamed Ali, que conseguiu expulsar as tropas napoleônicas em 1801. Como “recompensa”, o sultão nomeou Ali governador do Egito, poder que manteve entre 1805 e 1848. O historiador Edward Atiyah (1958, p.70), crítico da influência otomana nos países árabes, referiu-se assim à chegada de Ali ao poder: “De fato, Mohamed Ali logrou êxito em retirar o Egito do tacão dos mamelucos<sup>30</sup>, representantes de um regime déspota e cristalizado no poder – que agia apenas como marionete de Istambul.”

Considerado o fundador do Egito moderno, Mohamed Ali realizou grandes reformas no país, entre elas a modernização do Exército e a construção de canais de irrigação para melhor distribuição das águas do rio Nilo. Sob seu comando, o Egito gozou de considerável autonomia em relação ao poder central do Império (FAHMY, 1997). Fortalecido em seus domínios, Ali não tardaria a revelar suas pretensões expansionistas. A década de 1830 marcou o ápice desse processo. Após a consideração inicial de um impulso para o Oeste em direção a Trípoli, Mohamed Ali invadiu a Síria em 1831. Uma força de 30 mil homens, sob o comando de seu filho Ibrahim Paxá, capturou a cidade de Acre (localizada hoje no norte de Israel) após um cerco de seis meses e invadiu em seguida o restante da Síria, avançando depois em direção à Turquia. Em uma batalha nas planícies da Anatólia, ao norte de Konya, as forças egípcias derrotaram as tropas otomanas do paxá Muhammad Rashid, deixando o caminho livre para a tomada de Constantinopla e de seus palácios imperiais.

Ali, no entanto, hesitou em seguir esse caminho, e o sultão turco aproveitou a oportunidade para solicitar ajuda às potências europeias. Rejeitado pelos britânicos, Rashid persuadiu a Marinha russa a ajudá-lo. O resultado foi a Paz de Kutahya de 1833, que se por um lado preservou a existência do Império Otomano, por outro reconheceu a legitimidade de Mohamed Ali como *Wali* do Egito, do Hijaz e de Creta, e concedeu a Ibrahim Paxá o mesmo *status* em vários territórios sírios, inclusive com novas prerrogativas de coleta de impostos.

---

<sup>30</sup> Os mamelucos eram escravos que, sob certas circunstâncias, podiam ser recrutados como soldados de milícias otomanas para atuar nas possessões do Império. Em algumas delas, como no Egito, chegaram a exercer o poder de fato.

Uma segunda campanha gloriosa mostraria uma vez mais as habilidades militares de Ibrahim Paxá, quando, em 1839, as forças egípcias derrotaram as de Mahmud II na Batalha de Nezib, no sudeste da Turquia. Desta vez, foi a intervenção britânica que salvou os otomanos.

Com a morte de Mahmud II em 1839, as potências europeias<sup>31</sup> passaram a temer a desintegração do Império Turco. Visando proteger seus interesses, os líderes europeus ordenaram, em setembro de 1840, o bloqueio da costa da Síria, ao mesmo tempo em que incentivavam grupos dissidentes locais a se revoltarem contra o domínio egípcio. A iniciativa deu resultado e forçou a retirada de Ibrahim da Síria, com a conseqüente recondução do sultão da Turquia ao controle das províncias árabes. Mohamed Ali concordou em limitar seu exército a 18 mil homens e abandonou suas conquistas sírias. Em troca, foi declarado governador perpétuo do Egito e seu governo estendido a seus herdeiros, o que lhe conferiu um *status* único entre as diversas possessões do Império Otomano.

Sobre o período em que a Síria esteve sob domínio egípcio, Atiyah (1958, p.70) afirma que foi criado, “pela primeira vez no Oriente Médio colonial, um modelo de Estado-Nação”. O historiador atribui a Mohamed Ali uma estratégia para a conquista da Palestina, da Síria e do Líbano similar à empregada por Napoleão no Egito: “aquela seria sua grande oportunidade política: servir a um povo abandonado pelo Império Otomano, dando educação formal aos árabes, criando neles um sentimento de união e orgulho que os turcos jamais ousaram propor”. (ATIYAH, 1958, p.71).<sup>32</sup>

As reformas de Ali impuseram a criação de escolas públicas primárias, ao passo que os próprios muçulmanos sírios também começaram a incentivar a educação pública (CHAEIB, 1956)<sup>33</sup>. Em 1831, os jesuítas franceses foram autorizados a retornar à Síria e rapidamente abriram escolas em todas as cidades onde houvesse uma comunidade cristã<sup>34</sup>, contribuindo de forma decisiva para o progresso da educação na região (ATIYAH, 1958)<sup>35</sup>. Mas as mudanças não se restringiram ao estabelecimento de escolas e universidades pelos jesuítas. O

---

<sup>31</sup> Leia-se Inglaterra, França, Rússia, Prússia, Áustria, Sardenha e Rússia.

<sup>32</sup> Apesar desse reconhecimento, Atiyah admite que a missão cultural introduzida por Ali para angariar a simpatia dos árabes visava, na verdade, ganhar a confiança da população para depois impor seu próprio domínio autoritário.

<sup>33</sup> Khatlab (2009) observa que, entre os pioneiros do Renascimento Cultural, prevaleceram os cristãos, ainda que os muçulmanos também tivessem dado sua colaboração do movimento.

<sup>34</sup> Esse movimento prosseguiu mesmo depois da retirada dos egípcios. Em 1866, uma missão protestante norte-americana fundou em Beirute a Universidade Americana, com o nome de Colégio Sírio Protestante. Já os jesuítas, em meados da década seguinte, inauguraram, também na mesma cidade, a Université Saint Joseph (PORTOCARRERO, 1985).

<sup>35</sup> Apesar da educação ter sido de fato o vetor determinante para o Renascimento Cultural na Síria, diversos outros fatores contribuíram, cada um à sua maneira, para o sucesso do empreendimento, podendo ser citados, entre outros, o domínio egípcio, a localização estratégica dos povos árabes do Mediterrâneo, a propagação das ideias ocidentais e o progresso dos meios de comunicação.



Renascimento Cultural árabe se deu também através da fundação de editoras e jornais e de uma revisão das práticas literárias, até então quase que exclusivamente voltadas para assuntos ligados à religião islâmica.

Por meio da propagação da cultura ocidental e de seus costumes, os católicos franceses prepararam gerações inteiras de sírios e libaneses para a aventura da emigração. Num primeiro momento, a diáspora sírio-libanesa foi um fenômeno restrito, levando camponeses do interior para cidades como Beirute e Damasco em busca de melhores condições de vida. O Egito, por sua proximidade, e por partilhar o idioma árabe<sup>36</sup>, também recebeu muitos imigrantes vindos da Síria e do Líbano, assim como o vizinho Sudão (ZÉGHIDOUR, 1982).

Diversos estudiosos confirmam que a influência cultural dos sírio-libaneses, especialmente cristãos, no Egito e também no Sudão, foi expressiva (HITTI, 1924; KNOWLTON, 1960; HOURANI, 2006). Segundo esses autores, eles fundaram suas comunidades e influenciaram especialmente as letras e as artes daqueles países. Do Egito, muitos emigraram, inicialmente, aos Estados Unidos, como foi o caso do poeta Gibran Kalil Gibran; outros para o oeste da África; e o restante para a América do Sul<sup>37</sup>. No início, a emigração árabe foi principalmente de cristãos educados ou de aventureiros de pequenas vilas, sem muito estudo e quase nada a perder, mas dispostos a mudar de vida. Zéguidour (1982) atribui aos cristãos do Líbano e da Síria a primazia desse movimento por terem sido eles os principais alvos das missões estrangeiras que formaram uma elite política e cultural no mundo árabe.

Em 1888, surgia o primeiro jornal árabe na imigração, o *Kaukaba*, editado em Nova York. Dezenas de jornais foram também fundados no Brasil, Argentina, México e outros países. Nas Américas, os imigrantes libaneses e sírios, muitos deles poetas, jornalistas e escritores, foram responsáveis pela produção de uma literatura rica e variada, sem precedentes no idioma. Num movimento reverso, livros, artigos e poesias, românticas ou modernas<sup>38</sup>, passaram a ser lidos, com especial interesse, por muçulmanos e cristãos em todo o mundo árabe.

---

<sup>36</sup> Os sírios e libaneses levaram influência ocidental e europeia para o Egito, desempenhando papel pioneiro na modernização do país. Foram eles, por exemplo, os responsáveis pelo estabelecimento do jornal e da indústria de impressão egípcia, assim como de um sistema bancário moderno e eficiente (ATIYAH, 1958).

<sup>37</sup> Não estamos considerando nesta análise lugares como Caribe e América Central, Guianas e Europa, mas igualmente a Índia e a Oceania onde também houve imigração sírio-libanesa no fim do século XIX.

<sup>38</sup> No caso da poesia, a literatura árabe sofreu influência dos poetas brasileiros que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922. O escritor Chafiq Maluf, por exemplo, manteve “relações íntimas e permanentes com os grandes literatos brasileiros que desempenharam um papel importante no movimento modernista.” (ZÉGUIDOUR 1982, p.83).

## 2.2 INFLUÊNCIA OCIDENTAL E REAÇÃO OTOMANA

A saída dos egípcios da Síria e o florescimento da cultura árabe não foram capazes, entretanto, de restabelecer a paz no Levante. Em fins dos anos 1850, o Líbano, por exemplo, estava novamente em convulsão. No norte do país, os camponeses maronitas haviam expulsado as famílias nobres e tomado suas terras. O movimento espalhou-se por toda a região e tornou-se um conflito entre os camponeses e os lordes drusos. Era a Guerra Civil de 1860. Sob a liderança de Said Jumblat, os drusos

provocaram grandes perdas entre seus oponentes e assumiram o controle sobre os camponeses maronitas – estima-se que em quatro semanas 11 mil cristãos tenham sido mortos pelos drusos; outros 4 mil morreram de desnutrição e 100 mil tornaram-se refugiados. (GATTAZ, 2007, p.19).

A reação do Ocidente se materializou com o envio à província otomana da Síria de uma força expedicionária francesa. Com isso, abriram-se negociações diplomáticas que foram concluídas no ano seguinte, em Constantinopla, com a assinatura de um acordo entre o grão-vizir Mohammed Amin Ali Paxá e os embaixadores de França, Grã-Bretanha, Prússia e Rússia. Na ocasião, foi reconhecida, sob a proteção da França, a autonomia de uma área no interior da atual costa libanesa. Situada entre as montanhas Líbano e Antilíbano, a região ficaria conhecida como Monte Líbano (KASSIR, 2003).

Essas concessões levaram o Império Otomano a criar no Monte Líbano uma *sanjak* (região administrativa) independente da Síria comandada por um *mutassarif*<sup>39</sup>. Um governador otomano de ascendência cristã não libanesa foi indicado para comandar a região.

A *sanjak* do Monte Líbano terminou por viabilizar a presença de instituições francesas no Líbano que não passavam pelo crivo dos turcos. Isso fez aumentar a influência ocidental naquele território, contribuindo para aumentar as divisões e conflitos entre dois sistemas políticos, sociais e religiosos inseridos numa mesma região geográfica (THIBAUT, 2009).

Se por um lado os otomanos mantinham o controle sobre a Síria, inclusive sobre Damasco, e a maior parte de Beirute; de outro, o Monte Líbano se “ocidentalizava” cada vez mais por meio de uma administração independente e forte presença francesa. Isso acabou por criar uma incrustação ocidental dentro do Império Otomano e serviu para acentuar as diferenças entre os árabes – agora identificados, mais do que nunca, por sua associação com o Islã –, e os libaneses do Monte Líbano, cuja maioria cristã, embora também de origem árabe, era alinhada

---

<sup>39</sup> Durante o Império Otomano, um *Mutassariff* era uma autoridade administrativa de uma *sanjak* indicado diretamente pelo Sultão. Esta autoridade administrativa era, por vezes, independente (por exemplo, no Monte Líbano ou em Chipre), ou fazia parte de um *vilayet* (região) administrado por um *vali* (juiz).

com a vida e o pensamento ocidental. Tal dicotomia foi assim retratada por Zéguidour (1982, p.33):

O cristianismo esteve na origem do divórcio Ocidente-Oriente. O surgimento do Islã radicalizou-o, a entrada em cena dos turcos vai tornar a contradição árabe-muçulmano e ocidental-cristão, no arquétipo da oposição fatal, irremediável: o dia e a noite, a água e o fogo, o irracional e a razão, a democracia e o nepotismo. É inútil insistir em que as diferenças profundas entre as duas margens do Mediterrâneo são mais políticas do que antropológicas.

O avanço do Ocidente sobre o Oriente Médio não deixaria, é certo, de suscitar reações. Houve, até mesmos entre alguns segmentos árabes cristãos, um estímulo para que estes se convertessem ao Islã<sup>40</sup>, por solidariedade à causa árabe representada pela Turquia, em oposição às grandes potências ocidentais. A esse respeito, Zéghidour (1980) lembra que, desde que os muçulmanos foram expulsos da Andaluzia, no final do século XV, a primazia da luta do Islã contra o cristianismo passou a ser do Império Otomano, o qual, naquela época, já dominava o mundo árabe desde a Argélia até o Iraque.

Pesquisando as instituições sociais da comunidade otomana, Quataert (2014) sustenta que, a despeito de toda a violência de que foi acusado o Império por muitos imigrantes árabes, até o século XVIII era possível falar de mobilidade social via aparelho de Estado. Foi através do *devçirme*<sup>41</sup>, com seu administrador e oficiais *janízaros*<sup>42</sup>, que filhos de camponeses cristãos pobres podiam ascender a cargos elevados do poder político-militar, possibilitando-lhes a obtenção de riqueza e prestígio social. Esses fatores talvez ajudem a explicar o apoio que alguns cristãos emprestaram aos otomanos como guardiões da causa árabe frente às investidas das potências europeias.

De todo modo, nem mesmo no coração do Império a influência dos ventos soprados pelo Ocidente deixaram de marcar presença. Hourani (2006) observa que, se de um lado o autoritarismo do sultão preservava a independência e a autonomia do Islã, por ele representado no mundo muçulmano, por outro, as novas gerações de jovens oficiais turcos<sup>43</sup>, educados nas academias de Londres e Paris, viam no nepotismo e na corrupção institucionalizadas por toda a pátria um dos motivos de seu declínio. Para estes, “o Império só podia ser preservado

<sup>40</sup> Um caso emblemático foi o do jornalista e escritor Faris Al Chidiac, que se tornou Ahmed Faris Al Chidiac depois de se converter ao islamismo (ZÉGHIDOUR, 1982).

<sup>41</sup> Também conhecido como “imposto de sangue”. Uma vez por ano, o Exército turco recrutava meninos de sete a 10 anos, entre os filhos de cristãos, para iniciar carreira político-administrativa em Istambul.

<sup>42</sup> Tropa de infantaria de elite ligada ao palácio do sultão otomano. Teve seus dias de glória entre os séculos XV e XVII. Foi extinta no século XIX, quando contava com mais de 100 mil homens (PALMER, 2013).

<sup>43</sup> Hourani (2006) sugere que, desde o início da década de 1860, parece ter havido algum tipo de contato entre os reformistas de Constantinopla e os jornalistas ocidentalizados do Líbano. Vale lembrar que aqueles foram anos em que algumas possessões otomanas experimentaram algum grau de liberdade de expressão e que, em Beirute, alguns periódicos manifestavam ideias mais ou menos equivalentes às dos Jovens Otomanos.

transformando-o em uma monarquia constitucional, com direitos iguais para os muçulmanos e não muçulmanos, turcos e não turcos.” (HOURANI, 2006, p.276). Essas ideias se materializaram no “golpe de Estado de 1875” dando origem, no ano seguinte, ao “primeiro experimento constitucional da Turquia”. (HOURANI, 2006, p.278).

O fracasso do movimento dos Jovens Otomanos e a restauração do governo pessoal do sultão em 1876 levaram ao esfacelamento da oposição turca, a quem só restou o caminho da clandestinidade. Em fins do século XIX, a Turquia, temerosa em perder mais uma de suas províncias, implantou na Síria as reformas *Tanzimats*, um programa de medidas estruturais concebido em 1839 e que visava valorizar o Império Turco como ponta de lança do pensamento e da identidade islâmica no mundo árabe.

A implementação das reformas *Tanzimats* na Síria e no Líbano centralizaram as esferas públicas nas mãos de castas administrativas otomanas, fato que desagradou ainda mais a elite intelectual local, principalmente cristã, que, receosa da política pan-islâmica proposta pela Turquia, e temendo a repressão e a censura, preferia emigrar. Zéghidour (1980, p.33) sintetiza assim o significado dessa tentativa de *turquização* da Síria:

Os árabes serão, sob o regime turco, mais discriminados do que nunca. Quanto aos cristãos, foram marginalizados, reprimidos e considerados como não autóctones, mas, acima de tudo, como agentes do Ocidente, ou mesmo como uma espécie de quinta-coluna.

Para se ter uma ideia das consequências que a implementação das instituições coloniais otomanas tipo os *Tanzimats* tiveram na vida econômica, social e política do Líbano, da Síria e da Palestina, na virada do século XX, basta examinarmos as planilhas apresentadas por Jaulin (2009), que indicam o elevado número de indivíduos, cristãos e muçulmanos, cedidos ao mundo por cada região geográfica do Líbano, afetada em maior ou menor grau por essas mudanças.

Enquanto o poder imperial otomano buscava, por meio de reformas, garantir a integridade de suas possessões na Grande Síria, um novo influxo modernizante, inspirado no movimento de 1875, emergiria em fins do século XIX, dando origem à chamada “Revolução dos Jovens Turcos” e ao período que ficou conhecido como “Segunda Era Constitucional” da Turquia.

Apesar de seu caráter reformista e de algumas medidas de cunho liberalizante, a Revolução – vitoriosa em 1908 –, significou também uma reação à influência cultural do Ocidente nos domínios do Império Otomano, tendo como resultado a adoção de uma política de perseguição aos cristãos e a outros grupos étnicos ou religiosos<sup>44</sup>. Nas províncias otomanas

---

<sup>44</sup> À Revolução dos Jovens Turcos é imputada, por exemplo, a responsabilidade pelos genocídios armênio, assírio e grego.

do Oriente Médio, cristãos e judeus viram com muita desconfiança as mudanças emanadas de Istambul, ainda que algumas delas supostamente elevassem seus direitos aos dos súditos muçulmanos. Para eles, as novas medidas trariam consigo obrigações inaceitáveis, tais como o serviço militar obrigatório e o aumento de impostos.

### 2.3 O MANDATO FRANCÊS NO LEVANTE

A Revolução do Jovens Turcos é considerada um dos marcos da dissolução do Império Otomano. A eclosão da Primeira Guerra Mundial, a derrota turca, e os eventos que a ela se seguiram iriam acelerar o processo. No início do conflito, em 1914, os nacionalistas árabes aliaram-se à França e à Inglaterra contra os turcos na luta por sua independência em relação ao Império Otomano. Nesse período, muitos árabes, envolvidos nas lutas nacionalistas, decidiram emigrar devido às perseguições políticas e militares turcas (SOARES, 2004).

A negociação dos árabes com as duas nações europeias previa que, uma vez terminada a guerra e derrotadas as tropas turco-germânicas, seria concedida a independência total aos povos árabes e constituído um país soberano unificado, cujas fronteiras se estenderiam desde as montanhas Taurus, no sul da Anatólia, até o Iêmen, no sul da Península Arábica.

Em 1916, no entanto, Inglaterra e França decidiram descumprir o que haviam prometido aos árabes e celebraram uma reunião secreta visando definir suas áreas de influência no Oriente Médio, caso saíssem vitoriosas no embate contra o Império Otomano. Por meio dessa negociação, que ficaria conhecida como Acordo Sykes-Picot, as duas potências acertaram dividir em protetorados administrados por elas as antigas possessões otomanas.

Em fins do ano seguinte, tendo a Rússia se retirado do Guerra após a vitória da Revolução Bolchevique, França e Inglaterra declararam, de imediato, a internacionalização da Palestina (CHAEIB, 1956). Com isso, foi possível aos britânicos se comprometer com os sionistas, através da Declaração de Balfour<sup>45</sup>, a construir um “lar” nacional para os judeus na região, iniciativa que a um só tempo servia de proteção a seus interesses estratégicos no canal de Suez e favorecia as ambições de judeus espalhados pela Rússia e por toda a Europa Central (KHATER, 2001).

---

<sup>45</sup> A Declaração de Balfour e a maior presença de judeus na Palestina provocou inquietação entre os árabes, levando o *mufti* de Jerusalém (chefe do alto conselho do Islã), Hadj Amin Al Husaini, a protestar perante o governo inglês (MORAES, 2004).

No início de 1919, três delegações árabes foram convidadas a participar da conferência realizada em Paris<sup>46</sup> encarregada de fixar as condições que seriam impostas aos países derrotados na Primeira Guerra Mundial. Oficialmente, o objetivo das potências vencedoras era ouvir a voz das populações do Oriente Médio. A primeira comitiva, presidida pelo Rei Faiçal, filho do xerife de Meca, Hussein, encarnava as aspirações unitárias e independentistas dos países árabes no Oriente Médio,<sup>47</sup> proposta oficialmente apoiada pelo Reino Unido.<sup>48</sup> A segunda delegação foi conduzida pelo presidente do Comitê Central Sírio, Choukri Ghanen, que propunha reunir a Síria e o Líbano em uma só nação, sob a proteção francesa. O terceiro grupo, chefiado pelo patriarca maronita Elias Hayek, militava pelo estabelecimento de um Grande Líbano independente<sup>49</sup>, com suas fronteiras ampliadas e também sob a proteção francesa (DALMÁZ, 2002).

De acordo com Fuad Chaieb (1956), diretor da Central Síria de Informações que compilou um volume com textos de historiadores e geógrafos sírios, na Conferência, os Aliados, pretendendo implementar a decisão de dividir o Oriente Médio entre eles, recorreram ao argumento de que os árabes, recém-libertados do domínio otomano, ainda não estavam prontos para um autogoverno e por isso necessitavam de uma “tutela provisória”<sup>50</sup>.

O descontentamento com a proposta irrompeu entre os árabes, incluindo o desagrado dos muçulmanos em serem governados por cristãos. O “veneno” do colonialismo foi visto como sendo imposto sobre os povos árabes (THIBAUT, 2009). Faiçal não aceitou as resoluções da Conferência e, quando voltou a Damasco, nomeou um Conselho de Administração e organizou, no ano seguinte, um congresso pan-árabe que contou com a presença de 85 delegados de todas as regiões da Síria. Na ocasião, foi aprovada uma proposta de independência total da região, sob o comando do próprio Faiçal, que declarou a independência da Grande Síria.

---

<sup>46</sup> Participaram da Conferência 70 delegados representando 27 países. Estados Unidos, Reino Unido, França e Itália, os chamados “Quatro Grandes”, foram as grandes lideranças do encontro (KAUFMAN e MACPHERSON, 2009).

<sup>47</sup> De acordo com Atiyah (1958, p.89), tal projeto “inspirava-se nas glórias do passado, sonhando com a reconstituição, tanto quanto possível, do antigo Império Umayyada ou Abássida.

<sup>48</sup> Morales (2004) põe em dúvida as reais intenções dos ingleses, que na prática enveredaram pela seara política de fragmentação do mundo árabe.

<sup>49</sup> No Líbano, intelectuais cristãos formaram um movimento efêmero chamado Partido do Progresso, que se dividiu em dois blocos. Emile Edde liderava o Bloco Nacional, que se apoiava na ideia da viabilidade de uma nação libanesa formada pela maioria cristã sob a proteção francesa. Do outro lado, estava Bechara al-Khoury, líder do Bloco Constitucional, que apoiava um estado libanês multiconfessional totalmente liberto do domínio francês. O Bloco Constitucional representava os interesses dos grandes comerciantes de Beirute, mas também de um grupo chamado de Novos Fenícios, que acreditavam que a antiga Fenícia poderia ser o denominador comum da identidade confessional libanesa. (MEIHY, 2016).

<sup>50</sup> Inicialmente, a única voz destoante entre as potências vencedoras foi a do presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos, mas que depois acabou sendo convencido pelos Aliados com a promessa de que os árabes iriam, em breve, adquirir sua independência.

Evidentemente, a resolução não foi reconhecida pelas potências ocidentais. Em resposta, França e Inglaterra, reunidas na Convenção de San Remo, em 1920, decidiram impor seus mandatos à força.

O norte da Síria foi submetido à tutela francesa e a parte sul, assim como o Iraque, ficou sob o domínio da Inglaterra. De acordo com Chaieb (1956), em San Remo os Aliados “abandonaram a desfaçatez”, assumiram os desvios de suas promessas e intencionalmente traíram seus compromissos, desrespeitando o direito internacional. Em julho de 1920, o general Gouraud, comandante das tropas francesas de ocupação, enviou a Faiçal uma mensagem em forma de *ultimatum*, que determinava a capitulação e o cumprimento de quatro condições num prazo de quatro dias, a saber: 1) aceitação do Mandato Francês; 2) desmobilização do Exército árabe; 3) ajuste da moeda síria ao franco francês; 4) entrega da estrada de ferro Rayak-Aleppo para sua ocupação posterior.

A fim de salvar a honra da Pátria, o general sírio El-Azmé, ainda que mal armado e com poucos homens, marchou em direção aos franceses em Meisalún, mas foi trucidado. Com isso, teve efetivamente início a ocupação francesa na Síria (CHAIEB, 1956). A Liga das Nações decidiu que a Síria e o Líbano, com suas fronteiras formais ainda não delimitadas, ficariam sob controle francês. Em 1920, a França proclamou o Estado do Grande Líbano, recuperando regiões que não faziam parte do antigo “Mutasarifato” do Monte Líbano (MEIHY, 2016). A questão territorial foi fundamental para os franceses conformarem sua governabilidade. Ao mesmo tempo em que cedeu o norte da Síria aos turcos, a França, incorporou novas terras ao Líbano, “unindo as montanhas à região de Trípoli ao norte; Sidon e Tiro ao sul; e Beirute, garantindo assim a autossuficiência alimentar” ao país (MEIHY, 2016, p.56).

Atiyah (1958, p.120) nota que, desde 1918, um segmento dos cristãos libaneses começou a mudar de atitude em relação à França. Se por um lado uma parte dos maronitas continuava fiel aos europeus (os que negavam suas origens árabes e preferiam ser associados a povos da Antiguidade, como os fenícios), “outra seção (...), chefiada por alguns de seus mais cultos e eminentes mentores, cada vez se sentia mais desiludida em relação à França e se convencia de que o Líbano não podia isolar-se do mundo árabe muçulmano”. Como resultado, surgiu um novo movimento nacionalista árabe, de origem libanesa, que visava integrar cristãos e muçulmanos num mesmo movimento ideológico baseado em concessões recíprocas.

Ainda em 1920, a França, pressentindo o fortalecimento do nacionalismo entre os libaneses, autorizou a formação de um Parlamento e a promulgação de uma Constituição no Líbano, porém sob o controle das autoridades coloniais.

Em Damasco, onde foi formado um governo árabe pró-francês, a agitação permaneceu mesmo depois da expulsão de Faiçal. A essa altura, os principais opositores à política francesa já se encontravam exilados no Egito ou na Europa (KAUFMAN, 2001). Em Genebra, foi fundado o Comitê Sírio-Palestino, cujo objetivo era a unificação em uma nação independente de todos os sírios, libaneses e palestinos, e o fim dos mandatos francês e britânico no Levante.

A resistência árabe continuou. O irmão de Faiçal, Abdullah, ao assumir a guerrilha árabe, procurou os britânicos pedindo apoio, mas foi aconselhado a desistir, alertado sobre a superioridade das forças francesas. A fim de evitar problemas com a França, restou ao Reino Unido oferecer a Abdullah, como uma espécie de prêmio de consolação, um território dentro da sua área de Mandato, na Transjordânia, que Abdullah prontamente aceitou (THIBAUT, 2009).

Até o final de 1921, os franceses reprimiram severamente rebeliões árabes no sul do Líbano e ao norte de Damasco, incluindo a cidade de Aleppo. Nessa época, inclusive, o Brasil recebeu mais um contingente de imigrantes sírios e libaneses<sup>51</sup>. Em 1922, a França, através da Liga das Nações, conseguiu aprovar uma resolução separando definitivamente a Síria do Líbano com a demarcação formal de suas fronteiras.

A Síria, cuja população era de pouco mais de 2 milhões de pessoas, 85% das quais muçulmanas, e que viviam primordialmente nos centros urbanos, ficou com o maior território (CHAIÉB, 1956). O país foi subdividido de acordo com as regiões geográficas onde havia maior concentração de grupos étnicos homogêneos.<sup>52</sup> O Líbano, conforme almejava o patriarcado maronita, foi finalmente formatado pelo Monte Líbano, de maioria cristã, pelas cidades costeiras (Beirute, Trípoli, Sidon e Tiro), de população predominantemente muçulmana<sup>53</sup>, e ainda pela incorporação da região produtora de cereais – o vale do Bekaa e a montanha Amel, no norte da Galileia. Assim se desenhou o Líbano moderno (THIBAUT, 2009).

Segundo seus críticos, o Mandato Francês estimulou a desunião entre os árabes e implantou um regime militar, no qual a desconfiança e a vigilância andavam juntas. Privilégios foram concedidos aos funcionários franceses, que gozavam de ampla influência e poder. O sistema de ensino priorizava o ensino do francês em detrimento da língua e da cultura árabes. A economia da Síria foi destruída com a equiparação da moeda síria ao franco. As empresas públicas, responsáveis pela administração de ferrovias, correios, alfândega e companhias de

---

<sup>51</sup> Inclusive o pai de um de nossos entrevistados, Ahmed Baccar.

<sup>52</sup> Damasco e Aleppo, montanha drusa, Estado Alauíta e o *Sanjak* de Alexandretta (mais tarde repassado à Turquia).

<sup>53</sup> Com exceção de Beirute, de população mista.



abastecimento, também passaram para o controle da administração francesa, que aterrorizava a população com suas altas tarifas e impostos (CHAIEB, 1956).

Portocarrero (1985) e Atiyah (1958) atribuem à longa permanência dos franceses no Líbano e na Síria, bem como à utilização de métodos arbitrários de poder, o descontentamento generalizado dos árabes contra os europeus. Escreve Portocarrero (1985, p.53): “A permanência dos franceses em solo libanês, porém, acabou criando, no espírito cansado da população, certo descontentamento, que foi generalizando e por fim desembocou em verdadeira revolta popular”.

#### 2.4 AS INDEPENDÊNCIAS DA SÍRIA E DO LÍBANO E A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL NA PALESTINA

As reações contra a política francesa não demoraram e violentas rebeliões não tardaram a eclodir por toda a Síria. Em julho de 1925, a população da Montanha dos Drusos<sup>54</sup> puxou a insurreição, que foi seguida por outras províncias. No Líbano, as regiões de Baalbeck, Hermel, Trípoli e Chouf também se rebelaram. O general Weygand reconheceu que as perdas francesas somaram cerca de 9 mil soldados e 250 oficiais. De acordo com Chaieb (1956), em Damasco, onde ocupavam alguns bairros, os franceses cometeram verdadeiras atrocidades, bombardeando e incendiando a cidade, dedicando-se à pilhagem e à matança de cidadãos inocentes. A rebelião foi por fim controlada com a chegada de mais tropas e a prisão de alguns de seus líderes.

Depois da troca do general Sarrail, que reprimiu com excesso de violência os revoltosos, uma nova política de negociações com árabes foi iniciada. Por fim, um acordo de paz foi possível graças a uma negociação que incluiu a formação de um novo Alto Comissariado Francês e o estabelecimento de um regime constitucional no Líbano. Em 23 de maio de 1926, foi aprovada a primeira Constituição da República do Líbano, que adotou um sistema bicameral inspirado na Terceira República Francesa e instituiu o princípio da partilha proporcional de poder entre as comunidades de fé.

Na Síria, os franceses também atenderam a algumas reivindicações, como a união das províncias de Damasco e Aleppo. Contudo, devido à oposição dos libaneses, não conseguiram desmembrar do Líbano, para incorporar à Síria, a cidade portuária de Trípoli e a planície produtora de alimentos de Bekaa (THIBAUT, 2009).

---

<sup>54</sup> No século XI, expulsa do Egito, uma pequena comunidade drusa “se refugiou no Líbano, na região de Wadi-t-Taym. Essa nova seita, fundada pelos Fatímidas do Egito, conquistou rapidamente muitos adeptos nos meios muçulmanos do Líbano e da Síria.” (EDEÉ, 1989, p.212).

Embora tenham sido criadas, por ordem do Alto Comissariado Francês, as nacionalidades síria e libanesa, não houve acordo em torno da permanência das tropas francesas e o impasse se instalou. No entanto, era preciso estabelecer, em consonância com as resoluções internacionais, o direito de opção dos imigrantes em decidir se queriam permanecer com as antigas nacionalidades, ou, quando fosse o caso, se iriam optar pela nacionalidade do território a que ficaram vinculados com a nova divisão (KHATER, 2001). No Líbano, a questão da nacionalidade dos imigrantes levantou um outro problema legal, pois a Constituição não era explícita em relação ao direito de votos desta parcela da população. De acordo com Meihy (2016), a Constituição de 1926 foi transformada em uma mescla jurídica que expunha a instabilidade política de um país repleto de contradições.

Entre 1926 e 1936, teve lugar uma nova fase de negociações que permitiu aos sírios e libaneses maior autonomia e alguma perspectiva de independência. Uma proposta neste sentido foi encaminhada ao Alto Comissariado, que, no entanto, se recusou a submetê-la ao Parlamento francês e pediu a abertura de novas negociações. No período do entreguerras, o governo britânico sustentou o insustentável<sup>55</sup>, assim como a administração francesa em sua tentativa de prosseguir controlando o Líbano e a Síria. No fim de 1939, um novo Alto Comissariado tomou posse reivindicando todos os seus poderes, porém, com a eclosão da Segunda Grande Guerra, as coisas se complicaram ainda mais.

No Iraque, houve uma revolta que terminou com a expulsão dos ingleses e o estabelecimento de uma ordem própria. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e, num primeiro momento, em ambiente de muitas incertezas com a tomada da França pelos alemães e o estabelecimento do governo de Vichy, os ingleses, sabedores de que não poderiam contar com os árabes no caso de uma invasão alemã, reuniram mais tropas vindas da Oceania e, unindo-se aos franceses da França Livre<sup>56</sup>, tomaram o Líbano e a Síria dos franceses de Vichy. No bojo desse movimento, o Líbano finalmente conquistou sua independência, em 1943. A Síria, no entanto, permaneceria sob domínio francês ainda depois da guerra, tornando-se uma nação independente somente em 1946. (KHATER, 2001).

Neste contexto é oportuno citar a criação da Liga Árabe em março de 1945. Essa espécie de confederação de países árabes tinha como objetivo “fortalecer os laços entre os estados

---

<sup>55</sup> Nos referimos aqui a uma política ambígua por parte dos ingleses. Ao mesmo tempo que enviavam Comissões de Notáveis à Palestina para levantar a origem do crescente clima de tensão envolvendo judeus e palestinos, mantinham a promessa feita aos judeus do estabelecimento de um “lar na Palestina”.

<sup>56</sup> Também chamado de França Combatente, França Livre é o nome como ficou conhecido o governo francês no exílio fundado pelo general Charles de Gaulle em junho de 1940. Sediado em Londres, notabilizou-se pelo combate às forças nazifascistas durante a Segunda Guerra Mundial e pela oposição ao Regime de Vichy, aliado dos nazistas.

participantes, coordenar seus programas políticos de forma a proporcionar maior e mais efetiva colaboração entre eles, salvaguardar a soberania e a independência de cada estado e estudar os negócios e interesses em geral dos países árabes<sup>57</sup>” (ATIYAH, 1958, p.166).

Uma das primeiras preocupações da Liga foi a ameaça sionista à Palestina, onde diante do seu crescente poder, os judeus não tardaram anunciar as suas verdadeiras intenções<sup>58</sup>. A sua organização oficial adotou o programa *Biltmore* (elaborado em Nova York em 1942), que pedia a fundação da Palestina como um estado judaico, a criação de um exército nacional e a abertura do país à imigração ilimitada. Durante todo esse tempo, de acordo com Atiyah (1958), os árabes da Palestina nada faziam para se prepararem para o combate que se avizinhava.

Na ONU, a partilha [da Palestina], em 1947, criando o Estado de Israel e o Estado Palestino, intensificou as posturas nacionalistas e o antissemitismo árabe. Sancionada a partilha, a Grande Sinagoga de Aleppo, na Síria, foi incendiada, fato que chocou os judeus, pois no templo, possivelmente o mais antigo do mundo, guardavam-se manuscritos preciosos. (MIZRAHI, 2003 p.166)

Apesar de toda tensão na região, em 15 de maio de 1948, a Inglaterra retirou suas tropas da Palestina o que precipitou uma guerra entre judeus e árabes<sup>59</sup>. A Liga Árabe interveio na Palestina empregando tropas de alguns de seus estados-membros, entre eles o Egito, a Jordânia, o Iraque e a Síria. O Líbano possuía apenas uma pequena guarnição; a Arábia Saudita e o Iêmen, especialmente os sauditas, só puderam contribuir com apoio financeiro. (ATIYAH, 1958)

De acordo com Atiyah (1958, p.178) “os árabes, que na primeira fase da guerra mostraram superioridade, alcançaram algumas vantagens a ponto de obrigarem os judeus a renderem-se na parte nova de Jerusalém”. Foi quando as Nações Unidas decretaram um cessar-fogo de quatro semanas. Ainda segundo o mesmo autor, durante este tempo, “mesmo debaixo do nariz dos observadores das Nações Unidas; graças às muitas ligações que tinham em todos os países europeus, conseguiram contrabandear para a Palestina armas de todos os tipos, inclusive uma força aérea completa”. Desta forma, quando a guerra recomeçou, bastaram alguns meses para que os israelitas vencessem os exércitos árabes, “já de si minados pela desunião<sup>60</sup>” (ATIYAH, 1958, p.179).

<sup>57</sup> Esses interesses seriam no campo financeiro e econômico, mas também em áreas como: comunicações, temas culturais ou relacionados com nacionalidades passaportes, vistos etc., além de assuntos relacionados com questões sociais e saúde pública.

<sup>58</sup> Os judeus, organizados, fizeram pressão e conseguiram formar em 1944 uma brigada judaica incorporada na força expedicionária britânica, obtendo assim um exército de milhares de sionista com treinamento e experiência militar.

<sup>59</sup> Na tarde de 14 de maio, isto é, um pouco antes de o mandato expirar oficialmente, os judeus proclamaram o Estado de Israel, que o presidente Truman, dos Estados Unidos, se apressou a reconhecer.

<sup>60</sup> Além da derrota militar e das perdas territoriais, uma verdadeira catástrofe se abateu sobre o povo palestino quando quase um milhão de pessoas foram forçadas a se refugiar na Jordânia, no Líbano, na Síria e no Egito, abrindo uma nova etapa de imigração internacional, inclusive ao Brasil e especialmente no Rio Grande do Sul.

Em relação aos nacionalismos árabe, sírio e libanês, cabe chamar a atenção para a dificuldade em se falar de nacionalismo em países que não se viam como tal, pelo menos até a segunda década do século XX. Tanto no Líbano como na Síria, a identidade de seus habitantes se ligava a tribos ou à religião da aldeia a qual pertenciam, e não havia, salvo em raras ocasiões, uma visão mais abrangente em termos da definição de fronteiras políticas de um determinado território. O nacionalismo árabe, que surgiu durante a Revolta de 1916, está ligado às supostas glórias passadas do califado e das dinastias árabes, e busca reviver o seu período áureo, a partir do século VII, quando o império árabe foi considerado um dos maiores do mundo. Já o nacionalismo libanês vincula-se à força da religião maronita, que historicamente domina as montanhas do Líbano, local de refúgio e resistência contra a expansão árabe (GELVIN, 1999).

Tanto libaneses quanto sírios desenvolveram seus nacionalismos a partir da rejeição comum à dominação estrangeira, porém, ambos não tiveram suas origens na ideia de Estado-Nação, tal como verificado na Europa a partir do século XVIII<sup>61</sup>. Foi, portanto, somente a partir dos eventos ocorridos no início do século XX que a Síria e Líbano começaram a desenvolver identidades nacionais próprias, ainda que de forma instável e precária, uma vez que esses países tiveram suas fronteiras e nacionalidades determinadas por mandatários estrangeiros, pouco familiarizados com suas realidades (KHATER, 2001). Manifestações de nacionalismo árabe irão se refletir também nas terras da imigração, conforme veremos adiante.

## 2.5 SÍNTESE DOS FATORES QUE CONDUZIRAM SÍRIOS E LIBANESES À EMIGRAÇÃO

No fim do século XIX e início do XX, grandes levas de emigrantes árabes fugiram das províncias otomanas da Síria, Palestina e Monte Líbano e se estabeleceram na África, Oceania e nas Américas, ainda que muitos deles tivessem partido com a intenção de voltar. Esses emigrantes eram, em sua maioria, libaneses maronitas e sírios melquitas. Alguns fatos descritos anteriormente ajudam a explicar e justificam tanto a diáspora quanto o fato de ser este um deslocamento primordialmente de cristãos, embora também incluísse muçulmanos de diversas confissões e ainda, em menor número, judeus árabes.

O domínio do Império Turco-Otomano mediante decretos restritivos à liberdade de expressão e, acima de tudo, a extensão do serviço militar obrigatório, bem como vários conflitos

---

<sup>61</sup> Benedict Anderson (2008) define o nacionalismo como “comunidades imaginadas”, ou seja, aquilo que ocorre quando os componentes de uma mesma comunidade, por menor que seja, apesar de não conhecerem a maioria de seus membros, ou mesmo tendo jamais ouvido falar deles, porque, independentemente de desigualdades reais entre seus membros, o que prevalecia em cada um deles era o sentimento concebido como camaradagem profunda e horizontal.

envolvendo os grupos religiosos, são apontados como as principais causas da emigração. Além disso, no Líbano e Síria, o capitalismo desarticulou a indústria artesanal local, cujo produto principal era a seda, através da competição japonesa possibilitada pela abertura do canal de Suez (PINTO, 2010).

As pressões econômicas e militares exercidas pelas potências ocidentais sobre o cambaleante Império Otomano, assim como as reformas introduzidas por este no esforço final para recuperar seus territórios, criaram um clima desfavorável à convivência harmoniosa entre muçulmanos e cristãos. Além disso, a mentalidade ocidental de parte dos moradores das regiões autônomas, como, por exemplo, do Monte Líbano, exacerbou a incompatibilidade entre o regime turco e a realidade desses territórios, onde a explosão demográfica tornava mais escassas as terras e dificultava a exploração de seus recursos naturais (THIBAUT, 2009).

A indefinição política após a saída dos turcos e a continuação do regime colonial, agora sob domínio francês, foram outros fatores a provocar o fenômeno migratório sírio-libanês. De acordo com Thibaut (2009), na época, líderes cristãos e muçulmanos tentaram encontrar uma fórmula consensual de divisão do poder no Líbano e na Síria, mas a evolução do componente demográfico entre as diferentes comunidades confessionais libanesas acabou por inviabilizar a iniciativa e é considerada uma das principais causas das crises políticas do país, o que também terminou por gerar expressivos deslocamentos de sua população.

A proximidade da comunidade maronita com os franceses no Líbano gerou uma série de reações entre os muçulmanos, o que também precipitou a migração. Já o Reino Unido, de acordo com Gattaz (2007), através do anglicanismo, buscou fortalecer os drusos, enquanto os franceses apoiavam os maronitas e os russos defendiam os gregos ortodoxos, acirrando conflitos étnicos que também geraram migrações forçadas (THIBAUT, 2009).

No início do século XX, os esforços do Império Otomano para manter a hegemonia em suas províncias árabes, através de reformas de caráter político-confessionais, precipitaram sobremaneira a continuidade da saída de cristãos do Oriente Médio. Além disso, a aproximação do conflito mundial e a decisão dos turcos de recrutar cristãos para seus exércitos aumentou ainda mais a saída dessa população em direção a outros países, especialmente Brasil e Argentina. Por outro lado, houve historicamente um número significativo de retornos, que muitas vezes ultrapassou o de partidas. Ao longo do tempo, verificou-se também uma variação no perfil do emigrado, como veremos a seguir. Os períodos dos dois conflitos mundiais registram um declínio, de modo geral, nos fluxos migratórios. Diversos autores creditam à educação religiosa de jovens sírios e libaneses, patrocinadas por escolas cristãs e missões religiosas do Ocidente, o fato de elas terem inculcado no imaginário cultural da classe média

valores ocidentais que predispôs esses jovens a emigrar. Muitos intelectuais sírios e libaneses, por sua vez, formados nessas escolas, diante da impossibilidade de se tornarem profissionais liberais em seus países, e dos obstáculos a sua incorporação à administração muçulmana, também preferiam emigrar em busca de melhores oportunidades de vida.

### **3 O BRASIL E A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

#### **3.1 A IMIGRAÇÃO EUROPEIA**

O presente capítulo situa o leitor no início da etapa republicana da história nacional. Na época, que corresponde ao fim do século XIX e início do século XX, milhões de estrangeiros, quase todos viajando na terceira classe dos navios de carga e de passageiros, desembarcaram no Brasil na qualidade de imigrantes.

A primeira grande fase migratória da Europa para as América teve lugar entre os anos de 1800 e 1880. Os países que então mais atraíram força de trabalho do Velho Mundo foram, pela ordem, Estados Unidos, Argentina, Brasil e Canadá. Na origem do fenômeno estiveram presentes fatores como fome, pobreza, guerras e revoluções, assim como perseguições étnicas, políticas e religiosas. A eles não escaparam as populações de diversos países europeus, mas também do Oriente Médio, cujos territórios viviam a etapa final de um império colonial ao qual estiveram submetidos durante vários séculos (KLEIN, 1999).

Além desses aspectos, Klein (1999) atribui influência determinante ao fator demográfico para a ocorrência das migrações europeias. Embora as proles fossem numerosas, o crescimento populacional na região permaneceu limitado à ordem de 0,5% ao ano durante muito tempo. A “transição demográfica” aconteceu quando as taxas de mortalidade infantil começaram a cair. A implementação de saneamento básico nas cidades, a disseminação de campanhas de vacinação em massa, sobretudo contra a varíola, e o aumento da produção de alimentos também tiveram papel preponderante na explosão demográfica observada na Europa. Estima-se que só os avanços verificados na alimentação “asseguraram o aumento populacional, com margens de 1% ao ano, (...) a partir do século XVIII na França e Inglaterra”, o mesmo sendo observado a partir do século seguinte em outros países do continente (KLEIN, 1999, p. 15).

Durante a primeira metade do século XIX, o número de estrangeiros que entrou no Brasil foi reduzido. De todo modo, até por volta de 1880, o país absorveu uma pequena, porém importante parcela de imigrantes, principalmente vindos da Alemanha e do norte da Itália. Quase todos eram agricultores. Eles buscaram evitar as áreas de trabalho escravo e se instalaram preferencialmente em áreas de clima temperado, ao sul de São Paulo.

A política migratória brasileira começou logo após a Independência através de lei promulgada em janeiro de 1823. O dispositivo fazia distinção entre os cidadãos portugueses e os de outras nacionalidades, mas a todos era concedida a residência no Império. Como não havia muitos estrangeiros de outras nacionalidades no país, “a lei foi concebida especialmente

para os lusitanos, dando-lhes acesso à cidadania plena, desde que jurassem fidelidade ao Império”. (MENDES, 2011, p.64).

O Brasil participou mais intensamente do processo migratório internacional após o fim da escravidão em 1888. Como observa Diegues Jr. (1964, p.22), “tão logo o trabalho escravo entrou em declínio, ou se sentiu sua fraca presença em algumas regiões do Brasil, a imigração se desenvolveu”. O objetivo era que os imigrantes substituíssem a mão de obra escrava sobretudo nas lavouras de café, cuja produção para exportação era responsável pela principal fonte de recursos externos do país. Subsidiariamente, travava-se um intenso debate entre as elites nacionais sobre o sentido da modernização nacional, a qual, como pregavam algumas autoridades eugenistas da época, só seria possível mediante a implementação de um processo civilizador que incluísse o entrecruzamento dos elementos europeus com os brasileiros de origem mestiça, produzindo, com isso, o branqueamento da população e o aprimoramento da “raça”.

Cafeicultores da Região Sudeste, ávidos por novas frentes de lavoura, foram os principais incentivadores da imigração (CAPELLO, 2004). O país, recém-saído do sistema escravocrata, era essencialmente agrário e marcado por uma cultura na qual os privilégios surgiam como pesada herança do período da colonização. A realidade no campo caracterizava-se pela presença de grandes propriedades rurais, onde, de forma geral, era praticada a monocultura para exportação.

Os dados demográficos das primeiras décadas republicanas revelam que entre 1890 e 1920 o Brasil recebeu mais de 1 milhão de imigrantes. Em 1890, havia 351.545 estrangeiros no país, ao passo que em 1920 esse saldo havia subido para 1.565.961 (ZAMBERLLAN, 2009). Segundo dados extraídos dos censos e anuários oficiais, os anos entre 1890 até o fim da década de 1920, a quantidade de estrangeiros subiu de 2,5% para 5,2% do total da população residente no país. No período de imigração em massa, entre 1900 e 1910, a quantidade de estrangeiros chegou a representar 7,3% de uma população total de 33.568.000 pessoas.

Portugueses, espanhóis, italianos, alemães, russos, poloneses, japoneses, suíços e austríacos foram as principais etnias que entraram, em levas, no país (WEBER, 2010a). As etnias mais numerosas se espalharam por vários estados, como foi o caso dos italianos, que se fixaram no Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Espírito Santo, ou dos alemães, que preferiram Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Os japoneses concentraram-se majoritariamente em São Paulo, mas também podem ser encontrados no Paraná e no Pará, ou pulverizados em pequenos núcleos rurais por todo o país.



De acordo com Diegues Jr. (1964, p.26), desde 1819, “quando chegaram (...) os primeiros imigrantes – os suíços encaminhados para Nova Friburgo – até o ano de 1959, entraram 5.536.035 pessoas” na condição de imigrantes no país. A participação dos portugueses representou o maior movimento migratório com pouco mais de 31% do total. A liderança lusitana cedeu lugar apenas em dois momentos: o primeiro, entre 1889 e 1914, quando foram suplantados pelos italianos; e o segundo, entre 1931 e 1939, quando foram superados pelos japoneses.

Depois dos portugueses, os italianos aparecem em segundo lugar, com 29% dos estrangeiros entrados no país, e em seguida os espanhóis, com 12,5%. Em quarto lugar, figuram os alemães<sup>62</sup>, que “contribuíram com 4,64% da imigração” no período. Em quinto lugar, aparecem os japoneses, posição bastante significativa, considerando-se o pouco tempo de imigração expressiva que tiveram, ente os anos de 1931 e 1939, quando cessou a chegada deste grupo. Os russos, muitos dos quais poloneses com passaporte russo, e poloneses, considerados como um só grupo, ocupam o sexto lugar, responsáveis por 2,27% dos estrangeiros que vieram para o país (DIEGUES JR., 1964).

Diegues Jr. (1964) sustenta que o processo migratório brasileiro apresentou diferenciações ou características próprias segundo as várias regiões do país.<sup>63</sup> O Sudeste e o Sul receberam quase que totalidade dos imigrantes europeus. No Rio Grande do Sul, onde já se praticava o trabalho livre e a lavoura de subsistência em colônias rurais, a imigração ganhou contornos próprios, quando comparada ao observado em outros estados. Seyferth (2000, p.145) reforça essa visão, ao afirmar que se, no Sudeste a mão de obra era necessária “para as grandes plantações, a colonização no Sul do país foi preconizada para resolver dois problemas cruciais: abastecimento e povoamento.” Um exemplo disso aparece na análise da palavra "colono", que tem significado diferente nos dois contextos.

De acordo com Seyferth (1990), a ideia de colônia no Sul do Brasil significava um microcosmo familiar que está na base do surgimento de um *ethos* camponês específico. Regina

---

<sup>62</sup> O número de alemães que o Brasil recebeu varia de fonte para fonte. Lisboa (2011) estima que, entre 1824 e 1940, entraram de 235 mil a 280 mil alemães no país. Já Claudia Mauch (1994), embora destaque a precariedade dos dados estatísticos por não levar em conta o número de pessoas que retornaram a seus países ou que emigraram novamente, calcula que, entre 1850 e 1909, entraram no Brasil, em média, 15 mil alemães em cada década. O maior fluxo ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, durante os anos 1920, quando o Brasil recebeu pouco mais de 75 mil alemães.

<sup>63</sup> Os cafeicultores paulistas, por exemplo, tinham maior interesse na contratação de famílias do que de trabalhadores solteiros do sexo masculino, uma vez que os grupos familiares estavam na base da produção de suas lavouras (KLEIN, 1999). Mais tarde, a partir da virada do século XIX para o XX, a imigração urbana, ou dirigida às cidades onde se concentravam as indústrias emergentes, o comércio e os serviços (destacando-se São Paulo, Rio de Janeiro e também Porto Alegre), passou a ser uma alternativa para jovens solteiros, sobretudo portugueses, espanhóis, italianos e sírio-libaneses.

Weber (2010a) sugere que esse *ethos* familiar específico de cada uma das etnias, que nas colônias convivem tão próximas, terá grande influência nas representações étnicas formuladas mesmo depois, num outro contexto histórico de uma sociedade mais urbanizada.

### 3.2 SÍRIOS, LIBANESES E AS ESTATÍSTICAS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO

As estatísticas da imigração brasileira entre 1880 e 1969 mostram que, enquanto portugueses representavam 31% das migrações, italianos 30%, espanhóis 14%, japoneses 5% e alemães 4%, os imigrantes do Oriente Médio totalizavam somente 3%<sup>64</sup>, tendo iniciado sua entrada no Sudeste do país a partir de 1890<sup>65</sup> (LESSER, 1999).

Os dados sobre a chegada ao Brasil de cidadãos do Oriente Médio são, entretanto, muito imprecisos, sobretudo porque até 1892 todos eles (sírios, libaneses, palestinos e turcos) eram classificados indistintamente como turcos. (KNOWLTON, 1960; TRUZZI, 1997; CAPELLO, 2004). Na verdade, como demonstra Capello (2004), até 1908 todos os imigrantes do Império Otomano eram classificados no Brasil como “turco-árabes”<sup>66</sup>. Por conseguinte, conclui o autor, torna-se “totalmente impossível ter à disposição dados estatísticos confiáveis acerca do número de imigrantes especificamente sírios ou libaneses” até esta época (CAPELLO, 2004, p.34). Apesar dessa dificuldade, como observa Pimentel (1986, p.121), “tanto antes como depois de 1892 a imensa maioria dos imigrantes registrados como turcos eram, de fato, sírios e libaneses”<sup>67</sup>.

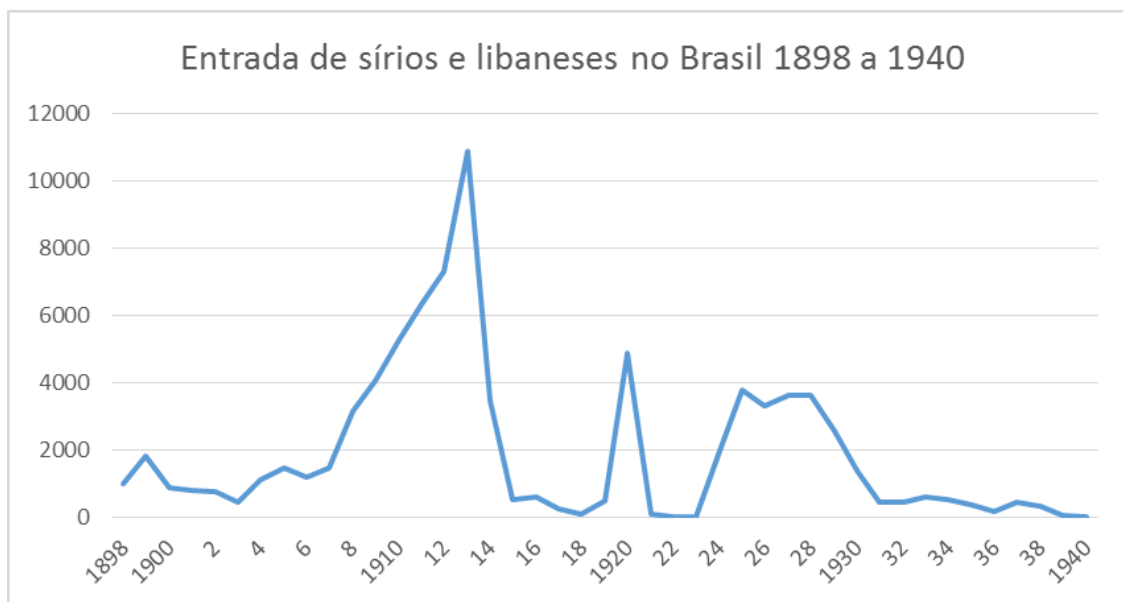
O gráfico abaixo apresenta os dados oficiais de ingresso anual de sírios e libaneses no Brasil entre 1898 e 1940.

<sup>64</sup> Segundo Capello (2004), a imigração levantina não foi prevista pelas governantes brasileiros, que sequer a esperavam. Jeff Lesser (2001) lembra que os sírio-libaneses não eram exatamente o modelo de imigrante esperado pelas autoridades, que preferiam os europeus. Nos entanto, na ausência de leis que lhes barrassem a entrada, eles foram chegando.

<sup>65</sup> Na década anterior, sírios, libaneses e palestinos, a exemplo do que fizeram os judeus marroquinos e outros imigrantes do norte da África, acompanhando o clico da borracha e de outras riquezas do extrativismo amazônico, exploraram a região como “regatões”, espécie de ambulantes que vendiam suas mercadorias em pequenas embarcações ancoradas nos barrancos dos rios (LESSER, 1999).

<sup>66</sup> Pinto (2010), citando levantamento realizado por Natália Rodrigues Mendes no Arquivo Nacional, menciona também o uso frequente de gentílicos como “otomano”, “levantino”, “árabe” e, eventualmente, “sírio”, sendo que, a partir de 1904, o termo “sírio” começou a suplantar o uso de categorias mais genéricas como “turco” e “levantino”.

<sup>67</sup> As duas nacionalidades – síria e libanesa – “foram incluídas numa única categoria pelas autoridades brasileiras até 1926, ano em que o Líbano se separou da Síria”. (CAPELLO, 2004, p.5). Lesser (2001) calcula que aproximadamente 90% da imigração levantina vinha do que é hoje a Síria e o Líbano

**Gráfico 1 – Entrada de sírios e libaneses no Brasil (1898-1940)**

Fonte: Universidade do Brasil (1950).

A análise do gráfico mostra que entre 1898 e 1910 entraram no país 22.516 imigrantes sírio-libaneses, com destaque para o ano de 1910, quando foi registrado o ingresso de 5.257 pessoas. Entre 1911 e 1920, chegaram ao país 34.793 imigrantes, 45% a mais que na década anterior, com destaque para o ano de 1913, quando foram computadas 10.886 entradas. Durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, o fluxo migratório diminuiu drasticamente. De acordo com os dados oficiais, estima-se que no Brasil permaneceram pouco mais de 50 mil sírios e libaneses antes do fim da Primeira Guerra Mundial, quando o transporte marítimo do Mediterrâneo às Américas praticamente cessou. Com a retomada da navegação no Atlântico no início dos anos 1920 e o Mandato Francês já tendo se consolidado na Síria, houve um momentâneo aumento da imigração, da ordem de 5 mil ingressos, no primeiro ano da década, para cair em seguida e só se reerguer depois da Grande Revolta de 1925 no Líbano, quando foi contabilizado o ingresso, em média, de aproximadamente 4 mil pessoas por ano até 1930. Ao longo de toda a década de 1920<sup>68</sup>, o número total de ingressos de sírios e libaneses no Brasil caiu para 13.128<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> Os relatórios consulares franceses sugerem que na década de 1920 havia cerca de 130 mil imigrantes sírios e libaneses em São Paulo e em Santos; 20 mil no Pará; 15 mil no Rio de Janeiro; 14 mil no Rio Grande do Sul; e 12 mil na Bahia. (LESSER, 2001).

<sup>69</sup> Entre 1921 e 1923 não houve registro oficial de ingresso de sírios e libaneses no Brasil. Isso se deveu ao fato de não haver ainda, na época, definição sobre o *status* da Síria e do Líbano sob o Mandato Francês, o que só se efetivou em 1923.

Após a vitória da Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder, uma nova política migratória foi estabelecida no país. Por meio do Decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, o governo brasileiro limitou a imigração<sup>70</sup> aos estrangeiros já domiciliados no Brasil, àqueles cujos ingressos fossem solicitados pelo Ministério do Trabalho e, em certas condições, aos trabalhadores especializados (PIMENTEL, 1986). A adoção do sistema de cotas,<sup>71</sup> somada à depressão econômica, provocou uma redução substancial do fluxo imigratório em geral. No caso específico dos sírios e libaneses, entre 1930 e 1940, a média de entradas no Brasil ficou entre 100 e 500 por ano, totalizando no fim do período a chegada de apenas 3.399 pessoas. Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esses números tornaram-se ainda mais reduzidos (NUNES, 1986).

Apesar da imprecisão das estatísticas<sup>72</sup>, como já mencionado, é certo que nos períodos de 1895 a 1914, nos anos 1920 e no pós-1945, registraram-se as entradas mais expressivas desses imigrantes no país. No conjunto, os dados disponíveis contabilizam o ingresso de 57.020 pessoas entre 1895 e 1914, de somente 2.693 entre 1914 e 1919 e de 42.210, de 1920 a 1930, totalizando 101.923 imigrantes (ALMEIDA, 2000). Clark Knowlton (1960) estima em 106.184 o número total de imigrantes árabes que veio para o Brasil entre 1884 e 1943. Já Manuel Diegues Junior (1964), contabiliza a entrada de 98.090 sírios e libaneses entre 1889 e 1959. Giralda Seyferth (1990), por sua vez, registra o número de 79.509 indivíduos entre o início do século XIX e o ano de 1947.

Knowlton (1960) demonstra que a imigração sírio-libanesa, quando confrontada com a de outras etnias, foi a que apresentou maior índice de regresso à terra natal<sup>73</sup> e também o maior número de ingresso de homens jovens e solteiros. As condições sociais, políticas e demográficas em curso na época, tanto no Oriente Médio quanto no Brasil, proporcionaram um encontro entre esses imigrantes árabes e um país em pleno desenvolvimento, com um projeto

---

<sup>70</sup> O termo “imigrante” foi redefinido pelo Decreto nº 24.215, de 9 de maio de 1934, e passou a designar aquele que vinha ao Brasil para exercer um ofício ou profissão por mais de 30 dias; o não imigrante, por sua vez, era quem permanecia no país por até 30 dias. Essa definição foi considerada insatisfatória, e por conta disso, quatro anos depois, a legislação foi novamente alterada pelos decretos nº 406, de 4 de maio de 1938, e nº 2.010, de 20 de agosto de 1938, que estabeleceram agora as categorias “permanente” e “temporário”. Os classificados como temporários passaram a ser os turistas, viajantes em trânsito; e os permanentes, os que constituíssem lar definitivo no país (KNOWLTON, 1960; SIQUEIRA, 2002).

<sup>71</sup> O regime de cotas consistia no estabelecimento, por parte das autoridades brasileiras, de um determinado número de autorizações de ingressos no país por etnia. As cotas eram estabelecidas pela fixação de uma porcentagem do número total de ingressos de uma determinada etnia conferida nos censos nacionais anteriores.

<sup>72</sup> A discrepância é tão significativa que no Líbano, país de onde sírios e libaneses partiram rumo às Américas, segundo Elie Safa (1960), o número de sírios que embarcaram para o Brasil chega à cifra de 350 mil pessoas. O mesmo autor contabiliza 400 mil sírios e libaneses nos Estados Unidos e 300 mil na Argentina entre o fim do século XIX e meados do século seguinte.

<sup>73</sup> O fato evidencia que a maior parte não tinha o intuito de emigrar, mas sim fazer algum dinheiro e retornar para seus países de origem (TRUZZI, 1997; NUNES, 1997; LESSER, 2001; KARAN, 2005).

de construção e povoamento em andamento, e cujas práticas comerciais ainda eram limitadas e arcaicas.

### 3.3 OS ÁRABES NO BRASIL: IDENTIDADE, INTEGRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO

Segundo Weber e Bosenbecker (2010), a memória de um grupo, como a dos imigrantes e descendentes de sírios e libaneses, é escrita pela análise de seus modos de agregação internos e de suas relações com outros grupos; de organização de entidades e associações; de constituição de lideranças étnicas que formulam valores identitários, tanto para o grupo quanto para os não membros; de manifestações de divisões étnicas na esfera econômica, etc. Numa linha de raciocínio complementar, Oliveira (2010, p.12) lembra que

a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Ao decidirem o que deverá ser lembrado e o que deverá ser esquecido, os indivíduos acabam demonstrando o controle de um grupo sobre outro. Memória individual e coletiva, portanto, se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

Pinto, ao formular seu quadro interpretativo da imigração árabe no Brasil, considera que alguns mitos foram cultivados nas narrativas de pesquisadores desta imigração, os quais, segundo o autor, “tematizam a pobreza, opressão e intolerância religiosa do Império Otomano”. Para Pinto, tais mitos da imigração “não derivam da ‘verdade’ ou ‘falsidade’ dos temas, mas têm a finalidade de dar sentido, unidade e coesão à origem comum do grupo social, que é por natureza heterogênea”. (PINTO, 2010, p.19).

Segundo ele, isso se aplica muito bem em relação aos sírios e libaneses e a suas memórias, que identificam na repressão turca a motivação que encontraram para emigrar. A opressão turca, no entanto, defende Pinto, era indireta e simbólica, em muitos casos. Segundo ele, as relações entre as minorias, o poder local e o comando colonial comportavam diferentes eixos transversais em termos identitários. Por exemplo: havia o corte árabe + muçulmanos + cristãos em oposição à cultura turca invasora/dominadora, mas também muçulmanos + turcos + árabes, em contraposição ao Ocidente cristão/imperialista. Poderiam ainda ser citadas outras combinações do tipo “nós contra eles”, de várias ordens: étnicas, sociais, religiosas, mas o fator político, aliado ao étnico e à luta pelo poder, era o que preponderava desde a derrota dos turcos no Levante em 1916/1918 (PINTO, 2010).

Outra construção do imaginário que teve a função de dar unidade às trajetórias dos imigrantes árabes no Brasil foi a representação heroica da figura do mascate sírio-libanês como indivíduos desbravadores e integradores do território nacional, o que permitiu a esses

imigrantes negociar a legitimação de sua presença na sociedade brasileira (PINTO, 2010). Truzzi (1999, p.333) sustenta que o mascate “constituiu a única base possível de identidade coletiva de uma colônia fragmentada”, ao que Meihy (2014, p.20) acrescenta não haver “dúvida de que os anos de atividade comercial foram fundamentais para a socialização dos árabes no Brasil. A possibilidade de cativar o freguês com um falso desconto ou com a venda a crédito diminuiu a distância social entre o brasileiro e o imigrante”, uma vez que “somente o comércio não seria capaz de permitir tão densa assimilação cultural.”.

Grande parte da população brasileira vivia em áreas rurais e sem acesso a novidades, mercadorias e ao comércio livre em geral. Em muitas propriedades rurais, havia apenas a vendinha do patrão. Ali, sem outra opção, o colono comprava ou negociava seus produtos e excedentes na prática do escambo por gêneros. Frente a esse quadro, escreve Truzzi (1997, p.58):

Não há dúvida, portanto, que os sírios e libaneses operaram, na qualidade de pioneiros, uma revolução nas práticas comerciais. De fato, eles arejaram o comércio, redefiniram as condições de realização do lucro para todo o setor, ao buscarem compensar a redução da margem de lucro por unidade, aumentando a quantidade vendida; ao buscarem uma alta rotatividade no estoque; ao inaugurarem a promoção de liquidações; ao reinvestirem os lucros no próprio negócio; e, finalmente, de um modo geral, ao dedicarem maior atenção às necessidades do consumidor. Por tudo isso, não seria demais afirmar que foram eles que, no Brasil, inventaram o comércio popular (...).

Os sírio-libaneses fizeram do comércio uma via de integração e assimilação cultural, além de seu meio de vida. Trabalhar como ambulante durante anos para depois se estabelecer com uma casa comercial, proporcionando boa educação aos filhos, com muito trabalho e economia, era o empreendimento principal. Os anos de mascateação serviram para o imigrante observar as paragens, reconhecer um vilarejo onde era bem tratado ou um bairro onde encontrava boa acolhida. Escolhia, acima de tudo, um lugar que lhe oferecesse vantagens como aluguel barato, proximidade de estradas, ferrovias ou rios para o transporte de mercadorias, mas também por estar próximo a outros patrícios ou parentes. Acomodavam-se quando havia economias suficientes, geralmente em um lugar que lhes oferecesse as condições ideais (TRUZZI, 1997).

A identidade nacional de cada imigrante, independentemente do seu local de origem, no caso dos sírios e libaneses, era o “turco”, de forma que dele era esperado que fosse mascate ou dono de pequeno comércio. O “turco” simbolizava a implantação do trabalho livre e o uso privado dos lucros dele provenientes.

A opção feita em massa pelos sírios, que decidiram pelo ramo de aviamentos, armarinhos e tecidos, de acordo com Knowlton (1960) e Truzzi (1999), possibilitou controlar

desde a distribuição até a fabricação de alguns produtos têxteis e acessórios de costura. Associar a identidade ao comércio de tecidos e armarinhos também somou com o estereótipo do mascate comerciante, verdadeiro desbravador, empreendedor e negociante.

Mais tarde, eles experimentaram ou se expandiram para os ramos da estamperia, na produção de tecidos em larga escala, projetando a etnia na indústria. Somados aos representantes comerciais e contratos com outros distribuidores, quase todos eles patrícios, muitos até parentes entre si, lançava-se uma rede por sobre todo o país, controlando muito do mercado desses produtos em nível nacional. Além disso, tirando vantagem desta espécie de rede, comerciantes sírios e libaneses podiam se unir para fazer compras de modo a obter melhores preços no arremate de lotes de matéria prima, pleitear financiamentos e dar em garantia bens comuns, para obter desconto junto a bancos e outros fornecedores (VILELA, 2009).

Esses elementos marcaram a memória do grupo de forma inconfundível: a lojinha do “turco”, o mascate sírio, o armazém do libanês. A imagem dos árabes como perfeitos empreendedores tornou-se muito popular no Brasil inteiro. Diegues Jr. (1964), analisando os dados do censo de 1950, conclui que, embora os sírios e libaneses tenham sido o oitavo grupo em número de imigrantes presentes no Brasil, ocupavam a quarta posição quando o critério é o número de sócios de empresas por etnia, perdendo apenas para os italianos, espanhóis e portugueses. Porém “tomando-se a proporção de empresários sobre o total de imigrantes da etnia, os sírio-libaneses passam à primeira colocação, com índices de duas a três vezes superiores aos dos demais grupos”. (GATTAZ, 2007, p.46).

Também as disputas e debates nacionalistas ocorridos no Levante durante as décadas de 1910 e 1920 envolvendo as diversas etnias e confissões religiosas, como lembra Pinto (2010), contribuíram para formar verdadeiras “comunidades imaginárias” entre os imigrantes. Isso fez com que os árabes se mobilizassem em torno dos diferentes projetos nacionalistas, como a Grande Síria (que incluía o Líbano, a Transjordânia e a Palestina); ou o Grande Líbano, que somava ao Monte Líbano outras regiões do Líbano atual. De acordo com Logroño-Narbona (2007, p.42),

estabelecer conexões transnacionais com o Oriente Médio através do nacionalismo sírio ou libanês era a única forma de “negociar” a sua presença na sociedade brasileira como representantes de cidadãos de uma “nação” reconhecida pela comunidade internacional.

Assim, essas lutas internas arrebataram os imigrantes sírios e libaneses no Brasil, que tiveram suas identidades fragmentadas. Como veremos adiante, em Porto Alegre, por exemplo, uma parte deles, formada por cristãos maronitas, se afastou dos demais libaneses e dos sírios

ortodoxos e muçulmanos para fundar o clube Sociedade Libanesa e a entidade assistencial Sociedade de Mulheres Monte Líbano. O mesmo aconteceu com os sírios que, ao fundarem a Sociedade Síria do Rio Grande do Sul, o fizeram adotando um sentido mais amplo para o termo “árabe”, identificado então com a ideia de “pan-arabismo”, que advoga que o árabe deve se instruir para escapar do obscurantismo religioso<sup>74</sup>. (SATTOUF, 2015).

Revelou-se natural, portanto, que os acontecimentos no Oriente Médio mobilizassem os milhares de imigrantes sírios e libaneses no Brasil. A questão do apoio ao Mandato Francês no Líbano ou, pelo contrário, a militância pela independência dos países árabes no Levante foram os assuntos que mais mobilizaram os sírios radicados em solo brasileiro entre 1916 e 1920, manifestando-se inclusive através dos jornais impressos em árabe publicados no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

O primeiro jornal da colônia árabe no Brasil foi o *el-Faiáb*, fundado em Campinas em 1895. Em 1902, podiam ser lidos três jornais em São Paulo e mais dois no Rio de Janeiro. Becker (1958) nos traz a informação que, no Rio Grande do Sul, os imigrantes de quase todas as etnias queriam lançar um jornal em sua língua pátria, mesmo que fosse bem modesto. Ele lembra que, para os idiomas com caracteres em latim, tal tarefa era fácil, mas para os árabes, gregos e ucranianos havia muita dificuldade, tanto é que o primeiro jornal árabe de Porto Alegre, de acordo com o autor,

apareceu somente em 1909, após quase 30 anos do início da imigração sírio-libanesa. (...) Ostentava o título *As utilidades* e foi fundado por Sumeiman Zughbi. O segundo jornal denominou-se *O caçador*, lançado em 1913 por José Khouri Mahfuz. Em dezembro de 1917, Elias Terbai e José Nahas fundaram outro periódico, *O vigilante*, e, depois da primeira guerra mundial, a diretoria do Clube Sírio Libanês lançou o jornal *O Cedro*. Foram todos pequenos, mas não deixaram de constituir uma iniciativa importante e elogiável desta então ainda pequena comunidade que se fixara entre nós. (BECKER, 1958, p.320).

Em 1914, já circulavam no país 14 periódicos, além da clássica publicação mensal *Al-Ushba al-Andalusiyya* (Liga Brasileira Novo Andaluz), reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade dos seus textos e que colocou a imigração levantina no Brasil na vanguarda cultural do mundo árabe (LESSER, 2001).

Safady (1972) listou 50 jornais e revistas árabes publicadas entre 1896 e 1950 no Rio de Janeiro. Já Pinto (2010) classificou diversos jornais de acordo com suas linhas editoriais. O *El-Hamra* (O Vermelho), de 1913, por exemplo, era simpático à tutela da França sobre a Síria e o Líbano. O nacionalismo sírio encontrava meio de expressão no *Suria al-Jadida* (A Nova

---

<sup>74</sup> Importante pontuar que as sociabilidades dos grupos de sírios e de libaneses [maronitas] de Porto Alegre, como veremos no capítulo final, sofreu grande influência da política exterior francesa, mas também do papel que as lideranças étnicas tiveram nessas comunidades.



Síria), de 1918, e o nacionalismo árabe no *Al-Tasahul* (A Tolerância), fundado em 1919, e no *Al-Arzat* (Os Cedros), editado desde 1916 pela Sociedade Cedro do Líbano e renomeado em 1922 como *Arzat Lubnan* (Cedros do Líbano)<sup>75</sup>. Existiam ainda jornais satíricos, como o *Al-Fanus*, que publicava caricaturas.

Como se pode ver, os jornais árabes desempenharam um papel muito importante na manutenção dos laços dos imigrantes com as suas terras e culturas de origem, ao mesmo tempo em serviam como veículos de atualização da situação política no Oriente Médio. Fervores nacionalistas, república árabe, sultanato islâmico, pan-arabismos, fenicianismos e até mesmo Estado da Palestina era ideias recentes, algumas com pouco mais de um século desde que tinham sido propostas pela primeira vez. No Brasil, foram os jornais árabes que ajudaram a propagar esses conceitos entre os imigrantes, precipitando a escolha de cada um deles por uma determinada ideologia ou tendência política.

As instituições literárias da colônia árabe, embora tenham passado por um período clássico até o fim da década de 1920, não prosperaram contudo no sentido de acompanhar a evolução e o desenvolvimento da imigração sírio-libanesa, especialmente a partir da segunda geração (nascida entre 1920 e 1940), tampouco serviram como plataforma de crescimento empresarial, o que teria facilitado a sobrevivência de muitos intelectuais e jornalistas árabes impedidos de exercer os seus ofícios na terra da imigração.

Intelectuais e jornalistas sírio-libaneses tinham acompanhado a corrente migratória em diversos locais das Américas. Eles deixaram o Oriente Médio muitas vezes perseguidos e com suas vidas imersas em refregas de toda ordem. No Brasil, só escreviam em idioma árabe e por isso sofriam grande limitação de renda e emprego. Os que resistiam ao desemprego aceitavam contratação por ricos comerciantes muitas vezes contrários à sua ideologia, colocando-se a serviço dos ideais políticos de seus patrões e publicando editoriais em revistas e jornais que também eram sustentados por eles (KNOWLTON, 1960). Truzzi (1999, p.341) chama a atenção para o fato de que

em geral, os ricos da colônia nada tinham de intelectuais. Eram homens rudes, enriquecidos entre as asperezas de muita labuta. Em função disso, mantinham relações ambíguas com os intelectuais, apreciando poder dar-se ao luxo de ter praticamente a seu serviço um homem letrado.

---

<sup>75</sup>Safady (1972, p.305) lembra que, até o fim da Primeira Grande Guerra, havia uma linha de pensamento entre alguns intelectuais sírio-libaneses que tentava ligar a identidade árabe ao Império Otomano, sendo que o movimento contava com a adesão de dois jornais que publicavam editoriais pró-otomanos, o “*Al-Miqra’a* (A Chibata), fundado em 1914 por Salim Labaki e *Al Uthmani* (O Otomano), fundado em 1915 por Kais Labaki”. De acordo com Pinto (2010, p.85), imigrantes e descendentes de sírios e libaneses, “para se contrapor às acusações de barbárie e atraso cultural [derivada do termo ‘turco’] vão se apresentar como herdeiros da civilização árabe-islâmica, ressaltando sua contribuição para própria cultura europeia.”

Segundo o autor (1999 p.341) “o processo de adensamento e diferenciação da colônia não apenas estratificou seus membros” de acordo com o padrão de riqueza que alcançaram. “Seus próprios líderes mantiveram relações diferenciadas, mais ou menos estreitas” com o restante da colônia, “dependendo do grau de necessidade que precisavam se manter próximos para sustentarem seus *status* mais elevados”. Isso significa dizer que “ao contrário dos empresários bem-sucedidos, líderes religiosos e intelectuais tinham, em geral, a necessidade de cultivar laços mais estreitos com a comunidade”. No caso destes últimos, eles dependiam da classe empresarial para exercer o seu trabalho. Nesse contexto, “os intelectuais tenderam a ocupar-se como jornalistas de frágeis periódicos, (...) que tiveram duração efêmera”.

De acordo com Ortiz (1998), diferentes autores concordam que a identidade de povo historicamente colonizado e periférico no sistema internacional constituiu-se num aspecto comum a brasileiros e imigrantes sírios, assim como, para pelo menos uma parte deles, a devoção ao messianismo cristão revelou-se como ponto de contato e aproximação entre os dois mundos. Não é à toa, portanto, que Thomas Csordas (2004, p.168), vê na fé religiosa um elemento que compõe a identidade de um grupo. Segundo este autor, a religião pode funcionar como um “ponto de encontro dos sujeitos” que se dedicam a ela com devoção.

No caso dos imigrantes sírio-libaneses, a grande maioria, ao aqui chegar, foi trabalhar como mascate ou nas lojas de patrícios. Por força das atividades que exerceram foram eles, certamente, os estrangeiros que tiveram o maior contato direto com o povo, com o brasileiro das vilas, das fazendas e do comércio miúdo das cidades. O corpo foi o maior capital desses imigrantes. Os árabes levavam suas malas de mercadorias nas costas, usavam as pernas para andar léguas a fio e os braços para mostrar seus produtos ao povo. O corpo, transportado do Oriente Médio ao Brasil, era o grande potencial e avalista da liberdade para eles. Através dele construíram seus patrimônios, sua autonomia individual, sua capacidade de adaptação e seu alto poder de mobilidade.

Em geral, eram homens rudes e pobres, imersos num mundo onde viviam com o mínimo. Esses imigrantes, por força das circunstâncias, reduziram seus valores mais caros ao essencial: suas tradições e costumes. Ainda assim, muitas vezes, tiveram de sublimar a própria língua, a roupa, o alimento que comiam e até mesmo a religião que professavam para se adaptar à vida na nova terra. O caminho da assimilação até a integração não foi mesmo fácil.

Normalmente, quando enriqueciam, muitos voltavam-se para a questão da identidade árabe-brasileira. Tratavam então de se naturalizar por se sentirem totalmente integrados ao país, mas também como uma forma de tentar escapar do estigma de “turco”. Para outros, apoiar a França em sua pretensão colonialista sob o Levante era “negociar sua presença na sociedade

brasileira como representante de cidadãos de uma ‘nação’ reconhecida pela comunidade internacional.” (PINTO, 2010, p.86).

No início da década de 1950, os sírios e libaneses já haviam consolidado a identidade brasileira e efetuado sua acomodação entre as demais etnias que conviviam na sociedade nacional desde o início do século. A interação entre árabes e brasileiros era tão grande que, com o passar do tempo, o contato genético com outros grupos tornou-se uma realidade evidente, vislumbrando-se o caminho da diluição integral na hibridez representada pelo cadinho brasileiro contemporâneo<sup>76</sup>. Isso se deveu à integração completa do descendente de árabes na cultura nacional, às misturas interétnicas através de matrimônios, mas também à ausência de novos núcleos coloniais, causado pelo esgotamento do modelo migratório nos anos 1930.

Mesmo tendo chegado depois<sup>77</sup>, se comparado aos imigrantes europeus, a inserção do imigrante sírio-libanês na sociedade brasileira foi mais rápida do que a dos outros grupos. A eles foi dado de antemão o direito à igualdade, ou seja, o de ser um brasileiro legítimo e igual aos outros, ainda que com uma identidade em muitos aspectos diversa. Como argumenta Hall (2003, p.83),

as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *differance* em sua própria constituição. Sua integração vertical e as suas tradições de origem coexistem como vínculos laterais estabelecidos com outras “comunidades” de interesse, prática e aspiração, reais ou simbólicos. Os membros individuais, principalmente as gerações mais jovens, são atraídas por forças contraditórias. Muitos “estabelecem” seus próprios acordos ou os negociam dentro e fora de suas comunidades.

Os imigrantes árabes trouxeram do Oriente Médio seus projetos de vida e suas identidades ligadas à religião, à família e ao território que deixaram para trás. Aqui, para sobreviver, tiveram de assimilar conhecimentos e hábitos novos, formas de convívio, e também novos valores. Eles refizeram seu espaço vivido no Brasil quando trouxeram seus aromas, suas ervas, seus costumes, que, de uma maneira ou de outra, foram sendo captados e ressemantizados pelas gerações posteriores.

As etnias que chegaram ao Brasil nos séculos XIX e XX e mantiveram casamentos dentro do grupo, pelo menos por uma geração, como são os casos de alemães, italianos,

---

<sup>76</sup> À medida que o tempo passa, as chamadas “elites” e outros “quatrocentões” vão dando lugar a novas fortunas, que se dividem em novas visões de mundo e oportunidades vão surgindo assim como novos desejos e visões estéticas. Hall (1992) demonstra que, à medida que os sistemas de significação e representações culturais se multiplicam e se expandem, envolvendo outros parceiros e padrões relacionais, somos confrontados por uma crescente multiplicidade de cambiantes identidades possíveis em cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

<sup>77</sup> No Rio Grande do Sul, por exemplo, sem considerar os açorianos ou portugueses, os alemães detêm a primazia por terem sido aqueles que chegaram primeiro, seguidos pelos italianos.

poloneses e japoneses, e também dos sírios e libaneses, formularam seus próprios mecanismos de integração à vida nacional, ficando plenamente inseridos, embora preservando uma identidade “estrangeira” que lhes diferenciava. Cabrera (2001, p.99) tem, portanto, razão, ao dizer que “a tradição está presente na construção dessas “novas paisagens na América. É importante considerá-la porque a percepção que o indivíduo tem seu lugar de origem é que vai guiá-lo no momento em que constrói o seu novo espaço, o seu novo modo de vida”.

## 4 A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO RIO GRANDE DO SUL

### 4.1 A COLONIZAÇÃO EUROPEIA

Antes da chegada das grandes levas migratórias na segunda metade do século XIX, a população da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul era de 110 mil habitantes. Até então, a colonização do atual estado gaúcho fora feita essencialmente por açorianos (1740), alemães (1824) e italianos (1875) (STAWINSKI, 1976). Fundamental tinha sido também a contribuição laboral do “forçado imigrante africano” para o avanço da economia da pecuária na Campanha e das charqueadas na região de Pelotas. Segundo Zamberllan (2009), em 1780 já havia 5.100 trabalhadores negros, e até 1840 esse número chegaria a representar 1/3 da população gaúcha.

O impacto demográfico da imigração alemã no Rio Grande do Sul até o início da década de 1870 não foi suficiente para reverter uma situação que ocorria desde os primeiros tempos da ocupação do território gaúcho. Assim, a metade sul, que inclui a depressão central da província, se a ela somarmos a capital, Porto Alegre, era a mais densamente povoada. Em 1872 – antes, portanto, da chegada de levas migratórias mais volumosas<sup>78</sup> –, os cinco municípios mais populosos situavam-se nessa porção da província, conforme se pode ver na tabela abaixo:

**Tabela 1 – Municípios gaúchos mais populosos (1872)**

Município	População
Porto Alegre	24.914
Bagé	21.768
Pelotas	21.258
Rio Pardo	21.177
Rio Grande	21.062

Fonte: Monastério e Zell (2004).

Três décadas depois, o quadro demográfico gaúcho apresenta os seguintes dados: “Em 1900, sua população representava 6,6% da população brasileira (...), passando de 1,1 milhões para 2,1 milhões em 1920, representando 7,2% da população nacional. Esse crescimento se [deveu] em grande parte à imigração.” (SOUZA, 2007, p.8). A população estrangeira passou de pouco menos de 40 mil pessoas em 1890, para mais de 150 mil em 1914<sup>79</sup>.

O gráfico abaixo mostra que o quadro demográfico no Rio Grande Sul foi altamente impactado pela imigração estrangeira, principalmente italiana, portuguesa, polonesa, espanhola e, sobretudo, a germânica, que não parou de aumentar até a década de 1930.

<sup>78</sup> Nesse ano o Rio Grande do Sul foi o terceiro destino de imigrantes no Brasil, ficando atrás apenas de Rio de Janeiro e Minas Gerais (DIEGUES JR., 1964).

<sup>79</sup> Segundo Alvin (1999), esses dados devem ser, contudo, relativizados. De acordo com o autor, até 1882 as estatísticas de entrada de imigrantes no sul do país eram praticamente inexistentes.

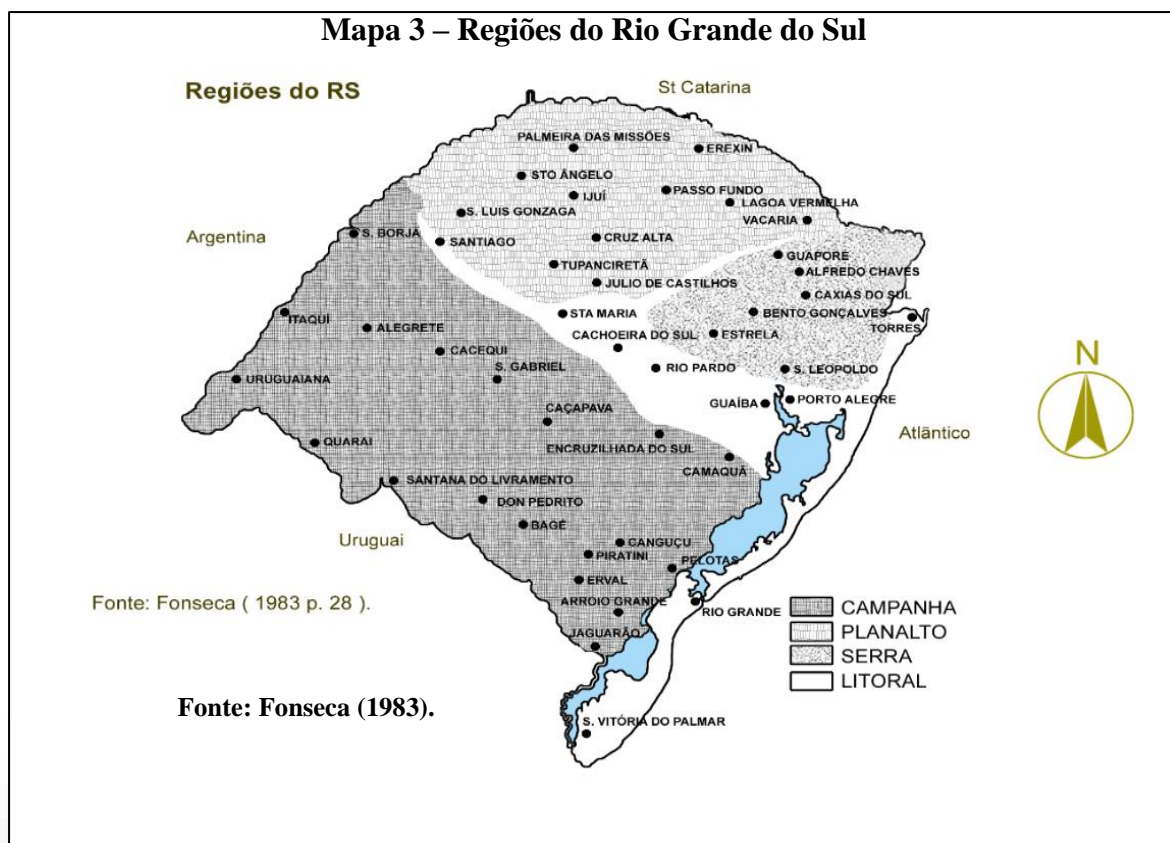
**Gráfico 2 – População estrangeira no Rio Grande do Sul (1872-1940)**

**Fonte: Censos do IBGE.**

Em terras gaúchas, a imigração esteve subordinada à política de Estado, que promovia o povoamento e a colonização de terras devolutas, atraindo mão de obra europeia. Para a realização deste projeto, o governo brasileiro aplicou vários meios, incluindo a estratégia de arregimentação e aliciamento de pessoas pobres da Itália e da Polônia em busca de oportunidades. Na Europa, companhias de navegação, na expectativa de atrair viajantes dispostos a atravessar o oceano e se fixar no Novo Mundo, propagandeavam as vantagens da vida no continente americano, provocando, com isso, uma verdadeira “febre imigratória” (BORGES, 1993). Naturalmente, as coisas não se passavam exatamente assim. Farina (1992, p.28) descreve as dificuldades que a aventura impunha já na partida:

A travessia do oceano era feita através de navios superlotados sem as mínimas condições de higiene, iluminação precária, calor sufocante, deficiência alimentar, enjoos, distúrbios intestinais, gripes, pneumonias, escorbuto, promiscuidade de homens, mulheres e crianças amontoados, imundícies (ratos, baratas, pulgas, moscas). Por vezes o navio parecia mais um hospital nauseabundo do que um meio de transporte. Muitos sucumbiam e eram simplesmente jogados ao mar.

Sandra Pesavento (1989, p.138) analisa a situação econômico-social do Rio Grande do Sul como dois complexos distintos de acumulação. O primeiro e mais antigo, formado pela pecuária tradicional, inclui as regiões da Campanha, Missões e o litoral marítimo lagunar. O segundo complexo abrange “as áreas de imigração alemã e italiana (Vale do Rio dos Sinos, encostas da Serra e Porto Alegre).” O mapa abaixo representa nitidamente essas duas regiões, além de áreas atípicas, conforme descrevemos abaixo:



Fonseca (1983) desenha uma divisão para o estado que compreende a metade sul, quase sem a marca migratória, incluindo-se nela as fronteiras, com as cidades de Livramento, Uruguaiana, Jaguarão e Alegrete; e a região da Campanha, onde estão as cidades de Caçapava e Bagé. Na metade norte, o autor localiza a Serra Gaúcha e suas encostas, onde estão situadas as colônias italianas e alemãs mais antigas, mas também as novas colônias, em suas bordas mais afastadas. Ainda na metade norte está a área correspondente ao Planalto, que encampa os Campos de Cima da Serra, com as cidades de Lagoa Vermelha, Vacaria e Passo Fundo; e a noroeste, passando por Erechim, Palmeira das Missões e Santo Ângelo, já na região das Missões. A região litorânea, que vai de Torres até Santa Vitória do Palmar, inclui a região lagunar com Pelotas e Rio Grande. O mapa acima mostra, além da capital, as cidades de Cachoeira do Sul, Santa Maria e Santiago, inseridas em uma espécie de vale central, que se liga ao Litoral Lagunar como faixas atípicas de terra.

Em algumas regiões do estado, notadamente na metade norte, desenvolveu-se um tipo peculiar de comunidade camponesa que, desde o século XIX, baseia-se na pequena propriedade. O objetivo maior com as áreas de colonização rural era a produção de alimentos e para isso era necessário redimensionar o uso da terra. Paris (1999) salienta que, no Rio Grande do Sul, a

imigração era necessária para a revitalização da agricultura, com ênfase na cultura do trigo, abandonada desde 1820.

Com o tempo, os núcleos coloniais mais antigos foram se transformando em municípios pequenos e médios, nos quais a atividade econômica mais importante tornou-se a indústria. A formação desses núcleos urbanos, onde se desenvolveu um processo de diversificação econômica, foi de fundamental importância para a adaptação de muitos imigrantes europeus (SEIFERTH, 1990).

De acordo com Pesavento (1989), a virada do século XIX para o XX marca o aprofundamento do processo de transição capitalista na sociedade brasileira. Herrlein Jr. e Dias (2004) sustentam que a diversidade histórica das formações regionais brasileiras implicou que os processos de constituição dos mercados urbano-industrial assumissem contornos específicos nas diversas regiões do país.

Em relação aos alemães, de acordo com Seyferth (1990), o ingresso deles no Rio Grande do Sul foi de 1.000 a 2 mil indivíduos por ano, em média, entre 1850 e 1940. Em 1858 o médico alemão Robert Avé-Lallemant, em visita à província, escreveu o seguinte sobre Porto Alegre:

(...) a reminiscência nórdica não se restringe apenas ao alto da cidade de Porto Alegre, de onde se pode contemplar a grande distância. Desce também à parte comercial. Ali em toda a parte se vê gente de raça loura perambulando. A cada momento se vê um alemão transitando, a cada momento se vê um nome alemão sobre as portas das casas e se ouve a fala rude da língua do Holstein e do dialeto pomerânio até o bávaro renano. Deve haver em Porto Alegre uns 3 mil alemães, ao passo que em toda a cidade não tem mais de 20 mil habitantes. (*apud* NOAL FILHO, 2004, p.110).

Jean Roche (1969, p.771) classifica como audaciosa a colonização alemã no estado. Primeiro, porque os núcleos se encontravam isolados na floresta, às vezes longe dos rios navegáveis, e porque corriam o risco de declinar; “depois e, sobretudo, porque a opinião pública da província considerava essas empresas uma dilapidação dos dinheiros públicos, deplorável em caso de fracasso, e perigoso em caso de sucesso”.

Também de acordo com este autor, a vocação comercial dos alemães foi percebida desde a fundação das colônias. A venda dos seus produtos representava a garantia de sobrevivência dos colonos. Na falta de feiras e mercados, eles efetuavam trocas e os negociantes foram seus únicos agentes. Nesse aspecto, deve-se destacar o poder comercial dos teuto-brasileiros, fenômeno explicado por serem eles o grupo mais antigo, mas também pela rede comercial rural que construíram.

Os negociantes da capital estabeleceram fortes laços com os comerciantes rurais alemães e com os próprios colonos, mas também estreitaram laços com empresas da Alemanha, que, de fornecedoras, passaram à condição de clientes. As empresas alemãs na capital gaúcha,



por exemplo, contratavam caixeiros viajantes que já podiam tirar vantagens dos novos meios de transportes para acessar o interior (ROCHE, 1969; MAUCH, 1994; LISBOA, 2011).

Os alemães ocuparam as margens da Lagoa dos Patos, onde fundaram a colônia de São Lourenço do Sul<sup>80</sup> e fixaram-se nas ricas planícies cortadas pelos rios dos Sinos, Caí, Gravataí, Jacuí e Guaíba (STAWINSKI, 1976). Os produtos coloniais eram escoados por via fluvial até Porto Alegre.

Não foram só camponeses, depauperados pela situação econômica de seus países, que emigraram. O Rio Grande do Sul também viu chegar alguns homens de letras e intelectuais, artistas, artesãos, refugiados políticos, professores, profissionais liberais e militares mercenários, muitos deles contratados pelo Império do Brasil para lutar na campanha contra Juan Manuel Rosas durante a Guerra do Prata (1851-1852), entre eles, Joseph Hörmeyer, Carlos Von Koseritz, Carlos Jansen e Herrmann Wendroth, que faziam parte do grupo de jovens soldados alemães, de bom nível intelectual, que ficaram conhecidos como os *brummers*<sup>81</sup> (SEIFERTH, 1990; FLORES, 2004).

A acumulação de capital proveniente do comércio, e depois investida na indústria, tornou os alemães ainda mais exitosos. Os chamados “capitães de indústria”<sup>82</sup>.

No final do século XIX, o Rio Grande do Sul também recebeu colonos italianos, austríacos, russos, ucranianos e poloneses, que ocuparam glebas na fronteira noroeste do estado. A chegada dos italianos em 1875 foi a que causou maior impacto. Deste último ano até 1914 entraram no Rio Grande do Sul entre 80 mil e 100 mil italianos (DE BONI e COSTA, 1984). Os italianos, escreve Souza (2007, p.8),

se instalaram no nordeste do Rio Grande do Sul. Ao chegar, limpavam o mato, depois cultivavam milho, trigo, soja e cevada; criavam animais para a obtenção de carne, couro, leite, ovos, banha, toucinho, presunto e queijo; plantavam árvores frutíferas, destacando-se videiras, que viria a construir com o vinho a sua principal atividade comercial; a produção era artesanal, mas difundiu-se rapidamente formando capitais para oficinas e indústrias; da extração de pinheiro, cedro, ipê, angico e cabreúva, vieram as indústrias da madeira e mobiliário.

Em 1875, foram fundadas três colônias italianas no Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, não muito longe da capital. Em 1877, em homenagem ao senador do Império e futuro presidente da província, Gaspar Silveira Martins, foi fundada a colônia Silveira Martins, perto de Santa Maria, que ficaria conhecida como a “Quarta Colônia”. O

---

<sup>80</sup> Para entender em detalhes a criação de uma dessas colônias particulares, e o “negócio” que era a implementação desses assentamentos, ver Weber e Bosenbecker (2010).

<sup>81</sup> “Resmungões”, ou “criadores de casos”, em tradução livre.

<sup>82</sup> Proprietários e industriais de origem alemã que no Rio Grande do Sul faziam investimentos juntos, como no caso da fundação das Lojas Renner, da Viação Aérea Rio-Grandense (Varig) e das Indústrias Gerdau, entre outras.

núcleo inicial foi composto por 70 famílias provenientes do Vêneto, que subiram o rio Jacuí até a cidade de Rio Pardo, percorrendo o restante do caminho em carros de boi. No início da década de 1880, começou o loteamento das terras do além-Antas, criando-se as colônias Antônio Prado e Alfredo Chaves, atual Veranópolis. Apesar de distante dos demais núcleos de imigração italiana, a região era fértil e muito propícia ao cultivo de uva e tabaco (PARIS, 1999).

O escoamento da produção agrícola, em virtude do isolamento geográfico das colônias, revelou-se extremamente complicado. Nas mais antigas, por exemplo, as mercadorias eram transportadas pela força da tração animal “desde o alto da serra até São Sebastião do Caí, onde, por via fluvial, (...) era[m] levada[s] até a capital” (HERÉDIA, 2014, p.131). Essa situação somente começaria a ser alterada na primeira década do século XX, quando os trilhos da malha ferroviária estadual finalmente chegaram às colônias italianas<sup>83</sup>.

No início, os colonos italianos escolhiam o lote de sua preferência, pagando à vista o preço fixado de acordo com o regulamento da colônia, conforme estipulava a Lei de Terras em vigor desde 1850. Aqueles que compravam terras a prazo recebiam títulos provisórios ou de designação de lotes. Os italianos trabalharam na abertura de estradas e picadas, na construção de barracões, em troca de somas que eram investidas em novas terras. Essa modalidade de trabalho assalariado lhes permitia ganhar em dinheiro para pagar as dívidas existentes.

Herédia (2001) informa que a dívida dos colonos com a colônia era relevante devido às dificuldades iniciais enfrentadas, que não permitiram que eles a saldassem nos primeiros anos. Desta forma, a chamada Comissão Liquidadora da Dívida Colonial, que era subordinada à Comissão de Terras, atuou, até 1894, com a finalidade de saldar a dívida dos colonos. Para os imigrantes que compraram a prazo era adicionado o valor de 20% e o pagamento deveria ser feito em cinco prestações iguais a partir do segundo ano. Àqueles que finalizassem seus débitos antes do prazo final estabelecido era concedido um abatimento de 6% do valor total da dívida<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Iniciada em 1874, a construção da ferrovia gaúcha ganhou novo impulso uma década depois com a inauguração do trecho entre Bagé e Rio Grande, via Pelotas, por iniciativa da Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway. Em 1887 foi inaugurado o trecho ligando Barra do Quaraí a Uruguaiana, estendida, em 1888, até Itaqui, e que servia basicamente ao porto de Montevideu, aumentando as ligações econômicas entre a região da Campanha e o Prata. Em dezembro de 1890, foi concluído o trecho até Cacequi. Quatro anos depois, a linha férrea foi estendida até Cruz Alta e, à medida que a construção ia avançando, também foi atingido o município de Passo Fundo, em dezembro de 1898. Em 1900, Bagé interligou-se com Porto Alegre via São Gabriel, com ramal para Uruguaiana. Em outubro de 1910, a estrada de ferro atingiu o rio Uruguai, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, o outro extremo desta estrada chegou a Porto Alegre, atravessando o estado no sentido leste-oeste (FRANCO, 1959; SOUZA, 2007).

<sup>84</sup> Esses títulos continham a exata descrição das confrontações do lote, as distâncias e os rumos das linhas divisórias, a superfície quadrada e os nomes das áreas confrontantes, as condições e o ônus. Se o colono não se estabelecesse no lote com a morada habitual, e cultura efetiva, no prazo de dois anos perderia o direito ao mesmo lote que poderia ser vendido em hasta pública (HERÉDIA, 2001).

O desenvolvimento dessas colônias foi constante, passando a comportar um número crescente de oficinas artesanais, embriões de futuras fábricas. A colônia Caxias do Sul destacou-se das demais. Seu rápido crescimento transformou-a “em um centro de produção agrícola e de intercâmbio comercial (...), vindo a adquirir, mais tarde, uma feição marcadamente industrial”. (HERÉDIA, 2001, p.3). Esta autora descreve assim o processo de industrialização das colônias italianas:

As primeiras indústrias que surgiram na colônia foram de perfil tradicional: a vinícola, a metalúrgica, a indústria de alimentos, a extrativa manufatureira de madeira e a têxtil. A formação dessas indústrias refletiu a presença da cultura italiana na região, através da mão de obra artesanal, da disposição para o trabalho, do espírito empreendedor, da acumulação de capital e da existência de pequenas poupanças. O processo de industrialização da zona colonial italiana contextualiza as condições socioeconômicas enfrentadas pelos imigrantes italianos na fase inicial de ocupação.

Os italianos, apesar de terem chegado depois dos alemães, foram mais numerosos. Em 1914, o estado contava com 66.901 italianos entre os 154.682 imigrantes. Em 1898, depois de São Paulo, o Rio Grande do Sul era o estado brasileiro com o maior número de italianos (HERÉDIA, 2001). Levando-se em conta que o índice de fertilidade por casal era acima de três filhos, os imigrantes e seus descendentes, fixados em áreas coloniais, depois de usarem a terra até exauri-la, deslocaram-se para outras áreas, as últimas devolutas do estado.

Os colonos italianos se caracterizavam, em solo gaúcho, por uma vida circunscrita à sua comunidade de origem, mantendo escolas e casamentos dentro do próprio círculo, especialmente nos núcleos urbanos que fundaram.

Quanto à imigração polonesa, Wonsowski (1976) explica que os contingentes desses imigrantes eram provenientes de duas porções da Polônia: uma que pertencia à Prússia e outra à Rússia. Os que vieram da parte prussiana chegaram quase na mesma época que os italianos; já os poloneses provenientes da parte russa chegaram ao estado em fins de 1889.

Stawinski (1976) informa que em 1890 e anos subsequentes registrou-se um êxodo em massa de imigrantes poloneses a encaminharem-se para a América. Da região dominada pela Rússia, emigraram 85.548 poloneses, munidos de passaportes russos. Farina (1992) traz a informação de que, na década de 1890, entraram no Brasil 29.226 poloneses, todos eles católicos. Indica também que 95% do contingente era formado por agricultores pobres e somente 5% por artesãos. De acordo com Paris (1999), a maioria deles fixou-se no Rio Grande do Sul.

Algumas cidades gaúchas contavam com números expressivos de imigrantes que preferiram se estabelecer em núcleos urbanos, tais como espanhóis<sup>85</sup>, italianos<sup>86</sup>, portugueses<sup>87</sup> e judeus, além dos sírios e libaneses, que estudaremos a seguir (SEIFERTH, 2000). Porto Alegre recebeu uma massa considerável de imigrantes, que vieram com uma dinâmica diversa daquela dos camponeses assentados em áreas rurais do estado. Muitos que chegaram principalmente da Itália, Alemanha, Portugal, Espanha e Europa Central já eram comerciantes e vieram com algum capital. Outros chegaram a Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria ou Rio Grande para trabalhar como operários, técnicos ou artesãos.

Quanto aos imigrantes judeus oriundos da Europa, é importante destacar que, de acordo com Blumenthal (2001), em 1904 chegou ao estado um contingente com predominância turca que se radicou nos centros urbanos. Nesse ano, foi fundada a Colônia Philippon por judeus do leste e do norte da Europa, em terras adquiridas pela *Jewish Colonization Association*<sup>88</sup>. A colônia era servida por ferrovia e estava localizada no centro do estado, perto de Santa Maria, que absorveria sua produção agropastoril.

No interior do Rio Grande do Sul, em fins do século XIX, o fenômeno da remigração se dava através dos descendentes de colonos assentados nas colônias antigas, que eram atraídos às cidades, mas também a novas áreas de terras destinadas à colonização, especialmente na região do Alto Uruguai, no noroeste do estado<sup>89</sup>. Giralda Seyferth (1990) pontua que, em relação aos imigrantes alemães e italianos, a característica principal do sistema de colonização, pelo menos até o final do XIX, foi seu isolamento e homogeneidade étnica, no qual o elemento brasileiro era mínimo. Como resultado desse processo, o estado apresenta núcleos com razoáveis populações de descendentes de italianos e alemães que permaneceram por amplo período isolados no interior desses núcleos. Assim, podemos imaginar a quantidade de população com características não luso-brasileiras, vivendo da terra e cultuando suas próprias tradições e

---

<sup>85</sup>De acordo com Martínez (1999, p.250), de 1890 a 1914, “(...) existiam vários núcleos de imigrantes espanhóis: Porto Alegre, Pelotas, Uruguaiana, Bagé e Santana do Livramento, com aproximadamente 10 mil residentes no total, a maioria galegos”.

<sup>86</sup>Núncia Constantino (2008) contabilizou cerca de 13 mil italianos nas cidades gaúchas no fim do século XIX: cerca de 6 mil em Porto Alegre; 4.600 em Pelotas; 1.000 em Bagé e Santo Antônio da Patrulha; 600 em Livramento; 500 em Uruguaiana e 300 em Itaqui.

<sup>87</sup>Examinando a presença dos portugueses no Rio Grande do Sul, Dante Laytano (1958) informa que, em 1940, havia 6.127 lusitanos no estado, a maioria residindo em Porto Alegre, Pelotas e Bagé.

<sup>88</sup>Em 1911-1912, foi fundada, entre Passo Fundo e Erechim, a Colônia Quatro Irmãos, com famílias deslocadas da Argentina e da Bessarábia. No ano seguinte, mais 150 famílias vindas da Rússia se instalaram em centros urbanos. A Colônia João Hirsch foi fundada em 1926 por judeus da Lituânia e da Polônia. Também foram fundadas, respectivamente, Baronesa Clara (ou Chalé), com 60 famílias da Polônia e Lituânia, e as colônias Pampa e Rio Padre, com mais 20 famílias da Lituânia que entraram entre as décadas de 1920 e 1930 (BLUMENTHAL, 2001).

<sup>89</sup>Para uma descrição e análise de todo o processo econômico das antigas e das novas colônias, ver Roche (1969).

costumes, o que, certamente, com o passar do tempo, marcou a identidade e a maneira de ser do gaúcho.

#### 4.2 A IMIGRAÇÃO ÁRABE

Foi justamente nesse cenário das últimas décadas do século XIX que começaram a chegar as primeiras levas maiores de jovens sírios, libaneses e palestinos ao Rio Grande do Sul. A maior parte deles, depois de certo tempo comerciando de maneira ambulante, se concentrou nas maiores cidades. A chegada de sírios e libaneses coincidiu com uma boa fase da indústria saladeira no sul, com o desenvolvimento comercial e industrial da capital, e também com a instalação das chamadas “colônias novas”, os novos núcleos de colonização, públicos ou particulares, implantados em áreas não exploradas ao norte e noroeste do estado. De acordo com dados da década de 1940, apesar da grande mobilidade apresentada, do total desses imigrantes, uma parcela aproximada de cerca de 20% se espalharam pelo interior<sup>90</sup>.

Outros imigrantes, quase todos muçulmanos, vindos de locais de fala e cultura árabe, como palestinos, egípcios, iraquianos e jordanianos, com características semelhantes aos sírios e libaneses, chegaram ao Rio Grande do Sul no início da década de 1920, alguns deles ainda antes da constituição dos mandatos da França e do Reino Unido no Levante. Eles exerceram a mascateação ou tornaram-se proprietários de pequenos comércios, principalmente nas maiores cidades.

De acordo com Manoelito de Ornellas (1999), autor de *Gaúchos e beduínos*, a origem, senão parte da herança cultural do gaúcho, é árabe. Segundo o autor, tal influência foi trazida ao sul do continente americano pelos “maragatos”<sup>91</sup>, colonizadores no vizinho Uruguai via ocupação castelhana. Ornellas sugere que depois da derrocada final do último califado árabe na Península Ibérica, um considerável número de islamitas<sup>92</sup> se estabeleceu na província espanhola conhecida como “Lar dos Maragatos”, e de lá embarcaram para o sul da América do Sul. Os maragatos seriam, conforme explica o autor, de ascendência moura, e teriam trazido sua cultura

---

<sup>90</sup> As estatísticas nacionais de 1940 contam 1903 indivíduos de origem sírio-libanesa no estado, assim, cerca de 380 deles se fixaram no interior.

<sup>91</sup> De acordo com as explicações de Ornellas (1956), o termo “maragato” (talvez do latino *moro feito* ou *moro hablante*) refere-se aos moradores da província de León, Espanha, que deu seu nome à região de Maragatería. Um grupo de maragatos emigrou para a Banda Oriental, fundando a cidade de San José de Mayo (Departamento de San José), no atual território do Uruguai. Por esta razão, os habitantes daquela região recebem o gentílico de “maragatos”. De San José de Mayo, muitos maragatos europeus se transformaram em gaúchos, colonizando outras áreas do território da Banda Oriental, incluindo territórios do atual Rio Grande do Sul. Isso explica por que a Revolução Federalista de 1893 foi chamada, no Brasil, de “Revolução dos Maragatos”.

<sup>92</sup> Gilberto Freyre (1980) refere-se aos maometanos espanhóis como “moçárabes”, cristãos convertidos ao Islã depois de séculos de domínio mouro na Península Ibérica.

às terras argentinas, uruguaias e sul-rio-grandenses. Segundo Ornellas, os árabes constituem parte do fundo sociográfico do gaúcho platino e rio-grandense.

Esses imigrantes viveram durante séculos no intercuro das rotas comerciais, em contato com o povo que habitava a Península Ibérica. Ornellas também em seu trabalho analisa a adaptação do português e do espanhol, que, nos pampas, onde o meio e o clima são diferentes dos da Península Ibérica, assumiram um novo perfil, adaptando os costumes e hábitos trazidos do Velho Continente à nova realizada em que se inseriram. Gilberto Freyre descreve assim a contribuição de árabes e mouros para o desenvolvimento da economia colonial brasileira:

E não só o algodão, o bicho da seda e a laranjeira introduziram os árabes e mouros na Península: desenvolveram a cultura da cana-de-açúcar, que transportada depois da Ilha da Madeira para o Brasil, condicionaria o desenvolvimento econômico e social da colônia portuguesa na América, dando-lhe organização agrária e possibilidades de permanência e fixidez. O mouro forneceu ao colonizador do Brasil os elementos técnicos de produção e a utilização econômica da cana. (FREYRE, 1980, p.241).

Um outro clássico da literatura sulina que também evoca o papel dos árabes na formação da identidade dos gaúchos é a obra de João Simões Lopes Neto, especialmente os contos reunidos em *Lendas do Sul* (1949), livro que influenciou o trabalho de Érico Veríssimo. Num de seus contos, Lopes Neto faz menção a uma princesa moura que se abriga em uma caverna no Cerro de Jarau<sup>93</sup>. A princesa da lenda, conhecida pelo nome de Teiniaguá, fugira de Salamanca, na Espanha, depois de se transformar, disfarçada, na figura de uma velha, para que não fosse reconhecida e capturada depois de derrotado o último bastião da resistência árabe na Península Ibérica. Teiniaguá tinha também o poder de se transfigurar num lagarto encantado, que trazia uma pedra preciosa de brilho ofuscante incrustada na cabeça. Certo dia, um sacristão jesuíta se apaixonou pela moura, que vive com o religioso um forte e intenso amor.

Mitos a parte, são particularmente notórias as semelhanças entre o Prata e o Rio Grande do Sul, especialmente no que tange à geografia, cultura e formação étnica de seus habitantes. Nesse contexto, a influência do Prata no sul do Brasil se sustenta pela proximidade do porto de Rio Grande a Montevideu e Buenos Aires, mas também pelas ligações fluviais e ferroviárias dessas capitais com Pelotas e Uruguaiana, ou então pela facilidade de travessia através da fronteira seca, como são os casos de diversas cidades do sul do estado, entre elas Bagé e Santana do Livramento. Assim, em termos de imigração árabe, o Rio Grande do Sul foi impactado pelas capitais do Prata de forma indireta, recebendo também os primeiros imigrantes que saíram do Oriente Médio nas últimas décadas do século XIX.

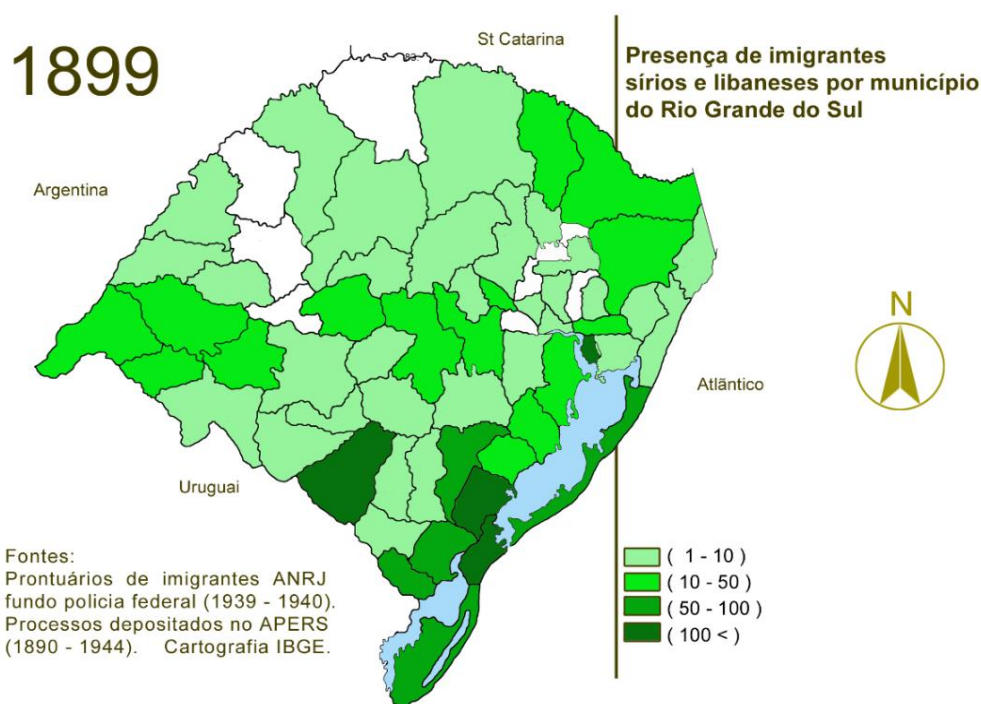
---

<sup>93</sup> O Cerro do Jarau é formado por uma cadeia de montanhas de aproximadamente 200m de altura. A elevação destaca-se no pampa gaúcho devido a sua altitude fora dos padrões locais. Localiza-se no município de Quaraí, no oeste do Rio Grande do Sul, onde o Brasil faz fronteira com o Uruguai (FAGUNDES, 1996).

Compilamos dados de diversas fontes<sup>94</sup> com foco na anterioridade da chegada dos sírios e libaneses ao Rio Grande do Sul, mas também na região do estado em que esses imigrantes se radicaram. Assim, os recortes que elaboramos contemplam três diferentes épocas (1898, 1925 e 1944), e também diferentes áreas geográficas (municípios) nas décadas de 1890, 1920 e 1940. Isso nos permitiu observar uma parte do desenvolvimento dessas comunidades em diferentes ambientes geográficos do estado, de acordo com a quantidade de imigrantes sírios que encontramos em cada um dos municípios.

O mapa reproduzido abaixo foi elaborado a partir de registros encontrados em fontes literárias, arquivísticas e orais. Corresponde aos municípios do estado no fim do século XIX. Uma comparação entre este e o de 1944, mostra que a distribuição desses imigrantes é mais intensa no sul do estado, na virada do XIX, situação diferente da observada em meados do século seguinte.

**Mapa 4 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1899)**



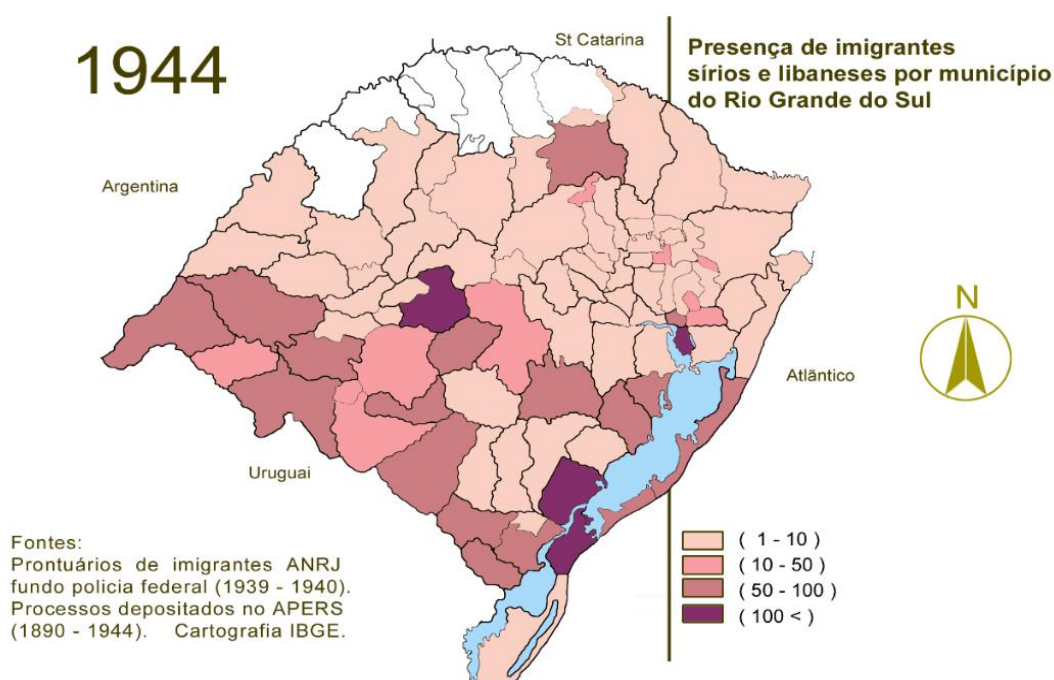
A pesquisa realizada no Arquivo Nacional<sup>95</sup> confirmou que 436 das 753 pessoas identificadas nas fichas do arquivo de recadastramento de estrangeiros entre 1939 e 1949 encontravam-se instaladas em Porto Alegre. Há registros, contudo, da fixação, com efetivos bem menores de sírios e libaneses em outros centros urbanos importantes: Pelotas (84

<sup>94</sup> Veja 'fontes' na introdução.

<sup>95</sup> Para detalhes da pesquisa, veja página 27, na introdução.

registros); Rio Grande (53); Santa Maria (33); Alegrete (18); Uruguaiana (16); Bagé (13); Canoas (8); e em alguns menores: São Sepé (12) e São José do Norte (7). Demais municípios encontram-se igualmente presentes<sup>96</sup>, mas com números menos expressivos: Osório (distrito de Bacupari); Cachoeira do Sul (Restinga Seca); Gravataí; Jaguarão; São Gabriel, Santa Vitória do Palmar, todos com três nomes: Canguçu, São Jerônimo, Viamão, Novo Hamburgo, Encantado, Arroio Grande, Itaqui, São Francisco de Paula, Encruzilhada do Sul e Tapes, todos com dois nomes; e, por fim, com um nome cada, os municípios de Guaporé, São Lourenço do Sul, Dom Pedrito, Santa Cruz do Sul, Camaquã, Passo Fundo, Livramento, Lavras do Sul, Bom Jesus, Rosário do Sul, Estrela, Lajeado, Santo Antônio da Patrulha, Quaraí, Herval, Montenegro e Vacaria.

**Mapa 5 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1944)**



Na análise comparativa dos dois mapas apresentados, observamos a consolidação, em 1899, do número de imigrantes sírio-libaneses no eixo Porto Alegre-Pelotas-Rio Grande-Bagé. Posteriormente, vemos a inclusão de Passo Fundo e da região de Santa Maria como cidades de grande afluência de árabes em 1944. Ao cabo de 45 anos, os imigrantes médio-orientais e seus descendentes distribuíram-se pela Serra Gaúcha em novas colônias.

<sup>96</sup> Deve-se levar em conta que a partir de 1890 diversos distritos de grandes municípios foram desmembrados e se tornaram sedes municipais, a exemplo de Nova Prata de Alfredo Chaves, Ijuí de Cruz Alta, Vacaria de Santo Antônio da Patrulha, entre muitos outros casos semelhantes.

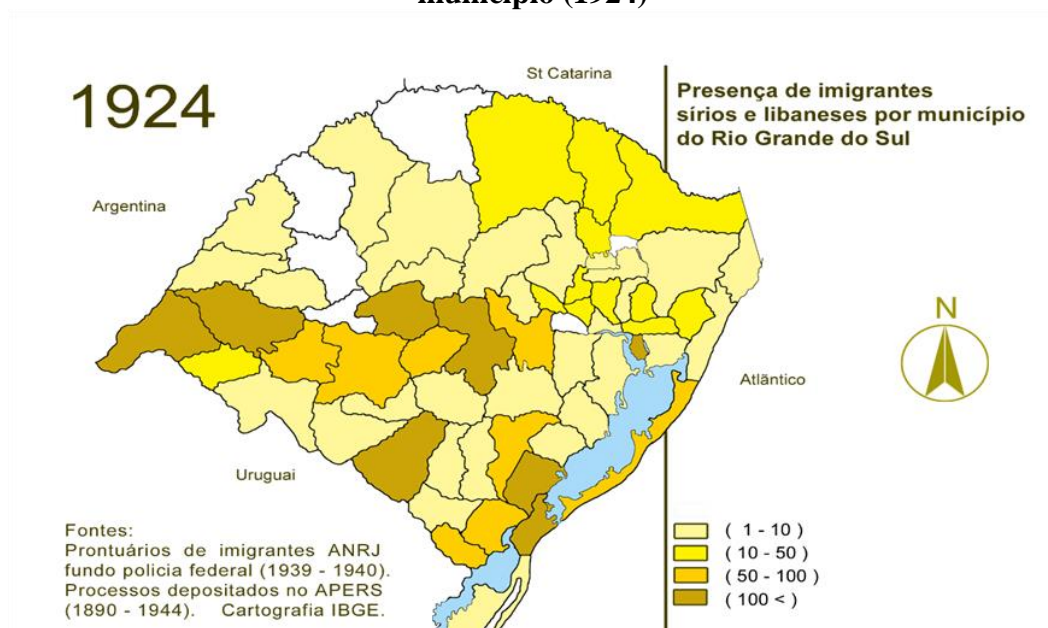


No extremo sul e sudoeste do estado, a presença levantina se difundiu pelos municípios vizinhos de toda faixa da fronteira, com especial destaque para Bagé e Alegrete. A exceção foi o noroeste do Rio Grande do Sul, onde a ausência de informações “zerou” nosso demonstrativo. Os imigrantes mais antigos, radicados em Santo Antônio da Patrulha, Lagoa Vermelha e Vacaria, espalharam-se pela Serra Gaúcha e pela região agrícola de Passo Fundo e Getúlio Vargas, mas também pelos Aparatos da Serra até o litoral norte, em Torres. Os que estavam em Cruz Alta, na geração seguinte, aparecem em Ijuí e Carazinho. No limiar do século XIX, vimos apenas uma família em Santo Ângelo.

O mapa seguinte complementa as informações contidas nos dois anteriores. Ele mostra que outras áreas, no norte e noroeste do estado, especialmente próximas ao rio Uruguai, entre Erechim e Frederico Westphalen, seguindo por Três Passos, Três de Maio, Palmeira das Missões até Santa Rosa, mais a oeste, eram as regiões com menor número de famílias sírio-libanesas instaladas, o que talvez se explique pelo fato de essas últimas áreas de terras devolutas do estado terem sido colonizadas tardiamente, e também por terem sido mais rigorosamente controladas por seus administradores, esse foi o caso de Erechim, que iniciou sua exploração seguindo cartilhas positivistas, o que pode ter contribuído para afastar os sírios da região, cujo tipo de comércio era pouco apreciado por esses administradores (TEDESCO; BATISTELLA; NEUMANN, 2017).

É conveniente esclarecer que o mapa de 1924, apresentado abaixo, em comparação com os outros mapas que mostramos anteriormente, é possível observar os desmembramentos de novos municípios, assim como também o deslocamento da população de origem sírio-libanesa do sul ao norte do estado, ocupando as áreas de novas colônias e reafirmando a sua presença com vigor em Santa Maria e Passo Fundo, e ainda se espalhando pelas regiões central e serrana do Rio Grande do Sul.

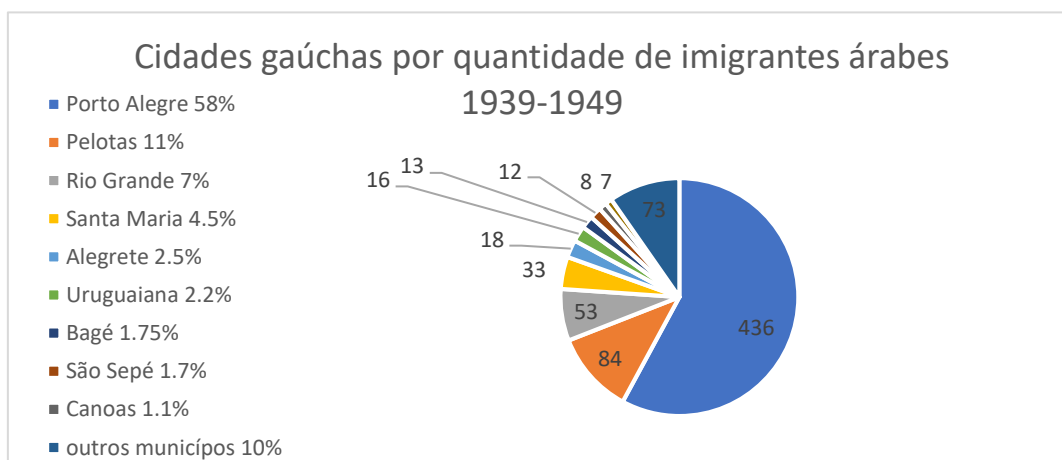
**Mapa 6 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul por município (1924)**



O mapa mostra as regiões econômicas onde as atividades rurais, combinadas com as indústrias das regiões metropolitanas de Porto Alegre, Santa Maria e Caxias do Sul, aparecem com mais força. Também reflete o padrão de urbanização e de mecanização da lavoura encontrados nos municípios da região central do estado, onde alguns desses municípios como Cachoeira do Sul, São Sepé e Santa Maria concentram mais imigrantes sírio-libaneses, que agora já se espalham pela região da Serra Gaúcha.

Compilando os dados extraídos dos 753 prontuários, montamos o gráfico abaixo, que mostra a preferência dos imigrantes árabes no Rio Grande do Sul em se estabelecer nos maiores centros urbanos, confirmando que optavam prioritariamente pelas cidades mais populosas e desenvolvidas comercialmente para se fixar e iniciar suas atividades profissionais.

**Gráfico 3 - Cidades gaúchas por quantidade de imigrantes árabes (1939-1949)**



Fonte: Arquivo Nacional [s.d.].

O instantâneo de quase meio de século indica que a imigração árabe no Rio Grande do Sul foi um fenômeno concentrado principalmente em áreas urbanas do estado – na capital e nos municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Esse complexo comercial e logístico correspondia a pouco mais de 80% do número total de sírios no estado. Desta forma, de acordo com o nosso microcosmos, as porcentagens assim se configuram: Porto Alegre, 58%; Pelotas 11%, Rio Grande 7%, Santa Maria 4,5%, e, espalhados por outras cidades do interior, os restantes 19,5%.

No trabalho que fez sobre imigrantes libaneses no Rio Grande do Sul, Creidy (1958, p.308), depois de listar os nomes das famílias pioneiras, informa que “no início do século XX, quando o número de libaneses se tornava maior, muitos vinham para os lares de seus parentes, trazendo seus familiares.” A maior parte fixava-se mesmo na capital, mas alguns se aventuraram pelo interior. O autor compara os mascates a “legítimos bandeirantes”, que enveredavam por regiões que imigrantes de “outras nacionalidades temiam percorrer”. Segundo o autor, os municípios que mais receberam contingentes desses imigrantes no período, além de Porto Alegre, foram Santa Maria, Cachoeira, Passo Fundo, Soledade, Pelotas, Rio Grande, Lagoa Vermelha, Erechim, Vacaria, São Gabriel, Carazinho, Getúlio Vargas, Uruguaiana, São Borja, Itaqui (CREIDY, 1958).

#### 4.3 SÍRIOS E LIBANESES NA FRONTEIRA E NO SUL DO ESTADO

O primeiro texto dedicado especificamente à imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul é o de Tanus Bastani. Ele conta as memórias do pai libanês, que foi mascate no Rio Grande do Sul no início do século XX. Em “Os libaneses no Brasil”, publicado no *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*, de Salomão Jorge, Bastani, de forma ufanista e memoriosa, se refere assim ao pai:

Quando, no findar do século XIX, o inesquecível pai do autor deste livro mascateava pelo interior do estado sulino, por muitas ocasiões, livrou-se da sanha sanguinária dos ladrões que infestavam a zona de São Francisco Xavier, em direção a Vacaria. Certa vez, indo em companhia de seu fiel animal, uma mula de carga chamada Catarina, em direção à Bento Gonçalves, o animal que já estava acostumado a abrir as porteiras que encontrava no caminho empurrando-as com a cabeça, em dado momento, em virtude de um disparo de espingarda, estranhou o seu dono, e recorveando deu-lhe um coice no calcanhar, abrindo enorme ferida nos pés. Ali, curtindo dores atrozes durante quase todo o dia, ficou ao abandono, onde foi socorrido pelo boticário do lugar. Perdeu sua mercadoria e seu animal, tendo que recomeçar novamente a ganhar a vida. Não reclamou de ninguém, nunca se queixou das barbaridades que contra ele praticaram. (BASTANI, 1948, p.130).

Fontes diversas<sup>97</sup> revelam que os sírios e libaneses estiveram presentes na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina desde a segunda metade do século XIX. A proximidade com os países do rio da Prata conferiu características peculiares à presença sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, se comparada com esta mesma imigração em outras partes do território nacional. No Sul, a imigração árabe diferencia-se pela convivência de seus membros com outros grupos de imigrantes, especialmente alemães e italianos, mas também com o gaúcho dos limites da Nação. Mascateando por toda a faixa de fronteira, os imigrantes árabes conviveram durante décadas com o gaúcho peão de estância, participando das “carreiras em cancha reta”<sup>98</sup> e aprendendo a montar à moda dos peões da fronteira, usando bombachas e esporas, cavalgando por cima de um pelego, como confirma a literatura (CHEUICHE, 2003). Becker (1958, p.315) destaca a importância e significado da presença de sírios e libaneses na região:

E, diga-se de passagem, que a influência econômica dos mesmos, na fronteira é grande. E merecidamente, pois por volta de 1900 os representantes de outras etnias, com exceção, talvez, dos portugueses, não se animaram a penetrar naquela região. Os árabes, por sua vez, viam a dificuldade de iniciar com êxito sua vida na região de colonização alemã, italiana e polonesa.

Naquele momento, um contingente razoável de mascates árabes circulava pelo interior do Uruguai e da Argentina, mas também pelo sul do estado, especialmente por Bagé, Alegrete, São Gabriel, Herval, Lavras do Sul, Jaguarão, Arroio Grande, Quaraí, Santa Vitória do Palmar e Santana do Livramento/Rivera, visitando seus clientes nas estâncias, entre peões, colonos e capatazes. Há relatos de filhos e netos de imigrantes libaneses e sírios dando conta que seus avós entraram a pé pela fronteira do Rio Grande do Sul, tendo ido se estabelecer em lugares distantes como Tupanciretã<sup>99</sup> ou Santo Ângelo, nas Missões.

Na literatura memorialística, Fuad Nader escreveu *Abdalla Nader: de mascate a general do ar e amigo da cultura* (2005). Na obra, ele descreve o início da vida de seu pai que, “não se conformando com a pobreza em que vivia na cidade libanesa de Nabay, tornou-se vendedor ambulante em Rio Grande”. (NADER, 2005, p.15). Segundo o autor, em 1912, três anos depois do período de mascateação, seu pai enfim se estabeleceu como comerciante na cidade. A princípio, por meio da locação de um quarto no mercado municipal; depois, com um modesto

---

<sup>97</sup> Ver, por exemplo, Anuario Estadístico do Estado do Rio Grande do Sul (1924); Becker (1958); Fersan (2005) e Rosa (2005).

<sup>98</sup> Esporte equestre muito popular na região do pampa. Para uma descrição detalhada de suas características, ver Golin (1999).

<sup>99</sup> Assim nos relatou Cirne Chamun, nascido em Tupanciretã, em 1935, e ex-presidente da Sociedade Libanesa, ao narrar a trajetória de seu pai, Antônio Mansur.

armarinho denominado Flor do Mercado, “nome que revela o temperamento e a alma romântica do filho do Líbano lendário”. (NADER, 2005, p.15).

A história de libanês Abdalla Nader em Rio Grande continua com ele tornando-se representante, a partir de 1931, de uma empresa inglesa de fertilizantes (Trevo) que fez com que o imigrante se aventurasse, utilizando o implemento agrícola que representava na plantação de cebolas no Litoral Lagunar. De acordo com Fuad Nader<sup>100</sup>, o experimento “foi uma tentativa pioneira exitosa também para introduzir em larga escala o fertilizante, tornando a região grande produtora de bulbos, o que garantiu a liderança absoluta do produto no mercado”. (NADER, 2005, p.21). Abdalla expandiu seus negócios como dono de depósitos, empresas de ferragens, mercados e outros comércios e representações em Rio Grande, incluindo a exportação de cebolas e cereais e o ramo da construção civil, chegando ao clímax em 1941, segundo relata Fuad, quando doou um avião ao Exército brasileiro, a fim de apoiar os esforços do país durante a Segunda Guerra Mundial. Com esse gesto de patriotismo, Abdalla foi simbolicamente nomeado pelas autoridades como general do ar.

Pelotas também sofreu grandes influências da imigração de sírios e libaneses. A título de um exemplo de empreendedorismo, como no caso de Rio Grande, o informativo *Pelotas 13 horas*<sup>101</sup>, em sua edição *online* de 26 de julho de 2013, fala da morte naquele mesmo dia, aos 89 anos, do pelotense filho de libaneses Edmundo Modaffar Al Alam. Diz a nota que Modaffar “sucedeu seus pais como empreendedor do comércio em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre” e que era formado em ciências econômicas. Traz a informação de que foi “fundador da Sociedade Libanesa, benfeitor da Santa Casa de Pelotas e do Instituto São Benedito, diretor do Instituto de Menores e do Sindilojas”. Diz ainda que ele “se destacou-se por ter convivido com os mais de 1.500 colaboradores que passaram por suas empresas”.

Pelos lados do Alegrete<sup>102</sup>, também se formou uma numerosa comunidade composta principalmente por comerciantes libaneses e sírios. Ferreira (2008, p.69) descreve, entre outras,

---

<sup>100</sup> No obituário do *Jornal de Santa Catarina* (edição de 17 de junho de 2013), encontramos o nome de Fuad Abdalla Nader. Diz a nota que ele era natural de Rio Grande, e que faleceu aos 88 anos, em 22 de maio daquele ano. A informação se refere a Nader como empreendedor “dedicado ao desenvolvimento do município e à difusão da cultura libanesa”. Sabemos através do obituário que Fuad era “formado em economia e que investiu nos setores de ferragem, conservas alimentícias, leite e adubos”, e ainda que foi “presidente do Conselho Municipal de Educação, do Clube dos Diretores Lojistas e da Câmara do Comércio de Rio Grande”. Na área da educação, a nota informa que foi professor da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), da Escola de Engenharia Industrial e da Escola Técnica de Comércio São Francisco. Disponível em: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/obituario/fuad-abdalla-nader-61502.html>. Acesso em 23 jul. 2017.

<sup>101</sup> Disponível em: <http://www.pelotas13horas.com.br/noticia/morre-edmundo-modaffar-al-alam--ex-presidente-da-cdl-7ec05614-b4e6-452d-bc58-823e78f8a368>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>102</sup> A cidade de Alegrete se localiza estrategicamente equidistante entre as fronteiras com a Argentina, a oeste, e ao sul, com o Uruguai.

a trajetória dos irmãos Boabaid<sup>103</sup>, que fincaram comércio na cidade. Na rua Demétrio Ribeiro, batizada pela população como a “rua dos turcos”, os Boabaid abriram a Casa Alegrete, depois Casa Paulista, bastante procurada devido ao baixo preço de seus produtos.

Ferreira (2008, p.71) destaca, entre as várias famílias árabes de Alegrete<sup>104</sup> aquelas com nome “abrasileirado”, como os Mendes, os Borges, os Garcia e os Alexandre. O autor transcreve em seu trabalho uma pequena biografia da família do ex-prefeito da cidade, (1973-1977) Adão Ortiz Houayck, cujo pai chegara ao Brasil no início do século XX acompanhado do irmão. Em 1913, inaugurou o seu negócio, “abrindo a porta para a vinda de novas famílias”.

Aloyzio Achutti, um médico aposentado de 83 anos, mantenedor do *blog Histórias que meu pai contava* traz a seguinte informação sobre seu avô, o imigrante libanês Antônio Mansur: “Ele [o pai Bortolo Achutti] dizia que o meu avô (...) havia nascido em 18 de janeiro de 1869, na cidade de Beirute, junto à baía de *Junin*, no Líbano.” Segundo seu relato, Mansur

teria vindo para o Brasil no século XIX, mais ou menos no fim da década de 1880 ou no início dos anos 1890. Era solteiro e consta que tinha 17 anos e, se assim foi, deveria ter por aqui chegado em 1887, antes da Proclamação da República. [Veio] acompanhando seu irmão mais velho José, que já era casado e deixara temporariamente mulher e filhos em sua terra natal. (...) Meu avô tinha mais dois irmãos, Maron e Maria, que chegaram ao Brasil mais tarde, na década de 1890. Segundo meu pai, eles teriam vindo, a mando da mãe, para buscar de volta os dois que chegaram primeiro e que teriam vindo somente para “fazer a América”, juntar algum dinheiro e retornar para casa. Meu avô, durante toda a vida, se culpava por não ter voltado para rever a mãe, que morreu sozinha no Líbano, pois os filhos optaram por ficar no Brasil.  
(ACHUTTI, [2012]).

Antônio chegou a Montevideú, “onde desembarcou e, em contato com patrícios, conseguiu caixas de mascate cheias de mercadoria, prosseguindo a pé em direção a Porto Alegre, pelo meio dos campos”. (ACHUTTI, [2012]). A história de Mansur é idêntica à de muitos outros imigrantes árabes que entraram no Rio Grande do Sul vindos do Uruguai, muitos a pé. Aloyzio Achutti prossegue o seu relato: “[Eles] vendiam seus produtos nas sedes de fazendas e vilarejos até terminar a mercadoria”. (ACHUTTI, [2012]). De acordo com Aloysio, seu avô e o irmão dele, José, depois de um tempo em Porto Alegre, foram para Santo Ângelo (Missões), onde abriram um comércio, mas por causa da Revolução de 1893 tiveram que abandonar a região às pressas. Os dois retornaram de carroça. José se radicou em São Pedro do Sul; Antônio, em Santa Maria, onde nasceria Bortolo. Escreve Aloysio:

<sup>103</sup> Um dos membros mais famosos da família foi José Boabaid, advogado e político catarinense nascido em Palhoça em 1906 e falecido em Florianópolis em 1972. José era filho de Abrão Boabaid e de Maria Boabaid e casou-se com Déspina Spyrides. Ocupou o cargo de governador do estado de Santa Catarina entre 1948 e 1950 (PIAZZA, 1985). Lacaz (1982, p.24), ao descrever a presença árabe por todo Brasil, também fala de Youssef Boabaid e de seus filhos Aziz e Abrão, “esses novos bandeirantes que muito fizeram pela grandeza do país.”

<sup>104</sup> Entre os nomes de sírios e libaneses de Alegrete estão os Júri, Marun, Najar, Reston, Alíbi, entre outros.

É interessante que, pelo que eu entendi, eles aqui chegaram sem saber falar português e sem saber escrever com nossos caracteres, o que não os impediu de negociar e ir aprendendo a língua, enquanto iam juntando dinheiro para sobreviver, e depois se tornarem comerciantes até abastados. (ACHUTTI, [2012]).

A movimentação através da fronteira seca, entre o norte do Uruguai e a região de Bagé e Jaguarão, era especialmente intensa. Uruguaiana, por suas conexões fluviais e ferroviárias, também era muito frequentada pelos mascates sírios na virada do século XX. Essa movimentação foi sustentável durante as décadas subsequentes, e, pelo bom momento econômico daquela região do estado, um número razoável de famílias árabes nesses locais se radicou, conforme apontam nossas pesquisas e a literatura (BASTANI, 1946; BECKER, 1958; ROSA, 2005).

O envolvimento dos sírios e libaneses radicados no sul do estado com os entreveros entre os partidários de diferentes oligarquias gaúchas foi inevitável. A Revolução Federalista eclodiu em 1893, quando os maragatos, tendo como líder Gaspar Silveira Martins, que era chefe do Partido Federalista Riograndense, se rebelaram contra o Partido Republicano do Rio Grande do Sul<sup>105</sup>, que dominava o cenário político através de seu líder Júlio de Castilhos desde 1891. No sul do estado, seu maior representante era Luís Gonçalves das Chagas, o barão de Candiota, cujas terras se estendiam “das coxilhas de Santa Maria à cidade de Bagé sem cruzar por outros campos que não fossem os de sua exclusiva propriedade” (CALLAGE, 1929, p.29).

Nessa época, centenas de mascates árabes percorriam vastas áreas do sul do Rio Grande do Sul, especialmente as sedes das grandes estâncias, e não seria improvável que, devido a sua intensa mobilidade, eles acabassem assumindo o papel de mensageiros e arautos dos acontecimentos, dentro e fora das terras dos estancieiros. Isso poderia lhes valer de moeda de troca, garantindo, por exemplo, proteção nas estradas pelos peões das estâncias ou autorização para fazer comércio naquelas terras, junto aos seus empregados, peões e senhoras dos agregados.

Bastani (1946, p.129) refere-se, por exemplo, à amizade dos imigrantes com o barão de Candiota: “Quando, ao findar do século XIX, o inesquecível pai do autor deste livro mascateava pelo interior do estado sulino, teve o amparo do inolvidável gaúcho barão de Candiota, um dos veteranos heroicos da grandeza sul-rio-grandense.”

---

<sup>105</sup> Enquanto os republicanos se estabeleciam com força política em Porto Alegre e eram especializados no uso da máquina administrativa em seu favor, a oposição federalista, os maragatos, mantinha suas bases rurais de sustentação na região da fronteira, dando continuidade à tradição caudilhista e rebelde do Rio Grande (LOVE, 1971).

Aproveitando-se do momento econômico, muitos montaram “bolichos”<sup>106</sup> no meio do pampa para vender aos gaúchos. Nossas pesquisas revelaram que no período da Primeira Guerra Mundial havia um importante contingente de libaneses, palestinos e sírios circulando entre Argentina, Uruguai e Brasil, na mascateação, ou com suas lojas e bolichos. Circulavam pelo interior desses países e por Pelotas, Rio Grande e Bagé até Montevideu e Buenos Aires. Impedidos de retornar ao Oriente Médio por via marítima por causa da guerra, esses árabes, com a ajuda dos representantes da República Francesa<sup>107</sup>, fundaram em Pelotas, em 1917, uma agremiação que, de certa forma, guarda até hoje a memória daquele período (ROSA, 2005).

A consolidação das oligarquias em torno do vitorioso Partido Republicano, no poder desde a última revolução [1893], precipitou outra revolta em 1923 pela união das oposições em torno da figura de Assis Brasil, representante dos fazendeiros do sul do estado não satisfeitos com as fraudes observadas nas últimas eleições, ganhas novamente por Borges de Medeiros, que contava com o apoio do governo federal.

Sob o sul do Rio Grande do Sul se abateu pesadamente a revolução e a insegurança social, justamente em um momento de crise econômica e recessão mundial, em um contexto pós-Primeira Grande Guerra, quando estancieiros e criadores haviam contraído empréstimos para investir em suas propriedades agropastoris, esperando o fim da demanda reprimida para iniciar período de prosperidade. Por isso investiram em melhores instalações e na qualidade dos rebanhos (FLORES, 2004, 167).

Os revoltosos e suas tropas de cavalaria eram ligeiros nas ações e costumavam, depois de assaltar as posições legalistas no Brasil, “se bandear pros lados do Uruguai” através da fronteira seca. Era justamente ali, no Passo do Salso, na “campanha bruta” de Bagé, que estava radicado, numa pequena estância no meio do Pampa, Francisco Karam, imigrante e comerciante libanês. Seu filho, Antônio Karam, com pouco menos de dez anos de idade à época, presenciou a revolução de 1923: Eu nasci em 1915, no Passo do Salso, na campanha bruta, numa casa de torrão e chão batido. Aí, com 32 anos, minha mãe morreu de convulsão cerebral, deixando meu pai com uma penca de filhos. (...) Meu irmão Luiz ainda mamava. Mas a vida prosseguiu. No Passo do Salso meu pai tinha um comércio forte, à luz de vela e querosene.

---

<sup>106</sup> Pequeno estabelecimento comercial em área rural ou à beira de estradas onde o viajante encontra de tudo, especialmente secos e molhados, fumo, sal, banha etc.

<sup>107</sup> De acordo com Eliane Fersan (2005), Pitts Jr. (2006) e Logroño-Narbona (2007), a República Francesa, como protetora dos libaneses maronitas do Monte Líbano, exercia sua influência também na diáspora, através de seus consulados. Seu interesse nos sírios ia desde a propaganda política pró-francesa, marcando uma posição contra as influências alemã e inglesa, até o recrutamento de imigrantes para a formação de um “batalhão sírio”. Os sírios, por sua vez, ao associarem sua identidade a um “Mandato Francês”, com direito a um “Certificado de Matrícula” do consulado, amenizavam assim o estigma de turco.



(...) Em 1923, a Revolução era mais fraca, mas era perigosa também<sup>108</sup>. Estávamos lá no Salso e passou o pessoal do governo, que eram os chimangos e levaram todos os nossos cavalos. Nós ficamos a pé. Pouco tempo depois passaram os maragatos, cujo chefe foi muito generoso, muito simpático e respeitoso. Aí aconselharam ao papai que fosse para o Uruguai e levasse a família. E um dia fomos todos de carroça para ao Passo Santa Maria Isabel, no Uruguai. No final de 1924<sup>109</sup>, já estávamos voltando para Pelotas, onde tirei o ginásio no Gonzaga. (KARAM, 2015).

Pelo que vimos acima, a fronteira – área de ocupação antiga, mas em termos demográficos relativamente despovoada devido à natureza da sua principal atividade econômica (a pecuária extensiva) – merece destaque. Becker (1958) faz uma digressão interessante sobre as andanças desses “comerciantes-viajantes” pela região. Segundo o autor, eles desempenharam o papel de regulador de preços, comprando mercadorias diretamente em São Paulo e vendendo-as mais barato que os comerciantes já estabelecidos, que eram em pequeno número e, talvez por causa disso, exploravam a clientela. Foi nessa ocasião que os ambulantes sírios e libaneses chegaram à região, alcançando até mesmo os locais mais remotos, vendendo os tecidos e miudezas em geral a preços mais baixos ou facilitando o pagamento.

A frequente referência a Bagé nas diferentes fontes consultadas revela sua importância no contexto da imigração síria e libanesa para as terras gaúchas. Em Bagé, segundo informa Becker (1958, p.316), havia “forte posição econômica dos árabes e de seus descendentes”. Segundo informações de certo Antônio Mansur, “todos os sírios de Bagé eram provenientes da cidade de Homs”, inclusive “Fellipe Hallabe, que lá chegou em 1898, e os irmãos Miguel e Jorge Nicolau, que chegaram em 1901 e 1902, respectivamente”.

Ainda de acordo com Becker, entre os libaneses encontravam-se “Jacob Fenianos e José Nicolau Schehim como os mais antigos, chegados em 1890”. Outra informação reveladora consta do *Anuario estatístico do Rio Grande do Sul* de 1924, que menciona a Associação Beneficente Sírio-Libanesa de Bagé, a qual contava com 65 membros em 1923.

Da Região da Campanha encontramos no obituário do Jornal do Comércio de 15 de outubro de 2009, o nome do frei Antônio do Carmo Cheuiche. A nota diz que ele nasceu em Caçapava do Sul no dia 13 de junho de 1927 e faleceu em Ivoti no dia 14 de outubro de 2009. Sabemos que Frei Cheuiche foi bispo auxiliar de Santa Maria (1969-1971) e de Porto Alegre (1971-2001).

Em Santana do Livramento, encontramos na pesquisa no Arquivo Nacional, a família de João Bestene, nascido em 1895, tendo chegado à cidade aos 18 anos em 1913. Segundo

<sup>108</sup> O entrevistado provavelmente estava fazendo uma alusão à Revolução de 1893, que foi mais violenta.

<sup>109</sup> Em dezembro de 1923, a revolução chegou ao fim. Pelo acordo, o chamado Pacto de Pedras Altas, Borges pôde permanecer até o fim de seu mandato em 1928, mas a Constituição gaúcha de 1891 foi reformada, impedindo nova reeleição.

Assef (2014, p.7), em 1917 havia um grande número de imigrantes árabes em Rivera, no Uruguai, cidade vizinha a Santana do Livramento. De acordo com a autora, isso “exigiu que a comunidade fundasse a Sociedade Libanesa de Rivera. A associação acolhia sócios libaneses também radicados em Santana, como as famílias Salim e Maluf.”

Citando a diferença entre a comunidade árabe do lado uruguaio e sua correspondente no Brasil, Assef conclui que a agremiação social uruguaia contribuiu para a coesão dos “árabes uruguaio”, uma vez que eles, através do clube, “promoviam saraus literários, danças, concursos culinários, campeonatos de jogo de gamão, arrecadação de pesos para auxiliar alguma família que chegava ou ainda para doar a uma instituição pública”. A autora conta que do lado de Santana do Livramento “não havia preocupação com a preservação dos costumes” e que “os árabes do lado brasileiro, em número menor, queriam se integrar à comunidade local”. (ASSEF, 2014, p.8). A esse respeito, escreve a autora:

Em Santana do Livramento, a trajetória dos irmãos Chein serve para ilustrar a adaptação e descaracterização dos costumes árabes impostos na terra estrangeira. Os irmãos Fouad e Inácio Chein, nascidos e batizados no Líbano, chegaram ao Brasil em 1914, acompanhados de seus pais, Nahim Jorge Chein e Kanra Azario Chein. Inácio ainda não havia completado dois anos e Fouad tinha meses de vida. Seus pais, após percorrerem capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, decidiram-se pela cidade de Bagé, pela proximidade com a fronteira. Também porque naquele momento a cidade contava com um grande número de imigrantes árabes em torno de um emergente centro comercial e industrial. (ASSEF, 2014, p.7).

Becker (1958) não apresenta muitos dados sobre imigrantes árabes na cidade de Uruguaiana, exceto as informações que lhe prestou o libanês Alípio Bacil, que afirmou ao autor não ter nenhum sírio se radicado na região. Alípio contou ter iniciado sua vida em Porto Alegre em 1914, mascateando depois na Argentina até se fixar em Uruguaiana quatro anos depois.

Contrariando a informação passada por Alípio Bacil, encontramos, todavia, em nossas pesquisas no Arquivo Nacional, alguns poucos imigrantes sírios e libaneses que chegaram à cidade na primeira década do século XX. Foi o caso de Maria Chaiben Bacil, nascida em 1880. Ela declarou ter chegado a Uruguaiana em 1914, aos 34 anos. Em 1910, localizamos a chegada de Antônio e Malka Dora, ele com 21 anos, ela com 16, ambos vindos do Monte Líbano. Em 1939, ele declarou ser “criador” e ela dona de casa. Na Estação de Plano Alto, distrito de Uruguaiana, chegou em 1906, aos 16 anos de idade, Elias Bhaino Saab, nascido em 1890.

De Quaraí, o nome de Jorge Japur foi localizado na parte de obituários do site da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 10 de junho de 2003. De acordo com Sonia Chegurem, (1991, s.p.), ele nasceu em Quaraí em 1926 e foi um radiodifusor, radialista, cinéfilo e colecionador de rádios brasileiro. Fundador da Rádio Quaraí AM, foi um dos pioneiros da

radiodifusão na fronteira oeste do Rio Grande do Sul e no norte do Uruguai. Foi também um dos sócios-fundadores da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT).

De São Gabriel, Becker (1958, p.317) cita o libanês Miguel Nehme, “residente naquela cidade desde 1916”, e o imigrante mais antigo, de nome Abrão<sup>110</sup>, “que chegou em fins do século XIX”. Becker informa ainda que “Antônio Moysés Radé, vindo por volta de 1904” recebeu seus parentes “Quirino Radé em 1911, junto com Miguel Elias Saber.” Em 1926 teriam chegado à cidade “José Radé, irmão de Quirino, e mais dois membros da família Saber: João Elias e Antônio Elias”. Por fim, no Arquivo Nacional, nós identificamos, entre as fichas de imigrantes radicados na cidade, a figura de Ahikel Fadul Tanuri, nascido em 1896 no Monte Líbano. Ele teria chegado a São Gabriel em 1918, aos 22 anos de idade.

Sobre Jaguarão, encontramos no livro de Sérgio Franco e Eduardo Soares, publicado em 2010, *Olhares sobre Jaguarão*, trechos da autobiografia de Pedro Vergara, que relata, em suas memórias, que, “ao final da primeira década do século XX, ainda estudante do ginásio, devido à pobreza de meu pai, [e] às dificuldades de minha família, [que] eram atrozés (...), me decidi a uma solução tenaz, da qual ninguém me faria recuar: empregar-me para trabalhar, de tarde, fosse onde fosse.” Vergara conta que depois de andar pelo comércio de Jaguarão percebeu “que ninguém queria admitir-me pela minha idade e pela falta de prestantça”. Até que, arremata o autor,

fui ter lá para os lados do mercado, abaixo da igreja, numa sapataria de sírios e libaneses de que o chefe se chamava Salomão e havia ainda dois irmãos, um deles chamado Jorge, e mais uma bela irmã adolescente, e o velho pai, um homem que ficava sempre sentado numa cadeira de balanço do lado de fora do balcão, e não sabia uma palavra de português, e era viúvo. Lá me aceitaram com 20 mil réis por mês, porque, eu sendo brasileiro, poderia melhor atender a freguesia, pois a linguagem dos donos era de uma algaravia atrapalhada de recentes mascates. (*apud* FRANCO e SOARES, 2010, p.175).

Com habilidade e poder de síntese, Vergara exprime toda uma atmosfera de proximidade<sup>111</sup> e afastamento em relação aos sírios. Ao mesmo tempo em que descreve a família sírio-libanesa como acolhedora, lembrando com especial carinho de “todos os dias [em que], depois das aulas no ginásio, sequer voltava para casa, indo diretamente à sapataria para aproveitar o almoço”, o autor relata o modo bizarro dos árabes e o comportamento dos irmãos que “seguidamente se desafiavam e brigavam a socos” na frente do velho pai, que a tudo assistia

---

<sup>110</sup> De acordo com o levantamento que fizemos no Arquivo Nacional havia na cidade de São Gabriel, em 1951, um certo Abrão Jacob, nascido em 23 de outubro de 1894 na Síria, e que ali chegou em 1913, com 19 anos de idade.

<sup>111</sup> Da parte positiva de seu convívio com os sírios, Vergara destaca a formosura da filha, o sabor e fartura da comida, tendo por fim escolhido uma palavra de origem árabe, “algaravia” (que foi passada ao português via Península Ibérica), para traduzir esta proximidade.

impassível. Para Vergara, o país talvez procedesse assim porque na infância tivera o mesmo comportamento dos filhos. (apud FRANCO e SOARES, 2010, p.175).

Outra via estratégica na qual a presença de sírios e libaneses era significativa no Rio Grande do Sul conectava Jaguarão a Pelotas, com núcleos em Arroio Grande, Herval e Cerrito<sup>112</sup>. Uma outra, pelo litoral, fazia a ligação entre Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, com núcleos na Quinta, Povo Novo e Bolacha.

Jardim (2000) sugere que o apreço dos imigrantes árabes pela fronteira se devia a um forte apelo pela busca de oportunidades<sup>113</sup>. Eles a consideravam um local de expansão, com certa distância das rotinas estatais de fiscalização. Fallas-Kerr (2016) lembra que os primeiros imigrantes de língua árabe de aldeias de toda a Síria foram rotulados coletivamente por funcionários das alfândegas como cidadãos da Turquia na Ásia, e que os sírios, vindos de um império multiétnico, não compreendiam suas identidades e não se autoassociavam de acordo com um paradigma de Estado-Nação. Além disso, sua autopercepção como membros de uma comunidade de pessoas brancas, dentro do esquema étnico vigente na fronteira, complicaria ainda mais a compreensão pública dessa identidade que é, segundo a autora, complexa, fluida e sincrética.

No Litoral Lagunar<sup>114</sup>, no caminho entre Rio Grande e Osório, via-se a presença de núcleos em São José do Norte, Palmares do Sul, Mostardas, Lagoa de São Simão, Conceição do Arroio e Bacupari. Foi neste último povoado, no final da década de 1920, que Natálio Charbel Paulo<sup>115</sup>, pai do entrevistado Salim Sessim Paulo, partindo de São José do Norte, mascateava até Osório, passando pelas vilas citadas. Em um desses locais conheceu a futura esposa e o sogro<sup>116</sup>, dono de uma venda isolada no areal, onde era abundante uma frutinha chamada bacupari. “Bacupari ficou conhecido atraindo outros moradores até se tornar um distrito de Palmares do Sul, onde eu fui vereador.” (PAULO, 2015). Essa era, segundo o que

---

<sup>112</sup> Antigo município de Pedro Osório, alguns nomes de ruas da cidade, como por exemplo, Simão Sate Alam, Abdom Duquia e Farid Albani, sugerem origem Médio oriental.

<sup>113</sup> Mesmo não havendo nos estudos de Jardim (2000) o foco em semelhante recorte temporal que o nosso, a autora reconhece e comenta a presença de outras levas de imigrantes árabes, mais antigas, na região de fronteira.

<sup>114</sup> É dessa região do estado Antônio Sessim Gil, encontrado no obituário do Jornal Zero Hora de 31 de maio de 2016 (p.27). A nota diz que era descendente de imigrantes sírios, falecido com 87 anos, e comunica que ele “dedicou grande parte da trajetória ao plantio de arroz e à criação de gado”. Diz ainda que “Antônio nasceu em Osório (Litoral) e, após se casar com Terezinha Polidori, mudou-se para uma propriedade na beira da Lagoa dos Patos, em Mostardas (...)”. Em Capivari do Sul, Sessim Gil fundou a Cooperativa Rizícola de Pitangueiras.

<sup>115</sup> Nascido em 25 de dezembro de 1909, na Síria, estava radicado em 1939 na Chácara das Bananeiras, distrito de São José do Norte. Chegou ao Brasil em 1927 e casou-se em 1933 (ARQUIVO NACIONAL, 1939-1940).

<sup>116</sup> Antônio Gil, nascido em 1896 (filho de Antônio Moysés e Sofia G.) chegou em 1913, aos 17 anos. Em 1939, residia em Conceição do Arroio, distrito de Osório, e era casado com a Jovem Sessin (nascida em 1911, na Síria), que chegou ao Brasil com três anos na companhia dos pais. O irmão de Miguel Antônio era Simão Antônio Gil (nascido em 1900, na Síria), chegou ao Brasil aos 14 anos. Em 1939, estava radicado com comércio em Palmares do Sul, 5º distrito de Osório (PAULO, 2015).

nos disse Salim Sessim, uma zona preterida pelos alemães que não foram exitosos nas tentativas que fizeram na lavoura de cereais, e se retiraram culpando a salinidade do terreno. No entanto, conta Salim, adubando a terra corretamente “alguns primos plantaram cebolas com ótimos resultados”. (PAULO, 2015).

A integração desses imigrantes e seus descendentes à vida gaúcha nas regiões de fronteira e metade sul do estado, especialmente em Pelotas, Rio Grande e Bagé, não deve ser considerada como uma diminuição do número de descendentes de sírios e libaneses nessas regiões. Por outra via, nos parece ter havido um direcionamento maior, a partir da segunda metade da década de 1920, de sírios e libaneses para fronteira. Não sabemos se intencionalmente, mas é visível o aumento do número de sírios e libaneses na região até 1930. Depois dessa última década, entretanto, verificamos uma diminuição da presença de imigrantes árabes no sul do estado. Tal fato pode estar ligado ao declínio das atividades econômicas na região, especialmente depois da crise de 1929. Isso explica também o esvaziamento da imigração sírio e libanesa em Pelotas e Rio Grande, à medida que mais oportunidades em outras regiões e cidades rio-grandenses se apresentavam.

Pelos verdes pampas do sul do Brasil, os sírios e libaneses cruzaram ambos os lados da fronteira no início do século XX, sendo evidente sua concentração e densidade superior no vizinho Uruguai, naquela época –, com o passar do tempo e o recesso da entrada de novos imigrantes integraram-se intensamente ao estilo de vida local. Apesar disso, no fim da primeira metade do século XX, não encontramos sequer vestígios da presença de sírios e libaneses na parte sul do estado, tão maciçamente frequentada por eles no passado. O esvaziamento econômico, mas também a miscigenação com gaúchos de diversas origens, assim como o deslocamento para outras regiões diminuíram sobremaneira a visibilidade dos imigrantes árabes no sul do estado, fazendo com que se confundissem com os mais autênticos gaúchos da região.

#### 4.4 SÍRIOS E LIBANESES NO NORTE DO ESTADO E NAS COLÔNIAS

Situadas em meio a picadas e estradas precárias, as novas colônias também ofereciam uma ótima oportunidade para os sírios e libaneses estabelecerem seus armazéns, porque a terra era barata e havia expectativa de desenvolvimento rápido. Além disso, não sofriam a concorrência de comerciantes de outras etnias, que optavam em não se fixar nessas zonas inóspitas. Apostar no futuro, de modo a ir prosperando conforme o crescimento das próprias colônias, era o plano desses imigrantes de fala e cultura árabe. Barroso (2004, p.61) resume em poucas linhas o significado da empreitada: “O desbravamento das matas e a implantação de uma economia agrícola de excedentes baseada na pequena produção em regime de trabalho

familiar constitui-se o modo como os imigrantes passaram a garantir a sua sobrevivência no contexto brasileiro”.

Quando o regime republicano foi implantado no Brasil, no final de 1889, as melhores áreas de terras colonizáveis no Rio Grande do Sul já estavam saturadas de imigrantes. No final do século XIX, quando restavam apenas minguadas faixas de terras para ocupar, correntes migratórias de outras nacionalidades chegaram ao Rio Grande do Sul.

Romeu Beltrão enumera uma série de nomes de famílias de imigrantes sírios e libaneses radicados em Santa Maria e arredores, em sua obra *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787-1930*, lançada em 1979. Beltrão conta que desde 1884, quando foi inaugurado o trecho ligando a cidade a Cachoeira do Sul, Santa Maria já contava com o benefício oriundo da existência de vias férreas e sua ligação com São Paulo revelara-se essencial para o abastecimento de comerciantes e mascates. De acordo com Morales (2004, p.51), Santa Maria se tornara atraente para comerciantes urbanos, como os sírios e libaneses, “devido à dotação satisfatória de estradas e meios modernos para transportar passageiros e mercadorias”. O trabalho da autora fornece uma ideia do tamanho da colônia sírio-libanesa na cidade. Citando um cronista local de nome Hoifmeister, Morales informa que havia em Santa Maria cerca de 60 famílias árabes, totalizando de 250 a 300 membros, muitos nascidos no local. Escrevendo para a *Revista Comemorativa do Centenário de Santa Maria (1814-1914)*, Hoifmeister elabora uma curiosa digressão sobre a “raça árabe”:

Se tomarmos em conta que os primeiros chegaram em 1890 ou 1891, isto é, há 23 ou 24 anos atrás, e que apenas faleceram aqui cinco árabes, mortalidade bem pouco elevada, fato que vem afirmar a excelência de nosso clima, ao qual essa raça se adapta perfeitamente, e a resistência própria dos árabes, que são, na maioria, indivíduos fortes altos, de estatura bem constituída. (*apud* MORALES, 2004, p.19).

Em Passo Fundo, os sírios e os libaneses ocuparam com seu comércio uma parte central da Avenida Brasil, “entre a Sete de Setembro e a Rua Fagundes dos Reis, bem como as ruas General Netto e Osório, e ainda a parte central da Rua Moron” (TEDESCO; VANIN, 2017, p.270). Encontramos numa informante, senhora Sandra Barquete<sup>117</sup>, uma forma válida de recuperar a memória da imigração naquele rincão gaúcho. Sandra é descendente da terceira geração<sup>118</sup> de imigrantes sírios estabelecidos em Passo Fundo e nos contou que seu avô paterno, Pedro Barquete, “se estabeleceu primeiramente no município de Soledade, num lugar

---

<sup>117</sup> Conhecemos Sandra no Arquivo Histórico de Passo Fundo, do qual ela, na época, era coordenadora. Sandra nos concedeu, em 28 de março de 2016, um depoimento em caráter informal, do qual retiramos as informações aqui reproduzidas.

<sup>118</sup> O avô de Sandra nasceu em Damasco e provavelmente emigrou para o Brasil no final do século XIX ou início do XX. Jamil Barquete, pai da entrevistada, nasceu em 1916.

denominado Resvalador, na região do Tope<sup>119</sup>.” Sandra Barquete, que se revelou para nós uma importante informante para região de Passo Fundo, descreveu as lojas de comércio árabe da cidade: “Eram geralmente construções baixas, sobrados, dividindo o comércio com a moradia. Até hoje existem essas construções e, em algumas, continua o comércio por descendentes.”

Quanto aos comerciantes árabes de Passo Fundo, continua Sandra, a maioria concentrou suas atividades em duas quadras, na parte mais central. Eles eram denominados “os turcos”. Já meu avô foi para o lado da Ponte do Passo. Lembro algumas famílias que conheci (...) em Passo Fundo: os Abelim, Buaes, Baril, Cafruni, Calixto, Dipp, Dib, Daniel, Estacia, Elias, Khoury, Kalil, Nemen, Peres, Salomão, Simão, Toufic e Zachia.

Entre os nomes citados por Sandra Barquete, chama a atenção uma rua da cidade com o nome de Jorge Buaes, e um bairro popular que levou o nome de José Alexandre Zachia, indicando uma razoável presença árabe no norte do estado.

Nos registros de estrangeiros do Arquivo Nacional encontramos um cadastro, referente ao ano de 1955, de uma imigrante árabe de sobrenome Dipp residente em Passo Fundo<sup>120</sup>. Investigando em outras fontes chegamos a Daniel Dipp<sup>121</sup>, que foi deputado federal pelo Rio Grande do Sul entre os anos de 1953 e 1963 (ABREU et al., 2001). Assim, ficou claro para nós que a imigrante síria que encontramos nos registros do Arquivo Nacional, quando esta chegou ao Rio Grande, contava com muitos parentes na cidade de Passo Fundo, onde se fixou.

Observamos uma estratégia executada de forma coletiva pela família Dipp, que veio da Síria para Passo Fundo e, impulsionada por novos capitais e formas de acumulação, proporcionados via trabalho livre e comércio urbano, alavancou as carreiras políticas de seus membros de segunda e terceira gerações, tendo-os levado a esferas de poder ainda mais altas que os cargos municipais e estaduais (intendente, vereador, prefeito e governador de estado), conforme observamos durante o século XX entre os descendentes de árabes.

A ascensão à esfera política nacional de membros de famílias de imigrantes sírios e libaneses estabelecidos em cidades do interior gaúcho como Caxias do Sul, Passo Fundo, Rio Grande e Cachoeira do Sul<sup>122</sup> demonstram não só uma “inata” habilidade política, mas também

---

<sup>119</sup> Localidade perto da divisa com o município de Marau, próxima ao rio Camargo.

<sup>120</sup> Trata-se de Maria Antônio Dipp, dona de casa nascida no Líbano em 1900 e que chegou a Passo Fundo em 1926.

<sup>121</sup> Natural de Passo Fundo, onde nasceu a 5 de fevereiro de 1914, Daniel Dipp era filho do casal Salima e Isa Dipp. Faleceu em 1987 (ABREU et al., 2001).

<sup>122</sup> São exemplos os casos dos deputados federais Pedro Simon (Caxias do Sul); Daniel e Airton Dipp, (Passo Fundo); Pedro Chafik e Octavio Badui Germano (Cachoeira do Sul); e Jorge Uequet (Rio Grande) (ABREU et al., 2001).

vontade e motivação próprias, muitas vezes genuinamente ideológicas, em participar da vida política mais ativamente, representando sua região<sup>123</sup>.

Importante pontuar que, em nossas pesquisas, localizamos, nas áreas de colonização italianas da Serra Gaúcha, alguns jovens sírios que vieram solteiros e ali contraíram matrimônio com moças de origem italiana, como foi o caso de José Elias Nedeff, que se casou com Teresa Tarasconi<sup>124</sup> na Villa de Alfredo Chaves em 1911. Na Serra Gaúcha, essas famílias expandiram-se da região onde ficavam as colônias antigas para novas áreas de colonização nos Campos de Cima da Serra e na região de Passo Fundo, onde também tomamos conhecimento da eminente figura ítalo-libanesa do comendador Thadeu Annoni Nedeff<sup>125</sup>, representante diretivo da indústria madeireira da região (NASCIMENTO, 2014).

Na Serra Gaúcha, algumas famílias que estavam em Veranópolis e Nova Prata espalharam-se por outros municípios como Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. O ex-senador Pedro Simon<sup>126</sup>, que entrevistamos, disse que sua família chegou do norte do Líbano diretamente para Caxias do Sul no início da década de 1920, e que as famílias de seus primos – os Davi e os Sehbe – já estavam lá.

Também é válido citar Clemente e Ungaretti, em *História de Garibaldi: 1870-1993*. Nele, os autores dizem o seguinte: “Os sírios, que chegaram nas primeiras décadas de 1900, desenvolveram um papel importante na vida comercial e social de Garibaldi. As famílias mais notáveis foram as de Moysés Mereb, André Koff, Antônio Koff, Nehme e Lahude<sup>127</sup>.” (CLEMENTE e UNGARETTI, 1993, p.30). Ainda segundo os dois autores,

os membros destas famílias eram pedreiros, seleiros, sapateiros, ferreiros que viviam o tempo entre a agricultura e a modesta profissão, quase todos da região de Tartus. Moysés Mereb veio para o Brasil em 1900, em companhia dos primos André e Antônio Koff. Nos primeiros anos levaram a vida de mascate, percorrendo toda a região, com baú às costas, depois, no dorso de jumento, depois numa carreta, até se fixarem com casa de comércio (CLEMENTE e UNGARETTI, 1993, p.3).

---

<sup>123</sup> Tal motivação, não diríamos que acontece mais entre os árabes do que em outras etnias; contudo, conforme se observa pela atual bancada sírio-libanesa no Parlamento brasileiro, há uma tendência importante entre os descendentes desses imigrantes para o exercício da política, podendo ser citado como exemplo, entre tantos outros, o atual presidente da República, Michel Temer, que é de origem libanesa.

<sup>124</sup> “Ele, 25 anos, natural da “Sirie, Turquia”, filho de Elias Simão Nedeff e Faum Abech, esta residente na Síria e aquele já falecido; e ela de 21 anos, natural de Garibaldi, filha de Jacob Tarasconi e Adélia Muzi, ambos residentes em Garibaldi. (APERS, 1911).

<sup>125</sup> Thadeu Nedeff foi citado na entrevista que José Japur, presidente da Sociedade Libanesa no biênio 1971-1972, concedeu a Schilling (2007) e na qual ele afirma ter Thadeu Nedeff financiado os eventos da Semana Árabe de 1974.

<sup>126</sup> Pedro Jorge Simon nasceu em Caxias do Sul no dia 31 de janeiro de 1930, filho de Jorge Simon e de Jalila Simon. Seu pai, libanês, foi mascate, tendo emigrado para o Brasil em 1922 (ABREU et al., 2001).

<sup>127</sup> Hoje, segundo verificamos, todos os membros das famílias mencionadas exercem alguma profissão liberal em Porto Alegre.



O ingresso desses sírios no setor agrário não era comum<sup>128</sup>. Contudo, com a mecanização da lavoura e um maior incremento da cultura do arroz na segunda metade da década de 1920, combinada com a existência de ótimas terras para esse fim, como aquelas do vale do Rio Taquari e das áreas baixas do entorno de Pelotas, tem-se notícia de que algumas famílias investiram algum capital nessa atividade, como é o caso dos irmãos Selaimen<sup>129</sup>, em Cachoeira do Sul, de Antônio Sessin Gil, em Mostardas e Capivari do Sul, e da família Curi<sup>130</sup>, em Pelotas. Porém, não há notícia da formação de grandes capitais por parte de imigrantes e descendentes de sírios e libaneses através da agropecuária, ao contrário do que ocorreu no comércio e na indústria<sup>131</sup>.

Em nossa pesquisa no Arquivo Nacional, verificamos que muitos imigrantes faziam uso de certidões de casamento, de nascimento e de batismo de filhos, de óbito de cônjuges e até certificado de reservista dos filhos para prova, junto às autoridades, da sua chegada ao Brasil antes de 1935, como previa a lei que conferia direito de residência no país<sup>132</sup>. Entre os papéis apresentados pelos sírios e libaneses às autoridades encontramos 58 certidões diversas. Os cartórios da cidade de Porto Alegre foram os que mais emitiram certidões, seguidos pelos de Cachoeira do Sul.

Entre 1909 e 1949, em nossa lista de 753 nomes, os dados revelam cerca de 30 certidões (diversas) do único cartório da cidade de Cachoeira para os imigrantes sírios e libaneses de lá. Intrigados pelo grande número de árabes em Cachoeira do Sul nas primeiras décadas do século XX, realizou-se um teste colocando um sobrenome tipicamente sírio-libanês – Cury (Curi, Cure, Khouri ou Kury) – no sistema *online* do APERS disponível na internet.

Feita a pesquisa sobre habilitações de casamentos na cidade, o resultado foi ainda mais matrimônios de sírios e libaneses em Cachoeira do Sul. O resultado do teste apresentou,

---

<sup>128</sup> Sobre esse assunto, (NUNES 1997, p.145) tece relevantes considerações, entre elas, “a pressa desses imigrantes em voltar para casa, dada a demanda de seus parentes na origem, e depois porque o preço das terras e a grande soma de recursos imobilizados, antes de se ganhar qualquer coisa nas colheitas, não estaria de acordo com os objetivos dessa imigração.” Outra explicação era o tipo de agricultura praticada nas montanhas do Oriente Médio, considerada arcaica, mesmo nas férteis planícies do Líbano, em comparação com a “nova era” em que entrara o Rio Grande do Sul, com a mecanização de sua lavoura.

<sup>129</sup> Consta no Arquivo Nacional que Felipe Selaimen Chemale chegou ao Brasil aos 15 anos em 1905. Nascido no Líbano em 1890, era morador de Porto Alegre, bairro de São João, e declarou ser agricultor no vale do Taquari, região de Lajeado.

<sup>130</sup> Até os dias de hoje a família Curi é proprietária de uma “arrozeira” em Pelotas, na avenida Salgado Filho.

<sup>131</sup> No meio rural, entre os colonos europeus, Manara Maihub (1995, p.95) diz que pelo menos duas famílias sírio-libanesas foram pioneiras no primeiro povoado que deu origem a Gramado. A autora sustenta que a inserção social dos árabes em terras de ocupação tipicamente europeia “não foi absolutamente fácil”, visto que aqueles eram oriundos “de uma cultura completamente diferente daquela em que vieram se instalar”.

<sup>132</sup> Ser casado com brasileiro(a) ou pai de filhos brasileiros também garantia permanência ao estrangeiro, segundo a lei.

somente para o sobrenome Curi, o registro de 11 aparições, conforme o quadro abaixo, que cobre os anos de 1915 a 1949.

**Quadro 3 - Habilitação de casamentos em Cachoeira do Sul (1915-1949)**

Prenome noivo	Nome noivo	Prenome noiva	Nome noiva	Ano do processo
José Antônio	Oaigen	Jaci	Curi	01/01/1949
Armindo Machado	Bittencourt	Latife	Curi	01/01/1943
Assipio José	João	Latife Ganem	Cury	01/01/1929
Arlindo Edmundo	Franke	Maria Amelia	Kury	01/01/1942
Richa	Curi	Carlota Mello de	Souza	01/01/1919
Vilimar	Vieira	Zariffe	Kury	01/01/1939
Jorge	Curi	Romilda Orlanda Rossi	Tolio	01/01/1945
Pedro	Kury	Alvorina	Gonçalves	01/01/1931
Carlos Pereira	Fortes	Catarina Cury	Doki	01/01/1942
Manoel	Doki	Elisa Miguel Mansoar	Khoury	01/01/1915
Darcy Pedro	Cury	Maria Gasparry	Reis	01/01/1937

Fonte: APERS [s.d.].

Analisando o quadro acima, comprova-se duas realidades dentro de nossa amostra. A primeira é que nenhum desses imigrantes ou descendentes (com exceção do terceiro nome) casou-se com outro árabe, o que demonstra que as gerações seguintes à primeira, pelo menos no caso em tela, quase sempre rompem com suas tradições por meio de casamentos interétnicos, especialmente nas áreas das colônias. A segunda é óbvia: a forte presença de sírios e libaneses em Cachoeira do Sul nas primeiras décadas do século XX.

Essa afirmação encontra respaldo nos verbetes biográficos dos irmãos Otávio Badui Germano (nascido em Cachoeira do Sul, em 1924) e Pedro Chafik Germano (nascido na mesma cidade, em 1930) publicados em Abreu et al. (2001). Filhos de pais sírios, ambos seguiram carreira política, chegando a representar o Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados. O pai, Taufik Badui Germano<sup>133</sup>, natural de Dahr Safra, na Síria, chegou em 1913 ao Brasil. Também dessa cidade síria para Cachoeira do Sul vieram as famílias Ache e Albany (BECKER, 1958).

Em relação aos livros que contam a história dos municípios gaúchos, algumas fontes mostraram-se especialmente importantes para acessarmos a presença de imigrantes sírio-libaneses no norte do Estado. Assim foi o caso de *História do município de Lagoa Vermelha*, escrita pelo padre Fidelis Dalcin Barbosa (1981). A publicação indica a presença desses imigrantes no município, como mostra a seguinte passagem: “Na década de 1920 trabalhava

<sup>133</sup> De acordo com Rafique Germano João, a quem entrevistamos, o sobrenome Germano, de sua mãe, é de origem grega e, segundo ele, desde o Líbano onde ela nasceu, carrega a marca desta ancestralidade.

aqui o médico José Gabriel Nicolau Merib, tronco da numerosa família Merib”. (BARBOSA, 1981, p.208). No livro, verificamos também os nomes dos irmãos Miguel Jacob e José Jacob Nácul, ambos radicados em Lagoa Vermelha com uma casa de comércio desde o fim do século XIX. Barbosa (1981, p.61) ainda menciona dois membros da família Tigre: “João Moisés e seu filho Gabriel Moisés Tigre, este nascido em Vacaria em 1896”. O autor relata que Gabriel foi vice-intendente e prefeito de Lagoa Vermelha nas primeiras décadas do século XX. (BARBOSA, 1981, p.61). Assim, verificamos uma primeira geração de filhos de imigrantes árabes nascida no Brasil ainda no século XIX.

Em *Lembrança de Vacaria*, de Abreu, Giron e Giroto (2013), encontramos a presença da família de Nicolau Chedid, que também foi lembrado por um caso que levantou polêmica na Vacaria do início do século XX. A partir de informações fornecidas por Dalva Soledade, uma cronista da região, os autores mencionam um tal de Nicolau Chedid, que tinha uma filha que se chamava Jamila, “um nome árabe”. Acometida de mal grave, foi salva após o pai ter feito uma promessa: a de colocar uma imagem de Nossa Senhora na torre da igreja local, fato que, segundo Soledade, teria dividido a população entre os que aprovaram e os que não gostaram do ato.

Ademar Campos Bindé é jornalista e autor de *Os árabes*, obra publicada em 2008 pela Universidade de Ijuí. Trata-se de uma coleção dedicada às diversas etnias que chegaram à cidade de Ijuí, região noroeste colonial. No livro há uma referência a duas famílias sírio-libanesas radicadas lá nos primeiros anos de fundação da cidade. Bindé conta a história de dois mascates, um libanês – Habib João Craidy; e o outro, sírio – Jorge Athanásio Joaquim Queruz –, “que abriram uma loja em sociedade, em 1912, que teria grande projeção na vida econômica de Ijuí”. (BINDÉ, 2008, p.27). Sobre Habib, escreve o autor:

Habib João Craidy nasceu no dia 8 de setembro de 1877, na localidade de *Bait Craidy*, no Líbano; veio para o Brasil no ano de 1895, com a idade de 18 anos. Primeiro, ele se fixou no município de Cruz Alta, região do Alto Jacuí. Em 1912, mudou-se para Ijuí, onde fundou a Casa Confiança. Passou a dividir suas atividades entre o atendimento na sua loja e as funções de mascate. (...) Se utilizava de uma pequena carrocinha na qual andava à caça de clientes em toda a parte, batendo de porta em porta. (BINDÉ, 2008, p.27 e 38).

E conclui:

A Casa Confiança (...) apresentava algumas características que a diferenciavam de outras lojas comerciais da época na cidade. Era muito bem sortida. Além de tecidos, chapéus e calçados, possuía uma apreciável variedade de perfumes franceses e artigos finos, que a tornavam ponto obrigatório dos noivos daqueles tempos (BINDÉ, 2008, p.33).

Dando prosseguimento a nossas pesquisas sobre a presença sírio-libanesa em áreas de colonização europeia no Rio Grande do Sul, encontramos no Arquivo Nacional o registro de

dois sobrenomes da família Craidy. O primeiro, Abrão Aiub Craidy<sup>134</sup>, e o outro, Moysés Kraide<sup>135</sup>. O primeiro se fixou em Lajeado e o último em Estrela, ambas regiões de colonização europeia, no Vale do Taquari<sup>136</sup>.

Intrigados com a lacuna quando não achamos entre os prontuários do Arquivo Nacional nenhum nome árabe na cidade de Ijuí, no noroeste do estado, município conhecido por ser o “*melting pot*” gaúcho, com representantes de quase todas as etnias que vieram para o Rio Grande do Sul, novamente pesquisamos o site *online* do APERS, onde encontramos as habilitações de casamentos para o nome Creidy. Percebemos que a família se espalhou geograficamente pelo estado, acompanhando a movimentação dos filhos de colonos, ocupando as novas colônias a partir do matrimônio de um membro da família com “C” com uma representante da família com “K”.

Assim, conforme se observa o quadro abaixo, Maria Kraide, em 1916<sup>137</sup>, casou-se com Abrão Craidy, tendo expandido a família do Vale do Taquari à recentemente constituída Vila de Ijuí, no contexto das novas colônias, e deixado muitos descendentes por lá.

**Quadro 4 - Habilitação de casamentos em Ijuí**

Prenome noivo	Nome noivo	Prenome noiva	Nome noiva	Ano do processo
José	Cury	Julia	Crayde	01/01/1941
Marco Aurélio	Buhrer	Leila Maria	Craidy	01/01/1972
Henrique	Hellebrand	Adel	Craidy	01/01/1930
José	Craidy	Elfrida Vieira	Kopf	01/01/1937
Luiz Antônio	Craidy	Suzelmara de	Mello	01/01/1983
Abrão Aiub	Craide	Maria	Kraide	01/01/1916
Ronaldo	Glasherster	Maria Beatriz	Craidy	01/01/1963

Fonte: APERS [s.d.].

<sup>134</sup> Nascido no Líbano em 1888, chegou ao Brasil em 1904, aos 16 anos (fl. Anib e Warde C.). Em uma informação do ano de 1949 que encontramos no Arquivo Nacional consta que residia em Lajeado à rua Silva Jardim, 73, que era casado, comerciante e que apresentou escrituras de dois terrenos de sua propriedade na cidade, comprados em 1929.

<sup>135</sup> Nascido em 1884 em local não declarado (fl. João e Ana K.), chegou ao Brasil em 1898, com 14 anos. De acordo com informação datada de 1948, consta que era viúvo e residente em Ouro Branco, distrito de Estrela.

<sup>136</sup> O Vale do Taquari abrange 36 municípios da região central do estado, formada por várias etnias. Entre elas, destacam-se as de origem alemã, italiana e açoriana, desfrutando de solo fértil, boa distribuição de chuvas, clima temperado e excelente qualidade de vida, incluindo uma das maiores longevidades do Brasil.

<sup>137</sup> O sobrenome da noiva, Maria Kraide, com “k”, provavelmente pertence à família de Moysés Kraide, que tem sobrenome grafado igual. É provável que o ramo da família que teve seu sobrenome grafado com “C” seja parente, até mesmo primo, desde a origem, no Líbano, do grupo grafado com “K”. Segundo a informante Graça Craidy, o nome Creidy tem origem na família Malouph (Maluf), que se tornou maronita. Conta-se que esta família se mudou para uma localidade no Líbano, próxima à região dos curdos. O casal levou seu filho pequeno, chamado Simão, muito valente e brigão. Como o pequeno Simão Maluf se comportava como um guerreiro curdo, esses últimos colocaram o nome do menino de Creidy, que significa “pequeno curdo” e só se aplica a um Maluf.

Note-se que, dos seis casamentos dos descendentes da(s) família(s) Craidy, verificamos que apenas dois casaram-se com outra pessoa de origem árabe (na 1ª e na última linha), o que evidencia uma relativa falta de opção para casamentos dentro da etnia, mas também uma clara estratégia da família Creidy, nas gerações subsequentes, pela assimilação dos costumes locais e inserção através do casamento, muitas vezes na geração do próprio imigrante. Contudo, como já observamos nos quadros de matrimônios dos filhos de imigrantes do interior do estado, o fato era comum na segunda geração. No caso em tela observamos que os outros nomes da lista de esposas/maridos que não são Creidy, são, quase sempre, de origem alemã<sup>138</sup>.

Da região da Serra Gaúcha encontramos no obituário do jornal Zero Hora do dia 1º de julho de 2016, o nome de Nagib Stella Elias, falecido em 29 de junho de 2016, aos 87 anos. Consta que este filho de imigrante sírio-libanês (a mãe, provavelmente, era de origem italiana) destacou-se como radialista em Nova Prata, tendo sido, também, vereador e prefeito da cidade. Foi também o primeiro presidente da Federação das Associações de Municípios do Estado do Rio Grande do Sul (Famurs), instituição de muito prestígio no estado.

Ainda da região serrana, localizamos na internet uma matéria do *Jornal Pioneiro*<sup>139</sup> contendo informações sobre a trajetória do imigrante libanês Kalil Sehbe, de Caxias do Sul. A reportagem destaca a importância de Kalil Sehbe para a história industrial de Caxias do Sul, “o imigrante que desafiou limitações e guiou-se por um determinismo implacável”, fundando em 1927 “uma promissora fábrica de confecções que resultaria na poderosa Organizações Alfred”. (RIGON, 2017). A matéria menciona ainda a entrada do grupo empresarial de Kalil Sehbe no ramo hoteleiro.

O declínio dessa gigantesca organização familiar, no fim da década de 1970, esteve ligada às mudanças na economia do país e, quem sabe, ao esgotamento do modelo empresarial familiar, que envelheceu e não se dinamizou, depois da doença e morte de seu fundador. Rigon (2017) resume assim o legado que a organização criada por Sehbe deixou:

As Organizações Alfred, reconhecida pelos produtos de qualidade, marcou época num Brasil inclinado pelo desenvolvimento exportador. O parque fabril da Organização Alfred tinha como ferramenta principal a máquina de costura. A expansão dos negócios se deve ao zelo com seus colaboradores. Trabalhar na Kalil era como viver num segundo lar. Na evolução do tempo, as unidades fabris aumentavam. (...) Na década de 1970, uma filial produtiva foi inaugurada na Bahia, demonstrando a competência da indústria caxiense.

<sup>138</sup> Abdalla Adalberto Creidy, liderança étnica dos clubes árabes em Porto Alegre era filho de sírio-libaneses; o pai um libanês de Porto Alegre, e a mãe, filha de pai libanês e mãe síria de Ijuí. (SCHILLING, 2007)

<sup>139</sup> Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/04/icone-da-elegancia-em-vestir-kalil-sehbe-transformou-a-industria-textil-em-caxias-9776547.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

De São Francisco de Paula, encontramos no obituário do Jornal Zero Hora, em 1º de agosto de 2016, o de José Asmuz. As informações contidas na nota dão conta de que era filho de imigrantes sírios nascido naquela cidade, em 1927. E continua a matéria: Ele foi um piloto de automobilismo e dirigente esportivo brasileiro. Foi presidente do Sport Club Internacional por seis anos em duas oportunidades: em 1980-81 e 1990-93. Emprestou seu nome para batizar uma parte do Jardim Dona Leopoldina, bairro de Porto Alegre.

A presença de sírios e libaneses em grande parte do Rio Grande do Sul segue o padrão de distribuição desses imigrantes em escala nacional, ou seja, presença distribuída através das tradicionais rotas de transporte, as estradas já existentes, e também de ferrovias recentemente construídas. Os caminhos abertos foram de grande importância para a distribuição desses imigrantes pelo Brasil<sup>140</sup> e também no Rio Grande do Sul, cuja malha ferroviária já era importante em 1898, antes de ser conectada ao resto do país. Giaretta (2008, p.11) chama a atenção para o fato de que “a ferrovia deu sustentação ao projeto de colonização transportando os imigrantes expulsos de seus locais de origem até as matas do rio Uruguai, além de servir de fronteira e de via para escoar a produção; portanto, teve o papel de animar a vida econômica e de proteger a fronteira”. O mapa abaixo reproduz o traçado da malha ferroviária do Rio Grande do Sul em fins do século XIX:

---

<sup>140</sup> Apesar de não se incluírem entre os principais grupos imigrantes, os sírios e os libaneses são aqueles que se apresentam mais espalhados pelo território brasileiro (LAMARÃO, 2004).

Mapa 7 – Malha ferroviária do Rio Grande do Sul em 1898.



Fonte: Silva (1954).

Uma característica que podemos observar é a presença de imigrantes árabes em fronteiras agrícolas emergentes na época, mas também em zonas de rápida urbanização no início do século XX. É importante lembrar a mobilidade dos sírios e dos libaneses através de grande parte do estado, nas rotas das principais artérias de transporte que ligam as diversas regiões do interior do Rio Grande do Sul à capital.

Concluimos que, no início do século XX, Passo Fundo, assim como Caxias do Sul, Garibaldi e Ijuí, muitas outras cidades de origem colonial, possuíam famílias sírio-libanesas radicadas, muitas mantendo laços de parentesco entre si desde a origem, e no Brasil, pelo menos na primeira geração. Na medida em que foram crescendo materialmente, também foram se espalhando pela região e se inserindo nas sociedades locais, sendo assimiladas ao extrato social correspondente à região à qual foram se incluindo.

Para localizar os imigrantes sírio-libaneses no Rio Grande do Sul é importante que tenhamos em mente que, muitos deles, são portadores de uma peculiaridade que os fazem

ímpares em seus municípios. Por carecerem de uma lealdade nacionalista mais enraizada, alguns desses imigrantes se apegaram fortemente ao distrito em que se fixaram, local onde puderam desfrutar de um senso comunitário no sentido da construção coletiva de algo novo.

De modo geral, podemos dizer que a adaptação e a coesão de um grupo étnico, como o dos sírios e libaneses, cuja subsistência depende do comércio, não poderiam ter deixado de ser impactadas de modo diverso nos três cenários distintos em que esses imigrantes se inseriram: fronteira, colônia e cidade. Nesta última, como dito, eles foram mais numerosos e lograram conservar por mais tempo sua identidade, tanto individual como de grupo, ocuparam posições no comércio atuando em bloco, dentro de nichos de comercialização de mercadorias específicas de acordo com seus interesses, e eram ligados a lideranças intelectuais de suas comunidades étnicas.

Por fim, o mapa abaixo, representa um índice, permitindo identificar o nome de cada município gaúcho entre aqueles onde se verificou a presença de imigrantes sírios e libaneses em meados da década de 1940.

**Mapa 8 – ÍNDICE. Divisão territorial do estado do Rio Grande do Sul (1944)**





#### 4.5 A LITERATURA FICCIONAL GAÚCHA E A IMIGRAÇÃO ÁRABE

Passamos agora a enumerar as obras de cunho ficcional, escritas por literatos e intelectuais de origem sírio-libanesa que têm a imigração árabe no Rio Grande do Sul como tema principal. Embora compreendamos que a literatura ficcional não se trate de uma fonte, propriamente dita, nosso propósito aqui é conhecer um pouco do imaginário desses escritores, suas origens e versões de como se deu a imigração desses homens de origem árabe que fizeram do Rio Grande do Sul seus lares. Já os autores de origem brasileira considerados literatos e intelectuais consagrados das letras gaúchas descrevem o imigrante árabe pelo seu ângulo mais curioso e diferente. Em alguns casos, um misto de estranhamento e identidade.

O primeiro escritor que lembramos foi um intelectual libanês-gaúcho Jorge Bahlis. O dramaturgo, historiador, romancista e, posteriormente, escritor comunista engajado era, por formação, contabilista, mas também professor de uma escola técnica profissionalizante que ele mesmo fundou na década de 1920 em Porto Alegre (MARTINS, 2012). Em sua peça dramática *Coração e dever*, Bahlis revelou um profundo desprezo pelos turcos e pela dominação otomana dos povos árabes, justificando assim o que o levou a escrever a obra:

Fi-lo para mostrar ao civilizado povo brasileiro a selvageria sem par dos turcos, o povo mais bárbaro que o mundo teve a infelicidade de possuir! É o maior monstro que a natureza abortou! Se Nero foi desumano por ter morto a milhares de pessoas e incendiado Roma, os otomanos são mil vezes mais infames e desumanos do que aquele o foi! Cometeram banditismo em maior escala do que Nero! Estampo-o aqui com o grito dum coração ferido, porque também sou oriental e duma região até há bem pouco tempo escravizada, e seus habitantes martirizados! (BAHLIS, 1920, p.1).

O jovem Bahlis frequentava a Livraria do Globo e a Sociedade Parthenon Literário, revelando-se um prodigioso intelectual que, apesar de autodidata, escreveu com propriedade peças de teatro, romances, livros de história e manifestos políticos (FISHER, 2007).

Em alguns contos avulsos do escritor gaúcho Érico Veríssimo, reconhecido pela crítica por retratar em sua obra muito da maneira de ser, pensar e sentir do povo sul-rio-grandense, cita-se de forma repetida o elemento “turco” entre seus personagens. No conto *A escolha* (2005), por exemplo, escrito originalmente na década de 1940, a protagonista Zizinha Moreira, donzela casamenteira de 20 anos de idade, da fictícia cidade gaúcha de Jacareacanga, refere-se assim à beleza das moças rivais da cidade, de forma debochada e preconceituosa: “A Ismênia, do ‘turco’ ali da esquina (...) parece uma mulata...”.

Carlos Nejar, um premiado escritor gaúcho, este de ascendência sírio-libanesa, é autor de um poema chamado “Abadil, o viajante”, publicado originalmente em 1979, que evoca com grande sensibilidade a mobilidade do ofício do viajante árabe pelo Rio Grande do Sul:

Abadil, o viajante. Não era um, eram muitos confluindo no seu corpo e o fatigando./Abadil, mais que Abadil, a infância dele, o rebelde, suas letras de colégio /o anterior e o sequente, a baldeação de Abadil, o seu arrabalde, o sítio. E fora dele, a tronqueira, o funcho, o mundo encanado./ (...) Notícias e coragens sobraçavam-lhe o jaleco. Imprevistos: as botas não os calçam nem consertam./Viajava. De Porto Alegre a São Borja./Ou melhor, desviava nas horas de nossas partes ou mortes. (NEJAR, 1979, s.p.).

Alcy Cheuiche escreveu *Jabal Lubnân: as aventuras de um mascate libanês* (2003). O romance histórico começa em Zahlé, no Líbano onde Jabal nasceu no seio de uma família cristã que, no fim do século XIX, já contava com alguns de seus membros nas Américas. As dificuldades de se ganhar a vida no Oriente Médio trouxe Khalil, irmão mais velho de Jabal ao Uruguai, que logo seguiu seus passos e aos 15 anos também decidiu emigrar. De acordo com o autor, de Montevidéu partiam os vendedores ambulantes, chamados de mascates, para o interior do país. O Uruguai, segundo Cheuiche, era o paraíso da criação de gado. Charque, couro e lã eram os seus produtos de exportação. Os demais vinham quase tudo de fora “A loja Estrella del Oriente ficava numa das ruas estreitas que partiam do porto. Uma entre as muitas com mercadorias penduradas pelas paredes, lembrando a origem de seus proprietários. Ali se falava mais árabe que castelhano”. (CHEUICHE, 2003, p.36) O romance histórico que Cheuiche escreveu em homenagem ao seu avô libanês, é ambientado tanto em Montevidéu quanto na fronteira do Brasil, entre Bagé, Pelotas e Caçapava do Sul durante a Revolução Federalista de 1893.

De acordo com Cheuiche, os sírios estavam bem adaptados no vizinho Uruguai e lá se encontravam em quantidade. Eles sabiam se proteger e pagavam a polícia e os impostos escorchantes, graças ao trabalho duro e as altas margens de lucro de seus comércios. E, o mais importante, mantinham-se neutros entre os fanáticos *blancos e colorados*. A história se desloca ao sul do Brasil quando Khalil, que frequentava a maçonaria em Montevidéu se dispõe e ajudar um patrício no Brasil, refugiado das lutas internas que o levaram a clandestinidade no vizinho Uruguai. Ele manda o irmão mais novo Jabal ao Brasil que, entre suas muitas aventuras, participa do cerco de Bagé no contexto das lutas federalistas de 1893.

Luiz Salim Kalil, ex-prefeito de Bagé e descendente de libaneses publicou, em 2007, *Salim faz preço, freguês; Samuel também faz, senhor*. O livro é um romance histórico, talvez inspirado na saga de sua própria família, ambientado na fictícia cidade de São Sebastião, localizada na fronteira sul do estado do Rio Grande do Sul. O autor conta a história de duas famílias, uma libanesa e outra de imigrantes judeus poloneses que chegaram ao sul do estado no início do século XX, e que foram parceiras nos negócios, tendo passado juntas por todas as conjunturas políticas e sociais que afligiram a região, o país e o mundo na primeira metade do

século XX. O primeiro personagem é o comerciante cristão libanês Salim e o segundo, o judeu Samuel, industrial. Referindo-se a Salim, escreve o autor:

Ele, que não dispunha de muito dinheiro para abrir um comércio estabelecido, portanto a alternativa que sobrava para o início da vida era a de mascate. Comprou um cavalo, uma mula, recebeu em consignação uma boa quantidade de mercadorias e saiu pelo pampa afora, vendendo suas quinquilharias nas estâncias, e à medida que ia conhecendo mais caminhos e pessoas, familiarizando-se com seus gostos, mais e melhores mercadorias colocava no lombo de suas montarias; as economias iam se acumulando (KALIL, 2007, p.10).

No romance, Samuel, receoso pelas perseguições sofridas em sua terra natal, prefere se refugiar no sul do estado gaúcho para assim ficar mais perto da Argentina e do Uruguai: “A qualquer contratempo, as alternativas seriam muitas. Samuel era um judeu teórico, bastante afastado das Sinagogas que, aliás, pouco frequentava”. (KALIL, 2007, p.12). No livro, os dois imigrantes se encontraram em solo gaúcho, onde fizeram amizade. O árabe, que iniciou a vida como mascate, se estabeleceu posteriormente com uma lojinha que ia crescendo no seio da comunidade; e o judeu, que na mesma cidade abrira uma fábrica de chapéus – os quais eram também vendidos pelo árabe em sua loja. Kalil descreve Samuel como um homem

que conhecera outros mundos, maiores e mais evoluídos. Mais que um comerciante; em certos aspectos, [era] um intelectual. Lia muito: Tolstoi, e demais escritores russos, conhecia bem a história e a evolução do comunismo, lera Marx, Engels e também, para efeitos de comparação, filósofos como Nietzsche. (KALIL, 2007, p.15).

Amigos, o árabe Salim e o judeu Samuel tinham, entretanto, suas diferenças: “Samuel era um comerciante por tradição, convivia com seus patrícios judeus, contudo estava acostumado com um comércio mais organizado. Gostavam de lances mais altos, que envolvessem inteligência e criatividade”. Já Kalil, de perfil menos arrojado, mesmo sem educação formal, conseguiu, com muito trabalho e persistência, sem fórmulas e à sua maneira rústica, espontaneidade *in natura* que o judeu tanto admirava, comprar uma loja

que ficava em uma esquina da rua principal da cidade, [e que fora] adquirida com alguma dificuldade. [Kalil] abandonara a vida de mascate, dedicando-se só ao comércio estabelecido. Dava-se ao luxo agora de não só vender à vista, mas também a prazo, especialmente aos fazendeiros, para receber no fim da safra de lã ou de carne. (KALIL, 2013, p.23).

Apesar de evitarem discussões políticas e de divergirem em relação aos acontecimentos na Palestina, ambos permanecem próximos e a amizade se consolida. Nas últimas páginas do livro, os dois terminam por casar seus filhos, que, em lua de mel programada para Nova York, tiveram o avião em que viajavam desviado para descer em Manaus, pois o espaço aéreo norte-americano tinha sido fechado. Era o 11 de setembro de 2001, quando termina a história.

Conhecer uma parte da literatura ficcional, apresentando também um pouco da história desses imigrantes é se apropriar do imaginário que o gaúcho tem da figura do libanês, mas também como o descendente de imigrante árabe vê e descreve a saga de seus personagens, muitos iniciados na prática da mascateação pelo interior do estado. Em uma análise dos textos de caráter ficcional que apresentamos se percebe que o cenário correspondente ao sul do estado ou fronteira, são recorrentes onde se desenrolam as tramas e os personagens. Também vemos que a maioria dos autores é de origem ou descendente de imigrantes sírios e libaneses. Uma exceção, Érico Veríssimo, destaca o tônus da pele da moça, mais brejeira e parecida com a do brasileiro, no conto “A Escolha”. Certamente não é pário para “alvura da pele da sinhazinha” casamenteira. Melhor sorte teve a filha de Salim, que no conto de Kalil, casou-se com o filho do amigo judeu no romance. O que vimos está, de certa forma, presente no imaginário do gaúcho através desses contos, comuns com o sul do estado. O mesmo se verifica no poema de Nejar (fronteira) e no romance de Cheuiche (fronteira sul do estado).

## 5 SÍRIOS E LIBANESES EM PORTO ALEGRE: ASPECTOS DE UMA IMIGRAÇÃO URBANA

### 5.1 PORTO ALEGRE E A HERANÇA GERMÂNICA

A fim de compreendermos a imigração sírio-libanesa em um ambiente como o de Porto Alegre faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre a presença de estrangeiros na cidade, como portugueses e italianos, mas sobretudo a imigração alemã, que, como veremos a seguir, exerceu grande influência na formação e desenvolvimento da capital<sup>141</sup>.

Os alemães foram o primeiro grupo étnico europeu não português, ou não ibérico, a se instalar no Brasil. No Sul do país, há registros de sua presença desde pelo menos a década de 1820 (ROCKENBACH, 2013). A imigração em massa de indivíduos de outros países europeus só teria início por volta de 1870. Dessa forma, pode-se dizer com segurança que os alemães dominaram o cenário migratório nacional, muito especialmente o gaúcho e o porto-alegrense, por quase meio século. Em seguida, dividiram o palco com membros de outras nacionalidades, situação que se estenderia até a década de 1930, quando o governo brasileiro impôs restrições à entrada de imigrantes no país (LISBOA, 2011).

Conforme destaca Magda Gans (2004, p.13), o núcleo de colonização alemã que se fixou em Porto Alegre “não fazia parte de um projeto articulado do governo imperial brasileiro. Ele desenvolveu-se em discreta espontaneidade na segunda metade do século XIX, formando uma consistente comunidade (...)”<sup>142</sup>. No final do XIX, os alemães já tinham consolidado sua presença na capital gaúcha com forte participação no comércio, nos serviços e em pequenas indústrias. Formavam a classe média da cidade, juntamente com os descendentes de portugueses. Eles fundaram igrejas, jornais, clubes, associações de auxílio mútuo e até elegeram um deputado para representá-los na Corte<sup>143</sup>.

Embora constituíssem a maioria, nem todos eram de origem rural (ROCHE, 1969; GANS, 2004). Havia ente os alemães profissionais capacitados e habituados à vida citadina – e que por exercerem diversas profissões optaram, tão logo quanto possível, por se estabelecer nas cidades. O diplomata e naturalista suíço Joahann Jakob von Tschudi, em visita a Porto Alegre em 1861, fez questão de anotar a presença teuta na cidade: “o elemento germânico está

---

<sup>141</sup> Ver a esse respeito os trabalhos de Roche (1960) e Rockenbach (2013), além da importante literatura dos viajantes que percorreram a cidade.

<sup>142</sup> Gans (2004, p.13) informa que a comunidade teuta da capital era formada primordialmente “por imigrantes vindos diretamente da Alemanha e, em menor número, descendentes de alemães reemigrados das colônias no interior do Estado”.

<sup>143</sup> Antes de 1881, a legislação brasileira não dava direito de voto aos não católicos, contingente significativo entre os imigrantes alemães. Com a chamada Lei Saraiva, de janeiro daquele ano, criou-se a possibilidade concreta de se eleger uma bancada teuta para atuar nas assembleias provinciais e na Assembleia Geral.

fortemente representado nos letreiros alemães sobre as abóbadas comerciais, oficinas, bares, padarias etc., [e] são tão frequentes como os dos brasileiros.” (*apud* DREHER, 2012, p.55). Outro que confirmou sua presença na vida econômica da capital gaúcha foi o cronista Wilhelm Vallentin (1909), que, no início do século XX, escreveu: “Porto Alegre ocupa lugar de destaque no comércio e na indústria; justamente o elemento germânico foi o que, nesta área, assumiu a vanguarda inquestionavelmente”. (*apud* NOAL FILHO, 2004, p.188).

Enquanto no interior a ascensão social dos imigrantes teutos foi mais lenta e difícil<sup>144</sup>, em Porto Alegre, os alemães possuidores de algum capital financeiro ou representantes de marcas germânicas fundaram grandes casas de importação e experimentaram uma ascensão social rápida e contínua, evoluindo depois do comércio para a indústria<sup>145</sup>. Constantino (2008) indica que, na virada do século XIX para o XX, grandes firmas abertas por alemães, muitos deles comerciantes rurais, prosperaram em Rio Grande e Porto Alegre. Grande parte dessas companhias estreitou laços com a Alemanha. Esse foi o caso, por exemplo, da Bromberg e Cia., empresa fundada por um imigrante que se instalara em Porto Alegre em 1863 (ROCHE, 1969). Sílvio Rockenbach (2013, s.d.) fornece um interessante retrato dos empreendimentos alemães e da presença germânica na cidade:

Na área industrial notabilizavam-se as Indústrias Renner, os Fogões Berta, Wallig e Geral, a Chocolates Neugebauer, o Laboratório Wesp, a Cervejaria Continental, o Grupo Gerdau, entre muitos outros. Na área comercial, a Casa Bromberg; na área dos transportes, a Viação Ouro e Prata, as companhias de navegação e a potentosa Varig; na área de ensino, os Colégios Pastor Dohms, Concórdia, Farroupilha – antiga Escola Alemã ou Deutsche Schule; na área eclesiástica, as igrejas São José, na Av. Alberto Bins; dos Navegantes, bairro Navegantes; a igreja da Reconciliação, na rua Senhor dos Passos; e a igreja da Comunidade Cristo, na rua Presidente Roosevelt.

Entre 1875 e 1880, conforme relata Symanski (1998, p.55), Porto Alegre “se libertou da praça comercial do Rio de Janeiro, quando o porto de Rio Grande começou a receber os grandes navios cargueiros transatlânticos provenientes da Europa”. Assim, as mercadorias importadas pelos comerciantes da capital passaram a ser desembarcadas na própria província, de onde eram transportadas a um custo muito menor.

No que tange à flexibilização dos rígidos traços culturais dos alemães, em Porto Alegre, ocorreu uma construção e desconstrução contínua de seus limites étnicos, fazendo com que os elementos germânicos se tornassem mais fluidos a partir da comunicação estabelecida por eles com os brasileiros e com os outros grupos de imigrantes também presentes na cidade. Frederick

---

<sup>144</sup> Entre outros fatores, contribuíram para isso as dificuldades iniciais em uma terra virgem, a falta de estrutura e o isolamento das colônias.

<sup>145</sup> Por volta de 1890, o comércio de importação em Porto Alegre já era dominado pelos alemães que, das 74 casas existentes, eram proprietários de 41 delas (ROCHE, 1969).

Barth (1998, p.193) explica esse tipo de fenômeno ao dizer que, na relação com membros de outra formação cultural, os indivíduos de determinado grupo étnico procuram marcar “posições com elementos da sua cultura, que são percebidas pelos outros como fronteiras.” Isso, segundo o autor, facilita o processo de “categorização de um grupo pelo outro, no plano externo, mas também internamente”, permitindo a seus integrantes se preparar para “interagir com maior fluidez na sociedade”.

No caso específico de Porto Alegre, a integração germânica à cultura brasileira foi também facilitada pelo longo convívio dos alemães com cidadãos luso-brasileiros desde a primeira metade do século XIX, o que certamente contribuiu para evitar seu isolamento em torno de rígidos padrões culturais<sup>146</sup>.

## 5.2 PORTO ALEGRE ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

As quatro primeiras décadas do século XX foram marcadas por um notável aumento da população de Porto Alegre, conforme ilustra a tabela abaixo. No período, a cidade registrou crescimento demográfico superior a São Paulo e Rio de Janeiro e, mesmo depois da crise do final dos anos 1920, seu crescimento continuou sendo maior do que o da maioria das capitais brasileiras.

**Tabela 2 – População de Porto Alegre (1900-1940)**

Cidade / Ano	1900	1920	Crescimento (%)	1940	Crescimento (%)
Rio de Janeiro	811.443	1.157.873	42.69	1.526,662	31,85
São Paulo	239.820	579.033	141.44%	-	-
Salvador	205.813	283.422	37.71%	294.253	31.85
Recife	113.106	238.843	117.17%	352.727	47.68
Belém	96.560	236.402	144.82	208.706	-11.72
Porto Alegre	73.674	179.263	143.32	275.678	53.78

Fonte: Censos do IBGE [s.d.]<sup>147</sup>.

Esse crescimento guardava estreita relação com um acelerado processo de evolução urbana observado na capital desde as últimas décadas do século XIX. Em 1873, por exemplo, fora inaugurada a ligação entre o bairro do Menino Deus – o primeiro a contar com linhas regulares de bondes de tração animal – e o Centro da cidade. Segundo Symanski (1998, p.55),

<sup>146</sup> Isso não significa dizer, entretanto, que a comunidade alemã, assim como os outros grupos étnicos estabelecidos na capital, não fizesse movimentos em prol da preservação de seus valores e de seus modos de vida, fato facilmente verificado quando observamos suas pautas matrimoniais, suas práticas religiosas, os jornais em língua alemã e as associações étnicas que fundaram (ROCHE, 1969).

<sup>147</sup> Tabela elaborada pelo autor a partir dos dados do IBGE referentes aos censos brasileiros de 1900, 1920 e 1940.

“o bairro do Menino Deus havia se transformado na primeira zona de residências aristocráticas da capital, composta por chácaras e vilas luxuosas”.

Naquele mesmo ano, teve início a construção da primeira ferrovia e da primeira usina de energia do município, que passou a gerar combustível para a indústria e iluminação pública para as ruas e avenidas. De acordo com Pesavento (1991), foi neste período que a cidade começou a experimentar um ainda incipiente processo de diferenciação espacial, com as classes mais abastadas buscando novas opções de moradia em lugares afastados do Centro da cidade<sup>148</sup>, onde a mistura de classes e a falta de saneamento básico causavam repulsa à nascente burguesia local.

Roche (1969) localiza no ano de 1891 o início efetivo da industrialização de Porto Alegre, quando foram registradas a inauguração de indústrias têxteis, calçadistas, de confecções, móveis e equipamentos domésticos, de vidros, etc<sup>149</sup>. O escritor Aquilino Porto Alegre<sup>150</sup> foi, talvez, o jornalista que melhor retratou a Porto Alegre das últimas décadas do século XIX, descrevendo em diversas obras sobre a cidade a reorganização de seu espaço urbano, com a introdução de transporte público, o alargamento de ruas e avenidas, a chegada da iluminação pública a gás, dos serviços de telégrafos e telefônicos e também de imigrantes.

O autor, que costumava ir a pé de sua residência até o Mercado Público, era um arguto observador dos tipos humanos que encontrava pelo caminho (MONTEIRO, 2013). Em suas crônicas, que podiam ser lidas em periódicos como *O Quartola* e *O Caibro*, Aquilino gostava de descrever a maneira como se comportavam os imigrantes, especialmente italianos e portugueses, narrando seus hábitos e sociabilidades em meio à sociedade porto-alegrense.

Sobre os portugueses, pode-se afirmar que apresentavam muitas similaridades com a imigração levantina em vários de seus aspectos. Martini (2013, p.213) assim se referiu aos lusitanos: “Nosso país para eles era a ‘terra da promessa’. Muitos, de fato, retornaram ricos; os mais caiporas voltaram remediados”. E fornece um exemplo que muito bem poderia ser estendido a alguns árabes que em terras gaúchas se fixaram:

---

<sup>148</sup> A formação de novos núcleos residenciais, especialmente a partir da fusão de pequenas localidades, deram origem a novos arrabaldes, como, por exemplo, aos atuais bairros do Partenon, Floresta, Navegantes, São João, Bom Fim e Azenha (MACEDO, 1973).

<sup>149</sup> Contrastando com as abordagens que procuram enaltecer a modernização da cidade, Sandra Pesavento (1994, p.43) chama, contudo, a atenção para o fato de que “o desenvolvimento (...) de Porto Alegre, *fin de siècle*, foi conquistado graças à exploração econômica da maior parte da população, que era constituída por trabalhadores, forçados a duras jornadas de trabalho de até 14 horas por dia”.

<sup>150</sup> Um dos precursores da crônica gaúcha moderna, Aquilino foi um jornalista bastante atuante na capital gaúcha durante as décadas de 1910 e 1920. De 1884 a 1888, dirigiu o *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, do qual foi proprietário e no qual assinou uma coluna de crônicas com o pseudônimo de Carnioli (MARTINI, 2013).



Domingos, alcunha Caibro, logo ao chegar, empregou-se como caixeiro de armazém e assim foi: de botequim, de armarinho, ganhou dinheiro, adquiriu prática e por fim estabeleceu-se. De início, com uma pequena taverna no Caminho Novo<sup>151</sup>, perto do Beco do Barbosa; depois abriu um forte armazém na rua Sete de Setembro. Com as mudanças da República, retirou-se do comércio passando a viver de rendimentos.

Como exemplo das semelhanças entre os dois tipos de imigração, a árabe e a portuguesa, podemos dizer que ambas foram fenômenos urbanos. As similitudes que apresentavam os dois grupos também se refletiam na predominância de pessoas do sexo masculino<sup>152</sup>, na idade média dos imigrantes e nos baixos índices de escolaridade de seus membros. Mas foi especialmente similar o tipo de comércio ambulante que praticaram<sup>153</sup>. Ainda que os sírios só tivessem chegado à cidade entre os anos de 1890 e 1920, eles seguiram os mesmos passos dos portugueses, ocupando antigas áreas de fixação e optando pelas mesmas estratégias para ganhar a vida, pelo menos no início. Grande parte deles foi morar em cortiços em áreas de aluguéis baratos e foi trabalhar como mascate ou ambulante<sup>154</sup>.

### 5.3 RUA ANDRADE NEVES, A PEQUENA SÍRIA DE PORTO ALEGRE

A presença sírio-libanesa em Porto Alegre foi registrada, entre outros, pelo viajante alemão Hans Ramelow, que esteve na cidade em 1904. Em suas memórias, ele anotou: “A população [alemã] apresenta uma cota quase igual à de luso-brasileiros; o restante, formada por italianos, portugueses, negros e mulatos, depois alguns poloneses e árabes”. Especificamente em relação aos sírio-libaneses, escreveu Ramelow:

[Os árabes] ocupam-se com predileção do comércio varejista e ambulante, uma vez que parecem especialmente adequados justamente a este tipo de venda de mercadoria. Por sua condição comercial insistente e apregoadora,<sup>155</sup> eles são concorrentes que pouco agradam ao comércio alemão”. (*apud* NOAL FILHO, 2004, p.110).

<sup>151</sup> Futura rua Voluntários da Pátria, que, nas três primeiras décadas do século XX, abrigava a maior concentração de comércio árabe de Porto Alegre (FRANCO, 1988).

<sup>152</sup> Knowlton (1960), citando dados dos censos brasileiros de 1920 e 1940, informa que os sírios e portugueses formavam, entre os imigrantes de todas as etnias, as comunidades com maior presença de homens para cada grupo de 100 mulheres: 214,2 e 204,5, respectivamente. Isso significa que, para cada mulher, aproximadamente dois homens dessas nacionalidades ingressaram no Brasil até 1920.

<sup>153</sup> A esse respeito, ver Knowlton (1960); Truzzi (1997); Leite (1999); Constantino (2008); Blumental (2001) e Weber (2010).

<sup>154</sup> Além dos portugueses, outros grupos de imigrantes poderiam ser citados por suas semelhanças com a imigração árabe, como, por exemplo, os galegos, moroneses (italianos do sul da península), judeus, gregos e armênios.

<sup>155</sup> O viajante devia estar se referindo à matraca, instrumento tocado com uma das mãos, feito com um sarrafo de madeira do tamanho de um tamanco, com um elo de metal cravado em cada uma de suas extremidades e que, ao ser chacoalhado contra a madeira de um lado ao outro, produzia um som que chamava a atenção de todos por onde passava o ambulante.

Dois outros viajantes que também estiveram em Porto Alegre e observaram a presença desses imigrantes foram o alemão Wilhelm Lacman e o padre belga Thomas A. Schoenaers<sup>156</sup>. O primeiro, em suas memórias, descreve assim um passeio que fez pelo Centro da capital em 1903:

A rua dos Andradas é a principal via de circulação de Porto Alegre, repleta de vida colorida. Negros e mestiços (...), luso-brasileiros, italianos e alemães misturam-se aqui uns com os outros. Aqui e ali, também encontramos rostos orientais. Isto porque Porto Alegre possui uma boa quantidade de lojistas sírios, os quais dispõem até de um jornal próprio, redigido em idioma árabe. (*apud* NOAL FILHO, 2004, p.96).

Porto Alegre começou a receber imigrantes sírio-libaneses em maior quantidade a partir de 1890. Segundo os livros de imposto valor locatício da prefeitura relativos ao 1º Distrito da capital, havia nos anos de 1899 e 1900 cerca de 25 estabelecimentos comerciais de sírios e libaneses no Centro da cidade, sendo 22 deles na rua General Andrade Neves, também chamada de rua Nova, dois na rua Voluntários da Pátria e um na rua Vigário José Inácio (ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO, 1999).

Nessa época, a maioria dos árabes trabalhava como mascate e saía a pé ou de carroça vendendo frutas, legumes e miudezas pelos arrabaldes da cidade e outros municípios do estado, de onde recebiam pedidos de novas mercadorias. Eles voltavam ao mercado da capital para adquirir os produtos e tornavam a viajar levando as encomendas. Para muitos desses árabes o local de repouso, mas também de reabastecimento de mercadorias era a rua Nova, onde eventualmente eram taxados pelas autoridades.

Comerciantes mais antigos recebiam mercadorias de São Paulo ou do Prata e repassavam aos mascates, que as vendiam pelo interior. No início do século XX, quando os imigrantes sírios e libaneses já circulavam por Porto Alegre em maior número, seu núcleo residencial e comercial era a rua General Andrade Neves<sup>157</sup>. O padrão de ocupação e concentração verificado ali não muito era diferente do de outras capitais ou cidades brasileiras, como a rua 25 de Março, em São Paulo, ou a rua da Alfândega, no Rio de Janeiro. Corbinos (1983, p.82) descreve assim o começo da vida desses imigrantes:

---

<sup>156</sup> Sabe-se que, no mesmo ano de 1903, Schoenaers hospedou-se no hotel árabe Abdallah-Ben-Alli com o intuito de ali permanecer pelo período de um mês. Por recomendações de um patrício, entretanto, depois de um dia trocou o estabelecimento por um outro local (NOAL FILHO, 2004).

<sup>157</sup> A existência na Andrade Neves de um “hotel árabe”, conforme anteriormente mencionado por cronista estrangeiro em visita a Porto Alegre, pode ter contribuído para a escolha dos mascates recém-chegados, mas também por ser a referida rua uma via cujos aluguéis eram mais em conta, como se supõe pela narrativa de Franco (1988, p.23), que dá conta que “antes de se transformar em rua comercial, com edifícios de escritórios e hotéis, no início do século XX, a ruela era o centro da boemia, com seus cabarés e casas de jogos. O clube dos caçadores, um elegante cassino, foi por muitos anos o grande ponto de jogatina do centro”.

Viviam inicialmente em cortiços, moradias populares com cômodos para alugar, onde se aglomeravam famílias inteiras em um reduzido espaço. Era peculiar o comércio praticado em longos trajetos, percorridos como vendedores ambulantes de sotaque tão característico.

A sociedade porto-alegrense, supomos, não devia ver com “bons olhos” aquela gente diferente, vivendo tão perto da luxuosa rua da Praia e do Mercado Público, naquela ruela de péssima reputação por causa de seus hotéis e bordéis. Naquela época, a Andrade Neves se estendia desde a rua General Câmara (rua da Ladeira) até a rua Marechal Floriano (do outro lado da Borges de Medeiros, que ainda não existia), uma vez que não havia ainda a avenida Salgado Filho, que só seria aberta décadas mais tarde.

Apesar de sua má fama, a “rua dos turcos” era bem localizada. Ficava perto das zonas comerciais e residenciais da capital e estava convenientemente localizada próxima do cais e da estação ferroviária. Não foi à toa, portanto, que muitos árabes a elegeram a um só tempo como local de trabalho e moradia.

Em nossas pesquisas no Arquivo Público do Estado e periódicos da capital gaúcha procuramos por ocorrências de toda ordem ligadas à rua Andrade Neves. Com efeito, encontramos alguns casos de ocorrências policiais (agressões) e questões de disputa comercial (falências e protestos) que resultaram em queixas-crimes. Nosso intuito aqui não foi a tabulação quantitativa desses casos, mas tão somente ilustrar a ocorrência de fatos do cotidiano envolvendo a comunidade árabe em sua principal área de localização.

Ilustrativo, nesse sentido, foi o caso de Elias Chediak, ocorrido em 1896. Comerciante atacadista de fazendas e miudezas<sup>158</sup>, estabelecido na rua Andrade Neves, 56, Chediak ingressara com uma ação de cobrança, em abril daquele ano, contra seu patrício, o mascate Abdalla Assli, a quem tinha dado um crédito no valor de mais de 250 mil réis, “proveniente de mercadorias que comprou para revender”.

Em 1898, dois anos mais tarde, teve lugar um violento acerto de contas na rua Andrade Neves entre dois pequenos comerciantes de duas famílias de origem árabe. Diz-se que tudo foi resolvido com muita gritaria, bofetões e cadeiradas. A violência rapidamente descambou para navalhadas, facadas e até tiros, resultando em quatro feridos, um em estado grave. O jornal *Correio do Povo* estampou na primeira página de sua edição matinal de 13 de janeiro de 1898 a seguinte manchete em letras garrafais: “GRANDE CONFLICTO”. Em letra menor, abaixo, antes do texto da reportagem, lia-se: “Tiros, facadas e prisões”.

---

<sup>158</sup> Entre as mercadorias que a firma de Chediak repassava aos mascates constavam *toilettes* para senhoras, como “perfumaria da marca Fantasia, pó de arroz e sabão redondo”.

O repórter do *Correio do Povo* parecia não ter entendido inteiramente o que havia acontecido entre os árabes da rua Nova, pois na introdução da matéria, assim escreveu a respeito do ocorrido:

A origem do conflito está ignorada, tal o mistério em que a rodeiam, quer os implicados no distúrbio, quer os que os testemunham. Um de nossos repórteres, que acompanhou todos os passos da autoridade policial, bem como o curativo dos feridos, tem fundamentos para acreditar que o conflito tenha se motivado por uma questão de 20 libras esterlinas (...) que um dos feridos tentara alapardar. Pelo menos foi isso que, por terceiros, veio a saber o subintendente do 1º Distrito<sup>159</sup>. (*Correio do Povo*, 13 jan. 1898, p.1).

O caso se dera, conforme a reportagem do jornal, na manhã do dia 12. A matéria informava que o árabe Abraão Bushdid, ao chegar de viagem, foi a uma agência de leilões para fazer o pagamento de uma conta, mas ao regressar à rua Silva Lima<sup>160</sup> foi inesperadamente agredido por um compatriota seu chamado José Fortunato, que lançou na sua direção uma cadeira e em seguida puxou uma faca. Dizia ainda a reportagem que a confusão começara em frente à residência de Bushdid, situada na rua Andrade Neves n. 13. A fim de se defender da agressão, Bushdid correu em volta de uma carreta que estava estacionada em frente à sua casa até que conseguiu entrar no imóvel. A ação continuou com José Fortunato em perseguição a Bushdid no interior da residência. Passados alguns instantes, ouviu-se da rua o disparo de dois tiros. Abraão Bushdid em seu depoimento alegou que não tinha sido ele o autor dos disparos. Continua o jornal:

Daí passou o conflito para a rua envolvendo-se nele Abraão, José Fortunato, Judith Bushdid e José Francisco, irmã e sogro de Abraão, e Nassif Antônio, que travaram renhida luta. Feridos, os três primeiros se refugiaram todos no prédio n.56, na mesma rua Nova, onde mora até nos porões, em repugnante promiscuidade, grande quantidade de homens, mulheres e crianças. (*Correio do Povo*, 13 jan. 1898, p.1).

Ainda segundo a reportagem, Abraão foi ferido no braço por golpes de navalha; Judith levou duas facadas. Já Fortunato, recebeu dois ferimentos à bala, seu estado foi considerado grave. Os três feridos foram mandados se recolher à enfermaria da cadeia civil para ficarem à disposição da Justiça (*Correio do Povo*, 13 jan. 1898, p.1).

O que se conclui depois da análise do tipo de discurso veiculado pela reportagem do *Correio do Povo* é que o que foi publicado reflete e reproduz em grande medida o pensamento da época, influenciado por valores positivistas que sugerem ser aquele grupo, formado por

<sup>159</sup> Texto com grafia atualizada pelo autor. Este procedimento será adotado, daqui em diante, em todas as citações de época.

<sup>160</sup> Em 20 minutos de caminhada desde a rua Nova, chega-se à rua Lima e Silva, na Cidade Baixa, à qual deveria estar se referindo a reportagem.

peças de uma determinada minoria étnica, agente de práticas socialmente reprováveis, no contexto de uma cidade que começava a se enxergar como uma metrópole moderna e civilizada.

Acompanhando o crescimento da cidade, a rua Andrade Neves continuou a receber sírios e outros árabes em busca de dias melhores e bons negócios. Assim, localizamos em setembro de 1902, no Arquivo Público Estadual, um processo de cobrança judicial proposto por Jorge Monaiar (APERS, 1902) contra Simão João Curi, ambos sírios e negociantes. Proprietário da Jorge Monaiar & Cia<sup>161</sup>, ingressara com uma ação cobrando de Simão o valor de 394 mil e 210 réis em mercadorias<sup>162</sup>, cujas compras haviam sido feitas por ele a prazo, em fevereiro de 1901, e estavam sem quitação havia mais de um ano e meio.

Em outro processo (APERS, 1903), este da área criminal, datado de 7 de abril de 1903, encontramos novamente o nome do comerciante Jorge Monaiar. Desta vez o processo tramitava como uma queixa-crime de Jorge contra o negociante Miguel Curi. O escrivão relata que “no dia 2 de abril, pelas 9h da noite daquele mesmo dia, Jorge foi procurado insistentemente por Miguel Curi, domiciliado nesta cidade e natural da Síria, em diferentes lugares, com o fim de com ele entender-se”.

A narrativa do queixoso continua fazendo constar, nos autos, a maneira sorrateira como agira seu patrício:

Achando-se a vítima de visita à casa número 34 da rua Andrade Neves, lá foi ter com o réu, que, lhe pedindo cordialmente uma palavra, fez com que o suplicante o acompanhasse até a rua. Dados, porém, alguns passos ao lado um do outro, o réu, inopinadamente, agrediu fisicamente o queixoso e, derrubando-o ao chão, em seguida lançou mão de uma faca que trazia na cintura diligenciando matá-lo, o que não conseguiu devido à intervenção de diversas pessoas que acudiram com toda presteza e conseguiram deter o réu que, em altos brados, protestava matar o mesmo queixoso, e nessa ocasião proferiu em árabe a maior das exclamações injuriosas e ameaçadoras, qual seja: “Hei de queimar tua fê.” (APERS, 1903).

Diz a queixa que aquelas mesmas pessoas que acudiram Jorge, “impedindo sua morte”, chamaram a polícia, sendo que, nesse meio tempo, o agressor conseguiu evadir-se do local, frustrando a prisão em flagrante. Contudo, continua a denúncia: “No dia seguinte, o mesmo réu andou rondando a casa da vítima, mas então armado de um revólver, fato este que demonstra que ele ainda está no mesmo desígnio de consumir o assassinato do queixoso” (APERS, 1903). Tendo acusado formalmente Miguel Curi à Promotoria Pública, o advogado de Jorge Monair

---

<sup>161</sup> Acreditamos que Monair estivesse baseado e estabelecido em Santa Maria, - uma vez que o nome de sua família foi naquela região encontrada, e que veio à Porto Alegre para promover judicialmente a cobrança contra Curi. Isso atesta a importância da ligação férrea entre a capital e Santa Maria, no contexto comercial daquela época, mas também a importância de Porto Alegre para a burocracia estatal.

<sup>162</sup> Três peças de chita (137 metros, a 800 réis); duas peças de cetim (59 metros, a 900 réis); uma peça de cachemira (nove metros, a 10.500 réis); uma chita para colcha (24 metros, a mil, réis); três peças de morim perfeição (20 jas, a 13 mil réis) e duas peças de morim (10 jas, a cinco mil réis).

solicitou que se mandasse citar o acusado para que este respondesse de acordo com base nos artigos do Código Penal referentes ao tipo de crime que lhe era imputado. Depois de apresentar seu rol de testemunhas, o advogado por fim requeria uma indenização à vítima no valor de 10 contos de réis.

Entre as oito pessoas arroladas como testemunhas<sup>163</sup>, todas elas patrícios da rua Andrade Neves, um nome em especial chamou nossa atenção por aparentemente tratar-se de um médico de origem alemã, Dr. Jorge H. Naamann, e por termos conhecimento da existência de uma rua no Centro da cidade gaúcha de São Leopoldo, município distante alguns quilômetros da capital, pioneiro da imigração alemã no estado, cujo nome é Doutor George Naaman. Trata-se de uma rua importante de São Leopoldo, que está grafada como escrevemos, sem o segundo “n” ao final; e, com G ao invés de J no prenome George. Nos órgãos de cultura do município e no Museu Visconde de São Leopoldo reunimos algumas informações biográficas de Naaman e qual não foi a nossa surpresa ao saber que se tratava de “um médico sírio, nascido em Beirute!” (MOELENCKE, 2013, s.p.).

O material que pesquisamos tem como fonte investigações realizadas pelo colecionador Germano Moelecke, de São Leopoldo, já falecido. O acervo inclui uma pequena biografia de Jorge Naaman e até algumas fotos dele e de sua família. Diz o texto escrito por Germano Moelecke que Jorge Naaman nasceu por volta de 1881 e que veio jovem da França, onde estudara medicina, passando a clinicar no Vale dos Sinos por volta de 1901-1902. A informação levantada pelo pesquisador dá conta de que Jorge Naaman<sup>164</sup>. Seu biógrafo diz ainda que Naaman era auxiliado por seu sobrinho Alfredo Diehl, e que

foi durante muitos anos médico da prefeitura municipal e da Viação Férrea. Como médico dessa última fazia longas viagens de trem, indo pelos ramais para visitar os doentes. Sua esposa, de descendência alemã, era filha de Jacob e Luíza Voges; seu avô foi pastor protestante, tendo vindo ao Brasil junto com os imigrantes. O Doutor George Naaman, logicamente, era grande apreciador das comidas sírias, especialmente o quibe, preparado com farinha de trigo e carne moída socada em pilão e depois cozida. (MOELENCKE, 2013, s.p.).

Por meio de pesquisas no Arquivo Público do Estado, vimos que Naaman foi o inventariante do espólio da sogra em 1916, tendo sua esposa<sup>165</sup> herdado cerca de dez contos de

---

<sup>163</sup> D. George H. Naamann, Joaquim, Adla, Checra e Bechara Moysés (esses quatro, possivelmente parentes), Jorge Miguel Helan, Salin José Issa e Farid Zaiter.

<sup>164</sup> Assim o pesquisador descreve o nosso personagem: “De estatura média, moreno, tinha por hábito o uso de uma bengala que, sem precisar dela, utilizava apenas como um ponto de apoio e manjava-a sempre para frente e não para o lado”, e ainda que “era um homem de grande capacidade e que clinicou com interesse e abnegação, assumindo a direção dos trabalhos durante a gripe espanhola que o município enfrentou”.

<sup>165</sup> Antonieta Voges, que era filha de um importante proprietário de origem alemã de uma empresa de navegação fluvial de São Leopoldo.

réis depois de terminada a partilha dos bens deixados pela mãe – que era viúva (APERS, 1916). Doutor Naaman faleceu em 1945, aos 64 anos, tendo deixado dois filhos e a esposa, além do patrimônio de uma casa (na verdade herança de sua mulher) e dois terrenos no Centro de São Leopoldo (APERS, 1945).

É provável que no início de sua carreira Naaman tenha sido importante para a pequena comunidade sírio-libanesa que se instalava na cidade, especialmente por ocupar um cargo tão estratégico para esses negociantes. No início da sua trajetória médica, quando contava pouco mais de 20 anos de idade, provavelmente também atendia pacientes sírios da rua Andrade Neves, uma vez que estes poderiam contar com um médico fluente em seu idioma, além de tê-lo como interlocutor ou representante desses imigrantes na parte mais alta da sociedade porto-alegrense, que Dr. Naaman também frequentava.

O prestígio que o médico árabe granjeou, sem dúvida, ensejou seu biógrafo a descrevê-lo assim: “O Doutor Naaman foi contemporâneo do Doutor Frederico Wolffenbuttel e do Doutor João Dutra, que logo se aposentou. Seu grande amigo era o Coronel Guilherme Gaelzer Neto, contando também, entre suas amizades, o Major Elíbio Weber, engenheiro da prefeitura, e o Doutor Orfelino Tostes.” (MOELECKE, 2013, s.p.)

Para o jovem médico libanês, vivendo distante de seus familiares que ficaram no Líbano, o contato com os sírios da rua Andrade Neves também deve ter sido muito importante, caso contrário seria pouco provável que estivesse naquele local às 9h da noite de uma quinta-feira, quando houve a refrega referida envolvendo seus patrícios Jorge Monaiar e Miguel Curi. Não temos elementos para afirmar com certeza, mas talvez o ódio mortal que fora friamente contido por Miguel Curi, para ser expresso depois em um rompante de violência contra Jorge Monair, possa ter tido alguma relação com um certo Simão Curi, que havia sido cobrado judicialmente por Monaiar alguns meses antes, conforme relatamos. A passagem abaixo pode, talvez, servir como hipótese explicativa para o ato praticado por Miguel Curi:

O árabe coloca acima da própria vida a prosperidade, a glória e a honra da comunidade que o viu nascer e que o verá morrer. Não é um sentimento semelhante ao nosso patriotismo [...]. É uma paixão violenta e terrível e, ao mesmo tempo, o primeiro e o mais sagrado dos deveres: a verdadeira religião do deserto. (ORNELAS, 1999, p.97).

Analisando os caminhos que nossa pesquisa tomou a partir do processo de cobrança de Jorge Monair contra Simão João Curi podemos tecer as seguintes considerações: em primeiro lugar, o fato dá conta de que esses árabes foram violentos e brigaram entre si na rua Andrade Neves talvez por não estarem totalmente integrados aos costumes “civilizados” da cidade, que utiliza os meios legais para encaminhar suas diferenças. Não chega, portanto, a configurar uma

surpresa que pessoas provenientes de outro universo sociocultural, não citadino, resolvessem suas desavenças com sangue, uma vez que a honra pessoal e a fidelidade para com a família costumavam ser mais importantes do que as relações estabelecidas por estes indivíduos com as instituições do Estado, incluindo a própria lei (LESSER, 2001). Depois, levando em conta o fato de os sírios carregavam consigo o estigma histórico de “turco” para a sociedade luso-brasileira de então, é válido dizer, no mínimo, que se tratava de um grupo étnico em pleno processo de afirmação social (MOCCELIN, 2008).

Naquele contexto, Dr. Naaman, conforme vimos, representava na rede de relações étnicas entre os árabes, e não somente daqueles da rua Andrade Neves, a elite da sociedade porto-alegrense, uma vez que se identificava mais como um membro dessa elite do que com a realidade dos imigrantes pobres, ainda que transitasse por aquele ambiente da rua Andrade Neves. Não é possível saber se Dr. Naaman exercia ali simplesmente a sua obrigação profissional, prestando assistência aos doentes, ou se também aplicava as regras mais modernas de boa saúde e higiene que aprendera na “Universidade de Medicina de Paris”<sup>166</sup>. Talvez, por isso, tenha sido arrolado como testemunha da briga que se configurou como uma vendeta entre dois patrícios. O fato é que Dr. Naaman acabou se aliando a um dos lados do conflito, ainda que como testemunha, o que inevitavelmente terminou por legitimar este último como “civilizado” frente ao outro, considerado “bárbaro” e agressor.

É importante lembrar que a comunidade árabe da rua Andrade Neves se transferiu por inteiro para outras ruas do Centro da capital, especialmente para a rua Voluntários da Pátria, já no fim da década de 1920. Nela, os sírios e libaneses, mesmo em quantidade, se diluíram em meio a outros comerciantes de diversas origens. Contudo, não houve prejuízo para as redes de sociabilidades que já estavam formadas e que continuaram em outros espaços com a fundação de agremiações esportivas e clubes na década citada, e, pelo que vimos até aqui, isso muito se deveu às autoridades francesas que investiam na reunião desses sírios (na diáspora) para apoiar a independência desses países.

A comunidade sírio-libanesa da capital crescia e por isso foi incluída no roteiro organizado pelas autoridades francesas para propagandear “A Independência da Syria”. Era isso o que se podia ver em uma das manchetes da página frontal do *Correio do Povo*, de 12 de setembro de 1917, nas qual se lia:

---

<sup>166</sup> Segundo Moelecke (2013, s.p.), o diploma de Naaman fora expedido por uma universidade de Paris. No entanto, apesar de não termos conseguido acesso ao documento, é provável que seu diploma seja, na verdade, da Universidade Saint Joseph, de Beirute, famosa por ter enviado ao Brasil diversos médicos e intelectuais da colônia. A esse respeito, ver Lacaz (1982).



Pelo trem noturno chegaram ontem, a esta capital, os doutores Jayme Mordom Bey e Cesar Lakah, incumbidos pelos governos da Entente, e principalmente pelo da França, de fazer conferências em favor da independência da Syria e do Monte Líbano, donde são naturais, e que se acham sujeitos à dominação turca. Os seus compatriotas aqui residentes fizeram-lhes festiva e entusiástica recepção indo recebê-los em grande número na Viação Férrea. Ali, também os aguardava o barão de *La Vessieres*, vice-cônsul da França nesta capital. No Hotel Lagache<sup>167</sup>, foram hasteadas as bandeiras libanesa e francesa. Durante o dia, ali receberam eles as visitas de muitos dos seus compatriotas que foram hipotecar-lhes o seu apoio à missão de que vêm incumbidos.

Com a maioria de seus negócios mais perto do cais e da estação ferroviária, na parte baixa de Porto Alegre, a comunidade foi cortando aos poucos o vínculo com seu passado que a rua Andrade Neves representava. A saída por completo da comunidade árabe da rua tem, certamente, correspondência com a integração desses imigrantes à vida da capital, mas, também, muito possivelmente, com o fim do ciclo de dificuldades por que passaram, no início, aqueles que efetivamente permaneceram na cidade.

#### 5.4 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍRIO-LIBANESES EM PORTO ALEGRE

Localizamos em nosso levantamento da década de 1940 muitas famílias sírias e libanesas residentes nos bairros próximos ao Centro, como Floresta e Cidade Baixa, mas também em bairros operários do 4º Distrito da capital, como São João, São Geraldo e Navegantes, conforme veremos a seguir. Porém, em relação à época sobre a qual escrevemos, a maioria dos imigrantes árabes ainda preferia os cortiços do Centro por medida de economia, mas principalmente porque não podiam abrir mão de estar presentes no coração da cidade, uma vez que era ali que se concentrava o grosso do comércio e também maior densidade de pessoas circulando, o que só se intensificou à medida que o século XX foi avançando. Pesavento (1991, p.100) fornece uma boa síntese desse processo:

A cidade de Porto Alegre viveu, de forma radical, a feição autoritária de intervenção no seu espaço urbano, possibilitada pela grande concentração de poder nas mãos dos governantes e na capacidade de acumulação do Estado. Iniciou-se, aí, a fase de verticalização do Centro da cidade e a finalização de obras grandiosas para a fisionomia de Porto Alegre, iniciadas nas primeiras décadas do século XX. Mesmo antigos casarões da área nobre da cidade foram destruídos; ruas inteiras sucumbem às patolas e picaretas; as desapropriações crescem em proporções enormes para a abertura de novas vias que pretendiam desafogar o Centro da cidade, ligando-o a bairros mais distantes.

Schilling (2007, p. 35) nos traz a informação que corrobora com a expansão da cidade para fora do Centro em direção aos bairros mais afastados, onde o Poder Público municipal havia preparado a infraestrutura e incentivado a aquisição de lotes, que os irmãos Felipe e

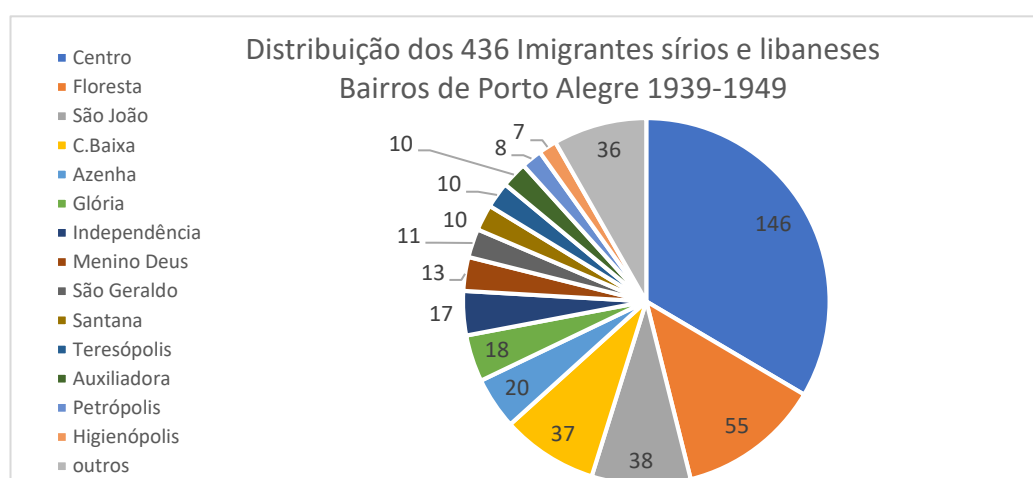
<sup>167</sup> Atual sede da Casa X, tradicional loja de tecidos de Porto Alegre, de propriedade da família Sada. Na entrevista que nos concedeu, Gisberto Sada (2015, s.p.), atualmente à frente do negócio, declarou: “Estamos neste prédio do antigo Hotel Lagache, na rua Marechal Floriano, com a Nova Casa X, até hoje.

Chain Selaimen, “compraram, em 1914, uma área no bairro São João, 4º Distrito de Porto Alegre, para explorar uma pedreira”. Porém, conforme narra a autora, que em 2006 entrevistou os mais velhos da colônia, com o fracasso do empreendimento, os irmãos lotearam o terreno em 1925, atraindo para o local muitos imigrantes que pouco a pouco foram construindo suas próprias moradias. Segundo Schilling, com a vinda dos primeiros libaneses, outros mais que estavam residindo no Centro e em outros pontos da cidade começaram a fluir para o bairro de São João.

Essas informações encontram apoio em uma passagem de Pesavento (1994, p.43) que afirma existir na última década do século XIX, fatores como aumento das taxas prediais no Centro que “elevaram substancialmente o valor dos aluguéis, forçando a migração desses grupos para lugares mais afastados, com moradias mais baratas, que constituíam os bairros operários-fabris de Navegantes e São João”.

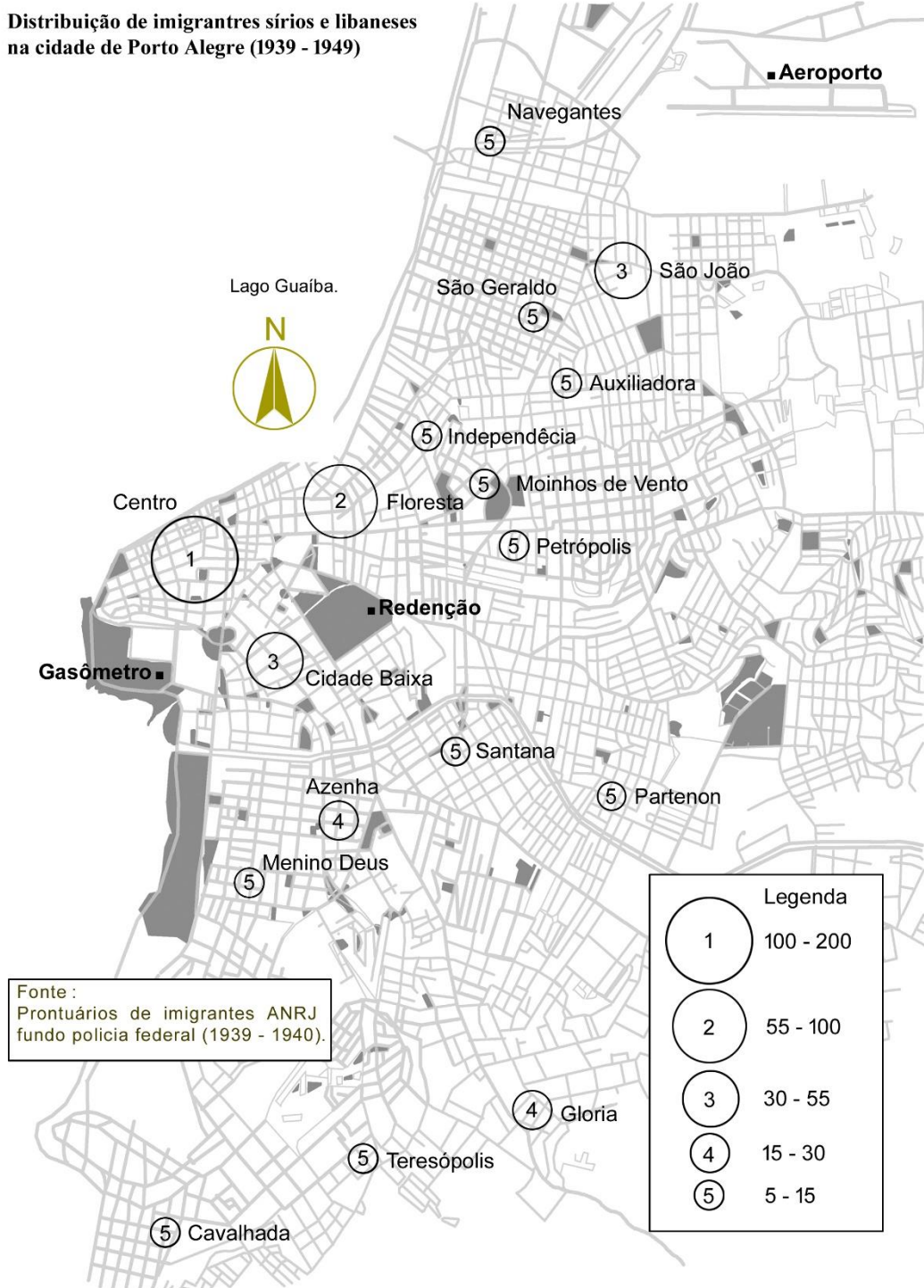
Na pesquisa que fizemos no Arquivo Nacional, referentes aos anos de 1939 a 1949, como vimos no capítulo anterior, verificamos que, dos 753 nomes selecionados, 436 residiam em Porto Alegre, ou seja, 58% do total de imigrantes que se cadastraram em todo o estado. Do conjunto desses residentes, 146 se fixaram no Centro, ou seja, por volta de 33%. A região central da cidade concentrava então duas vezes mais sírios do que o bairro vizinho, Floresta, onde contamos 55 pessoas. Provavelmente essa concentração de árabes nos bairros Centro e Floresta devia-se ao fato de esses imigrantes preferirem residir em seus próprios locais de comércio. Os bairros da cidade que na época pesquisada contavam com imigrantes árabes, conforme ilustra o gráfico abaixo, eram os seguintes:

**Gráfico 4 – Distribuição de imigrantes sírios e libaneses por bairros de Porto Alegre (1939-1949)**



Fonte: Arquivo Nacional. [s.d.]

**Mapa 9. Distribuição de Imigrantes Sírios e Libaneses na cidade de Porto Alegre (1939-1940)**



O mapa da página anterior, ilustra a concentração desses imigrantes nos bairros de Porto Alegre na década de 1940. (ARQUIVO NACIONAL, 1939-1949). De acordo com os endereços que constam nas fichas cadastrais do Arquivo Nacional (anexo A), muitos imigrantes sírios e libaneses continuavam residindo nos mesmos locais onde funcionavam os seus comércios, que eram geralmente sobrados em cujo primeiro piso funcionava normalmente o armazém, reservando-se o andar superior ou os fundos da casa, quando o imóvel só tinha um pavimento, para a residência da família.

Cabral (1996, p.45) vê este tipo de arranjo como consequência do desenvolvimento capitalista, que havia provocado um aumento populacional “sem precedentes” nas cidades. A autora o descreve como “rua comercial”, muito em voga no final do século XIX. De acordo com ela, “a rua comercial inclui o espaço público e necessariamente se limita com esse, quer seja resolvido como espaço unicamente para pedestre, quer como espaço destinado a pedestres e veículos”.

Nesse sentido, o mapa apresentado acima não reflete com exatidão os que moravam em outros bairros e trabalhavam no Centro da cidade, nem tampouco aqueles cujos comércios e locais de residência se confundiam no mesmo espaço. O que o mapa acusa, com nitidez, é a presença árabe de uma forma geral gravitando em torno do Centro de Porto Alegre na época aludida.

Assim, merecem destaque, pela concentração de sírios, além da região central, os bairros de Floresta e Cidade Baixa, ambos vizinhos ao Centro, e São João, este mais afastado.<sup>168</sup> Em seguida vinham os bairros servidos por transporte público, como os da Azenha, Glória, Teresópolis e Menino Deus, e os localizados no entorno ou próximos à rua Voluntários da Pátria, como São Geraldo, Navegantes e Auxiliadora. Em números mais modestos também se verificava presença levantina em bairros como Parthenon, Santana e Petrópolis e nos mais distantes como os de Cavalhada e Tristeza. É certo, contudo, que os terrenos mais baratos foram atraindo, pouco a pouco, uma camada menos favorecida em busca de moradia.

A presença de imigrantes sírio-libaneses também é visível em bairros de aluguéis mais caros, como Moinhos de Vento, Independência e Menino Deus. Fica muito difícil precisar, contudo, em uma cidade como Porto Alegre, o padrão de vida em bairros como Glória, Petrópolis e Auxiliadora, somente para citar alguns exemplos, que poderiam ser bastante aprazíveis na época, apesar de estarem fora do circuito tradicional dos bairros mais sofisticados. Truzzi (1999, p.334) lembra que os “diferentes locais de moradia, na mesma cidade, dos

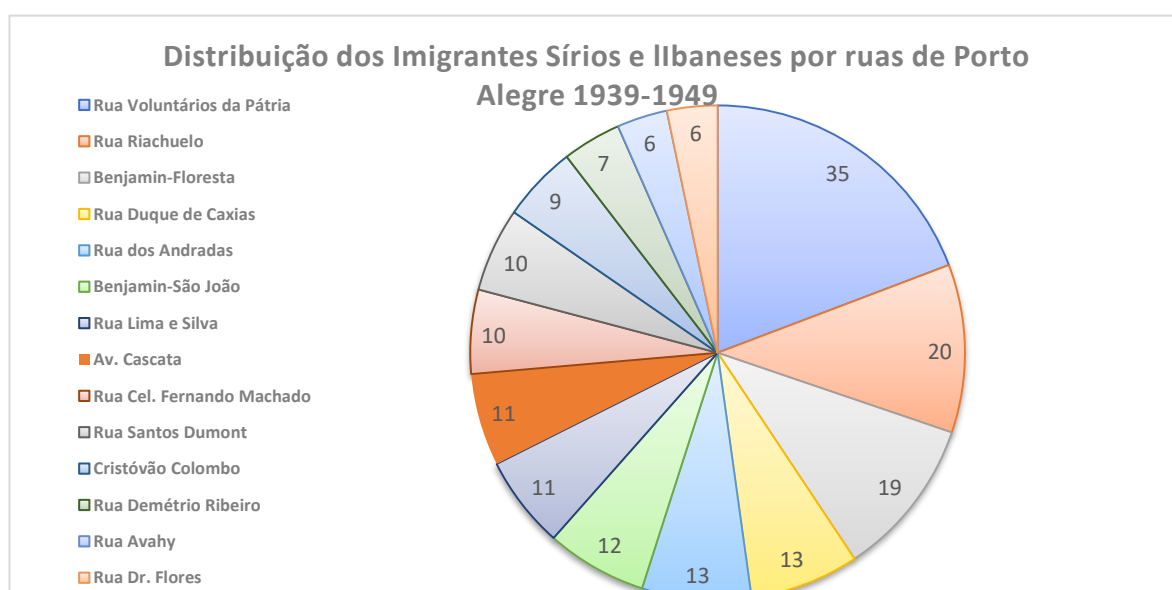
---

<sup>168</sup> As ruas do primeiro bairro citado com maior presença desses imigrantes eram a Voluntários da Pátria e a Cristóvão Colombo; e as do segundo, as ruas Lima e Silva e José do Patrocínio.

membros da colônia, talvez tenham se constituído nos primeiros indícios mais claros de diferenciação” entre eles.

Entre as ruas com maior concentração de imigrantes árabes no Centro de Porto Alegre figuravam, em primeiro lugar, a rua Voluntários da Pátria e depois as ruas Riachuelo, Duque de Caxias e dos Andradas. Em seguida vinha, já fora do Centro, a rua Benjamin Constant, nos trechos pertencentes aos bairros Floresta e São João. De volta ao Centro, em direção à Cidade Baixa, estão as ruas Demétrio Ribeiro, Coronel Fernando Machado e a antiga rua Avahy, de forte presença sírio-libanesa, e ainda, numa área mais central, as ruas Marechal Floriano, Doutor Flores, Alberto Bins, General Vitorino e Praça Parobé, esta última ao lado do Mercado Público, onde localizamos cerca de dez imigrantes sírios com quiosques de venda de frutas e vegetais e também alguns *chauffers*, uma vez que era ali que as caminhonetes de fretes ficavam estacionadas. O gráfico seguinte ilustra a distribuição de imigrantes árabes pelas ruas do centro e adjacentes de Porto Alegre:

**Gráfico 5 – Distribuição de imigrantes sírio-libaneses por ruas de Porto Alegre (1939-1949)**



Fonte: Arquivo Nacional [s.d.].

Em resumo, verificou-se presença levantina maciçamente no Centro e nas ruas próximas a este. No entanto, as vias de ligação entre um bairro e outro, geralmente atravessadas por artérias importantes da *urbe*, também eram locais onde esses imigrantes podiam ser facilmente encontrados. Este era o caso, por exemplo, das ruas Benjamin Constant, que liga os bairros de Floresta e São João, e a avenida João Pessoa, que liga o Centro aos bairros de Menino Deus e Parthenon. Na Cidade Baixa, como vimos, estão as ruas Sarmiento Leite e Lima e Silva, ambas também com forte presença de imigrantes árabes. Uma outra rua onde encontramos uma

pequena concentração desses imigrantes foi a rua da Azenha<sup>169</sup>, que ainda hoje dispõe de um comércio popular importante fora do Centro. Outra exceção é a avenida Cascata, localizada em zona menos urbanizada na época, mas que, curiosamente, foi onde se fixou um pequeno mas significativo número de árabes ali residentes. É importante afirmar que estes últimos casos fogem à regra observada em outras regiões da cidade.

O quadro abaixo mapeia a presença árabe no bairro da Glória, onde fica a avenida Cascata, a rua Nunes, a rua Dr. Rocco e a rua D. João VI. (todos os endereços bem perto uns dos outros).

**Quadro 5 – Moradores da avenida Cascata e adjacências em Porto Alegre (década de 1940)**

Nome	Ano de Nasc. Profissão	País	Endereço	Chegada idade status			Cadastro
Seade, Ant <sup>o</sup>	1897 sapateir	Síria	Dr. Rocco, 65	1911	15	solteiro	1941
Seade, José	1886 comerc.	Síria	Av. Cascata, 2.165	1912	16	casado	1941
Seade, Jabour	1884 comerc.	Síria	Av. Cascata, 2.247	1904	20	casado	1942
Esber, Tamer	1863 comerc.	Síria	Av. Cascata, 2.229	1937	74	viúvo	1944
Isse, Antônio	1887 comerc.	Síria	Av. Cascata, 2.227	1907	20	casado	1945
Isse, Maria	1899 domest.	Síria	Av. Cascata, 2.227	1905	16	casada	1945
Abech, Amiz	1893 -	Síria	Av. Cascata, 2.227	1908	15	-	1943
Basra, Gattas	1878 comerc.	Síria	Av. Cascata, 2.319	1902	24	-	1946
Ceccin, Rosa	- domest.	Síria	Av. Cascata, 2.671	-	-	viúva	1941
Kalil, Miguel	1888 comerc.	Líbano	Av. Cascata, 2.994	1907	18	casado	1943
Kalil, Josefa	1889 domest.	Líbano	Av. Cascata, 2.994	1904	16	casada	1943
Zaquia, Jorge	1886 ambula.	Síria	R. Nunes, 294	1907	21	casado	1940
Cure, Ramon	1898 ambula.	Síria	Av. Cascata, 3.187	1924	26	casado	1939
Slim, Ibrahim	1888 comerc.	Síria	D. João VI, 103.	1907	19	solteiro	1940
Dumet, José	1887 operário	Síria	D. João VI, 111.	1903	19	casado	1940
Salamoni, Maria	1876 domest.	Síria	D. João VI, 69.	1914	38	solteira	-
Abech, Rachid	1888 -	-	D. João VI, 84.	1908	20	-	1942

Fonte: Arquivo Nacional. [s.d.].

Analisando o quadro acima percebe-se, em primeiro lugar, que a maioria desses imigrantes é de sírios, muitos de uma geração nascida no último decênio do século XIX e que emigrou para Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. A exemplo do que aconteceu com o bairro de São João na segunda década do século XX, atraindo especialmente os libaneses para um loteamento naquele lugar, os dados apontam para um movimento de mobilidade conjunto de sírios na década seguinte evidenciando que, para alguns deles, um lote na Glória, onde está localizada a avenida Cascata, e as citadas ruas adjacentes, significou uma opção acessível ao Centro da cidade, já saturado.

<sup>169</sup> De acordo Franco (1992), muitas ruas de Porto Alegre já estavam bem servidas de infraestrutura de transporte urbano, saneamento básico, luz elétrica e sólidas construções, sobrados e prédios diversos, próprios para lojas, desde o fim do século XIX.

Talvez seja possível levantar algumas hipóteses acerca da origem desses deslocamentos a partir de uma lógica de distribuição espacial também relacionada a fatores não propriamente econômicos, como a existência de redes familiares que aglutinassem grupos em determinadas regiões, através da compra conjunta de terrenos em loteamentos. É possível observar que esses árabes se fixaram nesses locais desde o início da década de 1920<sup>170</sup>, antecipando-se a grupos mais numerosos e provavelmente conseguindo melhores preços nessas áreas, uma vez que, de acordo com Franco (1992), o povoamento dessas regiões se acelerou a partir da década de 1950, graças à abertura de novos acessos, à expansão dos meios de transporte e ao loteamento das encostas dos morros da Polícia (também chamado Glória) e Cascata. Tanto para o bairro operário de São João, quanto para as zonas mais bucólicas da Glória<sup>171</sup>, a distância geográfica não era um obstáculo, pois, como vimos, já havia um sistema de bondes em Porto Alegre desde o fim do século XIX. Além disso, com a chegada de novos moradores a partir da década de 1950, o exercício da atividade comercial se viabilizou nos próprios bairros de residência desses imigrantes.

É preciso levar em conta que, depois do período estudado, a cidade passou por grandes modificações urbanísticas, especialmente no Centro, o que descaracterizou significativamente a lógica da presença desses grupos étnicos em algumas ruas da cidade, conforme apresentamos aqui. Um exemplo do que narramos fica patente na rua Santos Dumont, no bairro Floresta, onde havia, na época estudada, a presença de médio-orientais, o que se justificava por causa de um cais que existia no trecho final da via, e que foi depois desativado (FRANCO, 1988).

Outro exemplo foi a abertura da avenida Borges de Medeiros, no Centro, que, além de ter feito desaparecer algumas ruas do entorno, onde havia presença desses imigrantes, passou a fazer a ligação entre área central e a recém-criada avenida Ipiranga, depois da canalização do Arroio Dilúvio. A Borges de Medeiros também permitiu a ligação do Centro com a Zona Sul da cidade, o que, certamente, contribuiu para atrair um crescente número de imigrantes e descendentes para essas novas áreas.

## 5.5 PARTICIPAÇÃO ÁRABE NO COMERCIO DA CAPITAL

A pesquisa sobre a evolução e diversificação dos estabelecimentos comerciais de imigrantes sírios e libaneses em Porto Alegre foi realizada com base nos documentos relativos à coleta de tributos, taxas e contribuições da prefeitura municipal da cidade.

---

<sup>170</sup> Aqui nos referimos ao bairro de São João cuja urbanização é iniciada na década de 1920. A avenida Cascata e imediações, - atual Professor Oscar Pereira, acontece nas próximas décadas.

<sup>171</sup> O bairro de São João dista cerca de oito quilômetros do centro, enquanto o da Glória cerca de quinze.

Realizamos essa pesquisa por sobrenome. É importante frisar, que alguns imigrantes, logo ao chegar, tiveram seus nomes traduzidos pelas autoridades para denominações luso-brasileiras, como já mencionamos anteriormente. Isso dificultou um pouco nossa pesquisa nos livros de arrecadação de impostos do comércio da capital, na medida em que, algumas vezes, torna-se impossível determinar a origem de um nome específico. Ainda que certos sobrenomes apareçam com a alcunha de um árabe cristão, na verdade pode ser de brasileiro, português, italiano, grego ou até alemão<sup>172</sup>. A dúvida se esclarece quando checamos a nacionalidade nas fichas cadastrais desses imigrantes, depositadas no Arquivo Nacional<sup>173</sup>. Verificamos assim que alguns imigrantes abandonaram completamente seus nomes árabes para assumirem sobrenomes mais comuns, que parecem com sobrenomes peninsulares, mais simples e de fácil compreensão<sup>174</sup>.

O período cronológico da investigação inclui o último ano do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, nas quais localizamos a presença de comércio árabe nas ruas centrais de Porto Alegre. A pesquisa foi dividida em quatro períodos: o primeiro, de 1899 a 1905; o segundo, de 1915 a 1916; o terceiro, o ano de 1924; e, por fim, o biênio 1930/1931. Os quadros que iremos apresentar são meramente ilustrativos, representando apenas uma parte dos nomes, endereços, tipos de comércio e valor de imposto pago<sup>175</sup>.

Assim, no primeiro período estudado (início do século XX), o ramo de miudezas era uma opção realista e viável para os imigrantes começarem a vida na mascateação, pois, mesmo sem capital inicial, o mascate conseguia adquirir mercadorias em regime de consignação. O risco do negócio era baixo e as mercadorias, miúdas e leves, eram fáceis de transportar, bastando uma mala para acomodá-las.

Contudo, à medida que o século XX foi avançando, os imigrantes sírios começaram a abandonar a mascateação para se estabelecer com lojas comerciais. Nessa fase, o segmento de tecidos e armarinhos cresceu de forma significativa, principalmente nos redutos árabes das ruas Andrade Neves e Voluntários da Pátria.

---

<sup>172</sup> São exemplos que encontramos nos livros de impostos: Miguel Nicolau (Grego), Elias Saar (Alemão), José Francisco (Português) etc.

<sup>173</sup> Nas fichas, em anexo, há informações sobre nacionalidade, naturalidade e filiação de cada pessoa.

<sup>174</sup> Conforme nos foi revelado por fontes orais, Benjamin João e Zulmira Mattar adotaram Martins como sobrenome. Outro exemplo é o de Elias Miguel dos Santos, nascido em 1907, no Líbano. Não temos como saber, mas é possível que alguns desses sobrenomes “abrasileirados” sejam, realmente, de origem brasileira. A hipótese cabe para aqueles que vieram para o Brasil e depois regressaram ao Oriente Médio com prole de cônjuge brasileiro tendo lá permanecido por alguns anos, ou mesmo por uma geração, mas ao tornar a emigrar entraram no Brasil com seus sobrenomes originais; ou foram abrasileirados, ou agauchados, como no exemplo da família Bushdid, que mudou seu nome para Borges.

<sup>175</sup> Cabe informar ainda que o valor aferido a título de imposto pago por cada empreendimento/pessoa, nos quadros que apresentamos, também são meramente ilustrativos e não pretendem ser conclusivos.



No início da fixação dos árabes em Porto Alegre, na virada do século XX, os sírios contavam com pouco mais de 30 estabelecimentos comerciais no centro da cidade. Havia ainda quatro estabelecimentos na rua Voluntários da Pátria e mais quatro no Mercado Público<sup>176</sup>, além de um comércio que localizamos à rua Vigário José Ignácio, em nome de Calili Nedir. A lista de comerciantes árabes estabelecidos mostra que alguns nomes se repetem nos anos pesquisados, já outros aparecem de forma irregular e alternada no rol de recolhimento de tributos, o que possivelmente demonstra certa falta de constância ou carência de sistematização da cobrança por parte do Poder Público. Como já informado, procuramos no Arquivo Histórico Moysés Vellinho, os registros do recolhimento de imposto valor locatício<sup>177</sup> referente ao 1º Distrito da capital, que correspondia aos logradouros do centro da cidade. Passamos a descrever agora o resultado dessa pesquisa, mostrando através dos quadros, não os nomes de todos, já que não haveria espaço, além de tornar a leitura maçante, mas a indicação de alguns lojistas da região, que escolhemos por serem representantes da diversidade comercial ou dos maiores contribuintes. Esse recorte, embora não exaustivo, serve, para ilustrar a presença de parte desses comerciantes árabes no comércio da capital gaúcha. O quadro abaixo fornece uma pequena amostra com os nomes dos principais comerciantes árabes estabelecidos no Centro de Porto Alegre em fins do XIX e o tipo de comércio que exerciam:

**Quadro 6 – Comerciantes árabes estabelecidos no Centro de Porto Alegre (1899)**

Sobrenome/Nome	Tipo de comércio	Ano	R. Andrade Neves	R. Vol. da Pátria	Imposto pago
Elias, Jorge	Açougue	1899		Nº135	\$50.000
Buchain, João	Miudezas	1899	Nº32 e 36		\$40.000
Miguel, Jorge	Miudezas	1899	Nº38		\$60.000
Bechara, Mussi	Botequim	1899	Nº74		\$50.000
Leaidi, Jorge	Miudezas	1899	Nº76		\$25.000
Abud, José	Miudezas	1899	Nº30		-
Bechara, Gemimi	Hotel	1899	Nº25		50.000
Hetre, José	Fazendas	1899	Nº21		70.000
Monair, Jorge	Fazendas	1899	Nº25		40.000
Bechara, Jorge	Fazendas	1899	Nº63		40.000
Bechara, Mussi	Botequim	1899	Nº25		50.000
Elias, José	Fazendas	1899	Nº17		-
Muchile, José	Açougue	1899	Nº31		-
Calili, Nadir	Fazendas	1899	r. Vig. J. Inácio nº 108		

Fonte: Arquivo Moisés Vellinho [s.d.].

De acordo com o quadro acima, vemos que a variedade de ramos comerciais era pequena, abrangendo apenas cinco tipos de comércio: negócios de miudezas, hotelaria, tecidos, botequim e açougue. Foram localizados 12 estabelecimentos na rua Andrade Neves, além de

<sup>176</sup> Em relação aos quatro estabelecimentos que aparecem no Mercado Público, na verdade, trata-se de quiosques que eram montados na praça em frente ao mercado para que os quitandeiros pudessem vender suas mercadorias.

<sup>177</sup> Sobre esse imposto e a forma como era arrecadado, ver introdução.

outros em ruas centrais da cidade, como o Açougue de Elias Jorge, na rua Voluntários da Pátria, e a loja de tecidos de Calili Nadir, na rua Vigário José Ignácio – que, aliás, foi quem mais pagou imposto (na comparação com os outros estabelecimentos árabes naquele ano).

Percebe-se que no endereço da rua General Andrade Neves, n.25, existia a cobrança de tributo para três empreendimentos diferentes, cada um relativo a uma pessoa. Inclusive, segundo os apontamentos do livro de cobranças, existia nesse endereço um hotel, sugerindo que o lugar fosse uma espécie de ‘cabeça de porco’ ou cortiço.

Nesta fase inicial, o segmento predileto da maioria dos comerciantes era o de miudezas. Esses comerciantes estabelecidos certamente as forneciam aos mascates recém-chegados, que saíam a campo para vendê-las de porta em porta. Em segundo lugar, aparece o ramo de armarinhos, onde também se vendia roupas prontas e artigos de perfumaria; a seguir, vem o ramo de tecidos e depois os empreendimentos individuais, como barbearia e sapataria.

As lojas de “miudezas” podiam ser atacadistas, repassando mercadorias aos mascates para venda de maneira ambulante, ou estabelecimentos para comercialização de bugigangas feitas de material barato, como canetas, pentes, lâminas de barbear, cigarros, fósforos, enfeites, bibelôs para casa ou bijuterias, e principalmente armarinhos<sup>178</sup>, isto é, produtos como linhas e fios para costura, agulhas, ilhoses, rendas etc. Na lista de comerciantes que nos foi disponibilizada, vários membros da família Bechara<sup>179</sup>, por exemplo, aparecem em diversas ocasiões trabalhando com vários produtos e segmentos comerciais distintos.

No Quadro abaixo, observamos que, no início do século XX, o ramo de tecidos já aparecia em segundo lugar na preferência dos patrícios estabelecidos em Porto Alegre:

**Quadro 7 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1900-1902)**

Sobrenome/Nome	Tipo de Comércio	Ano	R. Andrade Neves	R. Vol. da Pátria	Imposto pago <sup>180</sup>
Elias, José Buere	Armarinho	1900		Nº 119	\$50.000
Demétrio, Jorge	Miudezas	1900	Nº21		\$40.000
Manayel, Jorge	Miudezas	1900	Nº23		\$75.000
Bechara, Moysés	Botequim	1900	Nº25		\$50.000
Buchain, José João	Miudezas	1900	Nº76		\$40.000

<sup>178</sup> Quando o comércio era o de armarinhos, isso podia significar uma loja pequena, mas que era capaz de vender, além de aviamentos, roupas, perfumes, bordados e lã, entre outros artigos. (CAMPOS, 1987).

<sup>179</sup> Encontramos na página do APERS na internet registros da família Bechara (Bichara ou Bixara), além de Porto Alegre, em Santo Ângelo, Ijuí, Rio Grande e Santa Maria desde 1895. Isso pode indicar uma estratégia comercial no estabelecimento de uma rede familiar, com base na confiança mútua, tendo por objetivo encontrar melhor colocação comercial que poderia terminar reunindo o grupo de parentes em uma cidade, ou mesmo se valer dessas conexões intermunicipais para a encomenda e despacho de produtos e mercadorias de uma a outra região do estado. Disponível em: <[http://www.apers.rs.br/portal/index.p\\_Fundo\\_habilitação\\_de\\_casamento](http://www.apers.rs.br/portal/index.p_Fundo_habilitação_de_casamento)>. Acesso em: 26 jan. 2016).

<sup>180</sup> Para se ter uma ideia do valor do réis, (moeda nacional da época), 25\$000 (vinte e cinco mil réis) correspondia ao menor salário que uma pessoa sem instrução recebia por mês, ao passo que o salário de uma professora primária, por exemplo, era de 45\$000 (quarenta e cinco mil réis). (DINIZ NUMISMÁTICA, 2015).

Jorge Siadi&irmãos	Miudezas	1900	Nº55	\$40.000
Bechara, Jorge	Miudezas	1900	Nº65	\$60.000
Sarquis, José Jorge	Miudezas	1900	Nº17	\$70.000
Bechara, Aear	Botequim	1900	Nº75	\$50.000
José, Jorge	Funilaria	1900	Nº67	\$40.000
Jorge Monaiar	Fazendas	1902	Nº23	\$80.000
Bechara Capsa	Fazendas	1902	Nº65	\$40.000
Miguel Jorge	Fazendas	1902	Nº67	\$35.000
Abrahão Elias	Fazendas	1902	Nº139	\$80.000
José Amim	Fazendas	1902	Nº70	35.000

Fonte: Arquivo Moisés Velhinho [s.d.].

Analisando o quadro seguinte, podemos verificar que, ainda nos primeiros anos do século XX, a pequena comunidade de negociantes árabes de Porto Alegre foi se tornando comercialmente mais diversa, e o ramo de fazendas já ultrapassava o de miudezas, indicando uma clara estratégia definida pelo grupo no sentido de se inserir fortemente, ao menos neste ramo, no comércio da capital<sup>181</sup>.

#### Quadro 8 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1903-1905)

Sobrenome/Nome	Tipo de Comércio	Ano	R. Andrade Neves	R. Vol. da Pátria	Imposto pago
Tomé, Elias	Miudezas	1904	Nº70		\$40.000
Mansur, Pedro	Sapataria	1904	Nº13		\$80.000
Sarquis, José Jorge	Fazendas	1904	Nº17		\$30.000
Moramier, Jorge	Fazendas	1904	Nº23		--
Aziz, José	Miudezas	1904	Nº17		\$30.000
Demétrio, Jorge	Fazendas	1904	Nº23		\$80.000
Elias, Gabriel	Botequim	1904	Nº59		\$25.000
José Antº & Irmãos	Fazendas	1904	Nº55		\$40.000
Mansur, Antônio	Fazendas	1904	Nº43		\$40.000
Amim, José	Fazendas	1904	Nº60		\$60.000
Abdach, Bem Atud	Pensão	1904	Nº17		--
Bechara, Moysés	Botequim	1904	Nº25		\$50.000
Elias, Abrahão	Fazendas	1903		Nº139	\$80.000
Calili, Miguel	Fazendas	1903		Nº185	\$80.000
Felippe, Elias Ruad	Quiosque	1905	Mercado Público	anual	\$200.000
Felipe, Miguel	Quiosque	1905	Mercado Público	anual	\$200.000
Elias, Catau	Quiosque	1905	Mercado Público	anual	\$200.000
Elias, Abrahão	Quiosque	1905	Mercado Público	anual	\$200.000

Fonte: Arquivo Moisés Velhinho [s.d.].

Em relação a formação de redes de relações comerciais, familiares e culturais, Vilela (2011, p.166) salienta que esses imigrantes se envolvem em relações interconectadas entre seus empreendimentos, formando redes sociais que os levaram a criar teias familiares e econômicas assegurando inserção econômica comum na sociedade hospedeira. Assim, “as comunidades

<sup>181</sup> É neste sentido que Cinara Alves (2014, p.15), ao analisar o desenvolvimento econômico e a cultura árabe, descreve o comerciante desta origem como “um tipo de agente econômico que realiza poupança, que se vincula a uma rede comunitária de outros imigrantes árabes como meio de potencializar suas atividades”.

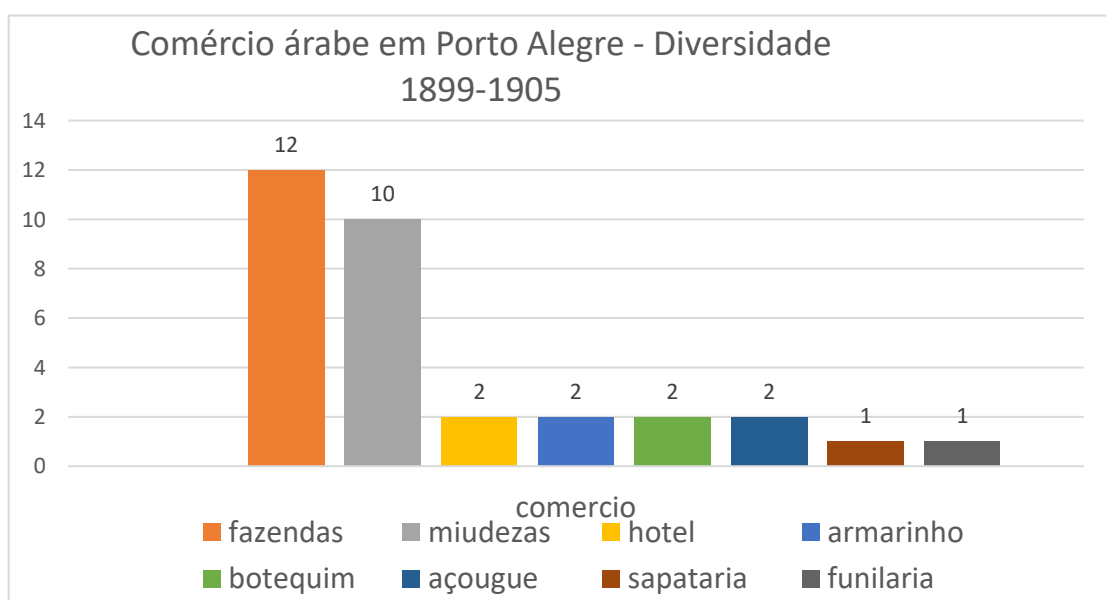
empresariais sírias e libanesa especializaram-se em poucos nichos de atividade econômica, principalmente o comércio”, podendo até permanecer neles por várias gerações.

Peters (2006) caracteriza as famílias de comerciantes sírios como coesas e detentoras de forte intercâmbio entre si.

Truzzi (1997, p. 37) classifica o comerciante de origem sírio-libanesa “como um sujeito que enfrenta condições adversas (viagens, comércio em locais desconhecidos, possibilidades de perdas de mercadorias etc.) em nome de uma melhora futura em suas condições econômicas, e que, sobretudo, possui uma ética de valorização do trabalho”.

Em termos de diversidade comercial, o gráfico abaixo permite visualizar a variedade do comércio árabe na capital nos primeiros anos do século XX. Os ramos de tecidos e armarinhos, além do de miudezas, já despontavam como segmentos pelos quais os imigrantes sírio-libaneses tinham preferência na comercialização.

**Gráfico 6 – Comércio árabe em Porto Alegre (1899-1905)**

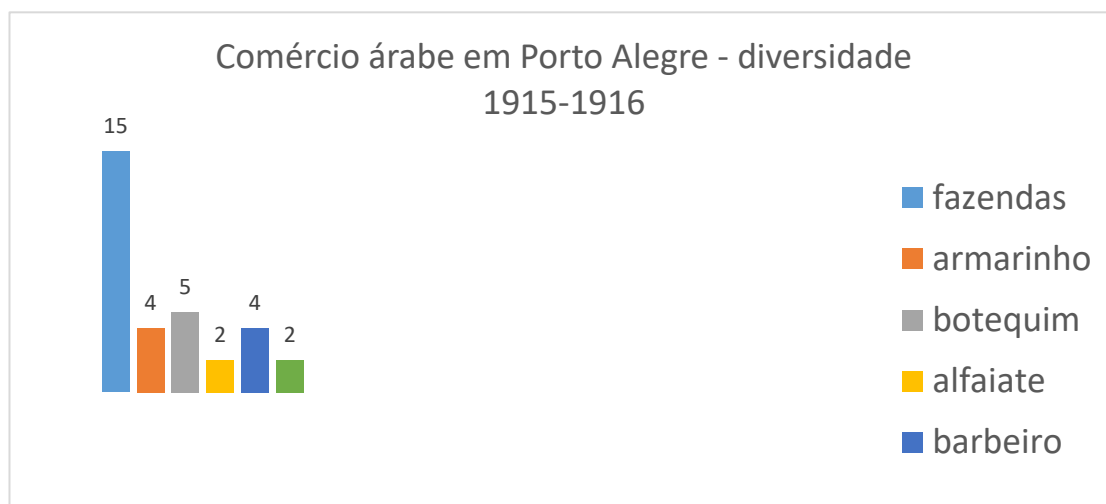


**Fonte: Arquivo Moisés Velinho [s.d.].**

Voltamos ao Arquivo Histórico para investigar o biênio 1915/1916 no sentido de observar a diversidade e a localização deste comércio árabe na região central da cidade. Nesses dois anos, houve um incremento na diversidade do comércio sírio desde o último levantamento. Alguns comerciantes – como, por exemplo, Elias Jorge, estabelecido com um açougue na rua Voluntários da Pátria – estavam presentes desde a primeira listagem, datada de 1899, e figuravam entre os primeiros comerciantes sírio-libaneses desta rua, a qual, a partir de 1915, alcançaria a rua General Andrade Neves na preferência dos comerciantes árabes da cidade.

Observa-se também que, ao mesmo tempo em que a cidade foi se tornando mais cosmopolita – com a implantação dos bondes que faziam a ligação do Centro com os arrabaldes e da linha de trem, que unia a capital a São Leopoldo -, a rua Voluntários da Pátria passou a receber mais comerciantes, pois os patrícios perceberam a vantagem da proximidade da rua com o Mercado Público municipal, a estação central de trens e também as docas da cidade<sup>182</sup>, por onde chegava a maior parte de suas mercadorias.

**Gráfico 7 – Comércio árabe em Porto Alegre (1915-1916)**



Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

O quadro seguinte lista, numa pequena amostragem, os estabelecimentos de sírios e libaneses que identificamos nas ruas Andrade Neves e Voluntários da Pátria para o mesmo biênio 1915/1916:

**Quadro 9 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1915-1916)**

Sobrenome/Nome	Tipo de Comércio	Ano	R. Andrade Neves	R. Vol. da Pátria	Imposto pago
Sarquis, Arap	Fazendas	1915		Nº115	\$80.000
Kalil, Miguel	Fazendas	1915	& irmãos	Nº161	\$100.000
Aiub, Curi Maluf	Armar/Fazenda	1915		Nº165	\$150.000
José, Nicolau	Botequim	1915	Nº39		\$100.000
Selaimen, Chehim	Fazendas	1915		Nº173	\$100.000
Jorge, Adão	Restaurante	1915		Nº181	\$600.000
Kalil, Miguel	Fazendas	1915	& irmão	Nº185	\$100.000
Moyses, Alue	Fazendas	1915	& irmão	Nº193	\$50.000
Nassif, Kalil	Barbearia	1915		Nº213	\$50.000
Selaimen, Antº K.	Fazendas	1915		Nº273	\$50.000

<sup>182</sup> De acordo com Fortunato Pimentel (1945) e Walter Spalding (1967), no começo do século XX, as docas eram um dos pontos de maior movimentação da cidade, sendo que uma delas foi extinta para abrir espaço para a construção do Paço Municipal. A outra foi aterrada pelo intendente Otávio Rocha, “a bem da higiene”, e é hoje a praça Parobé, que foi arborizada durante a gestão do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943). Mais tarde, no entorno da praça, instalou-se um mercado que, para muitos mascates árabes, era o local onde se comprava mercadoria fresca, especialmente bem cedo, pela manhã. Entre os prontuários do Arquivo Nacional encontramos um total de 11 sírios ou libaneses que indicam a praça Parobé como seu local de trabalho.

Jorge, Elias	Açougue	1915		Nº301	\$80.000
Nassar, Jorge	Fazendas	1915		Nº305	\$80.000
Anton, Joseph	Calçados	1915		Nº387	\$80.000
Issa, Abrahão	Botequim/	1915	Barbearia	Nº309	\$40.000
Miguel, André	Restaurante	1915		Nº347	\$80.000
Simon, Jacob	Carpintaria	1915		Nº631	\$150.000
Elias, Antônio	Fazendas	1915	Praça XV de novembro	p/ano	\$200.000
Nejar, Antº M.	Fazendas	1916	Nº51		\$25.000
Jorge, José	Quitanda	1916	Nº53		\$20.000
Massi, Jorge	Taverna	1916	Nº59		\$40.000
Elias, Thomaz	Armarinho	1916	Nº65		\$85.000
Maluf, Mansur	Botequim	1916	Nº67		\$60.000
Aluch, Karini	Fazendas	1916	Nº84		\$50.000
Abib, Femamos	Fazendas	1916	Nº92		\$20.000
Kalil, Faber	Quitanda	1916	Nº50		\$80.000
Sett Daniel & ir	Fazendas	1916	Nº98		\$60.000
Moysés, João	Fazendas	1916	Nº70		\$60.000

**Fonte: Arquivo Moisés Velhinho. [s.d.].**

No biênio 1915/16, verifica-se a chegada de alguns profissionais especializados, como alfaiates, carpinteiros e padeiros. Foi também nessa época que começaram a se estabelecer na região imigrantes armênios e judeus sefaraditas. Os primeiros escolheram a venda de sapatos, ao passo que muitos judeus optaram pelo comércio de tecidos como seu nicho comercial. Sobre a imigração sefaradita, assinala Bazar (2013, p.54):

O maior afluxo de sefaradim, mais especificamente para a cidade de Porto Alegre, deu-se entre os anos de 1910 e 1920, em sua maioria vindos da Turquia, mas também do Egito, Marrocos e Grécia. Em Porto Alegre, os sefaradim escolheram o bairro da Cidade Baixa para morar, próximo ao Centro da cidade, onde a maioria instalou suas lojas, principalmente de tecidos, famosas pela qualidade de seus artigos.

Imigrantes judeus sefaraditas, que também podiam ter nomes semelhantes aos dos árabes cristãos, como Abrahão, Jacob, Simão, Gabriel ou Mansur, eram em sua maioria provenientes do Oriente Médio, tendo vindo nas mesmas levadas migratórias no início do século XX. Já os judeus askenazim, provenientes do Leste da Europa (a maioria da Rússia, Ucrânia, Polônia e Bessarábia), também chegaram no início do século, alguns se estabelecendo com lojas de tecidos, calçados ou alfaiataria nas mesmas áreas escolhidas pelos sírios que, ao olhar dos brasileiros, muitas vezes eram confundidos entre si. De forma geral, lembrando que estamos a nos referir aqui à média desses imigrantes, o judeu askenazim portava naturalmente maior influência da cultura ocidental, levando consigo certa vantagem comparativa em relação aos árabes por conta desta memória. Ele se ligava mais à indústria do que o árabe médio, que chegou mascate e só depois cresceu materialmente no comércio enquanto imigrante no Brasil. O trecho abaixo, escrito por Luíz Kalil (2007, p. 23), um descendente de libaneses, exemplifica esse aspecto da diferença entre o imigrante árabe e o judeu:

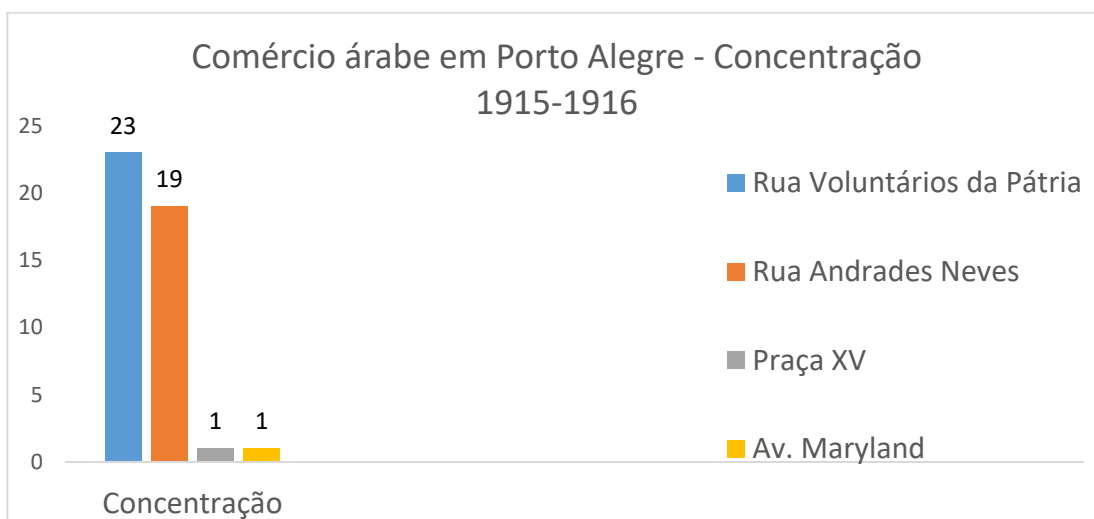
Samuel, [judeu russo] bem ao contrário de Salim, [cristão libanês] era um verdadeiro *gentleman* social, transitava com desenvoltura por todos os ambientes, e logo, logo já estava frequentando as rodas mais requintadas da cidade. Dava para observar agora, nessa facilidade de convívio com as classes socialmente dominantes, que o comerciante não tinha tanta facilidade assim para as lidas do comércio. Imagine-se Samuel atrás do balcão, vendendo seus produtos, discutindo preços, esperando a decisão de uma escolha demorada, tentando adivinhar o pensamento do freguês. Jamais lhe passaria pela cabeça um letreiro assemelhado ao de Salim: SAMUEL FAZ PREÇO, SENHOR! Não, isso não. Quem sabe poderia estar na [avenida] Osvaldo Aranha, no Bom Fim em Porto Alegre, vendendo por atacado em um comércio de mais classe ou elegância. Jamais poderia ter uma associação tão acertada como fizera com Salim, um verdadeiro mercador persa, que fazia a sua guerra comercial na linha de frente, no corpo a corpo com o povo e com extrema habilidade e competência.

Lesser (2001, p. 99-100) considera que eram “as relações pessoais, inclusive com os negociantes judeus, que permitiam aos mascates e comerciantes árabes obter crédito, que por sua vez repassavam aos seus clientes. Para eles, esta era uma inovação radical num país que apenas recentemente havia trocado o trabalho escravo pelo assalariado”. Segundo o autor, esses comerciantes raramente

perdiam um negócio, pois era comum que o pagamento fosse efetuado em produtos, substituindo o dinheiro vivo, o que quase sempre os colocava em relativa vantagem frente a outros comerciantes, posto que muitas vezes havia falta de capital disponível.

Claudia Musa Fay e Antônio de Ruggiero (2014, p.10) lembram que, nesse sentido, Simmel aponta o estrangeiro como produtor de diferenças, introduzindo mentalidades e ideias novas que o autóctone não possui, “mas o faz utilizando-se de elementos locais, sem, contudo, ter que pertencer ou participar integralmente da cultura do lugar”, no que eles consideram como um misto de proximidade e distância. Werner Sombart, de acordo com os autores, foi o primeiro a propor a valorização do imigrante como empreendedor capitalista, sendo que, já no final do século XIX, o imigrante estrangeiro é visto como a base e o vetor para as mudanças sociais.

De acordo com o gráfico abaixo, verificamos que a rua Voluntários da Pátria já havia superado levemente, em número de estabelecimentos comerciais árabes, o reduto inicial da rua General Andrade Neves, o qual, entretanto, continuava sendo um espaço com forte presença de residências e comércio árabe em Porto Alegre. Observamos que os empreendimentos comerciais de patrícios na rua da Praia (rua dos Andradas) eram tímidos. No seu trecho mais central, a rua da Praia representava o local de comércio mais sofisticado da cidade, com forte e antiga presença de comerciantes alemães e italianos.

**Gráfico 8 – Áreas de concentração de comércio árabe em Porto Alegre (1915-1916)**

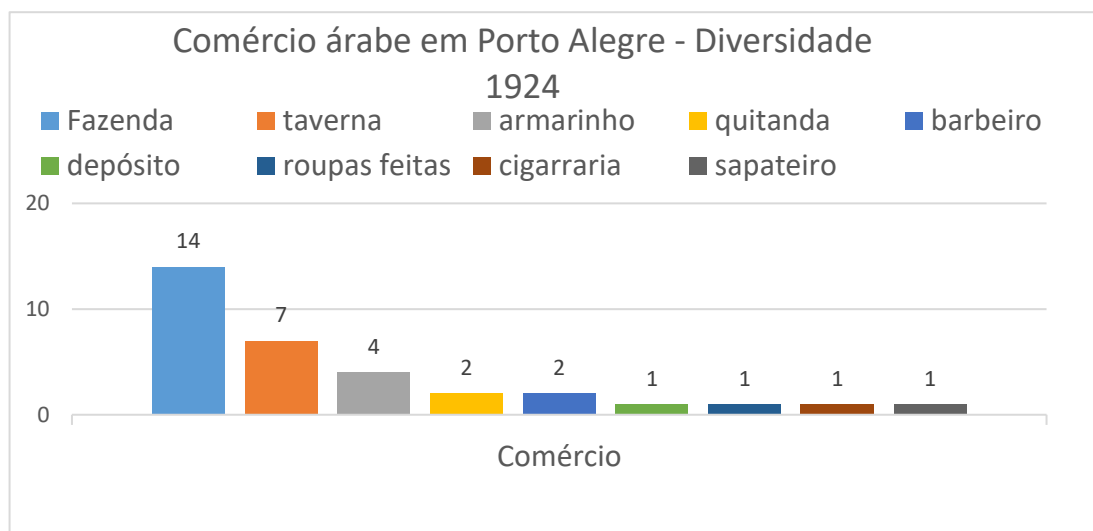
Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

O gráfico seguinte mostra que o comércio árabe de Porto Alegre já se distribuía com maior diversidade de segmentos na primeira metade da década de 1920, indicando também uma crescente fixação em lojas comerciais pelos que deixavam a mascateação. Em 1924 a comunidade árabe da cidade era mais complexa e organizada, formada não só por imigrantes, mas também por seus descendentes, que podiam ser filhos de árabes com pessoas de diversas origens. O ramo de fazendas e têxteis se consolidava, tornando-se o nicho comercial que contava com maior número de representantes da colônia – e o que mais pagava impostos ao município, conforme observado nos livros de tributos que investigamos.

Tal preferência indica uma estratégia mais elaborada entre os membros da comunidade, os quais se articulavam com fornecedores, principalmente outros patrícios de São Paulo, com quem adquiriam crédito e prazo para pagamento que os habilitava a fazer frente à concorrência com outros estabelecimentos tradicionais de Porto Alegre. Nosso entrevistado Habib Abduch (2004, s.p.) fez menção em seu depoimento a esse aspecto do comércio árabe na capital nesse período:

Meu pai ia duas ou três vezes por ano a São Paulo para adquirir mercadorias, além da visita dos viajantes, que iam lá na loja com outros comerciantes; mas tínhamos que sempre ir ao mínimo duas ou três vezes por ano a São Paulo para comprar diretamente das fábricas, porque as indústrias têxteis, de confecção, são até hoje quase todas pertencentes a descendentes de árabes.



**Gráfico 9 – Comércio árabe em Porto Alegre (1924)**

Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

Vilela, (2011, p.167) acrescenta que as redes sociais entre os comerciantes dessa origem são mecanismos que atuam como “facilitadores do processo migratório. Elas geram confiança, estabelecem esperanças, criam e reforçam normas. Os pioneiros, naturalmente, serviram como “cabeças” para os imigrantes ulteriores, influenciando a sua adaptação e a sua integração no novo contexto”.

É neste sentido que podemos afirmar que a imigração árabe em Porto Alegre encontrou na capital do início do século XX um ambiente de negócios bastante competitivo e sofisticado, em função da forte concorrência já estabelecida quando da sua chegada, mas também devido a uma clientela exigente e informada que, se por um lado era pequena e disputada, por outro contava com poder aquisitivo e bom nível sociocultural. Por outro lado, o crescimento da cidade e os investimentos feitos na sua estrutura durante a primeira metade do século foi aproveitada por esses imigrantes, servindo de base para a projeção social de algumas famílias<sup>183</sup>. Abaixo, uma lista dos comerciantes árabes instalados no distrito correspondente ao Centro da cidade no ano de 1924. Novamente lembramos que o quadro indica uma seleção dos principais nomes, conforme pesquisa sobre o recolhimento do imposto valor locatício:

**Quadro 10 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1924)**

Sobrenome/Nome	Tipo de Comércio	Ano	R. Andrade Neves	R. Vol. da Pátria	Imposto pago
Chemale, Elias	Cigarraria	1924	Nº40		\$50.000

<sup>183</sup> Essa projeção se verifica na participação desses imigrantes emergentes nas instituições sociais formais da etnia e também fora dela, as quais patrocinavam e promoviam.

Kalil, Isaias	Art.p/homens	1924	Nº11	\$300.000
Nejar, A Miguel	Fazendas	1924	Nº51	\$30.000
Abrahão, Uilami	Arm. Fazenda	1924	Nº61	\$100.000
Mukaaba, Jorge	Miudezas	1924	Nº81 <sup>a</sup>	\$370.000
Canaan, Jorge	Colchoaria	1924	Nº83	\$80.000
Buchabiqui, Jorge	Fazendas	1924	Nº159 e Nº161	\$160.000 \$200.000
Bechara, Cesar	Botequim	1924	Nº163	\$100.000
Kalil, Miguel	Fazendas	1924	&irmãos Nº185	\$200.000
Nalf. José	Fazendas	1924	Nº207	\$200.000
Simão, Moysés	Fazendas	1924	&Irmãos Nº351	\$200.000
Nasrala, Mansur	Taverna	1924	Nº383	\$100.000
José, Elias	Salchicharia	1924	r. Vig. José Ignácio, 47	\$135.000
Habib, Abdallah	Botequim	1924	r. Gal. Bento Martins, 9	\$40.000
Abrahão, José	Quitanda	1924	r. Senhor dos Passos, 40	\$70.00
Kanaan, Elias	Fazendas	1924	r. Andradas, 341	\$300.000
Zoghbi, João	Miudezas	1924	r. Andradas, 415	\$300.000
Zoghbi, Alberto	Fazendas	1924	r. Andradas,475	\$350.000

**Fonte: Arquivo Moisés Velinho [s.d.].**

Na terceira década do século XX, apesar das convulsões sociais e revoluções, dos problemas com transporte, da carestia, do desemprego e das greves, o comércio da capital crescia, impulsionado por um mercado interno que se firmava com o desenvolvimento de setores industriais e de serviços. Franco (1983) lembra que durante os conflitos de 1923 houve estagnação no comércio, mas que depois disso houve uma lenta recuperação até 1926, quando nova crise causada pela desvalorização da moeda levou muitos comerciantes à falência. No entanto, como se observa “no biênio seguinte, 1927-1928, já não se falava mais em crise; pelo contrário, a Câmara Comercial da cidade dava demonstrações de otimismo”. (FRANCO 1983, p.148).

O quadro anterior, embora indique o ramo de tecidos como o preferido dos comerciantes sírio-libaneses de Porto Alegre, mostra que o setor de alimentos e bebidas, sob a rubrica de “taverna”, despontava como um importante ramo de negócios encontrado entre os estabelecimentos comerciais de sírios e libaneses no centro da capital, possivelmente por sua maior lucratividade. De qualquer forma, essa sutil preferência pelos ramos de alimentos e bebidas, assim como por outros segmentos (por exemplo, colchoaria e cigarraria), revela que alguns empreendedores árabes guardavam certa independência ou descolamento dos comerciantes atacadistas de miudezas, ao contrário do que ocorria no início da imigração, quando muitos deles só exerciam uma única ocupação: a de mascate. Além disso, não custa lembrar que nessa época já emigravam pessoas de origem sírio-libanesa com alguma formação técnica, já sendo possível localizar árabes exercendo algumas profissões fora do comércio.

Nesta etapa, alguns ex-mascates já haviam acumulado algum capital, tornando-se pequenos comerciantes, nem que fosse numa portinha, com uma sapataria, um botequim ou

uma tabacaria. É importante tecermos algumas considerações no sentido de compreender a dinâmica com que se davam as relações entre comerciantes, imigrantes, pessoas de origem árabe, e também brasileiros, no ambiente comercial das ruas Voluntários da Pátria e General Andrade Neves. Além da acumulação de bens, o capital simbólico da etnia pertencia aos negociantes mais poderosos, com tradição e reputação mais sólidas e enraizadas na praça da capital, como era o caso de famílias pioneiras na cidade, entre elas os Rechten, Chemale, Selaimen, Asmuz, Buchabiqui, Buchain, Kalil, Seadi e Sett, entre outros nomes que já estavam na segunda geração por volta da década de 1920<sup>184</sup>.

Essas famílias, com seus descendentes estabelecidos no comércio do centro de Porto Alegre, certamente auxiliaram os patrícios novatos, quer repassando-lhes mercadorias, quer empregando-os como atendentes nas lojas ou como viajantes comerciais; além disso, como filhos de árabes, conheciam o idioma, e também o sistema burocrático e legal brasileiro<sup>185</sup>. No fim das contas, eles eram âncoras seguras nas quais os novos imigrantes podiam se fixar, uma vez que sabiam que com eles teriam guarida pelo menos no início de suas carreiras, especialmente os que ainda não falavam português. Por outro lado, esses comerciantes mais antigos, na maioria das vezes, podiam contar com mão de obra confiável e disposta a trabalhar incessantemente, e cuja remuneração só dependia dos próprios esforços, conforme lembra Rafique João.

Meu pai ajudou muitos patrícios recém-chegados. Ele contou que, uma vez, deu uma carroça para um patrício trabalhar como ambulante, mas, debaixo do banco havia um buraco no qual ele escondia as mercadorias. Passou meu pai pra trás... (Entrevista com Rafique João)

Ivo Nestrallá, filho de um imigrante que veio da Síria [depois a região tornou-se parte do Líbano] para Porto Alegre com o irmão, no início do século XX, nos conta que seu pai, no início, foi mascate, mas depois juntou capital e abriu uma “pequena lojinha no Centro de Porto Alegre e foi progredindo”. Habilidade nos negócios, o pai do cirurgião logrou educar seus filhos no Colégio Rosário, uma das melhores instituições de ensino da capital. Nem todos, porém, tiveram a mesma sorte.

Quando meu pai e o irmão dele chegaram em 1910<sup>186</sup>, além de não falarem uma palavra de português, não conheciam ninguém. Foi graças à família Asmuz, que

<sup>184</sup> A base para a afirmação encontra apoio nas fichas cadastrais desses estrangeiros, depositadas no ANRJ.

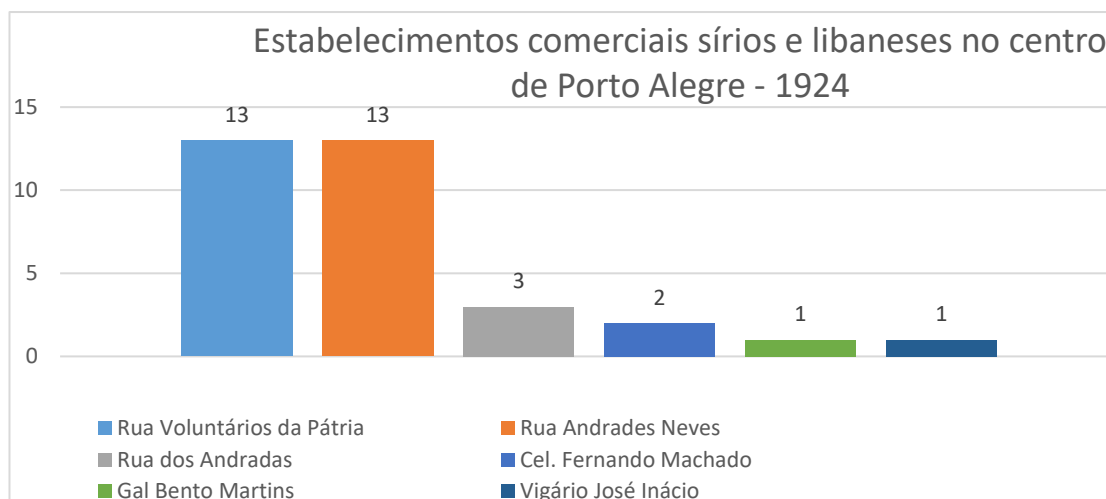
<sup>185</sup> Aqui podemos fazer referência, por exemplo, às entrevistas com Rafique João e Ivo Nestralla, que disseram que seus pais ajudaram ou foram ajudados por outros patrícios no início da experiência migratória, mas também pelo que vimos nas práticas das lideranças dos clubes étnicos, uma forma de legitimação e de aquisição de poder simbólico fora e dentro do grupo como nos casos de Abdalla Creidy e Elias Dabdab, ambos filhos de imigrantes e portadores de diploma universitário.

<sup>186</sup> De acordo com um prontuário do Arquivo Nacional, Elias José Nestralla, nascido em 1895, no Líbano, chegou ao Brasil em 1910 com o irmão mais velho Abraão. Em 1939 era residente à rua Demétrio Ribeiro, n.997, e

ajudava muitos patrícios, que eles conseguiram mercadorias e ajuda para começar suas vidas aqui em Porto Alegre. Depois de mascatear uns dez anos, ele montou um pequeno comércio de venda de tecidos na esquina da rua Demétrio Ribeiro, ali onde é o Cinema Capitólio, depois passou para a rua dos Andradas e, por último, [abriu] uma loja bem maior, onde ele vendia seda, a loja Internacional na rua Marechal Floriano (Entrevista com Ivo Nessaralla).

A concentração étnica comercial, de acordo com a gráfico abaixo, mostra que os negociantes árabes começavam a atuar fora das áreas já consagradas pela comunidade, como as ruas General Andrade Neves e Voluntários da Pátria. No ano de 1924, pelo menos três estabelecimentos de comerciantes árabes figuravam na rua dos Andradas, a famosa rua da Praia, uma área de comércio mais sofisticada da cidade. Ali os patrícios abriram duas lojas de tecidos e uma de armarinhos.

**Gráfico 10 – Estabelecimentos comerciais sírios e libaneses no Centro de Porto Alegre (1924)**



Fonte: Arquivo Moisés Velinho [s.d.].

Foi nessa época que a capital gaúcha suplantou outras praças comerciais do estado, como Pelotas e Rio Grande. De acordo com Medina (2010, p.47), “na gestão de Otávio Rocha (1924-1928) os desenvolvimentos urbanos de Porto Alegre, previstos havia 10 anos pelo intendente Maciel, começam a sair do papel”. A capital gaúcha teve a sua paisagem urbana radicalmente modificada pela realização de novas obras de infraestrutura, como a construção de avenidas, e o embelezamento de seus parques e praças (MONTEIRO, 2006).

Alguns anos mais tarde houve a canalização do Arroio Dilúvio, a urbanização da Zona Sul da cidade e o início da verticalização do Centro. Ainda segundo Monteiro, diversos fatores

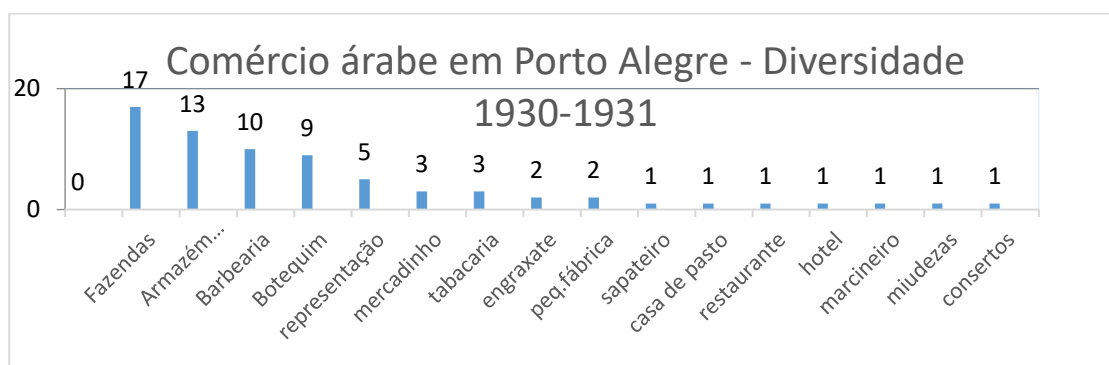
---

proprietário de comércio à rua dos Andradas, n.1.411. Em 1943, transferiu sua loja para a rua Marechal Floriano, n.290, no Centro de Porto Alegre.

foram importantes para a incrementação do crescimento urbano e para tornar Porto Alegre ainda mais cosmopolita, como a migração interna de parte da população do interior, a reorganização administrativa e a construção de prédios públicos. Tudo isso modernizou a cidade e modificou a feição da estreita península onde Porto Alegre nasceu e espremeu-se até o final do século XIX. Além disso, teve forte impacto no comércio da capital, mas também nas estratégias comerciais dos comerciantes árabes da cidade.

O gráfico abaixo mostra a diversidade do comércio árabe na Porto Alegre do início da década de 1930, mas também uma concentração importante no ramo do comércio de produtos têxteis. Chama atenção, no entanto, a boa quantidade de barbearias, um setor típico de empreendedores individuais ou que trabalhavam por conta própria. Aqui, eles colocavam suas barbearias próximas a áreas comerciais e populares. Assim, através da comunicação oral com o povo, prestando serviços, o imigrante árabe exercia seu *mister* individualmente. Verifica-se a presença de comércio de imigrantes árabes e de seus descendentes por diversos bairros; no entanto, os livros a que tivemos acesso mostram a cobrança primordialmente no 1º Distrito (Centro de Porto Alegre).

**Gráfico 11 – Comércio árabe em Porto Alegre (1930-1931)**



Fonte: Moisés Velinho. [s.d.].

No início da década de 1930, observa-se maior diversidade de locações comerciais sírio-libanesas fora do Centro da cidade, especialmente nas avenidas Benjamin Constant e Sertório, assim como na rua Dona Leopoldina e na avenida Germânia, atual Cairu, todas no bairro de São João. Contudo, a região central continuava sendo o principal local de reunião de estabelecimentos comerciais árabes na capital, conforme se pode ver no quadro abaixo:

**Quadro 11 – Comerciantes árabes em Porto Alegre por tipo de comércio (1930-1931)**

Sobrenome/Nome	Tipo de Comércio	Ano	R. Vol. da Pátria	Imposto pago
Bijalda, Antônio	Sapateiro	1930	Rua Dr. Flores, nº307	\$25.000
Zogbi, Salomão	Tabacaria	1930	Rua Dr. Flores, nº18	\$192.000
Chalub, Elias	Botequim	1930	Rua Duque de Caxias, nº706	\$264.000

Kalil, Elias	Bar	1930	Rua D. de Caxias, nº1.174	\$264.000
Zaka, Rosa	Casa de Pasto	1930	Rua Gal. Paranhos, nº157	\$78.000
Jorge, J.	Armazém	1930	Rua Gal. Paranhos, nº159	\$52.000
Cecchin, Luiz	Armazém	1930	Rua Cabral, nº185	\$54.600
Maluf & Cia.	Arm. e Fazendas	1930	Nº433	\$720.000
Buchabiqui&Cia.	Arm. e Fazendas	1930	Nº445	\$600.000
Simon. Jorge	Fazendas	1930	Nº645	\$390.000
Moysés, Pedro	Fazendas	1930	Nº1.105	\$195.000
Nasrallá, Abdalla	Armazém S&M	1930	Nº1.283	\$156.000
Maluf, Ayub Cury	Arm. e Fazendas	1931	Nº433	\$150.000
Buchabiqui& Cia.	Fazendas	1931	Nº445	\$445.000
Seadi, Antônio	Fazendas	1931	Nº455	\$76.000
Nasrallá, Abdalla	Armazém S&M	1931	Nº1.283	\$180.000
Jalfim, Rosa	Fazendas	1931	Nº1.099	\$163.000
Andre, Miguel	Armazém S&M	1931	Mercado Público nº9-10	\$252.000
Neme & Seade	Bar	1931	Mercado Público nº99	\$792.000
Buchain, Jorge J.	Barbearia	1931	Rua Moura Azevedo nº267	\$78.000
Maluf, Jorge	Representações	1931	Rua XV de novembro nº131	\$100.000

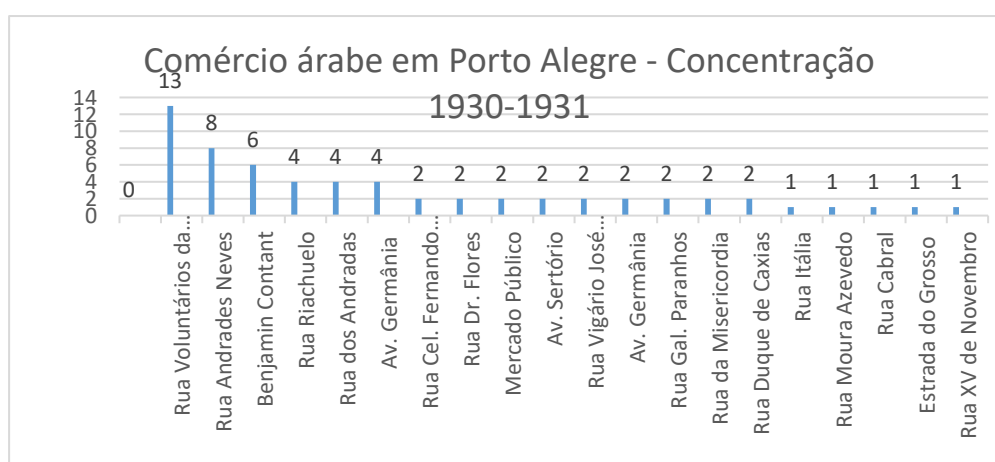
Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

Ivo Nesralla lembra assim do pai, Elias José Nesralla, estabelecido com loja de seda fina no Centro de Porto Alegre:

Nas férias, quando era guri, meu pai com medo que eu me extraviasse, fizesse bobagem, me obrigava a ficar na loja. Eu fazia a arrumação dos tecidos e, no fim do dia, o livro da féria. Eu via os vendedores mostrando a mercadoria e ficava fascinado. Costumo dizer à minha mulher que, se não fosse cirurgião cardíaco, eu seria vendedor de tecidos! (Ivo Nesralla, entrevista em 20/07/2015)

Algumas ruas do 4º Distrito aparecem no gráfico abaixo, porém, as do Centro Histórico ainda eram as preferidas da comunidade sírio-libanesa porto-alegrense de então. Lá os compradores sabiam poder contar com variedade e bons preços devido à competição mais acirrada.

Gráfico 12 – Áreas de concentração de comércio árabe em Porto Alegre (1930-1931)



Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

É oportuno destacar no gráfico acima, que representa o fim do período estudado, a presença de duas pequenas fábricas de roupas (camisas e meias) e de dois armarinhos atacadistas – estes, ativos desde o início do período estudado no fim do século XIX –, o que

evidencia a importância dos atacadistas de miudezas na base e na formação do comércio popular, mas também na criação de lojas especializadas em fazendas. Por fim, embora o ramo têxtil se destacasse como majoritário na preferência dos patrícios, havia uma grande diversidade de segmentos de negócios; todavia, a maioria continuava a constituir-se de pequenos negócios nas áreas centrais da cidade<sup>187</sup>.

Apesar de não ter sido realizado recenseamento em 1930, os dados anteriores e posteriores indicam que, nessa época, de acordo com Medina (2010, p.60), “a população da capital girava em torno dos 250 mil habitantes, o que a colocava em terceiro lugar entre as cidades brasileiras, abaixo apenas do Rio de Janeiro e de São Paulo”. A crise de 1930, porém, também foi política, e um novo governo se instalou na Capital Federal, repleto de gaúchos que tinham ficado de fora do arranjo político articulado entre mineiros e paulistas nas últimas décadas da República Velha (FRANCO, 1983). A nova crise se abateu sobre as finanças mundiais com reflexos na economia da cidade, quando a arrecadação de impostos caiu drasticamente. Os anos que antecederam à crise mundial de 1929 foram de algum progresso para a economia da capital, porém, com os reflexos da crise, os números do comércio caíram.

Em Porto Alegre, imigrantes sírios e libaneses organizaram uma pequena rede de comércio que, apesar das dificuldades iniciais, logrou êxito e permitiu que eles mantivessem um bom padrão de vida. Talvez por isso tenham conseguido, em muitos casos, mesmo em momentos adversos, educar seus filhos nas melhores escolas da capital, como veremos no próximo capítulo, dando prosseguimento, na geração subsequente, a uma inserção social mais profunda. Assim, a geração posterior à dos imigrantes, que já nasceu brasileira, pôde exercer outros ofícios que não o de comerciante, principalmente as chamadas profissões liberais. Muhamed Baccar (2003, s.p.), filho de libanês, é um bom exemplo que está sendo dito aqui:

Tirei o científico em Porto Alegre. Depois eu fiz o vestibular e passei para engenharia química, na UFRGS. Em Porto Alegre eu conhecia os amigos de meu pai, que era gente de muito dinheiro e de muita importância lá. Eles eram árabes mesmo, da comunidade. Eram atacadistas de tecidos muito fortes. Eu tirei o curso muito novo. E quando eu me formei, tinha 21 anos.

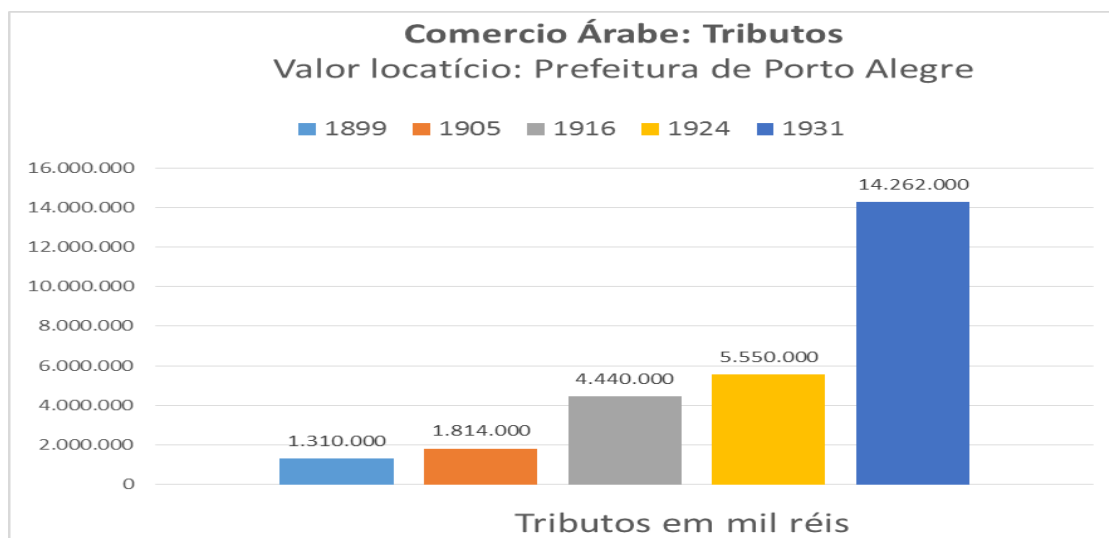
A participação sírio-libanesa no comércio de varejo de Porto Alegre, durante as primeiras décadas do século XX, mostrou-se um fator importante para o desenvolvimento da capital e do estado, como se pode observar pelo gráfico abaixo. Foi graças a esta participação, e também a escolha por eles de um ramo de negócios específico, como o de tecidos e armarinhos, que eles conseguiram angariar certa proeminência e credibilidade no mercado

---

<sup>187</sup> Não estão computados aí os bairros da Azenha e Cidade Baixa, dois locais com razoável presença de comerciantes de origem e língua árabes estabelecidos com lojas.

porto-alegrense. O demonstrativo abaixo, embora seja apenas um indicativo e não tenha a pretensão de ser conclusivo, dá uma ideia do desenvolvimento dessa contribuição no início do século XX.

**Gráfico 13 – Arrecadação de imposto valor locatício pago por comerciantes árabes em Porto Alegre (1899-1931)**



Fonte: Arquivo Moisés Velinho. [s.d.].

O gráfico anterior mostra que a imigração sírio-libanesa na capital dos gaúchos foi, além de tudo, um fator econômico importante. De acordo com Monteiro (2006), no fim da década de 1930 observou-se expressivo incremento do comércio na capital, o que, segundo o autor, foi fortemente estimulado pela presença de imigrantes estrangeiros em seu território. Nestas primeiras décadas do século XX, eles ali trabalharam fornecendo mercadorias, vendendo bens e produtos, transportando coisas, atendendo a clientes e pagando impostos.

Apesar da estagnação de alguns que nunca passaram do pequeno comércio, uma parte desses imigrantes, embora não tenha enriquecido, conseguiu manter um padrão de vida que talvez não tivesse na origem, indicando que o comércio e os negócios foram o principal veículo de ascensão social. Contudo, não devemos esquecer que o grau de motivação pessoal não pode ser generalizado entre os imigrantes sírios e libaneses, faltando, na vida real, uma simetria entre aqueles que não conseguiram estabelecer exatamente um bom padrão, conforme nos lembrou em seu depoimento Rafique João (2015, s.p.), filho de um casal de imigrantes sírios:

O velho morreu pobre e doente e só deixou um terreno na [avenida] Cascata. Acho que ele não tinha muita paciência e não era tão atencioso como os outros patrícios. No seu caso foi diferente, teve comércio, mas não prosperou, e acabou como mascate vendendo mercadorias para armazéns. Eu mesmo não estudei, trabalhei com patrícios em lojas e confecções, mas perdi tudo que ganhei porque jogava, diferente do meu irmão Paulo, que se formou em direito e foi procurador do Estado. (Entrevista com Rafique João)



Fazendo uma análise sobre a variedade do comércio sírio-libanês no Centro da capital gaúcha, ainda que se observe uma tendência entre esses imigrantes em se dedicar a um segmento comercial específico, como o ramo de fazendas e armarinhos, alguns aspectos importantes, no entanto, quando nos referimos ao ramo de têxteis, podem passar despercebidas para quem não é familiarizado. O ramo de tecidos pode apresentar características e qualidades que se diferenciam substancialmente. Por exemplo: o negócio pode ser de fazendas finas, mais caras, de uma ou de outra variedade, como cortes para roupa feminina ou masculina; o lojista pode ser especializado na venda de seda ou linho, de cortes para que alfaiates confeccionem ternos e roupas femininas; de tecidos estampados para cortinas e até de lonas mais grossas e tapetes, que também são têxteis. Assim, cada nicho de produtos têxteis tem uma produção industrial específica, uma concorrência própria, uma capacidade de estocagem e também facilidades de importação peculiares.

A perda de espaço desse tipo de comércio, antes praticamente exclusivo, começa a se verificar com a industrialização de confecções e a entrada no mercado das microfibras e lojas de roupas prontas, por volta da segunda metade da década de 1940. Mesmo assim, a demanda pelo varejo de tecidos continua até hoje. Por isso, o conhecimento sobre o produto, fornecedores, preço obtido por metro, depois de livrados os custos, e sobretudo o atendimento aos clientes dentro da loja são ainda importantes diferenciais para cativar a freguesia, e no fundo determinam o êxito do empreendimento. Elias Dabdab (2015, s.p.) nos relatou assim a trajetória de seu pai nesse ramo do comércio árabe em Porto Alegre:

Meu pai, Raphael Dabdab, chegou ao Brasil em 1925, diretamente da Antióquia, na Síria (hoje, território da Turquia). Ele veio para comunicar ao irmão que já estava no Brasil, a morte de nosso avô. Em Porto Alegre, nosso primeiro comércio foi aberto na rua da Ladeira (General Câmara). No final dos anos de 1940 viemos para a Voluntários [da Pátria]. Em 1952, chegamos à esquina desta mesma rua onde estamos até hoje. Posso dizer que comecei no ramo dos tecidos aos cinco anos, acompanhando meu pai, mas aos 14 anos comecei a frequentar diariamente a loja. Eu aprendi a identificar tecidos com o toque das mãos, mas também pelo caimento da roupa.

A trajetória do pai de nosso entrevistado, indica que alguns desses imigrantes já chegaram ao Brasil com conhecimento e capital. Quando ele aportou no Brasil, seus irmãos já eram médios proprietários em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com o estabelecimento da loja no Sul, os empreendimentos formaram uma rede de cooperação, importando em conjunto mercadorias exclusivas da Europa que eram oferecidas aos seus clientes nas três capitais.

Um outro entrevistado, Gilberto Sada conta que seu tio e padrastrô, Mário Sada, morava em Porto Alegre em 1940, e seu irmão (Abraão, pai do entrevistado) convidou-o para montar

uma sociedade. Dessa parceria surgiu, em 1941, a Casa X<sup>188</sup>: “Eu e meu irmão trabalharíamos juntos por pouco mais de um ano. Abrahão veio a falecer com pneumonia dupla, depois ter ficado internado no Hospital da Beneficência Portuguesa por mais de um mês”. (2009, p.43) A esposa de Abrahão, Georgette, ficou só com o filho de cinco anos, Gisberto Sada, nosso entrevistado e atual proprietário da Casa X. Gisberto Sada (2015) nos contou que a mãe acabou se casando com seu tio Mario em 1944. Uma reportagem do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, de 27 de fevereiro de 2012, conta, em breve passagem, a evolução do estabelecimento mantido pela família Sada:

O pai de Sada, que se manteve à frente do negócio até falecer em 2009, decidiu liquidar o estoque de mercadorias e abrir a loja que até hoje está no nº 86 da [Marechal] Floriano. No local, a operação cresceu com o aquecimento da busca por cortes que se mantiveram por décadas, seja para coser trajes completos do universo masculino, ou reproduzir a moda vestida por mulheres em cada época. A microfibra foi um divisor de águas no varejo de tecidos. Em Porto Alegre, no Brasil e no mundo. Ajudou a reduzir preços de cortes (mesmo que não se equipare em qualidade a muitas tecelagens) e foi uma frente de batalha ante confecções prontas cada vez mais baratas. (ANTIGA Casa X se atualiza. *Jornal do Comércio*, 27 fev. 2012<sup>189</sup>).

Mesmo que acanhada frente à participação de outros grupos étnicos, como italianos e alemães, no progresso da capital, a contribuição de sírios e libaneses para o crescimento e o desenvolvimento de Porto Alegre esteve longe de ser insignificante, conforme revela o gráfico [13] de arrecadação de impostos que apresentamos acima<sup>190</sup>. A atividade laboral e a localização geográfica onde este trabalho era exercido marcaram as identidades dos diversos grupos de imigrantes no Rio Grande do Sul. Os sírios e libaneses, precisamente por serem de origem semita<sup>191</sup>, de língua e cultura árabes, frequentemente eram vistos pejorativamente como “turcos”, embora não fossem os únicos a padecer vítimas de preconceitos. É, contudo, razoável pensar que as fronteiras entre os diferentes grupos são tanto menos permeáveis quanto mais a organização de suas identidades étnicas esteja ligada à divisão diferencial das atividades no setor econômico. Conforme preconizam Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.155), “a fronteira étnica sobrepõe-se à fronteira social quando uma reforça a outra”.

<sup>188</sup> Em suas memórias, Mário Sada conta que a enchente que atingiu Porto Alegre em 1941 foi um momento de grande oportunidade para ele. “Com a enchente, os comerciantes da rua Voluntários da Pátria ficaram com as mercadorias completamente molhadas, e eu comprei uma grande quantidade de tecidos pela metade do preço”. Mario anunciou o lote adquirido para a população, que rapidamente liquidou o estoque: “Quando acabou o estoque tivemos que molhar os tecidos secos e os vender, tamanha era a procura”. (SADA, 2009, p.46-47).

<sup>189</sup> Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=87340>>. Acesso em: 23 nov. 2016

<sup>190</sup> Conforme dito, esses números correspondem à metade de uma quota semestral do imposto valor locatício. Esses números, conforme já alertamos, não servem como parâmetro de comparação, a não ser com eles mesmo. De todo modo, indicam certamente um forte crescimento dos negócios da etnia árabe no 1º Distrito, especialmente entre os anos de 1924 e 1931.

<sup>191</sup> Guarda certa semelhança com os latinos mediterrâneos (espanhóis, sicilianos, calabreses e portugueses), bem diferente, portanto, do fenótipo germânico ou dos “tirolezes”, como costumavam ser chamados muitos italianos do norte da Itália, majoritários no Rio Grande do Sul.

A ascensão social pelo comércio marcou a imigração árabe na capital, formando uma espécie de barreira que amenizava e protegia esses imigrantes da discriminação. Além disso, ela proporcionou a inserção de seus descendentes no seio da sociedade gaúcha, facilitando a transposição da identidade de comerciantes para uma nova imagem adquirida por estes últimos, que, como profissionais liberais, criaram novos espaços dentro da sociedade porto-alegrense, lugar que mal poderia ter sido sonhado pelo imigrante que se estabeleceu na cidade no início do século XX.

Em relação aos fortes e tradicionais comerciantes alemães da capital é de se destacar a inserção e a sobrevivência dos comerciantes árabes, não só no setor de armazéns e miudezas, mas principalmente no ramo têxtil. Este último segmento de negócios mostrou-se estratégico para a colônia, e foi responsável pela colocação de algumas famílias sírio-libanesas na praça comercial da capital com destaque.

Por outro viés, se por um lado a praça comercial porto-alegrense se apresentou como um desafio para os sírios, que tiveram de enfrentar forte concorrência, crises financeiras constantes, dificuldades de transportes, avidez na cobrança de impostos, e até o contrabando, por outro abriu para eles uma ocupação maciça de nichos de negócios onde havia mais dificuldade ou falta de interesse por parte do comércio organizado e disciplinado, típico da mentalidade e do *ethos* germânico, como por exemplo o comércio popular de varejo, quando o que vale mais é o preço ou a barganha e não a qualidade.

Como observa Jeffrey Lesser (2001), o caráter étnico de um grupo não se define apenas em termos de sua cultura social, mas também em relação à sua cultura econômica. Num ambiente marcadamente urbano, os sírios-libaneses se encaixaram em novas categorias socioeconômicas, forjando uma cultura cidadina para seu grupo, ao mesmo tempo em que iam tecendo relações e se inserindo na vida política e econômica da sociedade que os acolhera. (BRUM, 2009).

## 6 ASPECTOS SÓCIO-ANTROPOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO ÁRABE NO RIO GRANDE DO SUL

### 6.1 A MULHER IMIGRANTE ÁRABE

De acordo com Pierre Bourdieu (2003, p.41), as divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros, se inscrevem assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes. Ao abrirmos essa discussão sobre gênero não pretendemos categorizar a mulher como uma exceção, isto é, como diz Foucault (1988), um efeito mistificador das relações de poder. Aqui vamos tão somente interpretar os dados que colhemos no campo, levando em conta o potencial que cada indivíduo tem em relação aos outros, sua capacidade de interagir no grupo e seu papel na manutenção da comunidade na qual está inserido. No caso da imigração de sírios e libaneses, a mulher representou, sobretudo, a família e a face sedentária do mascate, transformando o que era a princípio uma “aventura” num projeto de vida em comum, tendo em vista a assimilação e posterior inserção da família na sociedade hospedeira<sup>192</sup>.

A seleção das 753 fichas de imigrantes sírio-libaneses cadastrados no Rio Grande do Sul entre 1939 e 1949, que fizemos no Arquivo Nacional, indicou a presença de 231 pessoas do sexo feminino, representando 31% do total, ou uma proporção de aproximadamente dois homens para cada mulher<sup>193</sup>. Das 231 mulheres, 132 se declararam casadas, 61 solteiras, 34 viúvas e quatro desquitadas. Donas de casa eram a maioria. Entre as que declararam trabalhar, havia modistas, agricultoras, costureiras, ambulantes e comerciantes.

Confirmando os dados colhidos por Knowlton (1960), a disparidade entre homens e mulheres chama a atenção também em Porto Alegre. A tabela abaixo apresenta os dados de entrada e saída de pessoas de origem sírio-libanesa pelo porto da cidade no biênio 1922-1923, segundo o *Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul* (1924). Sua análise revela que, ao menos no caso da capital gaúcha, a mobilidade masculina era muitas vezes superior à feminina.

---

<sup>192</sup> É claro que essa generalização não contempla a diversidade de situações existentes, mas na maior parte dos casos à mulher ficava normalmente reservado o espaço doméstico, onde ela cuidava (dos filhos e dos velhos), cozinhava (para todos, inclusive o farnel do mascate) e encaminhava o destino dos filhos. Ao marido cabia o papel de sair em busca de fazer negócios, de procurar recursos para o sustento da família.

<sup>193</sup> A assimetria de gênero figura entre as principais características das migrações tipicamente masculinas, na qual o imigrante manifestava o intuito de voltar à terra natal depois de fazer algum dinheiro na terra da imigração. Segundo Knowlton (1960, p.93-97), “a proporção dos sexos num grupo social influi diretamente nas relações sociais e econômicas, que dependem estreitamente do equilíbrio entre os sexos ou na sua falta.”

**Tabela 3 - Entrada e saída de imigrantes sírios e árabes em Porto Alegre (1922-1923)<sup>194</sup>**

	Entradas 1922	Saídas 1922	Entradas 1923	Saídas 1923
Mulher síria	10	20	30	8
Homem sírio	60	70	126	48
Mulher árabe	17	8	30	22
Homem árabe	65	43	106	56

Fonte: Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul (1924).

Em relação aos casos que selecionamos no Arquivo Nacional, 136 mulheres do total de 231 imigrantes do sexo feminino fixaram residência em Porto Alegre. Destas, 86 eram casadas, 20 solteiras, 27 viúvas e três desquitadas. Entre as que não trabalhavam, 71 se disseram casadas, 14 solteiras e 24 viúvas. Entre as casadas, encontramos 15 trabalhadoras, nove delas empregadas no comércio, cinco como modistas e uma que se declarou ambulante. Entre as solteiras, quatro trabalhavam como costureiras, uma era modista e uma, comerciante. Já entre as viúvas encontramos uma costureira e duas comerciantes; entre as três desquitadas, duas atuavam como comerciantes e uma era dona de casa<sup>195</sup>.

Na realidade, pouco sabemos sobre o cotidiano das mulheres imigrantes, uma vez que, talvez em razão dos homens formarem a maioria, os estudos sobre o tema em geral privilegiam o universo masculino. No caso das imigrantes levantinas, verificamos que a maioria mostrava claros sinais de que cumprissem jornadas duplas, às vezes até triplas, o que incluía, além dos cuidados com a casa e os filhos, a administração da loja do marido, quando este saía para mascatear. Isso talvez explique o fato de que “na família de tradição árabe a mãe tem menos poder do que o pai, mas é bastante respeitada e os preceitos morais dela são muito considerados” (KEMEL (2000, p.27).

Apresentamos abaixo um quadro que revela algumas informações sobre as mulheres que declaram trabalhar. As informações indicam, além de seus locais de residência e trabalho, o estado civil, ocupação, ano da chegada ao Rio Grande do Sul e a idade que tinham quando chegaram e em que foram cadastradas. Nota-se que a idade média dessas mulheres ao imigrar era de pouco menos de 18 anos de idade. A maioria emigrou junto com seus familiares, sendo que algumas já eram casadas. Há também uma viúva, uma solteira e uma desquitada.

<sup>194</sup> O quadro reflete duas tendências da época. A primeira, a excessiva intervenção do Estado no controle das instituições, e a segunda a separação entre sírios (sírios e libaneses) e árabes, o que coincide com o início do Mandato Francês no Levante e as divisões que estavam sendo propostas para a região.

<sup>195</sup> Esses números são apenas indicativos, uma vez que, entre as mulheres casadas, pelo menos a metade, conforme verificamos, diziam residir no mesmo local em que o marido possuía comércio, indicando uma possível ocupação não declarada.

**Quadro 12 – Cadastro de mulheres árabes em Porto Alegre e ramos de ocupação**

Nome e idade (no cadastramento)	Data Nasc.	Local Nasc.	Filiação	Endereço: R: (residencial) E: (emprego) Ano do cadastro/atualização	Mês/ano da chegada	Idade na chegada	Ocupação, estado civil e observações
FAYAD, Hind (36)  Cadastro em 1949.	13/06/1913	Líbano	Nassif e Chafica FAYAD	Av. Farrapos, 31/2º andar (R e). 1949.  Rua Cel. Vicente, 382. Centro, Porto Alegre em 1963 <sup>196</sup> . (R)	Junho de 1923.	10	Modista solteira,. Passaporte em Trípoli, 1922 e visado p/ consulado bras. Marselha em junho de 1923. Registro de estrangeiro na DP de Bagé/RS, 1939.
FAYAD, Chafika (58)  Cadastro em 1949.	09/05/1891	Líbano	Gabriel e Sarah AUDI	Av. Farrapos, 31/2º andar (R e). Centro. Porto Alegre, 1949. Rua Cel. Vicente, 382. 1963. (R)	Junho de 1923.	30	Modista, casada, Passaporte, visa e registro idem acima.
SAPAG, Chemale (45)  Cadastro em 1941.	02/07/1896	Líbano	Mansur Antônio e Maria CHEMALE	Rua Marquês do Pombal, 201 Porto Alegre (R e). 1941. rua Felix da Cunha, 861. Auxiliadora Porto Alegre. (R) 1942	1912	16	Costureira, viúva, Em 1947 ateliê à rua Marquês do Pombal, 769, Auxiliadora Porto Alegre. (E). 1947.
ELIAS, Salma (24)  Cadastro em 1939.	10/11/1915	Síria	Nacif e Haine Elias.	Rua Cel. Bordini, 380. (R) Auxiliadora, Porto Alegre, 1939.	1924	9	Costureira, solteira. Rua Quintino Bocaiuva, 419 (R). Rua Marquês do Pombal, 769, Floresta (E). 1945.
SARQUIS, Maria Nackle (45)  Cadastro em 1939.	01/01/1894	Síria	Nakle Sarquis e Dezenia N.	Rua Riachuelo, 1.624 (R). 1939. Rua Duque de Caxias, 1.570 (R). Centro, Porto Alegre. 1945	1909	15	Desquitada, comerciante ambulante - 1939
KHALIL, Rahil Elias (36)  Cadastro de 1942.	22/12/1906	Líbano	Elias Nassif e Cheme Khalil	Rua Benjamin Constant, 171, São João, Porto Alegre, 1942. (E, R)	1926	20	Casada, modista. Rua Marquês do Alegrete, São João, 1944. (E, R)

<sup>196</sup> A data é relativa a atualização do endereço do prontuário junto a Polícia Federal, conforme exigência da Lei.

GALIA, Susana Nacussi (36) Cadastro em 1940.	20/11/1904	Síria	Vicente Mansur e Saada M.	Av. Dr. Carlos Barbosa, 4 (R e). 1940. Rua da Azenha, 1.377. Porto Alegre, 1946. (R e)	1919	15	Casada, modista. Apresentou certidão de casamento em 29 de junho de 1929.
--	------------	-------	---------------------------	--	------	----	---

**Fonte: Arquivo Nacional. [S.d.].**

As mulheres que trabalhavam fora ou em casa, principalmente no ramo da costura e na profissão de modista, aparecem com mais nitidez nesta pesquisa, especialmente nos emergentes bairros da Auxiliadora e Floresta. Exemplos como os de Suzana Galia, casada com um comerciante do bairro da Azenha, e Rahil Kahlil, também casada, do bairro de São João. Ambas se declararam modistas. As profissões de costureira, modista, de comerciante de tecidos, aramarrinhos e aviamentos eram, de certa forma, complementares entre si, o que talvez explique o número de mulheres árabes nessas ocupações. Naff (1983) credita a influência francesa no Monte Líbano desde o século XIX, e na Síria, sobretudo no período do Mandato, pela introdução e difusão de revistas de moldes e manequins, assim como àquelas de moda feminina, como responsável pelo ingresso por muitas mulheres sírio-libanesas na profissão de modista e de costureira, tanto nesses países quanto na diáspora.

O comércio e o empreendedorismo também foram escolhas estratégicas de muitas mulheres sírio-libanesas para ganhar a vida por conta própria, ou seja, com autonomia. Alixa Naff (1983) e Nunes (1997), que fizeram trabalhos comparando a imigração na América do Norte e na América do Sul, contam que algumas mulheres chegavam a permanecer na “estrada” por semanas ou meses, percorrendo os estados<sup>197</sup>, enquanto outras, juntamente com as crianças e velhos, ficavam na “base” ocupando-se de outras tarefas, como a reposição de mercadorias. Além do comércio ambulante, muitas faziam crochê, rendas e costuravam roupas em casa para seus maridos venderem. Outras, ainda, trabalhavam em fábricas de vestimentas, algumas delas de propriedade de sírios.

No Brasil, a presença da mulher síria ou libanesa na tarefa da mascateação de todo modo foi reduzida. Truzzi (2001, p.186), comparando a ocorrência de mulheres na mascateação no Brasil e nos Estados Unidos, sugere ter sido a “cultura patriarcal e menos pragmática no Brasil, em termos de ganhar a vida, que contribuiu para que as mulheres persistissem na esfera do lar ou do trabalho anexo à casa”.

<sup>197</sup> Existem relatos de mulheres imigrantes que vieram para o Brasil por conta própria e que aqui se tornaram mascates para sustentar os parentes que ficaram no Líbano ou na Síria.

Entre as mulheres árabes que exerceram alguma atividade fora do ambiente doméstico, gostaríamos de mencionar o caso da mascate libanesa Proussine Chaufun, que, a exemplo de outros, prima pela falta de informações. O pouco que sabemos dela é que chegou a Porto Alegre em 1904 e que provavelmente trabalhou nas ruas da cidade como ambulante. Talvez tenha voltado ao Líbano ou morrido em Porto Alegre, pois não encontramos mais nenhuma referência e, aparentemente, também nenhum familiar seu na cidade.

José Najjar (2011, p.134) sustenta que, aparentemente,

a ausência das mulheres dos recortes históricos apoia a ideia de que elas não se envolveram na mascateação como forma de ganhar a vida. Contudo, há evidências que sugerem que as mulheres sírio-libanesas, exceto as da elite, foram encontradas em ocupações tradicionalmente associadas aos seus homólogos masculinos.

Najjar (2011, p.134) explica que os sírios, “como um grupo de imigrantes tido como ‘branco’, fizeram valer esse privilégio para participar do *boom* do mercado de trabalho emergente do capitalismo na virada do século”. Nesse cenário, as mulheres dessa etnia, apesar do preconceito de gênero existente na sociedade brasileira, escapavam ao menos do de cor, o que facilitou sua inserção social. O autor adverte que a maioria dos trabalhos sobre imigração árabe no Brasil têm saturado não só a historiografia, mas também a memória da comunidade como sendo o homem o único representante dessa imigração.

Osman (2000) diz que as mulheres árabes foram inseridas no processo migratório depois de casadas, acompanhando seus maridos e tornando-se esposas no Brasil. Segundo a autora, a imigração de mulheres libanesas era de apoio à masculina, e assim elas foram incluídas no processo migratório. Quando vinham solteiras era para ajudar a família, atendendo às necessidades de seus pais e irmãos<sup>198</sup>. A seguinte passagem, de Cecília Kemel (2000, p.58), corrobora essa interpretação:

Como o regime familiar é essencialmente patriarcal, o conforto e o bem-estar do pai, quando este chega a casa é indispensável. A mãe, cujo papel é também manter a liderança do pai, empenha-se a que nada lhe falte e a que ele tenha à mesa as iguarias preferidas. As filhas organizam-se, também, para que nada perturbe o pai e nada lhe falte. (KEMEL, 2000, p.58).

Kemel (2000, p.44) se refere ao papel do homem como representante maior da esfera social e à família árabe, como de tipo patriarcal. Às mulheres cabia a coordenação de toda a família. “Em virtude do trabalho intensivo dos homens, diante da dificuldade de ganhar a vida,

---

<sup>198</sup> Algumas vezes acontecia de a filha permanecer na casa dos pais mesmo depois de casada para tomar conta deles, ou de levá-los para morar consigo e seu companheiro, a fim de não interromper os cuidados que dispensava a eles. Também não são poucas as histórias de mulheres que abandonaram promissoras carreiras profissionais para não abandonar seus pais (KEMEL, 2000).



bem como de construí-la, eles se afastavam fisicamente da família; o contato com os filhos é pequeno ou insuficiente para o crescimento de uma intimidade real”, escreve a autora. Com isso, o afeto que faltava às crianças e aos velhos na ausência dos homens era preenchido pelas mulheres.

Osman (2000) lembra que a assimetria entre os papéis masculino e feminino na imigração árabe situava o homem, fosse ele solteiro ou casado, como uma espécie de desbravador e herói, moldando a imagem do imigrante libanês como homem corajoso e destemido, protagonista de verdadeiras epopeias e sagas incomparáveis. Nesse sentido, conforma salienta Sayad (2000), as mulheres somente adquiriram um papel relevante nessa imigração quando esta se transformou em familiar. Foram elas as responsáveis diretas pela mutação de uma imigração, a princípio provisória, numa imigração definitiva. E isso em função da necessidade de constituição familiar no país de destino. (OSMAN, 2000).

Um fato que certamente nós, brasileiros, devemos à mulher árabe foi a transmissão da herança culinária do Oriente Médio, que, depois de algum tempo, se popularizou no Brasil com o qualificativo de “comida árabe”, e cujo formato, sabor e ingredientes se adaptaram muito bem ao meio brasileiro. Na origem, os pratos dessa culinária eram preparados especialmente para os homens que atuavam como vendedores ambulantes e precisavam levar consigo um alimento versátil, cujo transporte se adaptasse facilmente aos bolsos de suas vestimentas ou que pudesse ser acondicionado junto à mala de mercadorias que carregavam<sup>199</sup>.

Outra instituição igualmente importante na qual as mulheres árabes desempenharam papel de relevo foi a religião. Pinto (2010, p.109) destaca que, no início do século XX, à falta de instituições ligadas às igrejas do Oriente Médio no Brasil, estas foram substituídas pelas do catolicismo romano, “especialmente pelas mulheres sírias e libanesas, como um instrumento de individualização, uma vez que a carreira religiosa era valorizada” no país. Além disso, ainda segundo o autor, “através dessas instituições ligadas à igreja ou à caridade, a mulher da comunidade podia ter acesso à atuação social pública, adquirindo autonomia dentro da própria família, mas também na sociedade”. Em Porto Alegre, visando atender a essa demanda foi criada em setembro de 1946, ligada à Sociedade Libanesa, a Sociedade Beneficente de Senhoras Monte Líbano, tendo à frente Saide Allen, como presidente, e Joana Moussale, como secretária (SCHILLING, 2007).

---

<sup>199</sup> De acordo com Cruz (2016, p.233) “na primeira fase da imigração, essa comida étnica era consumida apenas no espaço privado e não havia interesse que fosse comercializada pelo estranhamento que alguns de seus pratos causavam na sociedade brasileira, como o exemplo do quibe cru, a quem muitos atribuíam ser carne humana.” Em diversas regiões do país em que não se conhecia pratos feitos a partir de carne crua, circulavam boatos de que os árabes seriam canibais, sendo por isso chamados pelo apelido de “turcos canibais” (CRUZ, 2016).

A fim de exemplificar uma outra faceta da realidade social vivida pela mulher imigrante árabe, do início do século XX, no Brasil, localizamos um processo guardado no Arquivo Público do Estado, correspondente ao desquite litigioso de Amélia Elias Hatab (APERS, 1919). O caso teve lugar em Rio Grande, no sul do estado, em 1919, e serve para evidenciar a maneira como a mulher sírio-libanesa era tratada pela comunidade, principalmente nos momentos em que sua vontade e destino estavam em jogo. O processo de separação do casal (composto por Amélia, então com 27 anos de idade, e Nativo Nekio Bichara, de 25) começa com o depoimento da esposa, que dizia não mais querer “estar junto ao marido”. Ela o havia expulsado de casa, fato ao que o marido reagiu ingressando na Justiça com o objetivo de voltar ao lar e continuar convivendo com a mulher. Nativo indicou duas testemunhas que foram chamadas para prestar depoimento. A primeira delas, seu irmão Félix Nekio, um sírio de 30 anos, comerciante, disse recordar que quando visitava o casal costumava ouvir “a cunhada chamá-lo de ladrão” e que, a seu ver, ela “deveria aceitar Nativo de volta ao lar”. A segunda testemunha, Abdala Nader<sup>200</sup>, negociante, então com 27 anos, disse em seu depoimento que Amélia “era sempre bem tratada pelo marido” e que “não via motivos para ela pedir a separação”. Apesar dos testemunhos desfavoráveis a Amélia, o juiz – talvez diante da firmeza revelada pela mulher, quando foi novamente interpelada, em não aceitar o marido de volta – decretou a separação.

O desquite de Amélia Hatab, inicialmente litigioso, se converteu depois em amigável. Amélia, não obstante todo o peso da tradição e dos costumes patriarcais árabes, bem como do conservadorismo da Justiça brasileira da época, logrou firmar um acordo favorável a seus interesses. Apesar disso, as posições assumidas pelos atores masculinos durante o processo sugerem o forte apelo do senso comum que reconhece um lugar determinado para a mulher no casamento e na sociedade, e no qual a extensão de sua liberdade é determinada pelo marido ou pelos homens de sua família.

A este propósito, a escritora Joumana Haddad, em sua obra *Eu matei Scheherazade*, desafia ideias preconcebidas que o Ocidente tem sobre as mulheres árabes e descreve seu próprio desenvolvimento intelectual como um contraponto a esse senso comum:

Eu matei Sherazade com as mãos do professor de matemática da quarta série que queria me convencer de que os meninos têm jeito para a matemática e as meninas para a cozinha; (...) Sim, eu matei Sherazade. Eu a matei em mim. E estou completamente decidida a matar tudo e todos que, mesmo remotamente, lembrem ou se pareçam com ela em meu inconsciente, imaginação e mente (...). Pois há uma mulher árabe insubmissa em mim. Ela tem suas próprias histórias, cuja moral não é a negociação; tem sua liberdade e sua vida, que não lhe foram concedidas por ninguém. (HADDAD, 2011, s.p.).

---

<sup>200</sup> Nascido em Nabay, no Líbano, em 1894, Abdala Nader chegou a Rio Grande com 16 anos, em 1909. No decurso de sua vida se fez grande empresário, dinamizador da vida social e política da cidade e líder da comunidade libanesa do sul do estado. Faleceu em 1953. (NADER, 2005).

A realidade, entretanto, nos mostra que a rebeldia de algumas mulheres não mudou a condição da maioria delas, que se mantiveram dentro do sistema e, não raro, ajudaram a mantê-lo. Aquelas foram as práticas a que elas estavam sujeitas, especialmente nas primeiras gerações, quando havia imensa pressão por parte dos parentes para se manter as relações familiares dentro da própria etnia. Kemel (2000) assinala que, muitas vezes, os noivos chegavam a ser prometidos um para o outro pelos pais sem que se conhecessem pessoalmente e independentemente de suas diferenças etárias. Os casamentos arranjados eram algo comum entre as famílias árabes, muitas vezes estabelecidos já desde o nascimento das crianças. No caso dos imigrantes, a distância que porventura pudesse separar os noivos também não era levada em consideração, existindo até casos em que um dos consortes deslocava-se até o Brasil somente com o intuito de se casar com a filha de algum parente ou com o amigo de seu pai<sup>201</sup>. Assim, a estrutura familiar que funcionava na origem era reproduzida na terra da imigração. (CONSTANTINO, 2008).

Muitas vezes, porém, como observa Seyferth (1990, p.23), a conservação integral da cultura original do grupo e sua transmissão aos descendentes revelava-se praticamente impossível, “pois o fato de vivê-la em um contexto diferente e a necessidade de aprender sobre a cultura local [fazia] com que ela se [transformasse], absorvendo elementos da cultura hospedeira”.

Nesse sentido, trazemos aqui o exemplo de um entrevistado, que nos relatou que seu pai, Ahmed Baccar, ainda que muçulmano praticante, foi obrigado a fazer concessões ao se casar com uma mulher de origem cristã. Seu filho homem, embora soubesse rezar de cor o *Al Fathia*<sup>202</sup> em árabe, adquiriu também as credenciais do batismo cristão, talvez para conferir-lhe ferramentas para melhor se integrar à sociedade hospedeira. As filhas, no entanto, não foram entronizadas no batismo, quem sabe talvez pelo motivo inverso, ou seja, justamente a fim de preservá-las para seus futuros maridos muçulmanos (BACCAR, 2003, s.p.).

Kemel (2000) observa que a miscigenação dos árabes com brasileiros ou com membros de outras etnias tendeu a modificar seus hábitos. No caso feminino, muitas mulheres passaram a se preocupar em trabalhar fora e em adquirir uma educação superior. A fundação de clubes sociais e entidades beneficentes, muitas delas lideradas por mulheres, nas primeiras décadas do

---

<sup>201</sup> Neste caso Kemel (2000, p. 94) relata que através de um depoimento soube de um caso em que o “noivo viu a foto da noiva em casa de um parente, interessou-se e veio para o Brasil a fim de conhece-la e acertar o possível casamento”.

<sup>202</sup> Este é o primeiro *sura*, capítulo do Alcorão, e o mais recitado pelos muçulmanos, pois está presente em todas as orações. (CASTRO, 1989, p.23)

século XX, engendrou um espaço aberto de compartilhamento de experiências e de socialização para os sírios e libaneses.

Schilling (2007, p.27) argumenta que “mesmo antes da chegada das mulheres árabes, os núcleos associativos já estavam em formação”. De acordo com a autora, “essas mulheres contribuíram, ao chegar, com inúmeras outras organizações sociais femininas de diversas finalidades, desde a formação de escolas até a organização de órgãos de imprensa”. Não seria um despropósito supor que em suas trocas culturais com indivíduos de outras etnias, os árabes pudessem ter sofrido algum tipo de discriminação por não serem europeus, ou por qualquer outra ordem de diferenças. Contudo, a abertura desses espaços de socialização da etnia proporcionou uma aproximação gradativa por parte dos brasileiros e de outros imigrantes aos costumes, sotaques e sabores médio-orientais trazidos ao Rio Grande do Sul por eles, facilitando sua integração à sociedade rio-grandense.

Na época da fundação dos clubes étnicos árabes já havia uma geração de filhos de imigrantes que levava seus amigos, maridos e esposas brasileiros, assim como filhos de outros imigrantes, para participar de festas, reuniões e outros eventos nessas entidades, tudo sempre acompanhado de muita comida de origem sírio-libanesa. Isso decerto contribuiu, numa segunda fase da imigração, para a exploração comercial de sua culinária com a abertura de restaurantes, bares e botequins.

## 6.2 O HOMEM IMIGRANTE SÍRIO-LIBANÊS

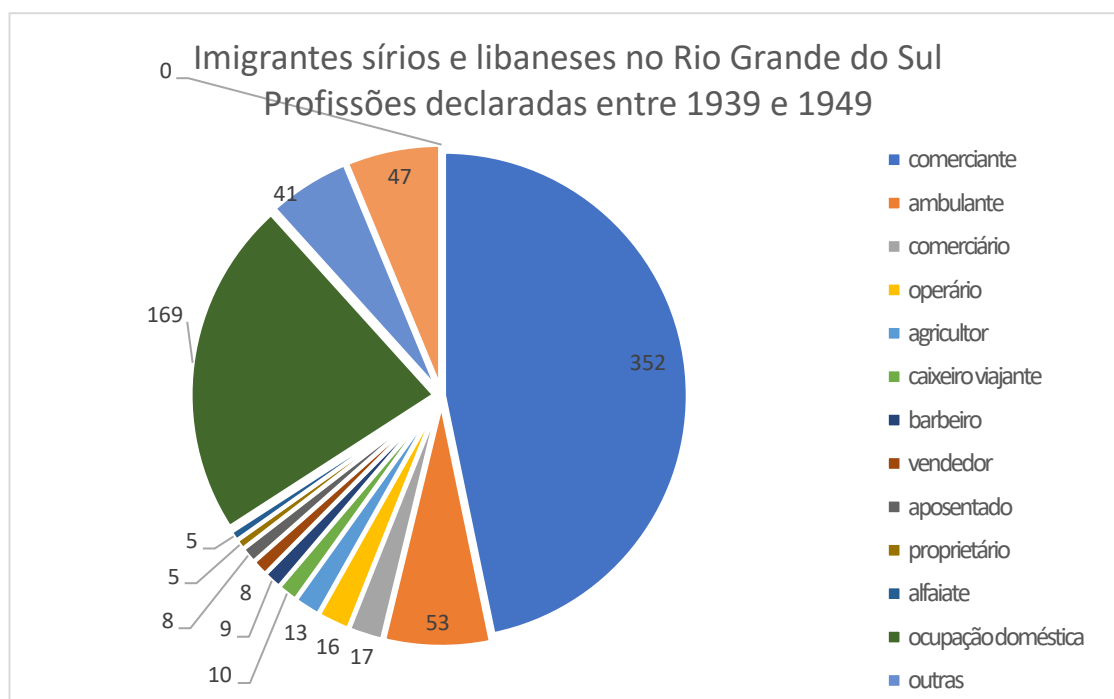
Os dados de nosso microcosmo construído no Arquivo Nacional mostram uma preponderância significativa de presença masculina se comparada ao número de mulheres imigrantes. Dos 753 casos levantados, 522 eram homens, 357 deles casados, 141 solteiros, 23 viúvos e um desquitado. As profissões de comerciante e ambulante, somadas, lideravam com folga (65%) o total das ocupações, especialmente entre os casados com registro de chegada anterior a 1920. As outras profissões citadas no cadastro foram as de criador, agricultor, industrial, horticultor, operário, funcionário e empregado rural.

Em Porto Alegre, encontramos 187 comerciantes, dos quais 144 casados, 37 solteiros e seis viúvos. Entre os 51 homens que se declararam ambulantes, 26 eram casados, 22 solteiros e três viúvos.

No cômputo geral do estado, contamos 352 comerciantes (entre homens e mulheres), 17 comerciários, 16 operários, 13 agricultores, 10 caixeiros viajantes, nove barbeiros, cinco alfaiates, cinco proprietários, quatro fotógrafos e quatro garçons. Completam as profissões declaradas, com pelo menos dois representantes, as seguintes ocupações: confeitoiro,

carpinteiro, carroceiro, jornaleiro, feirante, ferroviário, sapateiro, fiscal e condutor de bondes, padeiro, porteiro, quitandeiro, vendedor, além de um imigrante que se declarou capitalista. Importante frisar que em nosso demonstrativo, 169 mulheres se declararam donas de casa. O gráfico abaixo sintetiza visualmente os dados coletados:

**Gráfico 14 – Imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. Profissões declaradas (1939 e 1949).**



Fonte: Arquivo Nacional [s.d.].

Analisando o gráfico acima, percebe-se que a maioria desses imigrantes trabalhava com o comércio, quer seja com loja própria, no comércio ambulante, ou como vendedores (comerciários). As profissões autônomas, como barbeiro, alfaiate e fotógrafo também aparecem com alguma frequência. Havia, porém, um número razoável de imigrantes trabalhando na função de operários, o que foge completamente do senso comum que indica que os imigrantes árabes se concentravam exclusivamente nas profissões de comerciantes ou mascates. Na primeira geração de imigrantes a quantidade de homens superava em muito a de mulheres, fenômeno também observado em relação a sua naturalização como brasileiros: 4.163 dos homens contra 1.284 das mulheres (KNOWLTON, 1960)<sup>203</sup>.

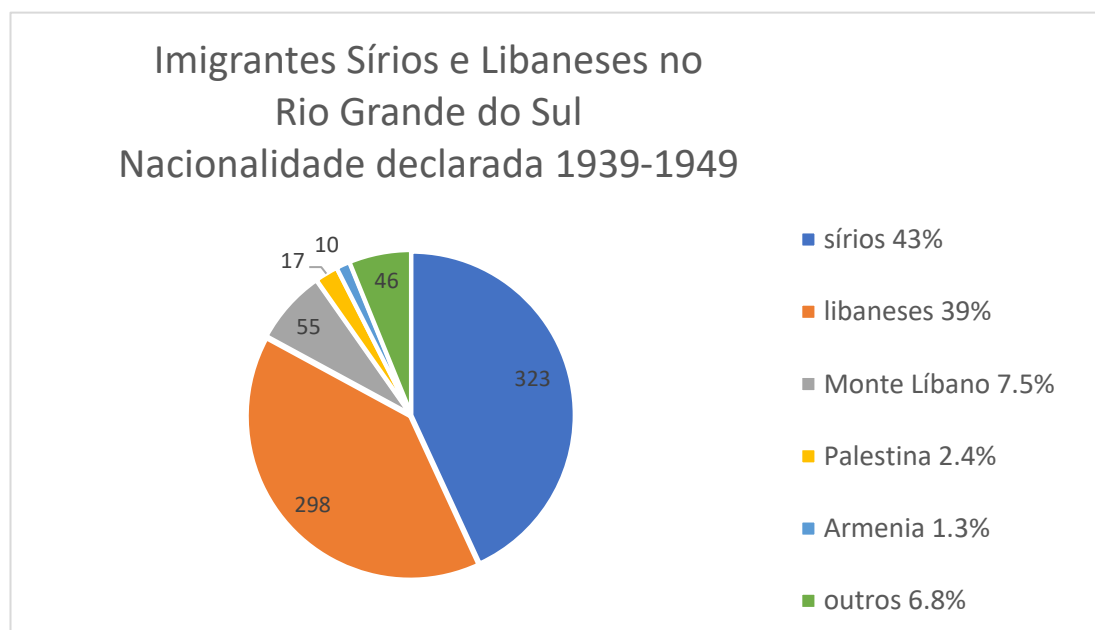
Do conjunto de 753 imigrantes sírios e libaneses, 323 pessoas se declararam sírias. Dessas, 18 pediram posteriormente a retificação para a nacionalidade libanesa através de

<sup>203</sup> Com o avanço do processo migratório, esse quadro iria mudar. Em relação ao número de descendentes de segunda geração, por exemplo, já se pode perceber um grande equilíbrio: 53.769 homens contra 53.307 mulheres. (CORTES, 1958).

processo administrativo<sup>204</sup>. Disseram-se libanesas 298 pessoas. Outros 46 imigrantes declararam-se naturais do Monte Líbano, 17 da Palestina e 14 da Armênia (entre os quatro que se disseram da Turquia, pudemos deduzir, pelo sobrenome, que eram na verdade de origem armênia). Ainda foram contados oito argentinos e cinco uruguaios de origem árabe que entraram no Brasil pelo Rio Grande do Sul. Dois se identificaram como “árabes”: um oriundo da República Dominicana e outro do Grande Líbano, ambos com nomes e filiação claramente sírio-libanesa cristã. Trinta e três imigrantes não responderam ao item relativo à nacionalidade, embora seus sobrenomes, assim como os de seus pais, indicassem com certeza serem eles sírios ou libaneses, conforme constatamos nas fichas.

A ilustração abaixo resume graficamente o que dissemos acima:

**Gráfico 15 – Imigrantes sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. Nacionalidade declarada (1939-1949)**



Fonte: Arquivo Nacional. [s.d.].

O campo destinado à nacionalidade teve um significado importante para a pesquisa na medida em que representava uma autoproclamação ou, no mínimo, traduzia as identidades dos imigrantes e de como eles se viam. Outra realidade foi notar a importância, para muitos imigrantes, da ratificação posterior da nacionalidade declarada inicialmente<sup>205</sup>. Neste sentido

<sup>204</sup> Registre-se que muitas pessoas nascidas no Líbano ainda se consideravam sírias no sentido amplo do significado. Outras nasceram na Síria, porém, com a reconfiguração dos territórios da Síria e do Líbano e a consequente redefinição das fronteiras entre esses dois países, promovido pelo Mandato Francês, alguns sírios se tornaram libaneses.

<sup>205</sup> Em 1920, depois de dividido o território da Grande Síria entre a França e o Reino Unido, o Alto Comissariado Francês criou os territórios do Líbano e da Síria, instituindo nesses países suas respectivas nacionalidades.

lembramos que para Frederick Barth (1998, p.189), o grupo étnico “integra um campo de comunicação e interação”, e “conta com membros que se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros como constituindo uma categoria não redutível a outras categorias de mesma ordem”.

Assim, se somarmos os que se declararam libaneses com aqueles que retificaram suas cidadanias, e ainda outros que disseram ter nascido no Monte Líbano, veremos que, de fato, ao Rio Grande do Sul vieram, ou ali se radicaram, mais libaneses do que sírios, pelo menos na amostragem que representa nosso microcosmo. Embora não houvesse informação nas fichas de cadastro sobre a confissão religiosa desses imigrantes, mediante a análise de seus sobrenomes pudemos concluir que 5% deles eram muçulmanos e 1% judeu (árabe)<sup>206</sup>.

### 6.3 DIFICULDADES DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE RECEPTORA

A trajetória que vai de mascate a bacharel nunca foi um caminho rápido, nem fácil, uma vez que pressupondo esforços de duas gerações. O êxito final, na maioria das vezes, é o resultado do sacrifício de uma geração, que projeta na outra o fruto de suas ações. A maioria desses imigrantes chegou ao Brasil ainda muito jovem e se viu diante de grandes desafios para conquistar um lugar ao sol.

O primeiro exemplo do que estamos dizendo é exemplificado por uma história trágica encontrada no Arquivo Público do Estado. Ele revela-se emblemático por seu conteúdo e diz muito sobre alguns importantes aspectos da prática comercial desses imigrantes, não só em Porto Alegre e no estado gaúcho, mas por todo país. O caso diz respeito a um mascate chamado José Ganen, que foi assassinado em 1895.

Ele foi vítima, enquanto mascateava, de bandidos em Santo Antônio da Patrulha, no interior do estado. O caso ilustra o processo de divisão de trabalho, obtenção de crédito, sociabilidade e as formalidades entre os patrícios radicados e que operavam comercialmente na cidade. O processo-crime mostra como se dava o modelo de acumulação dos imigrantes árabes em Porto Alegre no fim do século XIX, mas também sua estratégia de inserção na comunidade de comerciantes estabelecidos da capital. O depoimento de duas testemunhas é elucidativo, clarificando como eles lidavam com suas finanças.

No dia 26 de outubro de 1895, Mansur Curi diz que, havendo sido assassinado no município de Santo Antônio da Patrulha, o seu companheiro de casa, José Ganen, quando mascateando, foi, por autoridade do prefeito, arrecadada e remetida a si a importância de 150\$000, que foi encontrada em seu poder, e como o dito assassinado

---

<sup>206</sup> Essa conclusão se deu através da análise dos sobrenomes junto ao cadastro em anexo. Creditamos serem islamitas nomes como Muhamad, Hussain ou Ali e judeus Cohen, Nigri ou Levi, por exemplo, que foram encontrados junto aos imigrantes de cultura e língua árabe.

tem em sua casa uma mala fechada na qual poderia ter algum valor, vem o inventariante pedir-vos ordenar que seja aberta a mesma e de seu conteúdo, caso exista, ter o suplicante pago a quantia de 1.327\$500 réis (um conto, trezentos e vinte e sete mil e quinhentos mil-réis) e o restante enviado a sua mulher na Síria, visto que o mesmo é casado. Este fato teve lugar no dia 10 de outubro de 1895, na mesma ocorrência feita pela autoridade do lugar. (APERS, 1895).

Anexada aos autos do inventário, uma nota de promessa de crédito de 6 de setembro de 1895, registrada em cartório, assinada por José Ganen em favor de Mansur Curi, na quantia um conto, trezentos e vinte e sete mil e quinhentos mil-réis “em mercadorias que lhe comprei a crédito e me obrigo a pagar de hoje a um mês, pagando na falta o juro de um 1% ao ano até o embolso, e por não saber escrever pedi ao senhor Assad Salem que fizesse este, e por mim assina-se com duas testemunhas. (APERS, 1895).

Em 28 de novembro, na sala de audiências da vara de órfãos, o advogado José Soares Jr., procurador do inventariante Mansur Curi e à revelia dos interessados, pelo juiz foram juramentados, e depois inquiridas a[s] testemunha[s] apresentada[s] para esta justificação, cujos nomes seguem:

1ª testemunha: José de Castro, 48 anos, brasileiro, sendo inquirido sobre o pedido de folha 2<sup>207</sup>, disse que conhecia o árabe José Ganen, de quem era freguês, e que tinha por costume hospedar-se em casa do depoente onde tinha muita intimidade. Que ultimamente, antes do referido árabe seguir para campanha, com destino a Santo Antônio da Patrulha, esteve com o depoente em conversa sobre seus negócios e nesta ocasião declarou que, se fosse feliz, pagaria em seu regresso a seu patrício Mansur Curi um conto, setecentos e cinquenta e tantos mil réis. Disse que era ele seu único credor, e assim ficaria folgado. Que mais tarde soube, por lhe haverem dito, que José Ganen não tinha regressado daquela viagem, tendo sido assassinado. (APERS, 1895).

Em 10 de janeiro de 1896, habilitaram-se no espólio, na qualidade de devedores, dois patrícios: Jorge Abile e Cafruni Lami; o primeiro no valor de 660\$000 e o segundo no de 450\$000, requerendo que as mesmas quantias sejam arroladas entre os bens pertencentes ao espólio do finado (APERS, 1895). Depois de aberta a mala na sala de audiências, o perito lavrou nos autos do inventário os valores de seus pertences que, entre medalhões de plaquê, correntes de ouro e patações de prata, além de um bom cobertor e roupas usadas, perfizeram o total de 650\$000 no leilão promovido.

O caso confirma que o crédito e a honra nos negócios eram parte de um código de honestidade, e que era inquebrantável entre a grande maioria deles. Mesmo com o credor morto, os patrícios devedores compareceram ao inventário consignando-lhe a quantia devida, e depois de satisfeito o seu único credor, Mansur Curi, o espólio do árabe ainda dispunha do crédito de aproximadamente quinhentos mil-réis, que seria enviado à viúva na Síria.

---

<sup>207</sup> Reembolso ao suplicante por ter emprestado “a quantia de 1.327\$500 (um conto, trezentos e vinte e sete mil e quinhentos mil-réis) e o restante enviado a sua mulher, na Síria, visto que o mesmo é casado.” (APERS, 1895).



Observa-se que o brasileiro que prestou depoimento como testemunha declarou que era “íntimo” do árabe, que frequentava sua casa e também era seu confidente. Ora, isto é notável em termos de sociabilidades interétnicas. Frequentar a casa, além de ser “freguês” e confidente do árabe, mostra, enfim, como esses imigrantes granjeavam a confiança de brasileiros e árabes de forma quase semelhante.

Vemos também que o árabe divide uma casa com outro patrício e que usa Porto Alegre como base para seus deslocamentos ao interior para fazer negócios. É importante verificar que, mesmo morto, ainda havia um valor em dinheiro deixado junto ao corpo, segundo o Prefeito de Santo Antônio da Patrulha, que enviou a quantia a Porto Alegre. Isto induz a pensarmos numa emboscada, talvez de alguém que conhecesse o itinerário regular do árabe, que fazia, com certeza, sua última jornada. Notável pensar que naquela época um mascate, apenas com o fruto do seu trabalho e as economias que fazia com paciência e disciplina, um passo de cada vez, seguia na direção de se estabelecer ou, como disse nosso investigado, ficar “folgado”. A tragédia que se revelou como destino para Ganen, em sua arriscada profissão de mascate, serviu para pavimentar o caminho de outros que não caíram; e continuaram acreditando que o novo país era a terra da fortuna e da felicidade.

Trajetórias de êxito é lugar comum nos escritos sobre imigração, mas na vida real, como mostram os processos de falências arquivados, certamente nos induz a pensar que não havia espaço para todos. Um exemplo disso, nós encontramos no Arquivo Público do Estado, num pedido de *habeas corpus* de 1909 do árabe Abraão Elias<sup>208</sup> (APERS, 1909), que se encontrava preso na qualidade de “falido”. O exame da documentação revelou algumas curiosidades. Assim que foi verificada a ausência de Elias em seu comércio, Washington Luiz<sup>209</sup>, futuro presidente da República e um dos chefes do Partido Republicano em São Paulo, então à frente da Secretaria de Segurança do governo paulista, foi comunicado, provavelmente pelo credor de Elias, sobre seu possível paradeiro. De posse da informação, Washington Luiz entrou em contato com as autoridades policiais gaúchas em Porto Alegre nos seguintes termos:

Solicito a V. Ex.<sup>a</sup> capturar o árabe – o negociante falido que se acha nessa capital, em casa de sua irmã, Maria Elias, em preparativos para o embarque para a Turquia. Oportunamente enviarei os papéis de extradição – Saudações, Washington Luiz. (APERS, FUNDO JUDICIAL/HABEAS CORPUS N. 4053 ABRAHÃO ELIAS 01/01/1909).

---

<sup>208</sup> APERS, Fundo Judicial/*Habeas Corpus* n. 4053 Abraão Elias 01/01/1909.

<sup>209</sup> Washington Luiz deixou o cargo de deputado estadual para assumir, em 13 de março de 1906, a Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública de São Paulo, na qual permaneceu até 1º de maio de 1912. Ocupou o cargo de presidente da República entre 1926 e 1930 (KOIFMAN, 2001).

No dia seguinte ao da prisão, o advogado de Elias ingressou na Justiça com um pedido de *habeas corpus* em favor do árabe, que se achava “recolhido à prisão da chefatura de Polícia, sem nota de culpa há mais de 24h”. Na petição, informava o advogado que seu cliente estava sob a ameaça “de ser remetido pelo Saturno para São Paulo”. (APERS, 1909).

O caso revela as conexões influentes que um emergente funcionário público de São Paulo mantinha com o Poder Executivo paulista, e, na outra ponta, com as autoridades e comerciantes gaúchos. Àquele, aparentemente, detinha o poder de mandar prender e encaminhar a expulsão de qualquer estrangeiro sem passar pelo crivo do Judiciário, empregando uma mera rotina administrativa como possível instrumento de limpeza social.

Outro processo-crime, este envolvendo violência nas relações entre os próprios imigrantes, se deu em Cachoeira do Sul, em 1911, quando:

Elias Félix Karubim prestou queixa contra Miguel e Rosa Naman, Leonel Elias José e João Domingo<sup>210</sup>, todos eles árabes, casados, os dois primeiros estabelecidos com negócio de fazendas e miudezas e os dois últimos, de profissão mascate, [ocupando espaços de depósito] no edifício do Mercado Público à Praça José Bonifácio, todos residentes em Cachoeira. Em 25 de janeiro de 1911, às 10h30min para 11h da manhã, Elias Karubim foi ao Mercado exigir o pagamento de quantia e foi brutalmente agredido e esbordoado inopinadamente. (APERS, 1911).

No caso acima a promotoria pediu enquadramento dos réus como incursos no artigo 303 do Código Penal com agravantes previstos nos parágrafos 4 e 5 do artigo 39<sup>211</sup>.

Os dois casos que acabamos de relatar, ilustram esse “outro lado” da imigração, o qual não nos interessa perder de vista. Sabemos que acontecimentos como os descritos acima são próprios da vida real e não da vida romantizada. Eles são efeitos do transbordamento de relações conflituosas, exatamente como se dá no cotidiano da vida em geral. Sabemos que a realidade social e as oportunidades que ela oferece não são as mesmas para quem se situa no lado dos mais pobres e dos perdedores, que constituem a maioria, e para aqueles que, por maior capacidade de articulação, desempenho ou sorte, se localizam no campo minoritário dos privilegiados e bem-sucedidos.

Para quem se ocupa do comércio, como no caso da maioria dos imigrantes sírios e libaneses, alcançar prosperidade em tempos de crise e de mercado saturado, por exemplo, sempre foi para poucos, notadamente para os que encontraram os caminhos abertos. Houve um tempo em que os imigrantes sírios chegavam como hordas, jovens pobres e semianalfabetos,

<sup>210</sup> Processo Judicial/Crime n. 89 MIGUEL NAMAN X ELIAS FELIX KARUBIM 01/01/1911

<sup>211</sup> Artigo 303: “Ofender fisicamente alguém, produzindo-lhe dor ou alguma lesão no corpo, embora sem derramamento de sangue”. Artigo 39: “São circunstâncias agravantes: § 4º Ter o delinquente sido impelido por motivo reprovado ou frívolo; § 5º Ter o delinquente superioridade em sexo, força ou armas, de modo que o ofendido não pudesse defender-se com probabilidade de repelir a ofensa.

alguns fugidos até, mas ávidos por ganhar algum dinheiro vendendo suas mercadorias para depois voltar para casa e desfrutar do prestígio alcançado pela aventura. Desses, apenas alguns ficaram; quase todos estabeleceram comércio. Este foi o caso dos irmãos Elias e Francisco Botomé, pequenos comerciantes que resolveram abrir uma loja e não conseguiram quitar seus compromissos. Em processo de 1923, Elias foi considerado culpado com base no Código Penal e em seguida preso por ter falido de forma fraudulenta (ainda que não dolosa) o seu negócio. Ele foi condenado a quatro anos de prisão<sup>212</sup>. (Tendo a pena reduzida pela metade devido “a falta de conhecimento do mal e da intenção, mas também pela pouca idade do réu”, conforme o artigo 336§1º c/c artigo 42§ 1º e 11º do Código Penal)

#### 6.4 EDUCAÇÃO E CASAMENTOS INTERÉTNICOS

Todos esses casos mencionados no item anterior servem para demonstrar como foi difícil e não desprovido de violências e arbitrariedades o duro processo de integração da comunidade árabe à sociedade rio-grandense.

Diversos autores (KNOWLTON, 1960; HAJJAR, 1985; TRUZZI, 1997; LESSER, 1998; PINTO, 2010) têm como ponto pacífico que grande parte da colônia sírio-libanesa dava importância suprema à educação formal de seus filhos, e, dependendo da classe social e do nível de acumulação de seus integrantes, o objetivo sempre foi colocá-los em escolas de primeira linha. Truzzi (1999, p.351) indaga se não foi este, afinal, o caminho que levou “à prova de fogo” da assim chamada integração: “o momento em que filhos de patrícios disputaram ombro a ombro posições de prestígio antes reservadas às elites, tanto no sistema educacional (...), quanto posteriormente no mercado de profissões liberais.” Assim, os descendentes de imigrantes, principalmente aqueles matriculados nas escolas mais caras da capital, representaram para a comunidade levantina um passo à frente em seu caminho da integração à sociedade gaúcha em uma esfera mais alta, uma vez que era ali que os filhos das elites daquela sociedade se encontravam.

Embora as fontes que apresentaremos a seguir sejam de escolas particulares e as mais caras de Porto Alegre, algumas exclusivas para rapazes, como a antiga Escola dos Padres (Ginásio Anchieta) e o Colégio do Rosário, elas são representativas e servem para ilustrar o processo descrito no parágrafo acima.

O Colégio Anchieta, de Porto Alegre, por exemplo, é a única instituição de ensino do fim do século XIX que guarda registros daquela época. O Colégio do Rosário, também da

---

<sup>212</sup> APERS PROCESSO CRIME. N.2 ELIAS E FRANCISCO BOTOMÉ 01/01/1923.

capital, embora só tenha começado a arquivar seus registros em 1930, com a publicação da *Revista Ecos*, também representa tradição de ensino para a elite gaúcha, sendo que – e isso é importante frisar – foi de dentro dessa instituição que surgiu a primeira universidade católica privada, que passou a fazer um contraponto com as instituições estatais que emergiam na época.

Neste sentido, investigamos primeiramente, para as primeiras décadas do século XX, os alunos de ascendência sírio-libanesa matriculados no Colégio Anchieta<sup>213</sup>. A instituição situava-se no Centro de Porto Alegre, à rua Duque de Caxias, n.295, próximo de onde hoje fica o Museu Júlio de Castilhos.

Entre os 299 alunos matriculados em 1916, havia apenas um descendente de árabe<sup>214</sup>: Antônio Assad Chemale, que cursava a 2ª série preliminar. No ano seguinte, encontramos o nome de Waldemar Assmus, que prosseguia matriculado em 1919. Neste último ano, o Colégio ganhou um outro pavilhão, aumentando a capacidade e estrutura, que passou a funcionar com cerca de 500 alunos permanentes. Em 1920, apareceu o nome do aluno Jorge Maluf, matriculado no 1º ano do Ensino Médio e que no final do ano letivo recebeu uma menção honrosa por ter tirado a 15ª melhor nota final. Em 1921, os registros do Colégio apresentam mais um descendente de árabe: Moacyr Simon, matriculado nas séries elementares. No ano de 1922, conquistando menção honrosa pelo conjunto da obra, juntava-se aos nomes sírios Ignácio Amim, matriculado no 3º ano elementar. Em 1923<sup>215</sup>, localizamos Antônio Allem, do 1º ano elementar. Em 1924, Moacyr João Simon, do 1º ginásial, agraciado com um prêmio de honra, e Jorge Maluf, do 6º ano ginásial, que recebeu prêmio de aproveitamento. Além dos dois laureados, Antônio Allem completava o time de patricios.

Em 1926, o número de descendentes de sírios saltou para 11 alunos<sup>216</sup>. O primeiro colocado entre eles foi Antônio Saffi, menção honrosa em caligrafia, história do Brasil e português, com 785 pontos<sup>217</sup>. Além dos nomes citados, ainda verificamos as presenças de Farid Zogbi, Alfredo Emílio Allem, Orlando Aidar, Kalil Miguel Kalil, Victor Jorge Simões,

---

<sup>213</sup> A fonte utilizada foi o *Relatório do Ginásio Anchieta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul*. A publicação, editada ao fim de cada ano escolar desde 1890, trazia uma justificativa para o currículo adotado e um memorial para cada disciplina; uma pequena biografia de cada professor; regimento e regras internas da escola; preços e condições de matrícula; crônicas, fotografias diversas, divulgação de eventos variados como viagens, competições esportivas, exercícios militares, mas também relatórios e premiações dos alunos de cada ano letivo. Havia ainda uma lista nominal dos alunos matriculados em cada ano letivo.

<sup>214</sup> A pesquisa foi feita por nome e sobrenome.

<sup>215</sup> Neste ano aparece Moacyr Simon, do curso elementar, conquistando o prêmio de honra, e Jorge Maluf, do 5º ginásial, com o prêmio de menção honrosa pelo conjunto de matérias.

<sup>216</sup> O internato funcionava no prédio ao lado da sede da escola. O custo anual de um aluno matriculado no Colégio era de um conto e 500 mil-réis.

<sup>217</sup> Logo atrás figuravam José Elias Kalil, com 687 pontos; Nesralla Mansur Abraão, com 685; e Anis Jorge Aidar, com 629.

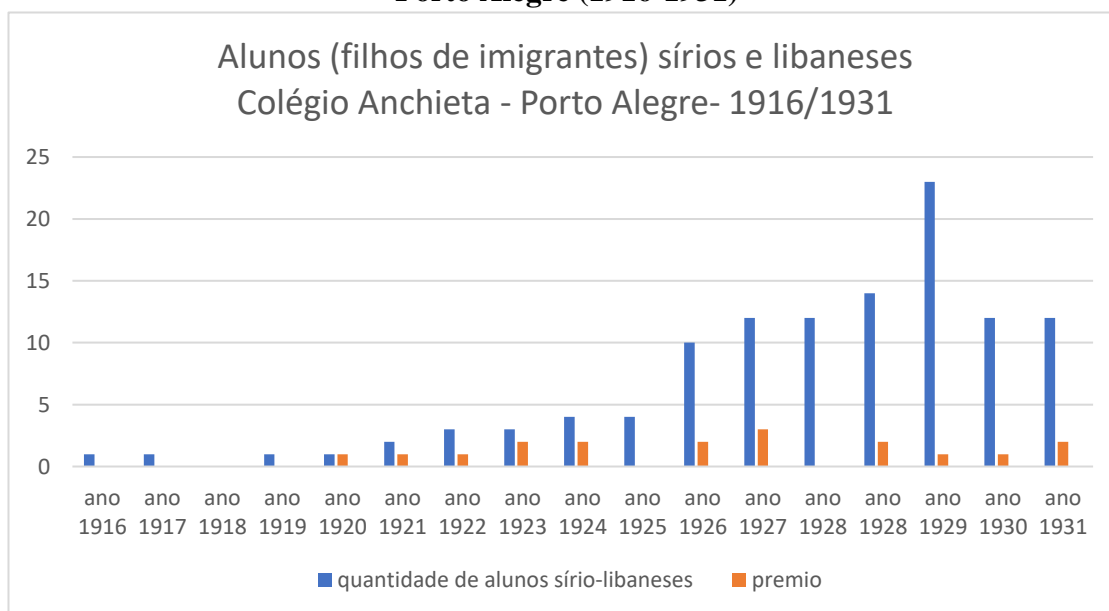
Fortunato Elias Kalil e Moacyr João Simon<sup>218</sup>. Em 1927, com 12 nomes sírios ou libaneses, a menção honrosa foi para Nesralla Abraão, do 3º ginásial, pelo conjunto da obra. Neste ano também se destacaram Chaphick Saadi e Haide Elias Aesse.

Em 1928, a instituição foi estadualizada, mesmo ano em que o filho de patrícios Haid Elias Aesse ganhou o prêmio de excelência, 1º lugar do curso preliminar. Nos últimos anos da década de 1920, com a abertura do curso noturno, os alunos de ascendência sírio-libanesa do Colégio Anchieta eram contados em número de 23 pessoas.

Em 1930 e 1931, ainda em decorrência dos efeitos da crise mundial de 1929, este número estabilizou-se em 12 alunos. Novos nomes de descendentes, como Jorge Creidy, Miguel Kanaan, François Nehmé, Ely Eluf, João Dirani Rechden e Jorge Elias Thomaz abriram a década de 1930; porém, desta data em diante outros bons colégios da cidade, públicos e privados, começaram a fazer concorrência ao Anchieta. A miscigenação dos descendentes com outras etnias tornou a continuação da pesquisa inviável, principalmente após a década de 1940.

O gráfico abaixo ilustra a evolução do número de alunos de origem sírio-libanesa matriculados no Ginásio Anchieta entre os anos de 1916 e 1931:

**Gráfico 16 – Alunos (filhos de imigrantes) sírios e libaneses. Colégio Anchieta. Porto Alegre (1916-1931)**



Fonte: Colégio Anchieta. [s.d.].

<sup>218</sup> Uma parte desses sobrenomes era listada como proprietários de comércio árabe em Porto Alegre. Alguns nomes também figuram na lista de sócios-fundadores do Clube Sírio-Libanês (década de 1920), da Sociedade Libanesa de Porto Alegre (década de 1930) e da Sociedade Síria (década de 1940).

Quanto ao Colégio do Rosário<sup>219</sup>, a instituição iniciou suas atividades no Centro de Porto Alegre, onde, junto a uma Igreja, começou a funcionar em 1904. Em 1927, os Irmãos Maristas, mantenedores do Colégio, transferiram sua sede para um amplo terreno no bairro da Independência, onde a instituição está localizada até hoje.

Em 1930, data em que a escola iniciou seu arquivo histórico, já contava com quase 1.000 alunos. Neste ano, havia 12 alunos com nomes árabes matriculados na instituição, entre eles alguns oriundos de famílias de Porto Alegre, como Eugênio Selaimen, José Chemale, Líbano Buchabique, Jorge Maluf e Elias Saadi, e outros de Rio Grande, como Alziro Salim Sessim e Jorge Feres. Frequentavam ainda a instituição os jovens da família Dibe, (Sabre e Invar), o primeiro tendo sido laureado como destaque de excelência daquele ano. Os alunos representantes das famílias que se estabeleceram em regiões de colônia eram Eduardo José Koff, Jorge Nelson Elias; Egídio Sequef e Danilo Davi.

Verificando a mesma fonte uma década depois, ou seja, em 1940, observamos semelhante média de alunos de origem árabe matriculados no Rosário, assim como a mesma distribuição desses alunos segundo a origem de suas famílias no estado. Em 1940, os representantes das famílias da capital eram José Buchabique, Nelson Allen e Adão Elias; do litoral e região sul do estado, Harry Cheuiche e Antônio Sessin Gil; e da Serra Gaúcha, os estudantes Rames Koff Nehmé e Henrique Zacher.

Os dados acima evidenciam existência de uma rede de coesão social que ligava diversas gerações de sírios e libaneses em todo Rio Grande do Sul, embora ela se mostrasse com muito mais força na capital. Essas redes funcionavam através da família, dos tios e dos primos, mas também dos clubes e dos contatos comerciais que os sírios promoviam uns com os outros. Ademais, o ingresso dos descendentes de imigrantes sírio-libaneses nas escolas da elite forneceu uma experiência de grupo, um antecedente intelectual comum entre o filho de imigrante e outros moços das camadas mais selecionadas da população. E também a primeira oportunidade, fora da família alargada, para que aqueles estabelecessem redes de amigos que em muitos casos depois se revelariam úteis socialmente no desenvolvimento de suas carreiras.

Conforme observa com Logroño-Narbona (2007, p.190), as escolas mais caras eram uma espécie de laboratório que treinava os meninos e os jovens para serem homens da elite. Ali eles foram socializados para se adequarem ao modo de vida da classe dirigente, para ocupar os

---

<sup>219</sup> Aqui, nossa fonte foi a revista *Ecos Rosariense*, editada pelo Colégio e disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/rosario/exalunos/versoes-mais-antigas-do-ecos-sao-publicadas-online>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

cargos nas instituições formais do Estado - o partido político, a burocracia superior, os bancos, o corpo diplomático (...).

Em 2014, nós entrevistamos um descendente de imigrantes libaneses octogenário muito conhecido entre os sócios da Sociedade Libanesa e os descendentes de libaneses do bairro de São João. Ele nos relatou, de forma dramática, que seu pai era pobre e não podia pagar pela educação de todos os filhos. O entrevistado, que pediu para não ter seu nome revelado, caiu em prantos à nossa frente, quando lembrou as dificuldades que o pai enfrentou:

Depois do ensino fundamental, que era público, meu pai não podia sustentar a casa e manter todos os filhos na escola, que era particular. Eu, como era o mais velho, percebi sua aflição e pedi para sair do colégio para ajudá-lo na loja [de molduras e vidros para quadros e fotografias]. Hoje sou um dos únicos que não têm nível superior, mas possuo uma boa casa própria, apartamento na praia e formei todos os filhos.

Já outro entrevistado, Rafique João (2015, s.p.), nos conta que “não estudou porque não quis”. Para seus pais, entretanto, a maior satisfação de suas vidas era ver formados os filhos no Ensino Médio, como fez seu irmão mais velho, que se formou como técnico de contabilidade: “A mãe ficava tão feliz vendo os filhos formados, e mandava emoldurar os diplomas para colocá-los expostos nas paredes da sala de casa”, completou Rafique.

Truzzi (1997) afirma que a proporção de filhos de sírios ingressando no ensino superior foi bem maior quando comparada com a de outras etnias. O autor explica o fato pela rápida ascensão econômica desses imigrantes, a qual foi propiciada pela cadeia que vai de mascate a comerciante e atacadista em um período relativamente curto de tempo. O entrevistado Mohamed Baccar (2003, s.p.) nos falou de sua experiência:

Meu pai pagou, na época, os melhores colégios de Porto Alegre. Me mandou para Porto Alegre estudar. Estudei no Colégio IPA. Que era um colégio caro na época. No IPA não tinha científico na escola. Na época minha mãe chorou muito porque queria que eu tirasse economia lá, economia não, guarda livros, mas ele não, ele disse que queria que eu tirasse faculdade. Então eu tinha que fazer científico em Porto Alegre. Então eu fiz científico. Eu era interno. Voltava para casa em cada Carnaval, Natal, essas coisas assim.

A imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX revelou simultaneamente facetas diversas. De fato, enquanto alguns descendentes estudavam, inclusive entrando nos cursos superiores<sup>220</sup>, outros jovens imigrantes chegavam ao Brasil, igualmente no início de suas jornadas, e começavam suas trajetórias de mascate pelo interior,

---

<sup>220</sup> Na década de 1930 os primeiros descendentes de sírios formaram-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre (futura UFRGS). Assim, por exemplo, Elias Buais e Elias José Kanan concluíram o curso em 1932; Chaphik Saadi, em 1934; Antônio Simão Saad Ralmae Allam; Elias Foedi Saadi; João Rechden; José Elias Kalil, em 1939. Na Faculdade de Direito, Brasil Seadi aparece em 1931, seguido por Abbadé dos Santos Ayub, formado em 1933, José Mansur Filho, formado em 1938 e Abelardo José Nácul, formado em 1939.

onde não raro se estabeleciam em cidades emergentes pela instalação de novas colônias ou nos distritos menores de cidades médias, depois de alguns anos trabalhando como ambulantes.

Em alguns desses rincões, na impossibilidade de voltar à terra natal para casar, como muitos fizeram, sem opção de se unir a uma mulher árabe, casavam-se com brasileiras, descendentes de colonos italianos ou alemães. A este propósito, conforme destaca Truzzi (1997), apesar da desproporção entre os sexos dos imigrantes ser muito expressiva, em comparação a outras etnias, cerca da metade dos sírios e dos libaneses casaram-se dentro do próprio grupo. Em 1927, um relatório sobre esses grupos corrobora a afirmação do autor, mostrando que eles realizaram casamento dentro de suas colônias em 50,5% dos casos, indicando um “índice de fusibilidade” mais baixo do que o de italianos, espanhóis e portugueses (KNOWLTON, 1960; PITTS JR., 2006). Vilela (2011, p.171) argumenta que a endogamia étnica era vista pela comunidade como valor fundamental de preservação dos valores étnicos. A autora diz que a justificativa para a prática da endogamia aparece em um conjunto de estereótipos e preconceitos que, “com maior ou menor intensidade, desqualifica aqueles que não pertencem à colônia”.

De fato, para sírios e libaneses, homens ou mulheres, os brasileiros não eram considerados “bons partidos”. De acordo com Knowlton (1960), os libaneses e os sírios não desejavam o casamento com brasileiros, italianos ou membros de outras nacionalidades, pois os consideravam imorais, com costumes diferentes, maus cônjuges, “farristas e mulherengos” (TRUZZI, 1997). Além disso, a endogamia era reforçada pela atitude dos nativos, pois muitas famílias brasileiras também não aceitavam o casamento com “turcos”.

Alguns poucos exemplos de muitos que encontramos no Arquivo Público do Estado podem ser vistos no quadro abaixo, que mostram rapazes, imigrantes sírios, desposando noivas de outras origens étnicas.<sup>221</sup> Observamos que na lista abaixo há representantes de várias regiões do estado.

### **Quadro 13 – Habilitação de casamentos entre árabes e membros de outras etnias<sup>222</sup>**

Noivo	Noiva	Ano	Município	Fonte
José Abibe Bichara	Eduarda Pinto	1898	Santo Ângelo	APERS

<sup>221</sup> Foram poucos os casos encontrados de mulheres sírias casando-se com homens de fora da etnia, mas, de qualquer forma, é importante ressaltar que aqui nos referimos a dados empíricos, uma vez que para se chegar a dados concretos, com estimativas e porcentagens, teríamos que analisar a totalidade das habilitações de casamentos dessas mulheres imigrantes, por sobrenome, no arquivo *online* do APERS.

<sup>222</sup> Estes são apenas alguns exemplos que estão longe de se esgotar com o quadro, mas também não são parâmetro de comparação da preferência de união desses árabes com uma ou outra etnia, tão pouco em relação a própria colônia árabe. Mostra, no entanto, que a maioria dos municípios ou lugares listados eram, na época da amostragem, locais isolados e sem presença de uma comunidade árabe significativa.



Jorge Elias Nicolau	Maria T. de Chaves	1902	Lagoa Vermelha	APERS
Elias Jorge	Felina A. da Cunha	1904	Pedras Brancas (POA) <sup>223</sup>	APERS
Miguel A. Abdalá	Ardelina Fernandes	1905	Jaguarão	APERS
Jorge Audi	Emília Binato	1907	Cruz Alta	APERS
José Manzur	Joanna Saldanha	1909	Santana do Livramento	APERS
José Jacob Nácul	Maria Luiza Moojen	1910	Lagoa Vermelha	APERS
José Elias Nedeff	Thereza Tarasconi	1911	Veranópolis/AntônioPrado	APERS
Camil Abud	João Romão de Souza	1911	Bagé	APERS
Abdo Jorge	Olívia Clara Hoffman	1913	São Leopoldo	APERS
Antônio A. Aude	Mercedes R. da Silva	1915	Cachoeira do Sul	APERS

Fonte: APERS [s.d.]

Do ponto de vista sociológico, verificamos duas tendências principais entre os imigrantes árabes. Levando-se em conta dois conjuntos de imigrantes – os grupos familiares e os jovens independentes – observa-se os seguintes pontos em comum entre eles: (WEBER, 2010b)

a) a atividade comercial inserida em uma cadeia relacional caracterizada por uma rede de patrícios que procurava a sustentabilidade econômica, assim como marcar um nicho comercial de produtos e, se possível, afastar a concorrência;

b) o papel importante que tiveram outros árabes – seja como companhia de aventuras em busca de riquezas, seja no auxílio para uma inserção profissional mais estável, mais vantajosa ou simplesmente mais “familiar”, no sentido da constituição de “comunidades de descendência e cultura”. (FENTON, 2003, p.13).

Neste sentido, de acordo com os estudos de Soutelo Vásques (1998, p.103), o “capital relacional” facilitou a integração socioprofissional do imigrante sírio-libanês na sociedade receptora. Truzzi (1997, p.55) fala em relações de complementaridade e entreatajuda estabelecidas no interior da colônia, que se manifestam de diversas formas, “desde a acolhida dos recém-chegados pelos aqui residentes até a ponta das relações de complementaridade que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes”.

## 6.5 UM ANCIÃO E A IMIGRAÇÃO ÁRABE NA CAPITAL

De acordo com Simone de Beauvoir (1990, p.17), “a lei da vida é mudar e a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo”. A autora questiona o que é envelhecer e responde que a ideia está ligada ao conceito de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo

<sup>223</sup> Uma ilha isolada no Lago Guaíba que já hospedou um presídio, foi paiol e fabrica de vacina.

desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte.

Norbert Elias (2001, p.69) acentua que a natureza especial da morte e sua experiência nas sociedades industriais não podem ser devidamente compreendidas sem o grande impulso da individualização estabelecida desde o Renascimento, que, “mesmo após muitas variações, permanece ainda hoje”. O caminho percorrido por este surto à individualização apresentou várias etapas. Nas fases iniciais, o sentido estava posto na ideia de vida sociável e morte solitária, pois se podia viver em alegria com os outros, porém o momento da morte deveria ser solitário. Elias assinala que uma pessoa ao perceber a aproximação da morte e que sua presença vai perdendo o sentido para os outros, experiência a vivência de estar verdadeiramente sozinho. Este estar sozinho, de que fala o autor, constitui uma das muitas variantes do conceito de solidão, que também pode significar o amor ferido de uma pessoa no passado, cuja lembrança no presente faz evocar as dores e suas marcas. “Desta forma, indivíduos assim atingidos, involuntariamente, ocultam seus sentimentos em relação aos outros, vivendo uma forma de solidão”. (ELIAS, 2001, p.69).

Elias Jorge, imigrante libanês que vivia sozinho, faleceu em Porto Alegre aos 82 anos de idade, em junho de 1940 (APERS, 1940). Antes, porém, doente, solicitou a presença em sua casa de um tabelião e de pessoas de sua confiança. Na presença do Dr. Tibúrcio de Azevedo Neto, de representantes do Clube Sociedade Libanesa – Nentalla Chemale, Abílio Allen e Miguel André, todos libaneses – e de uma testemunha, Luiz Bueno, brasileiro – escreveu o tabelião:

Recolhido ao leito, mas no pleno uso de suas faculdades de inteligência e falando claramente, foi dito que desejava testar, e que, para isso, fazia as declarações constantes dos itens que seguem: que nasceu na cidade de Beirute, capital do Monte Líbano, a 25 de julho de 1858, sendo filho legítimo de Fadul Barket e Maria Fadul Barket, e que na sua terra usava o nome de Elías Fadul Barket, mas que, desde sua vinda para o Brasil, adotou o nome de Elias Jorge. (APERS, 1940).

Na ocasião, Elias também declarou que chegara ao Rio Grande do Sul em 1884, aos 25 anos de idade. Sem descendentes, tinha, no entanto, algum dinheiro e era proprietário de um único imóvel, cuja escritura juntou ao testamento (APERS, 1940).

No fim de agosto do mesmo ano, o testamento foi aberto e, na sala de audiências, perante o juiz, estavam presentes o menor Armando Martins do Vale<sup>224</sup>, assistido por seu pai e

---

<sup>224</sup> A escolha do menino com herdeiro talvez tivesse ligação com uma certa Sophia Martins, viúva de 51 anos, cujos dados encontramos nos prontuários do Arquivo Nacional referentes ao ano de 1941. Nascida no Líbano em 1890, Sophia chegou a Porto Alegre em 1907, aos 17 anos. Também com sobrenome Martins, um casal de libaneses chegou em 1904. Ele, João Benjamin Martins, aos 24 anos de idade; ela, Zulmira Mattar Martins, com 18 anos. Em 1940, residiam em São Francisco de Paula.

representante legal, Alberto Martins do Vale, e os demais patrícios que compareceram ao ato da assentada do testamento. Conforme se verificou no testamento, o primeiro legado foi para a Sociedade Libanesa no valor de oito contos de réis, pagos em moeda nacional. Seu único imóvel, um terreno sobre o qual se erguiam três casas, Elias deixou para o menor citado (APERS, 1940).

Diante do testamento e da partilha dos bens de Elias Jorge, cabe indagar: O que pensa um imigrante depois de passadas quase seis décadas desde sua chegada à terra de acolhimento? Quais são as suas reais motivações e interesses no fim da vida? Vemos, neste caso, que o patrimônio acumulado em 57 anos de trabalho em Porto Alegre se resumiu em desejo e legado.

A este propósito, Norbert Elias (2001, p.76) aponta que “todos os grupos sociais e sociedades construíram ideias específicas e rituais correspondentes sobre a morte, que se tornam um dos aspectos do processo de socialização (...). A morte, seus significados e o tratamento dado aos moribundos seriam assim, segundo o autor, “parte de uma problemática relacionada à estrutura dos grupos e do tipo específico de coerção a que os indivíduos estão expostos”.

Ainda segundo Elias (2001, p.77),

há várias formas de os indivíduos lidarem com a ideia da finitude da vida: pode-se evitar a ideia da morte através da mitologização do final da vida, do encobrimento da ideia indesejada, pela crença na própria imortalidade ou encará-la como um fato da existência e ajustar a vida diante dessa realidade.

Foi assim, portanto, ajustando seus valores, que o árabe Elias deixou a vida. Para ele, o conceito de Nação passava pela rua Barbedo, na Tristeza, arrabalde da capital, mas também pela Sociedade Libanesa, no 4º Distrito de Porto Alegre. No fim da vida, o último desejo de um moribundo pode espelhar seus mais genuínos sentimentos de pertencimento e de justiça, que foram atendidos. Legando um bem imóvel a um menor, talvez um parente seu, quem sabe tenha promovido alguma espécie de justiça? Mas deixar dinheiro como herança para um clube étnico, ainda que na década de 1940 houvesse um forte sentimento nacionalista, nos parece que foi uma tentativa de reforçar a crença em seus valores, o sentimento de fazer parte de uma cultura, de um modo de vida. Com seu ato final, Elias apostou na perpetuação dessas ideias.

## 7 A IMIGRAÇÃO ÁRABE NO TEMPO, OS CLUBES ÉTNICOS E A SOCIABILIDADE DE SÍRIOS E LIBANESES

### 7.1 A PRIMEIRA LEVA DE IMIGRANTES

Como vimos ao longo deste trabalho, imigrantes sírios esparsos estavam presentes em caráter definitivo no Rio Grande do Sul desde as últimas décadas do século XIX. Nesse contexto, se levarmos em conta que, entre os 753 nomes que selecionamos no Arquivo Nacional, estão incluídos em grande parte os imigrantes árabes vivos na década de 1940, quando o cadastramento foi realizado, verificaremos que, na verdade, a seleção indica com precisão que os mais velhos – os mesmos que chegaram ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, com idades entre 16 e 22 anos, como supõe a média etária de sua chegada ao Brasil, estariam com idades entre 66 e 72 anos na época do cadastramento.

Certamente essas pessoas, se não pioneiras, foram parte de uma leva mais consistente de imigrantes médio orientais que chegaram ao estado gaúcho entre os anos de 1880<sup>225</sup> e 1900. Ainda há os casos de sírios que aqui chegaram nas últimas décadas do século XIX, permaneceram no Brasil parte de suas vidas e retornaram ao Oriente Médio no início do século XX. Foi este, por exemplo, o caso da família do entrevistado Antônio Karini, cujos avós, imigrantes libaneses com filhos nascidos em Pelotas no fim do XIX, voltaram ao Líbano por volta de 1930 com os filhos brasileiros já casados com descendentes. Karini nasceu no Líbano, mas é considerado brasileiro porque seus pais nasceram no Brasil. Ele veio pela primeira vez ao seu país de nacionalidade no fim da década de 1940, a tempo de prestar o serviço militar obrigatório. Aqui, ficou conhecido como Karini, o “soldado turco”.

Aqueles que chegaram antes, entre 1880 e 1890, imigrantes que foram parte da escassa leva de pioneiros, estariam com idades entre 72 e 78 anos na década de 1940. Contudo, a maior parte daqueles que chegaram um pouco mais velhos, entre os 25<sup>226</sup> e 30 anos de idade, nas mesmas duas últimas décadas do século XIX, provavelmente já estavam mortos quando do cadastramento<sup>227</sup>. Outra hipótese para o baixo índice de comparecimento ao cadastramento daqueles que chegaram antes da Proclamação da República, em 1889, é que esses imigrantes, segundo a Constituição de 1891, passaram a ser considerados naturalizados brasileiros

---

<sup>225</sup> Embora nosso recorte temporal se inicie em 1890, a presença de imigrantes sírios e libaneses é registrada a partir de 1860.

<sup>226</sup> Este foi precisamente o caso do libanês Elias Jorge, visto no capítulo anterior, que em 1940, aos 82 anos de idade, alegou ter chegado a Porto Alegre em 1884.

<sup>227</sup> Lembrando que, como sabemos, a expectativa de vida no Brasil na década de 1940 não passava dos 50 anos de idade.

automaticamente caso decidissem ficar no país e não manifestassem desejo em contrário, estando por esse dispensados do comparecimento obrigatório à Polícia Federal.

Assim, revendo nossa listagem, encontramos nela apenas 26 indivíduos que chegaram ao estado nas últimas décadas do século XIX. A metade deles fixou residência na capital, enquanto a outra metade se espalhou pelas diversas regiões gaúchas. O Arquivo Público do Rio Grande do Sul guarda alguns processos de imigrantes sírios do século XIX que tiveram origem em algumas comarcas rio-grandenses da época, o que nos permitiu verificar para onde ao menos alguns daqueles imigrantes se dirigiram. Além da capital Porto Alegre, aparecem citados os municípios de Lagoa Vermelha, Cachoeira do Sul, Santa Maria, Cruz Alta, Santo Ângelo, Bagé, Rio Grande e Pelotas.

## 7.2 OS QUE CHEGARAM ENTRE 1900 E 1910

A leva de imigrantes que chegou ao Rio Grande do Sul entre 1900 e 1910 perfaz 23% da amostragem total, ou 152 pessoas entre os 753 nomes selecionados. Esses árabes compõem a geração que veio para o Brasil antes da Primeira Guerra Mundial, ainda no contexto das grandes levas migratórias. Eles eram majoritariamente do sexo masculino: 100 homens e 52 mulheres. A média de idade na chegada ao Brasil, incluindo ambos os sexos, era de 17 anos de idade. Havia apenas dois nomes muçulmanos entre os 152 listados.

Entre os sírios que declararam ter chegado ao Rio Grande do Sul na primeira década do século XX, 100 deles estavam radicadas em Porto Alegre; 17 em Pelotas; 10 em Rio Grande; seis em Santa Maria; três em Uruguaiana; dois em Bagé; dois em Alegrete e dois em São Francisco de Paula. Com um imigrante apenas constavam os municípios de Herval, Canoas, Guaporé, Santo Antônio da Patrulha, Tapes, São José do Norte, Lajeado, Jaguarão e Livramento.

Em Pelotas, no ano de 1907, aos 17 anos, chegou João José Bainy. Dois anos mais tarde, veio o irmão Jorge, e por mais de 30 anos foram chegando à cidade membros da grande família Bainy, proveniente da cidade de Barsa, no Líbano. Quase todos eles foram empregados nas Lojas Bainy e Irmãos, localizada na rua Sete de Setembro, n.407, em Pelotas. Embora não muito comum em nossa amostragem, esse tipo de imigração que desloca de um país a outro famílias inteiras de um mesmo grupo de parentes caracterizou a trajetória dos Bainy.

A chamada “imigração em corrente” reproduz na terra da imigração a organização familiar da terra de origem (KNOWLTON, 1960). O termo “corrente” significa que o trânsito de ida e volta entre a terra de imigração e a de origem pode durar muito tempo. O quadro abaixo documenta a presença de familiares Bainy em Pelotas entre 1907 e 1937. Os dados pressupõem

um tráfego de duas mãos. Verificamos principalmente a chegada de jovens; de parentes nascidos no Líbano de pais brasileiros; de jovens casais que vinham do Líbano com filho de um ano; e de irmãos e primos que emigraram juntos.

No caso dos Bainy, verificamos que os mais antigos chegaram na primeira década do século XX. Contudo, é muito provável que a família já estivesse em Pelotas desde o fim do XIX. Verificamos, de toda forma, pelos nomes dos pais que formavam pelo menos quatro núcleos familiares, compostos por primos e tios. Vimos que alguns irmãos esperaram apenas a idade certa para atravessar o Atlântico em direção a Pelotas.

#### Quadro 14 – Imigração em Pelotas – Família Bainy

Nome	Data chegada	Local	Idade chegada	Filiação	Nascimento
João José BAINY	1907	Pelotas	17 anos	José e Eva Bainy	15/11/1890
Jorge João BAINY	1909	Pelotas	23 anos	João e Christina Jorge Alla Bainy	15/05/1886
Elias Jacob BAINY	1914	Pelotas	22 anos	Jacob Elias e Golhe Bainy	05/05/1892
Georgina BAINY	1914	Pelotas	22 anos	Jacob Elias e Golhe Bainy	05/05/1892
José Jacob BAINY	1918	Pelotas	12 anos	Jacob Elias e Cholia Hellal Bainy	19/09/1906
José A. BAINY	1922	Pelotas	20 anos	Alexandre Antônio e Rosa Bainy	28/10/1902
José João BAINY	1924	Pelotas	12 anos	João José e Ersúlia Bainy	21/01/1912
João Jacob BAINY	1925	Pelotas	24 anos	Jacob Elias e Golhe Bainy	27/06/1901
Rosa BAINY	1925	Pelotas	20 anos	Elias Abi Saab e Fatin A. S.	03/01/1905
Jacob BAINY	1926	Pelotas	1 ano	João Jacob e Rosa	15/09/1925
Antônio J. BAINY	1930	Pelotas	19 anos	Jacob Elias e Cholia Hellal Bainy	08/02/1911
Antônio BAINY	1937	Pelotas	14 anos	João Jacob e Rosa Bainy	02/10/1923

Fonte: Arquivo Nacional [s/d]

Entre os sírios e libaneses que chegaram na primeira década do século XX e que constam da lista elaborada a partir das fichas do Arquivo Nacional, o que mais se notabilizou no plano das ideias foi, certamente, o libanês Abílio de Nequete<sup>228</sup>. De acordo com Rosito (1972), chegando à cidade de Rio Grande, Nequete, tomou contato com a comunidade árabe do lugar e, com as informações que obteve, se dirigiu para São Feliciano (atual cidade de Dom Feliciano), distrito de Encruzilhada do Sul. Dando prosseguimento à descrição da trajetória de Nequete, escreve Bartz (2008, p.169):

Neste local, Abílio de Nequete se tornou mascate, trabalhando junto a seu pai, mas a relação que tinha com ele parece ter sido muito conflituosa, até mesmo politicamente,

<sup>228</sup> Nascido em 15 de fevereiro de 1888, na aldeia de Fih-el-Khoura, no norte do Líbano, no seio de uma família cristã ortodoxa, perdeu a mãe muito cedo e aos dois anos seu pai, Miguel Nakat, emigrou para o Brasil, ficando o jovem Obdo com uma irmã mais velha, que também emigraria alguns anos depois. Aos 14 anos, em 1903, sem notícias do pai, ele decidiu viajar a fim de encontrá-lo, embarcando em um navio cargueiro em direção ao Brasil.

já que Miguel era federalista e Abílio aderiu ao Partido Republicano. Em 1907 ou 1908 (quando ele tinha 19 ou 20 anos), Abílio mudou-se para Porto Alegre, onde aprendeu o ofício e começou a exercer a profissão de barbeiro.

Em Porto Alegre, na rua Eduardo (atual Franklin Roosevelt), n.1.106, Abílio de Nequete travou contato com trabalhadores das indústrias que surgiam em grande escala na região e começou a desenvolver o pensamento marxista e a militância na área trabalhista. O libanês foi o responsável pela fundação da primeira agremiação de caráter bolchevista estabelecida no Brasil, a União Maximalista de Porto Alegre. Em 1º de agosto de 1918, a união publicou um manifesto “em que clamava a classe operária apoderar-se do produto de seu trabalho” (FOSTER-DULLES, 1977 p.143).

De acordo com Bartz (2008), Nequete foi apresentado, em princípios de 1921, ao jornal dos socialistas uruguaios chamado *Justicia*, através do qual soube da intenção do grupo em se filiar à III Internacional. Ao tomar conhecimento do fato, estabeleceu correspondência com o deputado Celestino Mibelli, favorável à adesão, o que resultou na troca de informações e na criação de um laço da União Maximalista com os comunistas do Uruguai. Ao mesmo tempo, Nequete fez contato com o Grupo Comunista do Rio de Janeiro e também mudou o nome da sua agremiação para Grupo Comunista de Porto Alegre.

Com o material viajou até o Rio de Janeiro e lá fez contato com os anarquistas que, naquela época, representavam a vanguarda dos movimentos sociais no país. Abílio tentou convencer Otávio Brandão e Maurício de Lacerda a tornarem-se socialistas, usando como argumento pragmático a bem-sucedida Revolução Soviética de 1917<sup>229</sup> (FOSTER-DULLES, 1977).

Nequete, de Porto Alegre, e Astrogildo Pereira, representante comunista do Rio de Janeiro, fundaram com outras pessoas, inclusive um imigrante espanhol, Manuel Cendon, que era alfaiate, o Partido Comunista do Brasil (PCB), em Niterói, no ano de 1922, tendo sido Nequete eleito primeiro secretário-geral da agremiação. Foster Dulles (1977) conta em suas memórias que o libanês resolveu, subitamente, voltar ao Rio Grande do Sul depois de ter sido interpelado pela polícia do Rio de Janeiro que lhe ameaçou “moer de pancada”, caso não

---

<sup>229</sup>De acordo com Foster-Dulles (1977 p.149), Nequete citava Lenin sempre que possível e menosprezava o anarquismo, o que causou má impressão a Octávio Brandão. Segundo este, ao visitar os militantes do Rio, Nequete tinha o costume de se apresentar com as seguintes palavras: “Sou Abílio Nequete, secretário-geral do Partido Comunista”. Indagava a seu interlocutor se já havia lido Lênin, “recebendo geralmente uma resposta negativa, e em seguida perguntava: ‘O que faziam pela classe operária?’ No que os militantes se referiam às dificuldades impostas pela polícia e o grande número de greves que foram feitas entre 1917 e 1920 ‘como nunca iguais’. Nequete fazia pouco caso e dizia: ‘Vocês não fazem nada!’ Brandão salientou que Nequete nunca fora preso em Porto Alegre.

abandonasse a capital federal. Seu filho e biógrafo Edison Nequete (2008, p.35) escreveu sobre as prisões do pai:

Ele foi preso duas vezes: uma quando morava na rua Sertório, e outra, na avenida Eduardo. Na primeira, sob alegação de que ele seria um certo libanês acusado de vigarista. (...) A segunda foi causada por denúncia dos integralistas: a de que ele era perigoso agente comunista. Coube ao padrinho de Edison, Dr. Moyses Menezes, exigir que soltassem o compadre. De uma das vezes que Abílio foi preso, a polícia deu sumiço em vários objetos e livros. Mas, a fotografia! Aquela fotografia daquela mulher, Rosa, entre as rosas mais vermelhas do socialismo ficou perdida para sempre. Rosa, Rosa de Luxemburgo!

Em 1923, Nequete abandonou definitivamente o comunismo após tomar conhecimento da derrota dos trabalhistas ingleses. A partir daquele momento, passou a considerar que o operariado não era uma classe revolucionária

Em 1942, aos 54 anos, Nequete aparece nos registros do Arquivo Nacional, tendo declarado ser professor particular. De fato, foi professor da Escola de Comércio de Porto Alegre, atual Faculdade de Economia da UFRGS. De acordo com Bartz (2008, p.169), “Nequete foi também ortodoxo, republicano, espírita e, quando saiu do movimento operário, criou uma teoria política própria, a tecnocracia, e uma religião correspondente, o evidetismo”.

Embora a trajetória de Abílio de Nequete possa ser considerada apenas mais uma dentre tantas histórias de imigrantes que vieram para o Brasil, seu percurso foi notável. Tendo chegado ao país ainda adolescente, no início do século XX, seu maior mérito talvez tenha sido o fato de ter andado na contramão de seus patrícios, que, majoritariamente, pensavam a maior parte do tempo em comprar e vender. A esse respeito, observa Bartz (2008, p.171):

Mais que um emaranhado de ideias, a trajetória e as concepções de Abílio de Nequete são testemunhas de diversas tradições que se cruzaram. Desde a religiosidade dos cristãos orientais até o desejo de revolução social dos socialistas do Ocidente, passando pela crença em um mundo melhor, que poderia vir tanto por uma redenção do espírito, quanto pelo poder modernizador da técnica; sua militância foi marcada pela tentativa de amarrar estes diversos feixes de experiências que pareciam convergir, o que acabou por resultar não apenas em um amontoado disforme de influências, mas em uma combinação bastante original, que certamente não encontraria expressão igual senão em Abílio de Nequete.

Nequete era barbeiro, morava em Porto Alegre e foi casado com Rafaela<sup>230</sup>, com quem teve os filhos Edison e Lenine<sup>231</sup>. Abílio teve uma vida simples e despreocupada, primeiro como

<sup>230</sup> Edison Nequete, em suas memórias (2008 p.38-39), assim se refere à própria mãe: “Ela casou com meu pai em segundas núpcias. Veio do Líbano casada com menos de 20 anos”. Edison conta que Rafaela veio com o primeiro marido do Líbano para Campinas (SP), onde nasceu sua primeira filha em 1906. Rafaela ficou viúva logo depois de mudar-se para Porto Alegre, onde moravam seus familiares, todos eles mascates.

<sup>231</sup> Lenine nasceu na capital gaúcha em 1922, no mesmo ano em que o PCB foi fundado. Lenine, formado em direito em 1947, foi atuante na vida pública gaúcha, especialmente nas comarcas judiciais de São Leopoldo e Canoas onde atuou como juiz. Também professor e autor de livros jurídicos, foi um dos fundadores da Faculdade de Direito da Unisinos e membro da Academia Rio-Grandense de Letras, tendo sido ainda poeta e escritor de



mascate, depois como barbeiro e por fim como professor de escrituração mercantil, ofício que aprendeu com Jorge Bahlis, o que lhe permitiu abrir escola em 1929 e deixar a profissão de barbeiro. Morreu em Porto Alegre, aos 72 anos de idade. (ROSITO, 1972). Sobre a morte do pai, assim se expressou Edison Nequete (2008, p.95):

Abílio agonizava. Edison pressentiu que ele se recusava a morrer, enquanto Lenine não viesse despedir-se dele. Edison recorreu ao primo José, pedindo que ele convencesse Lenine, apesar do quanto vinha sofrendo, a aceitar o cálice de fel do adeus a seu ídolo. Tão logo Lenine entrou no quarto do hospital, ganhou de Abílio o último olhar.

### 7.3 OS QUE VIERAM ENTRE 1911 E 1920

A leva de imigrantes que chegou ao Rio Grande do Sul entre 1911 e 1920 perfaz 27% da amostragem total, ou 203 pessoas dos 753 nomes selecionados. Uma característica importante dessa nova onda migratória é que os imigrantes vieram no intervalo que corresponde ao antes e o depois da Primeira Grande Guerra. Entre 1914 e 1918 praticamente não houve ingresso de estrangeiros no país. O Rio Grande do Sul, no entanto, continuou recebendo imigrantes através da fronteira com a Argentina e o Uruguai. Verificamos junto aos prontuários do Arquivo Nacional da existência para essa época de casos de imigrantes e descendentes de sírio-libaneses que haviam nascido ou obtido cidadania do outro lado da fronteira, antes de entrar no Rio Grande do Sul.

Na década de 1910, a leva de sírios do sexo masculino que ingressou no estado gaúcho, segundo nosso levantamento, aumentou ligeiramente em relação à década anterior, totalizando uma média de 2,3 homens para cada mulher, ou 61 mulheres e 142 homens. A média de idade na chegada ao Brasil, entre homens e mulheres, foi de 19 anos, dois anos a mais do que no período precedente, o que evidencia a chegada de familiares mais velhos do que os que os antecederam. Verificamos a presença nessa leva de duas pessoas de origem muçulmana e três de origem judaica (judeus sírios e/ou libaneses).

Uma característica da década de 1910 foi o nascimento de um número crescente de descendentes de imigrantes sírios. Da mesma forma, durante este período, vimos a chegada à vida adulta dos imigrantes que vieram ainda crianças, juntamente com os pais, nas levadas anteriores. Esse contingente, que não consta de nossa listagem, alimentou no Rio Grande do Sul o fenômeno das migrações internas conhecido como “enxamagem”. Esse processo ocorre quando “esgotados os espaços territoriais das imigrações europeias nas ‘colônias velhas’, seus

descendentes são estimulados a buscar novas fronteiras agrícolas, iniciando assim o ciclo da migração para as novas colônias”. (ZAMBERLAM et al., 2009, p.18).

Foi também durante esta década que encontramos alguns nomes de nossa listagem entre os sobrenomes de alunos matriculados nas melhores escolas da cidade, juntamente com os filhos de luso-brasileiros e descendentes de imigrantes alemães, italianos, espanhóis, portugueses e poloneses. O período corresponde a uma época de intensa movimentação, pois foi antes de estourar a Primeira Grande Guerra que se observou a maior movimentação de migrantes saindo do Oriente Médio em direção às Américas. Por causa da guerra, muitos sírios não puderam voltar a suas casas no Oriente Médio, sendo compelidos a se fixar no país enquanto o conflito mundial se desenrolava. Durante este tempo, formou-se em Pelotas, por exemplo, uma importante comunidade sírio-libanesa<sup>232</sup>.

Um intelectual libanês-gaúcho que chegou nesta década foi Jorge Bahlis. O dramaturgo, historiador, romancista e, posteriormente, escritor comunista engajado era, por formação, contabilista, mas também professor de uma escola técnica profissionalizante que ele mesmo fundou na década de 1920 em Porto Alegre (MARTINS, 2012). De acordo com Martins (2012), Bahlis foi alfabetizado em espanhol quando sua família tentou se estabelecer no México. Com o fracasso de se fixar no México a família veio tentar a vida no Brasil, primeiramente em Campinas, onde Bahlis estudou no Seminário Adventista (NEQUETE, 2008). Bahlis chegou a Porto Alegre no início da segunda década do século XX com diploma superior na área contábil, o que, segundo Martins (2012), teria sido providencial para o seu sustento, pois lhe permitiu abrir na cidade um curso técnico profissionalizante, o Curso Rápido Comercial, no qual dava aulas de contabilidade e de outras matérias similares. De acordo com Martins (2012, p.74), Bahlis “era um homem de fino trato, que dominava os códigos que regulavam as práticas nos meios intelectuais brasileiros da época.”

Em sua fase de militância política se notabilizou em Porto Alegre por escrever textos e tê-los publicados com seu ideário contra o imperialismo e a favor da luta de classes e em defesa de seus ideais comunistas (MARTINS, 2012). Sua aproximação com o PCB ocorreu de modo indireto, através da Liga Anti-imperialista Pró-México, uma entidade controlada pelo Partido com objetivos políticos e culturais. Foi através desta entidade e de sua amizade com o

---

<sup>232</sup> O trabalho de Rosa (2005) ilustra em detalhes esse período em Pelotas.

embaixador do México no Rio de Janeiro, que Bahlis foi nomeado, em 1932, cônsul honorário daquela República em Porto Alegre<sup>233</sup>.

Jorge Bahlis foi o primeiro literato a engajar-se na luta comunista passando a fazer parte de um universo pouco frequentado por intelectuais. Entre aqueles que dividiam com Bahlis a direção da entidade é possível destacar um dentista e um advogado, além de outros companheiros já com alguma história na agremiação partidária.

Conciliando habilmente a vida profissional e intelectual, e ainda se valendo das amizades que cultivou em Porto Alegre, conseguiu elevar-se a uma categoria de muito poder simbólico e prestígio, mas também de autonomia e imunidade para expressar seus pensamentos, uma vez que foi nomeado cônsul do México no Rio Grande do Sul, tendo permanecido como diplomata durante as décadas de 1930 e 1940. A morte prematura em 1952 não impediu que sua produção intelectual se destacasse na época, criando um perfil de imigrante médio-oriental difícil de ser comparado a outros sírios e libaneses no Rio Grande do Sul.

#### 7.4 AS ÚLTIMAS GRANDES LEVAS DE IMIGRANTES

Os imigrantes árabes que chegaram em terras gaúchas entre 1921 e 1930 correspondem a 33% de nossa amostragem total, ou a maior fatia: 244 pessoas. Embora seja esse um período de declínio da imigração sírio-libanesa no Brasil em geral, verificamos, por nossa amostragem do Arquivo Nacional, um aumento desses imigrantes no Rio Grande do Sul. Entre os 244 sírios que declararam ter chegado na segunda década do século XX, 127 pessoas, pouco mais da metade, estavam radicadas em Porto Alegre. No interior do estado, as 117 pessoas restantes se distribuíam mais ou menos assim: 28 em Pelotas; 12 em Alegrete; nove em Rio Grande; sete em Bagé; três em Uruguaiana; três em São Sepé; e duas em Uruguaiana. Os municípios que registraram a entrada de um único imigrante foram os seguintes: Novo Hamburgo, Dom Pedrito, Cachoeira do Sul, Osório, Arroio Grande, Gravataí, Itaquí, Camaquã, Montenegro, Santa Vitória do Palmar, Rosário do Sul, São Francisco de Paula.

Nessa década, Rio Grande perdeu uma posição para Alegrete, passando de 3º colocado em número de patrícios para o 4º lugar (atrás de Porto Alegre, Santa Maria e Pelotas). A média etária dos imigrantes em relação ao período anterior subiu para 22 anos de idade. A disparidade entre os números de homens e mulheres também aumentou consideravelmente: 178 homens e 66 mulheres, ou seja, 2,7 homens para cada mulher, o maior índice em comparação com as outras décadas estudadas. Esses números indicam a importação de mão de obra qualificada, na

---

<sup>233</sup> Segundo Nequete, (2008 p.29), Jorge Bahlis, “se revelaria um homem de excelente cultura e que legou obra importante referente à Civilização Azteca”, motivos, pelos quais, talvez, o governo do México tenha lhe nomeado para o cargo de cônsul honorário do país em Porto Alegre.

maioria das vezes formada por homens solteiros que vieram na expectativa de trabalhar nas empresas de patrícios ou mesmo de brasileiros. Talvez o desemprego na Síria e no Líbano, já sob o Mandato Francês na época, estivesse na origem do fenômeno.

Entre as 244 pessoas, 119 se declararam libaneses e 96 sírios. Outras 29 vieram da Palestina, ou se declararam armênios. A proporção de judeus e muçulmanos, embora continuasse em franca minoria, cresceu significativamente desde a última década, subindo de 5% para 10% do total dos imigrantes. Em relação às mulheres, verificou-se um aumento das que se declararam desquitadas e das solteiras que trabalhavam. Assim foi o caso de Matilde Jorge Nassur. Ela chegou a Porto Alegre em 1927, aos 22 anos. Em 1945, aos 40 de idade, era proprietária de um pequeno comércio na frente de sua residência à rua Benjamin Constant, n.1.515, bairro Floresta, na capital. Outro exemplo era o de Suraya Kalil Curi, que chegou ao Rio Grande do Sul com 10 anos, acompanhando os pais, em 1923. Aos 32, solteira, completados em 1945, ela gerenciava a loja do pai José Kalil Curi na rua Andrade Neves, n.658, no Centro de Pelotas. Assim percebe-se o quanto o fenômeno imigratório mudou ao cabo das primeiras décadas após a chegada dos pioneiros.

Verificamos como todo um perfil da imigração árabe foi capaz de mudar consideravelmente ao longo do tempo. Inicialmente formada por jovens solteiros, ele iria depois se transformar com a chegada também de famílias inteiras, composta por homens, mulheres crianças. Ao mesmo tempo, dependendo da posição social do imigrante, vimos como suas possibilidades e oportunidades de inserção social foram alargadas, à medida que o tempo foi passando. Num momento posterior, em que as oportunidades de afirmação no país tornaram-se mais escassas, principalmente quanto mais o século avançava em direção ao fim de sua primeira metade, o perfil do imigrante sírio-libanês iria novamente se alterar, fruto de seu movimento de adaptação às novas demandas do meio hospedeiro.

Raphael Dabdab, sírio de 25 anos, um elegante alfaiate formado em uma escola síria da cidade de Antióchia, chegou ao Brasil em 1925, quando uma parte de sua família já estava estabelecida com comércio nas praças do Rio de Janeiro e de São Paulo. A decisão da família de enviar Raphael, primeiramente ao Rio de Janeiro e depois a Porto Alegre para ocupar o mercado do Rio Grande do Sul, nos pareceu um investimento meticulosamente calculado. Assim, as Organizações Dabdab, que vendiam tecidos finos no Rio de Janeiro e em São Paulo, passou a fazer o mesmo em Porto Alegre, preservando por meio dessa estratégia a autonomia e a liberdade dos diferentes ramos da família, formada por irmãos, primos e tios de Raphael. Pelo

que nos disse Elias Dabdab<sup>234</sup>, a estratégia proporcionou às lojas Dabdab volume de vendas para viabilizar projetos industriais e comerciais comuns a todos os membros da família, como fabricação de estampa própria ou importação de tecidos finos em maior quantidade ou preços mais vantajosos.

Os que chegaram entre 1931 e 1939 revelaram um perfil bem diferente dos primeiros imigrantes sírios e libaneses que se estabeleceram no Rio Grande do Sul: nem sempre ligados ao comércio ou à mascateação e também nem sempre cristãos, ao contrário do observado no início do século. Em nossa amostragem verificamos que muitos deles eram operários e trabalhadores urbanos; outros ainda eram agricultores ou técnicos em busca de trabalho qualificado, uma vez que, no sistema de cotas implantado no Brasil a partir da década de 1930, essas ocupações tornaram-se as preferidas das autoridades na escolha dos candidatos a emigrar para o Brasil. Dessa formar, eram priorizadas as concessões de vistos de entrada aos imigrantes que detinham conhecimento técnico ou que trabalhavam na agricultura. Assim, muitos desses imigrantes, diferentemente dos primeiros árabes que chegaram ao Rio Grande Sul, já eram alfabetizados e muitos tinham uma profissão.

Nossas pesquisas, no cadastro de imigrantes do Arquivo Nacional, confirmaram amplamente esta realidade. O quadro abaixo exemplifica o que dissemos:

**Quadro 15 - Imigrantes que chegaram ao RS entre as décadas de 1920 e 1940**

Nome	Data de nascimento	Origem	Chegada ao Brasil	Profissão	Local de trabalho
Pedro Iscandar ISSA	07/05/1899	Síria	1920	Carpinteiro	Cia. Swift/Rio Grande
Raphael DABDAB	1900	Síria	1925	Empresário	Porto Alegre/RS
Jorge ABRAHAM	16/01/1912	Monte Líbano	1929	Industriário	Cia. Swift/Rio Grande
Georges A. SALEH	20/01/1904	Líbano	1929	Operário	Cia. Swift/Rio Grande
Simeão ISSA	02/09/1910	Síria	1930	Agricultor	Bom Jesus/RS
Elias Sleman. FADOUL	26/02/1926	Líbano	1931	Operário	Cia. Swift/Rio Grande
Sala Nicolas NEKETT	02/10/1911	Monte Líbano	1931	Operário	Cia. Swift/Rio Grande
Chames B. HANNA	15/02/1901	Líbano	1931	Operário	Porto Alegre/RS
Mohemed S. ASSAD	25/02/1916	Síria	1932	Comerciário	Porto Alegre/RS
Hanna Khalil SAFI	13/07/1904	Líbano	1933	Agricultor	Quaraí/RS
José M. CHAPUR,	19/03/1892	Síria	1934	Fiscal de Bondes	Porto Alegre/RS
José FATIMA	07/09/1907	Síria	1935	Operário	Porto Alegre/RS
Moussa Abi HABIB	1921	Líbano	1935	Alfaiate	Bagé/RS

<sup>234</sup> No Obituário do jornal Zero Hora, localizamos o nome de Elias Dabdab, que morreu aos 79 anos. Em uma breve referência, o necrológio a ele dedicado traz o seguinte texto: “Porto Alegre perdeu, na sexta-feira [19 de fevereiro de 2016], uma das grandes referências em alfaiataria da cidade”. Como nos disse na entrevista que nos concedeu em 2015, Elias era filho dos imigrantes sírios Raphael Kalil Dabdab e Rosa Borges Dabdab e dedicou sua carreira ao negócio da família. Elias assumiu a loja, que continua funcionando em uma esquina central e movimentada da capital. De acordo com o jornal, é o primeiro e mais elegante prédio da rua Voluntários da Pátria, esquina com a rua Marechal Floriano, no Centro de Porto Alegre.

Georges ZAKKA	1921	Líbano	1937	Condutor de Bondes	Porto Alegre/RS
Jamil ABISABB	21/08/1901	-	1938	Agricultor	Santa Vitória do Palmar/RS

Fonte: Arquivo Nacional. [s.d.]

Ainda em relação aos imigrantes que chegaram ao estado sulino depois de 1930, notamos que um número considerável de pessoas e famílias vindas da Síria ou do Líbano na qualidade de “agricultores” eram, na realidade, vendedores ambulantes ou comerciários (empregados nas lojas de seus patrícios) que se declararam agricultores para “driblar” o regime de cotas e as novas regras de concessão de vistos para a entrada de estrangeiros no país. A fim de serem aceitos no Brasil na qualidade de agricultores, esses imigrantes não puderam se instalar em Porto Alegre e adotaram como estratégia de sobrevivência na nova terra a fixação de residência próximo à capital, especialmente nas cidades de Canoas, Gravataí, São Leopoldo e Novo Hamburgo.

#### 7.5 AS SOCIABILIDADES E AS LIDERANÇAS ÉTNICAS E INTELECTUAIS DE SÍRIOS E LIBANESES NO RIO GRANDE DO SUL

Edward Said (1990) classificou como “orientalismo” a forma como o Ocidente enxerga e classifica a maneira de ser das pessoas orientais. Significa, invertendo essa lógica, que os conceitos trazidos do Oriente Médio por esses imigrantes eram muitas vezes radicalmente diferentes do modo de ser do homem ocidental, com reflexos profundos nas relações sociais, no casamento, nas questões de gênero, na religião, nas amizades e mesmo nos negócios (KEMEL, 2000).

Vale dizer, conforme preconizou Fanon (1979), que esses imigrantes cristãos médio-orientais estavam inseridos e enredados em uma espécie de discurso histórico, ou seja, espaços-ideias através dos quais circulam noções de pertencimento, história e identidade essencializadas, onde a negrofobia e o antissemitismo se equivaliam. Além disso, esses árabes eram provenientes de locais com longo histórico colonial, ainda que tal poder colonial fosse caracterizado pela autonomia local ligada à confissão de fé e à ausência de nacionalismos.

Como um povo não ocidental, não latino, muitos desses árabes que migraram para o Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX, tanto os da Síria quanto os do Líbano, apesar de toda a influência que sofreram do Ocidente em suas terras de origem, não eram pessoas que os brasileiros reconheciam como portadoras ou guardiãs do modo de vida ocidental. Pelo contrário, principalmente por causa de seus hábitos e cultura, pela forte ligação com a família ampliada e também por suas religiões ortodoxas do Oriente (KEMEL, 2000), muito conservadoras para os padrões locais, aos “turcos” se atribuiu todas as características

negativas de um “Oriente” construído a partir de uma visão exotizante e depreciativa da cultura árabe, do cristianismo oriental e do islã (PINTO, 2010).

Pinto oferece uma boa análise do fenômeno:

O estereótipo do turco estava associado, no imaginário cultural brasileiro do final do século XIX e início do século XX, à ganância, dissimulação e busca do lucro predatório (...). Essas características “impuras” eram atribuídas àquelas pessoas dedicadas à atividade comercial por uma sociedade ainda marcadamente rural e pautada por um *ethos* aristocrático. A presença nas cidades brasileiras de imigrantes racialmente ambíguos, de acordo com os critérios de classificação da sociedade brasileira, e que, ainda por cima, dedicavam-se a atividades consideradas pouco nobres, como o comércio ambulante, gerava uma profunda aversão nas elites brasileiras. (PINTO, 2010 p.9).

Por não serem os imigrantes ideais – nem sempre cristãos e nem sempre considerados brancos –, havia no início do século, entre alguns intelectuais brasileiros, um movimento contrário à entrada desses árabes e à permanência deles no Brasil. Vivaldo Coaracy, numa crônica publicada num jornal de São Paulo, em 1929, foi um dos que exprimiu esse tipo de sentimento:

E a corrente semita dos levantinos de nariz adunco, cuja atividade essencial é a de comprar e vender, e não produzir. Mas não há somente o aspecto econômico a considerar, trazem estes indivíduos consigo a mentalidade oriental, a moralidade oriental, sinuosa e estranha aos nossos hábitos, às nossas tradições e à nossa educação de ocidentais. Trazem modos de pensar e modos de agir que vem daquele Oriente Próximo, tortuoso e sinistro, o Oriente pitoresco, talvez, mas perigoso sempre... do Oriente cujo contato todos os povos civilizados procuram evitar. (*apud* LESSER, 2001, p.115).

Assim, como forma de sobrevivência na terra da imigração, e a fim de realizar seus objetivos, os imigrantes árabes tiveram de elaborar estratégias de construção de novas identidades adaptadas ao meio que escolheram para viver. Um projeto decerto de longo prazo e que envolveria a participação de várias gerações.

Barth (1998) ensina que os grupos étnicos são alvo de constantes transformações de acordo com os fluxos culturais a que estão expostos. Sendo assim, “não há como entender a dinâmica das sociabilidades dos árabes sem analisar os processos de configuração das suas fronteiras, da construção e transmissão de suas tradições culturais e da codificação das mesmas em identidades étnicas”. (PINTO 2010, p.18).

Desde o princípio da diáspora sírio-libanesa, iniciada na segunda metade do século XIX, essas pessoas eram impelidas a deixar o Oriente Médio em busca de melhores condições de vida em outros lugares e formaram uma rede que ligava o porto de Beirute (local da maioria das partidas desses árabes rumo à emigração) e suas vilas no interior a diferentes locais no Ocidente. Fosse em Buenos Aires, Dakar, Marselha, Nova York ou Rio de Janeiro era comum a esses viajantes conhecer um parente, um vizinho ou um amigo que pudesse lhe oferecer apoio,

até mesmo financeiro, durante a travessia e ampará-lo na chegada, facilitando sua adaptação ao novo meio (KNOWLTON, 1960).

Referindo-se à capital gaúcha, Kemel (2000) diz que, no início, esses imigrantes, ao chegarem a Porto Alegre, uniram-se para enfrentar a nova realidade representada pela “pátria adotiva”. Núcleos centralizadores foram formados para reunir os imigrantes, ao mesmo tempo em que as famílias procuravam acolher os parentes e amigos e hospedar os recém-chegados. A passagem abaixo ilustra e amplia o que acabamos de dizer:

A similaridade dos relatos pessoais é, neste sentido, impressionante. As estratégias de compadrio, cuja função é facilitar a acomodação do imigrante, são complementadas por outras de natureza mais comunitárias. (...) Árabes criaram complexas e extensas redes de ajuda mútua e apoio social. Essas redes tinham o objetivo de cobrir o atendimento das necessidades específicas (...), fossem elas de natureza religiosa, educativa-cultural, de lazer, profissional ou filantrópica. As organizações vão se mostrar mais eficazes na primeira geração de imigrantes e, com o tempo, se adaptar às novas demandas ou ficar irremediavelmente obsoletas face às transformações na sociedade. (PINTO, 2010, p.11).

Ao aportar no Rio Grande do Sul, sírios e libaneses optaram por uma estratégia simples a fim de garantir sua inserir na economia e na sociedade gaúchas: “Eles se integraram a setores da economia cujos requerimentos de investimento eram pequenos ou cujas barreiras à entrada eram limitadas.” (PINTO 2010, p.10). Agruparam-se em áreas de aluguel barato, conjugando moradia e comércio em uma mesma localidade. Moradia próxima e atividade laboral compartilhada permitiram que os recém-chegados se beneficiassem da experiência dos pioneiros, a eles se vinculando na qualidade de empregados, fornecedores, auxiliares, mestres e, ao fim de alguns anos, sócios<sup>235</sup> (TRUZZI, 1999).

É ponto pacífico na bibliografia sobre o tema que na gênese da diáspora sírio-libanesa estiveram os estímulos transnacionais. No entanto, esse foi também um processo marcado pela espontaneidade, pela tempestividade do movimento e pela cooperação entre os patrícios na terra de destino, mesmo que depois de instalados na sociedade que escolheram para atuar, alguns adotassem estratégias diversas das dos que os precederam (KNOWLTON, 1960; TRUZZI, 1997).

Mesmo os que desembarcavam sozinhos e solteiros “nunca abandonaram a ideia da família patriarcal ou da família grande” (KEMEL, 2000, p.28). De acordo com a autora, à medida que iam faturando no comércio, ou em alguma ocupação rentável, os imigrantes árabes

---

<sup>235</sup>Segundo Truzzi (1999, p.350), “a existência e a profunda influência dessas redes de processos mais coletivos, no interior dos quais os imigrantes operavam, não significa, por outro lado, embarcar numa versão coesa, muitas vezes apresentada como história ‘oficial’. (...) O caso dos sírios e libaneses fornece-nos um expressivo exemplo de como os grupos étnicos estiveram distantes de se apresentar coesos”.



mandavam trazer os outros membros de sua família e assim a comunidade começou a organizar suas instituições sociais, filantrópicas, religiosas, intelectuais, culturais, assistenciais e recreativas na nova terra.

Assim, o destino desses árabes estava ligado às sociabilidades que conseguissem produzir para sobreviver, primeiramente entre eles, e depois com os membros das sociedades locais e os integrantes de outras etnias. Os homens de recursos mais limitados também participavam das sociabilidades em entidades informais como cafés<sup>236</sup> e bares, lugares onde se reuniam para conversar e se inteirar das novidades trazidas pelos outros, não raro um parente, ainda que distante. Já os mais abastados certamente faziam projeções em termos de imagem e diferenciação, um investimento voltado para uma integração mais efetiva e uma maior participação na vida nacional (LOGROÑO-NARBONA, 2007).

Logroño-Narbona (2007 p.7) pesquisou a participação de imigrantes sírios e libaneses em instituições informais da colônia no início do século XX. Ela percebeu que tanto coletiva, quanto individualmente, esses imigrantes, principalmente os de padrão médio e os das classes superiores, “participavam de instituições sociais, sobretudo as informais, mas também as das elites brasileiras, como um dos meios para elevar suas posições sociais dentro da comunidade”. A pesquisadora aponta que as biografias escritas por Tawfik Kurban<sup>237</sup> (1933; 1937) sobre alguns imigrantes sírios e libaneses que enriqueceram em São Paulo destacam a intensa vida social desses indivíduos, tanto nas associações sociais brasileiras quanto nas sociedades recreativas e de caridade da colônia.

Num segundo momento, os libaneses formalizaram suas próprias associações, “que já existiam informalmente em bares, restaurantes, lugares para conversar, beber, tomar café, ler jornais ou praticar gamão e xadrez, seus jogos típicos” (SIQUEIRA, 2002 p.33). O aparecimento de lugares a princípio informais e sua posterior conversão em espaços formais de convivência pela organização da etnia resultou da necessidade que esses imigrantes sentiram, desde o início, de exercitar mais livremente seus hábitos, valores e costumes junto a seus semelhantes. Exercer o “direito” de falar a própria língua em público, ou de se alimentar à maneira árabe, por exemplo, significava para eles um sentimento de liberdade e poder, uma vez que, segundo Bourdieu (1989 p.247), “a sociedade dominante é etnocêntrica, sendo seu estilo de vida exemplar e largamente dominante”.

---

<sup>236</sup> Os cafés tiveram uma trajetória própria na Porto Alegre do início do século XX. Em uma primeira fase serviram como núcleos de cristalização de novos espaços existenciais e correspondiam a locais de distinção masculinos.

<sup>237</sup> Pinto (2010) cita diversas obras publicadas como o mesmo espírito, a saber: Hekmat Khodr (1987), de abrangência nacional; Asaad Zaidan (2001), para a Amazônia; Lygia Moura Rassi (2000), para o Pará; e Wilson de Lima Bastos (1988), para Minas Gerais.

De todo modo, para a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul conquistar espaços no seio da sociedade gaúcha foi, como diz Lesser (1997), preciso “negociar” até certo ponto sua identidade, ao mesmo tempo em que gradativamente ela foi conquistando a aceitação dos brasileiros por meio da disseminação de sua cultura e de seu modo de vida médio-oriental. Foi, portanto, o sucesso estratégico da cooperação desses imigrantes que tornou possível estabelecer, passo a passo, um caminho de conquistas em termos étnicos tanto para sírios como para libaneses e seus descendentes de primeira geração estabelecidos em solo gaúcho.

O ex-senador Pedro Simon, por exemplo, nos explica que o sentido que tomou sua carreira política, desde o início, foi a convergência com os “outros”. No depoimento que nos que concedeu, Simon conta que estabeleceu, por exemplo, com os italianos “uma relação de confiança”, frequentando tanto o Clube Juvenil de Caxias do Sul, sua cidade natal, quanto a Sociedade Libanesa de Porto Alegre. Foi assim que, aos poucos, no curso do século XX, árabes da capital, da fronteira, do litoral, da Serra Gaúcha e do Norte do estado logo se “aparentaram aos brasileiros e descendentes de outros imigrantes, tornando-se, nas gerações seguintes, mais híbridos<sup>238</sup>. Bourdieu (1989 p.246) lembra que “numa sociedade diferenciada o efeito da universalização é um dos mecanismos, sem dúvida dos mais poderosos, por meio dos quais se exerce a dominação simbólica”.

Nossas pesquisas apontaram que o início do agrupamento dos imigrantes sírios e libaneses em associações, especialmente em locais com maior número de patrícios, esteve também ligado a questões transnacionais envolvendo os esforços de guerra da França no contexto da Primeira Guerra Mundial. Assim, em Pelotas e Porto Alegre, temos notícias da fundação de comitês patrióticos por iniciativa dos cônsules franceses em campanha no Rio Grande do Sul. Em Pelotas, o cônsul francês fundou em 1917<sup>239</sup> um comitê patriótico em defesa da Síria e do Monte Líbano (ROSA, 2005, p.19). Com esses comitês, os franceses pretendiam atrair os imigrantes sírios para a luta contra a opressão do Império Turco e também promover o alistamento militar entre eles, a fim de engrossar um suposto “batalhão sírio” aquartelado na Ilha de Chipre que estava esperando ordens para embarcar de volta à Síria para lutar ao lado

---

<sup>238</sup> O conceito de hibridismo não será problematizado aqui, uma vez que seria sair do foco principal de nossa tese, mas, como se supõe pelo contexto, a segunda geração de imigrantes é quase sempre portadora de uma identidade mais complexa, uma vez que divide parte dela com a dos luso-brasileiros de sua geração, quando não com imigrantes de outras origens.

<sup>239</sup> Um telegrama enviado à sucursal de Pelotas e publicado na edição do jornal *Correio do Povo*, de 17 de setembro de 1917, trazia a seguinte notícia: “Chegaram aqui os Srs. Cezar Lakah e Marbam Bey, que andam tratando da independência da Síria, acompanhados do barão Lavaissiere, vice-cônsul da França nesta capital. Aqui foram eles recebidos por numerosos patrícios. Hoje, à noite, haverá uma reunião da colônia síria aqui domiciliada, na Biblioteca Pública, e na qual discursará o Sr. Janil Bey.

dos franceses contra os turcos no Oriente Médio<sup>240</sup> (FERSAN, 2005). Certamente esses comitês reuniram um grande número de patrícios que, por sua vez, eram estimulados a organizar suas próprias agremiações. Foi assim que, em 30 de setembro de 1917, foi fundada a Sociedade Sírio-Libanesa de Pelotas em apoio ao comitê patriótico da cidade. Rosa (2005, p.19) descreve com mais detalhes a estratégia adotada pela França: “Os representantes franceses percorrem várias cidades brasileiras onde havia um maior número de imigrantes. Segundo o jornal *O Rebate*, de 18 de setembro de 1917, havia uma comissão designada para percorrer os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. E explica que:

No Rio Grande do Sul, o cônsul francês comandava a ação de vice-cônsules encarregados de formar os comitês pelas cidades do interior e arregimentar os voluntários. O momento era propício para a formação de sociedades de defesa da pátria e comitês, pois o mundo estava em guerra. Com o desenrolar das batalhas travadas na Primeira Guerra Mundial, o sentimento de nacionalismo e antigermanismo estavam em alta, o que gerou muita euforia em tornos desses comitês (ROSA, 2005 p.19).

Em Pelotas, no dia 12 de outubro de 1917, o jornal *O Rebate* divulgou a seguinte nota: “A Sociedade Libanesa, fundada nesta cidade em 30 de setembro último para intensificar a propaganda da independência da Síria, adquiriu personalidade jurídica. A sua diretoria está assim constituída: presidente: Demétrio Jorge; secretário: Álvaro Hzim; tesoureiro: José Mereb; procurador: Chedam Jeber.”

O comitê patriótico de Pelotas deu também origem ao Clube Sírio-Libanês da cidade, o qual existiu de forma ativa até a década de 1950.

De acordo com Bellintani (2012), naquela época os franceses estavam atentos aos movimentos do governo alemão, especialmente no Rio Grande do Sul. Fersan (2005) explica que havia grande interesse das autoridades francesas em fazer dos sírios, especialmente aqueles que transitavam pelas fronteiras transnacionais do sul do estado, seus melhores propagandistas em terras onde a cultura germânica predominava. De fato, muitos imigrantes sírios cristãos haviam deixado o Oriente Médio sob o domínio otomano, um Império cujo estilo e filosofia de vida muitos desses imigrantes repugnavam. Por isso, grande parte dos sírios via na aproximação com os franceses novas oportunidades em termos de renovação de suas identidades coloniais, uma vez que, sob proteção da França, não seriam mais considerados “turcos”.

---

<sup>240</sup> Pitts Jr. (2006), na análise que fez sobre o projeto francês de formar o tal batalhão sírio recrutando mascates nas Américas classificou a iniciativa como ineficaz. Primeiro porque esses árabes seriam péssimos soldados; depois, por terem outros projetos de vida, a carreira militar já havia sido descartada na origem. O autor relata que o único alistado não passou no exame médico, malgrado as correspondências da chancelaria chamando atenção para a qualidade dos alistados.

Muitos, não há dúvida, nutriam interesse em serem representados por uma potência mundial do mundo ocidental que gozava de prestígio nas esferas mais altas da sociedade brasileira. Esses árabes, assim como os brasileiros, viam na França e sua cultura sinônimo de civilização. Cabe pontuar que, de acordo com a visão de teóricos como Fenon (1979), os árabes em Porto Alegre, mas também os brasileiros natos, por suas condições históricas, compartilham com as instituições a que eram vinculados, e que foram citadas aqui, um caráter relacional e uma identidade pós-colonial. Essa visão encontra eco nos estudos de Foucault e nas formulações que elaborou sobre o “sujeito” e as interpretações sobre o biopoder<sup>241</sup> e a governamentalidade<sup>242</sup>. No sentido de compreender as forças sociais a que esses imigrantes e seus descendentes estavam submetidos, assim como o caráter neocolonial e as estratégias anticoloniais que podiam implementar, recorreremos ao olhar crítico de Franz Fanon (1971; 1979) e ao pensamento de Michel Foucault (1988). O primeiro, em relação às formulações e os diversos usos para a noção de raça por parte do poder colonial nas estratégias e processos de subjetivação<sup>243</sup>; o segundo, pelas relações de poder que expõe, explicando pelo viés da dominação como se dão as formas de estabelecer controle. A proximidade conceitual entre Fanon e Foucault mostram-se inspiradoras para o nosso estudo, não apenas pela convergência entre esses dois autores, que tratam de temas como a liberdade e das estratégias para confrontar a opressão, mas pela centralidade das discussões sobre o corpo e o poder e para as formas mediante as quais tais noções têm sido evocada no debate contemporâneo sobre o neocolonialismo. Elas são relevantes para nosso estudo porque suas teorias convergem em dois pontos que reputamos fundamentais na experiência migratória desses árabes. A liberdade sobre seus próprios corpos e as estratégias que foram empreendidas por eles para ganhar a vida a partir disso.

Em Santa Maria, não temos notícia de intervenção de autoridades francesas nas socializações dos imigrantes árabes, que, no entanto, por iniciativa própria, fundaram o Clube Sírio-Libanês, em 1933. Seus principais líderes foram Felipe Monaiar, Jorge Sarkis, Felipe Bastane e Antônio Hajjar Seade (MORALES, 2004). De acordo com a autora, os sócios do

---

<sup>241</sup> Biopoder é um termo criado originalmente pelo filósofo francês M. Foucault para referir-se à prática dos estados modernos e a regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações. (CUNHA, 2002).

<sup>242</sup> Governamentalidade que Foucault se propõe a analisar, a soberania, as disciplinas e a gestão governamental estão articuladas. É um conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma de relação de poder. (CUNHA, 2002).

<sup>243</sup> Por exemplo, parte da comunidade libanesa vê a subordinação passiva do Líbano à França como uma aliança estratégica que lhes protege dos muçulmanos do Oriente Médio em um processo civilizador daquele país no Líbano. Neste contexto, os libaneses se colocam culturalmente superiores aos sírios.

clube de Santa Maria, em consonância com seu estatuto, se dividiam em várias categorias: fundadores, contados em número de 65 pessoas, com direito a voto; contribuintes, que somavam 39 associados, sem direito a voto; sócios honorários; sócios efetivos, para nascidos na Síria ou no Líbano; e sócios-correspondentes, em número de 30, para os que residiam fora dos limites do município.

Ainda de acordo com Morales, “no período entre 1934 e 1935 o número de sócios contribuintes teve significativo aumento, pois foram registrados 131 associados nessa categoria”. (MORALES, 2004 p.155-156). Em 1937, o Clube Sírio-Libanês de Santa Maria passou a contar com a participação de mulheres, somadas inicialmente em número de 12 pessoas (MORALES, 2004).

Em sua obra, Morales (2004) faz referência a um ponto que se tornou central na discussão sobre os clubes étnicos árabes no Rio Grande do Sul: a dicotomia entre libanês e sírio em suas relações sociais. No caso de Santa Maria, esse assunto foi enfrentado de forma pragmática. Em 1939, a entidade social passou a chamar-se Clube Libanês Brasileiro. De modo contraditório, eliminou de sua designação a referência à Síria, mas banuiu de sua bandeira a figura verde do cedro, alusão iconográfica ao Líbano. Segundo a autora (MORALES, 2004 p.160), “o cedro era símbolo estrangeiro, incompatível com a norma constitucional da época. A inclusão do gentílico ‘brasileiro’ no novo nome da entidade reforçou a ideia de integração”.

A agremiação, que iniciou suas atividades sob a mais plena união entre os imigrantes e seus descendentes, assim permaneceria ao longo do tempo, uma vez que a retirada da referência à Síria do nome do Clube aparentemente não causou grandes controvérsias, tendo sido “encarada pelos sírios como se já fosse algo mais ou menos previsto no artigo 5º dos estatutos da agremiação”, no qual já se podem ver os elementos “potencializadores da cultura libanesa” (MORALES, 2004, p.160), formados, por exemplo, pela bandeira da entidade, ou seja, as cores vermelha, verde e branca, e o símbolo (o cedro). Nas palavras de Morales (2004 p.160),

a escolha da imagem de um cedro como elemento central da bandeira da entidade sírio-libanesa mostra-se bem significativa, parecendo indicar o predomínio de uma vinculação à cultura libanesa, apesar da duplicidade contida no nome do clube. A referência à Fenícia fornece elementos que se constituem em traços culturais tidos como libaneses, tais como a vocação comercial, adaptação às novas realidades culturais, o caráter aventureiro (o ir mais longe, típico dos navegadores) e uma grande invenção civilizadora: o alfabeto. (MORALES, 2004 p.160).

A autora, que é natural de Santa Maria, esclarece que no início da imigração, “na dinâmica social do grupo, havia equidade entre as forças de aproximação e de afastamento”. No entanto, “o nome designativo do clube definiria, de uma vez por todas, a real identidade à

qual a comunidade árabe se sentia pertencer: a identidade libanesa, definida pelo localismo natal e fortalecida pelo nacionalismo daquele período”. (MORALES, 2004 p.183).

No entanto, nos lembra da fala de Antun Saadê<sup>244</sup>, um intelectual libanês, que foi deputado no Líbano e viveu um tempo no Brasil, e que costumava ironizar a impropriedade existente na possibilidade de aceitar-se como verdadeiro que os limites do Líbano atual correspondam ao território de um país fenício existente há mais de 3 mil anos, traçados como foram numa mesa qualquer de um escritório ‘por um inglês e um francês’. (MORALES, 2004 p.160).

O Clube Libanês Brasileiro de Santa Maria manteve-se em funcionamento até 1960, quando encerrou suas atividades, transformando-se numa sociedade de caráter cultural<sup>245</sup>. Segundo Morales, isso teria ocorrido devido ao decréscimo na participação dos associados e ao baixo quórum das assembleias, além das frequentes aberturas dos trabalhos em segunda chamada, o que culminou com uma proposta, que foi aprovada, para sua dissolução (MORALES, 2004). De acordo com Morales (2004, p.188), o fechamento do Clube marcou o “fim de uma época e de um símbolo recorrente na memória e para a elaboração identitária de muitas pessoas”.

Tal como ocorreu em Pelotas, o mesmo processo que levou à criação de comitês patrióticos durante a Primeira Guerra Mundial foi observado em Porto Alegre. Por volta de 1917, uma entidade desse tipo foi fundada na capital em apoio aos franceses em sua luta contra os otomanos. Schilling (2007) informa que, por volta de 1920, os árabes que moravam no Centro da capital, entre eles sírios, libaneses e demais imigrantes de língua e cultura árabe, se reuniam frequentemente nas casas de um desses árabes para conversar, encontrar amigos, enviar e receber encomendas, ouvir notícias da terra de origem. A autora relata que, com a evolução desses encontros, foi preciso alugar a sede de algum clube com disponibilidade de espaço em dias e horários marcados. Assim, foi fundada em agosto de 1922 a primeira agremiação social da comunidade árabe de Porto Alegre, a Sociedade Síria (BECKER, 1958).

O Clube Sírio, fundado informalmente em 1922, conforme acreditamos, construiu sua memória formalizando o que antes era informal pela intervenção do cônsul da França em Porto Alegre, pois, uma vez que se efetivava, nessa mesma época, o Mandato Francês na Síria, um

---

<sup>244</sup> Lesser (2001 p.114) descreve a vida de Antun Sa’adih como exemplo da trajetória da participação dos intelectuais da colônia na diáspora. “Nascido em uma família de intelectuais gregos ortodoxos do Líbano em 1904, o pai de Antun, o médico Kalil Sa’adih, mudou-se para o Egito e de lá para o Brasil, onde publicou o jornal *Al-jarida*. Antun juntou-se ao seu pai em 1920, em São Paulo, onde se tornou ativista e membro de uma sociedade secreta que visava a união dos povos árabes em torno de uma grande nação árabe unida”.

<sup>245</sup> O Clube Sírio-Libanês de Santa Maria passou por diversas fases ao longo de sua trajetória e por mudanças de nome entre o ano de sua criação em 1933 e 1960, quando houve o câmbio estrutural nos seus estatutos, missão e objetivos, sendo que até hoje mantém-se ativo em Santa Maria como uma entidade recreativa, esportiva e cultural da cidade.

conjunto de medidas de Estado, por parte da República francesa, foram implementados através de seus consulados<sup>246</sup>. No início do Clube Sírio, havia franca união entre imigrantes sírios e libaneses, pouco contaminados pelos nacionalismos que tanto iriam dividi-los num breve futuro. As socializações entre os dois grupos permitiram inúmeros casamentos interétnicos entre eles, mas também entre maronitas e ortodoxos, cristãos e muçulmanos, gente do interior e da capital, como confirmamos nas entrevistas que realizamos.

A exemplo do que ocorria no Oriente Médio, durante as décadas de 1920 e 1930, período no qual se consolidou o Mandado Francês nas duas das maiores colônias otomanas árabes da Grande Síria, na capital dos gaúchos a ação direta da chancelaria francesa auxiliou no alinhamento, mas também nas cisões verificadas posteriormente entre os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, os quais terminariam por formar seus próprios núcleos independentes com posicionamentos, convicções políticas e visões de mundo distintas.

Assim, de acordo com Kemel (2000), a Sociedade Síria inicialmente procurou unir sírios e libaneses numa mesma entidade, porém logo apareceram as diferenças. Em 1924 os maronitas fundaram seus próprios clubes, lideradas pelos irmãos Buchabiqui. No ano seguinte, era (re)fundado[a] a Sociedade Síria sob o nome de Clube Sírio-Libanês<sup>247</sup>, aparentemente uma nova tentativa de unir todos os imigrantes em torno de uma única agremiação. Até 1933, assim se manteve o Clube<sup>248</sup>. No entanto, neste ano, fruto “de um novo desentendimento entre a diretoria e alguns sócios, foi criado o Clube da Juventude Sírio-Libanesa, com sede na rua da Praia, e em 9 de agosto de 1934 (...) a Sociedade Sírio-Libanesa, que ficava na Rua dos Andradas, 1.624”. (BECKER, 1958 p.305).

Outros desentendimentos provocaram nova ruptura<sup>249</sup> e, em 1º de setembro de 1936, dia da independência do Líbano, foi fundada a Sociedade Libanesa de Porto Alegre, constituída por

<sup>246</sup> A França, neste momento, estava com o prestígio em alta junto ao governo brasileiro devido à vitória na Primeira Guerra Mundial.

<sup>247</sup> Cujo embrião fora lançado durante reunião, em setembro de 1917, convocada pelo vice-cônsul francês em Porto Alegre, barão Lavaissiere, e da qual participaram membros da comunidade e os emissários Lakah e Marbam (Correio do Povo, 18 set. 1917). Anos mais tarde, em 1922, o novo vice-cônsul da França, Mangan de Belevue, conforme mencionado acima, reiterou a necessidade de organização da comunidade apoiando a criação da primeira Sociedade Síria.

<sup>248</sup> O Clube Sírio-Libanês teve como local de suas primeiras reuniões, conforme impresso na capa de seu Livro de Atas, a rua Voluntários da Pátria, n.455. Neste local, segundo os dados que pesquisamos, existia em 1930 uma tabacaria, sendo também a residência de Miguel Nacif. Numa ata de 1934, que acreditamos ter sido a primeira a ser formalizada pelo Clube, observamos que Abdalla Creidy, presidente da entidade, convocava uma Assembleia Geral Extraordinária para aprovar um empréstimo da diretoria para a aquisição de mobiliário e a autorização para o aluguel de um imóvel na Praça Parobé, n.62, onde iria ser instalada a futura sede da agremiação.

<sup>249</sup> A respeito das desavenças entre os sírio-libaneses, escreve Kemel (2000, p.40): “A emotividade quase passional, reconhecida pelos imigrantes e descendentes dos grupos sírio e libanês leva, facilmente, esses indivíduos a sentirem-se ofendidos uns com os outros, provocando por isso muitos rompimentos entre amigos e entre famílias, estendendo-se aos grupos como um todo.”

dissidentes da Sociedade Sírio-Libanesa e da Juventude Maronita (BECKER, 1958). Assim, em Porto Alegre, durante algum tempo passaram a funcionar dois clubes, um no Centro e mais antigo, fundado em 1922, o Clube Sírio (depois Clube Sírio-Libanês, em 1925, e mais tarde, Sociedade Sírio-Libanesa, em 1934<sup>250</sup>) e a Sociedade Libanesa, inaugurada no bairro de São João, em 1936<sup>251</sup>.

A Sociedade Libanesa desde o início contou com a união dos moradores do bairro de São João, de origem libanesa, mas também com presença síria; dos dissidentes das agremiações sociais da juventude libanesa; e também com o discreto apoio e colaboração do cônsul francês na capital<sup>252</sup>.

Nessa época, Porto Alegre experimentava um acelerado processo de expansão, iniciado ainda nos anos 1920, marcado, entre outras iniciativas, pela abertura e urbanização de áreas ao norte da cidade (FRANCO, 1988). Para além das regiões vizinhas ao Centro, como Floresta e Navegantes, o bairro de São João tornara-se alvo do Poder Público, que incentivava os loteamentos e a abertura de novas ruas, a construção de residências e a implantação de comércio e pequenas indústrias no local. Para lá afluíram muitos patrícios desejosos de fugir do insalubre Centro da cidade em busca de uma melhor qualidade de vida, mas também atraídos pela oportunidade de adquirir um lote próprio, acessível inclusive aos trabalhadores com rendas mais baixas.

Uma dessas pessoas foi o imigrante Antônio Mansur Chamun, pai de Cirne Chamun. O descendente de libaneses, hoje com 82 anos e ainda residente no bairro, no depoimento que concedeu para a elaboração do livro comemorativo aos 80 anos da Sociedade Libanesa, em 2006, lembra os nomes dos seus patrícios que vieram do Centro e de outros locais da cidade

---

<sup>250</sup> Conforme verificamos em nossa pesquisa, a primeira fase do Clube Sírio foi marcada por cisões e descontinuidades. A agremiação funcionou em locais diversos, começando pelas próprias casas dos patrícios, passando pela sede de outros clubes, como o Caxeiral, na rua da Praia, pelo prédio da importadora Karst, na rua Voluntários da Pátria, pela já citada Praça Parobé, n.62, entre outros locais no Centro de Porto Alegre, até chegar, em 1949, a sua sede definitiva na rua Riachuelo, n. 525, também no Centro da capital.

<sup>251</sup> Estiveram presentes ao ato de fundação da Sociedade Libanesa, entre outros patrícios, Albert Nehmé; Michel Khoury Ganen; Salomão Malcon; Kalil Buaes; Elias Mousalle; Jamil Aiquel; Gibran Bahlis; Yunes Jorge; Antônio Jorge Achutti; Adid Pedro Tauil; Ruth Madeira; João Rechden; José Nesralla; Said Francis; Antônio e Jorge Merode; Alberto Chehin Maia; Jorge Helou, Nemtala Chemale; Luiz Satt; Taufik Saadi; Simão, Jorge, Elias e Roços Kalil; Haguel e Elias Botomé; Jorge e Olmiro Chiká.; Brasil, José, Neme, João e Kersrouan Seadi; Allen, Amim, Calisto, Emílio, Oscar e Abílio Allen, Elias, Líbano, José e Pedro Buchabiqui; David, Jorge, Felipe, Mateus, Eduardo, Nicolau, Salin e José Cafruni; Júlio, Amim, Alberto e Tuffi André; Chehin, Fuad, Décio e Felipe Selaimen, Sady, Elias e Badiak Sffair (SCHILLING, 2007).

<sup>252</sup> A participação francesa acontecia pelo apoio do vice-cônsul, barão Magnan de Bellevue, mas também pela instituição, por ele, de agentes que eram lideranças na comunidade árabe e que intermediavam questões de cadastramento, identificação e representação diplomática dos sírios e libaneses no estado. De certa forma, as agremiações sírio-libanesas assumiram também a função de atuar como uma espécie de extensão da chancelaria francesa durante o período dos mandatos (1923-1943), ocasião em que alguns associados obtinham 50% de desconto nos serviços prestados pelo consulado (SCHILLING, 2007).



para o bairro de São João durante a década de 1930. Eram eles, entre outros, Adaime Adam, Allem, André, Assaf, Bittar, Buneder, Botomé, Buchabiqui, Buaia, Burgel, Cafruni, Chamun, Chemale, Chika, Creydi, Feres, Helou, Iunes, Kalil, Maluf, Merode, Mousalle, Saliba, Sarquis, Satt, Satte, Seadi, Selaimen, Sfair, Simão, Tauil e Temes. Muitos eram libaneses natos e formaram o maior grupo de libaneses da capital (SCHILLING, 2007).

No ato de fundação da Sociedade Libanesa, conforme se lê nas consignações feitas em ata<sup>253</sup>, “foram arrecadados 14 contos em doações” (dos 50 necessários à aquisição e reforma de uma sede social), todas realizadas por membros de sua diretoria (SCHILLING, 2007, p.37). A Sociedade passou por dificuldades nos seus primeiros 10 anos de existência; porém, a dedicação de sua comunidade e a vontade e esforço de seus dirigentes permitiram que continuasse existindo<sup>254</sup>.

De acordo com Schilling, (2007 p.46),

em outubro de 1937, foi criada uma comissão formada por Memtala Chemale e Miguel André, presidente da Sociedade Libanesa (...), com o objetivo de percorrer o estado para obter fundos que auxiliassem na obra da sede social, bem como exortar os libaneses a se inscreverem no consulado francês nos termos do Tratado entre a França e a Turquia.

Pelo que se percebe da passagem acima, houve muita vontade e espírito associativo nos anos iniciais da Sociedade, mas também apoio francês. Os antigos contam que se promoviam bailes, canastras de casais, jogos de bocha e havia interação com outros clubes, tudo no sentido de fazer funcionar o espírito associativo, colaborativo e de participação dos jovens. É importante pontuar ainda que, de acordo com os estatutos da Sociedade Libanesa, até 1943 apenas os libaneses e seus descendentes podiam ser votados. As mudanças promovidas em seu estatuto nessa época, tornando-o mais aberto a pessoas de todas as origens, foi significativa em termos de visibilidade e abertura do Clube a associados de dentro e de fora da comunidade<sup>255</sup>,

---

<sup>253</sup> Dizia o estatuto da Sociedade Libanesa de Porto Alegre: “Art.º 1º- A Sociedade Libanesa de Porto Alegre, simplesmente denominada Libanesa, fundada em 1º de Setembro de 1936, nesta cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, é uma entidade civil de direito privado, constituída por tempo indeterminado, por sócios de ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade ou credo político religioso, sendo a finalidade especialmente social, esportiva cultural e beneficente e sua atividade orientada pelos meios legais (SOCIEDADE LIBANESA DE PORTO ALEGRE, 1936).

<sup>254</sup> Segundo Schilling (2007 p.47), “a aquisição de uma sede própria na rua Ipyranga (atual D. Leopoldina), no bairro de São João, e a reforma feita no prédio foram assuntos que preocuparam a diretoria até o fim da década de 1940”. Em 1º de setembro de 1946, no aniversário de dez anos da Sociedade, o interventor do estado, Cilon Rosa, visitou a diretoria da agremiação e, em 5 de setembro do mesmo ano, as mulheres ligadas à diretoria fundaram a Sociedade Beneficente de Senhoras Monte Líbano (SCHILLING, 2007).

<sup>255</sup> Um exemplo dessa abertura pode ser ilustrado pela figura de Lauro Reis, cidadão brasileiro que presidiu a Sociedade entre 1965 e 1967 (SCHILLING, 2007).

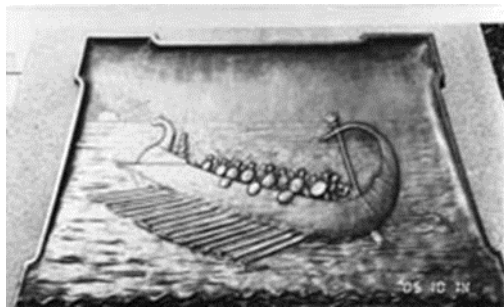
o que pode ter exercido papel relevante para que continuasse funcionando, isso num período em que os clubes étnicos passaram por sérias dificuldades e muitos fecharam as portas.

Já o Clube Sírio-Libanês (antigo Clube Sírio), que adotou tal nome em 1925, conforme verificamos junto ao acervo histórico da Sociedade Libanesa, foi formalizado através de um Livro de Atas, que, entre outras anotações, traz a data de fundação da entidade: 26 de abril de 1925; seu endereço: rua Voluntários da Pátria, n. 455; e ainda informações anotadas à mão com os nomes de aproximadamente 30 sócios, entre sírios, libaneses e brasileiros, além de alguns gregos e portugueses.

Na década de 1930, especialmente entre os anos de 1933 e 1935, observamos muita movimentação, especialmente quando esses imigrantes árabes assumiam posições conflitantes, ocasionando rupturas mais profundas em suas entidades associativas. Em 1934, substituindo o Clube Sírio-Libanês, foi criada em Porto Alegre a Sociedade Sírio-Libanesa, que, no ano seguinte, mandou erigir um obelisco no estilo *art déco* para oferecer ao estado gaúcho em homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha (SARAIVA, 2007).

Nas laterais do monumento pode-se ver dois desenhos. O primeiro representa um cavaleiro tendo ao fundo a árvore símbolo do Líbano, o cedro. A ilustração (foto 1), ao nosso ver, remete a um elemento atávico ancestral que pretende ligar o Oriente Médio ao pampa gaúcho. Outra referência na mesma imagem remete ao binômio homem-cavalo como um elemento indígena da terra gaúcha, uma vez que o ginete se encontra montado a pelo e está seminu. Por outra perspectiva, as imagens evocam a narrativa do imigrante libanês como um elemento forte e civilizador e que veio dos “Cedros ao Pampa” para moldar com o indígena, o mestiço gaúcho, a cultura do Rio Grande do Sul.

A segunda imagem mostra em alto-relevo uma paisagem com um barco de guerreiros navegando em direção ao sol poente. Esta figura (foto 2), ao nosso ver, remete a um barco fenício, embora se pareça mais com uma embarcação viking. Talvez o propósito tenha sido explorar a ideia, muito em voga na época, de que os fenícios, que navegavam em direção ao Ocidente, ou seja, às terras que seriam iluminadas por sua presença dominadora e forte, seriam os desbravadores e guerreiros de uma “raça superior” que teria vindo ao Brasil para somar. Na base do monumento, em cada lado, avistava-se a cabeça de um leão, completando a simbologia de poder (SARAIVA, 2007).



Fonte: Saraiva (2007).

A Sociedade Sírio-Libanesa se esvaziou pouco depois do evento de 1935 e, no ano seguinte, com a fundação da Sociedade Libanesa, perdeu ainda mais associados. Sobreviveu assim até algum momento antes do início da década de 1940 e, sem deixar qualquer registro, se apagou.

Foi nesse cenário, que começa no início da década de 1930, passando pelos processos de independência da Síria e do Líbano, até chegar ao fim da Segunda Grande Guerra e o estabelecimento do Estado de Israel na Palestina, que os imigrantes sírios e libaneses de Porto Alegre começaram a ganhar contornos identitários mais nítidos, estabelecendo sobretudo as questões ideológica e confessional como suas fronteiras mais rígidas, defendidas, em alguns casos, com passionalidade e virulência pelos membros mais exaltados da comunidade. Junto com as ações de seus líderes, esse tipo de atitude foi em grande parte responsável pelas fragmentações e reagrupamentos observados na história de suas sociabilidades.

A consequência disso foi o surgimento e a consolidação, na década de 1940, de pelo menos dois grandes grupos de imigrantes e descendentes de árabes em Porto Alegre. Só é possível visualizar mais nitidamente esses dois perfis, se levarmos em conta, além dos aspectos já citados nesta tese, os projetos de representação das lideranças étnicas das duas entidades, o que determinou, em alguma dimensão, as opções dos imigrantes por um dos dois grupos.

Assim, no período que se seguiu ao vácuo deixado pelo esvaziamento da Sociedade Sírio-Libanesa, os sírios do Centro da cidade se reuniram informalmente em torno dos Dabdab (Raphael e Elias), ao mesmo tempo que se observava uma grande mobilização da diretoria da Sociedade Libanesa no sentido de ocupar esse espaço e manter a sua entidade funcionando.

No caso dos sírios, a mobilização em torno dos Dabdab teve como resultado a refundação da Sociedade Síria, que passou a existir formalmente a partir de sua reorganização em 1949<sup>256</sup>. Conforme nos parece, isso só foi possível, aparentemente, graças ao aporte

---

<sup>256</sup> A ata de (re)fundação da Sociedade Síria do Rio Grande do Sul, de 15 de abril de 1949, foi assinada por Raphael e Elias Dabdab, Elias Moussale; Camillo Issa; Jorge Simon; Sadik Kanan; Alfredo Emílio Alem; Sady, Luiz e Antônio Nejar, Salomão Malcon, Eduardo Cafruni, Fozi Habab, Taufik Abujanra; Gabriel Miguel Fadel; George

financeiro de poderosos empresários sírios, após, portanto, da consolidação da independência da Síria (1946) e da instituição do Estado de Israel na Palestina (1948). Nessa nova fase do Clube, uma sede própria foi adquirida em luxuoso casarão localizado na rua Riachuelo, n.525. Porém, com o passar do tempo, novamente faltou regularidade à agremiação e, embora ela tenha marcado a vida social da cidade pelos bailes que promovia na década de 1950, a Sociedade Síria, que utilizava o estratégico nome de “União Sírio-Libanesa”, terminou seus dias de forma lúgubre, esquecida e abandonada por sua própria comunidade<sup>257</sup>. Sobre o fim da Sociedade Síria, assim nos disse Rafique João (2015, s.p.):

Não sei por que a Sociedade Síria acabou abandonada. Lembro que cheguei a frequentar no início da década de 1950, quando era rapaz. Eu e o José Nesralla íamos juntos às festas. Ele ia me chamar em casa. Depois, quando era na rua Riachuelo, também havia bailes, mas no fim era frequentado por um grupo pequeno de sírios, quase todos eles velhos, que passavam os dias a jogar, até à noite jogando cartas, acho que era buraco, e nos fins de semana não tinha mais festa. Só eles jogando (...).

A Sociedade Síria, pelo que se pôde observar, era formada majoritariamente por sírios e libaneses, assim como por seus descendentes residentes ou donos de comércio na área central da cidade. Eram quase todos de origem cristã ortodoxa, porém também havia muçulmanos entre eles. Estes últimos viam a possibilidade de união entre sírios e libaneses na Sociedade Síria como uma brecha ou oportunidade mais vantajosa para sua participação na comunidade, pois ali sua aceitação era melhor do que entre os libaneses (majoritariamente maronitas) do bairro de São João.

Por outro lado, a descontinuidade da Sociedade Síria, que seria incorporada<sup>258</sup> em 1996 à Sociedade Libanesa, pode ser atribuída ao desinteresse dos sócios, talvez por causa das modestas instalações que não permitiam a prática de esportes em piscinas ou quadras esportivas. Também eram poucos os serviços oferecidos pela Sociedade aos seus sócios, que

---

Mudava; Gossen Gazul; Alcides Saffi; Said Amim Buede; Abdo Jorge e Esperidião Jorge Curi; José e Abraão José Nesralla, Jamil e Angelito Aiquel, João Hiane, Jorge João Harb; Farid Beylonni, entre outros. Segundo informações da ata inaugural, a Sociedade Síria já contava com 135 sócios em seus quadros sociais no dia de sua reestruturação.

<sup>257</sup> Na ata da reunião da diretoria do Clube Sociedade Síria, de 17 de junho de 1976, o presidente Fozi Habab “expôs aos presentes que a Sociedade vem de longa data passando por um recesso de suas atividades devido ao escasso número de sócios, à idade da maioria e outros fatos demais conhecidos dos presentes”. Também disse que “a atual diretoria, eleita há mais de nove anos, com heroísmo vem mantendo e até aumentando o patrimônio do clube, que além da sede própria contava com 180 mil, 640 cruzeiros e 35 centavos disponíveis.

<sup>258</sup> Neste processo que incluiu conversas e negociações entre as diretorias dos dois clubes, iniciadas em 1960, e que se estenderia por 36 anos, “a palavra incorporação não era admitida por Elias Dabdab, presidente da Sociedade Síria, que preferia dizer ‘fusão’ ao invés”. (SCHILLING, 2007 p.80). O fim da Sociedade Síria em 1996 incluiu a entrega de sua valiosa sede da rua Riachuelo, além de seus 16 sócios remanescentes à Sociedade Libanesa. Em troca, aquela recebeu apenas uma placa fazendo menção à existência da Sociedade Síria e de sua diretoria, que foi pregada em uma das portas do salão nobre da Sociedade Libanesa. Esta última utilizou os recursos obtidos com a venda da antiga sede da Sociedade Síria para terminar a construção de sua nova e espaçosa sede no bairro Boa Vista, onde há estrutura para a prática de diversos esportes.

invariavelmente reclamavam da falta de mobilização e empenho por parte da diretoria. Embora não seja tarefa simples determinar as causas exatas do desaparecimento da Sociedade Síria, tal fato não deve ser atribuído à escassez de recursos nem tampouco à ausência de patrimônio, uma vez que os cofres da Sociedade sempre estiveram cheios e a agremiação possuía sede própria<sup>259</sup>. Talvez uma pista possa ser encontrada nas assentadas de reuniões da diretoria, conforme se lê abaixo:

O sócio Nicolau Ache Waquil propôs protelar a decisão [sobre reformar a sede do Clube na rua Riachuelo, ampliando seus espaços] para melhor oportunidade, ressaltando que a Sociedade precisa, antes de uma iniciativa deste gênero, reformar seus estatutos, no sentido de modernizá-los e torná-los mais adequados ao reerguimento da entidade, e ainda fez sentir a necessidade de se aumentar o quadro social. Submetida, a proposta foi aprovada por unanimidade, transformando-se a resolução em apelo para que a diretoria se empenhe na reforma dos estatutos bem como na abertura para aquisição de novos sócios, principalmente jovens vinculados aos elementos do atual quadro social existente. Assina a ata o secretário Luiz Waldyr Nejar (SOCIEDADE SÍRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 1976).

Em Porto Alegre, como vimos, foi impossível conciliar os interesses de compartilhamento de sociabilidades entre imigrantes e descendentes de libaneses e de sírios, embora tratativas neste sentido tenham sido recuperadas pela memória da comunidade, como se observa nos trechos a seguir. Elias Dabdab (2015, s.p.), que nos concedeu entrevista, lembrou que em setembro de 1946 “meu pai, Raphael Dabdab, fui procurado por Elias Botomé<sup>260</sup> e Yunes Jorge que vieram até nossa loja propondo um acordo entre a Sociedade Libanesa e parte dos libaneses que não eram associados para com isso apaziguar a colônia”.

Outra iniciativa neste sentido foi relatada por José Japur, que foi diretor da Sociedade Libanesa entre os anos de 1974 e 1975. Segundo a entrevista que concedeu a Schilling (2007 p.99), ele confirmou que “havia uma divergência muito grande, e nós [os libaneses] queríamos fazer uma união com a Sociedade Síria” para acabar com as brigas, mas também, “com a rivalidade, com o orgulho existente”. Prossegue Japur:

Então eu propugnava pela união, fazia uma filosofia a respeito dessa matéria da união dos povos, da união nossa. Nós não temos nada que ficar alimentando ideias antigas,

<sup>259</sup> Observamos que a cada reunião de diretoria da segunda fase da Sociedade Síria (1949-1996) havia um pedido de auxílio por parte da União Beneficente Senhoras Monte Líbano, mantenedora da Casa de Amparo à Velhice, entidade ligada à Sociedade Libanesa. Não observamos nenhum caso em que esses pedidos fossem negados, sendo as solicitações pagas depois de aprovadas pela maioria dos membros da diretoria.

<sup>260</sup> Elias Botomé foi diretor e presidente da Sociedade Libanesa entre 1950 e 1959. “Elias era proprietário da joalheria Cruzeiro e foi apontado como um dos comerciantes mais ricos do Clube, responsável por doar e angariar recursos para a instituição entre seus clientes”. (SCHILLING, 2007 p.61). Bastante conhecido no clube durante a década de 1960, Botomé costumava pagar cafés e lanches para seus amigos e sempre dizia, num misto de aviso e brincadeira: “Não enfrentem o capital!”. É provável que seja o mesmo que, segundo nossa investigação, esteve preso por dois anos, ainda jovem, em Cachoeira do Sul, depois de ter sido condenado em processo de falência de 1923. (APERS, 1923).

de rivalidades, que a Síria quer tragar o Líbano. (...) Em outros estados do Brasil sírios e libaneses mantêm a união, mas aqui [no Rio Grande do Sul] não havia<sup>261</sup>.

Outro fator importante para entender o que ocorreu em Porto Alegre entre as décadas de 1930 e as seguintes, em referência às relações entre sírios e libaneses, foi o papel decisivo das lideranças étnicas libanesas e sírias, que, articulando-se em relação a fatores de ordem econômica, ideológica e confessional, acabaram por moldar uma geografia das etnias com suas respectivas fronteiras, ou seja, entre o que é culturalmente sírio-libanês e árabe de um lado, e de outro, o que é culturalmente libanês maronita. De acordo com Regina Weber (2014), a presença de “líderes” no seio de comunidades étnicas é mais comum do que se costuma imaginar. Os líderes fundam associações e jornais, redigem textos, fazem discursos, buscam convencer os membros do grupo a aderir a determinadas ideias e a participar de entidades e eventos.

Um intelectual étnico que, ao nosso ver, combinou os encargos da representação e ações de liderança com a sua própria agenda pessoal neste contexto foi, inquestionavelmente, Abdalla Adalberto Creidy. Nascido no início do século XX em Porto Alegre, seu pai era imigrante libanês, um pequeno comerciante (açougueiro) residente no bairro de São João, e a mãe, de origem síria vinda de Ijuí, no interior do estado.

Em 1937, Abdalla Creidy defendeu a tese de bacharel<sup>262</sup> em administração e finanças na Escola de Comércio da Capital. Creidy foi responsável pela elaboração da maior parte dos textos que definiam o Líbano e os libaneses no Rio Grande do Sul (1958) e elaborou teorias sobre a sutil diferença, que ele fazia questão de reforçar, entre libanês e árabe no âmbito do estado sulino. Tendo estado presente à fundação das primeiras associações étnicas dos árabes da cidade (1925, 1929, 1934 e 1936), Creidy foi se articulando e se reposicionando a cada mudança que essas associações promoviam.

Durante os anos da Segunda Grande Guerra, a comunidade sírio-libanesa porto-alegrense ainda permanecia dividida. Essa situação se estenderia até mesmo depois de encerrado o conflito, até que alguns acontecimentos ocorridos no Oriente Médio<sup>263</sup>, divulgados

---

<sup>261</sup> Investigando as atas das reuniões da diretoria da Sociedade Síria do Rio Grande do Sul, encontramos uma de 17 de julho de 1969, onde se lê: “Tivemos o prazer de receber a visita dos seguintes senhores: Lenine Nequete e José Jappur, que estão interessados na instalação do Instituto Cultural Árabe Brasileiro, o que muito nos honrou pela grandeza do empreendimento, ou seja, pela união de todos os árabes e de seus descendentes e também pela participação de todos os simpatizantes pelos assuntos árabes”. O documento ainda menciona um “Livro de Ouro” do Instituto, que teve seu prefácio escrito por Monoelito Ornellas.

<sup>262</sup> Com o sugestivo título *Aspectos econômicos da função consular* (CORAZZA, 2009).

<sup>263</sup> A Guerra de Independência (1948-1949) contrapôs o Exército israelense ao da Liga Árabe, este composto por efetivos de cinco países: Egito, Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia (atual Jordânia), e ao Exército de Libertação Árabe, formado por árabes da própria Palestina. Sua causa imediata esteve ligada à não aceitação por parte dos

pouco a pouco pela mídia da época em matérias de jornal e chamadas radiofônicas, iriam dar outro rumo às relações entre sírios e libaneses na capital.

Estamos nos referindo aqui aos sangrentos combates envolvendo árabes e judeus na Palestina que culminaram, em maio de 1948, com a eclosão de uma guerra entre os dois povos na Terra Santa. Os acontecimentos que se desenvolviam no Oriente Médio novamente projetaram reflexos na comunidade sírio-libanesa da capital, colocando em confronto alguns árabes e judeus de Porto Alegre.

O conflito ocasionou uma momentânea união da comunidade sírio-libanesa da cidade em torno dos árabes na disputa com Israel por uma parte da Palestina. Foi nesse momento que surgiu nos jornais da capital a figura de Abdalla Creidy como legítimo representante da comunidade árabe, interpelado pela imprensa diante da crise de maio de 1948. A seguinte passagem, retirada de Bartel (2006, p.117), dá uma boa ideia da projeção que a figura de Creidy começou a tomar:

Conforme estava anunciado, realizou-se neste domingo último uma importante reunião da qual participaram elementos da colônia Sírio-Libanesa aqui radicada, tendo sido amplamente [debatido] o caso da Palestina e de seus reflexos no Brasil, e particularmente em Porto Alegre. Finda a reunião, que se prolongou pela tarde, ficou deliberada a organização de uma comissão diretiva que tratará do assunto, devendo ela, conforme ficou assentado, falar em nome dos árabes e seus descendentes, residentes nessa capital, quando assim for preciso. Tomou parte ativa nos trabalhos de domingo último, havendo sido designado para presidi-los, o Dr. A. Creidy, conhecido comerciante e industrial, figura de projeção na colônia Sírio-Libanesa porto-alegrense.

A crise com Israel de maio de 1948 mostrou-nos uma faceta diferente do Dr. Creidy. Ele, ainda que descendente de libaneses e de sírios, e na época muito engajado em representar os interesses dos libaneses no Rio Grande do Sul<sup>264</sup>, aproveitou a ocasião para, de forma sutil, sair em defesa de todos os árabes quando estes, segundo dizia, foram atacados de forma indiscriminada pelos judeus de Porto Alegre e de todo o mundo, os quais naquele momento já saíam vigorosamente em defesa de um “lar” para seus conterrâneos no Oriente Médio.

O conflito refletia-se também nos meios de comunicação através de bravatas e injúrias proferidas por ambos os lados da disputa. Ao ser procurado pela mídia para falar em nome dos árabes, Creidy aproveitou-se do momento para enviar um recado de forma sutil, não só aos judeus, mas a todos que acompanhavam os acontecimentos na Palestina, qual seja: a existência

---

árabes do plano de partilha da Palestina aprovado na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1947 (BARTEL, 2006).

<sup>264</sup> Seu objetivo era tornar-se Consul-honorário da República Libanesa no Rio Grande do Sul, e para isso recolhia, na capital e no interior, assinaturas e recomendações de seus patrícios.

de diferenças, ainda que falassem a mesma língua, entre árabes e libaneses. Bartel (2006, p.117) reproduziu o teor de uma desses pronunciamentos:

Em entrevista à imprensa, o economista de origem libanesa, Abdalla Adalberto Creidy, 'representante dos árabes', afirmava 'possuir muitos amigos entre os judeus residentes em Porto Alegre, apreciando-os'; porém não concordava 'com certos israelitas fanáticos, que queriam tratar o caso da Palestina insultando com palavras de baixo calão os inimigos'. Creidy ainda referiu que: 'Na falta de palestinos aqui, os descendentes de qualquer dos Estados árabes têm o dever de colaborar para essa informação, para que o conceito de distintos nacionais possa ser explanado com justiça e para que unidos estejamos, e atentos, para revidar os insultos que nos sejam assacados'.

Mas nem tudo foi harmônico como parecia fazer crer as tentativas de conciliar os interesses dos libaneses com os de outros árabes levadas a cabo por Abdalla Creidy. As relações que estabeleceu com seu grupo de origem servem para ilustrar o quão complexa é a figura de um líder intelectual étnico. Este deve ser pessoa dotada de atributos próprios ao exercício deste tipo de liderança<sup>265</sup>. Em seu mister, o conjunto de exigências e demandas se configuram assuntos urgentes e controversos, o que exige rápida tomada de decisões, uma vez que, dependendo da conjuntura, as contradições e atitudes, sem o devido cuidado, podem gerar situações bastante complicadas. Em última análise, o que podemos supor ao avaliar a trajetória e o patrimônio que acumulou é que o que ele pretendia na verdade era harmonizar sua vida empresarial com a de representante de uma comunidade inteira.

Nesse sentido, observamos que em algumas ocasiões houve oposição ao comendador Abdalla dentro da comunidade libanesa de Porto Alegre. Supomos, com razoável grau de certeza, que fatores como a demissão dos irmãos Chemale, representantes da ala jovem maronita, da Sociedade Sírio-Libanesa em 1933, somada ao fator geográfico que polarizava grupos de sírio-libaneses em duas diferentes regiões da cidade, e ainda outros aspectos de ordem estritamente comercial<sup>266</sup>, nos quais Creidy e outros patrícios estavam inseridos, podem ter contribuído para a formação de uma dissidência irretratável que criou a Sociedade Libanesa em 1936, entidade da qual Abdalla Creidy ficaria de fora até 1950.

---

<sup>265</sup> Interpretando Bourdieu (1987, p.23) em sua teoria da ação, "um intelectual é aquele capaz de produzir conhecimento simbólico criando posições na estrutura do campo intelectual". Segundo o autor, "sua obra deve estar inserida em relações sociais assumindo posição no campo de força". Ele é dotado de legitimidade e em seu histórico "há atributos de agente que assume posição objetiva no campo relacionado ao capital e ao mercado, o que produz efeitos no campo intelectual".

<sup>266</sup> Nos referimos aqui ao protesto e cobrança feitos contra Felipe Selaimen por ordem da Creidy&Cia. em 1931 (APERS, 1931), e ao início da execução judicial do processo em 1936 (APERS, 1936). A família Selaimen foi pioneira no bairro de São João e, por serem proprietários de muitos terrenos e também fundadores da Sociedade Libanesa, gozam ainda hoje de muito prestígio junto à comunidade libanesa da região.



Schilling (2007, p.56-57) lembra que, em 1947, Abdalla Creidy e Jorge Buchabiqui, que não eram sócios da Sociedade Libanesa, faziam restrições a sua diretoria<sup>267</sup>. O presidente da Sociedade na época, Kersrouan Seadi (1946-1948), a fim de evitar maiores polêmicas, e “agindo em prol da sociedade”, colocou seu cargo à disposição, mas a diretoria da Libanesa, reunida em Assembleia Geral em julho de 1947, decidiu “não aceitar nenhum tipo de pressão de pessoas que fossem estranhas à Sociedade”. Além disso, decidiram, na mesma ocasião, “lavrando um ato em louvor aos esforçados membros da diretoria que não mediam esforços para harmonizar os interesses da comunidade libanesa”.

Ainda segundo Schilling, que escreveu o livro oficial da entidade (2007), no ano de 1948, por iniciativa da Sociedade Libanesa, foi redigida uma correspondência para ser entregue à embaixada do Líbano no Rio de Janeiro, com um pedido de nomeação de um cônsul para o estado do Rio Grande do Sul. O pedido, aparentemente sem indicação de qualquer nome, se justificava, segundo a entidade, devido ao número de libaneses no extremo sul. Aconteceu, porém, que o ministro, no Líbano, acusou o recebimento de duas cartas oriundas da colônia libanesa do Rio Grande do Sul, ambas com assinaturas de membros da comunidade. Uma delas, no entanto, vinha com a indicação de um nome para o cargo de cônsul, justamente o de Abdalla Creidy. Diante disso, o ministro libanês pediu ao cônsul do país no Rio de Janeiro que se pronunciasse. Este, por sua vez, indicou um patricio para intervir e esclarecer a situação. De posse de uma correspondência do ministro, este último assim se apresentou em Porto Alegre:

Meu nome é David Saadi e sou portador de credenciais nesta missiva que também esclarece que o Sr. Ministro está autorizado a nomear um cônsul para Porto Alegre, mas não o fez ainda por notar certas divergências que aqui reinam no seio da coletividade libanesa, e é por isso que estou credenciado para tentar pôr um fim a tais desentendimentos, dando assim ensejo para a rápida nomeação do desejado cônsul. Peço com isso o auxílio da Sociedade Libanesa (SCHILLING, 2007 p.58).

Em sessão extraordinária, o presidente da Sociedade Libanesa, reunido com sua diretoria em outubro de 1948, colocou um fim às divergências dizendo, em nome da coletividade, “agir como o povo libanês amante da paz”. (SCHILLING 2007 p.59). Finalmente, em agosto de 1949, foi promulgado um decreto nomeando Abdalla Creidy, cônsul honorário do Líbano em Porto Alegre. Diante dessa realidade, no início de 1950, o cônsul do Líbano, em Porto Alegre adquiriu também o direito de ser considerado presidente honorífico da Sociedade Libanesa, cargo que ocuparia até sua morte, em 1966 (SCHILLING, 2007).

---

<sup>267</sup> “Eles e mais alguns outros dissidentes da colônia queriam fazer parte da sociedade, desde de que houvesse a renúncia da diretoria e uma nova eleição fosse realizada, pois acreditavam que o último pleito não teria sido legal, fato contestado pela diretoria”. (SCHILLING, 2007, p.56).

A diferença fundamental entre as sociedades Síria e Libanesa não pode ser dimensionada apenas pela mobilização de suas lideranças, pois grande parte delas, ao que nos parece, se ocupava mais dos aspectos externos das agremiações, ou em representá-las nas plataformas transnacionais às quais estavam ligadas, do que com as sociabilidades e o dia a dia de seus associados. Ademais, foi a participação do grupo e a identidade deste com a própria comunidade que alavancou a audiência e o apoio aos clubes que descrevemos, o que, como vimos, em última análise, foi o que os manteve abertos ou não.

## 8. CONCLUSÃO

Reunir em um trabalho acadêmico dados, fatos e trajetórias sobre a imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul não foi tarefa simples, tampouco fácil. Em parte, porque a imigração árabe no estado entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX foi um fenômeno relativamente pouco estudado entre os pesquisadores gaúchos. Nesse sentido, configurou-se de extrema importância para nossa investigação não só a leitura e análise da literatura existente sobre o tema, mas principalmente a realização de entrevistas com descendentes de imigrantes e a pesquisa em fontes primárias, muitas delas inéditas, nos arquivos e instituições públicas e privadas gaúchos e no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. A adoção dessa estratégia acabou por fim revelando-se fundamental para que pudéssemos suprir ao menos parcialmente a carência de informações – barreira que inicialmente nos parecia praticamente intransponível – sobre a imigração árabe no extremo sul do Brasil.

Historicamente, a maior parte da literatura existente sobre o fenômeno migratório no Rio Grande do Sul concentrou-se no estudo da contribuição dos diferentes grupos de imigrantes europeus, notadamente portugueses, alemães, espanhóis e italianos. Devido às características que essa imigração assumiu, e também por força de uma importante herança cultural rio-grandense, a inserção desses grupos no campo e em projetos de colonização rural preenche grande parte dessa produção. Nas pesquisas que têm o meio urbano como objeto, em geral os enfoques adotados orientam-se pela análise das relações de trabalho predominantes no ramo fabril ou da atuação desses imigrantes no movimento operário. Seyferth (1990) destaca a importância desse tipo de estudo lembrando que a concentração de imigrantes em áreas urbanas deu feições características a cidades como São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, além de ter contribuído significativamente para a dinamização e desenvolvimento da vida cultural no país.

Sem desconsiderar a relevância dessa bibliografia, ela, entretanto, pouco tem a oferecer a quem pretende se dedicar ao estudo da imigração sírio-libanesa, esta um fenômeno predominantemente urbano e concentrado, num primeiro momento, no comércio de mercadorias e, mais tarde, também em profissões de natureza liberal, revelando pouquíssima incidência de ocupações na indústria fabril<sup>268</sup>.

O conjunto de informações que reunimos nesta tese com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a história da imigração sírio-libanesa no Rio Grande Sul nem de longe esgota o fenômeno estudando. De todo modo, esperamos que nossa contribuição ajude a preparar caminho para outros pesquisadores e que, a partir das referências que reunimos, eles possam

---

<sup>268</sup> A exceção mais evidente fica por conta de pequenas confecções de roupas, sendo a maior delas a do imigrante libanês Kalil Sehbe, em Caxias do Sul.

dar continuidade à pesquisa, ampliando os conhecimentos sobre um tema tão pouco estudado entre nós.

Em termos de investigação, ainda resta por verificar dentro do mesmo fenômeno migratório a presença levantina em regiões nas quais nossa pesquisa mal conseguiu encontrar representantes, como na fronteira oeste do estado. Isso se torna importante na medida em que permitirá configurar um quadro mais completo da imigração árabe no interior das fronteiras gaúchas. Da mesma forma, se faz importante observar essa imigração em um contexto regional e transnacional que inclua as províncias vizinhas do Rio Grande do Sul no interior da Argentina e do Uruguai. Outra dimensão que merece um maior aprofundamento é a questão da mulher árabe, principalmente por sua importância e protagonismo no fenômeno migratório.

Ficou claro para nós que, para que se possa conhecer o quadro geral da presença sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, vislumbrando seus locais de inserção e verificando como assimilaram novos papéis nesses locais, se faz necessário que outros pesquisadores conheçam a formação de seus municípios e publiquem seus trabalhos, indicando as motivações e a importância dos diversos sujeitos em torno da formação dessas comunidades. Só através de uma pesquisa sistemática e integrada, que se tornará possível conhecer mais da história desses imigrantes árabes, suas interações com os outros imigrantes, suas opções de trabalho e suas estratégias de assimilação à nova cultura.

Como assinala Jardim (2006, p.3), trata-se de uma imigração que pode ser nomeada de particular. Segundo a autora, nos diversos momentos que chegaram “não havia intermediação de políticas migratórias e nem registros confiáveis da tramitação de visto de permanência no Brasil.” Jardim lembra da dificuldade de se classificar ou contar esses imigrantes, uma vez que “é sempre difícil confiar que uma autodenominação produza em diversos contextos e com história tão peculiar quanto os jogos identitários se traduzam fielmente em números.”

Para localizar os imigrantes sírio-libaneses no Rio Grande do Sul é importante que tenhamos em mente que, muitos deles, são portadores de uma peculiaridade que os fazem ímpares em seus municípios. Por carecerem de uma lealdade nacionalista mais enraizada, alguns desses imigrantes se apegaram fortemente ao distrito em que se fixaram, local onde puderam desfrutar de um senso comunitário no sentido da construção coletiva de algo novo.

De modo geral, podemos dizer que a adaptação e a coesão de um grupo étnico, como o dos sírios e libaneses, cuja subsistência depende do comércio, não poderiam ter deixado de ser impactadas de modo diverso nos três cenários distintos em que esses imigrantes se inseriram: fronteira, colônia e cidade. Nesta última, como dito, eles foram mais numerosos e lograram conservar por mais tempo sua identidade, tanto individual como de grupo, ocuparam posições

no comércio atuando em bloco, dentro de nichos de comercialização de mercadorias específicas de acordo com seus interesses, e eram ligados a lideranças intelectuais de suas comunidades étnicas.

Outra constatação alcançada por nossa pesquisa foi a percepção de que no início de seu movimento migratório a mobilidade árabe no Rio Grande do Sul foi particularmente intensa. Era bastante comum a presença e o deslocamento de mascates e comerciantes pela fronteira seca com o Uruguai, no interior do estado ou pelos arrabaldes das grandes cidades. Em menor número, era possível vê-los também acompanhando as colônias no centro e na metade norte do estado, onde normalmente se estabeleciam com pequenos entrepostos para atender aos imigrantes europeus. Concluímos que, no início do século XX, Passo Fundo, assim como Caxias do Sul, Garibaldi e Ijuí, muitas outras cidades de origem colonial, possuíam famílias sírio-libanesas radicadas, muitas mantendo laços de parentesco entre si desde a origem, e no Brasil, pelo menos na primeira geração. Na medida em que foram crescendo materialmente, também foram se espalhando pela região e se inserindo nas sociedades locais, sendo assimiladas ao extrato social correspondente à região à qual foram se incluindo. Como mascates ou pequenos comerciantes eles foram seduzidos a permanecer no país no início do século XX, usaram o lucro obtido em suas atividades para ampliar seus negócios e, já estabelecidos, participaram da emergente sociedade gaúcha.

De todo modo, a inserção e assimilação dos sírios em um ambiente dominado por comerciantes de outras etnias, principalmente alemã, certamente representou para eles um enorme desafio, pois, como sabemos, a maioria chegou sem muito estudo ou capital. Mesmo assim, alguns empreendimentos comerciais por eles fincados no início do século XX ainda persistem na paisagem do Centro de Porto Alegre, a exemplo das Lojas Raphael Dabdab e a Antiga Casa X, ambas até hoje administradas pelas famílias de seus fundadores.

Foi graças à atividade mercantil, não obstante as crises e situações adversas que enfrentaram, como os processos de falência que investigamos nos arquivos, que muitos imigrantes sírios e libaneses conseguiram educar seus filhos nas melhores escolas da capital. Tal fato criou as condições adequadas para que a geração subsequente à dos pioneiros da imigração se enraizasse mais profundamente no seio da sociedade gaúcha. Assim, a geração posterior às primeiras levas de imigrantes, que já nasceu brasileira, teve oportunidade de se ocupar em outras atividades que não as do comércio, dedicando-se principalmente às profissões liberais e chegando, em alguns casos, à representação política em todos os níveis da organização institucional da República.

Apesar de voltados para outros grupos imigrantes, alguns poucos trabalhos como os de Núncia Constantino (2008) e Regina Weber (2008; 2010b) sugerem uma abordagem que guarda uma relação mais próxima como os nossos objetivos nesta tese. Tal como o observado no caso da imigração sírio-libanesa, Constantino, Weber e outros autores dedicaram suas pesquisas ao estudo de grupos de inserção urbana, autônomos (não-assalariados), muitos não-subsidiados pela política imigratória oficial ou por outra iniciativa particular e que chegaram ao país por conta própria e de forma espontânea. Constantino, na análise que faz sobre os moroneses (imigrantes de Morano, na Calábria), traça como fio condutor de sua abordagem as questões ligadas à ascensão social e aos caminhos que permitiram a construção de uma identidade ítalo-brasileira em Porto Alegre.

Quanto a Regina Weber, ela é autora de artigos originais dedicados aos imigrantes alemães, poloneses e espanhóis no Rio Grande do Sul. Num desses artigos, a autora trata especificamente de um grupo originário da Galícia. Muitos desses imigrantes eram agricultores na terra de origem, mas quando emigraram preferiram investir em oportunidades disponíveis nos centros urbanos. Weber (2010b) narra a história desses indivíduos de origem ibérica e descreve suas estratégias de mobilidade econômica e social ascendentes nas dinâmicas migratórias<sup>269</sup>.

Certamente, em nosso trabalho, alguns desses aspectos, além de outros, estiveram presentes, mas eles não formam o eixo central de nossa narrativa. Aqui a finalidade também foi a de investigar a inserção e assimilação desses imigrantes no Rio Grande do Sul, mas primordialmente, e pela primeira vez, levar a cabo uma pesquisa sistemática que procurou mapear a presença desses primeiros imigrantes árabes no estado, unificando neste trabalho quase tudo o que foi dito e o que se sabia de forma esparsa sobre a imigração dos sírios e libaneses na região. Adicionalmente, buscamos perceber de que forma eles procuraram preservar suas identidades – libanesa ou síria – em solo gaúcho. Nesse sentido, ao longo de nossa pesquisa, tornou-se evidente que a via do comércio e mais tarde a da educação – opção disponível em proporção muito maior para os filhos homens – foram fundamentais para tais

---

<sup>269</sup> Presentes em Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, Erechim e Passo Fundo, os imigrantes judeus também podem ser enquadrados em perspectiva similar a essa. Eles foram estudados por diversos autores que se ocuparam em examinar seus modos de inserção e integração à sociedade gaúcha, assim como as estratégias que adotaram visando a preservação das tradições e da memória de suas comunidades no estado. Um desses autores é Moacyr Scliar, autor de *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul* (1990). Na verdade, todas essas narrativas têm praticamente o mesmo roteiro. Discute-se os fatores de expulsão e de atração que motivaram a decisão de emigrar, a chegada e as dificuldades de adaptação na nova terra, e de como esses imigrantes foram auxiliados por suas comunidades em seus processos de adaptação à sociedade receptora.

propósitos. Esse caminho nos levou a conhecer a trajetória de alguns de seus líderes, responsáveis pela elaboração e administração da memória desses grupos no estado sulino.

Assim, também foi importante conhecer a história recente do Oriente Médio, envolvido que estava em questões transnacionais no sentido de perceber o impacto direto que exerceu na fragmentação das identidades síria, libanesa e árabe no sul do Brasil, cuja realidade é diferente, em termos étnicos, mas também social e econômico da maior parte do país.

Verificamos, entretanto, que ocorreu no Rio Grande do Sul, ainda no período de inserção desses imigrantes árabes, um incipiente processo de diferenciação entre sírios e libaneses. Alguns árabes apostaram na distinção entre eles e outros imigrantes de fala e cultura árabe de forma muito semelhante ao que estava acontecendo no Líbano, quando, patrocinado pela França, no período que se seguiu ao fim da Primeira Guerra Mundial, o Líbano cristão foi separado da Síria muçulmana, ambas sob Mandato Francês, para se fazer do primeiro um confiável aliado do Ocidente. Muitos libaneses, então, procuraram se diferenciar dos sírios e de outros povos árabes, ora evocando suas raízes fenícias, ora vinculando suas identidades a instituições pré-islâmicas como a Igreja Maronita libanesa.

Observamos assim um processo histórico de “libanização” da figura do imigrante de cultura e língua árabe no Rio Grande do Sul. Isso pode ser explicado pela imagem que os libaneses elaboraram de si mesmos como imigrantes cristãos, brancos<sup>270</sup>, empreendedores e respeitáveis comerciantes, características que não foram idealizadas pelas elites nacionais do século XIX para imigrantes não europeus, mas que foram pensados e elaborados por eles. Em terras gaúchas, os libaneses foram capazes de incorporar o estereótipo do “bom-imigrante” gerador de impostos e renda através do seu trabalho, identificado com os valores ocidentais e com lugar reservado entre os “construtores da nacionalidade”.

No Rio Grande do Sul, os que se identificavam como sírios se “libanizaram”, aceitando, depois de algum embate, a estratégia que se mostrou exitosa em termos identitários e de assimilação dos imigrantes árabes à cultura local. Além disso, ser de origem libanesa, no Rio Grande do Sul, significou para muitos escapar do estigma de “turco”.

Por outro viés, analisando os caminhos que esses imigrantes trilharam em solo gaúcho, percebemos o quanto o fenômeno migratório sírio em terras riograndenses mudou desde a chegada dos primeiros imigrantes no final do século XIX, até a estabilização do processo em

---

<sup>270</sup> De acordo com Lesser (2001), esses imigrantes provenientes do Oriente Médio desafiaram a concepção simplista de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade. Todos os 4.55 milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre 1872 e 1949, trouxeram consigo uma cultura pré-imigratória e criaram novas identidades étnicas, entretanto, foram os 400 mil asiáticos árabes e judeus, considerados não brancos, não pretos, que puseram em xeque as ideias das elites sobre a identidade nacional.

meados do século seguinte. Foi possível notar, por exemplo, as mudanças no perfil dessa imigração, que, a princípio caracterizava-se pela presença majoritária de jovens solteiros, passou com o tempo a ser constituída por famílias inteiras de homens, mulheres, crianças e idosos chegando à terra da imigração. Isso deixa evidente um exitoso processo de inserção econômica e de integração social desses estrangeiros no sul do país. Acompanhando essa trajetória, também o perfil profissional dos imigrantes foi se alterando de acordo com as demandas do meio hospedeiro. Inicialmente no comércio por conta própria, depois pequenos comerciantes, mas também empregados majoritariamente no ramo do comércio, ao findar a primeira metade do século XX já se podia ver árabes empregados como técnicos, artesãos, médicos, advogados e em outras profissões liberais exigidas por uma sociedade gaúcha que se tornava mais complexa e sobretudo mais urbanizada<sup>271</sup>.

Um outro aspecto da imigração sírio e libanesa que chamou nossa atenção no decorrer da pesquisa foi a importância da família para os imigrantes sírios e libaneses. Desde a terra da origem, o apoio da família árabe revelou-se fundamental para o êxito da empreitada imigratória. Quando chegaram ao Brasil, essas pessoas continuaram contando com o apoio de seus parentes mais próximos ou do grupo de conterrâneos formado por primos, amigos e vizinhos. Essa rede – fadada ao desaparecimento na terceira geração – constituía o que se convencionou chamar de a “grande família”, uma comunidade atuante no âmbito das relações pessoais e no trabalho e que atualmente foi ressignificada pelos clubes étnicos principalmente em Porto Alegre.

No seio da família árabe, como vimos que a mulher desempenhava função essencial para a preservação e transmissão da cultura do grupo. Incumbida da educação e cuidado com os filhos e circunscrita aos afazeres domésticos, era ela a responsável por perpetuar a visão de mundo da família e propagá-la às gerações seguintes (CAMPOS e LUNARDELO, 2003). Embora algumas trajetórias fugissem a essa regra, ao menos parcialmente, na grande maioria dos casos, à mulher ficava reservado o papel de esposa e de mãe na divisão de tarefas observada nos lares das famílias de fala e cultura árabe.

De forma geral, as mulheres árabes não estudavam além do ciclo básico da educação formal e as poucas que conseguiam passar disso não chegavam a exercer uma carreira que lhes conferisse prestígio econômico ou social. O que mais chama a atenção, porém, foi a energia

---

<sup>271</sup> Embora em escala menor, não se pode menosprezar a presença de intelectuais entre os sírios e principalmente libaneses que também chegaram desde as primeiras levas de imigrantes. Alguns eram médicos, escritores e jornalistas e foram responsáveis por escrever poemas e divulgar suas posições políticas em livros e colunas de jornais voltados para a comunidade árabe no Brasil.



com que elas atuaram no âmbito da casa, no comércio do marido e a maneira como conseguiram resguardar e reproduzir a cultura dos pais, traduzindo seus valores para o contexto brasileiro.

O maior exemplo disso manifestou-se na culinária. A mulher imigrante e descendente foi a grande responsável pela difusão da cozinha árabe, que, sem dúvida, caiu no gosto popular do brasileiro. Como as comidas são associadas a povos em particular, e muitas delas consideradas inequivocamente nacionais (MINTZ, 2001), aqui, de novo, estamos lidando com a questão da identidade. A presença de mulheres dedicadas a costura, seja por conta própria ou na profissão de modista, conforme vimos na pesquisa, também reforça a capacidade de ação e autonomia dessa mulher árabe.

A discussão de gênero nos remeteu quase que naturalmente à avaliação do processo histórico que caracterizou as escolhas matrimoniais dos descendentes dos primeiros imigrantes árabes. Assim, foi fácil concluir que o “sangue árabe”, tal como o português ou o espanhol, sofreu um rápido processo de diluição na hibridez representada pelo cadinho étnico brasileiro contemporâneo. Isso se deveu, de fato, à integração completa desses imigrantes urbanos à cultura nacional, mas também à ausência de imposições expressas de uniões endogâmicas (quando os imigrantes mais antigos esperam que seus filhos casem dentro da própria comunidade) e de novos núcleos coloniais depois do esgotamento do modelo migratório na década de 1930.

Isso não quer dizer, contudo, que iniciativas de preservação do modo de vida árabe e de sua memória não tenham existido. Neste sentido, os clubes étnicos sírio-libaneses tiveram importância fundamental para manter esses imigrantes unidos na geração que se seguiu à dos pioneiros, fortalecendo seus costumes, identidade e fronteiras étnicas. Mais recentemente, ações na mesma direção, no Brasil, parecem estar ligadas à crescente “busca” por parte de muitos descendentes, não só de árabes, mas de diversos grupos étnicos, de suas origens estrangeiras, fenômeno que pode ser observado, por exemplo, na promoção e frequência de encontros de família, no interesse pelos estudos genealógicos, na motivação que muitos demonstram em “revisitar” suas origens através da participação em clubes e igrejas étnicas, entre outras atividades<sup>272</sup>.

Em solo gaúcho, aparentemente, a predominância da imigração libanesa é uma realidade, principalmente se levarmos em conta o discurso dos descendentes que se dizem libaneses em oposição aos que se autodenominam sírios. Alguns autores, como Morales (2004) e Kemel (2000), de fato mencionam a superioridade libanesa em relação aos sírios no

---

<sup>272</sup> Escrever uma tese de doutorado sobre sírios e libaneses também é uma forma de recuperar esses laços.

estado, porém, é quase impossível determinar com segurança essa afirmação, especialmente entre os descendentes<sup>273</sup>, uma vez que muitos deles são fruto de uniões entre pessoas das duas origens. Muitos dos que nasceram no Líbano não aceitam a vinculação com a religião maronita de forma automática, da mesma forma que os sírios, principalmente os que vieram ao Brasil, rejeitam ser confundidos com muçulmanos por não serem libaneses<sup>274</sup>.

Na paisagem cultural e social de nosso estado, certamente um lugar foi conquistado tanto por árabes, quanto por sírios e libaneses. Estes, em Porto Alegre, por exemplo, passaram de meros figurantes, inseridos numa espécie de gueto étnico na rua Andrade Neves, a protagonistas ao longo da primeira metade do século XX. Na capital do estado, eles montaram uma pequena rede de comércio que, apesar das dificuldades iniciais, possibilitou a alguns comerciantes manter um bom padrão de vida e educar seus filhos que entraram com vigor nas classes dirigentes. Oportuno destacar que, em Porto Alegre, os libaneses lograram organizar seu próprio clube e instituições sociais na década de 1930, erguendo posteriormente um templo católico maronita. Como dissemos e reiteramos, essas conquistas marcaram toda a comunidade levantina em termos identitários.

O Clube Sociedade Libanesa e a Igreja Maronita se constituíram enquanto espaços de ininterrupta oportunidade de valorização de elementos da cultura libanesa, mas também de aproximação com os membros de outras etnias. Nesses locais da capital, brasileiros, descendentes de árabes e de libaneses, mas também de outros imigrantes residentes na cidade, festejam a diversidade ouvindo missa em português na igreja maronita, rezada por padre alemão<sup>275</sup>, tomando chimarrão na Sociedade Libanesa, ou saboreando um quibe com tabule – tudo isso ao som de um gaiteiro tocando música regional gaúcha.

---

<sup>273</sup> A própria “invenção” do binômio “sírio-libanês” já é uma forma negociada que unificou as duas etnias, lhes descolando do gentílico “árabe”, mais genérico, e diferenciando-as de quaisquer outras denominações.

<sup>274</sup> Outro fator importante nessa equação é que as fronteiras dos atuais Líbano e Síria foram demarcadas depois da chegada de grande parte desses imigrantes ao Rio Grande do Sul, de forma que, algumas regiões da Síria onde nasceram esses imigrantes se tornaram depois parte do Líbano.

<sup>275</sup> Monsenhor Urbano Zillis, de origem alemã, desde 1982, até 2016, quando se aposentou, foi pároco da Paróquia Maronita Nossa Senhora do Líbano, em Porto Alegre, tendo recebido a posse das mãos do bispo auxiliar de Porto Alegre, Dom Antônio do Carmo Cheuiche, este de origem libanesa.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A INDEPENDÊNCIA da Syria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p.1, 12 set. 1917.
- ABREU, Alzira Alves de et al. (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora da FGV/CPDOC, 2001.
- ABREU, Arlene M. de; GIRON, L. Slomp; GIROTTO, Magali G. Paim **Lembranças de Vacaria**. Vacaria: Secretaria Municipal de Educação, 2013.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib O intercâmbio cultural entre o Brasil e os países árabes. **Revista da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**, v. 6, n. 17, p. 80-101, 1958.
- ALMEIDA, José Carlos. Imigração e identidade nacional: considerações sobre etnicidade, modernidade e ressentimento. In: **Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas**. Lisboa: Reflexividade e Acção Atelier: Migrações e Etnicidades, 2004.
- ALMEIDA, Ludmilla Savry. Sirios e libaneses: redes familiares e negócios. In: BORGES, Celia Maria (Org.). **Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.
- ALVES, Cinara Neumann. **Cultura árabe e desenvolvimento econômico em regiões fronteiriças do sul do Brasil: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014.
- ALVIN, Zuleika. O Brasil italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999.
- AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta. (Org.) **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Valmir Freitas de. **Memória da imigração sírio-libanesa nos vales dos rios Acre e Purus (1900-1975)**. 2015. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2015.
- AS RUAS de São Leopoldo. **VS Jornal**, São Leopoldo, set. 2013.
- ASADE, Daniel. **El Líbano en Buenos Aires**. Buenos Aires: Ciudad, 2011.
- ASSMANN, Jan. Kollektive Gedächtnis und Kulturelle Identität. In: ASSMAN, Jan; HOLSCHER, Tonis (Hrsg.). **Kultur und gedachtnis**. Frankfurt am Main Surkamp, 1988, p. 9-19.
- ATIYAH, Edward. **Os árabes: as origens e perspectivas do mundo árabe**. Lisboa: Ulisseia, 1958.

BAHLIS, Jorge. **Coração e dever**. Porto Alegre: Livraria Gutenberg, 1920.

\_\_\_\_\_. **No vendaval da vida**. Porto Alegre: Tipografia do Bom Fim, 1925.

BARBOSA, Fidelis. **Nova história de Lagoa Vermelha**. Porto Alegre: Est, 1981.

\_\_\_\_\_. **Vacaria dos Pinhais**. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1978.

BARROSO, Vera Lúcia; BERNARDI, Claudir. **Raízes de Sananduva**. Porto Alegre: Est, 2004.

BARROSO, Vera Lúcia; DAROS, Marília (Org.). **Raízes de Gramado**. 2. ed. Porto Alegre: Est, 1995.

BARTEL, Carlos Eduardo. **Os emissários sionistas e o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul (1945-1952)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. **História Social**, v.14-15, p.157-173, 2008.

BASTANI, Tanus Jorge. A emigração libanesa para o Brasil. In: JORGE, Salomão. **Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil**. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, 1946.

\_\_\_\_\_. Breve história da imigração libanesa-síria e de outros povos de origem árabe, para o Rio Grande do Sul. Conferência do dr. Tanus Jorge Bastane. In: **Anais da Semana Árabe: Biênio da Colonização e Imigração**. Porto Alegre: Cia. Rio-grandense de Artes Gráficas, 1974, p.29-34.

\_\_\_\_\_. **O Líbano e os libaneses no Brasil**. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1945.

BASTOS, Wilson de Lima. **Os sírios em Juiz de Fora**. Juiz de Fora (MG): Edições Paraibuna, 1988.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Klaus. Sírios e outros imigrantes árabes. In: \_\_\_\_\_. **Enciclopédia rio-grandense**. Canoas (RS): Editora Regional, 1958.

BELLINTANI, Adriana. A disputa franco-germânica por influência no Brasil (1920-1930). **Examãpaku**, v.5, n.1, 2012.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**: 1787-1930. 3. ed. Santa Maria (RS): Editora UFSM, 1979.

BERGSON, Henri. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

BINDÉ, Ademar. **Os árabes**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. (Coleção as etnias de Ijuí, v.9).

BLUMENTHAL, Gladis Wiener (Org.). **Em terras gaúchas**: a história da imigração judaico-alemã. Porto Alegre: Sociedade Israel-Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001.

BORGES, Stella. **Italianos**: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: Est, 1993.

BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Isabel; BREPOHL, Marian (Org.). **Figuração do outro**. Uberlândia (MG): EDUFU, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão Editorial, 1989.

\_\_\_\_\_. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, n.32, p.1-49, 1987.

\_\_\_\_\_. Sociologia IN: ORTIZ, Renato **Coleção Grandes Cientistas Sociais** Vol. 39, São Paulo, 1983.

BRANDÃO, Gilbert Anderson. **História, territórios e fronteiras**: sírios e libaneses em Cuiabá – imigração, especializações e sociabilidade. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

BRUM, Rosemary. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luiz: EDUFMA, 2009.

CABRAL, Cláudia. **Tipologias comerciais em Porto Alegre**: da rua comercial ao shopping center.1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CALLAGE, Roque. **No fogão gaúcho**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929.

CAMPOS, Mintaha Alcuri. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico**: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo (1910-1940). Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

CAPELLO, Ernesto. Carrying the past: the Syrio-Lebanese emigration to Brazil. **Marshif**, v.3, n.9, p.76-86, 2004.

CARONE, Edgar. **A República Velha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1978, v.1 (Instituições e classes sociais).

CARVALHO, Edgar. Influência do sangue germânico no povo brasileiro. **Boletim do Instituto Teuto Brasileiro de Alta Cultura** n.1, jan-jul 1937.

CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. **Do balcão à mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na grande – Florianópolis (1910-1950)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CASTRO, Francisco Lyon de (Ed.) **Alcorão**. 2. ed. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1989.

CHAIEB, Fuad. **Syria**. v.1. Damasco: Dirección General de Informaciones, 1956.

CHEGUEM, Sonia. **Quaraí histórico “I”**. Quaraí: [s.n.], 1991.

CHEUCHE, Alcy **Jabal Lubnàn: as aventuras de um mascate libanês**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

CLEMENTE, Elvo; UNGARETTI, Maura. **A história de Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

COLEGIO ANCHIETA DE PORTO ALEGRE. **Relatório do Ginásio Anchieta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Colégio Anchieta, 1890.

CONSTANTINO, Núncia. **O italiano da esquina: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: Est, 2008.

COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. **Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba**, v. 3, n.3, p.15-30, jul. 2002.

CORAZZA, Gentil (Org.). **História centenária da Faculdade de Ciências Econômicas (1909-2009)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CORBINOS, Lorenzo Agar. El comportamiento urbano de los imigrantes árabes em Chile. **EURE**, v. IX, n.27, 1983.

CORTES, Geraldo Menezes. **Migração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

COSTA, Ely (Org.). **Revista do Imigrante**. 2. ed. Universidade da Região da Campanha, Campus Alegrete: 2008.

COSTA LEITE, Joaquim. O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999.

CREIDY, Abadalla. Os libaneses e o Líbano. In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia rio-grandense**. Canoas: Editora Regional, 1958.

CRUZ, Rodrigo Ayupe Bueno da. A importância da comida árabe na construção da etnicidade árabe em Juiz de Fora. **Revista Antropológica**, n.40, p.230-251, 2016.

CSORDAS, Thomas. Asymptote of ineffable: embodiment, alterity, and theory of religion. **Current Anthropology**, v.45, n.2, p.163-165, 2004.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v.8, n.1, p.149-163, abr. 2002.

DALMÁZ, Mateus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DE BONI, Luís; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 1984.

DERRIDA, Jacques. **Memórias de cego: o auto-retrato e outras ruínas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

DIEGUES JR., Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, 1964.

DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DREHER, Martin. O suíço Johann Jakob Von Tschudi e suas leituras da América do Sul. **Estudos Ibero-americanos**, v.38, p.50-60, nov. 2012. (Suplemento).

DUOUN, Taufik. **A emigração sírio-libanesa as terras da promessa**. São Paulo: Tipografia Editora Árabe, 1944.

\_\_\_\_\_. **Confissões e indiscrições da minha vida: meio século de experiências em quatro continentes**. São Paulo: Editora Árabe, 1943.

DUVOISIN, Lauro. **Arrozeiros no Rio Grande do Sul na crise da 1ª República (1926-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

EDDÉ, Emile. **A Igreja Maronita e o Líbano**. Rio de Janeiro: Missão Maronita do Brasil, 1989.

ELIAS, Norbert **A solidão dos moribundos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 107 p.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para pesquisa histórica. **Cadernos de Estudos**, n.13, dez. 1995.

FAHMY, Khaled. **All the Pasha's Men**: Mehmed Ali, his army and the making of modern Egypt. Cairo: American University in Cairo Press, 1997.

FANON, Franz **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1971.

FARINA, Geraldo. **História de Veranópolis**. Veranópolis: Prefeitura Municipal de Veranópolis, 1992.

FAUSTO, Boris. (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999.

FAY, Claudia Musa; RUGGIERO, Antônio de. (Org.) Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos. In. FAY, Claudia Musa; RUGGIERO, Antônio de. **Introdução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FERSAN, Eliane. **Les immigrés syro-libanais au Brésil de 1920 a 1926**: perception du corps consulaire français. Beiruth: Notre Dame University, 2005.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FLORES, Hildas. **História da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 2004.

FLORES, Moacyr. **A história do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.

FONSECA, Pedro Costa Dutra. **RS: economia & conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série documenta, 18).

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOSTER-DULLES, John W. **Anarquistas e comunistas do Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCISCO, Júlio Bittencourt. **Cidadania e expulsão**: sírios e libaneses no Brasil no início do século XX. Trabalho apresentado no Curso de Pós-Graduação em História do Direito no Brasil da Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. Festas, danças, família e memórias: sírios e libaneses em Porto Alegre. In: RAMOS, Eloisa Helena; ARENT, Isabel Cristina; WITT, Marco Antônio (Org.) **Festas, comemorações e memórias na imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2014.



\_\_\_\_\_. Sírios e libaneses no Rio de Janeiro. In: KOIFMAN, Fábio (Org.) **Coleção Memórias da Imigração**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sírios e libaneses no Rio de Janeiro**: trajetórias coletivas e escolhas individuais. 2005. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2005.

\_\_\_\_\_. **Turco de cuia e bombacha**: sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. In: VII ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL. Foz do Iguaçu (PR), 2013.

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet**: uma história da gastronomia. São Paulo: Senac, 2001.

FRANCO, Sérgio. A política de colonização no Rio Grande do Sul. **Revista Brasiliense**, n.25, 1959.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre**: guia histórico. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1988.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre**: guia histórico. 2ª ed. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

FRANCO, Sérgio; SOARES, Eduardo (Org.). **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. (Trechos da autobiografia de Pedro Vergara).

FRANKLIN, Ruben Maciel. Galegos, imigrantes e comerciantes: sírio-libaneses no Ceará (1888- 1930). In: ANAIS DO XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E ÉTICA, 2009, Fortaleza. São Paulo: ANPUH, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 20. ed. São Paulo: José Olympio, 1980.

GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GATTAZ, André Castanheira. Líbano uno e diverso: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil. **História Oral**, v.10, n.1, p. 43-62, jan.-jun. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GELVIN, James. **The Middle East and the United States**. Boulder (EUA): Westview Press, 1999.

GIARETTA, Jane Goreti Seminotti. **O grande e velho Erechim**: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960). 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLIN, Tau. **O povo do pampa**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

GOMES, Laurentino. **1889**: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1924.

GRANDE conflito. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p.1, 13 jan. 1898.

GREIBER, Betty. MALUF, Lina. MATTAR, Vera **Memórias da imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HADDAD, Joumana. **Eu matei Sherazade**: confissões de uma árabe enfurecida. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HADJAB, Patrícia Dario El-Noor. **Alimentação, memória e identidades árabes no Brasil**. 2014; Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2014.

HAJJAR, Claude. **Imigração árabe: 100 anos de reflexão**. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

HALL, Stuart; CHEN, Kuan-Hsing. A formação de um intelectual diaspórico. In: SOVIK, Liv (Org.) **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HARLAN, David. Intellectual history and the return of literature. **The American Historical Review**, v.94, n.3, jun. 1989.

HEREDIA, Vania. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, n.94, 2001.

\_\_\_\_\_. Imigrantes empreendedores na História do Brasil. In: FAY, Claudia; RUGGIERO, Antônio (Org.). **Imigrantes empreendedores na história do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

HERRLEIN JR., Ronaldo. A transição capitalista no Rio Grande do Sul. **Economia e Sociedade**, v.13, n.1 (22), p.175-207, jun.-jul., 2004.

HITTI, Philip. **The Syrian in America**. New York: George H. Doran Company, 1924.

HOLMES, Richard. **Foot steps: adventures of a romantic biographer**. New York: Vintage Books, 1985.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, v.56, 1996.

IOTTI, Luiza Horn. Os estados brasileiros e italiano e a imigração italiana no Rio Grande do Sul. IN: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, 2011. **São Paulo: ANPUH**, 2011.

JACKSON, Simon. Diaspora politics and developmental empire: the Syro-Lebanese at the League of Nations. **Arab Studies Journal**, 2013.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no extremo sul do Brasil**: identidade étnica e os mecanismos de produção da etnicidade. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

JORGE, Salomão. **Álbun da colônia sírio e libanesa no Brasil**. São Paulo: Soc. Imprensa Brasileira, 1946.

\_\_\_\_\_. O árabe na civilização brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Álbun da colônia sírio libanesa no Brasil**. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, 1946.

KALIL, Luiz. **Salim faz preço, freguês, Samuel também faz, senhor**. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

KARAM, John Toufic. **Um outro arabesco**: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KASSIR, Samir. **Histoire de Beyrouth**. Paris: Fayard, 2003.

KAUFMAN, Asher. Phoenicianism: the formation of an identity in Lebanon in 1920. **Middle Eastern Studies**, 37-1, 2001, p. 173-194.

KAUFMAN, Will; MACPHERSON, Heidi (Ed). **Britain and the Americas**: culture, politics, and history. Santa Barbara (EUA), ABC-CLIO, 2009.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

KHATER, Akram Fouad. **Inventing home**: emigration, gender and the middle class in Lebanon, 1870-1920. Berkeley (EUA): University of California University Press, 2001.

KHATLAB, Roberto. **Árabes cristãos?** São Paulo: Ave Maria, 2009.

KLEIN, Herbert. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999.

KNOWLTON, Clark. **Sírios e libaneses em São Paulo**: ascensão social e mobilidade espacial. São Paulo: Anhembi, 1960.

KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2002.

KURBAN, Taufik. **Ensaio e biografias**. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1937.

\_\_\_\_\_. **Os sírios e libaneses no Brasil**. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1933.

LABAKI, Boutros. L'émigration libanaise en fin de période ottomane (1850-1914). **Hannon Revue Libanaise de Géographie**, v.19, 1987.

LACAZ, Carlos da Silva. **Médicos sírios e libaneses do passado**: trajetória em busca de uma nova pátria. São Paulo: Almed, 1982.

LAMARÃO, Sergio Tadeu de Niemeyer. Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no parlamento brasileiro, 1945 -1998. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Org.). **Guerras e migrações**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LAYTANO, Dante de. Os portugueses. In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia rio-grandense**. Canoas: Editora Regional, 1958.

LEITE, Joaquim da Costa. O Brasil e a emigração portuguesa. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**: a imigração em massa para América Latina. São Paulo: Edusp, 1999.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade**. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. From pedlers to proprietor: Lebanese, Syrian and Jewish immigration in Brazil In: HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. **The Lebanese in the world**: a century of emigration. London and New York: I.B.Tauris and St.Martins Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Negotiating the national identity**: immigrations, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil. Durham: Duke University Press, 1999.

LISBOA, Karen Macknow. **Mundo novo, mesmo mundo**: viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942). São Paulo: Hucitec, 2011.

LOGROÑO-NARBONA, Maria Del Mar. **The development of nationalist identities in French Syria and Lebanon**: a transnational dialogue with Arab immigrants to Argentina and Brazil, 1915-1929. Santa Barbara: University of California, 2007.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre**: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.

MAGALHÃES, Marcelo Vieira. Sírios e libaneses na cidade de São Luís no início do século XX: relações de alteridade e a busca pelo lugar ideal. IN: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, 2011. **Anais... São Paulo**: ANPUH, 2011.

MANARA, Soraya Maihub. Contribuições de famílias sírio-libanesas à colonização de Gramado. In: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lúcia M. (Org.). **Raízes de Gramado**: 40 anos. Porto Alegre: Est, 1995.

MARQUES, Emerson Marques de. **Do Oriente Médio a Pelotas**: análise da imigração sírio-libanesa em Pelotas. 2000. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Pelotas, 2000.

MARQUES, Gabriel. **Ruas e tradições de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966.

MARTINEZ, Elda Evangelina. O Brasil como país de destino para os imigrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**: A imigração em massa para América Latina. São Paulo: Edusp, 1999.

MARTINI, Cyro. **A cidade risonha de Aquiles Porto Alegre**: Porto Alegre Séc. XIX. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.

MARTINS, Marisângela. **À esquerda de seu tempo**: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre, 1927-1957). 2012. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MAUCH, Claudia; VASCONCELOS, Naira. (Org). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

MEDINA, Sinval. **A batalha de Porto Alegre**: 3 de outubro de 1930. São Paulo: Martins Livreiro, 2010.

MEIHY, Murilo Sebe Bon. “Arabia Brasiliensis”: os estudos árabes e islâmicos no Brasil **Hamsa - Journal of Judaic and Islamic Studies**, n.1, p.18-28, 2014.

MEIHY, Murilo Sebe Bon. **Os libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamin Abrahão**: entre anjos e cangaceiros. São Paulo: Escrituras, 2012.

MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue**: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil. São Paulo: Edusp, 2011.

MINTZ, Sidney. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.16, p.31-41, 2001.

MOCCELIN, Mia Clara. **Trajetórias em rede**: representações da italianidade entre empresários e intelectuais na região de Caxias do Sul. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MONASTERIO, Leonardo; ZELL, Davi. **Estimativa de renda per capita no Rio Grande do Sul de 1872**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2004. Mimeografado.

MONTEIRO, Charles. **História concisa de Porto Alegre**. Porto Alegre: Museu Felizardo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

MONTENEGRO, Sílvia. O olhar da mídia sobre o Islã. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v8, n.1, abr. 2002.

MORAES, Nilson. Memória e mundialização: algumas considerações. In: LEMOS, Maria Tereza; MORAES, Nilson (Org.). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MORALES, Neida Regina Ceccim. Imigração e memória: histórias de imigrantes sírio-libaneses no Rio Grande do Sul. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas), Universidade Federal de Santa de Maria, 2004.

MOYA, José. Los inmigrantes y sus asociaciones: una perspectiva histórica y global. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2005.

NADER, Fuad. **Abdalla Nader, de mascate a general do ar e amigo da cultura**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, 2005.

NAFF, Alixa. Arab in America: an historical overview. In: ABRAHAM, Sameer Y; ABRAHAM, Nabeel; AHDAB-YEHIA, Nay. **Arab in the new world: studies on Arab American communities**. Detroit (EUA): Wayne State University, Center for Urban Studies, 1983.

NAJAR, José. Raça, gênero e trabalho: mulheres sírio-libanesas na São Paulo da virada do século XX. **Al-Raida Journal**, Spring/Summer, 2011.

NEJAR, Carlos. **Os viventes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

NEQUETE, Edison **Herança da luta de Abílio Nequete**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

NOAL FILHO, Valter Antonio; FRANCO, Sérgio Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre**. Porto Alegre: Anatterra, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, v.10, p.7-28, dez. 1993.

NUNES, Heliane Prudente. **A imigração árabe em Goiás: 1880-1970**. 1986. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. A imigração síria e libanesa nos Estados Unidos e no Brasil: uma perspectiva comparativa. **História Revista**, v.1, n.2, p.131-156, jan.-jun., 1997.

OLIVEIRA, Márcia R. C. **Sírios e libaneses em Campo Grande e o Clube Libanês**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados (MS), 2010.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos: origens étnicas e a formação social do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Grandes Cientistas Sociais Vol.39** São Paulo, 1983.

PALMER, Alan. **Declínio e queda do Império Otomano**. São Paulo: Globo Livros, 2013.

PARIS, Assunta de. **Memórias: Bento Gonçalves**. Bento Gonçalves: Prefeitura Municipal, 1999.

PEREIRA, Luiz Felipe Patrícios. A Saga da Imigração Árabe-Libanesa em Alegrete. In: COSTA, Ely (Org.). **Tributo ao Imigrante**. 2ª ed. **Revista do Imigrante**. Alegrete, 2008.

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

\_\_\_\_\_. **Memória Porto Alegre: espaços e vivência**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. Trabalho livre e ordem burguesa no Rio Grande do Sul: 1780-1900. **Revista de História**, n.120, p.135-151, jan.-jul., 1989.

PETERS, Roberta. **Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico das tradições através das festas e rituais de casamento**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PIAZZA, Walter; **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Imprensa Oficial, 1945.

PIMENTEL, Valderéz Cavalcante. **A aculturação do imigrante sírio no Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural**. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010. (Série Imigrantes no Rio de Janeiro).

PITTS JR., Montie Bryan. **Forging ethnic identity through faith: religion and the Syrian-Lebanese community in São Paulo**. 2006. Thesis (Graduate in Latin American Studies). Faculty of the Graduate School, Vanderbilt University, Nashville (EUA), 2006.

PORTOCARRERO, Nilza Pereira da Silva **Breve história do minúsculo Grande Líbano**. Brasília: Senado Federal, 1985.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PRIMO, Judite. Museus, hibridização cultural e territorialidades. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.46, n.2, 2013.

PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

QUATAERT, Donald. **O Império Otomano: das origens ao século XX**. Lisboa: Edições 70, 2014.

RASSI, Lygia de Moura. **Dos cedros às palmeiras**. Goiânia: Genealogia História, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora do Globo, 1969.

ROSA, Carla Rosane Silveira da. **Primeiros imigrantes sírios e libaneses na cidade de Pelotas: final do século XIX e início do século XX**. 2005. Monografia (Especialização em História do Brasil) Pelotas: Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2005.

ROSITO, Maria Irene Haas. **O pensamento político de Abílio de Nequete**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1972. Datilografado. (Trabalho apresentado para a disciplina de ciência política do Curso de Ciências Sociais).

SADA, Mario Salomão **Do Líbano ao Brasil: construindo sonhos**. Porto Alegre: Salles, 2009.

SAFADY, Jamil. O café e o mascate. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. v.2. São Paulo: Editora Comercial Safady, 1973.

SAFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil (1880-1971)**. 1972. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Antônio Augusto M. dos. **Prefeitos de Porto Alegre: cotidiano e administração da capital gaúcha entre 1889 e 2012**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2012.

SANTOS, Maria Luiza Silva. **O quibe no tabuleiro da baiana: uma reflexão sobre a imigração síria e libanesa e o turismo cultural em Ilhéus**. 2003. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), 2003.

SARAIVA, Márcia Raquel de Brito. **Penduricalhos da memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil (séculos XIX, XX e XXI)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.



SARLO, Beatriz **Tempo Passado**: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. Tradução Rosa Freite d'Aguiar São Paulo: Cia das Letras e Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2007

SAYAD, Abdelmaleck. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia – Revista do Imigrante**, ano XIII, jan. 2000. (Edição especial).

SCHILLING, Suzana. **Sociedade Libanesa de Porto Alegre**: uma história a ser lembrada. Porto Alegre: Sociedade Libanesa de Porto Alegre, 2007.

SELAIMEN, Rosi Maria Reis. **A presença árabe no Rio Grande do Sul**. 1987. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1987.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, ano 6, n.14, p.143-176, 2000.

\_\_\_\_\_. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1990.

SILVA, José Carlos L. **Povoamento do município de São João Batista de Camaquã**: aspectos da história, genealogia e biografias. Florianópolis: Secco, 2005.

SILVA, Moacir M. F. Geografia das estradas de ferro brasileiras em seu primeiro centenário (1984-1954). In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA; CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. **I centenário das ferrovias brasileiras**. Rio de Janeiro: 1954, p.1-85.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **Da imigração à fundação do Clube Sírio-Libanês do Paraná**. Curitiba: Edição do Coordenador, 2002.

SOARES, Jurandir. **Israel X Palestina**: as raízes do ódio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOBRAL, José Manuel. Memória e identidades sociais: dados de um estudo de caso num espaço rural. **Análise Social**, v.30, n.131/132, 1995.

SOUTELO VÁZQUEZ, Raúl. Memoria oral e identidade étnica da inmigración española a latinoamérica no século XX: os galegos en Brasil, 1880-1970. **Estudios Migratorios**, n.6, p.97-124, 1998.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul das origens aos dias atuais**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. (Texto para discussão, 8).

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.

STAWINSKI, Alberto Vitor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)**. Porto Alegre: Est, 1976

SYMANSKI, Luiz Claudio. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

TEDESCO, João Carlos; BATISTELLA, Alessandro; NEUMANN, Rosane (Org.). **A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio**. Erechim (RS): Allprint Varela, 2017.

TEDESCO, João Carlos; VANIN, Alex. Sírios e libaneses em Passo Fundo: final do século XIX, início do século XX In: TEDESCO, João Carlos; BATISTELLA, Alessandro; NEUMANN, Rosane (Org.). **A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio**. Erechim (RS): Allprint Varela, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRUZZI, Oswaldo. Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo. **Revista Dados** Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008, pp. 37 a 74.

\_\_\_\_\_. O lugar certo na época certa. Sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos: um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, n. 27, 2001.

\_\_\_\_\_. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999.

UNIVERSIDADE DO BRASIL. **Publicações avulsas da Faculdade de Geografia**. Rio de Janeiro, 1950.

VALLENTIN, Wilhelm Julius. **In Brasilien**. Berlin: Hermann Paetel, 1909.

VANSINA, Jan. **Oral tradition as history**. London: James Currey, 1985.

VERGARA, Pedro. Autobiografia. In: FRANCO, Sérgio; SOARES, Eduardo (Org.). **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. (Trechos da autobiografia de Pedro Vergara).

VERÍSSIMO, Érico. **Contos**. Narração: Paulo Autran. Manaus: Luz da Cidade, 2005. (Compact Disc).

VILELA, Elaine Meire. Sírios e libaneses: redes sociais, coesão e posição de *status*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.26, n.76, 2011.

VILHENA, Marco Aurélio. **Carcamanos**. 2001. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2001.

VILLAR, Valter Luciano. **A presença árabe na literatura brasileira**. 2012. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

WEBER, Regina. **Etnicidade no sul do país**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2010a. (Projeto de pesquisa).

\_\_\_\_\_. Galegos no sul do Brasil: alternativas na América. **Anos 90**, v.17, n.31, p.83-109, jul. 2010b.

\_\_\_\_\_. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio; GRUTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cirstina (Org.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. **Diálogos**, v.18, n.2., p.703-733, maio-ago. 2014.

WEBER, Regina; BOSENBECKER, Patrícia. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representação étnica. **Cadernos do CEOM**, ano 23, n.32, 2010.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade**, v.22, n.40, p.131-143, 2013.

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos Peraus do Rio das Antas**: núcleo de imigrantes poloneses da ex-colônia Alfredo Chaves. Porto Alegre: Est, 1976.

Z Aidan, Assaad. **Raízes libanesas do Pará**. Belém: [s.n.], 2001.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Desafios das migrações: buscando caminhos**. Porto Alegre: CIBAI Migrações, 2009.

ZÉGHIDOUR, Slimane. **A poesia árabe moderna e o Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Tudo é História, 50)

#### REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ABREU, Maria Youssef. Arabismos sírio-libaneses no português brasileiro: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Líbano. **Ciências & Letras**, n.50, p.83-102, jul.-dez., 2011. <Disponível em: <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

ACHUTTY, Aloysio. Histórias que meu pai contava. Disponível em: <http://amicorextension.blogspot.com.br/2012/10/bortolo-achutti-1898-1977.html>. Acesso em: 11/03/2017.

ASSEF, Liane Chipollino. Um olhar sobre a presença árabe na fronteira. **Estudios Historicos**, año VI, n.12, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/12/artigo%20liane%20chipollino%20julio%202014.pdf>>. Acesso em 23.11.2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI). **Morre no Rio o jornalista Edison Nequete**. Rio de Janeiro, 23 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/morre-no-rio-o-jornalista-edison-nequete/>>. Acesso em 23.11.2016.

BARRAQUI, Douglas. **Isto é História**. Blogdodoug 11 de novembro de 2009. Disponível em: <http://doughnahistoria.blogspot.com.br/p/sobre-mim.html>. Acesso em: 13.08.2016.

BENTO, Claudio Moreira. **Canguçu Reencontro com a História**: um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Canguçu: Instituto Estadual do Livro, 1983. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/cangureenchist.htm#povoa>. Acesso em: 18.09.2015.

BORGES, Jorge Colombo. **Mario Salomão Sada e a maçonaria**. Porto Alegre, 5 nov. 2007. Disponível em: <http://juser1178.blogspot.com.br/2015/04/mario-salomao-sada-e-maconaria.html>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BRASIL. **Decreto 6948 de 14/05/1908**. Brasília: Anais da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6948-14-maio-1908-516012-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13.02.2017.

CANOAS homenageia jurista ilustre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p.8, 24 jun. 2005. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A110/N267/PDF/Fim08.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.

DABDAB é raridade em meio à explosão da roupa *commodity*. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 14 nov. 2011. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=78528>. Acesso em: 23 nov. 2016.

DINIZ NUMISMÁTICA. **Conversão hipotética dos réis para o atual real**. Brasília, 3 nov. 2015. Disponível em <http://diniznumismatica.blogspot.com.br/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>. Acesso em: 24 nov. 2016)

ECOS ROSARIENSE. Porto Alegre: Colégio Marista Rosário, 1930- . Anual. Disponível em: <http://colegiomarista.org.br/rosario/exalunos/versoes-mais-antigas-do-ecos-sao-publicadas-online>. Acesso em: 22 nov. 2016.

EDÚ, Mauro. A imigração sírio-libanesa do Rio Grande do Sul. **Jornal O Momento**. Publicado em 10/08/2009. Disponível em: <HTTP://www.jornalomomento.org/exibenoticia.php?id=416>. Acesso em: 28.09.2015.

FAHRENTHOLD, Stacy. **Transnational Modes and Media**: the Syrian press in the mahjar and emigrant activism during world war I mashriq & mahjar 1, nº 1 (2013), 30-54. Disponível em: <http://lebanesestudies.ojs.chass.ncsu.edu/index.php/mashriq/article/view/4/62>. Acesso em: 12.02.2017.

FALLAS-KERR, Amy From the Cedars to the Frontlines: Danbury's Greater Syrian Immigrants and the Great War **Connecticut History Review Journal** 55 (2) 2016, p.140-153. Disponível em: [https://www.academia.edu/30143874/From\\_the\\_Cedars\\_to\\_the\\_Frontlines\\_Danburys\\_Greater\\_Syrian\\_Immigrants\\_and\\_the\\_Great\\_War](https://www.academia.edu/30143874/From_the_Cedars_to_the_Frontlines_Danburys_Greater_Syrian_Immigrants_and_the_Great_War) Acesso em 21.02.2017.

FERSAN, Eliane. **Syro-Lebanese Migration (1880-Present)**: “Push” and “Pull” Factors. Middle East Institute, Apr 19, 2010. Disponível em: <http://www.mei.edu/content/syro-lebanese-migration-1880-present-%E2%80%9Cpush%E2%80%9D-and-%E2%80%9Cpull%E2%80%9D-factors>. Acesso em: 15.11.2015.

FRANCISCO, Júlio Bittencourt. Brasileirando: Pedidos de cidadania de imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 29, nº 1, p. 189-206, jan./jul. 2016.

Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/628>  
Acesso em: 29.01.2017.

GATTAZ, André C. **Líbano uno e diverso**: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil. *História Oral*, v. 10, nº 1, p. 43-62, jan.-jun. 2007. Disponível em: [http://www.correios.com.br/selos/selos\\_postais/selos\\_2005/selos2005\\_03.cfm](http://www.correios.com.br/selos/selos_postais/selos_2005/selos2005_03.cfm). Acesso em: 11.03.2015.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva, SD**. Disponível em: [http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf). Acesso em: 03.08.2015.

MODAFFAR, Edmundo Al Alam, Morre ex-presidente da CDL. **Pelotas 13 Horas**. Pelotas, 26 jul. 2013. Disponível em: <http://www.pelotas13horas.com.br/noticia/morre-edmundo-modaffar-al-alam--ex-presidente-da-cdl-7ec05614-b4e6-452d-bc58-823e78f8a368>. Acesso em: 22.11. 2016.

MONASTÉRIO, Leonardo e ZELL, Davi C. **Uma Estimativa de Renda Per Capita Municipal na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1872**. Disponível em: <http://ich.ufpel.edu.br/economia/arquivos/monasteriozell2004.pdf>. Acesso em: 03.03.2017.

NAAMAT. **Revista do 54º Bazar 2013**. Disponível em: [http://www.naamat.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/NAAMAT-54\\_WEB.pdf](http://www.naamat.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/NAAMAT-54_WEB.pdf). Acesso em: 18.08.2015.

NASCIMENTO, Welci **Um sonho** 1954-2014 [recurso eletrônico] Passo Fundo, 2014 E-book (formato PDF) Acesso em: 21.02.2017

[http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=pessoa&detalhe=S&descricao=P&pes\\_codigo=49&pes\\_nome=Welci%20Nascimento](http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=pessoa&detalhe=S&descricao=P&pes_codigo=49&pes_nome=Welci%20Nascimento) Acesso em 10.10.2017

OBITUÁRIO: Fuad Abdalla Nader. **Jornal de Santa Catarina**. Blumenau, 17 jun. 2013. Disponível em: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/obituario/fuad-abdalla-nader-61502.html>. Acesso em: 22.11. 2016.

OSMAN, Samira Adel. Mascates árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica. **Revista Cordis**: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, 2009. Disponível em: [www.pucsp.br/revistacordis](http://www.pucsp.br/revistacordis). Acesso em: 12.12.2015.

PORTAL LUA. **Tecidos Diversidade**. Disponível em: <http://www.luagrupo.com/index.php/luapedia/textil/107-tabela-de-composicao-textil-dos-tecidos>. Acesso em: 12.12.2016.

RIGON, Roni. Kalil Sehbe: Ícone da elegância em vestir, transformou a indústria têxtil em Caxias do Sul. **Pioneiro**. Edição eletrônica de 21.04.2017. <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/04/icone-da-elegancia-em-vestir-kalil-sehbe-transformou-a-industria-textil-em-caxias-9776547.html> Último acesso em 12.10.2017.

ROCKENBACH, Sylvio. **Porto Alegre, a Cidade dos Alemães Durante um Século**. Texto em homenagem à Imigração Alemã em 10/07/2013 na Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Disponível em: [http://www.brasilalemanha.com.br/novo\\_site/noticia/porto-alegre-a-cidades-dos-alemaes-durante-um-seculo-por-silvio-aloyzio-rockenbach/2239#](http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/noticia/porto-alegre-a-cidades-dos-alemaes-durante-um-seculo-por-silvio-aloyzio-rockenbach/2239#). Acesso em: 21.11.2015.

RODRIGUES, Luiz Odilon Pereira de. **Mamando a Caducando: caminhando e palpitando. Turcos e Gringos**. Disponível em: [http://www.boibao.com.br/newww/caducando/AI\\_turcos\\_gringos.htm](http://www.boibao.com.br/newww/caducando/AI_turcos_gringos.htm). Acesso em: 12.11.2015.

SOUZA, Roney Salina de. **Imigração árabe no Pantanal**. Maringá: Anais do IV Congresso Internacional de História, 2009. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/284.pdf>. Acesso em: 17.09.2017.

THIBAUT, Jaulin. **Démographie et politique au Liban sous le Mandat, Histoire & Mesure**. Paris: Edition Ehess, 2009. Disponível em: <http://histoiremesure.revues.org/3895>. Acesso em: 13.09.2015.

TRUZZI, Oswaldo. **Redes em Processos Migratórios Tempo Social**. Vol. 20, nº 1. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702008000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702008000100010&script=sci_arttext). Acesso em: 01.01.2015.

ZACHS, Fruma. **Cross-Glocalization: syrian women immigrants and the founding of women's magazines in egypt middle eastern studies**, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00263206.2013.863757>. Acesso em: 22.11.2016.

#### FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO NACIONAL. **Arquivo referente ao Ministério da Justiça, Série Agricultura IA6 173**. Rio de Janeiro: Processo do Gabinete do Ministro da Agricultura, 1889.

\_\_\_\_\_. **Arquivo referente ao Ministério da Justiça, Série Naturalização IJJ 6N 1650**. Rio de Janeiro: Processo do Gabinete do Ministro da Justiça, 1931.

\_\_\_\_\_. Fundo Polícia Federal. **Prontuários de imigrantes**. Rio de Janeiro, 1939-1949.

\_\_\_\_\_. **Registro de ingressos de estrangeiros na capital**. Rio de Janeiro, v.1, coleção 415, folha 106, S/D.

ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO. Fundo Valor Locatício. **Livros de impostos**. Porto Alegre, 1899-1905.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Livros de impostos**. Porto Alegre, 1899-1931.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Livros de impostos**. Porto Alegre, 1924.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Livros de impostos**. Porto Alegre, 1930-1931.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). **Habilitação de casamentos em Cachoeira do Sul**. Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <http://www.apers.rs.gov.br>. Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Habilitação de casamentos em Ijuí**. Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <http://www.apers.rs.gov.br>. Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Processo de cobrança**. Jorge Monair X Miguel Curi. Porto Alegre, 1º jan. 1902.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial n.6**. Miguel Curi. Porto Alegre, 1º jan. 1903.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial n.349**. Felipe Selaimen X Creidy&Cia. Porto Alegre, 1º jan. 1931.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial n.695**. Felipe Selaimen X Creidy&Cia. Porto Alegre, 1º jan. 1936.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Crime n.2**. Elias Botomé. Porto Alegre, 1º jan. 1923.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Crime n.89**. Karubin X Miguel Naman. Porto Alegre, 1º jan. 1911.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Crime n.3.836**. Elias Jorge Tigre X Calile Abrão Nedir. Porto Alegre, 1º jan. 1893.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Desquite n.51**. Amália Elias Atab X Biahara Nativo Nékio. Porto Alegre, 1º jan, 1919.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Habeas-corpus n.4.053**. Abrahão Elias. Porto Alegre, 1º jan. 1909.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Inventário n.94**. Inventário de Georges H. Naaman. Inventariante: Albertina Naaman. Porto Alegre, 1º jan, 1945.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Inventário n.610**. Elias Jorge Tigre X Chehin Selaimen, Porto Alegre, 1º jan. 1940.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Inventário n.830**. Inventariante: Mansur Curi. Inventariado: José Ganen. Porto Alegre, 1º jan, 1895.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Inventário n.842**. Inventariante: Jorge H. Naamann. Inventariada: Luiza Voges. Porto Alegre, 1º jan, 1916.

\_\_\_\_\_. **Processo judicial. Testamento n.241**. Elias Jorge Tigre X Chehin Selaimen, Porto Alegre, 1º jan. 1940.

SOCIEDADE LIBANESA DE PORTO ALEGRE. **Ata n.1**. Porto Alegre, 1º set. 1936.

SOCIEDADE SÍRIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Ata n.212**. Porto Alegre, 16 jun. 1976.

#### FONTES ORAIS

ABDUCH, Habib. **[Depoimento ao autor]**. Rio de Janeiro, 2004.

BACCAR, Muhamed. **[Depoimento ao autor]**. Rio de Janeiro, 2003.

DABDAB, Elias. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.

JOÃO, Rafique. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.

KARAM, Antônio. **[Depoimento ao autor]**. Pelotas (RS), 2015.

KARINI, Antônio. **[Depoimento ao autor]**. Pelotas (RS), 2015.

NESRALLA, Ivo. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.

PAULO, Salim Sessim. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.

SADA, Gilberto. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.

SIMON, Pedro. **[Depoimento ao autor]**. Porto Alegre, 2015.



**ANEXO A - CADASTRO DE IMIGRANTES ÁRABES - 1939 a 1949. FONTE: ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO  
FUNDO DA POLÍCIA FEDERAL SETOR - CADASTRO DE ESTRANGEIROS - RIO GRANDE DO SUL - seleção de 753 nomes.**

Nº	Nome e idade na data do registro	Data de nascimento	Local de nascimento	Filiação família da mulher/esposa	End. Residencial R. e Comercial E.	Ano da Cheg.	Idade na Cheg.	Observações
01	ABDALLAH, Nasir (48)	17/01/1894	Monte Líbano	A. Moussi e Farid Kalil Saad	Rua General Netto, 42 Bagé, R e E Bagé/RS - 1942	1911	15	Comércio, Bagé/RS 1942.
02	ABDALLAH, Mohamed Mahmoud (38)	16/03/1912	Síria	Amer e Eida A.	Rua Avaí, 116 Cidade Baixa, POA R. - 1940	1931	19	Comercio ambulante POA. Rua Cristóvão Colombo, 3774 - 1968 R. e Marques do Alegrete, 305 R. Floresta, POA - 1969
03	ABECHE, Hanné Gantous (70)	1882	Síria	Eden e Marrun G.	Rua Barros Cassal, 656 casa 8. Independência POA – 1952.	1921	39	1952, POA.
04	ABECHE, Rachid (54)	15/03/1888	-	Abdala Feris e Maria A.	Rua D. João VI, 84 Glória POA – 1942.	1908	20	1942, POA.
05	ABECH, Amiz José (50)	23/09/1893	Síria.	J. Jorge e Jamille A.	Av. Cascata, 2227 POA – 1943.	1908	15	1943, POA.
06	ABED, Ahmed Jamil Ibn Ismail (74)	30/06/1883	Líbano.	-	Rua D. Mariana, 312 Pelotas/RS. 1957.	1924	41	1957, Pelotas/RS.
07	ABELIM, Miguel José (60)	12/02/1886	Síria.	José e Tacla Grabe A	Rua Manoel Ribas, 2016. Sta. Maria/RS – 1946. R. e E.	1916	30	Comercio. 1946, Santa Maria/RS.
08	ABELIM, José	-	-	Antº e Josefina A.	Rua Venâncio Ayres, 1302 Santa Maria/RS 1943.	1897	-	Motorista. Casou-se em Cachoeira do Sul/RS em 1909. Santa Maria/RS, 1943.
09	ABELIM, Maria Borges (63)	-	Líbano	Antº e Helena el-Hanan.	Rua Manoel Ribas, 2016 Santa Maria/RS - 1946	1916		Santa Maria/RS. 1946.
10	ABELIM, Pedro José (62)	07/03/1883			Av. Rio Branco, 432 Santa Maria/RS – 1945.	1901	18	Santa Maria/RS. 1945.
11	ABDOUCHE, Eduardo Nicolas (31)	06/03/1898	Síria	Nicolau e Mª. A.	Pelotas, 1939	1917	19	Pelotas/RS, 1939.
12	ABDUCHE, Maria Chami (41)	16/11/1902	Síria	Elias e Emília Chami	Rua Dr. Bozano Santa Maria, RS R. -1943	1920	18	Santa Maria/RS, 1943.
13	ABDUCHE, Jamil (41)	25/03/1902	Síria	Adib e Vitória A.	Rua Dr. Bozano, 684 St. Maria/RS. 1943	1920	18	Santa Maria/RS, 1943.
14	ABDOUCH, João Nicolau (46)	14/12/1893	Síria	Nicolau e Mª. A.	Pelotas/RS, 1939	1917	24	Pelotas/RS 1939.

15	ABDO, Jorge Salim (52)	15/06/1887	Líbano	-	Rua General Vitorino, 336 Centro, Porto Alegre R – 1939.	1908	21	POA, 1939.
16	ABIANNA, Antônio (36)	22/12/1904	Síria	Cecílio e Gueta A.	Rua Felicíssimo de Azevedo, 1495, São João POA R. 1940.	1921	17	POA, 1940.
17	ABISABB, Jamil (39)	21/08/1901	-	Ahal e Basa A.	Rua 13 de Maio, nº 2 Santa Vitória do Palmar/RS – 1940	1938	37	Santa Vitória do Palmar/RS. 1940.
18	ABOUCHAHINE, Taja Youssef (53)	1887	Síria	Maroun e Sleiman Warde Khoury	Rua Santos Dumont, 776. São Geraldo, 1940 POA.	-	-	POA, 1940.
19	ABOUD, Chama Assoud. (57)	04/10/1885	Líbano	Moyses A. e Raja Assum	Rua Santos Dumont, 1320. São Geraldo 1942. POA.	Antes de 1935		POA. 1942.
20	ABOUZHR, Toufik (50)	25/12/1890	Síria	Abdel A. e Fátima Rahin.	Rua Dr. Flores, 22 R. Centro POA – 1940.	1914	24	Av. Protasio Alves, 1854 E. 1940 POA.
21	ABRAÃO, Simão (72)	28/10/1873	Síria	Abrão e Maria N.	Rua Amália Teles, 150 Petrópolis R POA 1945.	1892	19	Mercado Público Banca, 31 – E 1945, POA.
22	ABRAÃO, Rosa (61)	15/01/1884	Síria	Abrão e Hiabe Hatar	Barão do Amazonas, 2262 J. Botânico, POA 1945	1900	16	POA, 1945.
23	ABRAÃO, Nedir (67)	15/2/1879	Líbano	Abrão e Maria N.	Rua Moura Azevedo, 375. São Geraldo, POA 1946 R	1899	20	Carroceiro, POA 1946.
24	ABRAÃO Jorge (50)	10/01/1890	Síria	Chalite e Heide A.	Rua Martins de Lima, 449 São José POA – 1940 R e E	1911	21	Capitalista, comerciante. POA 1940.
25	ABRAÃO, Abadalla (50)	06/08/1888	Síria	Abrão e Sara Nars alla	Rua Voluntários da Pátria, 1283 Centro POA – 1939 R e E.	1910	22	Comerciante, POA 1939.
26	ABRAÃO, José (55)	15/08/1895	Síria	Abrão e Amília Aly	Novo Hamburgo/RS – 1950.	1912	17	Operário cerâmica Sul Brasileira, Novo Hamburgo, RS. 1950
27	ABRÃO, Jacob (56)	23/10/1894	Síria	Abrão e Maria James	São Gabriel/RS R e E - 1951	1913	19	São Gabriel/RS. 1951
28	ABRÃO, Job (53)	17/04/1884	Síria	-	Rua Santos Dumont, 820, São Geraldo, POA 1940 R	1907	23	POA, 1940.
29	ABRAHAM, Jorge (31)	16/01/1912	Monte Líbano	Nicolau A. e Salma Curi	Rua Gal. Barcelar, 98 R. Rio Grande, RS 1943.	1929	17	Industriário Cia. Swift Av. Honório Bicalho, s/n Rio Grande/RS E. 1943.
30	AIQUEL, Zaia Asmuz (46)	15/04/1895	Síria	Antônio e Joana A.	Av. Otavio Rocha, 135 R. Centro, POA -1941 Rua Riachuelo, 1048 R. Centro POA, 1944.	1916	21	Casada, do lar. POA, 1941.
31	ALLE, José Simon (47)	15/01/1898	Síria	S. e Zairuf A.	Rua Botafogo, 1067. Men. Deus, POA 1945.	-	-	Barbeiro desempregado. Rua Artur Azevedo, 2 POA R. 1945.
32	ALLEM, Espir (38)	05/05/1904	Síria	Espir e Zaquie A.	Rua Augusto Severo, 205, São João. POA R.	1926	22	Casado, Comércio Filha Nívia nascido em 08/04/1930. Retificou

					Passo D'areia, 355			nacionalidade para libanesa, em 1952. POA, 1942
33	ALLEM, Amin Miguel (38)	16/02/1901	Líbano	M. e Satout A.	Av. Ceará, 915 São João, POA-1939 R. e E.	1926	25	Casado, comércio POA - 1939. Naturalizado brasileiro em 1955.
34	ALLEM, Calil Miguel (31)	22/12/1908	Síria	M. e Satout A.	Ponta do Aterro, Viamão/RS R. e E. 1939.	1924	16	Casado, comércio Viamão/RS – 1939. Naturalizado brasileiro em 1945. Viamão/RS 1939.
35	ALLEM, Saide Alam (36)	02/02/1906	Líbano	Esber e Zachie Alam	—	1926	20	Casada, do lar POA, 1942.
36	ALLEM, Maria Abibe Cure (60)	25/03/1886	Síria	Abibe Cure e Christina José	—	1905	19	Anexou certidão de casamento realizado em 1907. POA 1946.
37	ANTOUN, Manuel (68)	01/01/1880	Líbano	Mustafa A. e Anuf A.	—	1912	32	Casado, Comercio POA, 1948.
38	ANTOUN, Adele Iskander Bou (44)	19/01/1909	Libanesa	Bou A. e Emilia	Rua Padre Anchieta, 1687, Pelotas/RS R - 1953	1928	19	Casada, do lar. Pelotas/RS. 1953.
39	ANTOUN, Antonios Fares Elias	10/06/1894	Líbano	F. E. e Sgiri F.	Rua Mariano Ribeiro (Jr), (Aberta dos Morros) POA, 277 R. e E.	1931	36	Casado, comerciante. Passaporte libanês emitido em Tripoli em 22/10/1930. POA 1941.
40	ASSAD, Nassif (31)	04/01/1908	“Nabú” Síria	A. N. e Salimé A.	Rua 24 de Maio, 374 R.1939 Rio Grande, RS	1925	18	Solteiro, Comerciante. Rio Grande/RS 1939.
41	ASSAD, Wahib José (39)	23/07/1900	Líbano	J. e Zarife A.	Rua Dr. Sebastião Leão, 214 Azenha, POA R. 1939.	1912	12	Fotógrafo Praça XV de novembro E. POA, 1939.
42	ASSAD, Jalile José Cecin (34)	15/05/1905	Síria	J. Antonio e Jamile C.	Rua Cel. Genuíno, 455 Centro POA R. 1939	-	-	Do lar, casada POA, 1939.
43	ASSAF, Bechara Chucri (35)	24/12/1904	Líbano	C. e Saide A.	Rua Bento Martins, 401 R. 1939 POA Rua Gal Câmara, 336 Centro E. 1939. POA.	1926	22	Solteiro, Comercio. Rua Marques do Alegrete, 330 fundos São João R. POA, 1944.
44	ASFUR, João Pedro (50)	1890	Síria	J.P. e Maria A.	Rua Botafogo, Menino Deus 1203 R. POA, 1940	1907	17	Casado, Padeiro – Rua João Alfredo, 176 E. Cid. Baixa, POA, 1940.
45	ASSI, Ghaleb Estephan (45)	06/12/1894	Monte Líbano	E. e Martha A.	Rua Gal. Netto, 123 R 1939. Rio Grande, RS	1928	35	Solteiro, comerciário 1939. Ambulante por conta própria. 1941 - Rio Grande, RS.
46	ARUS, Abrahão (48)	23/03/1894	Síria	Hassen e Naus A.	Rua dos Andradas, 1636 R. Centro POA -1942.	1907	13	Casado, comerciante inativo 1950, Av. Julio de Castilho, 181 E. POA, 1942.
47	AUDY, João (50)	22/01/1890	Síria	Miguel e Suzana A.	Rua da Azenha, 914 R. Azenha, POA, 1940.	1912	22	Comercio à Rua da Azenha, 914 Azenha, E. POA, 1940.
48	AUDY, Jorge Kalil (46)	03/03/1893	Líbano	K. e Suzana A.	Rua da Azenha, 795 Azenha POA R. e E. 1939.	1914	21	Solteiro, comércio POA, 1940.

49	AUDY, Maria Zacca (46)	18/12/1896	Síria	Abude e Sada S.	Rua da Azenha, 914 R. Azenha, POA, 1940.	1912	18	Casada, do lar POA, 1939.
50	AYOUB, Jamel Gebran (30)	14/08/1909	Líbano	Gebran e Henriette A.	Rua Cel. Genuino, 455 R. Centro, POA – 1939.	1926	17	Solteira, do lar POA, 1939.
51	AZÁRIO, Mocaiber	-	Líbano	Emílio e Amália M.	R. Marcílio Dias, 719 R. Bagé, RS 1948	1924	-	Viúva, do lar. Rua Marcilio Dias, 719 Bagé, RS 1948.
52	AZAD, Sadala (47)	30/11/1894	Nasceu na Argentina	Salem A. e M <sup>a</sup> . Chacur	R. Gomes Jardim, 471, Santana R. e E. POA, 1941.	1931	36	Rua da Conceição, 422 E. 1941 Rua São Salvador, 27 R. 1961. POA, 1941.
53	AZMUZ, Joana (75)	1871	-	José e Rosa Marem.	POA, 1946.	-	-	Viúva. Apresentou certidão nascimento do filho Elias A. nascido em 24/03/31 POA, 1946.
54	BACIL, M <sup>a</sup> Chaiben (60)	20/01/1880	-	-	Rua Santana, 317 Uruguaiana/RS 1940.	1914	34	Uruguaiana, RS 1940.
55	BACIL, Alicia Cruz (47)	14/09/1892	-	Moyses e Safira B.	Av. Oswaldo Aranha, 1441 R. Vol. da Pátria, 352 E. POA, 1939.	-	-	Comércio. POA. Casado com Alípie nascida em 25/01/1900. POA, 1939.
56	BADUE, João Jorge Abu (48)	24/06/1895	Síria	-	Rua Silva Jardim, 784 Santa Maria, RS R. E. 1943.	1913	18	Santa Maria, RS. 1943.
57	EL BAHIANO, Tamame Jousson (48)	22/01/1892	Líbano	-	Rua Cabo Rocha, 139, Azenha POA – 1940.	-	-	(atual Rua Professor Freitas de Castro) POA, 1940.
58	BAHLIS, Philomena (47)	15/11/1893	-	-	Av. Alberto Bins, 591/1º Centro, R. POA, 1940.	1927	34	Viúva de Gabriel, morto em 1930.
59	BAINO, Jorge Miguel (56)	05/05/1885	Síria	-	Rua Vol. da Pátria, 4041 R. Centro POA – 1941.	1902	17	Rua Sertório, 302 L. São João, POA E. – 1941.
60	BAINY, Elias Jacob (50)	05/05/1892	Bassa	J. E. e Golhe B.	Av. Argentina, 467 R. Pelotas, RS 1942.	1914	22	Sócio da firma Bainy&irmãos. Rua 7 de Setembro n° 407 E. Pelotas/RS. 1942.
61	BAINY, Antônio Jacob Elias (28)	08/02/1911	Líbano	Jacob E. e Cholia Hallal B.	Rua Gal. Vitorino, 410 R. e E. Pelotas, RS. 1939	1930	19	Comerciante, Casado. Sócio da firma Bainy&irmãos. Rua 7 de Setembro n° 407 E. Pelotas/RS. 1942.
62	BAINY, Antônio (19)	02/10/1923	Barsa, Líbano	João Jacob e Rosa B.	Rua XV de novembro, 372 R. Pelotas, RS – 1942.	1937	14	Comerciário, firma Bainy&irmãos. Rua 7 de setembro, 407 Pelotas/RS. 1942. Naturalizado Brasileiro em 1949.
63	BAINY, Georgina (50)	05/05/1892	Barsa, Líbano	Jacob Elias e Golhe B.	Av. Argentina, 467. Pelotas/RS.	1914	22	Casada, do lar. Pelotas, 1942.

64	BAINY, João José (49)	15/11/1890	Líbano	José e Eva B.	Rua Andrade Neves, 661. R e E. Pelotas, RS – 1939.	1907	17	Casado, comerciante. Pelotas/RS.
65	BAINY, João Jacob (41)	27/06/1901	Barsa, Líbano.	Jacob Elias e Golhe B.	Rua 15 de novembro, 372. R. Pelotas, RS em 1942.	1925	24	Casado, sócio da firma Elias Bayne&irmãos. Rua 7 de setembro, 407. E. Pelotas/RS – 1942.
66	BAINY, Jorge João (65)	15/05/1886	Líbano	João J. e Christina Jorge Allah B.	Boa Vista, Pelotas R. E E. Pelotas, RS 1951.	1909	23	Casado, comercio. Pelotas/RS. 1951.
67	BAINY, José Alexandre (37)	28/10/1902	Líbano	A. Antônio e Rosa B.	Rua 7 e setembro, 360 Pelotas/RS	1922	20	Solteiro, comerciante. Pelotas/RS – 1939.
68	BAINY, José João (38)	21/01/1912	Argentina	J. José e Ersulia B.	Rua Andrades Neves, 661 – Pelotas/RS R. e E. 1939.	1924	12	Casado, comerciante em 1947 naturalizou-se brasileiro. Pelotas/RS, 1939.
69	BAINY José Jacob (34)	19/09/1906	Líbano	Jacob Elias e Cholia Hellal B.	Rua Bernardino Ângelo, 55 R. e E. Don Pedrito, RS - 1940	1918	12	Casado, comerciante. Em 1942 transferiu residência para Pelotas. Pelotas, RS 1940.
70	BAINY, Jacob (17)	15/09/1925	Barsa, Líbano	João J. e Rosa B.	Rua 15 de Novembro, 372 R. Estudante Pelotas, 1942.	1926	1	Naturalizado brasileiro em 1952. Pelotas/RS 1942.
71	BAINY, Rosa (37)	03/01/1905	Hadad, Líbano	Elias Abi Saab e Fatim A. S.	Rua 15 de Novembro, 372 R. Pelotas/RS – 1942.	1925	20	Casada, do lar. Pelotas/RS 1942.
72	BAITER, Jorge (43)	1905	Rep. Domenicana		Rua 3 de Maio, 400 Pelotas, RS R. - 1948	1927	22	Casado com Antônia B. Comércio Rua Andrades Neves, 613 Pelotas/RS 1948.
73	BALLAN, Adiba Tunnane Lian (44)	25/03/1900	-	-	Rua Gal. Osório, 724 R. Pelotas/RS – 1944.	1926	26	Mudou-se para São Paulo. Pelotas/RS 1944.
74	BARBARI, Anna Francis (42)	25/08/1897	Líbano	--	Rua Riachuelo, 1336 POA. R. 1939.	1914	17	Costureira. Rua dos Andrades, 1190. E POA, 1939.
75	BARGHOUTH, Jamil Mansour Muawieh (32)	10/10/1925	Deir Ghassana	---	Rua Dr. João Inácio, 473 – Canoas/RS R. – 1957.			Comercio. Av. Vaz Pereira, 1082 E. Tupaciretã/RS, 1968.
76	BARJUD, Bechara (48)	25/03/1891	Síria	Ant <sup>o</sup> e Zara B.	Rua Voluntários da Pátria, 367 Centro R. POA, 1939.	1915	24	Rua Voluntários da Pátria, 371 Centro, POA E. Casado com Sara Najjar. POA, 1939.
77	BARQUET, Luiz (57)	16/05/1886	Monte Líbano	João B. e Florentina Caram.	Rua Barão do Amazonas, Alegrete/RS	--	--	Casado com Anita Japur. Comerciante. Alegrete/RS 1943.
78	BARSA, Gattas (57)	06/01/1878	Damasco	Abrão e Maria B.	Av. Cascata, (atual Oscar Pereira) 2319 POA R. 1946	1902	24	Comercio próprio Praça Parobé. Rua São Manoel, 1028. Centro. POA, 1946.

79	BECHARA, José Mussa Canaan (70)	20/06/1882	Líbano	M.C. e Mantora B.	Rua Mal. Floriano, 1062, R. Bagé/RS. Comerciante Mercado Municipal de Bagé/RS – 1952.	1899	17	Casado, Comerciante. Certidão de estrangeiro de Bagé 1939. Declaração fornecida pelos comerciantes Esperidião Jorge Curi & Cia. Ltda. e Jorge José Buchabqui em 11/11/1952. Bagé/RS – 1952.
80	BECHARA, Mathilde Kalil (55)	15/02/1893	Síria	Nicolau e Maria Nicola K.	Av. Teresópolis, 1874 R. POA, 1948.	1908	15	Do lar, certidão de casamento de 1939 2ª zona POA enlace de 1919. POA 1948.
81	BECHARA, Kalil Mansur (50)	1890	Líbano	Alend e Mantora B.	--	1910	18	Chauffer, Praça Parobé, Centro POA, 1940.
82	BESSIL, Elias (30)	17/03/1910	Líbano	Jorge Antº e Duba Emília B.	Rua Paes de Andrade, 70, Azenha POA – R. 1940.	1921	11	Solteiro, comercio ambulante POA, 1940.
83	BESSIL, Bene Chemale (49)	01/02/1892	Síria	Antº e Anna Chemale	Rua Demétrio Ribeiro, 894 R. Centro POA 1941.	1911	13	Casada, do lar. POA, 1941.
84	BESSIL, José Jorge Elias (31)	04/08/1908	Argentina	J.E. e Eugênia Huayek B.	Rua da Azenha, 970 R. 1939 Av. Teresópolis, 3173 1942	1928	20	Solteiro, comercio ambulante. Rua Marcilio Dias, 1457 1943. Centro POA, 1939.
85	BESTENE, Said Rechden (61)	15/08/1886	-	-	-	1909	23	1947.
86	BESTENE, João (44)	25/02/1895			Av. Gal. João Manoel, 200, Santana do Livramento/RS	1913	18	Santana do Livramento/RS 1939.
87	BEYLONNI, Farid (34)	05/05/1909	-	Abraão e Vitória B.	Praça 15 de novembro E. – 1943 Alegrete/RS. Passou a residir em Porto Alegre.	1928	19	Cel. Cabrita. Alegrete/RS – 1943. Obteve nacionalidade brasileira em 14/08/1953. Rua Vol. da Pátria, 383. POA 1947.
88	BITTAR, Abdalla Gabriel (47)	11/09/1892	Síria	-	Rua Ceará, 904 São João, POA – R. 1939	1907	15	Comércio Ambulante, POA.
89	BITTAR, Adibe Abdala (67)	1893	Síria.	Antônio e Maria Abdala	Barão do Rio Branco, 315 Jaguarão/RS 1960.	1910	13	Certidão de casamento realizada em 13/03/1915. Do lar. Jaguarão/RS – 1960.
90	BITAR, Jorge Nascim (53)	30/11/1888	Síria.	Nascim Jorge e Rafka B.	Rua 20 de Fevereiro em Rio Grande/RS 1941.	1901	13	Solteiro, alfaiate por conta própria. Rio Grande/RS 1941.
91	CAFRUNI, Eduardo Salim (39)	20/01/1900	Síria.	Salim e Nasa C.	Rua São Pedro, 1674 R. POA – 1939.	1913	13	Comercio – Mercado Público Banca 12. POA – 1939.
92	CAFRUNI, Elias (33)	20/07/1907	-	David e Sara C.	Rua Santos Pedroso, 162. Navegantes R.	-	-	Comercio Rua Voluntários da Pátria, 607 – 1949. Rua 3 de novembro, 77 – 1951.

					Rua Mal. Floriano, 86 E. 1940. POA			
93	CAFRUNI, Malvina (47)	12/07/1892	Síria	Abdalla Tomé e Margarida T.	Rua Santos Pedroso, 206. Navegantes, 1939 POA.	1911	18	Viúva, comerciante. POA, 1939.
94	CAFRUNI, Matheus Miguel. (50)	23/09/1889	Turquia	Miguel e Nasta C.	Residência: Gravataí.	1914	25	Casado, horticultor em Gravataí/RS, 1939.
95	CALIL, Antoniette Chediac	-	Libano	-	Rua Dr. Bozano, 1205 Stª Maria/RS.	-	-	Do lar. Santa Maria/RS, 1955.
96	CALIL, Assad (48)	15/05/1892	Síria	Calil A. e Maria Nesralla	Rua dos Andradas, 1232 R. Centro POA. 1940.	1909	17	Comerciante, casado. Rua Gal. Câmara, 337. POA, 1942.
97	CALIL, Francisco (44)	02/03/1899	Síria	Miguel e Nagybe C.	Santa Maria/RS – 1943.	1913	14	Comerciante, casado. Rua Dr. Bozano, 1196. Santa Maria/RS 1943.
98	CALIL, Jorge Varag (56)	25/04/1887	Síria	Varag e Ana Barbara C.	2º distrito de São Sepé/RS – 1943.	1908	21	Comerciante, casado. Apresentou certidão do filho Jorge nascido em novembro de 1930.
99	CALIL, Nabih Seade (42)	10/02/1904	Síria	Abdala C. e Maria Seade.	Rua Floriano Peixoto, 881. Santa Maria/RS – 1946.	1913	9	Do lar. Casou em Santa Maria/RS em 1922. Santa Maria/RS – 1946.
100	CALIXTO, Pedro	-	Monte Líbano	Husman e Jamile C.	Praça 15 de novembro Alegrete/RS – 1943.	1912	-	Casado, comerciante. Alegrete/RS 1943.
101	CANTOS, João Adão (59)	24/06/1893	Síria	Adão e Maria C.	Rua Barros Casal, 656 – Independência R. e E. POA – 1952.	1911	18	Casado em 1914. Comercio. Rincão dos Kroeff São Francisco de Paula/RS.
102	CANTOS, José (49)	07/06/1908	Líbano	Julio C. Bajur e Jamile Ebel	Rua Benjamin Constant s/nº Uruguaiana/RS	1927	19	Ourives, solteiro. Uruguaiana/RS, 1951.
103	CARAM, Farid (33)	15/06/1913	Eden Monte Líbano	Miguel e Nazda Curi C.	Rua Bento Martins s/nº Uruguaiana/RS	1928	15	Solteiro, jornalista. Uruguaiana/RS, 1946.
104	CARELLOS, Jorge (43)	1896	Síria	Simão e Farid Chimali	Praça Conde de Porto Alegre nº 14 Centro POA, 1939.	1909	13	Casado, comerciante. Rua Dr. Flores, 132 Centro 1943 POA, 1939.
105	CAROBIN, Badia Haulé (40)	05/01/1902	Síria	Eli e Hajseh H.	Rua Duque de Caxias, 1639 Centro, POA, 1942	1928	26	Do lar. Casou em Cachoeira em 1932. Em 18/07/1968, cancelou registro e deixou o país definitivamente. POA, 1942.
106	CAROBIN, Jorge (41)	25/04/1900	Síria	Felix e Malaqui C.	Rua Marques do Alegrete, 306 São João POA - 1941	1922	22	Ambulante. Rua Duque de Caxias, 1639 – POA. 1942. Rua Augusto Severo, 199 POA, 1945.

107	CARROUZ, Gabriel Abdulmessih (24)	01/01/1915	-	A.C. e Mariana C.	Rua dos Andradas, 1808 Centro POA – 1939.	1935	20	Comercio, solteiro. Rua Voluntários da Pátria, 100 Centro POA/RS – 1939.
108	CECIN, José Tanus (60)	19/05/1883	Síria	Saade e Maria C.	Rua Manoel Ribas, 2024 Santa Maria/RS 1943.	1907	24	Comércio, Casado. Santa Maria/RS. 1943.
109	CECIN, Nahie Sead	-	Líbano	Feres Sead e Noemia S.	Rua Manoel Ribas, 2024 Santa Maria/RS 1944.	1907 (30.11)	-	Casada, do lar. Santa Maria/RS 1944.
110	CECIN, Rosa Kalil	-	Síria	Antº. Simão e Maria K.	Av. Cascata, 2671 POA – 1941.	--	--	Viúva, do lar. POA-1941.
111	CECÍLIO, João Miguel (34)	20/12/1906	Síria	Miguel e Rosa C.	Rua Avahy, 39 R. Centro POA, 1940.	1927	21	Comércio, casado. Rua Oswaldo Aranha, 198. Bom fim. POA E.
112	CECILIO, Miguel Dumit (55)	07/04/1885	Síria	Domingos Dumit e Maria C.	Rua Avaí, 39 R. Centro POA – 1940.	1910	25	Comerciante, casado. Rua 24 de Maio, 159 Centro POA E. 1940.
113	CHAHIN, Abdallah Mohamed (39)	17/11/1904	Líbano	Abdallah M.C. e Nôr C.	Av. Farrapos, 2775 Centro R. e E. POA -1943	1926	24	Operário. Passaporte expedido em Beirute, 1926. POA, 1943.
114	CHADDOUD, Mohamed Aziz (48)	08/01/1892	Síria	M. Youssef C. e Zaine Achmed C.	Rua Avaí, 116 R. Centro POA-1940.	1910	18	Comercio ambulante. Av. Belém, 68 R. (Teresópolis) 1943. POA.
115	CHALFUN, Proussine	-	Líbano	Jean Seba C. e Marie Jean	Travessa do Cruzeiro, 49 – POA – 1939.	1904	-	Casada, comercio ambulante. POA.
116	CHALITHA, Saide Chalitha (31)	03/10/1892	Jouinvile Líbano	José e Malaka C.	R. Barão de Cotegipe, 487 R. São João, POA – 1939.	1905	13	Do lar. Rua Carlos Gomes, 697 Higienópolis R. POA 1942. Rua Gal. Portinho, 311 R. POA 1951.
117	CHALUP, Elias (59)	1883	Síria	Mahfuz e Joana C.	Av. Carlos Barbosa, 4 R. e E. Medianeira, POA – 1942.	1919	36	Comerciante, casado. Rua Germano Hoolocker, 288 Azenha 1947 POA.
118	CHALUP, Maria Nacise (47)	26/05/1895	Síria	Vicente e Sadi N.	Av. Carlos Barbosa, 4 R. e E. Medianeira, POA – 1942.	1919	24	Do lar. POA.
119	CHAMMAS, Marianne Joseph (40)	25/02/1899	Líbano	José C. e Saine José.	Av. João Pessoa, 1302 Cid. Baixa, POA R. 1939.	1913	14	Do lar. Av. Borges de Medeiros, 970, Centro, POA R. 1942.
120	CHAMI, João (49)	15/10/1890	“Antakie” Síria	Elias e Maria C.	Rua dos Andradas, 1619 R. e E. Centro POA – 1939.	1913	23	Casado. Av. Otávio Rocha, 40 ap. 7 R. Casa Brasileira de Sedas. Rua dos Andradas, 1619, Centro E. POA – 1947.
121	CHAMUN, Nabih Cury (54)	22/09/1891	Síria	Antº. Bachil e Sussul B.	Rua Gal. Cipriano Ferreira, 551/5 Centro POA. R. 1945.	1907	16	Casada, do lar. Filho nasceu em Tupãciretã 19/09/1922.



122	CHAMOUN, Mansour (64)	1º/01/1875	Líbano	Zakie e Milane C.	Rua José do Patrocínio, 947 R. e E. Cid. Baixa POA – 1939.	1893	18	Apresentou certificado de reservista do filho Felipe Mansour C. – 1939.
123	CHAMUN, Antonio Mansur (29)	07/06/1911	Líbano	M.C. e Maria C.	Rua Marques do Alegrete, 334 São João POA – R. 1940/1968	1925	14	Comércio. Rua Riachuelo, 1478 E. 1940. Rua Demétrio Ribeiro, 805 1948. E. Centro, POA.
124	CHAPUR, José Mercedes (48)	19/03/1892	Síria	M. e Chamse C.	Rua Laurindo, 234, R. Santana, POA. 1940. Rua Ramiro D'ávila, 56 R. Azenha, POA. 1943.	1934	42	Fiscal de Bondes Av. João Pessoa c/ Sarmento Leite E. POA. 1940.
125	CHEBAT, Georges Nicolas (56)	09/04/1884	Síria	N. C. e Malaca C.	Rua Demétrio Ribeiro, 968 R. Centro POA, 1940.	1912	28	Comércio. Rua Voluntários da Pátria, 607 Centro E. POA 1940. Rua Chaves Barcelos, 241 Centro E. POA 1942.
126	CHEFFE, Jorge Ibrahim (50)	23/04/1890	Síria	I.C. e Bassona C. Assis.	Estação Povo Novo, 3º distrito de Rio Grande/RS R. E. 1940.	Antes de 1935.	-	Comerciante. Rio Grande/RS.
127	CHEFFE, Zahie Atalla (43)	01/07/1897	Síria	Felipe Jorge e Elizabeth A.	Estação Povo Novo, 3º distrito de Rio Grande/RS R. E. 1940	-	-	Casada. Rio Grande/RS.
128	CHLALUP, Malfuz (32)	1908	Síria	Rimeno e Martha C.	Rua Barros Cassal, 656 R. Praça Parobé, 46 Centro POA - 1940	1929	21	Casado, comercio ambulante. Feira Livre. POA 1940.
129	CHEMALE, Ourd Safy	-	Líbano	Mihaul Safy e Kemle Dau.	Av. Borges e Medeiros, 923 ap. 23 Centro POA – 1942.	1926	-	Viúva. Passaporte expedido em Beirute em 28/09/1926.
130	CHEMALE, Elias (41)	04/05/1898	Líbano	Nemtallah C. e Ouarde C.	Rua Duque de Caxias, 1572. Centro POA – 1939.	1920	22	Comercio, solteiro. Av. Alberto Bins, 308 ap.43 Centro POA/RS – 1942.
131	CHEMALE, Emile Nama Tallah (34)	05/09/1906	Líbano	N.C. e O. Safe C.	Rua Duque de Caxias, 1572. R. Centro POA – 1940.	1927	21	Viajante. Rua Bento Gonçalves, 1368. POA/RS 1940.
132	CHEMALE, Felipe Selaimen	01/05/1890	Líbano	Selaimen Chebine C e Jeane Chalita C.	Rua Benjamin Constant, 259 POA 1940	1905	15	Casado, agricultor em Taquari/RS.
133	CHEMALE, Nagib José Ignácio	28/01/1878	Síria	José Ignácio e Martha Nellake	Rua Cel. Neves, 577 Tristeza POA 1945.	1901	23	Casada em 28/01/1903.
134	CHEME, Millim (40)	07/09/1902	Síria	Jacob M. C. e Maria J. C.	Rua Voluntários da Pátria, 2361 E. e R. Centro POA – 1942.	1914	12	Apresentou Certidão de Nascimento do filho Wilson Jacob nascido em 11/01/1929.
135	CHEUHEN, Bader Karan (50)	20/03/1890	Líbano	José e Elisia Karan	Vila Siqueira. Município de Rio Grande/RS 1940.	1913	23	Do lar. Rio Grande/RS

136	CHEUHEN, Alberto (57)	1883	Líbano	Stefen Feres e Makbudi Aguaida.	Vila Siqueira. Município de Rio Grande/RS 1940.	1911	28	Comércio em Vila Siqueira, Munc. de Rio Grande/RS – 1940.
137	CHIEDERIQUE, Josarina Matias (46)	20/05/1895	Monte Líbano	Matras e Latife C.	3ª zona da capital. 1941.	-	-	Casada, do lar. POA, 1941.
138	CHIEM, Abrahão (52)	1887	Síria	Hassen e Onde C.	Rua Mariante, 816 Independência, POA – 1939.	1909	22	Barbeiro. Rua dos Andradas, 1563 Centro POA – 1939.
139	CHIDEN, Tofi Feres (55)	1889	Síria.	Feres e Rosa	Rua Gal. Osório, 53 Viamão/RS. 1944	1913	24	Comércio ambulante. Casou em 22/07/1911 em Viamão/RS.
140	CONSTANTIN, Felipe (62)	1º/01/1879	Líbano	Jean James e Naura J.C.	Rua Povo Novo, 3º distrito de Rio Grande/RS -1941.	1902 17/12	23	Comércio por conta própria. Rio Grande/RS.
141	CORDAHI, Adele Bouez (37)	25/06/1905	Monte Líbano	Chain e Salomé B.	Rua Benjamin Constant, 1743. São João R. POA 1941	1933	28	Do lar. Passaporte libanês emitido em 1932.
142	COUJA, Miguel José (33)	16/01/1906		J. e Hanan Chahli C.	Rua Andrade Neves, 73 R. Centro POA – 1939.	1927	21	Solteiro, Comércio. Ambulante, Praça da Bandeira, 282 Centro POA – 1944.
143	CRAIDY, Abrahão Aiub (62)	17/05/1888	Líbano	Anib e Warde C.	Rua Silva Jardim, 270 Lajeado/RS – 1950.	1904	16	Casado, comerciante. Apresentou escrituras terrenos em Lajeado/RS 1929.
144	CRAIDY, David João (40)	22/11/1899	Líbano	João C. e Zeara Maeluf C.	Rua Augusto Severo, 75 R. POA 1939 Rua Benjamin Constant, 123 E. POA 1939	1923	24	Industrialista. Ouro Branco, Município de Estrela/RS. 1941 Av. Flores da Cunha, R. Carazinho/RS 1962.
145	CURE, Joanna (36)	08/01/1904	Síria	Mansur Aramils e Dib M.	Rua Riachuelo, 895 R. Centro POA – 1940.	1924	20	Do lar. Rua Riachuelo, 637 R. Centro POA, 1942.
146	CURE, Lauratta Nuchle (51)	04/05/1890	Síria	João Feres e Farida Karan F.	Rua Felix da Cunha, 399 Floresta, POA - 1941	1906	16	Casada, do lar. POA, 1941
147	CURE, Ramon (41)	15/11/1898	Síria	José e Felícia C.	Av. Cascata, 3187 R. Rua Gal. João Teles, 268 C. Baixa – POA 1939.	1924	26	Casado, quitandeiro. Comercio ambulante. POA 1939.
148	CURI, Abdo Jorge (29)	07/08/1910	Síria	Jorge C. e Catarina Dib C.	Rua Cel. Fernando Machado, 977 R. Centro POA 1939. Rua da República 71 R. POA 1943.	1925	15	Comerciante, casado. Rua Voluntários da Pátria, 163 E. Centro POA 1939. Naturalizado brasileiro em 1950.
149	CURI, Catarina Diab (55)	05/01/1885	Síria	Abdelmassih D. e Hajloun D.	Rua Cel. Fernando Machado, 977 Centro POA, 1940.	1926	41	Viúva, do lar.

150	CURI, Julia Jorge (32)	26/12/1908	-	Jorge e Catharina Dib C.	Rua Cel. Fernando Machado, 977 Centro POA, 1940.	1926	18	Solteira, do lar.
151	CURI, Esperidião Jorge (36)	28/08/1903	Síria	Jorge e Catarina C.	Rua Venâncio Ayres, Santana 741 R. e E. POA, 1939.	1909	6	Casado, comércio. Av. João Pessoa, 787 R. 1943. Naturalizado brasileiro em 1951.
152	CURI, Eugênia Kalil (38)	23/12/1907	Líbano	Kalil e Saada Bainy C.	Rua Gal. Osório, 712 Pelotas/RS 1945.	1923	16	Solteira, do lar. Pelotas/RS 1945.
153	CURI, Kalil José (64)	2/02/1879	Líbano	José e Anjul C.	Rua Gal. Osório, 712 R. Pelotas/RS. 1943.	1914	35	Viúvo, comerciante por conta própria. Pelotas/RS 1943.
154	CURI, José Kalil (28)	20/06/1900	Barsa Líbano	Kalil J. C. e Saada Bainy C.	Rua Gal. Osório, 712 Pelotas/RS. 1942.	1914	14	Solteiro, comerciante. Rua Andrade Neves, 658 E. Centro Pelotas/RS 1942.
155	CURI, Suraya Kalil (32)	11/02/1913	Líbano	K. José C. e Saada Bainy C.	Rua Gal. Osório, 712 R. Pelotas/RS 1945.	1923	10	Solteira, comerciária. Firma José Kalil Curi. Rua Andrade Neves, 658 E. Pelotas/RS 1945.
156	CURI, Ibraim Kalil. (37)	22/01/1902	Líbano.	Kalil José C. e Saada Bainy C.	Rua Andrade Neves, 672 E. Centro Pelotas/RS 1939.	1924	22	Casado, comerciante. Rua Andrade Neves, 672 Pelotas/RS 1939.
157	CURI, José Kalil (42)	20/06/1900	Barsa Líbano	Kalil J. C. e Saada Bainy C.	Rua Gal Osório, 722 R. Pelotas/RS 1942	1914	14	Solteiro, comerciante.
158	CURI, João André (69)	12/01/1877	Síria	André C. Caram e Helena Elias	Rua Carlos Von Koseritz, 734 São João POA 1946.	1904	27	Carroceiro, casado. Apresentou certidão de nascimento de uma filha de 1910.
159	CURI, Helena Perez André (61)	29/04/1889	Enfa Líbano	Miguel Perez e Zarif P.	Rua Carlos Von Koseritz, 734 São João POA 1950.	1905	16	Viúva. POA. 1950.
160	CURI, Rita Bainy (31)	01/04/1914	Argentina	João José C. Ersulia Biny	Rua Anchieta, 116 Pelotas/RS 1945.	1918	4	Pelotas/RS 1945.
161	CURI, Nagib Forjalla (28)	10/09/1912	Líbano	F.C. e Faride C.	Rua Comendador Tavares, 393 Navegantes POA, 1940.	1926	14	Operário, casado. Rua Frederico Mentz, 1606 Vila Assunção E. POA 1940.
162	CURI, Maria (38)	01/01/1904	Síria	Dib Niasse e Jamile N.	Rua 24 de Outubro, 1379 R. Auxiliadora POA, 1942.	1922	18	Viúva, do lar. POA, 1942.
163	CURY, João Cury (58)	06/02/1896	Síria	Antº C. Caltum C.	Estação Theodózio, Distrito de Pelotas/RS 1954.	-	-	Aposentado, casado, servente. Pelotas/RS 1954.
164	CURY Fl. José Isaac	19/03/1929	Líbano	-	Rua Mariz e Barros, 577 São Lourenço do Sul/RS	21/06 1929	0,3	Solteiro, comércio por conta própria. São Lourenço do Sul/RS.
165	CURY, José Jorge (34)	19/05/1906	Síria	Jorge e Margarida C.	Av. Getúlio Vargas, 1.671 R. M. Deus POA, 1940.	1926	20	Casado, Comerciante. Rua Voluntários da Pátria, 1071 Centro POA, 1940.

166	CURY, Rafael (47)	06/01/1892	Síria	Aniceto e Salma C.	Rua Duque de Caxias, 1294 ap. 2 Centro R. POA 1939	1917	25	Casado, comerciante Mercado Público banca 13. E. POA 1939.
167	DABOUL, Mariam Tamoy (37)	05/02/1903	Líbano	Tanous e Mesalic Aron D.	Rua Demétrio Ribeiro, 997 R. Centro POA 1940.	1928	25	Rua dos Andradas, 1402 R. Centro POA 1942.
168	DABULL, Jorge (66)	18/06/1895	Síria	Constantino Farah e M <sup>a</sup> Baick.	Rua Urbano Garcia, 217 R. e E. Pelotas/RS 1961.	-	-	Comercio, casado. Pelotas/RS
169	DAHER, Joseph (24)	12/01/1919	Monte Líbano	Jalim D. e Nazan Castoum	Av. Borges de Medeiros, 417 R. POA 1943.	1940	21	Passaporte emitido em Tripoli, 1939. Comercio Rua dos Andradas, 123 E. Centro POA - 1943. Grande Hotel Av. Alberto Bins – Hotel Carraro, 1948.
170	DAHER, Luandos	-	Dair-el-kamar Líbano	Elias L. e M <sup>a</sup> Gaflé	Rua Cel. Genuíno, 149 1939. Centro POA	1918	-	Solteiro, comercio. POA, 1939.
171	DAHER, Michel Rachid (30)	12/08/1909	Líbano	R.D. e M <sup>a</sup> Rafoul	Rua Uruguai, 324 R. Centro POA 1939.	1934	25	Passaporte emitido em Tripoli em 1933. Solteiro, comercio Rua dos Andradas, 1231 E. 1939.
172	DAN, Wadih Simões (47)	06/05/1892	Kesrronan Líbano.	Simon Jorge e Sara Fransis Geara D.	Rua Cel. Fernando Machado, 757 R. e E. Centro POA 1939.	1910	18	Solteiro, comercio POA, 1939.
173	DAND, Jachinto (53)	04/02/1887	Síria.	Amado e Maria D.	Rua 25 de Fevereiro, 240 POA R. Navegantes 1940.	1913	26	Casado, comercio ambulante. POA, 1940.
174	DANIEL, José (35)	12/02/1904	Síria.	Kamel e Rosa Rosy D.	Rua Laurindo, 134 R. Santana POA 1939.	1909	5	Solteiro, ambulante. Em 1943, mudou-se para Pelotas/RS. 1939.
175	DAURICH, Serafim Amado (42)	25/02/1897	Síria.	Amado e M <sup>a</sup> Luiza D.	4 <sup>o</sup> Distrito de Gravathay/RS 1939.	1914	17	Horticultor. Gravatai/RS 1939.
176	DAU, Jamilé Simon (55)	08/05/1884	Libanês	Simon Jorge e Sara Fransis Geara	Rua Cel. Fernando Machado, 757 R. e E. Centro POA 1939.	1923	39	Viúva, do lar.
177	DAU, Naclé Simão (51)	17/10/1888	Líbano	Simão D. e S.F. Dau	Rua Cel. Fernando Machado, 1092 R. Centro POA, 1939	-	-	Solteiro comercio. Rua Mal. Floriano, 486 R. e E. Centro POA 1939. Rua Gal. Bento Martins, 408 POA 1957. (aposentado).
178	DAU, Theophile (47)	16/12/1892	Beirute	Alexandre e Sarah D.	Rua Mal. Floriano, 486 R. e E. Centro POA 1939	1910	18	Casado, comercio Rua São Manoel, R. 1092 Santana POA.
179	DAVID, Michel David (29)	1910	Monte Líbano	Catm e Saleme D.	Rua 24 de Maio, 368 R. E. Rio Grande/RS 1939	1933	23	Comércio, solteiro. Rua Gal. Vitorino, 553 Rio Grande/RS – 1947.
180	DAVID, Padilha Miguel (66)	25/12/1890	Síria.	Miguel e Mariense D.	Pelotas/RS 1956.	1910	20	Agricultor, casado. Estrada da Barbuda, Pelotas/RS 1956.

181	DEQUECH, Simão (51)	25/10/1892	Síria.	Abrahão e Rosa D.	Rua Cel. Neidesauer, 1439 Santa Maria/RS 1943.	1908	16	Comercio, casado. Santa Maria/RS 1943.
182	DIB, Brahim Ali Ismail (31)	10/10/1910	Síria.	Ali Ismail e Zarda Ahmad D.	Rua Voluntários da Pátria, 953 e 607 R. e E. Centro POA 1941.	1929	19	Solteiro, comercio. Rua Boa Vista, 1301 Belém Novo POA, 1946.
183	DIB, Elmassa Khalil (32)	25/12/1908	Líbano	Miguel e Chihá Horkoss	Rua Eudoro Berlink, 1083 Floresta POA R. 1940.	1929	21	Casada, do lar. POA, 1940
184	DIB, Khalil Hanna (49)	15/12/1891	Líbano	Hanna e Laie D.	Rua Eudoro Berlink, 1083 Floresta POA R. e E. 1940.	1929	37	Casado. POA, 1940.
185	DIB, Nahir Khalil Hanna (29)	27/12/1911	Líbano	Khalil H. e Marianne D.	Rua Eudoro Berlink, 1083 Floresta POA R. 1940.	1934	23	Do lar, solteira. Passaporte libanês emitido em Trípoli 1933. POA, 1940.
186	DIB, Therese Khalil Hanna (19)	12/12/1921	Líbano	Khalil H. e Marianne D.	Rua Eudoro Berlink, 1083 Floresta POA R. 1940.	1934	13	Do lar, solteira. Passaporte libanês emitido em Trípoli 1933. POA, 1940.
187	DIB, Selman (37)	17/04/1898	Síria	Mohamed Ali e Warde Melhem D.	Rua Cristovão Colombo, 777 R. e E. Floresta POA 1939.	1917	19	Solteiro, comercio ambulante. Rua Leopoldo Bier, 40. R. Santana POA 1950.
188	DIBI, Adão Jorge (53)	1891	-	Jorge D. e Talla Corami.	São Miguel 2º distrito de Cachoeira/RS 1944.	1907	16	Casado, comercio. Casou em Restinga Seca em 1915.
189	DIP, Alípio Pedro	-	-	Pedro e Mª Antª Dip	Av. João Pessoa, 439 R. C. Baixa POA, 1941	1910	-	Garçon. Rua Demétrio Ribeiro, 1079 Centro POA E. 1941.
190	DIP, Emílio (49)	20/12/1891	Síria.	Daher e Helena D.	Rua Gal João Manoel, C. Baixa POA 440 R. e E. 1940.	1917	26	Solteiro, comercio. Rua Lima e Silva, 10 E. Viajante da firma Salim Hanna e irmão POA 1945.
191	DIPP, Maria (61)	14/06/1881	Síria	Miguel Mussal e Martha M.	Rua Riachuelo, 1620 R. Centro POA 1942.	1906	25	Casada, do lar. Certidão de casamento POA 1921.
192	DIPP, Maria Antônio (55)	14/05/1900	Líbano	Pedro e Hala Hauer	Rua Gal Osório, 1155 Passo Fundo/RS 1955	1926	26	Apresentou certidão nascimento 19/03/1931 da filha brasileira. Do lar, Passo Fundo/RS 1955.
193	DIPPE, Jorge Miguel (37)	22/10/1902	Síria	Miguel J. e Maria D.	Rua Duque de Caxias, 1321 R. POA 1939 Rua Riachuelo, 1582 Centro POA 1940.	1907	5	Barbeiro Rua Mal. Floriano, 24 E. 1939 Rua Dr. Flores, 442 E. Centro POA – 1940.
194	DIPPE, Maria Bodekud (28)	30/05/1912	Síria	João e Barbara D.	Rua Riachuelo, 1620 Centro R. POA 1940.	-	-	Casada, do lar.
195	DIRANI, José João (43)	13/05/1896	Síria	João Elias e Jamilé D.	Rua Demétrio Ribeiro, 960 R. Centro POA 1939.	1911	15	Rua Borges de Medeiros, 1025/ap.52 Centro POA R. 1943. Em 1950 retificou nacionalidade de Síria para Líbano. Viajante da

								firma Av. Celso Garcia, 3335 São Paulo E. 1943.
196	DIRANI, Youssif (39)	13/12/1908	Líbano	Habib Tabet e Marie T.	Rua Avaí, 233 R. Centro POA 1947.	1947	39	Solteiro, comercio por conta própria. 10 de novembro, 243. POA Passaporte emitido em Beirute 1946.
197	DIRENE, Antônio José. (46)	10/12/1903	Líbano	José e Nazlia D.	Cerrito, distrito de Canguçu/RS 1949 (hoje Município de Pedro Osório/RS)	1927	24	Comercio, casado em 3 corações 1933 (MG) Cerrito Município de Canguçu/RS R. e E. 1949. ( R. Farid Albaini)
198	DIRENE, Martha (43)	1908	Líbano	Cury Antº. e Anjoul Elias	Cerrito, distrito de Canguçu/RS	1928	20	Casada, do lar. Cerrito/Pedro Osório/RS 1951.
199	DOUMID, Jorge Doumid (40)	12/03/1907	Síria	Jorge e Lisa D.	Rua Pedro, 664 Centro POA 1947.	1926	19	Casado, comercio. Rua Andrades Neves, 649 Centro POA 1947.
200	DORA, Antônio (49)	15/02/1889	Monte Líbano	Santiago e Sussena D.	Rua Aquidaban, 116 Uruguaiana/RS 1939.	1910	21	Casado, criador. Uruguaiana, 1939.
201	DORA, Malke (45)	23/04/1894	Monte Líbano	Romão e Maza D.	Rua Aquidaban, 116 Uruguaiana/RS 1939.	1910	16	Casada, do lar. Uruguaiana, 1939.
202	DUFECH, Augusto (44)	26/11/1900	Síria	Assad e Abrack Dantur	Rua Gal. Lima e Silva, 840 R. Cid. Baixa, 840 1944	1934	34	Casado, comercio Rua Laurindo, 134 E. Sta. Cecília POA 1944.
203	DUFECH, Soreia Marchet Jabor (58)	01/04/1890	Síria.	M.J. E Chancij	Rua Arlindo, 134. Santa Cecília/POA 1948.	1913	23	Apresentou certidão de nascimento 02/1913, filho Hani. Viúva, do lar. 1948.
204	DUMIAN, Najem (65)	01/08/1877	Líbano	Najem e Rail D.	São José do Norte/RS 1952	1902	15	Viúvo, comércio. São José do Norte/RS 1952.
205	DUMET, José (53)	1º/04/1887	Síria	José e Rosa Kalil D.	Rua Don João VI, 111 R. Rua Pedro Boticário, 189 R. POA 1941	1903	19	Casado, operário Rua Sarmento Leite, 673 E. 1940 POA
206	DUMITH, João (33)	10/03/1913	Líbano	Jorge e Elzira Jorge Raad.	Rua Andrades Neves, 674 Pelotas, 1943	1925	12	Casou em 1934 em Pelotas/RS.
207	DUMIT, Kalil José (52)	14/10/1890	Síria	-	Av. Oswaldo Aranha, 472 R. e E. Bom Fim POA 1942.	-	-	Casado, comerciante. Casou em 1929 certidão da 1ª Zona de POA.
208	DUQUIA, Julio	22/08/1904	Rep. Libanesa	Assem e Hadige D.	Rua 13 de Maio, 550 Santa Vitória do Palmar/RS R. e E.	1926	22	Casado, comerciante. Sta Vitória do Palmar/RS.
209	DUQUIA, David (57)	06/02/1907	Síria	Omad e Zara Trad D.	Rua Princesa Isabel, 35 Pelotas/RS 1964.	1925	18	Casado, pedreiro. Pelotas/RS
210	DUQUIA, Abdon (43)	21/01/1897	Damasco, Síria.	-	Arroio Grande/RS 1940	1926	29	Casado, comerciante. Vila Olimpo, Arroio Grande 2º distrito de Rio Grande/RS

211	EBADE, Mahmoud (44)	28/12/1896	Líbano	Alamedino E. Kadouz e Alumed	Comendador Tavares, 347, Navegantes/POA 1939.	1913	17	Comercio, solteiro. POA
212	EGELEH, Jorge (36)	03/02/1909	Síria	Moysés e Adele E.	Rua Cristóvão Colombo, 1242, Floresta POA. 1942.	1927	19	Solteiro, comercio ambulante. POA.
213	EKAIM, Jamile Gabriel Estfan (57)	03/06/1892	Líbano	Gabriel Resben e Marrun Estfan	Rua Gonçalves Chaves, 404, Pelotas/RS 1949	1901	9	Casada, do lar. Pelotas/RS
214	ELÇADI, Mustafa (41)	03/12/1900	Palestina	Saide M. e Latife E.	Rua José Bonifácio, s/n Don Pedrito/RS R. 1941	1927	27	Rua Júlio de Castilhos, 83. E. Don Pedrito/RS 1941.
215	ELHAOTT, Quergia Manoel Antônio (31)	18/04/1909	Síria	Manoel Antº. e Amun Malas	Rua Protasio Alves, 1844. Petrópolis POA 1940.	1923	14	Casada, do lar. POA 1940
216	ELHOTT, Mustafá Dib (37)	02/05/1902	Síria	Dib e Kemala E.	Av. Protasio Alves, 1844 R. e E.	1923	21	Casado, comercio. Av. Bento Gonçalves, 1408 – 47 R. e E. Centro POA, 1939.
217	EKIZIAN, Soukias (29)	09/02/1910	Líbano (Turquia)	Sarquis e Harnem E.	Rua Dr. Flores 64 R. Rua Dr. Flores, 64 E. POA 1939.	1928	18	Solteiro, comercio. Rua Julio de Castilhos, 136 E. e 280 E. 1943 Centro POA. Naturalizado Brasileiro em 1956.
218	EKZIAN, Ohannes (31)	08/01/1908	Líbano	Magar E. e Soghome E.	Rua Voluntários da Pátria, 1085 R. e E. POA 1939. Av. Alberto Bins, 635 ap. 71 R. Centro POA 1961.	1928	20	Sapateiro. Passaporte emitido em Beirute em 1928. Rua Senhor dos Passos, 86 E. POA 1961.
219	ELIAS, Abílio (46)	20/02/1897	Síria	Ineu e Catarina E.	Rua Independência s/n R. e E. São Sepé/RS 1943.	-	-	Casado, comercio. Casamento realizado no Município de Cachoeira em 26/03/1925. São Sepé/RS 1943.
220	ELIAS, Leonel José (70)	18/05/1874	Síria	J.E. Kalil e Arageid K.	Rua Ramiro Barcelos, 236 Centro POA 1944.	1892	18	Casado, comercio. Casamento realizado em Cachoeira em 1909. POA 1944.
221	ELIAS, Maria Moyses (67)	05/05/1877	Síria	Moysés Antº. e Schemona Bechara	Rua Ramiro Barcelos, 236 Centro POA 1944.	1902	25	Casada, do lar. Casamento em Cachoeira em 1909.
222	ELIAS, Amini Moyses (52)	14/12/1888	Líbano	Moyses Nedir e Fadda N.	Rua Moura Azevedo, 268 São Geraldo POA 1940.	-	-	Viúva, do lar. POA, 1940.
223	ELIAS, Abrahão (46)	26/02/1893	Síria	A. Salvador e Rosa A. Silva	Rua São Jorge, 468 Navegantes R. POA 1939.	1916	23	Casado, comércio Av. Ceará, 915 E. São João POA 1939.
224	ELIAS, Joanna Miguel (47)	10/10/1892	Síria	José Jorge e Maria Antônia Jorge	Rua Lima e Silva, 97 R. E. Cid. Baixa, POA 1939.	1909	17	Viúva, do lar. POA, 1939.

225	ELIAS, Maria Isaac (52)	12/12/1889	Líbano	Isaac Elias e Martha I.	2º distrito de Rio Grande/RS R. E. 1941	1898	09	Do lar. Bolaxa, 2º distrito de Rio Grande/RS 1941.
226	ELIAS, Kaffa Farés (59)	12/02/1889	Líbano	Fares Elias e Zeciré Miguel	Rua da Azenha, 934 Azenha R. E. POA 1948.	1928	39	Apresentou carteira de comercio ambulante fornecido pela prefeitura de POA de 1932.
227	ELIAS, Rahil Fares (54)	01/12/1887	Líbano	Fares E. Antº. e Shiré Miguel	Rua da Azenha, 934 R. E. Azenha POA 1941	1927	40	Solteira, comerciante.
228	ELIAS, Ghalié (46)	24/05/1894	Síria	Ghalié e Sultana E.	Rua Protásio Alves, 3082 R. Petrópolis POA 1940.	1927	33	Solteira, do lar. Passaporte Sírios emitido em Tripoli 16/06/1026. Rua da Conceição, 415, Centro POA 1940.
229	ELIAS, Miguel (43)	13/01/1898	Líbano	Elias Nassif e Sofia N.	Av. Carlos Gomes, 2041. Higienópolis POA 1941	1927	29	Casado, operário ambulante. POA 1941.
230	ELIAS, Ricardo Miguel (18)	06/04/1924	Líbano	Miguel e Teresa E.	Av. Carlos Gomes, 2041 R. Higienópolis POA 1942	1926	2	Empregado firma Raphael Dabdab Rua Voluntários da Pátria, 71 Centro POA 1942.
231	ELIAS, Roumanos (36)	01/12/1905	Líbano	Narciso Elias e Sofia E.	R. Dr. Timóteo, 820 R POA 1941. Rua Quintino Bocaiuva, 19 1942 POA	1926	21	Solteiro, carpinteiro. Rua dos Andradas, 1226 E. 1941 POA. Rua Gal. Lima e Silva, 148 Cid. Baixa POA 1944.
232	ELIAS, Salma (24)	10/11/1915	Síria	Nacif E. e Hajne E.	Rua Cel. Bordini, 380 R. Bela Vista POA 1939	1924	9	Solteira, costureira Rua Quintino Bocaiuva, 419 R. Rua Marques do Pombal, 796 Floresta E. POA 1945.
233	ELIAS, Toufic (42)	17/04/1899	Síria	Kalil Elias e Dalal Dip	Praça Julio de Castilhos, 39 R. e E. Pelotas/RS 1941.	1924	25	Solteiro, comercio. Pelotas/RS 1941.
234	ELIAS, Toufik Mansur (51)	15/12/1888	Síria	Mansur Elias e Catarina Bitar.	Rua Duque de Caxias, 1639 R. Centro POA 1939.	1903	15	Casado, comercio. Rua Voluntários da Pátria, 491 E. 1939. Rua Mal. Floriano, 285 sobrado Centro POA 1944.
235	ELIAS, Wady Mansur (42)	25/12/1900	Síria	Mansur E. e Catharina Bitar	Rua Duque de Caxias, 1570 Centro POA 1942	1924	24	Casado, comercio. Rua Mal. Floriano, 312 Centro POA E. 1944.
236	ELIE, Abraham Jacob (39)	25/12/1901	Líbano	Elie J. e Barbara J.	Rua 24 de Maio, 498 Rio Grande/RS 1940	1923	22	Comercio ambulante. Rua Ewbank, 45 Rio Grande/RS 1944.
237	ELJABEL, Emílio (46)	18/12/1897	Síria	Lulaiman e Aminie E.	Rua Dr. Bozano, 752 Santa Maria/RS 1943.	1909	12	Casado, comercio. Rua Siqueira Campos 1243 POA 1943. Obteve título declaratório de cidadão brasileiro em 1944.



238	ELMIR, Tufi (45)	24/09/1898	Líbano	José e Rosa E.	Rua Lima e Silva, 638 Cid. Baixa POA 1939.	1917	19	Solteiro, comerciante. Rua da Conceição, 415 Centro POA 1943.
239	ELMIR, Pedro Abdo (24)	25/10/1915	Argentina	Abdo Elmir e Badia A. E.	Rua Lima e Silva, 638 Cid. Baixa POA 1939. Av. Alberto Bins, 729 R. e 732 E. Centro POA 1951.	1920	5	Casado, comercio. Mercado Público Bancas 1 e 2. Centro POA 1939.
240	EMAIH, Abdo Jorge (52)	09/03/1887	Líbano	Jorge E. e Martha Jorge E.	Rua Lima e Silva, 97 R. Cid. Baixa POA 1939.	1901	14	Solteiro, Comercio Rua da Misericórdia, 80 E. Centro POA 1939.
241	ESCANDAR, Isaac José (49)	21/05/1906	Líbano	José Antº. E. e Mantura Mauá.	Rua Andrades Neves, 556 R. E. Pelotas/RS 1943.	1924	18	Comercio por conta própria Pelotas/RS 1943.
242	ESBER, Tamer (81)	23/06/1863	Síria	E. Slamen e Eva E. S.	Av. Cascata, 2229 R. Belém POA 1944.	1937	74	Atual Av. Oscar Pereira. Viúvo, Comercio.
243	FADAUL, Mabib Salomão (43)	1896	Líbano	Jorge e Saada Thedras	Rua Gal. Netto. Rio Grande/RS 1939	1922	28	Casada, do lar. Rio Grande/RS 1939.
244	FADOUL, Boutros Sleman (36)	11/06/1904	Libanês	S. F. e Soca F.	Rua Gal. Câmara, 351 R. Rio Grande/RS 1940.	1930	26	Casado, comerciante. Rua 24 de Maio, 398 E. e 378 E. 1942 Cia. Swift do Brasil. E. Av. Honório Bicalho s/s Rio Grande/RS.
245	FADOUL, Elias Boutros Salaimen (16)	26/02/1926	Libanês	B.S. F. e Moumine Ayoul F.	Rua 24 de maio, 378 Rio Grande/RS 1942.	1931	5	Cia Swift do Brasil. E. Rio Grande/RS 1942.
246	FADOUL, Marie Michel (39)	08/02/1900	Líbano	Miguel e Rosa Nehne	São José do Norte/RS 1939.	1930	30	Casada, comercio. Agricultor S.J. do Norte/RS 1942. Aposentado.
247	FADEL, Carim (64)	25/01/1887	Líbano	Ayub F. e Najme F.	Rua Alberto Torres, 86 Bagé/RS 1951.	1909	22	Casado, comercio. Apresentou certidão de casamento de maio de 1916 realizado em Bagé.
248	FADEL, Gabriel Miguel (36)	08/12/1903	Síria- Líbano	Amil M. e Catal F.	Rua Riachuelo, 1045 R. e E. Centro POA 1939.	1909	6	Comércio, casado. Em 1942 mudou-se para o Rio de Janeiro.
249	FADOR, Jessemine (49)	1895	Síria	Antônio e Jamile F.	Rua Gal. Andrades Neves, 73 R. e E. Centro POA 1944.	1910	15	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento 06/1918 do filho Elias – 1ª zona da Capital.
250	FAHAS, Abrahão (61)	01/01/1884	Síria	Jorge e Dib F.	Rua Caldas Junior, 353 Centro POA 1945.	1905	21	Viúvo, comercio em Arroio dos Ratos e São Jerônimo/RS 1945. Apresentou certidão nasc. 13/06/1923 do filho em Encruzilhada/RS.
251	FAJERRELDIN, Alípio	-	Beirute	-	-	1927	-	Empregado rural. Casado em Alegrete em 1930. Filho Alexandre Gajereldin e Maria

								santos 4º Subdistrito de Alegrete/RS 1947.
252	FALDI, José Pedro (46)	27/01/1897	Síria	Pedro e Alia F.	Rio Branco 1º distrito do Prata/RS R. e E. 1943. Rua da Azenha, 1297 R. e E. Centro POA 1944.	05/1918	21	Casado, comercio. Registrou o filho Nunes Pedro F. em março de 1927 2º distrito do Município do Prata/RS.
253	FAKREDIN, Domingos Salomon Abi (51)	18/02/1890	Líbano	Salim Abi-Fakredin e Jalili.	Barra do Ribeiro, Tapes/RS. 1941.	-	---	Comerciante, solteiro
254	FALLOH, Fares (33)	14/09/1906	Síria	-	Rua Gal. Vitorino, 365 R. POA, 1939.	1923	17	Comercio Rua 24 de Maio, 332 E. Centro POA 1939.
255	FALLOUH, Merched Ibrahim (63)	1877	-	I.F. e Manna F.	Rua 24 de Maio, 332 Centro R. e E. POA 1940.	1929	52	Casado, comercio à rua Mal. Floriano, 16 Pelotas/RS
256	FARAH, Abrão (30)	22/03/1909	Síria	Salino e Bahia Chalup F.	Av. Carlos Barbosa, 2 R. Medianeira, POA, 1939	1928	19	Comerciante. Av. Carlos Barbosa, 2 POA 1939. Naturalizou-se brasileiro por decreto presidencial em 1966.
257	FARAH, Dib Jorge (63)	21/02/1886	Líbano	Jorge e Mantura F.	Rua Anchieta, 167 R. Pelotas/RS 1949.	1913	27	Casado, comerciante à Rua Mal. Floriano, 16 Pelotas/RS 1949.
258	FARAH, Niderau (37)	01/02/1906	Síria	José e Said F.	2º distrito de São Sepé/RS 1943.	1924	18	Comerciante 2º distrito de São Sepé/RS 1943. Apresentou certidão de nascimento 26/02/1936 de uma filha Ivone.
259	FARAH, Racheides (46)	03/03/1896	Síria	José e Saides F.	2º distrito de São Sepé/RS 1943.	1914	18	Comerciante, casado, certidão de casamento fornecida pelo cartório do 4º distrito de São Sepé/RS 1939.
260	FARES, Tanus	20/03/1903	Líbano	Feres Atala e Setelbait Attalah	Rua Gal. Osório, 467. Rio Grande/RS 1940.	1927	24	Solteiro, comerciante Rua Gal. Osório, 467 E. Rio Grande/RS 1940
261	FARRET, Abdo (58)	10/07/1885	Líbano	Salim e Barbara F.	Rua 7 de setembro, 987 Santa Maria/RS 1943	1905	20	Casado, apresentou certidão de casamento de Santa Maria 25/11/1922. Comerciante Rua 7 de setembro, 987 Santa Maria/RS 1943.
262	FARRET, Zahie Bered (35)	25/12/1908	Síria	Haidar e Maria Neffa B.	Rua 7 de setembro o, 987 Santa Maria/RS 1943.	1920	12	Casada, certidão de casamento de Santa Maria, 1938.
263	FARRET, Elias Salim (50)	14/08/1893	Líbano	Salim Muci e Barbara Mothcy F.	Rua Silva Jardim, 1349 Santa Maria/RS R. e E. 1943	1904	11	Apresentou certidão de batismo da filha Ruth Farret, filha de Abdo

								Farret e d sua esposa Lilia Motcy F. de 25/1/1927.
264	FARRET, Isaias Salim (57)	01/01/1889	Líbano	Salim e Barbara F.	Rua Silva Jardim, 1270 Santa Maria/RS. R. e E. 1946	1935	46	Casado, comercio. Apresentou certidão de nascimento do filho, em santa Maria/RS de 1926.
265	FATTAH, Hussein Hassan Abdul (60)	15/07/1887	Líbano	Hussein Abdul F. e Amun A. F.	Rua. Gal. Osório, 426 Pelotas/RS 1947.	1929	42	Casado,comerciante.Rio Grande/RS 1947. Comerciante no Mercado Central. Pelotas/RS 1947.
266	FATIMA, José (33)	07/09/1907	Damasco Síria	Mohamer F. e Mary F.	Rua 24 de Maio, 83 R e E. Rua Lima e Silva, 130, POA 1940.	1935	28	Solteiro, operário 1940. Rua Avaí, 491 Centro POA, 1949.
267	FAYAD, Hind (36)	13/06/1913	Líbano	Nassif e Chafica Fayad	Av. Farrapos, 31/2º andar R. modista E. iden. 1949 POA. Rua Cel. Vicente, 382 POA 1963.	06 1923	10	Solteira, modista. Passaporte visado no Consulado brasileiro em Marselha em 06/1923. Registro de estrangeiro de Bagé/RS 1939. Naturalizada brasileira em 10/03/1965.
268	FAYAD, Evelina Khalil (51)	21/04/1895	Síria	Kalil Fayad e Adma Tueny F.	Rua 3 de Maio, 509 R. Pelotas/RS 1946.	1921	26	Solteira, do lar. Pelotas/RS 1946
269	FAYAD, Miguel Kalil (48)	10/06/1892	Libanesa	Kalil e Adma Tueni F.	Rua 3 de maio, 509 R. Pelotas, 1940. Rua Mal. Floriano, 6 E. Pelotas.	1913	21	Solteiro, Comerciante. Adquiriu nacionalidade brasileira em 1956.
270	FAYAD, Chafika (58)	09/05/1891	Líbano	Gabriel e Sarah Audi	Av. Farrapos, 31/2º andar R. modista E. iden. 1949 POA. Rua Cel. Vicente, 382 POA 1963.	07 1923	30	Casada, do lar. Passaporte visado no Consulado brasileiro em Marselha em 06/1923.
271	FERES, Cecília (53)	13/04/1888	Síria	Rucas Bestane e Farida Helon	Rua 11 de setembro POA 1941.	-	-	Viúva, do lar. POA 1941.
272	FEREZ, Maria Pedro (35)	01/03/1905	Síria	P.F. e Tarfusa Tanil	Rua Benjamin Constant, 193 R. E. 1940 POA	1912	8	Casada, do lar. POA 1940.
273	FERRES, Carim Sad Musi (43)	09/03/1897		M.F. e Masa M. Sffet	Rua 24 de Maio, 368 R. e E. Rio Grande/RS 1940.	1916	19	Casado, comerciante. Casou em Vila José Otávio 5º distrito de Bagé/RS 1939.
274	FELIPE, José (56)	02/02/1883	Síria	J.F. e Rosa F.	Rua 24 de outubro, 1406 R. E. Auxiliadora POA 1939.	1900	17	Casado, comércio ambulante. Rua Anita Garibaldi, 850 Independência POA – 1942.
275	FELIPPE, João (57)	02/01/1882	Síria	Artur e Marieta Felipe.	Rua Voluntários da Pátria, 713 Centro POA 1939. R.	1913	31	Solteiro, Transviário, aposentado da Carris POA 1943. Rua Barros

								Cassal, 18 Independência POA 1943.
276	FELIX, Emílio Jorge (57)	1900	Síria	J.F. e Alfreda David	Vila Olimpo Distrito de Arroio Grande/RS 1957	1919	19	Comercio, casado.
277	FOUHÉS, João Salvador (54)	06/06/1885	Líbano	Abdalla Michel F. e Mary Bittar	Rua São Manoel, 930 R. e E. Santana POA 1939.	-	-	Comercio, casado.
278	FRANCISCO, Aida Dable (61)	06/06/1885	Líbano	-	Rua Felix da Cunha, 462 Pelotas/RS 1946.	1914	29	Casada, comerciante. Armarinho nº1 Mercado Central Pelotas/RS 1946.
279	FRANCISCO, Elias (56)	20/06/1887	Síria	Chidie e Ismorod F.	Rua Bento Gonçalves, 2152 POA R. E. 1943.	1907	20	Casado, agricultor. Casou em 1925 1ª zona da Capital. 1943 POA.
280	FRANCISCO, Helena Mansur (52)	10/01/1890	Síria	Pedro e Talla M.	Rua Bento Gonçalves, 2152 R. E. POA 1942.	1912	22	Casada, do lar. 1942 POA.
281	FRANCISCO, Said José (37)	25/01/1903	Síria	José e Maria F.	Rua Cristóvão Colombo, 767 R. e E. POA 1940.	1923	20	Retificou nacionalidade para libanesa em 1948. Identidade emitida na Bahia em 27/03/1925. Garçon Bar Oriente POA, 1948.
282	FREB, Antônio José. (43)	16/08/1897	Síria	José e Adélia F.	Rua Cabo Rocha, 131 R. POA 1940.	1914	17	Casado, barbeiro à Rua Clara, 191 E. Rua Marcilio Dias, 1391 POA 1941.
283	GABECH, Antônio (54)	26/03/1887	Síria	Hanna Sarkis e Abla G.	Rua 24 de maio, 174 R. e E. POA 1941	1912	25	Casado, comercio. Rua Oswaldo Aranha, 1416 R. e E. POA 1944.
284	GABECH, Mariene Asmus (41)	05/05/1901	Síria		Av. João Pessoa, 1191. POA 1942.	-	-	Casada, do lar. POA 1942.
285	GABECH, Rada (55)	17/09/1886	Trípoli Líbano		Rua 24 de maio, 174 R. e E. POA 1941.	1912	26	Casada, do lar. Av. Oswaldo Aranha, 1416 Centro POA 1944.
286	GABECH, Sarquis (42)	13/04/1897	Síria	João e Maria		1909	12	Comercio, casado. POA 1939.
287	GALIA, Susana Nacussi (36)	20/11/1904		Vicente Mansur e Saada M.	Av. Dr. Carlos Barbosa, 4 R. e E. POA 1940.	1919	15	Casada, modista. Rua da Azenha, 1377 POA 1946. Apresentou certidão de casamento em 29/06/1929.
288	GALIA, Tufik	10/02/1902	Síria	Lalomon G. e Maria G.	Av. Carlos Barbosa, 4 POA 1940	1927	25	Casado, comercio. POA 1940.
289	GANEM, Michel Khoury (46)	12/10/1901	Síria	Abibk e Liza G.	Rua José do Patrocinio, 585 R. Praça Parobé, 46 E, Centro POA 1945.	1925	24	Casado, comercio. Casou no Paraná em 1925. POA 1945.

290	GARIB, Antônio (49)	17/08/1890	-	Hassan G. e Talpé Dalloub	Rua Riachuelo, 1466 R. e E. POA 1939.	-	-	Solteiro, comercio Rua Senhor dos Passos, 92 R. 1942 POA.
291	GAZAL, Elias (33)	18/06/1916	Trípoli Líbano	Hamadan G e Hossein G,	Rua Couto Magalhães, 490 POA Rua Augusto da Silveira, 243 POA 1949 e Praça Rui Barbosa, 222 POA 1952.	1919	3	Solteiro, ambulante. Apresentou atestado da firma Gandur Atalla dizendo que conhece Gazal desde 1937.
292	GIL, Jovem Sessin (27)	15/11/1911	Síria	-	Bacopari 6º distrito de Osório/RS 1939	1914	3	Casada, do lar. Bacopari Osório/RS 1939.
293	GIL, Miguel Antônio (48)	29/09/1896	Síria	Antônio Moyses e Sofia G.	Conceição do Arroio, Osório/RS 1944.	1913	17	Casado, comercio. Certidão de casamento de 1925 5º distrito de Osório/RS.
294	GIL, Simão Antônio (39)	16/08/1900	Síria	Antônio Moyses e Sofia G.	Palmares, 5º distrito de Osório/RS 1939.	1914	14	Casado, comércio. Osório/RS 1939.
295	GODERINES, José. (49)	13/01/1893	Síria	José G. e Maria G.	Av. São Paulo, 670 R. POA 1942.	1902	9	Casado, garçon. Rua dos Andradas, 1179 E. POA 1942.
296	GRABI, José Antônio (68)	1875	Síria	Antônio e Alm Barduil G.	Rua Manuel Ribas, 2030 Santa Maria/RS 1943.	1893	18	Casado, comercio. Casou em Santa Maria em 1913.
297	GRABI, Rajun Mansur Audi (65)	10/04/1878	Síria	Mansur Audi e Tarrus Schimas A.	Rua Manuel Ribas, 2030 Santa Maria/RS 1943.	1893	15	Casada, do lar. Santa Maria/RS 1943.
298	GUENEN, Badia (49)	08/1893	Síria	G.S. Guenen e Sara S.G.	Rua Gal. Lima e Silva, 638 Cid. Baixa POA 1942.	1913	20	Viúva, do lar. POA 1942.
299	GUL, José Mansur (42)	1902	Líbano	Mansur e Rafaela Saleme G.	Rua dos Andradas, 92 R. e E. POA 1944.	1923	21	Casado, comerciante. POA 1944.
300	HABAB, Fozí (34)	1905	Síria Uruguai	Salim e Kadija H.	Av. Borges de Medeiros, 720 R. Centro POA 1939.	1931	26	Comercio, viúvo. Av. Otávio Rocha, 165 R. e 151 E. 1945 POA.
301	HABBAB, Wasef Selim (23)	01/01/1917	Síria	Selim e Adig H.	Rua 15 de novembro, 368 Encruzilhada/RS R. e E. 1940	1935	18	Casado, comercio Av. Borges de Medeiros, 595 E. POA 1966.
302	HABER, Habbuba El (50)	02/02/1889	Líbano	Melhem e Nur Bader ElHaber	Rua Cel. Genuíno, 149 R. e E. POA 1939.	1903	14	Viúva, do lar. POA 1939.
303	HABIB, Moussa Abi	1921	Roumié Líbano	Georges e Lina Abi H.	Rua Hipólito Ribeiro, 74 Bage/RS 1957	1935	14	Solteiro, Alfaiate. Bage/RS 1957.
304	HABIB, Doumit Sakr Bon	04/01/1904	Líbano	Sakr B.H. e ...	Rua Salgado Filho, 798 Bage/RS 1961.	1928	24	Casado, comerciante. Bage/RS, 1961.
305	HABIB, Helena	--	Síria	--	Rua José do Patrocínio, 58 POA 1939.	1928	-	Solteira, do lar. Passaporte Sírio expedido em Damasco 19/03/1929

								o qual recebeu visto no consulado brasileiro em Marselha/França.
306	HABR, Tamam	03/09/1892	Líbano	Emil e Nur H.	Rua Gal. João Manoel, 275 R. POA 1939.	1920	28	Solteira, do lar. Rua Riachuelo, 448. 1942 e Rua Fernando Machado, 455 Centro POA 1942.
307	HARB, Mrie	16/04/1900	Kfarchima Líbano	Emílio e Nura H.	Rua Gal. Caldwell, 832 R. Praia de Belas POA, 1940.	1920	20	Solteira, do lar. Passaporte fornecido pelo Alto comissariado Francês no Líbano a 11/09/1920.
308	HADDAD, Wadih Fares (50)	20/12/1891	Líbano	Fares El Haddad e Faride H.	Rua Gal. Osório, 724 Rio Grande/RS 1941.	1926	35	Viúvo. Comerciante por conta própria. Passaporte expedido em Beirute 1925. Rio Grande/RS 1941.
309	HADDAD, Paulo Kalil (52)	04/12/1887	Líbano	Kalil Haddad e Helena Feres H.	Av. Berlim, 489 Floresta R. POA 1939.	1915	28	Casado, vendedor. POA 1939.
310	HADDAD, Said Abdalla	01/04/1899	Monte Líbano	Abdalla e Raula Abi Rania	Rua Mal. Floriano, 272 R. e E. Rio Grande/RS 1939	1922	21	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1939.
311	HADDAD, Moyses	17/01/1886	Síria	Abdalah e Helena Jorge H.	Rua Santa Therezinha, 217 Santana POA 1939.	1897	11	Casado, comerciante. POA, 1939.
312	HADDAD, Martha	18/11/1914	Monte Líbano	Ibrahim e Afife Canan	Rua Mal. Floriano, 272 R. e E. Rio Grande/RS 1939	1932	18	Casada, do lar. Adquiriu nacionalidade brasileira em 1948. Rio Grande/RS.
313	HADDAD, Marthe Kafrouni	17/06/1890	Líbano	Elias Kafrouni e Catarina K.	Av. Viena, 243 Floresta POA 1946.	07/ 1914	24	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento 15/02/1912 da filha 3ª zona da Capital (casamento).
314	HADDAD, Calisto Xahy	15/01/1894	Síria	X. e Rosa H.	Av. Otávio Rocha, 135 Centro R. e E. POA 1939. Rua Cel. Vicente, 586 R. POA 1941.	1912	18	Casado, comerciante. Praça Conde de Porto Alegre, 64 POA 1941.
315	HADDAD, Angélica Dipp	-	Síria	-	Rua Avaí, 247 Cid. Baixa POA R. 1955. Praça do Portão, 64 E. POA 1955.	-	-	Certidão de casamento celebrado em 20/06/1923 do cartório da 1ª zona da Capital. POA, 1955.
316	HADDAD, Sophia Maluf	18/10/1910	Síria	Name Uaquim Maluf e Jamile Cury M.	Rua Marques do Pombal, 1063 Floresta POA 1942.	7/5 1913	3	Casada, do lar. POA 1942.
317	HADAD, Nagib	13/06/1900	Síria	Naef e Coca H.	Rua Marques do Pombal, 1063 Floresta POA 1940.	1908	8	Casado, comercio ambulante. Av. Cuiabá, 6 Medianeira POA, 1944.
318	HADAD, Maria Ayub	09/12/1903	Síria	Alfredo e Catharina Ayub.	Rua La Plata, 679 R. Jardim Botânico, POA 1940.	1908	5	Casada, do lar. POA 1940.

319	HADAD, Benjamin	14/01/1901	Síria	Miguel e Estrela H.	Rua La Plata, 679 R. e E. Jardim Botânico POA 1940.	1907	6	Casado, comercio. POA 1940.
320	HAICAL, Jacob Jorge	23/04/1890	Líbano	Jorge e Catarina H.	Rua Miguel Barcelos, 110 R. e E. Pelotas/RS	1912	22	Viúvo, Comercio. Pelotas/RS 1959.
321	HAIN, Martha Salim	03/01/1892	Tripoli Líbano	Jorge e Maria Jorge	Mudou-se para São Paulo	-	-	Uruguaiana/RS 1951
322	HAJE, Jamile Kfourri	01/01/1882	Sarba Síria	José e Matura K.	Rua Nova Trento Tristeza POA, 1944.	1907	25	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento de uma neta de nome Antonietta de 1928.
323	HAJE, Naja José	23/12/1873	Líbano	José e Wadiba H.	Rua Nova Trento Tristeza POA, 1939	1907	34	Casado, comercio. Rua barão do Teffé, 252 M. Deus POA 1947.
324	HALBOURIAN, Carlos	16/02/1908	Turquia Libanês naturaliz.	Aarão H e Lucia H.	Rua Conceição, 589 R. Centro POA 1939.	1929	21	Viúvo, comerciante a Rua Voluntários da Pátria, 501 E. Centro POA, 1942.
325	HALLAL, Raphael	26/05/1889	Síria	Antônio e Rosa H.	Rua Gal. Vitorino, 317 Pelotas/RS. 1960	1919	30	Casado, aposentado Pelotas/RS 1960.
326	HALLAL, Dalila Mereb	12/04/1899	Hasrum Síria	Miguel Mereb e Latifa M.	Rua Gal. Vitorino, 410 R. Pelotas/RS 1943.	1913	14	Casada, do lar. Pelotas/RS 1943
327	HALLAL, Jorge Curi	23/04/1890	Barça/Cura Líbano	João Curi e Julia Nassar.	Rua Gal. Vitorino, 410 Pelotas/RS 1939	1913	23	Casado, comercio. Pelotas/RS 1939.
328	HALLAL, Domingas	15/12/1889	Síria	Paulo e Maria H.	Rua Gal. Vitorino, 317 R. Pelotas/RS 1960.	1919	29	Casada, do lar. Pelotas/RS 1960.
329	HALLAL, Emílio Curi	13/06/1871	Líbano	Germano Curi Hallal e Frucina Tanus C.	Rua Mal. Floriano, 279 Pelotas/RS 1942.	1910	49	Casado, comerciante à Rua Gal. Barcelar, 118 Pelotas/RS 1942.
330	HALLAL, Germano Curi	21/03/1901	Líbano	João Curi H. e Julio C. Hallal	Rua Andrades Neves, 613 R. e E. Pelotas/RS 1939.	1923	22	Solteiro, comerciante. Pelotas/RS 1939. Naturalizado brasileiro em 1945.
331	HALLAL, José Curi	05/06/1907	Barça Líbano	Emílio Curi H. e Atilia C. H.	Rua Silva Paes, 196ª R. Rio Grande/RS 1939.	1910	3	Solteiro, comerciante à Rua Mal. Floriano, 279 E. Rio Grande/RS 1942.
332	HALLAL, Otília Curi	05/07/1876	Barsa Líbano	Ramão e Anseliya Bairy.	Rua Mal. Floriano, 279 R. Pelotas/RS 1942.	1910	34	Casada, do lar. Rua Gal. Barcelar, 118 R. Pelotas/RS 1944.
333	HALLAL, Simão Paulo	18/02/1893	Líbano	Paulo Jorge H e Maria H.	Rua Gal. Vitorino, 410. Pelotas/RS 1944. Rua Gal. Osório, 713 Pelotas/RS 1944.	1909	16	Solteiro, viajante comercial. Certidão de registro de estrangeiro fornecido em Arroio Grande de 1939.

334	HALLAL, Jalila	11/11/1883	Síria	João e Aмоса Boomar H.	Rua dos Andradas, 1728 POA 1942.	06/1899	16	Casada, do lar. POA, 1942
335	HAMDEN, Carlito	20/10/1903	Síria	Asen e Teg H.	Rua Benjamin Constant, 587 R e E. Floresta POA 1939.	1927	24	Casado, comercio. Rua Sacadura Cabral, 130 POA 1943.
336	HANNA. Chames Brahim	15/02/1901	Líbano	Brahim Hanna e Ketbe H.	Av. Ceará, 775 São João POA 1940.	1931	30	Solteiro, operário. Travessa Frederico Mentz, 1452 E. Vila Assunção POA, 1940.
337	HANNA, Georgette	15/02/1924	Líbano	Brahim H. e Hilané H.	Rua Gal. Rasgado, s/n Vila Niteroi, Canoas/RS 1946.	04/01 1931	7	Passaporte libanês emitido em Trípoli em novembro de 1930.
338	HANNA, Nagi	04/04/1931	Líbano	João Hanna e Hilana	Rua Gal. Rasgado, s/n Vila Niteroi. Canoas/RS 1948.	1931	,5	Solteiro, estudante no Ginásio São Luiz, Rua Vítor Barreto, s/n. Canoas/RS 1948. Passaporte emitido pelo comissário da Rep. Francesa em Trípoli nov. 1930.
339	HANNA, Rafik	02/05/1930	Líbano	João e Hilane H.	Rua Gal. Rasgado, s/n Vila Niteroi. Canoas/RS 1948	04/01 1931	1	Passaporte emitido pelo comissário da Rep. Francesa em Trípoli novembro 1930.
340	HARB, Boutros Khoury Boules	21/01/1902	Líbano	Khoury Boules e Lative K. Harb	Rua Tiradentes, 8 R. Uruguaiana/RS 1941 e rua	1927	25	Casado, comercio. Uruguaiana/RS 1941.
341	HARB, Elias João (47)	19/06/1896	Líbano	João e Sada H.	Comercio Município de Bage/RS 1943. Rua Marcílio Dias, 1385 E. POA 1945. Rua São Paulo, 827 São Geraldo POA 1965.	1912	16	Casado, vendedor ambulante, 1946. Aposentado 1965. Apresentou certidão de nascimento 29/05/1929 filho Ely de Santa Maria/RS.
342	HARB, Jorge João	03/12/1900	Monte Líbano	João e Saada H.	Rua Senhor dos Passos, 111 R. Centro POA 1940. Rua da Conceição, 340 ap.32 Centro R. POA, 1941.	1920	20	Casado, comercio à Rua Voluntários da Pátria, 745 E. Centro POA, 1940.
343	HARB, José João	05/05/1908	Líbano	João e Saada Monassa H.	Rua Voluntários da Pátria, 941 R. Centro POA 1940. Rua Benjamin Constant, 1363 R. POA, 1946	1910	2	Solteiro, comerciário. Posto de venda da revista da Viação Férrea. POA 1940.
344	HARB, Nohra Miguel	09/05/1898	Líbano	Miguel Nohra H. e Jamili M. H.	Rua Gal. Bento Gonçalves, 1381 Uruguaiana/RS 1941.	1923	25	Casado, comercio. Naturalizado Brasileiro em 1970. Uruguaiana/RS 1941.
345	HARB, Juliette Khoury	05/12/1925	Tanourin Líbano	Boutros Khoury Boulos H. e Halloum B. K. B. H.	Rua Domingos de Almeida, 152, Uruguaiana/RS 1945.	08/01 1927	2	Solteira, do lar. Passaporte francês exp. Em Trípoli em 24/11/26 com visto Consular brasileiro em Gênova 21/12/1926.



346	HARB, Mariana	05/12/1901	Tanourin Líbano	Jorge Morad e Marão Morad	Rua Gal. Bento Gonçalves, 1381 Uruguaiana/RS 1941	1923	22	Casada, do lar. Uruguaiana/RS 1941.
347	HARB, Mary	11/12/1912	Síria	José e Sultani Arabach Hantouch.	Av. Rio Branco, 411 R. Santa Maria/RS 1943.	06/1925	17	Casada, do lar. Registro de estrangeiro expedido em Passo Fundo/RS 1939. Certidão de Casamento de Passo Fundo/RS 1935.
348	HASSEN, Simão	01/01/1895	Síria	Felipe e Emilia H.	Rua Avahy, 116, Centro R. POA 1939. Av. Belém, 268 R. Teresópolis. POA 1943.	1910	15	Casado, comercio à Rua Voluntários da Pátria, 252 E. Centro POA, 1939.
349	HASSEY, Ali Ahmed	05/07/1911	Síria	Ahmed e Fátima Dib H.	Rua Cristóvão Colombo, 757 R. e E. Floresta, POA 1940.	1927	17	Solteiro, comercio. POA 1940.
350	HATALL, Latif Uequet	03/05/1895	Monte Líbano (Nabai)	Uequet H. e Gorra Assad	Rua 24 de maio, 378 Rio Grande/RS 1939	1909	14	Desquitado, comerciante à Rua 24 de Maio, 366. E. Rio Grande/RS 1939.
351	HAWAT, Ahmed El	10/01/1899	Líbano	Dib El Hawat e Kadug E.H.	Av. Protásio Alves, 2528 Petrópolis POA, 1939.	1922	23	Comercio ambulante Av Protásio Alves, 2522-28 POA 1939 a 1951.
352	HAWAT, Sumaia El	14/03/1909	Síria ou Libano	Manuel Antônio e Amum Malas	Av. Protásio Alves, 2525 – 2825 Petrópolis POA 1939.	1922	13	Casada, do lar. POA, 1939.
353	HEBELINE, Elias Joussif	24/12/1888	Líbano	Jeussif H e Tacla H.	Rua 7 de setembro, 1002 Santa Maria/RS R. e E. 1943.	15/08/1924	38	Solteiro, comerciante. Santa Maria/RS 1943.
354	HELON, Elias Fayad	10/04/1908	Líbano	Fayad Nassif E. e Sofia Fayad	Rua Voluntários da Pátria, 501 Centro POA 1940. Rua Ponto Bandeira, 348 POA 1943.	1923	15	Casado, comercio. Rua Andradas, 1416 E. POA 1940.
355	HELON, Fayad Nassif	15/02/1882	Monte Líbano	Nassif Fayad e Cristina Nassif F.	Rua Voluntários da Pátria, 455 R. e 133 E. POA 1940.	1908	20	Casado, comerciante. Av. Alberto Bins, 456 E. POA 1946.
356	HELOU, Daher Jorge Helou	09/02/1889	Hesraiel Libanesa	Jorge Daher Helou e Esmeralda Bichara	Rua Benjamin Constant, 155 Rio Grande/RS 1939	1906	17	Camiseiro por conta própria. Rio Grande/RS 1939.
357	HILLAL, José Jorge	11/01/1904	Síria	Jorge José e Farida H.	Rua Alvaro Chaves, 164 Pelotas/RS R. e E. 1944	1930	26	Casado, comercio. Pelotas/RS, 1944.
358	HILLAL, Celina Tufi	20/12/1889	Síria	Nacijo Abrahim Curi e Ismerrod N.A.C.	Rua Santa Cruz, 708 Pelotas/RS 1947	1916	27	Casado, do lar. Apresentou certidão de nascimento do filho. Pelotas 1947. José Tufi nascido em 18/05/1922.
359	HILLAL, Antônio Pedro	19/11/1907	Barsa	Pedro José H. e Maria Chidiack H.	Rua Barroso, 646 R. Pelotas/RS 1944.	1912	5	Comercio, casado. Rua Mal. Floriano, 65 E. Pelotas/RS 1944.

								Casou em 3 corações/MG em 21/06/1927.
360	HILAL, Gabriel	03/05/1912	Líbano	José e Frousine H.	Rua 3 de maio, 430 Pelotas/RS 1943.	1931	19	Solteiro, comercio firma Germano Curi e irmão. Rua Andrades Neves, 613 Pelotas/RS 1943.
361	HILLAL, José	03/05/1912	Líbano	José Curi e Fracina C. H	Pedro Osório Rio Grande/RS 1969.	1930	18	Casado, comercio. Pedro Osório R. e E. Rio Grande/RS
362	HISS, Karim Salomão	06/01/1901	Síria	S. Hias e Salma Gozali H.	Rua Gonçalves Chaves, 815 R. Pelotas/RS	1923	22	Casado, comerciante. Certidão de casamento de 1928 em Pelotas/RS
363	HISSA, Manoel	25/12/1888	Síria	Mikail Hissa e Anna H.	Rua Gonçalves Chaves, 403 R. Pelotas/RS 1941.	1906	18	Comercio ambulante por conta própria.
364	HOAYS, Simão Jorge	20/08/1880	Líbano	Jorge João H. e Mane El Azi	Alegrete/RS 1951	1909	29	Casado, agricultor, criador. 1º distrito de Alegrete/RS 1951.
365	HOMSI, Abud	12/01/1910	Síria	Elias e Maria H.	Rua Andrade Neves, 662 R. e E. Pelotas/RS 1939.	1926	16	Solteiro, comerciante. Pelotas/RS 1939.
366	HOMSI, Maria	15/04/1911	Alepo Síria	Bachir Salis e Delia S.	Rua Gal. Osório, 716 R. Pelotas/RS 1942.	--	--	Casada, do lar. Pelotas/RS. 1942.
367	HOMSI, Sobhi	25/05/1908	Síria	Elias e Maria H.	Rua Gal. Osório, 716 R. Pelotas/RS	--	--	Casado, comércio Rua Andrade Neves, 662, Pelotas/RS.
368	HONYACK, Abdo Butros Nassr	20/12/1890	Líbano	Butros N.H. e Marina Antônio	Rua Dr. Lauro, 752 Alegrete/RS 1942.	01/03/1913	23	Casado, viajante. Alegrete/RS 1942.
369	HOSNI, João Jorge	23/04/1888	Síria	Jorge e Constância H.	Rua Mal. Floriano, 188 R. e E. Pelotas/RS 1941	1915	27	Casado, comerciante. Adquiriu nacionalidade brasileira em 1944. Pelotas/RS 1941.
370	HUSNE, Mirhej Raphael	13/12/1899	Homs Síria	Raphael Ibrahim e Salua Nassif	Rua Gonçalves Chaves, 454 R. e E. Pelotas/RS 1939.	1908	9	Casado, ourives. Pelotas/RS 1939.
371	IBRAHIM, Mamud	03/02/1902	Síria	Assmann e Fátima I.	Rua Eugênio du Pasquier, 305 R. e E Cristo Redentor, POA 1952.	1927	25	Casado, comercio, POA 1952.
372	IEFFETE, Salomão David	20/03/1894	Síria	S. D. e Rafka José	Rua 7 de setembro, 1079 R. e E. Bagé/RS 1948	08/1911	17	Casado, comerciante. Certidão de casamento de 1921 Bagé/RS 1948.
373	INEU, David Simão	15/05/1900	Síria	--	Travessa 24 de Fevereiro s/n São Sepé/RS 1943.	1928	28	Casado, comerciante. Certidão de nascimento do filho Said Ineu, cartório de São Sepé/RS 12/11/1934. São Sepé/RS 1943.
374	INEU, José	15/02/1904	Síria	Adão e Badra Kaabas I.	Município de São Sepé/RS 1943.	1926	22	Casado, comerciante. Apresentou certidão de nascimento da filha Iolanda I. nascida em 10/02/1935. São Sepé/RS 1943.

375	INEU, Sabino José	25/06/1897	Síria	---	Agricultor 1º distrito de São Sepé/RS 1943.	25/05/1911	14	Apresentou certidão de casamento de 1931 de São Sepé/RS. 1943.
376	ISMAIL, Abu Ali	11/02/1900	Síria	A. I. e Zarha Ahmed	Rua Voluntários da Pátria, 865 R. Centro POA 1939	1922	22	Casado, comercio. Rua Voluntária da Pátria, 1849 POA 1942.
377	ISMAIL, Chain Hussein	17/04/1896	Líbano	I.C. e Chain C.	Rua Cristóvão Colombo, 757 R. e E. Floresta POA 1940.	1926	30	Solteiro, comercio. POA 1940.
378	ISSA, Camilo	23/12/1900	Síria	I. João e Maria I.	Barra do Velho, 2º distrito de Camaquã/RS 1940.	1913	13	Casado, comercio. Camaquã/RS 1940.
379	ISSA, Mariana	04/05/1903	Síria	João Andrs Curi e Helena A.	Rua Sertório, 416 São João POA/RS 1940.	1906	3	Casada, do lar. POA 1940.
380	ISSA, Miguel	20/08/1888	Grande Líbano	João Elias e Rahme I.	Rua Sertório, 46 São João R. e E. POA. 1939.	1908	20	Casado, comerciante. POA 1939.
381	ISSA, Pedro Iscandar	07/05/1899	Síria	I.I. e Nessa Karam	Rua João Pessoa, 78 R. Rio Grande/RS 1940.	1920	21	Carpinteiro, casado. Cia. Swift do Brasil do Brasil s/a Av. Honório Bicalho Rio Grande/RS.
382	ISSA, Simeão	02/09/1910	Síria	Abdallah I. e Altina I.	Pascoal, 1º distrito de Bom Jesus/RS 1945.	1930	20	Casado, agricultor por conta própria. Bom Jesus/RS 1945.
383	ISSAC, Jamil	12/12/1895	Síria	Salim e Sada I.	Rua São Pedro, 587 POA 1941.	1920	25	Viúvo, comercio. POA 1945.
384	ISSE, Antônio Laud	18/10/1887	Síria	L.I. e Julia Beche	Av. Cascata, 2227 R. e E. POA 1945.	10/1907	20	Casado, comercio por conta própria. POA 1945.
385	ISSE, Maria Asper	12/09/1889	Síria	Tamer sper e Deby Elyas	Av. Cascata, 2227 R. e E. POA 1945.	1905	16	Casada, do lar. POA 1945.
386	ISSE, Pedro	30/06/1908	Síria	Pedro I. e Maria Jorge I.	Rua São João, 1.425 Montenegro/RS 1954.	1912	4	Casado, comercio. Montenegro/RS 1954.
387	INAQUIM, José Alexandre	04/03/1893	Síria	A. I. e Rosa I.	Rua Benjamin Constant, 229 Rio Grande/RS 1941	1915	22	Viajante comercial. Falecido em 1947. Rio Grande/RS 1941.
388	JABER, Zahieet Chehine	25/05/1902	Líbano	Miguel Nijar e Marien N.	Rua São Francisco Chácara Barreto Canoas/RS 1942.	1924	22	Casada, do lar. Canoas/RS 1942.
389	JACOB, Amise	25/12/1890	Síria	Abidalla J. e AngelinaJ.	Rua do Riachuelo, 1218 R e E. POA 1942.	1915	25	Viúva, do lar. POA, 1942.
390	JACOB, Salim	22/09/1912	Líbano	J. José Issa e Anna Cury	Rua 2 de fevereiro, 67 R. e E. POA 1939.	1915	3	Solteiro, comercio ambulante. Rua Riachuelo, 1537 POA 1942 e R. Riachuelo, 1338 POA 1943.
391	JACOB, Wadih	15/12/1902	Síria	Abdallah J. e Krjih Siuf J.	Rua Duque de Caxias, 639 R. POA 1939.	1928	26	Solteiro, comercio. Rua Duque de Caxias, 706 E. Centro POA 1939.
392	JACOB, Wafik	21/03/1914	Síria	José Abdalla J. e Maria Dip	Rua Riachuelo, 1218 R. e E. Centro POA, 1939	1928	14	Solteiro, comercio. R. Sarmento Leite, 892 R. E. POA 1942.
393	JALIL, Chocri Josef	12/08/1912	Síria	José e Falá F.	Vila Cedro, Rua 12 Casa 109 R. e E. Rio Grande/RS 1939	1930	18	Naturalizado brasileiro em 1956. Rio Grande/RS 1939.

394	JALLAD, Fuad Jorge	18/08/1901	Síria	Jorge J. e Jamile J.	Rua Cabral, 355 R. Bom Fim R. POA 1939.	1924	23	Casado, alfaiate. Av. Otavio Rocha, 48 E. Centro POA 1939.
395	JAPUR, Catarina José	----	Monte Líbano	José Elias e Marta J.	Rua Barão do Amazonas s/n Alegrete/RS 1947	1928	---	Casada, dólar. Alegrete/RS 1947.
396	JAPUR, Fiad	---	Monte Líbano	---	Rua Barão do Amazonas s/n Alegrete/RS 1947	1928	---	Casado, comercio. Alegrete/RS 1947.
397	JAPUR, José Abraham	20/10/1897	Kobayek	José Japur e Juana Mercedes	Rua Joaquim Antônio, 456 R. Alegrete/RS 1947.	20/03/1934	37	Casado, comercio. Alegrete/RS 1947.
398	JARUJE, Jorge Abdalla (74)	18/02/1870	Síria	Abedalla e Catarina J.	Jaguarão/RS R. e E. 1944.	1898	28	Casado, comercio. Certidão de nascimento do filho Manoel A. J. nascido em 08/02/1906 em Jaguarão/RS.
399	JAZRA, Nagib	25/06/1896	Síria	Elias e Courgie J.	Rua Demétrio Ribeiro, 729 R. e E. POA, 1939.	1912	18	Casado, comerciante. POA, 1939.
400	JEBER, Antonios Chehine	20/02/1896	Líbano	Cherine J. e Maria C. J.	Chácara Barreto Canoas/RS 1939	1925	29	Casado, comercio. Vendedor Frederico Ritter, Gravatai/RS 1943.
401	JESSIM, Alberto	02/01/1900	Síria	Mestapha e Assima J.	Rua doze de outubro, 412, R. e E. Partenon POA, 1966.	1913	13	Casado, comercio à Rua Gal. Caldwell, 1315 R. e E. POA 1939.
402	JOAID, José João	25/12/1908	Síria	João e Dalila J.	Rua São Lucas, 216 R. Bom Jesus, POA 1942.	02/1920	12	Casado, comercio à Praça Parobé, 100 Centro POA E. 1942.
403	JOÃO, Aispio José	20/08/1898	Síria	Felipe e Maria J.	Rua Sarmento Leite, 204 R. e E. POA, 1949.	1919	21	Casado, comerciante. Apresentou certidão de casamento Cachoeira 1929. Rua João Pessoa, 1070 R. 1957 POA.
404	JOÃO, Catarina Germanos	08/01/1894	Síria	Miguel e Alba Germanos	Rua Demétrio Ribeiro, 943 Centro R. POA, 1942.	Antes de 1935	-	Rua Cel. Fernando Machado, 584, Centro POA, 1943.
405	JOÃO, Brahim	01/01/1903	Líbano.	Brahim e Katlú J.	Av. Ceará, 775 R. e E. São João, POA 1939.	1931	28	Viúvo, comercio ambulante. POA, 1939.
406	JOÃO, Maria Botome Moyses	22/01/1886	Síria	Daher Mansur e Maria Daher	Rua Ponto Bandeira, 313 R. e E. POA, 1940	1902	16	Alberto Bins, 324 R. 1941 e R. V. da Pátria, 140 E. 1944. POA.
407	JOÃO, Neme	24/06/1886	Trípoli	J.N. e Catarina J.	Av. Mariland, 704. Floresta, POA 1939	1912	26	Casado, comercio. Vendedor ambulante. POA 1939.
408	JOÃO, Zacharias Antônio	05/03/1878	Síria	Abdalla Antônio e Mimia Buse	Rua Cel. Fernando Machado, 584 R. e E. POA 1944.	07/1904	28	Casado, comerciante. Apresentou certidão de nascimento 06/05/1925 do filho Paulo. POA 1944.
409	JOREJ, Mokbel	14/12/1909	Líbano	T.J. e Saide J.	Estrada da Pedreira, 440 São João, POA 1939.	1929	20	Solteiro, comercio. POA 1939.

410	JORGE, Abdo	10/01/1889	Síria	J. Dib e Maria A. J.	Rua Mariland,764 R. Floresta POA, 1940.	1903	14	Casado, ferroviário. V.F.R.G.S.
411	JORGE, Elias	25/08/1890	Síria	Jorge Jacob e Jasmin Daer	Rua Olavo Bilac, 459 R. Cid. Baixa POA, 1942	1918	28	Casado, operário à rua Ramiro Barcelos, 222 Centro POA 1942.
412	JORGE, Fada Miguel	13/05/1888	Tartus Síria	José Nasi e Antônia Nasi	Rua Lusitana, 272 São João R. POA 1940.	1907	19	Casada, do lar. POA 1940.
413	JORGE, Emília	25/12/1895	Síria	Jorge João e Maria Emília Zemôr	Rua Gal. Couto de Magalhães, 547 São João POA 1942.	1907	12	Desquitada, do lar. POA, 1942.
414	JORGE, Zaida Antônio	20/05/1891	Síria.	Antônio Jorge e Hazu J.	Rua Martins de Lima, 449 Partenon POA 1940.	1911	20	Casada, do lar. POA 1940.
415	JORGE, Rafaela	26/03/1888	Líbano	Jorge e Maria Dib	Av. Eduardo,1106 POA, 1943.	1907	19	Solteira, do lar. Apresentou certidão de nascimento da filha Sorata expedida nesta Capital em março de 1925. POA 1943.
416	JORGE, Rosa João	12/02/1897	Síria	Jorge e Rosita Abrão	Rua João Alfredo, 36 Cid Baixa POA, 1940.	1921	24	Casada, comerciária Rua Cristovam Colombo, 260 Floresta POA, 1943.
417	JOSÉ, Jacob	05/02/1881	Síria	José Simão e Catharina José	Estrada da Pedreira, 434 (atual Plínio B. Milano)	06/1901	20	Casado, comerciante. POA.
418	JOSÉ, Adra Antônio Aabrão.	10/01/1892	Síria	Antônio Abrão e Joana Antônia A.	Rua Prof. Carvalho de Freitas, 716 R. Teresópolis POA 1942.	1894	2	Viúva, do lar. POA, 1942.
419	JULIÃO, Maria P.	14/02/1888	Libanesa	Pedro e Esther Turbey	1º distrito de Itaqui/RS 1947	06/06 1912	24	Casada, do lar. Atestado de residência exarado p/Associação de caridade. Itaqui/RS 1947.
420	JULIÃO, Antônio	17/01/1884	Libanesa	José Julião e Marta J.	1º distrito de Itaqui/RS 1945.	1912	28	Casado, criador. Apresentou documentos como impostos pago em 1931 à Prefeitura de Itaqui/RS. 1945.
421	KABAS, Miguel José	11/08/1904	Síria	José e Martha K.	Rua Aquidaban, s/n R. e E. São Sepé/RS 1943.	06/1927	23	Casado, comerciante. Certidão da Prefeitura Municipal de São Sepé/RS 11/08/1939.
422	KABAS, Adão José	10/09/1907	Síria	José K. e Marta Simão	Travessa 23 de agosto, s/n São Sepé/RS 1944.	1930	23	Casado, comerciante. São Sepé/RS 1944.
423	KAFROUNI, Hanna David	27/02/1924	Líbano	David Hanna K. e Mariam K.	Rua Augusto Severo, 141 POA 1941.	1925	1	Solteiro, confeiteiro. Rua Fontoura Xavier, 75 Vila São Pedro POA/RS 1960.
424	KAFROUNI, Jabbour Ibrahim	04/11/1910	Líbano	Ibrahim e Dora K.	Rua da Conceição, 589 R. POA 1940.	1926	16	Solteiro, chauffer. Praça Parobé, 66 Centro POA 1942.

425	KAFROUNI, Jemil Matta	22/01/1913	Líbano	Matta e Anissê K.	1º distrito de Canoas/RS 1939.	1927	14	Solteiro, agricultor. Canoas/RS 1939.
426	KAFROUNI Salim Jacob	15/01/1893	Líbano	Jacob e Dora K.	Rua Marques de Porto Alegre, 327 R. POA, 1939.	1914	21	Casado, comercio. Rua 25 de outubro, 1499 E. POA 1939.
427	KAFRUNI, David João	27/02/1894	Líbano	João e Helena K.	Rua Augusto Severo, 141 R. POA 1939.	1925	31	Casado, comercio. Rua Benjamin Constant, 271 E. Floresta POA 1939.
428	KAFRUNI, Matheus Abrão	21/09/1898	Síria	Matheus Abrão e Dora K.	Rua Comendador Coruja, 136 R. POA 1939.	1914	16	Casado, barbeiro. Rua Voluntários da Pátria, 1259 E. Centro POA 1939.
429	KAHN, Anna Gross	22/05/1913	Tiberias Palestina	David e Sarah G.	Rua 7 de Abril, 260 POA R. e E. 1940. POA	1921	8	Casada, do lar. Em 1942, passou a residir em São Paulo à Rua Manoel Vitorino, 70. POA 1940.
430	KALALIB, Mohamed	10/06/1908	Síria	Anis e Khadija K.	Rua dos Andradas, 772 R. POA 1940.	1927	19	Solteiro, comercio. Rua Senhor dos Passos, 89 E. POA 1940. Av. Julio de Castilho, 568 POA 1940.
431	KALACHE, Homere Nicolas	30/05/1915	Antioch Síria	Nicolas Kalach e Hanne Abduch K.	Rua Mal Floriano, 563 Rio Grande/RS 1940 R. e E. Rua Mal. Floriano, 611 R. 1944.	05/11/ 1938	23	Solteiro, comercio. Adquiriu nacionalidade brasileira em 07/02/1950. Rio Grande/RS 1940.
432	KALIFE, José Assafe	10/03/1906	Síria	Assafe K. e Padra Assafe	Rua Misericórdia, 16 POA 1939.	1925	19	Casado, negociante. Rua Riachuelo, 1589. 1941 Rua Câncio Gomes, 639 Floresta POA 1944.
433	KALIL, Barbara Jean Nahoum Chemale	15/08/1909	Líbano	J.N. Chemale e Marie C.	Rua Dr. Timóteo, 311 POA 1942	06/07 1928	17	Casada, do lar. POA 1942.
434	KALIL, Antônio	1886	Síria.	Kalil Kuri e Marta Chade	Rua Avaí, 361 POA 1939.	1912	26	Casado, comercio ambulante Rua Lima e Silva, 300 R. e E. POA 1939.
435	KALIL, Calidio	06/07/1894	Síria	Kalil Dib e Fatima Charif Dib	Rua 13 de maio, 401 Santa Vitória do Palmar/RS R. e E. 1940.	1912	18	Casado, comerciante. Santa Vitória do Palmar/RS 1940.
436	KALIL, Elias Akl	08/11/1895	Líbano	Akl Kalil e Jamile Akl K.	Rua Jerônimo Coelho, 95 Centro POA 1939	1929	34	Casado, comercio. Rua Dr. Timóteo, 311 POA, 1939.
437	KALIL, Elias Jorge	20/07/1902	Líbano	Jorge e Duna K.	Rua José do Patrocínio, 1011 R. e E. POA 1939.	1926	24	Casado, comercio. Travessa Viamão, 220 Medianeira POA 1962.
438	KALIL, Elias José	20/07/1880	Líbano	José K. e Josephine Budna K.	Rua Benjamin Constant, 827 R. e E. Floresta POA 1941.	1910	30	Casado, comercio. Rua Visconde de Rio Branco, 742 R. POA 1942.

439	KALIL, Felipe Kalil	01/05/1919	Uruguai	José Kalil e Badra K.	Rua Gal. Netto, 26 R. e E. Bagé/RS 1951.	1936	17	Solteiro, comerciante. Bagé/RS 1951.
440	KALIL, Elias Nassif	15/03/1880	Líbano	Nassif K. e Joanna N. K.	Rua Marques do Alegrete, 330 São João POA 1943.	1912	32	Casada, comercio. Apresentou certidão de nascimento de uma filha em 07/10/1927. POA 1943.
441	KALIL, Izaías	16/02/1897	Líbano	Nicolau e Maria K.	Rua Riachuelo, 1342 Centro POA 1941.	1908	11	Casado, comercio. Em 1946 obteve título declaratório de cidadão brasileiro. POA 1941.
442	KALIL, Jorge Daher	16/04/1899	Líbano	Daher Mansur e Ana Daher K.	Rua Pedro Velho, 365 Partenon POA 1952.	1911	12	Casado, comercio por conta própria. POA 1952.
443	KALIL, Josefa Jadoun	20/12/1889	Líbano	Antônio Simão e Maria K.	Av. João Pessoa, 203 Centro POA 1942.	1907	18	Casada, do lar. Av. Cascata, 2994 R. 1943 POA.
444	Kalil, Miguel Nassif	16/01/1888	Líbano	Nessif e Amine K.	Av. João Pessoa, 203 Centro POA 1941.	1904	16	Casada, do lar. Av. Cascata, 2994 R. 1943 POA.
445	KALIL, Milgen Atala	10/11/1924	Líbano	Atala K. El Cury e Nazira Cury A.	Vice-Almirante Abreu, 289 Rio Grande/RS 1940.	1933	9	Solteiro, inativo. Rio Grande/RS 1940.
446	KALIL, Nazira	19/06/1908	Líbano	Elias e Chami Chemali	Rua Marques de Alegrete, 330 São João POA 1943	1926	18	Casada, do lar. POA 1943.
447	KALIL, Nabiba Buchabqui	15/10/1895	Líbano	José Abdallah e Malaki Moyses B.	Rua Benjamin Constant, 827 Floresta POA 1941.	1910	15	Casada, do mar. Rua Visconde do Rio Branco, 792 R. POA 1942.
448	KALIL, Salim	10/1887	Líbano	Kalil Moussi e Hetum K.	Rua Gal. Netto, 56 R. e E. Bagé/RS 1942.	1911	24	Casado, comerciante Bagé/RS 1942.
449	KALIL, Saide	1901	Síria	Salim e Maria Hsn	Rua Lima e Silva, 300 POA 1939.	1909	8	Casada, do lar. Rua Avaí, 361 1943 POA.
450	KANAN, Michel	15/11/1915	Síria	Agis e Nazira Kanan	Rua São Luiz, 340 R. e E. Santana POA/RS 1944.	1920	5	Casado, comerciário. Declaração do Colégio Anchieta que frequentou o estabelecimento de 1929 a 1930.
451	KANAN, Latife	22/08/1887	Síria	Assad Abrão Boos e Mria Assad Boos	Rua Riachuelo, 856/1º andar R. e E. Centro POA 1942.	07/08/1907	20	Viúva, do lar. POA 1942.
452	KARAN, Antônio Francisco	15/08/1877	Líbano	Francisco e Simona K.	Av. Protásio Alves, 1872 POA, 1947.	1908	31	Casado, comerciante. Apresentou certidão de óbito de sua esposa, ocorrido aos 28/08/1927 na cidade de Pelotas. Comerciante inativo 1948. POA.
453	KARAM, Amra	09/01/1891	Sírio	Jsek e Maria Karam	Rua Zalony, 183 Rio Grande/RS 1939.	1906	15	Casada, do lar. Rio Grande/RS 1939.
454	KARAM, Eugenia Abeche	20/07/1897	Libanesa	Masoud Bader e Nassibe Abeche	Rua Felix da Cunha, 508 Pelotas/RS 1941	1926	29	Casada, do lar. Pelotas/RS 1941.

455	KARAM, Juana El Curi de	24/06/1897	Uruguai	Nomer ElCuri e Catalina Tork	Rua Duque de Caxias, 937 R. e E. Centro POA 1947.	1929	32	Casada, dólar. POA 1947.
456	KARAM, Marguerite Semaan	06/12/1896	Líbano	Antônio e Maria K.	Rua Ramiro Barcelos, 236 POA 1942	1918	22	Solteira, do lar. POA 1942.
457	KARAM, Nagem	08/01/1893	Líbano	José e Nura K.	Rua Cância Gomes, 601 Floresta POA 1954.	1918	25	Viúvo, mecânico. Certidão de nascimento de filha, ocorrido em 08/01/1929 do 3º distrito de Bagé/RS. 1954.
458	KARAM, Michel Habeyche	08/11/1921	Líbano	Salim Francisco Karam e Eugenia Habeyche K.	Rua Felix da Cunha, 508 R. Pelotas/RS 1943. Rua 7 de setembro, 351 E. Pelotas/RS 1943.	1926	4	Solteiro, viajante comercial Casa Importadora Salim Francisco Karam. Adquiriu nacion brasileira em 1947. Pelotas/RS 1943.
459	KARAM, Salim Francisco	15/08/1884	Líbano	Francisco Akel e Simona K.	Rua Felix da Cunha, 508 Pelotas/RS 1941.	1925	41	Casado, comerciante à rua Sete de setembro, 351 Pelotas/RS 1941.
460	KARAN, Assuncion Francisco	29/08/1881	Líbano	Francisco Akel e Simone Kuri K.	Rua Vieira Pimenta, 11 R. e E. Pelotas/RS 1939	1903	22	Solteiro, proprietário. Pelotas/RS 1939.
461	KARAM, Virginie Habeyche	09/05/1915	Líbano	Salim Francisco e Eugenia H. K.	Rua Felix da Cunha, 509 Pelotas/RS 1943.	1926	11	Solteira, comercio. Adquiriu nacionalidade brasileira em 1952. Pelotas/RS 1943.
462	KARAN, José Simão	26/12/1889	árabe	Simão e Zarife K.	Rua Zalony, 183 Rio Grande/RS 1939.	1913	24	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1939.
463	KARKOTLI, Ahmed Jodat	01/12/1894	Síria	Yaia e Azize K	Rua Voluntários da Pátria, 444 R e E. POA 1940.	1930	36	Casado, comercio à Rua Protasio Alves, 2914 POA 1948.
464	KEMELE, Miguel Hanna (50)	04/07/1898	Síria	Hanna Kemele e Hanne Josef Kemele	Rua Andrade Neves, 687 R. Cachoeira do Sul/RS 1948. Rua Alto do Amorim E. Cachoeira do Sul/RS 1948.	07/02/1913	15	Viúvo, comerciante. Certidão de casamento ocorrido em 07/01/1924 fornecido pelo cartório de Cachoeira do Sul/RS.
465	KEPÉS, Abdala Moysés	26/02/1893	Síria	Moysés e Rahme K.	Rua Recife, 46 Azenha R. POA 1939	1909	16	Casado, comercio ambulante. POA 1939.
466	KEPES, Rada Dantur	13/05/1899	Síria	Antônio e Wasila D.	Rua Recife, 43 Azenha R. POA, 1944.	1920	21	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento realizado em POA em 21/01/1922.
467	KFOURI, Fafronia Smeha	13/08/1898	Síria	Abraão e Jamile Smeha	Rua Manoel Ribas, 1698 Santa Maria/RS 1946.	1913	15	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento datada de 15/01/1916 de Santa Maria/RS.
468	KHALIL, Chami Elias	15/12/1886	Líbano	Antônio e Joana Chemale	Rua Marques do Alegrete, 330 São João 1943.	11/12/1926	40	Casada, do lar. POA 1943.



469	KHALIL, Housam Eddine Mahmoud	01/01/1896	Líbano	Houssamedin Mahmoud e Irar Sultane	Rua Voluntários da Pátria, 568 Centro POA 1940.	1930	34	Casado, vendedor ambulante. Rua Cristóvão Colombo, 785 Floresta POA 1947.
470	KHALIL, Nabiha Karam	25/10/1896	Líbano	Tannus Kiralla Mahluf e Laila M.	Rua da Misericórdia, 98 Centro POA 1939	1924	28	Casada, do lar. POA 1939.
471	KHALIL, Rahil Elias	22/12/1906	Líbano	Elias Nassif e Cheme Elias K.	Rua Benjamim Constant, 171 POA 1942.	1926	30	Casada, modista. Rua Marques do Alegrete São João POA 1944.
472	KHATHER, Mikhael Tanios Bou	01/05/1908	Líbano	Tanios Bou e Fareide B.K.	2º distrito de São Sepé/RS 1943.	1927	19	Solteiro, chauffer. São Sepé/RS 1943.
473	KHATER, Azize	1890	Sarba Síria	José e Maria K.	Rua Saldanha Marinho, 204 E. e E. POA 1941.	1924	34	Casada, do lar. POA 1941.
474	KHODJA, Mohamed Sami	02/03/1906	Síria	Hadja Mohamed e Zahie K.	Av. Maria, 2315 R POA 1940 e Rua Vol. da Pátria, 294-304 E. e Monsenhor Veras, 523 R. Santana POA 1942.	1923	17	Solteiro, comerciário. POA 1940.
475	KHOURY, Gabriel	05/02/1917	Síria	Mikaeil Ibrahim K e Zarife K.	Rua dos Andradas, 1808 R. Centro POA RS 1939.	1937	27	Solteiro, comercio. Rua Voluntários da Pátria, 100 POA 1939 E. Rua Pinto Bandeira, 534 R. POA 1941.
476	KHOURI, Jousseph El	04/04/1914	Síria	Isper El Khouri e Salma Chantass Bursa	Rua Duque de Caxias, 1572 R. Centro POA. 1940. Fabrica Sarkis Itapira SP	1926	12	Solteiro, caixeiro viajante. Passaporte Sírio fornecido em Damasco 27/08/1925. POA 1940.
477	KHORJ, Helene Habib	15/05/1910	Síria	Habib Khorj e Afifa Dada K.	Rua José do Patrocínio, 58. POA, 1939.	1930	20	Solteira, do lar. POA 1939.
478	KOMEICH, Maurice	08/01/1917	Líbano	Joseh e Zahié K.	Av. João Pessoa, 37 R. POA 1939.	1931		Solteiro, comercio. Rua da Misericórdia, 80 E. POA R. 1939.
479	KOURY, Atala Kalil El	03/01/1903	Líbano	--	Rua da República, 89 R.Cid. Baixa POA 1939.	1926		Operário no estaleiro de Luiz Loréa Rua Mal. Andréa, 45. Boa Vista POA 1939.
480	KRAIDE, Moises (64)	10/03/1884	-	João e Ana K.	Rua Bento Gonçalves, 212 R. e E. Encruzilhada do Sul/RS 1948.	03/1898	14	Viúvo, comerciário. Apresentou certidão de óbito da esposa de cartório de Encruzilhada do Sul/RS 1947.
481	KRAYONI, Ali Hassan (45)	02/11/1895	Líbano	Hassan e Seinol K.	Rua Padre Antônio Vieira, 191 R. POA 1940	-	-	Comércio ambulante. Rua Voluntários da Pátria, 191 e 189 Centro POA 1940.
482	KRICHI, Selim Mouhamad	05/10/1895	Síria	--	Rua Felizardo, 392 São João, POA 1953.	15/07/1927	30	Casado, feirante. POA 1953.

483	KURI, Abdalla	12/01/1897	-	Nemetala Kuri e Santina Pedro.	Encantado/RS 1948	06/07/1925	28	Casado, comerciante. Apresentou certidão de nascimento da filha ocorrido em Silva Paes em 07/07/1931.
484	KURY, Azis Elias	25/12/1909	Síria	Kury e Nosera	Encantado/RS R. e E. 1948	1928	19	Casado, comerciante. Apresentou certidão de casamento de Santo Antônio do Gramado/RS de 1937.
485	KURY, Karam Kalil	10/08/1887	Líbano	Kalil C. e Marta Chehade	Rua da Misericórdia, 98 R. e E. POA 1939.	1923	36	Casado, com. Rua da Misericórdia, 172 R. e E. POA 1942.
486	LAITUNE. José (54)	05/01/1895	Síria	José e Maria L.	Rua 13 de Maio, 163 R. e E. Tapes/RS 1949.	1906	11	Casado, comerciante. Certidão de casamento 1ª Zona da capital 12/09/1923. Tapes/RS 1949.
487	LEVI, Sarah Samuel	1898	Palestina	Bem Sion e Ventura Gerson	Rua Dr. Flores, 323 R. e E. POA 1940. Av. Alberto Bins, 308 ap. 10 R. POA 1942.	1918	20	Casada, do lar. Passaporte 'Palestinense' fornecido pelo departamento de imigração e trabalho de Jerusalém em 11/08/1921. Naturalizou-se brasileiro em 1952.
488	LEVY, Raphael Mansur	24/08/1890	Síria	Mansur e Esther Levy	Rua Duque de Caxias, 1294 POA, 1940	1914	24	Casado, comerciante à Rua Andrades Neves, 58. POA 1940. Travessa do Carmo, 17 ap.21 1951. Representante comercial.
489	MAANNA, Jesmané	06/01/1896	Síria	Nofal Maanna e Neflé Djabur M.	Rua Voluntários da Pátria, 367 R. e E. POA 1941.	1925	29	Viúva, do lar. POA 1941.
490	MAHAZ, Wadih	12/04/1890	Síria	Isaac e Theresia Marad M.	Rua Garibaldi, 831 POA 1940.	1909	19	Casado, comercio. Praça D. Sebastião, 7 R. e Rua Chaves Barcelos, 215 E. Centro POA 1942.
491	MAHFUZ, Latifa Elias	15/10/1887	Síria	Calil Elias e Dalel E.	Rua Gal. João Manoel, 440 POA 1943	1920	33	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento de uma filha Evlin nascida em 21/08/1921 em POA.
492	MAHFUZ, Sami	25/12/1893	Síria	Checri e Salma M.	Rua 15 de novembro, 574 Cachoeira do Sul/RS 1952.	1910	17	Casado, comerciante. Apresentou certidão de casamento de 27/11/1920 de Cachoeira do Sul.
493	MAHMOND, Hassan	15/07/1888	Síria	Hassan M. e Sahad M.	Rua Duque de Caxias, 1667 R. e E. Centro POA 1941.	1927	39	Casado, comercio. Passaporte Sírio expedido em Alouites em 29/09/1926.
494	MAHMUD, Armando Elias	22/05/1910	Síria	Elias e Flra M.	Rua Mariante, 877 R. e E. POA, 1939.	1926	16	Casado, comercio. Rua Mariante, 600 Bela Vista POA 1945.

495	MALCON, Antônio Jorge	18/07/1914	Uruguai	Jorge Malcon e Margarida Daniel M.	Rua Conde de Porto Alegre, 329 R. e Voluntários da Pátria, 1126 E. Centro POA 1940.	1916	2	Casado, comercio. Rua Moura Azevedo, 365 POA 1942 Rua do Parque, 479 POA 1949.
496	MALCON, Antônio Malcon	07/06/1908	Líbano	David Malcon e Fantine Diabret (nomes retificados em 1958)	Rua Andrade Neves, 665 R e E. Pelotas/RS 1939	1929	21	Casado, comerciante a Rua Dr. Amarante, 259 E. 1958. Naturalizou-se brasileiro em 23/06/1960.
497	MALCON, Margarida	20/09/1896	Síria	Daniel Francisco Raad e Joanna R.	Rua Gonçalves Chaves, 436 Pelotas/RS 1949	1914	18	Casada, do lar. Pelotas/RS 1949.
498	MALCON, Salomão	22/01/1909	Líbano	Daoud Malcon e Fantine Diab	Rua Andrade Neves, 665 R. e E. Pelotas/RS 1939	1928	19	Solteiro, comerciante, sócio da firma Antônio & Salomão Malcon. Adquiriu nacionalidade brasileira em 1954.
499	MELIM, Amin	24/02/1886	Síria	Jacob e Dib M.	Av. Nova York, 68 Independência POA 1942.	1902	16	Casada, comercio. POA 1942
500	MELIM, Angelina Jorge	29/09/1893	Sírio	Jorge e Maria Zemor.	Av. Nova York, 68 R. e E. 1942. Av. Cairú, 759 R 1944 e Rua Paraná, 1519 1947. POA	1900	13	Casada, do lar. POA 1942.
501	MERODE, Borbora José Chain	28/11/1887	Síria	José e Soisben Chaim	Rua Benjamin Constant, 265 Floresta POA 1940	1906	19	Casada, do lar. POA 1940.
502	MERODE, Jorge Antônio	25/12/1886	Síria	Antônio e Adus Bolos M.	Rua Benjamin Constant, 261 Floresta R. e E. POA 1939	1900	14	Casado, comerciante a Rua Benjamin Constant 265 Floresta R. e E. 1939 POA.
503	MESSERLIAN, Jorge	03/01/1905	Armênia	Sarquis e Eriisa M.	Rua Coca Barcelos s/n Lavras do Sul/RS 1945.	30/08/ 1929	24	Casado, comerciante por conta própria Lavras do Sul/RS. 1945.
504	MANSUR, Antônio	28/09/1901	Síria	Naefle e Selma Agge Mansur	Pelotas/RS 1957	1910	09	Casado, comerciante. Pelotas/RS 1957.
505	MANSSUR, Maria	10/03/1904	Síria	Isaac e Miguelina Syski	POA 1939	1913	09	Casada, do lar. POA 1939.
506	MANSSUR, José Salon	12/02/1887	Síria	Salon e Raime Manssur	POA 1952	10/ 1908	21	Casado, agricultor. Apresentou certidão de casamento, fornecida pelo cartório de Registro civil de Sobradinho em 12/05/1923.
507	MANSSOUR, Elias	28/02/1912	Síria	M. Salim e Dibe Nejar	Travessa do Carmo, 76 R. Centro POA 1939. Rua	1924	12	Casado, comercio. Rua Vigário José Inácio, 613 E. Centro POA 1939.

					Bento Gonçalves, 597 R. POA 1947.			
508	MANSSOUR, Maria Elmyr	07/01/1914	Argentina	Abdo Elmyr e Badie A. E.	P Travessa do Carmo, 76 R. Centro POA 1939. Bento Gonçalves, 597 R. POA 1947.	1930	16	Casada, do lar. POA 1939
509	MANSSUR, Antônio	07/07/1898	Síria	M. Hermann e Lybia Nejar	Rua Andrade Neves, 147 R. POA 1939. Rua Andrade Neves, 135 R. POA 1941.	1914	16	Casado, comerciante à Rua da Misericórdia, 88 Centro POA 1939. Praça Parobé, 30 POA 1941.
510	MANSUR, Caffa Francisco	18/04/1896	Síria (libanesa)	Francisco Mansur Chidia e Esmorra M.C.	Rua Voluntários da Pátria, 3883 Centro R. POA 1942. Av. Bento Gonçalves, 2158. R. Partenon POA 1950.	1912	16	Viúva, do lar. Retificou nacionalidade para libanesa aprovada pelo C.I.C. em 26/05/1948 retificada em 14/04/1950.
511	MANSUR, Emília Cury	25/11/1893	Tarhej Líbano	Lourenço Cury	Alegrete/RS 1940	1917	24	Casada, do lar. Alegrete/RS 1940.
512	MANSUR, José	12/04/1895	Monte Líbano	Vicente e Joana Mansur	Rua dos Andradas, 585 E. e R. Alegrete/RS 1945	1917	22	Casado, comercio. Alegrete/RS 1945.
513	MANSUR, Miguel Lutfé	18/10/1906	Síria	Jorge e Maria Lutfé M.	Rua 3 de fevereiro, 302 R. e E. Bagé/RS 1950	1926	20	Casado, comerciante. Certidão de estrangeiro tirada em Bagé/RS em 1939.
514	MANSUR, Miguel Pedro	08/04/1894	Síria	Pedro e Tahla M.	Av. Bento Gonçalves, 2162 R. e E. Partenon POA 1939	1898	4	Casado, comerciante. POA 1939.
515	MANSUR, Rosala Jorge	02/01/1891	Síria	Jorge e Maria Lutfé M.	Rua 7 de setembro, 778 R. 1953Bagé/RS	1913	22	Casado, comerciante à rua Gal Sampaio, 176 Bagé/RS. 1953. Certidão de estrangeiro tirada em Bagé/RS em 1939.
516	MANSUR, Ruvina	01/1910	Síria	Teodor e Maria Mistori	Rua José do Patrocínio, 908 Cid. Baixa POA 1944.	1929	19	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento 09/09/1930 da filha Helena, ocorrido em Paranaguá/PR
517	MARTINS, Benjamin João	23/04/1880	Libanês	João e Maria Martins	Cidade de São Francisco de Paula/RS 1939.	1904	24	Casado, comerciante em São Francisco de Paula/RS 1939.
518	MARTINS, Sophia	15/01/1890	Libanesa	João e Sasmim Sad Metri	Rua Cristóvão Colombo, 2060 Floresta POA 1941.	1907	17	Viúva, do lar. POA 1941.
519	MARTINS, Zulmira Mattar	20/06/1886	Líbano	Calil e Zaia	Cidade de São Francisco de Paula/RS 1940.	1904	18	Casada, do lar. São Francisco de Paula/RS 1940.

520	MARUN, José	19/03/1900	Gazir Líbano	Pedro Marum e Astir Barquet	Praça XV de novembro, 517 Alegrete/RS 1943.	1920	20	Casado, comerciante Praça XV de novembro, 517 Alegrete/RS 1943.
521	MARUM, Jamile Hobaich	30/06/1889 (Líbano)	Rebarat Monte Líbano	Pedro Hobaich	Praça XV de novembro, 517 Alegrete/RS 1952	05/1933	44	Casada, do lar. Praça XV de novembro, 517 Alegrete/RS 1952.
522	MARUM, Luiz	25/08/1906 (Líbano)	Gazir Monte Líbano	Pedro M. e Astir Barquet	Rua Mariz e Barros, 218 R. e E. Alegre/RS 1946	1920	14	Casado, comercio por conta própria. Apresentou certidão de casamento 15/09/1934 de Alegrete/RS 1946.
523	MARUM, Sofia Haays	22/01/1908	Argentina	Sião Jorge Haays e Julia Alsanar	Rua Mariz e Barros, 100 Alegrete/RS 1952.	1910	2	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento realizado em 15/09/1934 em Alegrete/RS 1952.
524	MATTAR, Demétrio	13/08/1888	Síria	Elias e Labibe M.	Rua Sarmento Leite, 771 Cid. Baixa R. e E. POA 1942.	1907	19	Solteiro, comercio. POA 1942.
525	MBARAK, Joseph Haikel	15/05/1877	Líbano	Haikel M. e Maria Sabbag	Rua 24 de maio, 110 R. e E. POA 1943.	14/07/1907	30	Viúvo, vendedor ambulante. Apresentou declaração de Elias Bothomé e Raphael Dabdab comerciantes estabelecidos nesta capital. POA 1943.
526	MECHAREFFE, Josefina	18/03/1880	Líbano	Jorge José e Mariana Jorge	Rua Gal. Vitorino, 421 R. Pelotas/RS 1947	1896	16	Viúva, comerciante, firma Viúva José Mechereffe & filho à rua Dom Pedro II, 801. E. Pelotas/RS 1947.
527	MECHEREFE, Alzira Silimao	15/11/1895	Líbano	Silimão Abel e Cecilia Abat	Rua Andrade Neves, 563 Pelotas/RS 1939.	1909	14	Viúva, do lar. Pelotas/RS 1939.
528	MEHANNA, Georges Antoun	25/09/1901	Líbano	Antun e Martha M.	Rua Benjamin Constant, 593 R. e E. Floresta POA 1940.	1927	26	Solteiro, comerciante. POA 1940.
529	MEHCHY, Salim G.	14/05/1889	Síria	Jorge e Maria Waquil M.	Hotel Brasil R. Pelotas/RS 1943.	1909	20	Solteiro viajante comercial. Firma Jorge Curi & cia à rua Gal. Osório, 713 Pelotas/RS 1943.
530	MELIK, Melinda Macul	03/08/1900	Síria	Antônio e Maza M.	Rua Tupi Silveira 1698 R. e E. Bagé/RS 1961	1925	25	Casada, do lar. Bagé/RS 1961.
531	MICHEREFE, Ricardo Miguel	07/07/1889	arábia	Miguel M. e Antônia Miguel	Rua Andrade Neves, 563 R. e E. Pelotas/RS 1946.	1903	14	Casado, comerciante. Pelotas/RS 1946.
532	MICHERIFF, Miguel	17/09/1894	Líbano	Miguel e Josephina M.	Rua Andrade Neves, 653 R. e E. Pelotas/RS 1950	1912	18	Casado, comerciante. Registro de estrangeiro de Joinville de 1941. Pelotas/RS 1950.

533	MIGUEL, Abib	17/09/1894	Síria	Miguel José e Tuda Issa	Rua 24 de Outubro, 1412 R. e E. Auxiliadora POA 1939.	1914	20	Casado, comercio. POA 1939.
534	MIGUEL, Antônio	15/03/1885	Síria	Antônio Miguel Bichara e Auta M. B.	Rua Sant'ana, 802 R. e E. POA 1940	1897	12	Casado, comercio. POA 1940.
535	MIGUEL, José Inácio	07/08/1887	Líbano	Ignácio e Reguia M.	Rua Vasco da Gama, 962 R. e E. Bom Fim POA 1943.	Ñ se lembra	-	Casado, comercio. Apresentou certidão de casamento realizado em 21/02/1914.
536	MIGUEL, Jorge	25/01/1895	Síria	Miguel José e Sára Creidy	Rua Benjamin Constant, 599, Floresta POA 1942.	1909	14	Solteiro, comercio. POA 1942.
537	MIGUEL, Assad Miguel	18/06/1877	Líbano	Miguel Japur e Ros Miguel	São José do Norte/RS 1939	1913	36	Casado, comerciante em São José do Norte/RS.
538	MIGUEL, Sarife	18/10/1899	Síria	-	Rua Gal. Lima e Silva, 10 Cid. Baixa, 1957.	-	-	Apresentou certidão de casamento de 27/01/1934.
539	MIGUEL, Rosa	16/08/1876	Síria.		Rua Avaí, 39 Centro POA 1945.	1902	26	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento da filha Maria ocorrido em 05/11/1924.
540	MIGUEL, Nicolau	08/11/1909	Síria	Miguel e Gali Nicolau	Rua São Pedro, 1321 Floresta R. e E. POA 1939.	1928	19	Casado, comercio. POA 1939.
541	MIKAIL, Wagih Issa	10/03/1913	Síria.	Hissa e Ana Adad M.	Rua Conde de Porto Alegre, 219 R. e E. Pelotas/RS 1949	1927	14	Solteiro, comerciante. Pelotas/RS 1949
542	MISSIGIAN, Krikor	05/04/1904	Armênia	Nichan e Zagluz M.	Rua Gal. Vitorino, 76 R. Centro POA 1939	1926	22	Casado, comercio Praça Parobé, 82 POA 1939.
543	MIZRAHI, Shemuel	1905	Satad Palestina	Oinhac e Leiha M.	Rua Riachuelo, 1478 R. POA 1940	1929	24	Solteiro, comercio ambulante. Rua da República, 602 Centro POA 1947.
544	MONASSA, João	12/02/1911	Uruguai	José e Maria M.	Av. Bagé, 414 POA Rua dos Andradas, 1223 POA 1939.	1915	4	Casado, operário. POA 1939.
545	MORBENE, José,	04/1889	Líbano	Mustafa Ali el Morben e Etelvina Kelel	Av. Bento Gonçalves, 1408 POA 1951.	1908	19	Viúvo, agricultor aposentado POA 1951.
546	MORBENI, Serafim	15/01/1888		Assene Ayle e Era A. Igeje	Rua Norlib, 11 Novo Hamburgo/RS 1953.	15/12/1910	22	Casado, operário. Novo Hamburgo/RS 1953.
547	MOUAWAD, Antônio	19/03/1913		Nicolau e Maria M.	Rua Dr. Flores, 63 R. e E. Centro POA 1939.	1934	21	Solteiro, comercio. POA 1939
548	MOUAWAD, Raida	02/03/1909	Síria	Nicolau e Maria M.	Rua Dr. Flores, 63 R. e E. Centro POA 1940.	1935	26	Solteira, do lar. POA 1940.
549	MOUAWAD, Arcília	20/06/1912	Síria	Nicolau e Maria M.	Rua Dr. Flores, 63 R. e E. Centro POA 1940	1936	24	Solteira, do lar. POA 1940.

550	MOUSSALE, Labibe	10/06/1890	Síria	Manun Adam e Antônia Adam	Rua Lima e Silva, 800 R. e E. Cid. Baixa POA 1942	1906	16	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento do filho José Jorge Moussale nascido em 11/06/1918.
551	MOUSSALE, Jorge	23/04/1882	Líbano	Miguel e Martha M.	Rua Lima e Silva, 800 R. e E. Cid. Baixa POA 1942	1906	24	Casado, barbeiro. Praça Rui Barbosa (ao lado do 185) E. Centro POA 1942.
552	MOUWAD, Haiva	06/05/1908	Síria	Maum Mouwad e Farida M.	Rua Gal. João Manoel, 440 POA 1942.	1920	12	Solteira, do lar. POA 1942.
553	MOYSÉS, Elias	04/12/1902	Síria	Moysés E. e Maria Paulo	Rua Barão do Amazonas, 685 R. e E. POA 1939.	1923	21	Casado, comercio. POA 1939.
554	MOYSÉS, Helena	16/04/1891	Síria	Moysés e Catarina Elias	Rua Moura Azevedo, 267 R. e E. POA 1940.	1911	19	Casada, do lar. POA 1940.
555	MOYSÉS, Jorge	03/02/1890	Síria	M. Elias e Maria Paulo	Rua Barão do Amazonas, 856 R. e E. POA 1939	1904	14	Casado, comerciante. POA 1939.
556	MOYSÉS, José	1893	Síria	M. Elias e Maria Paulo	Rua 25 de julho, 455 São João POA 1942.	1911	18	Casado, operário por conta própria. POA 1942.
557	MUKABAA, George Nicolas	25/12/1885	Síria	Nicolas M. e Fadwa Sayour	Rua José do Patrocínio, 58 R. e E. Cid. Baixa POA 1939	1913	28	Casado, comercio. POA 1939.
558	MUKABAA, Marie	05/01/1906	Síria	Habib Khorj e Afifa Dada K.	Rua José do Patrocínio, 58 R. e E. Cid. Baixa POA 1939	1930	24	Casada, do lar. Passaporte expedido em Damasco em 19/03/1939, com o qual obteve visto no consulado brasileiro em Marselha 20/05/1929. POA 1939.
559	MURAD, Mariana Dib	15/02/1906	Síria	Abraão e Jamile Dib	Rua XV de novembro, 582 Encruzilhada do Sul/RS 1942.	-	-	Casada, do lar. Encruzilhada do Sul/RS 1942.
560	MURAD, Rachid	17/06/1896	Síria	Amad e Maria M.		12/1915	19	Casado, comerciante. POA 1942.
561	MUSSA, Nami	03/02/1899	Síria	Mussa e Maria Elias		1911	12	Casado, comerciante. POA, 1940.
562	NADER, Abd'Allah	03/03/1891	Líbano	Younan e Fahoun Younan N.	Rua Gal. Osório, 473 R. Rua Gal. Osório, 467 E. Rio Grande/RS 1942.	1911	19	Casado, comerciante. Adquiriu nacionalidade brasileira em 27/06/1944 Rio Grande/RS 1942.
563	NADER, Abdo Younan	05/12/1891	Líbano	Yunan e Fabon Younan N.	Rua Gal. Osório, 471 R. e E. Rio Grande/RS 1939.	Antes de 1935	--	Viúvo, comércio por conta própria à rua Vice-almirante Abreu, 437, Rio Grande/RS 1942.
564	NADER, Jorge	15/12/1900	Nabay Líbano	Younan e Fahoun Younan N.	Estação da Quinta R. e E. Rio Grande/RS 1939.	1927	27	Casado, comerciante Estação da Quinta, Rio Grande/RS 1939.

565	NADER, Anniza	1892	Síria	José e Josepha Karan	Rua Gal. Osório, 473 R. e E. Rio Grande/RS 1939.	1908	16	Casada, do lar.
566	NADER, Youssif Habib El Ghorel (ret.) El Ghoul	–	Monte Líbano	Habib Nader e Fuaze Chain	Rua Gal. Osório, 470 R. e E. Rio Grande/RS 1939.	1933	--	Solteiro, comercio à rua 24 de Maio, 400 R. e E. Rio Grande/RS 1941. Teve nome retificado em 05/12/1941 (selo 1\$800).
567	NADER, Taufik Abdo	18/09/1915	Líbano	Abdo Iunan e Juric N.	São José do Norte/RS 1939.	1924	9	São José do Norte/RS 1939. Adquiriu nacionalidade brasileira em 07/11/1957.
568	NAHUM, Jorge	23/04/1902	Líbano	Gabriel e Julia N.	Rua Pedro Boticário, 284 R. Partenon POA 1939 e Rua Gal. Lima e Silva, 1255 R. e E. POA 1943.	1904	2	Solteiro, condutor de bonde à Rua dos Andradas, 1223. Comercio na residência. POA 1943.
569	NAHHAS, Spire	1920	Sandjak Alep Síria	Cesar e Aydè N.	Uruguaiana/RS, 1948	1934	14	Casado, comerciante. Uruguaiana/RS 1948.
570	NAJAR, Alípio	18/11/1896	Síria (Ret.) Líbano	Mamuth e Caula N.	Rua Gal. Canabarro, 27 R. e E. Rosário do Sul/RS 1945.	20/07/1912	16	Casado, comercio. Autorizada retificação de nacionalidade para Líbano e libanesa. 10/09/1962. Rosário do Sul/RS 1945.
571	NAJAR, Salim	13/09/1905	(Ret.) Abadyé Líbano	Mahmoud e Adla Najar	Rua Gal. Canabarro, 71 R. e E. Rosário do Sul/RS 1939 e Rua Floriano Peixoto, 529 R. e comercio à Rua Dr. Bozano, 1178 E. Santa Maria/RS 1961.	13/01/1928	23	Casado, comerciante. Foi retificada nacionalidade de síria para libanesa. Despacho amparado officio nº1568 de 26/05/1948 do CIC (taxa no valor de Cr\$200,00 em selos) Santa Maria/RS 1961.
572	NAJAR, Salomão	07/09/1892	Monte Líbano	Maomed e Mun Andere N.	Praça 15 de novembro Alegrete/RS 1943.	1911	18	Casado, comerciante. Alegrete/RS 1943.
573	NAKETT, Sala Nicolas	02/10/1911	Monte Líbano	Nicolas N. e Selma Curi	Rua Barão de Cotegipe, 495. R. Rio Grande/RS 1942. Rua Gal. Barcelar, E. vendedor ambulante 98 Rio Grande/RS 1945.	1932	21	Solteiro, industriário. Cia. Swift do Brasil Passaporte expedido pela Rep. Francesa no Líbano e na Síria em 07/05/1929. Rio Grande/RS 1942.
574	NASIF, Anselmo	24/05/1920	Argentina	Agustin e Petalci Nasif	Rua Dr. Nascimento, 562 R. e E. Rio Grande/RS 1941	1923	3	Solteiro, comerciário na Cia. Agência Meridional de representações. Rua 20 de fevereiro, 265 Rio Grande/RS 1946.



575	NASSIF, Latife Assad	15/07/1904	Líbano	Assad e Celina N.	Rua Dr. Nascimento, 562 R. e E. Rio Grande/RS 1940.	1922	18	Solteira, domestica. Rio Grande/RS 1940.
576	NASSI, Felipe	25/12/1908	Síria	Kalil e Miassi N.	Cangussú Vila Freire (atual Cerrito/RS) 1951.	1925	17	Casado, agricultor em Vila Freire, Cerrito Velho, Cerrito/RS 1951.
577	NASSAR, Maria	15/08/1883	Síria	Elias e Farid Said	Rua Manoel Ribas, 1482 Santa Maria/RS 1946.	20/07/1911	28	Viúva, dólar. Apresentou certidão de nascimento de uma filha nascida em 09/09/1917 em Santa Maria/RS 1946.
578	NASSUR, Antônio	-	Síria	Abdallah e Madel Nassur.	Rua Gal. Câmara, 411 R. e E. Centro POA 1944.	1894	--	Casado, comerciante. Identidade de eleitor fornecida pelo Gabinete de identidade e estatística de POA 11/02/1924. Comercio ambulante POA 1944.
579	NASSUR, Matilde Jorge	05/03/1905	Síria	Jorge Nassur e Joanna Attié	Rua Benjamin Constant, 1515 R. Floresta POA 1945.	1927	22	Desquitada, comerciante à Rua Benjamin Constant, 1515 Floresta POA 1945.
580	NASSUR, Miguel	16/09/1905	Síria	Nassur Auky e Helena Bittar A.	Rua Gal. Lima e Silva, 800 R. Cid. Baixa POA 1939 e Rua Gal. Lima e Silva, 926 R. POA 1942.	1920	15	Casado, comercio. Obteve cidadania brasileira por decreto de 30/12/1949. POA 1939.
581	NEDER, Felipe	15/01/1886	Síria	Jorge e Maria Nedir.	Av. Chicago, 36 R.E. Floresta POA, 1941.	1890	4	Casado, comerciário.
582	NEDIR, Maria Metry	10/01/1890	Síria.	Adão e Daura Metry	Av. Chicago, 36 R. e E. Floresta POA, 1944.	1905	15	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento cujo ato se realizou em 09/05/1914 (1ª zona da capital) POA 1944.
583	NEDIR, Diva José	10/05/1879	Líbano	José e Helena Cury	Av. Brasil, 1125 R. e E. Navegantes, POA 1948.	1908	29	Casada, do lar. Apresentou certidão de nascimento da filha Mariana Nedir 29/12/1934.
584	NEHMÉ, Elias	1º/10/1889	Líbano	Mousa e Jamilé Nehmé	Rua Duque de Caxias, 937 R. e E. Centro POA 1941.	1904	15	Casado, comercio. POA 1941.
585	NEHME, Fouad	19/08/1908	Gerfine Líbano	Naja Abraham e Milia Nhme	Rua 24 de Maio, 498 R. e E. Rio Grande/RS 1939	1925	17	Solteiro, comercio à Rua 24 de Maio E. Rio Grande/RS 1941. Em 07/07/1947 mudou-se para São Paulo/SP.
586	NEHME, Milia	15/07/1884	Líbano	-	Rua 24 de maio, 498 R. E. Rio Grande/RS 1940	1910	26	Casada, do lar. Rio Grande/RS 1940.
587	NEHME, Naja Abraham	21/09/1882	Líbano	Abraham Luiz e Franzier N.	Rua 24 de maio, 498 R. e E. Rio Grande/RS 1940	1906	18	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1940

588	NEHME, Pedro	06/01/1893	Síria	N. Simon e Joanna Darrons	Rolantinho da Figueira, Santo Antônio da Patrulha/RS 1943.	05/01/1907	14	Casado, comercio. Certidão de casamento expedido pelo cartório de Santo Antônio/RS 1943.
589	NEIF, João (retificado) NEY, João	08/10/1911	Síria.	Amed Abdo e Fatine Sem	Rua Voluntários da Pátria, 577 (1940) 452 (1942 - 1948) POA 1939.	-	-	Casado, comerciante. À Rua Voluntários da Pátria, 578 Centro E. 1940 POA. Autorizado retificação de nome em 16/01/1948. Em 14/03/1952 obteve cidadania brasileira.
590	NEJAR, Felipe Miguel	08/03/1901	Síria.	Miguel e Mariam N.	Rua Riachuelo, 1492 R. e E. Centro POA, 1939. Rua Cel. Fernando Machado, 639 R. POA 1944.	1923	22	Casado, comercio inativo 1948. Em 07/07/1948 naturalizou-se brasileiro. POA 1939.
591	NEJAR, Saide Boere	07/11/1896	Síria.	João e Rosa B.	Rua Riachuelo, 1492 R. e E. Centro POA, 1939. Rua Cel. Fernando Machado, 639 R. POA 1944.	--	-	Casada, comerciante. Em 16/04/1948 naturalizou-se brasileira. POA 1939.
592	NEME, Chehin	25/11/1892	Gourfine de Gebail Líbano	N. Estefe e Helena N.	Parada 4, R. e E. Rio Grande/RS 1942	1911	18	Solteiro, comerciante. Rio Grande/RS 1942.
593	NEME, Chicre João	15/09/1895	Monte Líbano	João Abud e Ramiza N.	Rua Paysandú, 331 R. Rio Grande/RS 1939. Rua 24 de Maio, R. e E. 380, Rio Grande/RS 1957.	1925	30	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1939.
594	NEME, João Pedro	20/11/1896	Síria	Pedro Jorge e Maria Pedro	Rua da Azenha, 817 R e E. POA 1940 e Rua da Azenha, 1104 R. POA 1941.	1912	16	Casado, comercio. POA 1940.
595	NEME, Maria Naja	01/02/1901	Síria	Naja José Haj e Emília Haj	Rua da Azenha, 817 R. e E. POA 1940. Rua José de Alencar, 1104 M. Deus POA 1941.	1904	3	Casada, dólar. POA 1940.
596	NEME, Nahim	23/04/1908	Líbano	Antônio e Fuli Nader N.	Rua Dr. Celestino Cavalheiro, 347 R. e Praça Mal. Floriano, 156 São Gabriel/RS 1949.	16/09/1933	25	Casado, comerciante. Apresentou certidão de nascimento do filho Antônio Neme ocorrido em 22/06/1934 no 1º distrito de São Gabriel/RS.
597	NEQUETE, Abílio de	16/02/1888	Líbano.	Miguel e Rafaela de Nequete	Av. Eduardo, 1106 POA 1942.	03/1903	15	Solteiro, professor particular. Apresentou certidão de

								nascimento da filha Sorata nascida 28/02/1925. POA 1942.
598	NESRALLA, Nazimeh Bitar	1910	Líbano	Joseph Elias e Mariam Ezzahr	Rua Demétrio Ribeiro, 997 R. POA 1939 e Av. Independência, 548 R. POA 1952.	1924	14	Casada, do lar. POA 1939.
599	NESRALLA, Elias José	10/12/1895	Líbano	Joseph Elias e Mariam Ezzahr	Rua Demétrio Ribeiro, 997 R. POA 1939.	1910	15	Solteiro, comercio à Rua dos Andradas, 1411 E. POA 1939 e Mal. Floriano, 290 E. Centro POA 1943.
600	NEU Abrahão José	25/01/1895	Síria	José e Fantina N.	Rua Humaitá, s/n R. e E. São Sepé/RS 1943.	1911	16	Viúvo, comerciante. Certidão de casamento realizado em São Sepé/RS em 1920.
601	NICOLAU, João Miguel	18/05/1890	Síria	Nicolau Miguele e Maria N.	Rua dos Andradas, 1750 Centro R. e E. POA 1942.	1906	16	Casado, comercio à rua Benjamin Constant, 1292 Floresta R. e E. 1942. POA
602	NICOLAU, Jorge Miguel	15/10/1910	Síria	Miguel Nicolau e Roli N.	Rua Sertório, 412 São Geraldo POA 1939.	1929	19	Casado, barbeiro à Rua Sertório 412 R. e E. 1939 e Rua Benjamin Constant, 1292 R. e E. POA 1942
603	NICOLAU, Miguel	17/03/1890	Síria	Nicolau Miguel e Adona José.	Avenida Maranhão, 190 São Geraldo POA 1939	1913	23	Viúvo, comerciante ambulante. POA 1939.
604	NIGRI, Alberto	04/08/1894	Síria	Salim e Victoria N.	Hotel Regina R. POA 1939 Hotel Majestic R. 1942 Rua dos Andradas, 1973 ap.9 POA 1948.	1913	19	Casado, comercio Rua Uruguai, 293 Centro POA 1939
605	NUMA, Antônio Simão	13/06/1892	Líbano	Simão e Schumini Numa	2º distrito de Rio Grande/RS 1940.	Antes de 1935	--	Casado, comerciante no 2º distrito de Rio Grande/RS 1940.
606	NUMA, Lula Abud	24/11/1897	Líbano	Marsur e Ranza A.	2º distrito de Rio Grande/RS 1940.	1910	13	Casada, do lar. Rio Grande/RS
607	OKKASSIAN, Ghongas	02/01/1886	Armênia	Krikor Okkassian e Maria O.	Rua Garibaldi 454, R. e E. Floresta POA 1939.	1926	41	Casado, ambulante. Certificado de "Nassen" nº1257 expedido em Beyrouth em 27/09/1926. POA 1939.
608	OKKASSIAN, Mouskinoz	02/01/1886	Armênia	Housep Abkarian e Anna A.	Rua Garibaldi, 454 Floresta R. POA 1942.	08/11/1926	41	Casada, do lar. POA 1942.
609	ORES, Salomão	--	Monte Líbano Libanês	José e Nazha O.	Plano Alto 5º distrito de Uruguaiana/RS 1939.	1929	---	Em 1º/04/1950 transferiu residência para Rio Grande/RS com comercio à Rua Cons. Pinto

								Lima,10. Em 04/08/1951 obteve título de cidadão brasileiro.
610	ORES, Sarquis	12/02/1901	Libanês	José e Naza O.	Uruguaiana/RS 1939.	1926	25	Casado, comerciante. Uruguaiana/RS 1939.
611	OSSLI, Nagib	22/02/1883	Síria libanesa	Nicolas e Sara Ossli	Rua Eudoro Berlink 487 R. Floresta POA 1941	1893	10	Casado, comercio à rua Voluntários da Pátria, 163 E. POA 1941.
612	OSSEYRAN, Ismael	05/03/1887	Persa Líbano	Cheik Daoud e Ouardakan Chamo Eddin Osseyrian	Rua 2 de fevereiro, 8 R. e E. POA 1940. Av. Alberto Bins, 628 casa 22. POA 1943.	1929	42	Solteiro, comercio ambulante. Passaporte Persa, fornecido em Beyrouth em 27/08/1929.POA 1940.
613	OUUDA, Ouatfa	08/12/1900	Bassir Síria	Ouda e Sara Fares	Rua 24 de maio, 332 Rio Grande/RS 1939	1926	26	Casada, do lar. Rio Grande/RS 1939.
614	OUANNOUS, Ali	12/02/1908	Síria	Ouannous Jallul e Badra Selaimen O.	Rua Cristóvão Colombo, nº757 R. e E. 1939 nº785 R. e E. POA 1942	1930	22	Av. Berlin, 675 1945 R. e E. Av. São Pedro, 594 R. e E. 1946 Rua Benjamin Constant, 1747 R. e E. POA 1942.
615	PAULO, Jorge	17/02/1895	Síria	Abdallah, Paulo e Adélia Abdallah	Rua Taquari, 465 R. Comercio Chácara das Bananeiras 1939 POA	1910	15	Casado, comercio. Obteve naturalização em 17/01/1946 POA 1939.
616	PAULO, Natalio Charbel	25/12/1909	Síria	Charbel Jorge e Joven C.	São José do Norte/RS 1944.	1927	18	Casado, comercio. Apresentou certidão de casamento de Rio Grande em 17/05/133 1º distrito de Rio Grande/RS 1944
617	PECIL, Emília	01/11/1881	Síria	Antônio Soror e Maria S.	Rua Paes de Andrade, 70 Menino Deus POA 1949.	1919	38	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento da filha Georgina nascida em 18/04/1923.
618	PERES, José	09/03/1910	Síria	Jorge P. e Elmosa Feres P.	Rua Passo D'areia, 344 POA 1939	1910	0,1	Casado, comercio à rua Benjamin Constant, 67 Floresta POA 1939.
619	PERSEU, João	10/05/1884	Líbano	Antônio e Rosa Issy P.	Rua Senador Mendonça, 120 R. e E. Pelotas/RS 1943.	1916	32	Casado, comercio. Pelotas/RS 1943.
620	PERSEU, José Isi	25/05/1908	Síria	João e Emília Isi	Rua Capitão Cícero, 261 R. Pelotas/RS 1940	1913	5	Casado, comerciário na importadora de Francisco Biaggio. Praça 7 de Julho, 8 Pelotas/RS 1940. Adquiriu nacionalidade brasileira em 27/07/1950.
621	PESIL, João Antônio	22/07/1876	Líbano	Antônio Elias e Catarina Abdallah	Rua da Azenha, 954 R. POA 1939.	1911	35	Casado, comercio. Rua da Azenha, 970 E. POA 1939.
622	PESIL, Saide Yunes	15/08/1884	Líbano	Yunes Pesil e Joanna Abbud	Rua da Azenha, 954 R. e E. POA 1940.	1912	28	Casada, do lar. POA 1940.

623	PESSIL, Angela Marcos	23/01/1909	Líbano	Chaiben Marcos Tamus e Maria M.	Rua da Azenha, 890 R. e E. 1940 Av. Teresópolis, 3173 R. 1944.	1912	3	Casada, do lar. Av. Dr. Carlos Barbosa, 1321 Medianeira 1951 POA 1940.
624	PESSIL, Antônio Jorge	17/08/1906	Líbano	Jorge e Duba Emília P.	Rua 20 de Setembro, 63 Azenha POA 1940	1920	14	Casado, comerciante mercado livre Banca 92. POA 1940.
625	PESSIL, José João	30/11/1909	Líbano	João Antônio e Saide Yunes P.	Rua da Azenha, 970 R. e E. 1939 Av. Oswaldo Aranha, 1409 1940.	1911	2	Solteiro, comercio. Av. Bento Gonçalves 2336 E. 1944. POA 1939.
626	PESSIL, Lydia Dantur	26/01/1910	Hama Síria	Antônio e Casila Dantur	Rua 20 de Setembro, 63 Azenha R. e E. POA 1942.	1922	10	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento realizado em Porto Alegre de 17/10/1928.
627	RABIH, Hachem Ahmad Hamed	27/04/1906	Líbano	Hachem Abrão e Harba Rabih	Praça Rui Barbosa, 222 R. e E. POA 1948	30/04/1926	7	Solteiro, fotografo. POA 1948 Sananduva, Lagoa Vermelha/RS 1949.
628	RADA, Tammes Moise	22/11/1882	Síria	Moise Rada e Egia Moise	Av. Bento Gonçalves, 2799 R. e E. POA 1950.	1901	19	Viúvo, comercio. Certidão de casamento de Porto Alegre de 22/11/1906.
629	RAFFI, Ibrahim	22/10/1890	Líbano	Abdul Al-Kani R. e Charoj Kilva R.	Rua Barrozo, 453 R. Pelotas/RS 1945	1909	19	Casado, comerciante por conta própria Mercado Central. Apresentou certidão de compra de um terreno em 13/06/1932 Pelotas/RS 1945.
630	RAHAL, Elias Quirino	17/06/1893	Balbeek Líbano	Abdel e Elmaca Antônio Rodrigues	Rua 15 de novembro, 152 R. e E. Pelotas/RS 1939	1911	18	Casado, comerciante. Em 10 de outubro de 1945 adquiriu cidadania brasileira.
631	RAHAL, Julia Cheffe	24/08/1896	Síria	Abraão Cheffe e Braconia Assis	Rua 15 de Novembro, 152 R. e E. Pelotas/RS 1944	1911	14	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento realizado em Pelotas 28/07/1917. Adquiriu nacionalidade brasileira em 14/07/1956.
632	RAHD, Mustafa	07/09/1909	Síria	Alli e Noka R.	Rua Dr. Flores, 22 POA, 1940.	1927	18	Casado, comercio ambulante POA 1940
633	RAHEL, Elias	22/07/1907	Síria	José e Maria Sogor	Rua Rui Barbosa, 222 Porto Alegre R. e E. 1943 POA	08/11/1923	16	Casado, comercio POA 1943.
634	RAHEL, José	12/02/1882	Síria	Simão e Dehra Arus	Mussum, 3º distrito de Guaporé/RS 1939	1907	25	Casado, comercio. Guaporé/RS 1939.
635	RECHDEN, Genny Bestane	09/03/1903	Líbano	Nagib Bestane e Labibe Rechden	Rua Dr. Bozano, 1292 Santa Maria/RS 1943.	-	-	Viúva, comercio. Santa Maria/RS 1943.

636	RECHDEN, Melhem	03/11/1886	Líbano	João José e Onarda Jurge R.	Rua Dr. Bozano, 661 R. e E. Santa Maria/RS 1942.	1912	26	Viúvo, viajante comercial a Rua Voluntários da Pátria, 71 Santa Maria/RS 1942.
637	RECHDEN, Malake	06/01/1887	Síria	João Elias e Jamile Direni	Rua S. Inácio, 343 R. e E. M. de Vento 1944. Rua Filadelfia, 80 São João POA 1945.	Ñ se lembra	--	Casada, do lar. Apresentou certidão de casamento de Porto Alegre de 1915.
638	RECHDEN, Namatala Kalil	24/07/1877	Síria	Kail e Raihl R.	Rua santo Ignacio, 343 Moinhos de Vento POA 1944. Rua Filadelfia, 80 São João POA 1945.	1895	18	Casado, comercio. POA 1944
639	RIMA, Mahmoud	1892	Líbano	Hassan e Amun El Jarud	Ilha da Pintada POA 1939.	1912	20	Solteiro, comercio ambulante. Vila Niteroi s/n 1944.
640	RIZK, Isaura	11/04/1880	Síria	Isaac e Sada Busabu	Rua mal. Floriano, 227 R. e E. Santa Maria/RS 1946	01/1914	34	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento de um filho 29/03/1921 em Santa Maria/RS.
641	ROSECK, Virginia	25/05/1885	Síria	Pedro e Catharina Mafhuz	Av. 3 de novembro, 139 ap. 34 Gravataí/RS 1951	04/1920	35	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento de uma filha ocorrido em 10/09/1924 em Cachoeira do Sul/RS.
642	ROUHAMA, Chafica Rouhama	06/01/1909	Líbano	Pedro e Rachidi R.	Rua Domingos de Almeida, 547 Rio Grande/RS 1967	1928	19	Viúva, comerciante. Passaporte expedido em Beirute em 28/04/1928.
643	ROUKOS, Georges	18/01/1885	Monte Líbano	George R. e Maria Curi	Rua dos Andradas, 1305 Centro POA 1940.	-	-	Solteiro, alfaiate à rua dos Andradas, 1305 2º andar sala 5 Centro POA 1940.
644	SAAB, Bhaino Elias	20/11/1890	Líbano	Saad e Joana B.	Estação Plano Alto, Uruguaiana/RS 1940	1906	16	Solteiro, comerciante. Uruguaiana/RS 1940.
645	SAAB, Pedro Elias Abi	29/06/1907	Monte Líbano	Elias AbiSaab e Zarzoura Matta A.	Baronesa do Gravataí, 182 casa 1 R e E. POA/RS 1940.	1928	21	Comerciante. POA/RS 1940
646	SAAD, Amélia Salomão	10/01/1898	Líbano	David e Naimi Fadel Salomão	Rua República do Líbano, 306 Rio Grande/RS 1969.	1930	32	Viúva, do lar. Rio Grande/RS 1969.
647	SAAD, Jebran	15/01/1898	Líbano	Sahd e Rima Fares	Rua Riachuelo, 1336 R. Centro POA 1939.	1915	17	Casado, comerciante à Rua Gal. Câmara, 263 Centro POA 1939.
648	SAAD, Assad Tannores	12/04/1899	Líbano	Tannus e Neyfi Saade	São José do Norte/RS 1939. Rua Gal Netto, 118 R. Rio Grande/RS 1944.	1929	30	Casado, agricultor 1939. Operário Cia. Swift do Brasil Rua Honório Bicalho, s/n 1944.
649	SAAD, Assad Elias Hanna	15/12/1888	Síria	Elias Hanna Saad e Dibe El-Auad	Rua Mal. Floriano, 17 Rio Grande/RS 1941.	1906	18	Solteiro, comercio. Av. Mal Floriano, 17 Rio Grande/RS 1941.

650	SAAD, Matil Bechara	04/08/1922	Libano	José Khalil Bechara e Badra K.	Rua Voluntários da Pátria, 607 R. e E. Centro POA 1939.	1937	15	Rua Cel. Marcelino, 884 Canoas/RS 1942.
651	SAAD, Tedas Tanus	21/01/1901	Círia Líbano		São José do Norte/RS R. e E. 1967.	1924	23	Casado, comercio. São José do Norte/RS 1967.
652	SAADI, Isaias	07/04/1902	Síria	Antônio e Barbara S.	Rua Mal. Floriano, 965 Bagé/RS 1965.	1921	19	Bagé/RS 1965.
653	SABBAYB, Boutros Dabar	10/09/1903	Líbano	Daber e Marie S.	Conde 1º distrito de São Jerônimo/RS	1924	21	Casado, comercio em São Jerônimo/RS 1940.
654	SABBAYB, Anissa Niar	02/10/1899	Líbano	Elias Niar e Marce Nyjar	1º distrito de São Jerônimo/RS 1940	1924	25	Casada, do lar. São Jerônimo/RS 1940.
655	SABBAG, Aref Estefan	21/04/1878	Síria	Estefan S. e Anise Abboud	Praça 7 de julho, 11 R. e E. Pelotas/RS 1952	1900	22	Solteiro, vendedor, Pelotas/RS 1952.
656	SABER, Anisi	15/10/1906	Líbano	Khalil S. e Hani Lavir	Rua Benjamin Constant, 283 R. e E. 1943 e Benjamin Constant, 442 1945 R. Floresta POA.	15/08/1926	20	Casada, doméstica. Apresentou certidão de nascimento de seu filho João José nascido em 02/11/1927. POA 1943.
657	SAFADI, Pedro	08/09/1892	Líbano	Assem e Amina S.	Rua 15 de Novembro, 372 R. e E. Pelotas/RS 1947.	1912	20	Viúvo, comerciante. Apresentou certidão de nascimento da filha Dalila S. verificada em Pelotas em 01/08/1930. Pelotas/RS 1947.
658	SAFFI, Kafa Chèmalè	15/03/1892	Líbano	Antoine Jean e Ludia Chemale	Rua Riachuelo, 1355 Centro POA 1942.	18/07/1910	18	Viúva, do lar. Apresentou certidão de nascimento da filha Jurema nascida em 09/10/1920. POA 1942.
659	SAFI, Hanna Khalil	13/07/1904	Helta Líbano	Halil S. e Mariam Morcos Assaf	Rua Buarque de Macedo s/s Quaraí/RS 1949.	1933	29	Solteiro, agricultor. Quaraí/RS 1949
660	SAID, Regina Hadad	07/06/1884	Líbano	José e Maria Hadad	Rua Ernesto Beck, 1649 Santa Maria/RS 1944.	1910	26	Viúva, do lar. Santa Maria/RS 1944.
661	SAID, Karkoutli Assad Mohamed	25/12/1916	Síria	Mohamed Said e Kamall Karkoutli	Avenida Julio de Castilhos, 1568. Centro POA 1941.	1932	16	Solteiro, comerciário à rua Espírito Santo, e Voluntários da Pátria 370 e 389 E. POA 1939.
662	SALAMÃO, João	25/01/1891	Gorfine Líbano	Salamon Fadaul e Zecca F.	Rua Gal. Neto, 128 R. e E. Rio Grande/RS 1939	1924	33	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1939.
663	SALAMÃO, Amina Abdala Feres	12/07/1905	Monte Líbano Líbano	Abdala Feres e Ramide Chaiben	Rua Vasco Alves, s/n R. Santa Cecília POA 1939	1923	18	Viúva, do lar. POA 1939.
664	SALLES, Tuffi Salman	27/09/1909	Síria	Salman e Charrife Salha	Rua Barão de Santa Tecla, 913 Pelotas/RS 1949	1929	20	Casado, comerciante no Distrito de Santa Silvana. Pelotas/RS 1949.

665	SALLIBA, Calisto Jorge	25/01/1893	Síria.	Jorge e Faride Salliba	Rua Benjamin Constant, 206 fundos POA 1942.	08/05/ 1913	20	Casado, guarda noturno à rua Voluntários da Pátria, 994 Centro POA 1942.
666	SALOMÃO, Angelina Chalup	01/08/1907	Passo de los Libres Argentina	Alexandre Chalup e Valentina Aguirre	Plano Alto 3º distrito de Uruguaiiana/RS 1942.	1926	19	Casada, do lar. Uruguaiiana/RS 1942.
667	SALOMÃO, Malke Chaiben Chedieck	25/09/1880	Líbano	Chaiben Chedieck e Nazhima Bedron	Rua Vasco Alves, s/n Uruguaiiana/RS 1940.	1913	33	Viúva, do lar. Plano Alto Uruguaiiana/RS 1950.
668	SALOMÃO, Felipe	12/01/1898	Síria	S. Albib e Martha Miguel	Rua Miguel Teixeira Cid. Baixa POA 1942.	1897	1	Casado, porteiro à rua Voluntários da Pátria, 395 Centro POA 1942. Certidão de casamento realizado em POA em 21/06/1922.
669	SALOMÃO, Antônio	05/12/1906	Síria	S. José e Malke Chaiben	Rua Vasco Alves, 639 Uruguaiiana/RS 1941.	1929	35	Casado, comercio. Uruguaiiana/RS 1941.
670	SALOMÃO, Jorge Pedro	20/04/1885	Síria	Pedro e Chama P. S.	Felicíssimo de Azevedo, 340 R. E E. São João POA 1940.	1906	21	Casado, comércio. POA 1940.
671	SALLIS, Jorge	01/01/1898	Líbano	Sallis e Sada Cahibab	Rua Alberto Rosa, 510 R. e E. Pelotas/RS 1962.	1914	16	Casado, comercio. Pelotas/RS 1962.
672	SALAMONI, Maria	24/12/1876	Síria	Kalil e Catarina Metre	Rua Dom João VI, 69 POA	1914	38	Solteira, do lar. POA
673	SALEH, Georges Antonios	20/01/1904	Líbano	Antônio Saleh mãe ignorada	Rua Carlos Gomes, 630 R. e E. 1940. Rua João Manoel, 1346 Rio Grande/RS 1943	1929	25	Solteiro, operário inativo. Industriário Cia. Swift Av. Honório Bicalho s/n. Adquiriu naturalização em 29/07/1966. Rio Grande/RS 1940.
674	SALEH, Brahim	15/03/1905	Síria	Ismail e Genara S.	Rua Gal. Neto, 125 R. POA 1942.	07/11/ 1926	21	Solteiro, comerciante à rua Cristóvão Colombo, 767 E. 1942 e Rua São Pedro, 621 R. e E. 1948 POA.
675	SALIMEN, Antônio	25/01/1893	Síria	Salimen Safatle e Marta Ailuk S.	Rua Bento Martins, 414 Pelotas/RS 1939. Rua 15 de novembro, 401 Pelotas/RS 1952.	01/06/ 1939	46	Casado, fotógrafo Pelotas/RS 1939.
676	SALUM, Abrahão Amud	03/12/1877	Síria	Amud e Maria S.	Estação Bolaxa, Rio Grande/RS 1943.	1914	37	Casado, comerciante. Rio Grande/RS 1943.
677	SALUM, Pedro	15/11/1880	Beyrryth Síria	Jacinto e Maria Silva S.	Rua Aquidaban, 668 R. e E. Rio Grande/RS 1939.	1910	30	Casado, foguista. Rio Grande/RS, 1939.
678	SALTZ, José	18/11/1914	Palestina	Samuel e Fany S.	Praça Colombo, 140 Santa Maria/RS 1943.	1924	10	Casado, comercio. Santa Maria/RS 1943.



679	SALTZ, Henrique	06/11/1916	Palestina	Samuel e Fany S.	Rua Bento Martins, 840 R. 1939 e rua Domingos de Almeida, 11.92 Uruguaiana/RS 1939.	1924	8	Casado, comerciante. Uruguaiana/RS 1939.
680	SANTOS, Adelié Chalitha dos	01/12/1895	Síria	José e Emília Chalitha	Rua Carlos Gomes, 697 Rio Grande/RS 1949.	1896	1	Casada, do lar. Rio Grande/RS 1949.
681	SANTOS, Miguel Elias	17/10/1907	Líbano	Elias Miguel dos S. e Maria Elias dos S.	Rua Domingos de Almeida, 416 R. e E. Pelotas/RS 1964.	1910	3	Casado, comerciante. Pelotas/RS 1964.
682	SAPAG, Genny Chemale	02/07/1896	Líbano	Mansur Antônio e Maria Chemale.	Rua Marques do Pombal, 201 R. e E. POA 1941. Rua Felix da Cunha, 861 R. Floresta 1942 POA.	1912	16	Viúva, costureira à rua Marques do Pombal, 769 E. POA 1947.
683	SARQUIS, Maria Nackle	01/01/1894	Kraibar Síria	Nakle Sarquis e Dezenia N.	Rua Riachuelo, 1624 R. Centro POA 1939 Rua Duque de Caxias, 1570 Centro POA 1945.	1909	15	Desquitada, comerciante ambulante, POA 1939
684	SARQUIS, Antônio	23/09/1908	Síria	Elbeno e Asma S	Rua New York, 109 R. e E. Auxiliadora, POA 1940.	1926	18	Casado, comercio. POA 1940.
685	SARQUIS, Joanna	23/09/1911	Síria	Salomão e Maria Galia	Rua Nova York, 109 R. e E. POA 1942.	1930	19	Casada, do lar. POA 1942.
686	SARQUIZ, Antônio Cecílio Jorge	26/11/1891	Síria	Cecílio Jorge S.	Rua Gal. Vitorino, 409 R. e E. Pelotas/RS, 1945.	1913	22	Casado, comercio ambulante. Casamento em 1917, realizado em Pelotas/RS 1945.
687	SATT, Dauch Faddoul	15/04/1876	Líbano	Fadould e Cristina Saad	Rua Riachuelo, 856 e 891 R. e E. Centro/POA 1944.	1895	19	Viúvo, comércio. Apresentou certificado de reservista do filho João Satt em 1938. Retificou nome de SAAD para SAAT em 1952. POA 1944.
688	SATT, Miguel	24/01/1906	Líbano	Millin e Alice Satt	Rua Mal. Floriano, 270 Rio Grande/RS 1953.	1925	19	Solteiro, operário à Av. Honório Bicalho s/n. Fábrica de adubos. Rio Grande/RS 1952.
689	SATT, Nemetalla Antônio	20/11/1887	Líbano	Antônio Tenus e Maria Antônia	Estrada Passo da Areia, 2005 R. e E. POA 1939	1925	38	Casado, comércio. POA 1939.
690	SATT, Zachi	14/03/1892	Líbano	Antônio e Maria Satt	Chácara de José de Carvalho – Cavalhada POA 1942	1909	17	Casada, do lar. POA 1942. Rua Voluntários da Pátria, 1915 R. POA 1942.
691	SAUANDAJ, David	25/04/1880	Síria	Hanna S. e Naifi Damasco	Rua Gonçalves Chaves. R. e E. 414 Pelotas/RS	1896	16	Casado, comerciante. Pelotas/RS 1945
692	SAYEG, Salim	05/04/1900	Líbano	Jacob e Tacla S.	Rua Voluntários da Pátria, 459 Centro POA 1939	1920	20	Solteiro, comercio ambulante. POA 1939.

693	SCHAHBAN, Ibrahim	22/02/1910	Síria	Ganem Schahban e Zaruf S.	Av. Belém, 68 Teresópolis R. e E POA 1948.	20/12/1927	17	Casado, comerciante. POA 1948
694	SEADE, Jorge	25/03/1897	Zuk Líbano	Kalil Antônio e Maria Massud	Rua Marcílio Dias, 1350 Men. Deus POA 1939.	1912	15	Solteiro, vendedor ambulante POA 1939.
695	SEADE, Salim	02/12/1900	Líbano	Kalil Antônio S. e Maria Massud	Rua Marcilio Dias, 1350 Men. Deus POA 1939.	1912	12	Solteiro, vendedor ambulante POA 1939.
696	SEADE, Antônio	25/02/1897	Síria	Kalil Antônio S. e Maria Massud	Travessa Dr. Rocco, 65 R. Glória POA 1941	1911	15	Solteiro, sapateiro Avenida João Pessoa, 2510 E. POA 1941.
697	SEADE, Sultana André	18/05/1904	Síria	Ferres Chemale e Salime C.	Rua Benjamin Constant, 172 R. e E. Floresta 1942 e Marques do Alegrete, 375 São João POA 1947.	1922	18	Casada, do lar POA 1942.
698	SEADE, Miguel André	14/06/1884	Líbano	André e Hamuna Serafin Seade	Rua Benjamin Constant, 185 R. e E. Floresta POA 1940	1907	23	Casado, comercio. POA 1940
699	SEADE, Sada Botomé	14/12/1889	Síria	José e Maria Mansur Botomé	Rua Voluntários da Pátria, 455 R. e E. Floresta POA 1942.	03/12/1908	19	Casada, do lar. POA 1942.
700	SEADE, Sada Neme	01/1890	Líbano	Chain e Jalila Neme	Rua Benjamin Constant, 185 Floresta POA 1942.	12/1914	24	Casada, do lar. POA 1942.
701	SEADE, José Alexandre Chehda	15/01/1896	Síria	Alexandre e Zahra C. S.	Av. Cascata, 2165 R. e E. POA 1941.	1912	16	Casado, comerciante. POA 1941.
702	SEADE, Jorge André	22/01/1897	Líbano	Andre e Joanina Issa S.	Rua Benjamin Constant, 172 R. e E. 1939 e rua Marques do Alegrete, 375 R.e E. São João 1943.	1914	17	Casado, comerciante. POA 1939.
703	SEADE, Saide Calil	15/04/1893	Síria	Calil Seadi e Maria C. S.	Rua Mal. Floriano, 362 R. 1940 Rua Jeronimo Coelho 277 Centro POA 1944.	1914	21	Casada, do lar. POA 1940.
704	SEADE, Izaias	28/05/1897	Síria	Calil Seadi e Maria C. S.	Rua Marcilio Dias, 1350 Men. Deus R. POA 1941	1914	17	Casado, motorneiro Cia Carris Porto-alegrense. POA 1941.
705	SEADE, Antônio	26/05/1899	Síria	Abedalah e Maria A. S.	Av. Rio Branco, 197 R. e E. Santa Maria/RS 1943.	13/11/1913	14	Casado, comerciante. Santa Maria/RS 1943.
706	SEADE, Jabbour Escandar	09/01/1884	Síria	Escandar Cheda e Maria E. S.	Av. Cascata, 2247 R. e E. POA 1942	05/01/1904	20	Casado, comerciante POA 1942 (Av. Oscar Pereira – antiga Av. Cascata)

707	SEADI, Maria	19/01/1890	Síria (retf. libanesa)	Elias Nicolau Suca e Esin Suca	Rua Gal. João Manoel, 446 POA 1942.	10/06/1900	10	Casada, dólar. Em 16/04/1955 retificada nacionalidade para libanesa.
708	SEL, Solbemia Abrahão	15/05/1885	Síria	Abrahão e Maria Joana S.	Rua Santos Dumont, 820 Floresta R. e E. POA 1940	1910	25	Casada, do lar. POA 1940.
709	SELAIMEN, Chehim	13/02/1887	Síria	Chehim e Joana S.	Rua Benjamin Constant, 201 R. e E. São João POA 1940	1904	16	Casado, comércio. POA 1940
710	SELAIMEN, Maria Hanna	15/09/1916	Líbano	Hanna e Zaine Al Bey	Rua Benjamin Constant, 265 R. e E. São João POA 1942	31/07/1924	8	Casada, do lar. POA 1942.
711	SELAIMEN, Marietta	07/12/1896	Líbano	Jorge Iunes e Adelis J. I.	Rua Benjamin Constant, 201 R. e E. São João POA 1940.	1913	17	Casada, do lar. POA 1940.
712	SIMÃO, Elias Assis	26/08/1896	Turquia	Abrão e Josefina Simão	Rua Marcílio Dias, 1325 Praia de Belas POA 1945.	1913	17	Casado, comercio. POA 1945.
713	SIMÃO, Esperidião José	25/12/1889	Síria	José Moysés S. e Inácia João	Rua 24 de outubro, 1379 R. e E. Auxiliadora, POA 1930.	1902	13	Casado, comerciante. POA 1939.
714	SIMÃO, Jorge	20/01/1887	Monte Líbano Líbano	Simão Hauti e Lula S.	Rua Visconde de Tamandaré. Alegrete/RS 1943.	08/1911	24	Casado, comerciante. Alegrete/RS 1943.
715	SIMÃO, Nasre Miguel	17/09/1919	Síria	Miguel Simão Saba e Nesta Gazul	5º distrito de São José do Norte/RS 1944	1927	8	Casado, comerciante. Passaporte expedido em Lattaquie e visado pelo Consulado brasileiro em Gênova. São José do Norte/RS 1944.
716	SIMÕES, Nagib	05/03/1887	Síria	Nassif e Joanna S.	Rua Aquidaban, s/n São Sepé/RS 1943.	1908	21	Casado, comerciante. POA 1943
717	SIRPA, Raymundo Canaan	23/12/1877	Monte Líbano Líbano	Canaan Mario Sirpa e Rosa Canaan S.	Rua dos Andradas, 849 R. e E. Centro POA 1943.	1889	22	Casado, comerciante. Apresentou certidão de casamento realizado em 21/07/1906 em Tupaciretã/RS.
718	SITTON, Nissim	08/04/1894	Síria	Izaak e Mazel Sitton	Av. Oswaldo Aranha, 436 R. e E. Bom Fim, POA 1939.	1913	19	Solteiro, barbeiro a Av. Oswaldo Aranha, 436 E. POA 1939.
719	SLEIMAN, Ahmad Hassen	1905	Síria	Abrahão e Fatú S.	Rua Voluntários da Pátria, 865 R. e E. 1940 Av. Independência 1100 1942 POA.	1925	20	Solteiro, jornalista. POA 1940 Rua São Pedro, 621 Floresta POA 1949.
720	SLIM, Ibrahim	12/08/1888	Síria	Mostafa Slim e Alcum Alle Cheii	Rua Dom João VI, 103 R. e E. Medianeira POA 1940	1907	19	Solteiro, comerciante e proprietário. POA 1940.
721	SMEHA, Emílio	15/01/1903	Líbano	Abrahão e Jamile	Rua Manoel Ribas, 1698 Santa Maria/RS 1946.	1913	10	Solteiro, comerciante a Rua 7 de setembro 1015 Santa Maria/RS 1946.

722	SRUR, José Kalil	02/02/1904	Líbano	Kalil Srur e Assim Jmausse.	Rua Marques do Alegrete, 775 São João R. e E. 1939. Rua Benjamin Constant, 412 1945	1928	24	Casado, comercio ambulante. POA 1939.
723	SYRIO, Abrão José	19/01/1891	Síria	José e Emília S.	Rua Doze de Outubro, 360 R. e E. Partenon POA, 1939.			Casado, fruteiro ambulante. POA 1939.
724	TACHDJIAN, Aram	08/09/1917	Síria	---	Rua Voluntários da Pátria, 924 R. e E. Centro POA 1948	09/09/1926	9	Solteiro, comerciante. POA 1948.
725	TAHA, Mohamed Haidar	01/1889	Líbano	Haider e Nail T.	Rua Voluntários da Pátria, 157 R. e E. 1940. Rua Cristóvão Colombo, 767 R. e E. 1941.	1926	37	Solteiro, comercio ambulante. Rua Visconde do Rio Branco, 75 São Geraldo 1951 R. POA 1940.
726	TAHAN, Subhi	06/09/1907	Síria	Garib e Etra T.	Rua dos Andradas, 333 Centro POA 1939 rua Pelotas, 341 Floresta POA 1942	1926	19	Solteiro, fotógrafo na Praça XV de novembro E. POA 1939. Rua Bento Gonçalves, 1408 Partenon 1945 R. POA.
727	TAHER, Alfredo	22/05/1897	Síria.	Cahil e Amina T.	Rua Mal. Floriano, 917 R. e E. Santa Cruz do Sul/RS 1944.	1913	16	Casado, comerciante. Apresentou certidão de casamento de 16/10/1926. Santa Cruz do Sul, 1944.
728	TAMOS, Calil Antônio	01/03/1908	Síria	Antônio T. e Aluf Couri	Praça Otávio Rocha, 55 R. Centro POA 1939. Av. Independência, 27 POA 1941.	1927	19	Solteiro, comerciante à rua Otávio Rocha, 286. E. POA 1939.
729	TANURE, Elias José	02/03/1890	Síria	José T. e Maria Tanure	Av. Brasil, 1063 R. e E. Canoas/RS 1942.	1909	19	Casado, comércio. POA 1942. Canoas/RS 1942.
730	TANNOURI, Pedro Moysés	15/09/1898	Líbano	Moyses e Maria M. T.	Rua Voluntários da Pátria, 927 R. e E. 1939. Rua Garibaldi, 421 Floresta POA 1943 R.	1912	14	Casado, comercio. POA 1939.
731	TAMIELIAN, Arakel	15/06/1903	Armênia	Aaron Arakel e Elza T.	Rua Gal. Vitorino, 76 R. 1939 R. rua Voluntários da Pátria, 66 ap. 8 1942 R. rua Gomes Jardim, 934 Santana R. 1952.	1926	23	Casado, comerciante à Praça Parobé, 82 Centro E. 1939 POA.
732	TANURE, Radya	07/09/1902	Síria	Miguel e Maria Nejar	Rua Brasil, 1063 Canoas/RS 1942	09/1928	26	Casada, do lar. Canoas/RS 1942.
733	TANURI, Ahikel Fadul	28/02/1896	Monte Líbano	Manoel Fadul T. e Maria C. Deguer	Rua Duque de Caxias s/n São Gabriel/RS 1945.	1918	22	Casado, comerciante. Apresentou São Gabriel/RS 1945.

734	TAONIL, Ahmed Abdelmajid	23/12/1896	Líbano	Abdelmajid Mostafa e Fatime T.	Av. Bahia, 1070 São Geraldo POA 1939.	1924	28	Solteiro, comerciante POA 1939.
735	TCHERKEZIAN Manoak	07/04/1910	Turquia Líbano	Gregório e Youshaper T.	Rua da Conceição, 589 R. POA 1939. Rua Voluntários da Pátria, 501 POA 1941.	1929	19	Casado, fotógrafo na Praça Parobé. Em 24/11/1967 naturalizou-se brasileiro. POA 1939.
736	THA, Mohamed Alli	1910	Líbano	Alli e Sofia Tha	Rua Dr. Flores, 22 R. e E. rua Julio de Castilhos, 181 R. 1942 1951 inativo POA	1927	17	Solteiro, vendedor ambulante Rua Veador Porto, 104 R. Santana 1951 inativo POA 1940.
737	TEMES, Francisco	19/04/1900	Síria	Calisto e Maria T.	Rua Benjamin Constant, 211 R. e E. Floresta POA 1939	1920	20	Casado, comercio. R. D Sebastiana, 161R. 1942. POA 1939.
738	TRAD, Calixto	24/11/1889	Ain-el-cabo Líbano	Akel e Inda T.	Rua Pereira Franco, 54 R. São João POA, 1944	1903	14	Solteiro, comerciante. Registro de estrangeiro feito na cidade de Mirasol/SP. POA 1944.
739	TRABULSI, Emílio Jorge	06/01/1907	Líbano	Jorge e Helena T.	Rua Dona Cecília, 38 R. 30/06/1939 Passo d'Areia, 161 R. 28/08/1939 e 1942. POA 1939.	1931	24	Solteiro, comerciante a Rua Voluntários da Pátria, 371 E. 1939 E. Rua São Pedro, ao lado do nº1245 Centro 1948 POA.
740	TUTIKIAN, Barkev	25/01/1907	Armênia	Carlos e Sultana T.	Rua dos Andradas, 1174 R. e E. Centro POA 1939.	1928	21	Casado, comercio. POA 1939.
741	VENECIAN, Martim João	04/11/1896	Síria	João e Luiza V.	Vila Carucio, 43 R. e E. Pelotas/RS 1942	1927	31	Casado, comerciante. Pelotas/RS 1942.
742	YUNES, Abdo	13/05/1888	Síria.	José Yunes e Maria Abud	Rua Pelotas, 421 R. POA	1895	17	Casado, comerciante a rua Voluntários da Pátria, 373 E. Centro POA 1939.
743	YUNES, Elias Bichara	02/02/1906	Líbano	Bichara Yunes e Asmun B. Y.	Rua Paulino Azurenha, 1345 Glória R. e E. 1939	1920	14	Casado, barbeiro ambulante POA, 1939.
744	ZACHIA, Barbar Miguel	12/05/1888	Síria	Kalil e Rosa Zachia	Rua Júlio de Castilhos, 29 Herval/RS 1939.	15/06/1909	21	Casado, comercio 1943 Herval/RS 1939.
745	ZAKKA, Elia George	25/10/1882	Monte Líbano	George Zakka e Watfa Buecri	Rua Saldanha Marinho, 204 R. e E. Men. Deus POA 1939.	1927	45	Viúvo, alfaiate POA 1939.
746	ZAKKA, Georges	1921	Líbano	Elias e Haulou Chahine	Rua Saldanha Marinho, 204 R. 1940 Rua 7 de setembro, 63 R. 1942 Rua 20 e setembro, nº63 R. 1944 e nº 77. 1947 POA 1940.	1937	16	Solteiro, operário a Rua Mal. Floriano, 261 E. Condutor de bondes na Cia. Carris Passaporte libanês passado em Beirute em 31/03/1937. POA 1940.
747	ZAKKA, Antônio Bichara	21/07/1888	Síria	Bichara e Mani Z.	Visconde do Herval, 12 Menino Deus POA 1940.	1906	18	Casado, ambulante. POA 1940.

748	ZAQUIA, Maria José Flores	04/01/1893	Síria	José e Mantura Z.	Visconde do Herval, 12 Menino Deus POA 1940.	1907	14	Casada, do lar. POA 1940.
749	ZAQUIA, Jorge Miguel Bichara	02/02/1886	Síria	Miguel Bichara Z. e Carolina M. Z.	Rua Nunes, 294 R. e E. Glória POA 1940.	1907	21	Casado, comercio ambulante. POA 1940.
750	ZARIF, Abdalla Elias	26/04/1896	Síria	Elias Zarif e Zazaf Zarif	Rua dos Andradas Alegrete/RS 1945.	1911	15	Casado, comercio. Alegrete/RS 1945.
751	ZARIF, Julia Elias	02/03/1900	Síria	Abdalla e Zezaf Z.	Rua Vigário José Ignácio, 744 Centro POA 1939.	1913	13	Solteira, dólar. POA 1939.
752	ZARIF, José Elias	12/03/1910	Síria	Elias Abdalla e Josefa Z.	Rua Andradas s/n R. e E. Alegrete/RS.	1911	1	Comercio por conta própria Alegrete/RS 1942.
753	ZEIDEN, Antônio	05/01/1870	Síria	Antun e Aziza Faydal Z.	Vacaria/RS R. Rua Casimiro de Abreu, 220 Bom Fim 1948 Aposentado POA.	10/ 1889	19	Solteiro, comércio à rua Cairú, 230 E. Navegantes POA 1946.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)